



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Silvia Oliveira da Rosa Fernandes

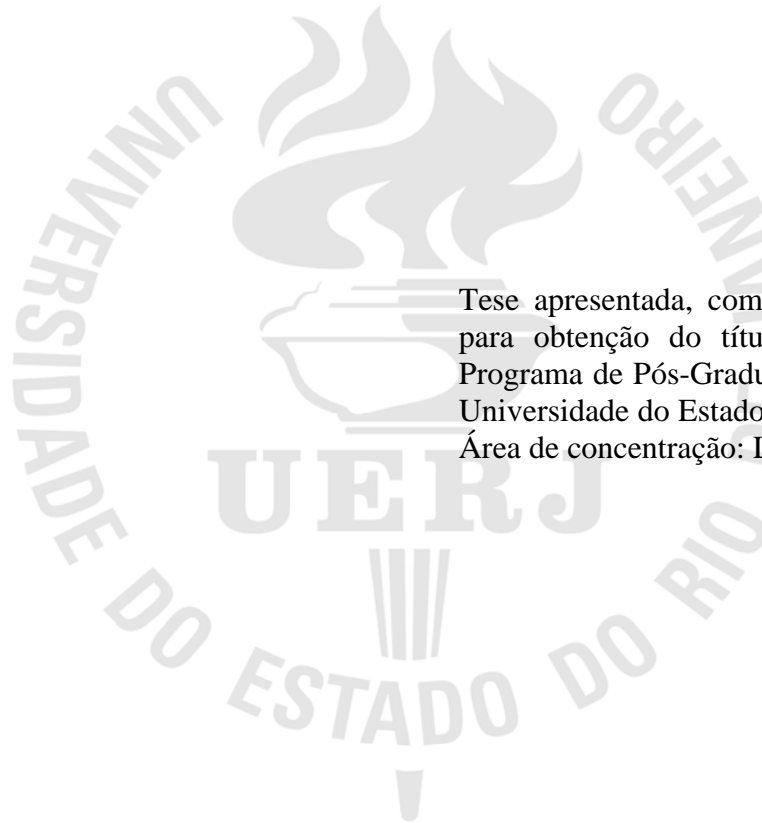
**Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua**

Rio de Janeiro

2012

Silvia Oliveira da Rosa Fernandes

**Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2012

F363      Fernandes, Sílvia Oliveira da Rosa.  
              Vozes na colônia, um estudo discursivo do dicionário geral de  
              língua / Sílvia Oliveira da Rosa Fernandes. – 2012.  
              282f.

              Orientador: Andre Crim Valente.  
              Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
              Instituto de Letras.

              1. Língua portuguesa – Livros de referência - Teses. 2. Lexicografia  
              - Teses. 3. Livros de referência – Análise - Teses. 4. Modalidade  
              (Linguística) - Teses. I. Valente, André Crim.. II. Universidade do  
              Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,  
desde que citada a fonte

---

Assinatura

---

Data

Silvia Oliveira da Rosa Fernandes

**Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua portuguesa.

Aprovada em 26 de março de 2012

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. André Crim Valente (orientador)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens  
Faculdade de Letras da UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Lilia Simões de Oliveira  
Departamento de Letras da PUC-RJ

Rio de Janeiro

2012

Para o Marcão, meu amor da vida inteira.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Ao Marcão, pelo que ele é, pelo que somos nós dois juntos, pela família que formamos e aumentaremos, e porque ele sabe muito bem como foram esses quatro anos.

À minha família, meu pai e minha mãe, tia Cecé, meus primos Juju e Flavinho, meus cunhados, João e Marcel, meus outros pais, Anita e Antônio, por acreditarem comigo e às vezes mais do que eu. À minha irmã Suzy, pela fé em mim e pela força extra no levantamento e tratamento dos dados. À minha irmã Ana Paula, pela crença de que tudo daria certo e pelo sobrinho que adotou o fim da tese. Ao meu sobrinho, Artur, coisa mais rica da dinda. À minha vó Nina, querida, que me ilumina muito lá de cima, acompanhada do meu tio Pedro.

Ao meu orientador, André, um agradecimento muito carinhoso, pela atenção, paciência e firmeza, mas ainda mais por acreditar que este trabalho poderia se concretizar.

Agradeço, também com grande carinho, à banca de qualificação, André, Flávio e Azeredo, pela leitura crítica e atenciosa e pelos caminhos férteis que indicaram para melhorar – e muito! – este trabalho. E também pela presença em mais esta etapa, tê-los aqui é mais do que eu podia desejar.

A Maria Lília e João Baptista, pelo diálogo e pela troca edificantes que eu já previa ocorrer neste momento. É uma honra ser avaliada por pessoas tão competentes e gentis.

A Cláudio, que participa de mais essa etapa na minha vida. O caminho foi longo desde a graduação até aqui. Obrigada também.

A Mauro Villar, por despertar em mim o prazer da lexicografia e por me possibilitar várias vezes integrar equipes diversificadas e competentes para as mais variadas e desafiadoras empreitadas. E ainda pelo respeito que me inspira e retribui cada vez que nossos caminhos se cruzam, profissionalmente ou não.

Aos colegas de dicionário, especialmente Elisa, Laura, Flávio, Bebeth e Liana, pela amizade que ultrapassou as fronteiras lexicográficas, pelos diálogos, trocas, coordenações, intercâmbios, trabalhos conjuntos e reuniões informais.

Aos que me ajudaram a correr os dicionários e montar as intermináveis tabelas. Suzy, minha irmã querida. Sandra, com quem pude neste trabalho rever uma parceria que sempre deu certo. Ao Francisco, pela dedicação e paciência. Eu sei que a empreitada foi dura.

Aos meus amigos de faculdade e de vida, especialmente à Magda, pelas trocas e pela torcida, pelas lágrimas e pelos risos, todos eles, sem tirar nem pôr; à Teresa, pelas loongas conversas e pelo exemplo de vida; à Cátia, pelo brilhantismo, pela crença incansável e diálogo sempre aberto; à Martha, pela trajetória acadêmica e pelo respeito e admiração mútuos.

Aos meus amigos de Pedro II e de vida, por serem o que são, em si e para mim. À Marta, pela alegria constante e pelas angústias partilhadas durante esse processo, que vivemos

*pari passu*. À Tati, irmã sempre presente e aberta a ouvir, pelos intercâmbios, encontros e vivências partilhadas. À Diva, pelo ombro amigo, pela conversa, pela construção de uma amizade bacana, sempre. À Meg, pela gentileza, pela clareza de pensamento, pelas intervenções inteligentes e carinhosas. À Lúcia, pela simpatia, pela amizade recentemente cultivada e pelo diálogo acadêmico. À Claudia, pelo diálogo, pela alegria e, em especial, pelo *abstract*.

À Chefia de Departamento, à Direção Geral e à Direção da Unidade Tijuca II do Colégio Pedro II, pela licença remunerada nos seis meses finais, essencial para que este trabalho se concretizasse. À equipe da Unidade Tijuca II, que enfrentou com solidariedade os inconvenientes das licenças fora de hora.

A todos os meus outros amigos, que eu não tive como citar, mas cuja torcida foi fundamental para chegar até aqui. Obrigada, um abraço carinhoso.

Aos meus alunos, todos eles, que acompanharam minhas angústias e olheiras e sempre perguntavam como andava meu estudo. Estar com vocês, mesmo tendo de deixá-los no finzinho, foi único.

Aos meus dicionários, que me possibilitam sempre descobrir uma nova nuance da língua, um novo prazer na palavra. Obrigada, de verdade.

Por trás de um dicionário se esconde uma multidão.

*Cláudia Maria Xatara*



## RESUMO

FERNANDES, Silvia Oliveira da Rosa. *Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua*. 2012.282f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012

Como gênero, o dicionário inscreve-se na sociedade entre as obras de autoridade, que servem como referência para a construção dos mais diferentes gêneros. Além disso, encerra um discurso pedagógico, já que, por meio das definições, consultantes partilham do conhecimento detido pelo lexicógrafo. O dicionário é também um gênero múltiplo, formado por diferentes subgêneros, como o verbete e os textos de abertura (prefácio, apresentação, detalhamento). Espécie de colônia, que agrega outros textos, define-se também por suas características formais bem marcadas, como a alfabetação e a composição por verbetes. Múltiplo por sua própria natureza e sujeito ao dialogismo da enunciação, o dicionário é atravessado por muitas vozes e enunciadores, não apenas os próprios redatores, mas também outras obras de referência, técnicas ou de outras línguas. Essas vozes são costuradas pelo dicionarista, figura do discurso que gerencia os enunciados, envoltos na expectativa da neutralidade da descrição isenta. É nosso grande interesse observar em termos práticos quais são as fronteiras entre o discurso aparentemente isento que se pretende que o dicionário tenha e as brechas de onde emergem outras vozes que povoam essa colônia. Para buscá-las, valemos basicamente dos estudos de polifonia de Ducrot, da noção de *ethos* de Maingueneau e Charaudeau e das formas de modalização que Castilho e Castilho (2002) arrolaram em seu estudo sobre os advérbios na *Gramática do português falado*, volume II. Por meio da pesquisa reversa com base nos termos modalizadores de Castilho e Castilho no *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (DALP, 2010) e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (DHLP, 2009), buscamos partir da definição para as entradas, identificando os enunciadores que se mostram ou se escondem, afiançam ou refutam, negam ou afirmam uma proposição. Por meio dessas ocorrências, podemos chegar a enunciados postos e pressupostos e explorar diferentes aspectos da enunciação, desnudando parte das vozes que povoam essa colônia.

Palavras-chave: Lexicografia. Dicionário. Polifonia. *Ethos*. Modalização.

## ABSTRACT

As a genre, the dictionary relates to other texts of authority which constitute reference to the construction of various kinds of genres. It also conveys a pedagogical discourse since people consulting it share the lexicographer's knowledge through the definitions provided by the dictionary. More than that, the dictionary is in itself a multiple genre because it encloses different subgenres like entries and the opening texts (preface, introduction and key to entries). Just like a colony, congregating other texts, the dictionary can also be defined by its formal characteristics like the alphabetical order and the organization in entries. The dictionary is multiple in its own nature and, as such, subject to the dialogism of the enunciation. It is pervaded by many voices and enunciators, not only the authors themselves, but also those of other reference texts, technical or from other languages. They are put together by the lexicographer, figure of the discourse who generates the statements, embedded in the expectation of neutrality that unbiased description demands. Our great interest here is to observe in practical terms the boundaries between the apparent unbiased discourse that should be part of the dictionary, and the gaps through which other voices, part of this colony, arise. In order to achieve this goal and find these gaps, we are going to consider Ducrot's studies of polyphony, the notion of *ethos* from Maingueneau and Charaudeau and also the modalization that Castilho and Castilho (2002) listed on their study on adverbs in *Gramática do português falado*, volume II. Through the inverse research based on the modalization terms of Castilho e Castilho in the *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (DALP, 2010) and in the *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (DHLP, 2009), we tried to depart from the definition of the entries, identifying the enunciators who show themselves and those who are less explicit; those who assure and those who negate; those who deny and those who affirm an enunciation. Through these occurrences, we can reach propositions which are posed and presupposed and we can explore different aspects of enunciation, unveiling some of the voices which are part of this colony.

Keywords: Lexicography. Dictionary. Polyphony. Ethos. Modalization.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

DALP	Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa
DHLP	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2009
DUP	Dicionário de usos do português do Brasil, 2002
GHLP	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 METODOLOGIA</b> .....	20
1.1 <b>Por que uns dicionários e não outros?</b> .....	20
1.2 <b>Ferramentas de pesquisa e critérios de análise</b> .....	22
1.2.1 <u>Ferramentas nos dicionários</u> .....	23
<b>2 O DICIONÁRIO COMO GÊNERO TEXTUAL</b> .....	28
2.1 <b>Gêneros, língua e mudança</b> .....	28
2.2 <b>Afinal, o que é um dicionário?</b> .....	34
2.2.1 <u>Ação prática e funcionalidade</u> .....	36
2.2.2 <u>Circulação sócio-histórica</u> .....	37
2.2.3 <u>Conteúdo temático, estilo e composicionalidade</u> .....	40
2.3. <b>E o que não é dicionário?</b> .....	42
2.4. <b>Breve histórico dos principais dicionários editados no Brasil e em Portugal</b> .....	44
2.5. <b>O dicionário “em si”, o verbete <i>dicionário</i> nas obras</b> .....	50
<b>3 A MICROESTRUTURA</b> .....	53
3.1 <b>O verbete como gênero textual</b> .....	53
3.2 <b>Como devem ser as definições?</b> .....	57
3.3 <b>Como se relacionam as palavras e as coisas do mundo?</b> .....	62
<b>4 AS REGRAS DO CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E O <i>ETHOS</i> DO DICIONARISTA</b> .....	66
4.1 <b><i>Ethos</i> e polifonia</b> .....	66
4.2 <b>Quem é o enunciador por trás do dicionário?</b> .....	70
4.3 <b>Quem é o leitor?</b> .....	74
4.4 <b>Passeio pelos prefácios</b> .....	77
4.4.1 <u>Dicionário Aurélio da língua portuguesa</u> .....	77
4.4.2 <u>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</u> .....	81
<b>5 POLIFONIA E MODALIZAÇÃO</b> .....	85
5.1 <b>As vozes que atravessam o discurso dicionarístico</b> .....	85
5.1.1 <u>O locutor, o enunciador e as informações</u> .....	86
5.2 <b>A modalização e os marcadores modais</b> .....	89
5.3 <b>A modalização e o estudo de Castilho e Castilho</b> .....	92
5.3.1 <u>Outra dimensão modalizadora</u> .....	92
5.3.2 <u>Tabela com os advérbios modalizadores de Castilho e Castilho</u> .....	95
5.3.3 <u>Alterações na tabela de modalizadores de Castilho e Castilho</u> .....	95
<b>6 MERGULHO NAS DEFINIÇÕES</b> .....	98
6.1. <b>Grupo A – Modalizadores epistêmicos</b> .....	98
6.1.1 <u>Modalizadores epistêmicos asseverativos</u> .....	99
6.1.1.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos afirmativos .....	99
6.1.1.1.1 <i>Absolutamente</i> .....	99

6.1.1.1.2 <i>Certamente</i> .....	102
6.1.1.1.3 <i>Certo</i> .....	104
6.1.1.1.4. <i>Claro</i> .....	107
6.1.1.1.5 <i>Efetivamente</i> .....	109
6.1.1.1.6 <i>Evidente</i> .....	114
6.1.1.1.7 <i>Evidentemente</i> .....	117
6.1.1.1.8 <i>Exato</i> .....	118
6.1.1.1.9 <i>Fatalmente</i> .....	119
6.1.1.1.10 <i>Forçosamente</i> .....	119
6.1.1.1.11 <i>Incontestável</i> .....	121
6.1.1.1.12 <i>Incontestavelmente</i> .....	121
6.1.1.1.13 <i>Indiscutível</i> .....	121
6.1.1.1.14 <i>Indiscutivelmente</i> .....	121
6.1.1.1.15 <i>Indubitável</i> .....	121
6.1.1.1.16 <i>Indubitavelmente</i> .....	121
6.1.1.1.17 <i>Inegável</i> .....	121
6.1.1.1.18 <i>Inegavelmente</i> .....	121
6.1.1.1.19 <i>Logicamente</i> .....	124
6.1.1.1.20 <i>Lógico</i> .....	126
6.1.1.1.21 <i>Mesmo</i> .....	128
6.1.1.1.22 <i>Na realidade</i> .....	128
6.1.1.1.23 <i>Natural</i> .....	131
6.1.1.1.24 <i>Naturalmente</i> .....	135
6.1.1.1.25 <i>Obviamente</i> .....	137
6.1.1.1.26 <i>Óbvio</i> .....	138
6.1.1.1.27 <i>Pronto</i> .....	141
6.1.1.1.28 <i>Realmente</i> .....	142
6.1.1.1.29 <i>Reconhecidamente</i> .....	145
6.1.1.1.30 <i>Seguramente</i> .....	146
6.1.1.1.31 <i>Sem dúvida</i> .....	147
6.1.1.1.32 <i>Verdadeiramente</i> .....	148
6.1.1.2 Modalizadores epistêmicos asseverativos negativos .....	149
6.1.1.2.1 <i>De forma alguma</i> .....	150
6.1.1.2.2 <i>De jeito nenhum</i> .....	150
6.1.2 Modalizadores epistêmicos quase-asseverativos .....	150
6.1.2.1 <i>Assim</i> .....	150
6.1.2.2 <i>Eventualmente</i> .....	151
6.1.2.3 <i>Hipoteticamente</i> .....	156
6.1.2.4 <i>Possível</i> .....	157
6.1.2.5 <i>Possivelmente</i> .....	160
6.1.2.6 <i>Pretensamente</i> .....	163

6.1.2.7 <i>Provável</i> .....	165
6.1.2.8 <i>Provavelmente</i> .....	168
6.1.2.9 <i>Supostamente</i> .....	179
6.1.2.10 <i>Suposto</i> .....	192
6.1.2.11 <i>Talvez</i> .....	200
6.1.3 <u>Modalizadores epistêmicos delimitadores</u> .....	206
6.1.3.1 <i>Basicamente</i> .....	206
6.1.3.2 <i>Do ponto de vista de + adjetivo</i> .....	208
6.1.3.3 <i>Em geral</i> .....	208
6.1.3.4 <i>Em princípio</i> .....	208
6.1.3.5 <i>Fundamentalmente</i> .....	211
6.1.3.6 <i>Geralmente</i> .....	212
6.1.3.7 <i>Praticamente</i> .....	218
6.1.3.8 <i>Quase</i> .....	220
6.1.3.9 <i>Uma espécie de</i> .....	224
6.1.3.10 <i>Um tipo de</i> .....	224
<b>6.2 Grupo B – Modalizadores deônticos</b> .....	236
6.2.1 <i>Necessariamente</i> .....	236
6.2.2 <i>Necessário</i> .....	244
6.2.3 <i>Obrigatoriamente</i> .....	246
6.2.4 <i>Obrigatório</i> .....	250
<b>6.3 Grupo C – Modalizadores afetivos</b> .....	250
6.3.1 Modalizadores afetivos subjetivos .....	252
6.3.1.1 <i>Curiosamente</i> .....	252
6.3.1.2 <i>Espantosamente</i> .....	252
6.3.1.3 <i>Espantoso</i> .....	252
6.3.1.4 <i>Felizmente</i> .....	252
6.3.1.5 <i>Infelizmente</i> .....	252
6.3.1.6 <i>Surpreendentemente</i> .....	252
6.3.2 Modalizadores afetivos intersubjetivos .....	253
6.3.2.1 <i>Estranhamente</i> .....	253
6.3.2.2 <i>Francamente</i> .....	253
6.3.2.3 <i>Lamentavelmente</i> .....	253
6.3.2.4 <i>Sinceramente</i> .....	253
<b>7 PARA ALÉM DO MERGULHO, ÚLTIMAS PALAVRAS</b> .....	255
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	262
<b>ANEXO A</b> - Tabelas com os número gerais de ocorrências organizadas por grupos de modalizadores, alfabeticamente.....	268
<b>ANEXO B</b> - Tabela com o número geral de ocorrências organizadas alfabeticamente.....	271
<b>ANEXO C</b> - Tabela geral com o número de ocorrências organizadas pelo número de ocorrências em ordem total decrescente .....	273

<b>ANEXO D</b> - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas por grupo, alfabeticamente .....	275
<b>ANEXO E</b> - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas por grupo, por número de ocorrências .....	277
<b>ANEXO F</b> - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas em ordem alfabética .....	279
<b>ANEXO G</b> - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas pelo número de ocorrências, em ordem decrescente .....	281

## INTRODUÇÃO

A capa era azul. Ele era pequeno e amassado. Manuseado, dobrado, manipulado ao extremo. Era assim o primeiro dicionário que eu tive. E eu queria ler inteiro. Mesmo. Eu era garota e tinha tempo livre, é verdade. É verdade também que o livro era pequeno, de bolso, de sinônimos e antônimos. Contrariando os usos, a tradição e própria função do dicionário, eu já quis ler um, inteirinho, de ponta a ponta, verbete a verbete, como se lê um romance. Não lembro hoje se levei a empreitada ao fim, pouco me lembro das palavras que aprendi, nem posso dizer quantas eram as entradas, também não posso resumir uma história ou dizer como ela termina. Recordo-me até hoje de como me deliciava com as novas palavras, repetia as que soavam engraçado, folheava para ver se a palavra citada em uma entrada tinha referência cruzada, às vezes não. Em uma casa com tantos livros, enciclopédias e romances de coleção comprada por fascículos ou de vendedores de porta em porta, foi justamente o dicionário que me fascinou. Primeiro, pelas palavras engraçadas, que eram muitas para o vocabulário limitado de uma menina de pouco mais de 10 anos, depois por me dar conta da grandeza do léxico. Mais tarde entendi que era uma ilusão pensar que a palavra só existe se estiver ali, registrada no dicionário.

O dicionário era item obrigatório na mochila, apesar de ter sido estudante de instituições públicas em uma época em que o governo não fornecia os livros. Escrevendo este texto, quase posso ouvir uma das minhas professoras repetir “O que diz o dicionário?”, frase que personificava meu objeto de fascínio. O que o dicionário “disse” era lei, era àquela figura inteligente que eu iria perguntar diretamente o que eu não sabia, era ela quem me diria como usar corretamente as palavras, manuseá-las, entendê-las.

A minha admiração pelo dicionário começava na infância, sem eu me dar conta de que aquela obra era feita por mãos e cabeças, à base de muita pesquisa, estudo, análise. O dicionário geral de língua, que depois descobri ser semasiológico, seguiu como meu companheiro fiel por toda a vida escolar, na universidade inclusive, quando meu foco de estudo não contemplava esse tipo de obra e seu valor instrumental para mim era ainda mais decisivo. Um ano depois da conclusão do curso, integrei, em caráter emergencial, a equipe de revisão do Dicionário Houaiss, que seria lançado ainda em 2001, e um mundo de possibilidades profissionais e pessoais se abriu para mim. Desde essa oportunidade, integrei a equipe de redação de outras tantas obras da mesma família e pude perceber o que na minha infância não tinha notado: a complexidade e a quantidade de decisões e estudo que atravessam



cada verbete, de modo que, mesmo parte de um mosaico discursivo, possa ter coerência com o todo.

Durante quase uma década de trabalho, com lacunas entre os projetos, algumas questões que me afligiam na redação geraram ensaios de estudo e pesquisa pessoal ou em equipe, como aconteceu com as obras escolares, sejam os mínimos ou os infantis. Além das questões formais e linguísticas, que buscavam uniformizar a obra ao máximo e garantir a qualidade do produto final, havia questões mais sutis, que não tinham um padrão de regras tão claro como os campos a preencher para finalizar o verbete. Entre essas questões, a que perpassou todos os projetos, a que provocou muitas dúvidas, a que apresentava fronteiras mais diluídas e necessitava de monitoramento constante era o “tom” a dar a cada obra: mais neutro, mais científico, mais infantil, mais escolar, mais simples, mais conciso, menos enciclopédico, mais erudito...

Apesar da equipe treinada e estudiosa, da coordenação atenta e da direção vigilante do Instituto Antonio Houaiss, é impraticável não apenas definir regras extremamente precisas como também neutralizar plenamente o discurso que se constrói na obra, atravessado que é por tantas outras vozes e tantos outros enunciadores, não apenas os próprios redatores, mas também outras obras de referência, técnicas ou de outras línguas. Diante dessa angústia pessoal e da carência de critérios para entender ou mesmo regular essas nuances, surgiu a proposta desta pesquisa. Assim, é nosso grande interesse observar em termos práticos quais são as fronteiras entre o discurso aparentemente isento que se pretende que o dicionário tenha e as brechas de onde emergem as outras tantas vozes que povoam essa colônia, especialmente a voz do dicionarista, entendido como a entidade discursiva que escreve a obra.

Os meios que usamos para seguir esse caminho estão já no próximo capítulo, o de metodologia, no qual detalhamos algumas das decisões que nortearam nosso trabalho. Também nessa etapa justificamos a escolha pelo *corpus*, composto do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (DALP) e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP), apontados, especialmente por Welker (2004) e Biderman (2003, 2004), como duas grandes obras de destaque entre os dicionários gerais de português editados no Brasil. Optamos pelas versões mais recentes dessas obras, já revistas pelas regras do novo acordo ortográfico, entendendo que a revisão ortográfica também pode ter gerado ajustes de toda ordem, inclusive de conteúdo. Também segundo as regras do novo acordo foi escrita esta tese, apesar de optarmos por conservar as grafias antigas das palavras em citações de obras publicadas antes da vigência do acordo.

Considerando que o dicionário tem papel social importante, do qual muitas vezes o próprio lexicógrafo não se dá conta (CORREIA, 2009, p. 106), buscaremos desnudar a língua e o dicionário seguindo o caminho inverso da leitura corrente, indo do conteúdo das definições como ponto de partida das buscas e não da entrada, como ocorre nas pesquisas que normalmente fazemos ao dicionário. Dessa forma, olharemos o dicionário discursivamente, buscando observá-lo com um novo olhar, diferente daquele a que estamos habituados como leitores, muito bem definido por Barros (2000, p. 76):

O dicionário produz, na nossa sociedade, certos efeitos de sentido bem conhecidos: de lista, inventário ou registro do saber lingüístico de uma sociedade; de discurso competente sobre a língua; de discurso anônimo da coletividade; de neutralidade e imparcialidade próprias da “objetividade” do saber, isto é, de que está fora do alcance das determinações sócio-históricas e ideológicas; de ter o papel normativo de legitimizar ou de referendar os usos lingüísticos aceitos e prestigiados em uma sociedade e de regulamentar a manutenção e a mudança lingüísticas.

Como é nosso objetivo buscar as vozes que atravessam esses verbetes, delinear o dicionarista como uma figura discursiva com suas ideologias, quebrando a objetividade e imparcialidade que não são possíveis a nenhum discurso mas se espera que emanem no dicionário, lançamos mão da polifonia, com base nos estudos de Ducrot (1987). Levando em consideração os enunciadores que se mostram ou se escondem, afiançam ou refutam, negam ou afirmam uma proposição, podemos chegar a qualificações do locutor, a enunciados postos e pressupostos e explorar diferentes aspectos da enunciação, no nível do *dictum* e do *modus*.

Para trilhar esse caminho de pesquisa delineado na metodologia, optamos por traçar, no capítulo 2, o que define o dicionário como um gênero. Para isso, contamos fundamentalmente com os estudos de Marcuschi (2002, 2008), Maingueneau e Charaudeau (2006) e Bakhtin (2010) para explorar a questão do gênero e de Correia (2008, 2009), Borba (2003), Biderman (1984, 1998, 2000, 2004), Nunes (2002), Xatara (2011) e Welker (2004, 2006) para buscar quais são as características fundamentais do gênero dicionário e que elementos há de aproximação e afastamento de outros gêneros afins, como o vocabulário, o glossário e a enciclopédia. Traçamos também um breve histórico dos dicionários portugueses, com base nos estudos de Nunes (2002), Biderman (2003), Melo (1947), Welker (2004, 2006), Verdelho e Silvestre (2007), pois entendemos que, se o dicionário recorta e representa uma realidade na qual está inserido, não poderíamos deixar de situar na nossa história a produção dos dicionários portugueses, com atenção especial para os semasiológicos monolíngues gerais. Pretendemos, ainda, observar os verbetes *dicionário* no interior das obras de modo a avaliar como se apresenta o dicionário para o público por meio da metalinguagem.

Estabelecido o dicionário como um gênero múltiplo e agregador (porque abrange prefácio, bibliografia, apresentação e, por vezes, textos de gramática ou compêndios ortográficos), lançamos nosso olhar para o gênero que é a base de sua composição: o verbete. Nesse foco da microestrutura, no capítulo 3, buscamos a orientação de Dionisio (2002), para observar o verbete também como um gênero fundamental do dicionário. Também procuramos entender como funciona a definição, com as orientações de Landau (1989), Welker (2004), Castilho (2010), Hartman (2001) e outros autores.

Nesse caminho, também buscamos as fronteiras existentes entre os verbetes de dicionário e de enciclopédia, o que nos conduziu a abordar outra questão, de grande complexidade: a definição deve retratar as coisas ou as palavras? Observar como se relacionam as palavras e as coisas do mundo nos levou a questões essenciais da linguagem, para que serve, como se relaciona com o pensamento e como acontece de fato. Abordando brevemente essas questões, a partir do percurso fornecido por Carneiro (1999), chegamos aos atos de fala e à noção de que *dizer é fazer*.

Estabelecido o dicionário como gênero, com suas características formais e pontos de convergência e divergência com gêneros afins, e o verbete como base desse gênero, buscamos, a partir da perspectiva do texto como um ato essencialmente dialógico, traçar, no capítulo 4, as regras do contrato de comunicação que unem dicionarista e consulente e o *ethos* do dicionarista que emerge desse jogo. Foram fundamentais os textos metalexigráficos dos autores citados na definição do dicionário como gênero, além dos estudos de Maingueneau (1997, 2000), Charaudeau e Maingueneau (2006) e Amossy (2005) sobre polifonia e *ethos* discursivo. Contando com uma série de regras do contrato e com o *ethos* do dicionarista, buscamos passear pelos prefácios e observar se as regras do contrato se aplicam, refutando-as ou confirmando-as, e como se delineiam para o consulente, nos textos de apresentação, a obra e seus autores.

Definido o dicionário como um gênero dialógico, que recorta o mundo e o léxico e é atravessado por tantas vozes, tentamos, no capítulo 5, buscar que recursos linguísticos deixam a voz do enunciador emergir para mostrar características suas e constituir o retrato discursivo de que se falou nos capítulos anteriores. Como entendemos que o dicionário é, entre outras coisas, um repositório de informações, recorreremos aos estudos de Azeredo (2008) para observar diferentes formas como os enunciadores se relacionam com as informações na comunicação em geral, que recursos e que processos regulam a informação na produção do enunciado. Desse percurso, confirmamos a suspeita de que a modalização fazia emergir essa voz disfarçada pela rigidez formal do gênero.

Para estudar a modalização, foram importantes os trabalhos de Mira Mateus (2003), Moura Neves (2000 e 2003), Marques (2006), Azeredo (2008), Castilho (2010) e Castilho e Castilho (2002). Deste último, a partir do estudo do advérbio feito sobre o *corpus* do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), chegamos a uma lista de advérbios e locuções modalizadoras. Essa lista foi acrescida de alguns adjetivos e advérbios para expandir a pesquisa e alguns itens foram retirados por serem muito específicos do *corpus* de origem.

Tendo a lista como parâmetro, buscamos, no capítulo 6, entrar nas definições por meio das pesquisas reversas dos dicionários eletrônicos com quais estamos trabalhando, o DALP e o DHLP, comentando as ocorrências que surgem dessas pesquisas. A análise dos dados girou em torno de dois eixos: os enunciadores que surgem na modalização e as implicações que essas relações discursivas e semânticas geram nesse grupo de verbetes. Algumas ocorrências são comentadas caso a caso, algumas são agrupadas por características específicas que nos chamaram a atenção no momento da análise. Os dados foram contabilizados levando em conta as ocorrências totais de advérbios, adjetivos e locuções sem os casos de sinonímia ou em exemplos. Esses números estão nos anexos, reunidos em dois grupos: quantidade de ocorrências gerais pela tabela da pesquisa reversa segundo os critérios iniciais de busca da metodologia (por grupo, alfabeticamente e por número de ocorrências) e quantidade das ocorrências dos modalizadores (por grupo, alfabeticamente e por número de ocorrências).

No capítulo 7, as últimas palavras, pouco mais teremos a dizer. Modestamente, pretendemos partir da análise pontual a que a pesquisa nos conduziu, modalizador a modalizador, pesquisa a pesquisa, verbe a verbe, para encontrar parâmetros de constância nas modalizações e buscar o diálogo entre esses aspectos, os prefácios das obras e as regras do contrato de comunicação. Para isso, valemo-nos de dados gerais sobre as ocorrências apenas com as modalizações, fruto da depuração feita nas análises do capítulo anterior. É nossa intenção também traçar brevemente pontos de identidade entre as ocorrências, para entender se o tipo de modalização ou outro aspecto são comuns em certo grupo de verbetes. Nesse momento, é importante ressaltar que não é nosso objetivo apontar as falhas do dicionário, sabemos que existem e decorrem de diversos fatores, especialmente a própria natureza intrincada e hipertextual, que recorta a leitura e exige mais atenção na redação e na revisão, e as condições de produção, geralmente com prazos curtos. É importante ainda mencionar que temos nessa pesquisa a premissa de que nós, como seres humanos, estamos constantemente sujeitos ao erro e ao fracasso e, por isso, obras vastas e complexas como os dicionários gerais de língua não poderiam fugir das imperfeições decorrentes de nossa própria condição (CORREIA, 2009, p.106-7). Sendo assim, despido da aura imparcial e sacralizada que

costuma envolvê-lo, o dicionário pode ser observado sob um novo prisma, o das potencialidades discursivas que emanam de um instrumento da língua.

## 1. METODOLOGIA

### 1.1 Por que uns dicionários e não outros?

Uma língua com tradição escrita tem na gramática e no dicionário expressões de autoridade que estabelecem padrões, registram o uso e preservam a tradição, especialmente a escrita. Nas sociedades modernas, como a nossa, em que a língua escrita é determinante, a importância do dicionário geral não mudou desde as primeiras edições, mudaram sua motivação, suas formas de produção, seu lugar social descritivo ou normativo, mas, em todas as épocas, a importância do dicionário para a língua escrita é indiscutível. Desde as edições dos vocabulários de historiadores do Brasil recém-descoberto até as publicações contemporâneas, um longo caminho foi percorrido, como veremos no item 2.5.

No século XIX e em parte do XX, a referência mais forte do dicionário geral de língua era o de Moraes e Silva, que teve mais de dez edições ao longo desse período, algumas em dois volumes, mais acessíveis, e outras em diversos volumes, mas ainda com vendagem expressiva. Ainda nesse período, foram produzidas, tanto em Portugal quanto no Brasil, várias edições do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, organizado por Caldas Aulete, que atualmente existe em versão eletrônica e deve ser publicado em papel em 2012.

No século XX, tem destaque o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de 1938, porque alçou o português brasileiro a um novo patamar de consolidação da nossa língua escrita e da nossa produção literária. Aurélio Buarque de Holanda foi colaborador e editor até o fechamento da editora nacional durante a ditadura militar, em 1967, o que deixou o Brasil carente de um dicionário que fosse referência não só da nossa língua mas também para a nossa língua. Essa carência só cessou em 1975, quando Aurélio Buarque de Holanda publicou a primeira edição de seu dicionário, que figurou até o fim do século XX como obra absoluta de referência do nosso idioma. De fato, o espaço como obra de referência foi dividido somente em 2001, com a edição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, apesar de este ter proposta mais ampla, buscando abranger não apenas a variante brasileira da língua portuguesa. O dicionário de Caldas Aulete neste século foi editado apenas em suporte eletrônico e somente em 2006, após a edição do *Minidicionário Caldas Aulete*, em 2004.

Seguindo publicações metalexográficas (especialmente Welker, 2004-2006, e Biderman, 2003-2004), não é questionável o papel relevante que ocupam no cenário lexicográfico brasileiro as duas obras citadas, embora sejam alvo de inúmeras ressalvas.

Reconhecemos a importância das duas obras no cenário atual da lexicografia brasileira como obras que ancoram outras tantas da mesma família, como os minidicionários e os dicionários infantis, e que são fonte primeira de consulta no caso de uma pesquisa, nas mais diversas situações de enunciação.

Welker (2004) destaca cinco obras como basilares da lexicografia moderna: duas delas são baseadas em *corpus*, três delas não. Das que não são baseadas em *corpus*, que ele denomina G3, estão os dicionários gerais Aurélio, Houaiss e Michaelis, os mais vendidos e que possuem diferentes edições e geram subprodutos. Biderman não menciona o Michaelis e avalia, em diferentes artigos, Houaiss e Aurélio.

Estabelecidas como mais vendidas, mais consultadas e merecedoras de avaliação crítica, entendemos que os dois grandes dicionários gerais de língua são atualmente o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (designado neste trabalho pela sigla DALP) e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (DHLP), embora outros sejam editados, inclusive com porte semelhante. O dicionário Michaelis, por exemplo, citado por Welker, não possui, segundo a maior parte dos autores da área, o prestígio do Houaiss, como referência, apesar de ser editado há bastante tempo. Sua edição mais recente é de 2002, pela Editora Melhoramentos,<sup>1</sup> e há uma versão *on-line* disponível para assinantes no *site* [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br), o que fornece a essa obra grande alcance, pela praticidade de ser consultada diretamente na rede. Outro dicionário que nenhuma das obras metalexigráficas menciona é o dicionário Aulete, atualmente um banco de dados constantemente atualizado e que, por isso, mantém o frescor de que a lexicografia precisa para acompanhar a renovação do acervo lexical da língua. Para acessar esse banco de dados e usar gratuitamente o dicionário, o usuário precisa instalar um programa e estar conectado à internet.

Nenhuma das duas obras foi escolhida como integrante do *corpus* por motivos distintos. Michaelis não é expressivo como referência de consulta, apesar das vendas (em parte por causa do preço levemente mais acessível), e sua versão eletrônica não tem as propriedades necessárias de pesquisa, que detalharemos mais à frente. Caldas Aulete, apesar de ter as ferramentas necessárias, não constitui um conjunto de informações fechado, como são o das versões eletrônicas e impressas de DALP e DHLP, e as buscas poderiam resultar em versões diferentes, de acordo com as datas em que fossem feitas as pesquisas. Está aqui outro critério para a seleção de DALP e DHLP, os dois possuem versão eletrônica e versão impressa, com programas que possibilitam fazer busca não apenas da palavra para chegar ao

---

<sup>1</sup> Dados retirados de pesquisa de compra pela internet; não foram encontradas referências ao dicionário no *site* da editora: [www.melhoramentos.com.br](http://www.melhoramentos.com.br)

texto do verbete, mas também de ocorrências dentro do verbete, sem necessariamente selecionar uma entrada.

Para compor o *corpus* deste trabalho usamos as duas versões mais recentes, a do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) e do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), uma edição mais concisa do que a de 2001, que terá sua segunda edição publicada provavelmente em 2012. Entendendo que a adaptação ao acordo ortográfico e uma nova edição podem gerar outras alterações, como inclusões na macroestrutura e revisão de algumas decisões sistêmicas, optamos por usar o que havia de mais recente na publicação das obras dessa família. Também se equiparam, tanto em porte quanto em proposta, essas duas obras, o que não acontecia com o dicionário publicado em 2001, mais amplo e mais detalhado que o Aurélio.

Ainda como parte da fixação de critérios para a seleção do *corpus*, cabe mencionar a exclusão do outro grupo mencionado por Welker e também por Biderman, o dos dicionários baseados em *corpus*, ambos organizados por Francisco da Silva Borba. Entendemos que são dicionários de uso contemporâneo e não caracteristicamente dicionários gerais de língua, como podemos intitular o DALP e o DHLP. Isso se reflete no próprio título do dicionário, delimitado pelo determinante “de usos do português contemporâneo”, e se confirma pela segmentação cronológica bem definida apresentada na primeira página da impressão<sup>2</sup>. Por isso, apesar de reconhecermos o rigor do registro e louvamos a prática da lexicografia feita totalmente com base em *corpus*, esta obra não está entre as selecionadas para nossa pesquisa, uma vez que optamos pelos dicionários gerais de língua.

Além disso, um fator que dificultaria – ou mesmo impossibilitaria – a pesquisa, em vista dos objetivos que traçamos, seria a ausência de uma versão eletrônica, o que pode explicar que sua utilização não seja tão larga quanto a de DALP e a de DHLP. Atualmente, com a difusão do computador e a facilidade de consulta nos suportes eletrônicos, as versões digitais são mais usadas, inclusive porque potencializam o hipertexto natural que é a essência da obra lexicográfica, expandindo as possibilidades de consulta e leitura, com o clique instantâneo e o benefício da consulta reversa: do interior do verbete para a entrada.

## 1.2 Ferramentas de pesquisa e critérios de análise

Observado como um texto polifônico, por sua própria essência múltipla, o dicionário expõe várias outras vozes, mas também resguarda e disfarça outras tantas que atravessam a

---

<sup>2</sup> “[...] este dicionário procura registrar um espectro bastante abrangente das construções sintáticas (não desviantes e não tópicas) e da combinatória léxica da língua escrita no país a partir de 1950.” (BORBA, 2004)



voz do dicionarista, entendido aqui como uma entidade discursiva, o locutor responsável pelos enunciados. O discurso do lexicógrafo nunca é só dele, mesmo quando é um só, e, ainda que sejam feitas leituras por outras pessoas e haja regras de regulação e técnicas comuns de redação para os trabalhos em equipe, a plena homogeneização do discurso não é viável.

Como é um gênero de características formais bem marcadas e de uma neutralidade discursiva demandada por uma descrição imparcial e científica da língua, tivemos o interesse de observar em que momentos não se manifestava a neutralidade que se espera do dicionário. Para isso, decidi seguir o caminho inverso da leitura comum (da entrada para a acepção) e ir das definições para as entradas, a fim de observar em que momentos outras vozes – que não a do dicionarista imparcial, isento e preciso, mero relator da realidade – emergem na descrição da língua e do mundo, em que momentos o dicionarista fala por si, com suas opiniões, qualificações, pressuposições ou em que momentos é mais premente a necessidade de se mostrar isento. A grande questão era como fazer isso sem ler todo o dicionário.

A chave que abriu esse caminho foi a modalização, por meio da qual podemos ver como um enunciador qualifica uma proposição, e o estudo dos advérbios modalizadores de Castilho e Castilho (2002) a partir do *corpus* do NURC forneceu o que era necessário para desenvolver a pesquisa. Acoplado a esse conceito, entendendo que, por sua própria estrutura, o dicionário é uma confluência de vozes, trabalhamos com o conceito dos enunciadores múltiplos na construção do discurso, o que facilita o trabalho com a proposição e os enunciados subjacentes a ela.

Partimos do levantamento de Castilho e Castilho (2002) para chegar a uma lista de marcadores modais a serem pesquisados nas definições. Seguimos as pesquisas pelos grupos estabelecidos por esses autores: grupo A (modalizadores epistêmicos), grupo B (modalizadores deônticos) e grupo C (modalizadores afetivos). Nos anexos, haverá tabelas com os números de ocorrência de cada termo-chave de pesquisa e, no item de descrição das ocorrências, comentários que se fizerem pertinentes e que surgirem durante o processo de arrolamento das informações, preferencialmente dos que marcarem a posição do dicionarista, o locutor, perante a proposição.

### 1.2.1 Ferramentas nos dicionários

As ferramentas de pesquisa usadas são as fornecidas pelos próprios programas das obras. Como buscamos as vozes que atravessam a obra e a própria voz do dicionarista, descartaremos as ocorrências dos termos-chave que estejam presentes em abonações e exemplos. As ferramentas de pesquisa oferecem filtros para buscar as palavras, seja em seções

do dicionário (datação no DHLP) seja em classes de palavras (no DALP). A seguir, descreveremos como são essas ferramentas.

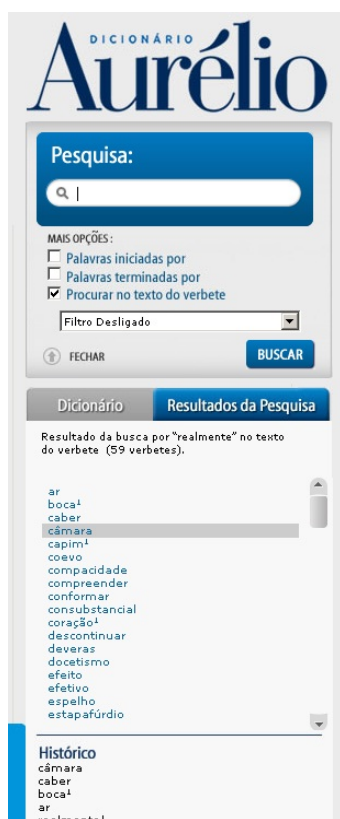


Figura 1 – Ferramenta de pesquisa no DALP

mesma função.

Além da busca simples pela palavra, é possível usar filtros de pesquisa pela palavra no verbete, ou digitando início e fim ou acessando, na função “filtro ligado”, categorias que surgem automaticamente na seleção. São 17 as categorias, que podem ser conjugadas (por meio da marcação de “somar filtros”) ou não. Os critérios para a categorização são morfológicos (classes de palavras e elementos de formação), de uso (palavras mais usadas) e de registro (gírias), porém a adaptação ao novo acordo e o uso de palavras estrangeiras também têm destaque. As opções aparecem em uma ordem que provavelmente deixa mais acessíveis as categorias mais usadas: “palavras mais usadas, nova ortografia, adjetivo, advérbio, artigo, conjunção, elemento de composição, estrangeiras, gírias, interjeição, numeral, prefixo, preposição, pronome, substantivo, sufixo, verbo”. Não ficou claro o critério que define as palavras mais usadas, uma vez que não há no verbete nenhum indicativo estatístico do uso da palavra.

O DHLP traz a mesma apresentação de nomenclatura à esquerda, verbete à direita, com uma distribuição das letras para consulta que lembra a dedeira do dicionário impresso, diferente do DALP, que o coloca na horizontal, acima da nomenclatura. A pesquisa de verbete

As duas obras apresentam a possibilidade da pesquisa transversal, das palavras para as definições, seja integrada à pesquisa da nomenclatura, seja como função à parte. No DALP, a pesquisa é integrada à busca de palavras na nomenclatura, como mostra a figura 1.

À esquerda do consulente está a nomenclatura, logo abaixo da pesquisa, num boxe azul, reproduzido aqui na figura 1. A configuração padrão é a pesquisa à macroestrutura, com a automática seleção da palavra na lista alfabética e visualização do verbete à direita desta imagem. Para a pesquisa nos verbetes, basta habilitar o item “procurar no texto do verbete” que a aba “Resultados de pesquisa” mostra abaixo quais verbetes contêm aquela palavra. Caso seja necessário retornar à nomenclatura, basta mudar a aba e as informações da última pesquisa são facilmente acessáveis de novo. Esta é a mais funcional das duas estruturas para a pesquisa, já que conjuga todas as informações na

é feita na primeira linha da nomenclatura alfabética, como é no DALP. A diferença entre as duas obras é que no DHLP a pesquisa com mais variáveis é feita em janela à parte, como mostra a figura 2.

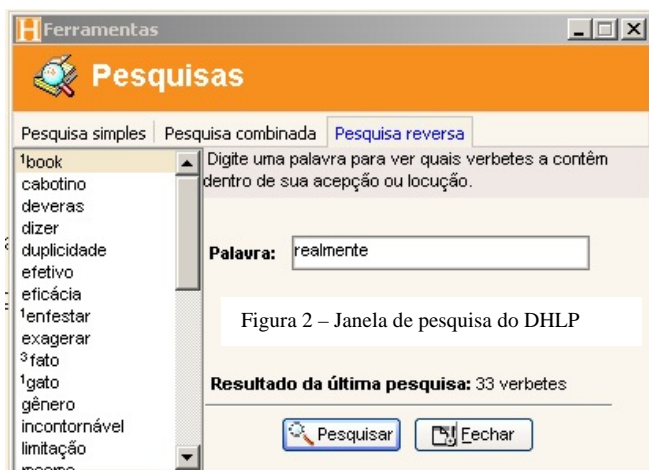


Figura 2 – Janela de pesquisa do DHLP

Nesta ferramenta há três tipos diferentes de pesquisa. Na pesquisa simples e na combinada, o usuário seleciona início e fim de palavra para busca de verbetes na nomenclatura, com a diferença de que, na combinada, é possível usar alguns dos critérios marcados como filtro no DALP. As categorias do DHLP, ordenadas alfabeticamente (“adjetivo, advérbio, apositivo, artigo, conjunção, elemento de composição, interjeição, numeral, prefixo, preposição, pronome, substantivo, sufixo, terminação, verbo”), representam as categorias em que se pode encaixar um verbete, seguindo critérios morfológicos de categorização. A terceira opção de pesquisa é a que nos serve porque possibilita buscar palavras que estão nas acepções e locuções. Da mesma forma que o DALP, a pesquisa reversa do DHLP retorna o número de verbetes com a palavra e uma nomenclatura recortada, cujos verbetes podemos acessar diretamente da pesquisa, desde que a janela esteja aberta. Os dados da pesquisa são guardados mesmo quando se fecha a janela e podem ser acessados até que se faça nova pesquisa em uma das três modalidades. A praticidade das abas do DALP supera o DHLP quando precisamos consultar um verbete.

Como buscamos as vozes presentes no discurso do locutor dicionarista, e não nas abonações, embora saibamos que elas também podem marcar a voz do locutor, as definições são nosso foco, um terreno discursivo cujos enunciados são diretamente gerados pelo dicionarista. Também nas etimologias e em outros campos, pode haver comentários e observações do locutor que possibilitam a voz do dicionarista emanar, muitas vezes com um tom diferente do tom neutro que se espera.

Desse modo, um dos critérios para selecionar as ocorrências é a parte do verbete em que elas aparecem, porque considerar o gênero na análise dos dados é importante, uma vez que há espaços do verbete que são indicadores pragmáticos da polifonia. Em outras palavras, o lugar em que está um enunciado é um critério a ser considerado na análise dos dados, seja para descartá-los, seja para consolidar a modalização.

Serão parte do *corpus* ocorrências em acepções e campos de informação sobre a palavra, como etimologia e gramática. Isso não quer dizer que seja irrelevante observar os exemplos, visto que eles também podem fornecer dados sobre as vozes de enunciadores, entretanto nosso recorte neste trabalho é avaliar em que medida o locutor se apresenta perante as proposições em campos cujo discurso ele produz diretamente e, por isso, onde pode mostrar mais regularmente seus julgamentos ou neutralizá-los.

Desconsideramos ocorrências em exemplos, na composição da etimologia como elemento, na subentrada da locução ou de plural, na sinonímia ou em sinonimização<sup>3</sup> e nas remissões, porque pertencem diretamente à informação do verbete e não expressam modalização, constituindo mais demandas formais do gênero do que espaços discursivos de criação. Pelo mesmo motivo, não será sistemático comentar casos em que o advérbio for parte integrante da proposição, ou seja, quando compuser apenas o nível do *dictum*, mesmo que não seja por sinonímia. Das ocorrências resultantes, é nossa principal tarefa determinar o escopo do termo, para observar se ele apenas define o referente ou se ele remete a um nível do discurso (*modus*) em que emerge outro enunciador e se abre espaço para que o locutor possa aderir à proposição, em diferentes graus, refutá-la ou mesmo negá-la.

A forma de apresentação das ocorrências não é sistemática, pode ser coletiva, com agrupamento por semelhanças, ressaltando diferenças, agregando rubricas, tudo depende das informações que aquele grupo de ocorrências vai apresentar. Em outras palavras, seguiremos os caminhos a que o *corpus* nos levar, apesar de buscarmos uma rotina básica para o tratamento dos dados, que, contudo, não engessa a forma como são trabalhados.

1. O termo é pesquisado na ferramenta do dicionário e retorna um número de ocorrências, que são verificadas uma a uma e copiadas para uma tabela. Os adjetivos são pesquisados nas suas flexões de gênero e número.
2. Desta tabela são descartadas as ocorrências em sinonímias, sinonimização, exemplos, abonações, remissões e subentradas, como locuções e plurais. Não serão descartadas as ocorrências em elementos de composição, embora apenas no DALP elas estejam tanto na versão impressa quanto na eletrônica, ao passo que no DHLP constituem, apenas na versão eletrônica, um dicionário à parte. Optamos por não usar as ocorrências do dicionário de elementos da versão eletrônica do Dicionário Houaiss entendendo que foi pensado editorialmente e materializado como um dicionário à

---

<sup>3</sup> Por sinonímia entendemos o espaço delimitado onde aparecem sinônimos, como o ponto e vírgula depois da acepção ou campo específico como o SIN do DHLP e o Sin. ger. do DALP. Por sinonimização, entendemos o recurso de usar sinônimos diretamente para a definição. Em qualquer dos dois casos, o sinônimo é um elo direto entre as duas palavras, sem constituir um discurso no qual o dicionarista modaliza.

parte do dicionário de língua (que traz em sua nomenclatura sufixos e algumas terminações verbais) e que, por essa razão, apresenta outra estrutura interna, inclusive na ordenação das informações e na redação dos verbetes.

3. Procuramos o termo de pesquisa como verbete, para comparar a descrição da palavra ou da locução e as ocorrências dentro das definições. Quando o termo não está registrado como o verbete, elaboramos uma redação de acepção genérica a partir de cognatos das próprias obras. Isso ocorre especialmente para elaborar a definição do advérbio a partir de um adjetivo.
4. De posse dos dados, após descartar as ocorrências do item 2, procuramos pontos em comum: tipo de construção sintagmática, termos periféricos, domínio discursivo, ausência ou frequência de rubricas e qualquer outro comportamento sistêmico desse termo nas ocorrências. Cada ocorrência da palavra conta separadamente, ainda que na mesma acepção, mas, para o cômputo de rubricas e outras marcas, contamos uma por acepção.
5. Após seguir esse processo, descrevendo o que encontramos em cada termo, traremos uma visão panorâmica das ocorrências, trabalhando rubricas, quantidade de modalização, tipos de modalizadores mais produtivos e suas consequências para o *ethos* do dicionarista, em diálogo com o que está estabelecido no estudo do gênero, dos prefácios, do verbete e do contrato de comunicação.



Quino. 2003. *Toda Mafalda*. Martins Fontes: São Paulo

## 2. O DICIONÁRIO COMO GÊNERO TEXTUAL

### 2.1 Gêneros, língua e mudança

A função mais básica da língua é transmitir significados, construir sentidos, mas sua utilidade extrapola esse fim. Por meio da língua, o homem não apenas se comunica, muda a realidade, ele se cria e cria o outro, segundo sua perspectiva, em cada ato discursivo e convida o outro a participar desse jogo. Por meio da língua, materializando o discurso, o homem exerce poder, marca e constrói sua identidade, a do outro e a da coletividade em que está inserido. Dessa forma, em cada enunciado que construímos, estão conjugadas nossa individualidade e a coletividade, em cada gênero do texto, falado ou escrito, estão também esses dois elementos. Mas como acontece a relação entre os dois? Se há um mecanismo de regulação, que insere o homem na coletividade, onde está a particularidade do indivíduo no momento da enunciação?

Segundo Marcuschi (2002), como fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, os gêneros textuais são fruto de trabalho coletivo e, desse modo, são formas de ação social e contribuem para organizar e estabilizar as atividades comunicativas.

“O gênero textual não cria relações deterministas nem perpetua relações, apenas manifesta-as em certas condições de suas realizações. Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. (MARCUSCHI, 2002, p. 162)”

Assim, porque não são deterministas e estáticos, mesmo regulados pela coletividade, os gêneros não cerceiam a criação, pois constantemente são atualizados e seu uso é maleável ou, como afirma Bakhtin (2010), estável, conectado a certos padrões formais constantemente revistos, revisitados e, por isso, transmutáveis e intercambiáveis.

Se o ato comunicativo sempre se inscreve num gênero, construto sociocultural, cada texto nosso é permeado por uma infinidade de outras vozes, de outras realidades, que, com nossos textos, também ajudamos a construir. Os gêneros, assim com a língua, são sistemas vivos. Contribuímos constantemente para sua evolução, uma vez que adequamos seu uso às nossas necessidades. Por outro lado, como somos parte dos usuários da língua, preservamos a tradição e, levados pela coletividade, respaldamos regras do gênero e da língua para manter a

comunicação ativa. Assim, a língua e os diferentes gêneros que ela materializa atualizam-se constantemente nas tensões entre o individual e o coletivo, a mudança e a conservação, o uso e a norma, o passado e o presente.

Forjado na confluência de tantas vias, que compõe sua própria essência, um gênero textual existe para servir a propósitos comunicativos de pessoas em determinada época e cultura. Nessa perspectiva, é previsível a multiplicidade dos gêneros, a partir não apenas dessa confluência, mas das diferentes necessidades que temos quando nos comunicamos. Desse modo, gênero textual é mesmo uma

[...] noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [grifos do autor] (MARCUSCHI, 2002, p. 23)

Da mesma forma que nenhuma comunicação acontece sem estar inscrita num gênero, a maioria dos atos que a concretizam, em uma sociedade complexa como a nossa, se dá por meio da língua, que também é um elemento social e, como tal, está em constante mudança. Essa evolução, determinada em grande parte pelo contexto social e também pelo fator individual<sup>4</sup>, atribui à língua a versatilidade que não admite a existência de um “onifalante”, dotado de um acervo finito de regras e palavras que contemplem todas as manifestações linguísticas.

A gramática, com suas regras sintáticas, semânticas, morfológicas, fonológicas, não forma um pacote fechado, apesar de manter a unidade que possibilita a comunicação e manutenção do sistema linguístico. No aprendizado e no uso da língua, o falante internaliza regras que viabilizam a sua comunicação, geralmente interagindo com os demais e, por vezes, imitando-os, por exemplo, em sua prosódia, em suas concordâncias. Entretanto, no uso do idioleto, o falante manifesta sua individualidade ao mesmo tempo em que se condiciona às regras do coletivo, ao gênero textual, aos interlocutores.

Essa mutabilidade, apesar de ser característica da língua, manifesta-se com mais produtividade em certas partes do sistema, do mesmo modo que alguns gêneros são mais conservadores em suas características enquanto outros mudam mais rapidamente. Diferentemente dos fonemas, o léxico é um paradigma virtual, de extensão indefinível e constantemente em expansão, pois muitas são as unidades lexicais (elementos mórficos e formas livres) que podem combinar-se para compor novas unidades. Por isso, um falante pode dominar a totalidade dos fonemas, mas jamais vai deter em sua memória uma lista de todas as

<sup>4</sup> Quando observamos a perspectiva individual nos referimos ao uso da língua por um falante em um certo momento. Assim, mesmo ao mencionar a influência individual na mudança do sistema linguístico, entendemos que um ato de fala nunca é isolado, é sempre um ato social, porque “todo enunciado é sempre de alguém para alguém”. (MARCUSCHI, 2008, p. 20)

palavras da língua e seus significados ou usos, porque o tempo todo outras palavras estarão sendo criadas e revisitadas em diferentes atos comunicativos, em diversos lugares, por diferentes falantes, enquanto outras palavras, usos e significados não são mais usadas.

Como não dominamos o léxico da língua por completo, já que muitos são os elementos – sociais, históricos, geográficos – que influenciam sua variação, o dicionário é uma obra que nos auxilia na ampliação e revisão desse acervo, limitado também pela nossa enunciação, pela nossa escolaridade, pela nossa localização geográfica e pela nossa memória. Nesse quadro, o dicionário é uma obra de consulta pontual, que geralmente não se lê por completo e sim que serve como referência para dirimir dúvidas, solucionar problemas, especialmente com relação ao significado das palavras, conhecidas ou não por nós. Como esclareceu Dionísio (2002, p. 126), a leitura desse gênero prevê uma técnica de pesquisa superficial (*scanning*), até o lexema que o consulente procura e que se materializa em outro gênero textual, o verbete, onde ocorrerá a leitura detalhada (*skimming*).

Apesar de ser obra de consulta do léxico, vamos ao dicionário não apenas para saber o significado das palavras, mas também para respaldar nossa opinião, selecionar corretamente o item lexical na hora de escrever, pois a obra lexicográfica é, mais que muitas outras, uma obra de autoridade, uma obra de clara função social.

Para entender como o poder pode ser uma característica do gênero, recorreremos às palavras de Marcuschi (2002, p. 162):

[...] um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina [sociodiscursiva] são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de inserção social e de nosso poder social. Enfim: quem pode expedir um *diploma*, uma *carteira de identidade*, um *alvará de soltura*, uma *certidão de casamento*, um *porte de arma*, escrever uma *reportagem jornalística*, uma *tese de doutorado*, dar uma *conferência*, uma *aula expositiva*, realizar um *inquérito policial* e assim por diante? (grifos do autor)

Nesse “assim por diante”, poderíamos incluir o *dicionário*, como gênero textual. Não temos um enunciado classicamente performativo porque o que está ali registrado não tem caráter legal, como um alvará de soltura, ou oficial, como uma carteira de identidade ou um diploma, mas é inegável que o dicionário é escrito por um autor de grande conhecimento da língua ou, mais comumente, por uma equipe especializada, normalmente ligada a um pesquisador renomado.

Também só é dicionário se dotado de verbetes, se publicado com uma certa estrutura, em certos tipos de suporte. Além disso, é inegável que o registro de uma palavra no dicionário confere a ela um *status* diferente no léxico de uso comum da língua de que não gozam os neologismos mais recentes que, por sua própria efemeridade, tendem a perder espaço no uso da língua. Em outras palavras, é comum a ideia, ao menos para os leigos, de que uma palavra



só existe mesmo, “oficialmente”, se estiver registrada no dicionário, mesmo que, pela gramática da língua, seja possível sua formação. Retomando as palavras de Correia (2009, p. 46), isso pode ser atestado, ainda, pelo movimento do mercado editorial, pois a “[...] proliferação de obras que recebem este nome denota bem a sua popularidade e o prestígio que o público lhes atribui.”

Um exemplo desse pressuposto de autoridade é o caso do uso da palavra *imexível* por Rogério Magri, ministro do trabalho e previdência social no início da década de 1990, como menciona Braz (2004):

Quem não se lembra ou não ouviu falar de quanto um ministro oriundo das classes trabalhadoras, Rogério Magri, foi censurado pelo uso do adjetivo *imexível*, sendo alvo de comentários preconceituosos, que não levaram em conta as questões morfológicas envolvidas na correta formação da palavra?

Ainda no mesmo texto, a autora aborda a questão do preconceito e atesta o papel de autoridade do gênero, usado como argumento para a institucionalização do termo.

Entretanto, atualmente o termo se encontra incorporado ao *Dicionário Houaiss* [2001] (“adjetivo de dois gêneros: em que não se pode mexer; inalterável. Ex.: *um plano de governo i*. Etimologia: *in-* + *mexível*”). O termo, criado de forma espontânea por um falante que estava diante de câmeras de televisão, acabou por se tornar institucionalizado, familiar a um grande número de usuários da língua. (BRAZ, 2004)

Temos, ainda nesse trecho, outra questão interessante a observar: constata-se que a generalização de um vocábulo, a partir de um uso particular de um falante, reverberou para um grande número de pessoas, configurando um exemplo de polifonia na macroestrutura. Essa é uma das formas de disseminação de inovações linguísticas na atualidade e também da renovação dos gêneros, já que

“os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet [têm] presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social (MARCUSCHI, 2002, p. 20).”

O uso do registro no dicionário como argumento para criticar a postura anterior a esse registro é uma forma de observar na prática de que maneira o dicionário, como gênero textual, ao institucionalizar uma forma lexical, marca posição social de autoridade, o que constitui uma das características do gênero, pois “é a obra à qual os membros de uma comunidade recorrem para informar-se sobre todo tipo de questão relacionada ao uso dos itens lexicais (grafia, pronúncia, significado) [...]”. (XATARA, 2011, p. 36)

Esse posto de autoridade é, como vimos, na teoria metalexiconográfica e na prática, parte da construção do gênero, também como uma demanda social por uma figura que oriente o uso da língua. Porém, a internet e a interação estão diluindo algumas das fronteiras entre público e obra, no modelo de construção compartilhada de conhecimento. Algumas obras trabalham hoje com intervenção direta do público, como é o Dicionário Caldas Aulete, que tem uma

ferramenta de intervenção no próprio programa<sup>5</sup>. Com isso, é possível que esse distanciamento diminua e que a dicionarização seja reconhecida como mais uma etapa no processo de fixação de uma palavra no léxico.

Para tentar observar o papel de autoridade e outras características do dicionário como gênero, vamos, ao longo deste capítulo, especificar algumas delas, ao mesmo tempo em que as colocamos em contato com outras com as quais há semelhanças, especialmente estruturais. Nesse momento, porém, é importante também tratar da opção de considerar o dicionário um gênero textual.

No *Dicionário de Análise do discurso*, o verbete *gêneros de discurso* mostra como é controversa a questão de definir se os gêneros são de texto ou do discurso.

A diversidade dos pontos de vista mostra a complexidade da questão dos gêneros, incluindo as denominações, já que alguns falam de ‘gêneros de discurso’, outros de ‘gêneros de textos’, outros ainda de ‘tipos de texto’: Adam opõe ‘gêneros’ e ‘tipos de textos’; Bronckart propõe ‘gêneros de textos’ e ‘tipos de discurso’; Maingueneau distingue, em relações de encaixamento, ‘tipo de texto’, ‘hipergênero’ e ‘gêneros do discurso’; Charaudeau distingue ‘gêneros e subgêneros situacionais’ e, no interior deste, variantes de gêneros de discurso. (MAINGUENEAU ; CHARAUDEAU, 2008, p. 251)

A primeira distinção a se fazer é entre texto e discurso. Preferimos uma teoria que conjuga as duas noções como complementares, de modo que o texto é a parte material, expressa por meio do sistema linguístico. O discurso é o que possibilita ao texto se materializar, é o conjunto de ideias, noções, ideologias e vozes que atravessam esses textos e no qual estão mergulhados. Nessa perspectiva, o texto materializa o discurso, que podemos reconhecer costurando as palavras, as estruturas e também os pressupostos, inferências, que não estão ali verbalmente expressos. Buscamos, para ratificar essa perspectiva, as palavras de Marcuschi (2002, p. 24)

Embora haja muita discussão a esse respeito, pode-se dizer que *texto* é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em um gênero textual. *Discurso* é aquilo que um texto produz ao se manifestar em uma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas, segundo Robert de Beaugrande.

Assim, o discurso é mais fluido, abrangente, imaterial, e o texto é o contraponto dessa fluidez, é mais tangível, material, localizável. Sendo o dicionário uma aglomeração de entidades particulares, é de se imaginar que sejam vários os discursos. Na maioria das vezes, podemos vincular esses enunciados a campos discursivos específicos, que pertencem a uma

<sup>5</sup> No *site* da Lexikon ([www.lexikon.com.br/caldas](http://www.lexikon.com.br/caldas)), merecem atenção os *links* que explicam como funciona o projeto, como colaborar, por que colaborar e como patrocinar. No texto do *site*, vemos que é este um projeto pioneiro, pois com “o Aulete Digital, pela primeira vez no Brasil um dicionário interage de forma permanente com os usuários da língua, compartilhando e democratizando o conhecimento de todos. É uma obra aberta, viva, que muda e cresce junto com a língua, e por isso tem a ambição de se transformar no maior e mais atual banco de dados do nosso idioma.”

área de conhecimento particular ou são utilizados em contextos bem definidos, como vamos observar nos exemplos a seguir, retirados das versões eletrônicas do DHLP e do DALP, respectivamente:

**penitência** *s.f.* (sXIII) **1** arrependimento ou remorso por erro que se cometeu, esp. por haver ofendido os mandamentos divinos; contrição, metanoia **2** a pena imposta para expiação desse erro **3** *p.ana.* situação difícil; incômodo, transtorno **4** *p.ana.* sofrimento profundo; aflição, tormento **5** REL qualquer ato de sacrifício para expiação dos próprios pecados **6** REL virtude cristã que inspira o arrependimento pelos próprios pecados **7** REL absolvição concedida por sacerdote confessor a todo aquele que se confessa arrependido **8** LITUR.CAT m.q. confissão  
 ETIM lat. *poenitentia, ae* 'arrependimento, pesar; dor, contrição' ANT impenitência  
 PAR *penitencia*(fl.penitenciar); penitências(pl.) / *penitencias*(fl.penitenciar)

**penitência** [Do lat. *poenitentia.*] Substantivo feminino. .Arrependimento ou pesar por falta cometida; contrição; metanoia. 2. Expiação dessa falta. 3.Incômodo, fadiga, sacrifício. 4.Aflição, tormento. 5. Rel. Virtude cristã que leva ao arrependimento pelos próprios pecados, visto que constituem ofensa aos desígnios divinos. 6. Rel. Ato de expiação dos pecados, assumido por iniciativa pessoal, ou por indicação da Igreja ou de seus delegados. 7. Rel. O sacramento que consiste na acusação contrita dos próprios pecados, feita a um ministro legítimo da Igreja ou a seus delegados, a fim de obter o perdão divino ou a absolvição; confissão. 8. Rel. A absolvição tomada como sinal de perdão. [Cf. *penitencia*, do v. *penitenciar.*]

Os dois verbetes contêm acepções de uso geral na língua (de 1 a 4 nas duas obras), sem a inscrição formal da rubrica em um campo de conhecimento, a religião, mais abrangente, e a litúrgica católica, mais específica. As rubricas das acepções de 5 a 8 inscrevem tanto a palavra quanto o significado em uma área de conhecimento determinada, cumprindo o papel da rubrica presente em seção específica em cada uma das obras, pois a rubrica temática é

[...] a informação, codificada numa redução, que o dicionário fornece ao leitor sobre a área do saber ou do fazer humano a que pertence a unidade léxica definida ou determinada acepção sua (por exemplo, física, botânica, música; carpintaria, artes gráficas, fotografia, indústria têxtil etc.). [DHLP, detalhamento do dicionário]

A rubrica, em geral abreviada e em verde, situada antes das definições quando se refere a todas as definições do verbete, ou dentro de uma definição quando se refere apenas a esta, delimita uma área em que a palavra é usada dentro do(s) significado(s) considerado(s), seja área geográfica, de assunto ou disciplina, de uso, etc. As definições assim classificadas formam, quando associadas em uma determinada rubrica, um subdicionário especializado na área delimitada pela rubrica (regionalismos, assunto ou disciplina, etc.). A mesma definição pode estar sob mais de uma rubrica. As abreviaturas das rubricas encontram-se na lista de abreviaturas, siglas e sinais convencionais. [DALP, conhecendo o verbete]

Delimitando as acepções no discurso religioso, as rubricas orientam a leitura do consulente para essa área de conhecimento, preparando-o para construir o sentido tendo em mente todas as associações que emanam do suas experiências discursivas, especialmente sobre a área de conhecimento em questão. Agregam-se ao uso da rubrica palavras comuns a esse campo de conhecimento (*confessor*, *confissão*, *cristã*, *desígnios divinos*, *divino*, *expiação*, *igreja*, *ministro*, *pecados*, *perdão*, *sacerdote*, *sacramento*, *sacrifício*, *virtude*), usadas nas definições, reverberando na definição o anúncio da inscrição discursiva da rubrica. Nesse contexto, os verbetes são textos, que recuperam diferentes discursos e cujas acepções

podem inserir-se em diferentes domínios discursivos, quase sempre marcados formalmente pelas rubricas.

Acreditamos que isso esclarece nossos motivos para considerar o dicionário como um gênero textual ao mesmo tempo em que o mergulha num aglomerado de discursos, pois é também uma característica desse gênero agregar diferentes discursos, de diferentes domínios, pelo viés do item lexical. Em outras palavras, o que costura textualmente o corpo do dicionário, o conjunto de lexemas, é a ordem alfabética, e o que organiza as acepções internas do verbete formalmente é a numeração, visto que elas podem ser hierarquizadas segundo um critério semântico, histórico, de registro. Essa é uma das características formais do dicionário, assim como pode ser da enciclopédia, de glossários e de vocabulários, por exemplo. Essa fronteira com diferentes gêneros textuais nos leva à pergunta do próximo item.

## 2.2 Afinal, o que é um dicionário?

Segundo Correia (2009, p. 23), a palavra *dicionário* suscita pelo menos dois significados comuns, um mais amplo e outro mais restrito. Num sentido mais amplo, dicionário “é uma espécie de catálogo em que a ordenação dos diferentes itens, introduzidos por uma palavra ou expressão, é tipicamente alfabética”. Em sentido mais restrito, é o que entendemos por dicionário de língua: um livro que reúne palavras-entrada, nas quais há um pequeno texto informativo, que consultamos “para satisfazer determinadas dúvidas relativas ao seu significado, aos itens da realidade que podem nomear, ou ao seu uso.” Essa obra tem como eixo duas estruturas: a macroestrutura (conjunto dos itens a serem descritos, as entradas) e a microestrutura (cada um desses itens, que organizam as informações sobre as entradas).<sup>6</sup>

Um dicionário pode ser geral, como é o de língua, ou especializado,

[...] aquele que visa a descrição de uma faixa bem determinada e restrita do léxico, fornecendo para esse vocabulário informação muito específica. Cabem nessa categoria as terminologias ou dicionários terminológicos [...], os dicionários de verbos, os dicionários de regência, os dicionários de sinónimos, de estrangeirismos, de neologismos, de gentílicos, de gíria, de calão, de provérbios, de fraseologias, de rimas, e outros. (CORREIA, 2009, p. 41)

Na descrição das formas linguísticas, o dicionário pode não apenas elencar os significados mas também informar sinônimos, antônimos, parônimos, palavras de outras línguas: há dicionários monolíngues, bilíngues, trlíngues ou multilíngues, cruzando diferentes línguas e fazendo as correspondências entre os idiomas.

---

<sup>6</sup> Nesta pesquisa, assim como Correia (2009), vamos observar e considerar para nossas análises o dicionário geral de língua como sinônimo de dicionário, opção que será mais detalhada ainda neste capítulo.

Gênero multifacetado, o dicionário também pode apresentar diferentes subgêneros, como os minidicionários e os dicionários de aprendizagem, indicados para consulentes em processo de aprendizagem de uma nova língua ou de aprimoramento da língua materna. Esses tipos de dicionário costumam conter apêndices com informações para melhor uso da língua – dialogando com outro gênero, a gramática –, como os de acentuação e conjugação verbal, ou de caráter enciclopédico – dialogando mais uma vez com outro gênero –, como lista das capitais, lista das moedas e mapas.

Apesar dos diferentes subgêneros que se ramificam do dicionário geral, esse é um gênero definido, mais do que outros, por rígidas características formais. Pensamos que isso é fruto de seu papel de autoridade, que ao mesmo tempo respalda essa formalidade. Em qualquer um dos diferentes tipos, o dicionário é uma obra de referência, como é a enciclopédia. Mas como ocorre a institucionalização de um termo, como vai a palavra, usada e abusada em situações de enunciação, ocupar uma forma nessa macroestrutura, se a língua é um sistema vivo, constantemente atualizado em nossas atividades discursivas?

Na verdade, paradoxalmente, uma das características do dicionário é ser estático, recortando os discursos, os significados, as potencialidades semânticas das palavras, ao mesmo tempo em que tenta, de algum modo, dar conta da dinamicidade da língua, especialmente nos exemplos, nas rubricas, nas marcas de uso, de registro, de dialeto, fontes de informação onde prevalecem não a descrição metalinguística muitas vezes impessoal, mas o uso e o valor que se atribuem às palavras e acepções, ou mesmo plurais, grafia, estabelecimento de uma forma preferencial. O dicionário, para institucionalizar, precisa fatiar a realidade e o discurso e, para ser autoridade, precisa, em algum momento, entender que a língua não para, porém a obra, para ser publicada, necessita disso. Sobre o caráter estático, resgatamos as palavras de Azeredo (2009, p. 424):

O registro do significado de uma palavra em um dicionário, embora importante por esquadrihar possibilidades significativas e registrar usos possíveis, apresenta a inércia da água no poço – tem profundidade, mas carece de movimento. É possível encontrar um leque de significados para uma palavra – e cabe à Lexicologia fazê-lo –, mas isso não será suficiente para que se apreenda o sentido em que ela se apresenta neste ou naquele contexto. Parada, descontextualizada, a palavra emudece, não comunica. É na sintaxe do discurso que ela, movimentando-se, encontra seu sentido.

É o consulente que retira a água do poço, metáfora cunhada por João Cabral de Melo Neto<sup>7</sup>, e a usa para diferentes fins, dando movimento no contexto em que considera

<sup>7</sup> “Quando um rio corta, corta-se de vez / o discurso-rio de água que ele fazia; / cortado, a água se quebra em pedaços, / em poços de água, em água parálitica. / Em situação de poço, a água equivale / a uma palavra em situação dicionária: / isolada, estanque no poço dela mesma, / e porque assim estanque, estancada; / e mais: porque assim estancada, muda, / e muda porque com nenhuma comunica [...]” *Rios sem discurso*, de João Cabral de Melo Neto.

necessário, como era o poema de Drummond em seu estado de dicionário, só, mudo, paralisado, calmo e fresco na superfície intata<sup>8</sup>. Entretanto, o que a princípio parece uma desvantagem, porque segmenta a língua e a realidade, é contingência do próprio gênero e natural a qualquer obra que sirva para leitura pontual em vez de leitura contínua. Por isso, o leitor deve estar habilitado para, no leque semântico, escolher o significado que mais está adequado às suas necessidades comunicativas, já que o dicionário é obra de referência e não objetiva ensinar o consulente a produzir um texto, como é o caso dos manuais de redação e estilo, dos compêndios de gêneros, com fórmulas que servem de base à redação de outros textos.

Assim, no diálogo do consulente e o do lexicógrafo, a interlocução acontece e a água sai do poço para ocupar espaço na língua viva. O dicionário, observado em sua estrutura formal, é um repositório de palavras, listadas e detalhadas, organizadas geralmente em ordem alfabética<sup>9</sup>, mas, como gênero, sua dimensão se amplia. Por isso, para seguir na tarefa de estabelecer o dicionário como gênero textual, devemos observar diferentes critérios, especialmente os “*de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade.*” [grifos do autor] (MARCUSCHI, 2002, p. 24)

### 2.2.1 Ação prática e funcionalidade

Entendemos como ação prática o reflexo que o gênero provoca no seu entorno social e discursivo, decorrente em parte da sua funcionalidade, entendida aqui como as funções que ele desempenha, para que é feito, pensado, construído. Essas duas categorias estão, portanto, entrelaçadas. A ação prática do dicionário envolve o registro da língua e, por meio desse registro, também a sua conservação. Ao mesmo tempo em que parte da língua para chegar a um produto que a recorta e categoriza, o dicionário exhibe um modelo para quem o consultar e que o consulente reproduz na sua produção textual, a qual posteriormente torna-se *corpus* para novo registro do uso.

O dicionário ocupa então a função de retroalimentar esse *corpus*, gerido em parte pelas regras ditadas pelas obras lexicográficas. Dessa forma, uma das características principais, inscrita na funcionalidade e observada na prática com o artigo de Braz (2004), é a função de legitimar particularidades lexicais da língua e servir de fonte de consulta e referência para produção de outros gêneros.

---

<sup>8</sup> “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos. / Estão paralisados, mas não há desespero, / há calma e frescura na superfície intata. / Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.”, *Procura da poesia*, Carlos Drummond de Andrade

<sup>9</sup> As entradas podem ser organizadas por campos semânticos, como são os dicionários ideológicos ou onomasiológicos.

Esse papel de autoridade, que registra e dita padrões de língua, o dicionário divide com a gramática, num processo conhecido como *gramatização*, que mudou a forma como as pessoas se comunicavam e como a língua evoluía no mundo ocidental<sup>10</sup>, como bem observou Orlandi (2000, p. 99):

Esse imaginário vai, em geral, representar a língua como um instrumento domesticável, representando, por sua vez, o controle que o sujeito teria de sua relação com a língua. Com a produção do saber metalingüístico se cria a ilusão de que se pode, com ele, dominar a língua. O dicionário e a gramática são dois bons instrumentos para isso.

Se cabe à gramática observar o comportamento sistêmico da língua, descrevendo e exemplificando como acontecem as regras que compõem a língua nos seus diferentes níveis (fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico), ao dicionário cabe trabalhar com as partes decompostas uma a uma, do item para a regra. Desse modo, dicionário e gramática trabalham juntos, desde a Idade Média, como pilares do conhecimento da língua escrita, tanto como registro, quanto como normatização.

Os manuais de conversação, as listas temáticas de uma área de conhecimento, os vocabulários das línguas novas dos grandes descobrimentos, as listas onomasiológicas do latim medieval, precursores do dicionário geral moderno, tinham função pedagógica, eram lidos e consultados para que se aprendesse uma nova língua de comércio, a nova língua do colonizador, a língua do colonizado, a língua da grande produção artística. Resquícios dessa função pedagógica permanecem vivos no dicionário porque sempre teremos o que aprender com ele e normalmente é uma dúvida que nos leva a ele.

Um dicionário jamais conterà todas as palavras da língua ou que são parte da memória de um falante, porque o léxico é virtual e, se contivesse tudo o que todos sabem, perderia sua principal função, fornecer aquilo que não sabemos. Assim como a gramática concede o acesso a um acervo de regras que nem todos dominam, o dicionário abre as portas para o conhecimento pontual que o falante não partilha, mas poderá, pela consulta, partilhar e – mais que isso – disseminar.

### 2.2.2 Circulação sócio-histórica

Não apenas a função pedagógica, de registro e conservação define o dicionário como gênero. Se ele é um registro de um recorte lexical de uma época, mais ou menos abrangente, também se define como gênero pelas condições em que é produzido e pelo lugar em que se situa na linha histórica de produção do saber. O dicionário como conhecemos hoje no

<sup>10</sup> “Assim como as estradas, os canais, as estradas de ferro e os campos de pouso modificaram nossas paisagens e nossos modos de transporte, a gramatização modificou profundamente a ecologia da comunicação e o estado do patrimônio linguístico da humanidade.” (AUROUX, 2009, p. 71)

Ocidente teve sua origem na confluência de outros tantos gêneros e, pelo processo de gramatização, não apenas firmou seu papel social também mudou a forma de os homens se comunicarem, especialmente pelo estabelecimento de um acervo de exemplos que se repetia e pela contestação de regras do uso como forma de manter a tradição estabelecida.

Segundo Auroux (2009, p. 72-3), o dicionário moderno ancora sua forma e conteúdo em três tipos diferentes de obras. Os vocabulários temáticos traziam palavras de uma área do conhecimento (profissão, plantas, armas, comércio etc.) onomasiologicamente organizadas, que poderiam ser cunhadas para diferentes línguas, ou modelos de conversação, escrita e oral. O segundo tipo trazia palavras difíceis, casos complexos, rimas, o léxico de um autor e originou os glossários, que explicavam palavras difíceis por outras mais fáceis. Os glossários de uma ou mais línguas muitas vezes tinham o latim como fonte de convergência para o aprendizado como segunda língua.

Independentemente da função prática (aprender uma língua nova, ler os clássicos latinos, entender sobre uma área do conhecimento), as obras tinham função pedagógica e partiam do registro de um *corpus*, muitas vezes por decalque de línguas, de uma mesma base de exemplos e situações de comunicação, o que regulou o léxico e as regras do idioma, porque a base comum era a mesma. Por exemplo, para o europeu que deseja conhecer o novo idioma do colonizado, é muito mais cômodo e lógico descrevê-lo e estudá-lo pelas categorias do seu próprio idioma, que será usado também para treiná-lo na nova língua do colonizador. Além disso, algumas aglomerações onomasiológicas eram comuns, como partes do corpo e dias da semana, básicas para aprender qualquer idioma. Essa variedade de gêneros unificou-se apenas com o advento da imprensa, no século XVI, quando se fixa uma forma comum, ainda não com o nome de *dicionário*, consolidado como termo apenas no século XIX.

Com o declínio do latim como língua de produção de excelência das obras artísticas e a valorização dos diferentes vernáculos, para estes ter uma gramática e um dicionário significava ter uma língua escrita consolidada, um povo desenvolvido e identidade própria. A lexicografia portuguesa no século XVIII contou com o trabalho primoroso de Bluteau e Morais, mas não acompanhou o desenvolvimento de França e Inglaterra, que empreenderam esforços nacionais para marcar a sua língua e sua força como nação, estabelecendo que sua língua é cultivada e constitui patrimônio cultural num tempo em que se mostrava a força pela arma (guerra) ou pela palavra (erudição).

O dicionário, então, já nessa época, fundia prescrição e descrição da língua e a continuidade de publicações de obras lexicográficas, especializadas ou não, diluía ou marcava as fronteiras entre elas. No século XX, o advento da linguística de *corpus* e o avanço



tecnológico, mudaram “em muito a forma de fazer linguística e, particularmente, a teoria e a técnica lexicográficas.” (CORREIA, 2008, p. 73), que passou de uma “lexicografia geral de cariz mais prescritivo para uma lexicografia essencialmente descritiva e comunicativa” (CORREIA, 2008, p. 74). Isso, no entanto, não é regra para a produção de obras no Brasil e em Portugal, quando apenas um dicionário em cada país foi produzido inteiramente com base em *corpus* (*Dicionário de usos do português contemporâneo*, no Brasil, e *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, em Portugal). Ainda assim, os dicionários que hoje se publicam “são necessariamente diferentes dos que conhecemos no passado, tendo incorporado os efeitos dessas mudanças, embora nem sempre com os efeitos mais desejados, nem contando com a aceitação do público em geral. (CORREIA, 2008, p. 81).”

Apesar das diferenças, a lexicografia que Bluteau consolidou no seu vocabulário bilíngue também era baseada em *corpus*, com a diferença de que sua base eram os autores renomados e bastava um bom uso para abonar o registro e nos *corpus* de hoje

“as fontes usadas não se limitam a ser textos de escritores consagrados pela sociedade, mas são constituídas por textos representativos dos mais diversos registros linguísticos (formal e informal, escrito e oral, científico, jornalístico, pedagógico etc.) [CORREIA, 2008, p. 81].”

Isso implica considerar atualmente não apenas o único exemplo que se levanta para respaldar este ou aquele uso, mas buscar no *corpus*, o mais variado possível, quais ocorrências são mais produtivas. Mudou também, ao longo do tempo, a precisão de informações gramaticais, que se acoplam ao significado e especializam o registro das palavras.

Atualmente, o dicionário segue como forma de unificar a língua e refrear as mudanças, incontroláveis nas lacunas dos dialetos e do uso puramente falado nas mais distantes terras. É isso, inclusive, que os consulentes procuram. (cf. CORREIA, 2008, p. 85) Como obra de autoridade é, ainda hoje, uma forma de manter a língua e projetar a nação, por isso é indicado, inclusive para manutenção do patrimônio cultural, que haja investimento público para manter e atualizar os dados da obra lexicográfica, evitando que apenas as editoras ditem as regras da produção de um patrimônio que é de toda a nação. Entendemos que a atualização do dicionário geral de língua deva acontecer ininterruptamente, preferencialmente subsidiado pelo poder público, como um serviço que se presta à nação, tão estratégico quanto a luz no poste das nossas vias.

Um meio de viabilizar essa atualização no âmbito do governo acontece por meio de duas frentes de ação: a primeira é a integração de vários *corpora* para a formação de uma rede de dados e a segunda é uma política constante de incentivo a que novos se formem nas

diferentes regiões do país, com espaço físico, material, bolsas para estudantes e treinamento de profissionais, além da constante atualização de dicionários com a produção e revisão de verbetes, principalmente nas universidades públicas, as quais, no entanto, ainda carecem de uma formação mais sólida em lexicografia e lexicologia.

Atualmente no Brasil, as políticas públicas que envolvem dicionários concentram-se em editais que selecionam obras segundo critérios estabelecidos pelo governo e compram as obras avaliadas para escolas públicas, ou para o acervo da instituição ou para acervo pessoal do aluno. De qualquer forma, essas políticas estimulam a produção de minidicionários, mais lucrativos que os dicionários gerais, que, apesar do baixo apelo comercial, são o carro-chefe de uma família de obras lexicográficas. Também há pesquisas em andamento nas universidades brasileiras, especialmente por meio dos pesquisadores que se reúnem nos Grupos de Trabalho de Lexicografia, Lexicologia e Terminologia da Anpoll (Associação Nacional de pós-graduação em Letras e Linguística).<sup>11</sup>

### 2.2.3 Conteúdo temático, estilo e composicionalidade

Optamos por unir essas três categorias por terem relação direta com a forma do dicionário. Entendemos como conteúdo temático a fatia que o dicionário recorta do léxico, sobre que parte lança seu olhar e que subtipos de obras surgem desse recorte, o que deriva também da função para a qual foi pensado. O gênero abrange amplo leque de opções: há dicionários que recolhem ocorrências de um *corpus* específico de um dado momento histórico (*Dicionário de usos do português*, de Francisco da Silva Borba) ou de uma obra (por exemplo, *Os lusíadas*<sup>12</sup>), há dicionários específicos para uma parte da descrição gramatical (dicionários de regência verbal ou nominal), há dicionários técnicos (por exemplo, da área de Medicina, Direito, Comunicação), há dicionários de regionalismos, há dicionários gerais de língua, os quais, por sua abrangência, percorrem diferentes domínios discursivos e agregam diferentes registros e momentos históricos.

Independentemente do recorte do léxico, o dicionário tem um estilo sóbrio na escrita das entradas – o que veremos melhor na seção sobre o *ethos* do dicionarista – pois ele se apropria da norma padrão da língua. Desse modo, o dicionarista descreverá com elegância e formalidade o calão, reproduzindo-o apenas nos exemplos, porque comentários e definição são guiados pela máxima imparcialidade possível e pela sobriedade de estilo. Isso acontece

---

<sup>11</sup> No site [www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/relacaoprojetos.asp](http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/relacaoprojetos.asp), é possível observar as pesquisas em andamento pelo menos até o ano de 2008.

<sup>12</sup> Refiro-me, neste exemplo, ao *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, de Antônio Geraldo da Cunha (CUNHA, A. Geraldo da. 1980, *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Presença).

em consonância com a rigidez formal do dicionário, que nos conduz à composicionalidade do gênero, cujas características formais são bem marcadas.

Para explorar melhor a composição desse gênero, recorreremos à noção de texto-colônia, segundo a qual dicionários, enciclopédias e glossários são colônias discursivas, um “discurso cujas partes componentes não derivam seus significados das sentenças em que estão inseridas” (HOEY *apud* DIONISIO, 2002, p. 126). Os textos que são colônias funcionam como suportes textuais e agregadores de outros textos e se definem por nove características:

1. o significado não deriva da sequência;
2. as unidades adjacentes não formam uma prosa contínua;
3. não há *frame* contextual;
4. não há autor identificável;
5. um componente pode ser usado em referência aos demais;
6. os componentes podem ser reimpressos ou reutilizados em trabalhos seguintes;
7. os componentes podem ser acrescentados, removidos ou alterados;
8. muitos componentes podem servir à mesma função;
9. há uma sequência alfabética, numérica ou temporal.

O dicionário como gênero textual possui todas essas características e a primordial delas é justamente ser um suporte textual onde se encontram outros textos de outros gêneros, não apenas o verbete, mas o prefácio, o detalhamento, a bibliografia com fontes de pesquisa e abonação.

Pensando o dicionário como um todo, vemos que os verbetes organizam-se segundo uma ordem alfabética (9), pois o significado não deriva da sequência (1) nem gera uma prosa contínua (2)<sup>13</sup>, fato que, refletido no propósito fundamental da obra (a consulta), demanda do consulente quase sempre a opção pelo *scanning* como principal recurso de leitura até atingir o seu foco primeiro, o verbete, o componente básico, que pode ser removido, alterado, revisto, recortado para compor outros gêneros (6 e 7), como uma notícia ou uma explicação em um livro didático.

Além disso, o verbete, seu componente básico, pode ser usado em referência aos demais (5), não apenas nas remissões, mas também no fato de que a metalinguagem pressupõe sempre uma circularidade na definição. Em outras palavras, não há uma palavra onde começou a primeira definição que gerou as outras em cascata, o léxico é um contínuo e, para definir um lexema, sempre serão necessários conceitos de outros lexemas.

---

<sup>13</sup> Existem casos de coesão em que a definição seguinte remete diretamente à anterior, não apenas em marcas como *figurado* e *por extensão*, mas na própria definição como nos modelos acepção ‘árvore’, acepção seguinte ‘fruto dessa árvore’. Há casos, ainda, em que a prosa é retomada como se fosse regular, como nesta definição de *teoria do caos*, no DALP: “Conjunto de conceitos matemáticos e técnicas computacionais us. para estudar o comportamento caótico nas ciências naturais. A teoria do caos foi introduzida, inicialmente, na meteorologia, para explicar a dificuldade na previsibilidade de certos fenômenos meteorológicos”

Ainda do ponto de vista formal, além da organização básica do dicionário na articulação da macro e da microestrutura, podemos dividir o percurso da descrição das entradas nos dicionários em dois tipos: semasiológico ou onomasiológico. O percurso semasiológico pressupõe a organização dos lexemas em ordem alfabética e o onomasiológico, por temas, ideias, noções abrangentes que conduzem aos itens lexicais que traduzem certa noção. É mais comum o percurso semasiológico – útil tanto para quem está escrevendo quanto para quem está lendo um texto – que o onomasiológico – usado em dicionários analógicos e mais útil para quem está escrevendo.

Esse gênero também é construído tendo como base um contrato de comunicação no qual a equipe de lexicógrafos trabalha para construir uma obra em que conste aquilo que o consulente procura, de modo que seja o mais abrangente possível para o grupo a que se destina. Assim, não costuma ser visível ao público o nome do autor de cada verbete e a maioria dos dicionários hoje em dia não é autoral<sup>14</sup>, de modo que, nesses casos, não é possível identificar um autor que redija o dicionário de ponta a ponta. Ao consulente geralmente não interessa quem escreveu este ou aquele verbete e sim em que obra está, qual é a qualidade da obra como um todo. Desse modo,

O dicionário moderno, mesmo que leve o nome de Houaiss ou Aurélio, é o resultado da colaboração de lexicógrafos, metalexícógrafos, editores e, de maneira indireta, usuários. Isso talvez não se possa dizer de nenhum outro tipo de livro, nem de uma enciclopédia, que é o que mais se aproximaria. Dicionário é colaboração. (XATARA, 2011, p. 175)

A partir do estabelecimento dessa característica, essa citação nos conduz a outra questão no estabelecimento do dicionário com gênero: as obras das quais ele se distingue.

### **2.3 E o que não é dicionário?**

Tendo como foco a simples noção do dicionário como uma obra dotada de palavras de uma língua em sua macroestrutura e informações sobre essas palavras na microestrutura, é importante observar em que pontos ele se aproxima e se distancia de outros gêneros.

Francisco da Silva Borba, em *Organização de dicionários*, traçou um paralelo entre dicionário e gramática e, assim como Correia (2009), explicita que existe uma complementação de um gênero pelo outro, pois “a gramática enuncia uma regra que se aplica a uma classe ou subclasse, o dicionário mostra a aplicação da regra, palavra por palavra.” (BORBA, 2003, p. 302), reconhecimento estabelecido no processo de gramatização, que tem

<sup>14</sup> Obviamente, há ainda hoje dicionários de pequeno porte ou que demandaram grande tempo de produção e são totalmente autorais, mas isso não reflete a prática mais comum no mercado editorial atualmente, como demonstra a maioria das obras em circulação, nas quais há na folha de rosto o nome da equipe de redatores.

como base “duas tecnologias ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 2009, p. 65).

Entretanto, os limites entre os dois gêneros, a gramática e o dicionário, não são tão definidos, porque a tendência de convergência é grande, principalmente nos dicionários de aprendizagem e minidicionários. Por isso os dicionários informam, além dos significados, outros atributos gramaticais, como a classe, a separação silábica, acentuação, conjugação verbal e outros elementos antes restritos aos compêndios gramaticais. Isso é mais marcante especialmente nos dicionários escolares brasileiros, cujos projetos, muitas vezes, consideram as exigências dos editais publicados pelo Ministério da Educação.

Apesar dos pontos de convergência entre tipos de dicionários e gramática, o princípio de observação da língua e descrição do sistema é bem divergente: se a gramática trata do geral, explicitando a regra, o dicionário trata do específico, cumprindo a regra item a item, ou seja, “uma regra de estruturação ou uso da língua se procura na gramática, um determinado resultado estrutural ou determinado uso se procura no dicionário”. (BORBA, 2003, p. 303)

Assim, como trata de particularizar e não de generalizar, é natural que o dicionário seja um gênero composto essencialmente de entidades particulares, que, observadas individualmente, constituem outro gênero: o verbete, assunto do próximo capítulo.

A enciclopédia é outro gênero textual que se estreita com o dicionário, mas não com uma relação de complementação e sim com uma semelhança formal, pela existência de verbetes e a usual disposição das entradas em ordem alfabética. Correia (2009) ressalta entre as principais diferenças a composição da equipe, que é de especialistas em uma área de conhecimento, o objetivo de fornecer informação extralinguística e nunca linguística, como o dicionário, a descrição do verbete em prosa regular, com um texto completo em seu interior, diferentemente da prosa interrompida do verbete do dicionário, e a ausência de palavras que não se ligam a um referente exterior ao mundo linguístico, as palavras gramaticais.

Os dois gêneros, no entanto, fazem referência ao mundo extralinguístico e a necessidade do saber enciclopédico para os verbetes de língua é inevitável, já que as palavras referenciam elementos de diferentes mundos discursivos. Assim, a definição lexicográfica contém dados enciclopédicos, o que acontece

[...] porque não é fácil definir o significado dos signos que remetem para entidades extralinguísticas, sem descrever, de algum modo, as características dessas classes [e também porque a definição deve] dar conta das informações que sejam relevantes para que o consulente possa determinar, localizar que classes de entidades são efectivamente nomeadas por cada palavra. (CORREIA, 2009, p. 56)

Embora tenhamos muita informação enciclopédica em verbetes específicos dos dicionários gerais, como os substantivos abstratos em *-ismo*, derivados de eventos históricos, figuras ilustres, em função dessa proximidade entre os gêneros, há dicionários enciclopédicos, que mesclam características da enciclopédia e do dicionários de língua em vários aspectos. Por exemplo, trazem para a prosa interrompida elementos de prosa contínua, usando as duas formas de descrição, equacionam – mais do que os outros dicionários – a descrição do mundo linguístico e do mundo referencial, abarcam em sua macroestrutura nomes próprios, além de alguns dos tradicionais registrados, como os meses do ano.

Além da enciclopédia e também pela semelhança de macroestrutura em verbetes ordenados alfabeticamente, são gêneros afins os glossários e vocabulários, antecessores do que entendemos hoje como o gênero dicionário, herança que se comprova no título do *Vocabulario Portuguez & Latino...*, de Raphael Bluteau, de 1712-1728. Em tese, atualmente os dois são menores e mais simples que o dicionário e seu uso é restrito por ser temático ou ter uma finalidade bem específica.

O glossário e o vocabulário tiveram sua origem na Idade Média e na Renascença, quando eram usados de maneiras distintas: o glossário no fim das obras para elucidar termos obscuros por meio de breves notas (glosas) e o vocabulário para um fim específico, como ajudar estudantes no aprendizado. Atualmente o glossário é uma lista de palavras das quais se descreve o significado, como apêndice de um livro, por exemplo, ou o equivalente em outra língua e, assim, seus componentes são bem mais simples do que um verbe de dicionário. Já o vocabulário pode ser uma lista de palavras com seu respectivo significado que ajuda o estudante a entender um texto didático ou uma lista de palavras apenas com informações linguísticas, como um vocabulário ortográfico, ou a lista de palavras mais comuns de determinado autor.

Como se pôde observar, demos especial atenção à caracterização do dicionário e do verbe por seus aspectos formais e intrínsecos, mas os gêneros são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural, são formas de ação social e contribuem para organizar e estabilizar as atividades comunicativas. Esses são, portanto, aspectos que virão unir-se aos elementos aqui explorados e nos guiarão daqui por diante, sempre com retomada dos conceitos formais e determinantes do gênero. Retomemos, então, a exploração de alguns elementos históricos, sociais e culturais do dicionário, com foco na edição de dicionários de língua portuguesa.

## **2.4 Breve histórico dos principais dicionários editados no Brasil e em Portugal**

Já no início da literatura colonial, informativa, os vocabulários dos historiadores davam conta da necessidade de palavras para designar as novidades da terra conquistada. Seguiram-se os dicionários bilíngues português-tupi, glossários como forma de descrição do léxico e incorporação do saber lexical da nova terra ao saber lexical português, à maneira dos dicionários bilíngues que eram publicados desde a Idade Média para dar conta das necessidades de comunicação entre os povos de línguas diferentes, para fins comerciais especialmente. Sendo o Brasil colônia portuguesa, tratar da historiografia das publicações lexicográficas envolve mencionar o trânsito das obras portuguesas às brasileiras, como pontuou Nunes (2008, p. 353):

Falar da história dos dicionários brasileiros leva a considerar a passagem da lexicografia portuguesa à brasileira e a explicitar a especificidade de cada uma dessas tradições, assim como mostrar seus entrecruzamentos, suas continuidades e descontinuidades, suas concomitâncias e defasagens.

Considera-se que o primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa é o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de 1789, editado em Lisboa por Antonio Morais e Silva, que adaptou em sua primeira edição o *Vocabulário portuguez latino*, de Raphael Bluteau, editado de 1712 a 1728, um dicionário bilíngue no nome, praticamente monolíngue na estrutura, dada sua preocupação em detalhar as definições dos termos em português, em uma dedicação que não se mostrou proporcional nos termos latinos.

Antes da obra de Morais, marco na lexicografia portuguesa, foi publicado em 1783 pelo franciscano Bernardo Lima e Melo Bacelar o *Dicionário da língua portuguesa*, uma obra que não recebeu tanto destaque apesar da boa apresentação, da leveza do volume e do vasto *corpus* em que se baseou, porque faltou coerência na descrição dos dados, norteadas especialmente pelo “pressuposto preliminarmente afirmado de que o português tem a sua origem na língua grega” (VERDELHO, 2007, p. 22), ideia que iluminou por completo definições e etimologias. Ainda no século XVIII, o *Diccionario da Academia Real de Ciências de Lisboa*, cujos esforços de publicação nasceram com a Academia em 1779, teve apenas seu primeiro tomo levado a termo em 1793 e não passou da letra A, mais precisamente do verbete *azurrar*.

Também durante o século XVIII houve diversas publicações de dicionários especializados. Um, importante para a leitura de documentos antigos, com registro do português arcaico, é o do Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, conhecidamente fruto de

plágio<sup>15</sup>, de dois volumes, desproporcionalmente distribuídos: o primeiro é composto pela letra A e o resto pelas demais letras do alfabeto. Havia ainda os dicionários paraliterários, a serem pesquisados por leitores que desejassem usar “do português mais puro”, bebido nos mais importantes autores da época, como o *Diccionario poetico...*, de Cândido Lusitano, e o *Diccionario exegetico...*, atribuído a Francisco Luís Ameno.

No âmbito dos dicionários monolíngues, após a primeira edição de Moraes, no século XVIII, outras deram seguimento à lexicografia portuguesa, traçando um panorama calcado em quatro características fundamentais, como afirma Verdelho (2007, p. 30)

1. presença tutelar do dicionário de Moraes Silva, que teve 7 reedições ao longo do século (1813, 23, 31, 44, 58, 77/78, 90/91), sempre acrescentadas e melhoradas, segundo a declaração dos editores, e que serviu de fonte e de modelo teórico para os restantes dicionários;
2. divulgação do dicionário de língua e sua adequação a manual escolar;
3. aparecimento de alguns grandes dicionários portugueses;
4. escassa renovação teórica e insuficiente pesquisa lexicográfica no âmbito da língua portuguesa.

Observa-se, nessas palavras, que o eixo da lexicografia portuguesa é Antonio Moraes e Silva, cuja obra “se manteve até o presente como exemplar de uma persistente tradição lexicográfica voltada para a recolha do léxico patrimonial e para a verificação do seu uso autorizado” (VERDELHO, 2007, p. 31). De fato, seu dicionário, apesar de volumoso e caro, mostrou seu apelo editorial pelas sucessivas edições. No entanto, em paralelo aos grandes dicionários que eram elaborados ao longo do século XIX, um mercado aquecido pela ampliação do acesso à escola e à escrita demandava novas experiências lexicográficas, menos densas, mais simples, portáteis, o que resulta em uma série de publicações ao longo dos séculos XIX e XX, e traz atenção para questões de estudo e pesquisa relativas à língua, originando outra série de dicionários específicos, como elenca Verdelho (2007, p. 34)

A par da designação geral de “Dicionários da língua”, apresentam em subtítulos um conjunto de qualificações que apontam no sentido da valorização das informações linguísticas (“etimológico”, “morfológico”, “ortoépico”, “ortográfico”, “prosódico”), da sua orientação escolar (“académico”, “elementar”, “do estudante”, “escolar”) e da sua acessibilidade comercial (“popular”, “portátil”, “prático”).

Entre outras obras importantes da lexicografia portuguesa do século XIX podemos citar o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, para Melo (1947, 40-3), “obra que traça novos rumos à lexicografia portuguesa”, porque reúne *in vivo* exemplos do léxico, embora registre das abonações escritas apenas o autor, sem obra, edição e página. Foi publicado pela primeira vez em 1881, em Lisboa, pela Imprensa Nacional, cujo plano foi

<sup>15</sup> “O *Elucidário* (cf. Viterbo 1798/1799) de Fr. Joaquim de Santa Rosa (1744-1822) feito com base (inconfesso furto) nos ms. de Fr. Bernardo da Encarnação (Fiúza 1965,53 s.), é um valioso (apesar de incompleto), dicionário de português arcaico [...]” (VERDELHO, 2007, p. 26)



elaborado por Francisco Júlio de Caldas Aulete (1823-1878) e, por conta de seu falecimento, finalizado Antônio Lopes dos Santos Valente (1839-1896). No século XX, a obra foi reeditada em Portugal por duas vezes (1925 e 1948) e, posteriormente, ganhou cinco edições brasileiras: 1958, 1964, 1974, 1980 e 1987. O nome conquistado no Brasil rendeu a essa edição original, de 200 mil verbetes, o projeto de um novo dicionário, acrescido de 86 mil, com uma proposta de acervo renovável e banco de dados constantemente atualizado, inclusive pelas contribuições dos consulentes, que passam pelo crivo do lexicógrafo antes de integrar a obra<sup>16</sup>.

Biderman (2003, p. 56) reafirma a supremacia do dicionário de Moraes e Silva, o qual “durante todo o século XIX e mesmo no século XX, [...] constituiu uma referência lexicográfica fundamental da língua portuguesa, podendo ser considerado a primeira codificação abrangente do léxico português”. Melo (1947, p. 15) destaca que apenas até a quarta edição (1831), mesmo póstuma, mantém-se grande parte do trabalho do autor, cujo plano se perdeu nas edições seguintes. Sobre a 10ª edição (1949), Biderman (2003, p. 56) afirma que é: “uma obra já extremamente distanciada da original e [que], a rigor, nem deveria ser batizada com o nome de Moraes. Trata-se da versão dirigida por José Pedro Machado e publicada pelo Editorial Confluência, 1949-1957, em doze volumes”.

É destaque também no século XIX, além de Moraes e Aulete, o *Grande dicionário português* ou *Tesouro da língua portuguesa*, de Frei Domingos Vieira (1871-1874), que registra “uma ampla nomenclatura; em geral define bem as palavras; inclui um grande número de locuções, combinatórias, expressões idiomáticas e provérbios, além de abonações das palavras-entrada.” (Biderman, 2003, p. 57). Melo (1947, p. 29-30) menciona, com elogios e boa acolhida do público, “que lhe foi esgotando edições sucessivas”, o *Novo Dicionário crítico e etymologico da lingua portuguesa*, de Francisco Solano Constâncio. Biderman também menciona, sem conceder destaque, o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, cuja primeira edição é de 1899.

No Brasil, ainda durante todo o século XIX, há os dicionários parciais, destinados a complementar as obras portuguesas,

como o de Rubim<sup>4</sup>, em 1853, os dicionários de regionalismos, como o de Coruja<sup>5</sup>, de 1852, e já no final do século os dicionários de brasileirismos, como os de Rohan<sup>6</sup>, de 1889, e Soares<sup>7</sup>, de 1888.

4 RUBIM, Braz da Costa. Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa.

5 CORUJA, Antônio Álvares Pereira. Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

6 ROHAN, Visconde de Beaurepaire. Dicionário de vocábulos brasileiros.

7 SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. Dicionário brasileiro da língua portuguesa.

<sup>16</sup> [www.auletedigital.com.br](http://www.auletedigital.com.br)

(NUNES, 2008, p. 354)

Assim, os dicionários gerais brasileiros ganham vida no século XX. Na primeira metade do século, foram editados sem sucesso os dicionários de Laudelino Freire (*Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*), de 1939-44, que não teve uma segunda edição, embora tivesse méritos, como a riqueza vocabular, “com a inclusão de muitas locuções e expressões, neologismos e termos técnicos” e a tentativa de padronização da ortografia, caótica à época (BIDERMAN, 2003, p. 58), e o de Antenor Nascentes, feito por encomenda da Academia Brasileira de Letras, concluído em 1943, mas publicado apenas em 1961. Sobre este, o fracasso acontece

primeiro, porque foi publicado muitos anos depois de concluído e não há nada que envelheça mais do que o léxico; segundo, porque resultou em obra volumosa e o público comprovadamente prefere compulsar uma obra lexicográfica em apenas um volume e que lhe custe menos. (BIDERMAN, 2003, p. 57)

O dicionário da Academia, que pode ser designado também como o Dicionário de Nascentes, porque é autoral, pretendia reproduzir com rigor e autoridade o que a Academia recomenda como padrão de língua e de norma e não descrever a língua em uso. Sobre isso, é interessante dar voz ao próprio Nascentes, que sem seu prefácio afirma que “à semelhança do que fizeram as academias de Espanha e Itália, este dicionário não traz abonações, os escritores têm de citar a academia e não a academia citar os escritores”, revestindo a obra do caráter prescritivo da autoridade que domina a língua e, por isso, deve ser modelo de seu bom uso.

O grande marco na lexicografia brasileira do século XX é o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Gustavo Barroso e Hildebrando Lima, de 1938, pois somente com ele

o português brasileiro passou a contar com um dicionário que registrou seu patrimônio lexical: o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP), obra modesta e de porte reduzido [...], um instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua e ferramenta básica na consolidação de uma língua escrita e literária.

A grande contribuição foi a autenticidade de um registro da norma linguística e do léxico brasileiro, o que trouxe à obra grande sucesso e onze edições. Na 3ª edição, de 1942, somaram-se mais de cem mil vendas e Aurélio Buarque de Holanda era colaborador e editor, papel que se ampliou a partir da 6ª edição sucessivamente até que o fechamento da Editora Civilização Brasileira, em 1967. O vazio deixado por essa obra só veio ser preenchido quando Aurélio Buarque de Holanda publicou a primeira edição de seu dicionário, em 1975. (BIDERMAN, 2003, p. 58-59).

A obra figurou absoluta na segunda metade do século XX, um momento em que “o Brasil já se tornara uma nação moderna e carecia tremendamente de um dicionário para

preencher suas necessidades básicas de fornecer um padrão lingüístico e lexical e, mais ainda, um padrão ortográfico.” (BIDERMAN, 2003, p. 59). Nunes (2008) cita como representativo também o *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*, de Adalberto Prado Silva, mas este não chegou a fazer frente ao Aurélio, que em sucessivas edições se manteve como fonte absoluta de referência no Brasil, em parte por não ter concorrentes de peso, mas também por ser editado em volume único e ser um dicionário de porte médio. Welker (2006b, p. 74) completa o histórico desta primeira fase citando:

*Dicionário Prático da Língua Nacional* (1946), de José Mesquita de Carvalho.  
*Dicionário Brasileiro Contemporâneo* (1953), em um volume, organizado por Francisco Fernandes, com colaboração de F. Marques Guimarães.

A obra de referência que dividiu espaço com Aurélio surgiu somente em 2001, com a edição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. O Caldas Aulete foi editado apenas em suporte eletrônico e em 2006, após a edição do *Minidicionário Caldas Aulete*, em 2004, e assim permanece até hoje, sem edições de papel, com possibilidade de uma edição em 2012.

Tanto Welker (2004, 2006) quanto Biderman (2003) destacam Houaiss e Aurélio como referência e exemplo de dicionários feitos sem base em *corpus*. Essa é a grande diferença entre esses dois dicionários e os dois editados por Francisco da Silva Borba: *Dicionário de Usos do Português* e *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Sobre essas diferenças, Welker ressalta que

Por um lado, eles são mais úteis porque o consulente encontra neles muitas palavras que pertencem a línguas especializadas, regionalismos, arcaísmos etc., ou seja, itens lexicais que ele pode encontrar em algum texto e cujo significado ignora. Por outro lado, não é recomendável que sejam usados na produção de textos, pois, devido à falta de informações, o consulente poderia escolher palavras que não se empregam mais (ou não na norma culta). Mesmo no caso das palavras pertencentes ao português brasileiro padrão, o usuário não é informado sobre como empregá-las; ou seja, faltam informações sintático-semânticas. (WELKER, 2006, p. 76)

Entende-se, com isso, que existem duas propostas diferentes, embora o ideal seja, para a firmeza dos dados, basear as ocorrências em *corpus*. Os dicionários *Houaiss* e *Aurélio* usam como fontes de registro também obras antigas, o que pode ser considerado um *corpus* lexicográfico, com suas vantagens e desvantagens.

Usar outras obras pressupõe também observar apenas a língua estática, “em estado de dicionário” e conservar uma norma que está desatualizada com a norma que o dicionário deve registrar, deixando ainda mais parada a água do poço e afastando ainda mais a obra da dinâmica da língua, já restrita às regras formais rígidas de um gênero marcado, em sua própria essência, de uma certa artificialidade que se contrapõe à espontaneidade da prosa regular da língua. Com isso, a defasagem pode resultar em uma postura excessivamente conservadora que não contempla fatos mais recentes integrantes da norma e que não é nem recorte de uma

cronologia nem representação da norma (por exemplo, uma palavra informal há 50 anos pode não receber este rótulo hoje).

Tudo depende, no entanto, de regular a produção da obra, o que inclui tomar decisões sistemáticas, idealmente a partir de um *corpus*, ainda que específico, da própria vivência linguística da equipe e de obras específicas de um dialeto, de um recorte cronológico mais recente. Há também o risco grave de perpetuar os vícios da tradição, embora essa mesma tradição ajude, ainda que de forma imperfeita, a manter o patrimônio da língua e o caráter normativo do dicionário geral de língua. Sobre o uso do *corpus* em um dicionário geral de língua, Biderman (2003, p. 62) afirma que

A dicionarística moderna se baseia em um *corpus informatizado de referência* para a extração e a seleção das entradas (lemas) do dicionário. Em se tratando de um grande dicionário geral da língua, esse *corpus* precisaria ter grandes dimensões e ser muito diversificado para pretender representar o acervo lexical da língua. (BIDERMAN, 2003, p. 62)

A grande valia do DUP legitima uma prática lexicográfica com base num *corpus* que, de certa forma, remete ao mesmo processo do Vocabulário de Bluteau, que, no século XVIII, afirmou que “não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, & deste uso não há evidência mais certa, & permanente, que a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritos ou impressos” (*apud* BIDERMAN, 2003, p. 55).

## 2.5. O dicionário “em si”, o verbete *dicionário* nas obras

**dicionário** [Do lat. med. *dictionariu.*] Substantivo masculino. 1. Conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua. 2. Obra ou livro que os consigna: “Para todas as coisas: dicionário / Para que fiquem prontas: paciência” (Nando Reis, na canção *Diariamente*). [Sin. (pop.), nesta acepç.: *desmancha-dúvidas, pai dos burros, tira-teimas.*] 3. Exemplar de uma dessas obras. 4. Dicionário vivo. [Cf. *dicionario*, do v. *dicionariar.*] Dicionário de dados. Inform. Documento originado no projeto conceitual de um sistema de informações, e que define nomes, significados, domínios e outras características específicas dos itens que constituirão o banco de dados do sistema (21). Dicionário eletrônico. Inform. Modalidade eletrônica de dicionário (2). Dicionário vivo. V. *enciclopédia* (3)<sup>17</sup>. [Tb. se diz apenas *dicionário*.] [DALP]

**dicionário** *s.m.* (1563) **1** LEX compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencionada, ger. alfabética, e que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. <*d. de sinônimos e antônimos*> <*d. analógico*> **2** *p.ext.* LEX compilação de alguns dos vocábulos empr. por um indivíduo (p.ex., um escritor), um grupo de indivíduos, ou us. numa época, num

<sup>17</sup> **Enciclopédia** 3. Fig. Indivíduo de vastos conhecimentos, de muito saber; enciclopédia viva; enciclopédico; dicionário vivo; dicionário. [DALP]

movimento etc., ou ainda de informações ou referências sobre qualquer tema ou ramo do conhecimento; glossário, vocabulário <d. de Os Lusíadas> <d. do açúcar> **3** *p.met.* BIBL livro, ou qualquer outro suporte de mensagem auditiva, visual etc., que contém tais compilações <d. eletrônico> **4** *fig.* pessoa ou coisa vista como repositório de extensos conhecimentos, de informações de ordem cultural, social etc. <a arte cristã foi durante séculos o d. das crenças e costumes do Ocidente>  
**d. ambulante** ou **vivo** *fig.* m.q. **ENCICLOPÉDIA VIVA** • **d. eletrônico** o que é apresentado em suporte informático, contendo um ou mais discos (CD-ROM) © ETIM lat.medv. *dictionarium* ou *dictionarius* (sc. *liber*) 'repertório de *dictiones* (frases ou palavras)', através do fr. *dictionnaire* 'id.' © SIN/VAR desmanchadúvidas, glossário, léxico, léxicon, pai dos burros, tira-teimas, tesouro, vocabulário © PAR *dicionario*(fl.dicionariar) [DHLP]

Observando as remissões e o próprio texto desse verbete, podemos traçar que elementos marcam uma identidade entre o dicionário e outros gêneros importantes para o estudo da língua e seu uso eficiente (como a gramática, os glossários, os vocabulários) e, com relação ao aprimoramento de conhecimentos extralinguísticos, a enciclopédia, que, embora de natureza distinta, guarda semelhanças com o dicionário. Um problema que a definição traz é o dicionário como conjunto de todas as unidades léxicas e palavras de uma língua, ou seja, do léxico de uma língua, o que é impraticável por ser o léxico um conjunto virtual de elementos. Essa universalidade do dicionário é parte do que Orlandi (2000, p. 98) aponta como

efeito de completude da representação da língua no dicionário. Em outras palavras, consideramos que o dicionário assegura, em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade: supõe-se que o dicionário contenha (todas) as palavras da língua.

Quando o dicionarista materializa isso na definição, endossa a noção comum e leiga de que a universalidade é possível. Entendemos, então, que o verbete *dicionário* não se ancora, nesse aspecto, em base linguística e que o dicionarista não se investe do saber linguístico, optando por cultivar no imaginário do leitor uma representação que na prática não se sustenta. O dicionário, como seleção de uma fatia do léxico, está presente apenas para designar o recorte da língua que abrange “termos próprios duma ciência ou arte” (DALP) ou “certas categorias específicas [das unidades léxicas]” (DHLP).

Os dois verbetes seguem o mesmo caminho na descrição da entrada: partem do abstrato (compilação), para, num processo metonímico, designar a obra (livro, suporte eletrônico) e, por metáfora, quem tem muito conhecimento. A máxima de que o dicionário é colaboração (XATARA, 2010, p. 175) também se aplica pela definição com palavras coletivas (*compilação* e *conjunto*) e na variedade de tipologia dicionarística, que aparece nos inúmeros conectivos *ou* e na manutenção da definição aberta pelo *etc.*

Como observamos no seu estabelecimento como gênero, a parte formal também é importante na caracterização do que é um dicionário, pois seus elementos são “dispostos, em

geral, alfabeticamente” (DALP) e suas unidades “organizadas numa ordem convencional, ger. alfabética,” (DHLP). Vale marcar que a alfabetização é modalizada pelo *geralmente* e pelo *em geral* garantindo que esse é o padrão, mas não é a única forma de ordenar os elementos integrantes do dicionário.

Para resumir o panorama das características que mencionamos diluídas no gênero e observadas panoramicamente nos verbetes, reproduzimos o verbebo *dicionário*, presente no *Dicionário de gêneros textuais* (COSTA, 2008, p. 83), que transcreve literalmente a definição 1 do DHLP (em destaque na citação), já presente na edição do GHLP (2001), o que também demonstra em termos práticos que a lexicografia se faz também de visitas a outras obras do gênero.

**DICIONÁRIO (v. ENCICLOPÉDIA, GLOSSÁRIO, VOCABULÁRIO, WIKIPÉDIA):** compilação completa ou parcial de unidades léxicas (palavras, locuções, afixos, etc.) ou de certas categorias específicas de uma língua, organizadas numa forma convencional, geralmente alfabética, que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia, etc. Há dicionários de vários tipos, sendo mais comuns aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua. Na lexicologia, por extensão de sentido, dicionário pode ser usado como equivalente de glossário (v.), vocabulário (v.), com compilações várias, ou de vocábulos, de opiniões, ideias, ou de informações sobre alguma área do saber ou fazer humanos, como este dicionário.



Quino. 2003. *Toda Mafalda*. Martins Fontes: São Paulo

### 3. A MICROESTRUTURA

#### 3.1 O verbete como gênero textual

Dentre os gêneros que o dicionário agrega, o que recebe foco principal de quem o consulta é o verbete, outro texto agregador de textos e discursos, o que sobrepõe um texto-colônia sobre outro, pois, assim como o dicionário é uma reunião de verbetes, os verbetes reúnem acepções, a partir de uma entrada, que encabeça o verbete e que está ordenada alfabeticamente na macroestrutura. Para iniciar nossas observações, transcrevemos o verbete *verbeta* do *Dicionário de gêneros textuais* (COSTA, 2008, p. 176):

**VERBETE** (v. ARTIGO, CHAMADA, ENTRADA, RUBRICA, TÍTULO, VERBETE): em lexicografia, cada entrada (v.) de dicionário (v.), enciclopédia (v.), glossário (v.), etc. constitui um verbete. Cada verbete se caracteriza pelo conjunto das acepções, das definições, exemplos e outras informações específicas. Predomina a linguagem referencial das definições, com correferências a vários campos do conhecimento, as chamadas rubricas (v.)

Além da constatação óbvia de que, por constar num dicionário de gêneros, o verbete só pode ser um gênero, vamos tentar explorar algumas de suas características, especialmente a partir do norte constante em Dionisio (2002). No artigo, a autora observa o uso do gênero em suportes contextuais que transcendem o dicionário, pois ele pode ser veiculado, por exemplo, em revistas, jornais, livros didáticos – recurso que acabamos de usar ao deslocar um verbete para este capítulo. Essa seria, então, a primeira característica, a autonomia que o faz extrapolar a obra lexicográfica e, ainda assim, ser reconhecido como gênero textual pertencente ao dicionário. Isso se deve em grande parte às suas características formais<sup>18</sup>, apesar de a identificação e classificação da maioria dos gêneros acontecer mais por sua função sociocomunicativa. Entretanto, segundo Marcuschi (2002, p. 21),

é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos, serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o

<sup>18</sup> Por conta de suas características formais marcadas, os verbetes nos dicionários trabalham com uma série de elementos gráficos, que envolvem tipo e tamanho de fonte, cor, símbolos, realce que marcam os mais diferentes setores, como acepções, numeração, entrada, exemplos. Porém, neste trabalho, uniformizamos as ocorrências por questões práticas, uma vez que a formatação se perdia no processo de transpor o verbete do dicionário para o arquivo, e também porque esses aspectos não são determinantes para nossas análises.

próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente.

No caso específico do verbete, também conhecido como artigo (CORREIA, 2009, p. 129), sua mobilidade de inserção em outros textos o valida como gênero, assim como também valida o dicionário como uma colônia textual. Também por conta dessa autonomia, que se respalda em grande parte pela estrutura mais rígida de sua composição, podemos afirmar que a forma é mais característica desse gênero do que seu tema, visto que possibilita sua identificação nos mais diferentes gêneros.

Em um dicionário geral de língua, a forma básica desse gênero consiste de uma entrada, geralmente uma palavra, seguida de dados gramaticais (por exemplo, ortografia, ortoépia, separação silábica), enquadramento em uma classe gramatical e acepções, ordenadas por números, uma característica do texto-colônia, e às vezes marcadas por rubricas (marinha, medicina, direito etc.), níveis de registro (informal, formal, poético, popular, chulo). A definição da ordem das acepções pode seguir diferentes caminhos, como, por exemplo, uma orientação semântica, agregando acepções que são semelhantes, ou histórica, registrando a primeira acepção segundo fontes de datação.

O verbete, assim como o dicionário, é uma voz de autoridade que pode atravessar um texto jornalístico, didático, um artigo, funcionar como um recorte do dicionário que, materializado em sua microestrutura, pode auxiliar na elucidação de termos obscuros ou pouco conhecidos, pode servir como um argumento, epígrafe.

Considerando que a forma do verbete pode mudar de acordo com o dicionário, e privilegiando o percurso semasiológico, podemos afirmar que em geral esse gênero pressupõe um enunciado parcial, que não admite a ordem direta ou colocação do sujeito. Normalmente o verbete se desdobra em uma oração ou em uma locução de mesma classe gramatical da entrada, de modo que o ideal é que se possa substituir um pelo outro no exemplo. Isso fica mais visível em adjetivos e verbos, por exemplo, mas em substantivos, como é o caso de alguns derivados em *-ismo*, a correlação não é necessária, até mesmo pela quantidade de informações enciclopédicas que esse tipo de verbete pode veicular e pela natureza nominativa, mais atrativa ao consulente por suas informações do que suas propriedades morfossintáticas.

**marxismo** \cs\ s.m. (sXX) ECON FIL POL SOC 1 conjunto de concepções elaboradas por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) que, baseadas na economia política inglesa do início do sXIX, na filosofia idealista alemã (esp. Hegel) e na tradição do pensamento socialista inglês e francês (esp. o chamado *socialismo utópico*), influenciaram profundamente a filosofia e as ciências humanas da Modernidade, além de servir de doutrina ideológica para os países socialistas 2 reunião dos movimentos de natureza política, econômica, social, cultural etc., fundamentados nessas concepções © ETIM antr. Karl Marx (1818-1883, filósofo, sociólogo, economista e político socialista alemão) + *-ismo* [DHLP]



**marxismo** (cs) [Do antr. Marx + -ismo.] **Substantivo masculino.** 1.Filos. Doutrina dos teóricos do socialismo, os filósofos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), fundada no materialismo dialético, e que se desenvolveu através das teorias da luta de classes e da elaboração do relacionamento entre o capital e o trabalho, do que resultou a criação da teoria e da tática da revolução proletária. [DALP]

-----  
**dourado** *adj.* (sXIII) **1** que se dourou **2** que tem a cor amarelo-cobre do ouro; auricolor **3** revestido de tênue camada ou folha de ouro; ornado de ouro <*moldura d.*> **4** *fig.* que sugere ou evoca felicidade; feliz <*anos d.*> *s.m.* **5** cor do ouro **6** camada aderente de ouro que reveste um objeto **7** douração, douradura **8** ICT peixe teleósteo siluriforme, fluvial, da fam. dos pimelodídeos (*Brachyplatystoma flavicans*) de distribuição amazônica, com cerca de 1,5 m de comprimento, barbilhões curtos, porém ultrapassando a cabeça; doirada, dourada **9** ICT *B* design. comum a diversos peixes teleósteos, caraciformes, dulcícolas, da fam. dos caracídeos, do gên. *Salminus*, cuja carne é muito apreciada **9.1** ICT peixe que ocorre na bacia do rio São Francisco (*Salminus brevidens*), de coloração variando entre dourado e avermelhado, com cerca de 55 cm, sendo as fêmeas maiores; língua-roxa, piraiú, piraju, tubarana **9.2** ICT peixe que ocorre na bacia do rio Paraná (*S. maxillosus*), de comprimento variando entre 75 cm nos machos e até 1,16 m nas fêmeas, de coloração amarelo-dourada; piraiú, piraju, pirajuba, saijé, saipé **10** ICT m.q. **PEIXE-VERMELHO** (*Carassius auratus*) **11** ICT m.q. **DOURADO-DO-MAR** (*Coryphaena hippurus*) ETIM lat. *deaurátus, a, um* 'do(u/i)rado' SIN/VAR doirado; ver tb. sinonímia de *auricolor* ANT desdourado, desdoirado [DHLP]

**dourado** [Part. de dourar.] **Adjetivo.** 1.Da cor do ouro: *caneta dourada; luvas douradas; cabelos dourados.* 2.Revestido de camada ou folha de ouro: *a imagem dourada do santo.* 3.Enfeitado ou bordado a ouro: *Sua blusa era toda dourada.* 4.*Fig.* Feliz, alegre, despreocupado: *os anos dourados da vida.* ~ V. prata — a e sonho —. **Substantivo masculino.** 5.Douradura (2): *O dourado da caixa era todo trabalhado.* 6.V. douração (1). 7.A cor dourada: *o dourado do Sol.* 8.Bras. Zool. Peixe actinoptérgio, caraciforme, caracídeo (*Salminus brevidens*, do rio São Francisco, e *S. maxillosus*, da bacia do Paraná), carnívoros, de grande porte, coloração dourada tendente ao vermelho, muito apreciados para a pesca esportiva, e cuja carne é de primeira qualidade. Alcançam 1m de comprimento e 20kg de peso. [Sin.: piraju, pirajuba, saijé. Cf. saipé.] 9.Bras. Dourada (2). [Var.: doirado.] [DALP]

Também nesses dois verbetes, podemos observar outra características dos textos-colônia: as acepções 10 e 11 no DHLP remetem para outros verbetes (*peixe-vermelho* e *dourado-do-mar*), a organização não é em prosa contínua e sim pela numeração e a ordem das acepções ou os blocos de classe poderiam ocupar outra posição ou mesmo ser retirados, mudança que resultaria apenas em nova ordenação das acepções.

Apesar dessas características formais básicas, mesmo quando tratamos de dicionários monolíngues semasiológicos, vemos que o padrão de redação pode se alterar, como é o caso de interjeições e conjunções, em que se opta por descrever o uso ou o significado em vez de usar a fórmula básica da substituição de estruturas.

**ai** *interj.* (sXIII) **1** exprime dor, lamento, queixume e, por vezes, alegria *s.m.* **2** manifestação de sofrimento, dor, desespero <*ela se apiedou pelos seus ais*> <*ele soltava um ai no final de cada frase*> **ai de** pobre de, desgraçado de, infeliz <*ai de mim*> <*ai dela*> • **num ai** num instante, num átimo, num repente ETIM gr. *ai*, lat. *ai*, prov. orig. expressiva ou onomatopaica SIN/VAR como subst.: ver sinonímia de *queixume* PAR *ai*(adv., interj. e s.m.) [DHLP, 2009]

**porquanto** *conj.coord.* (1346) sintaticamente, liga orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas; quanto ao sentido, é us. como *conj.expl.*, introduzindo o segmento que, basicamente, denota uma justificação, explicação para o que foi dito anteriormente: *porque; visto que, já que* <*não aceitou o convite para jantar, p. antipatizava secretamente com o anfitrião*> ETIM prep. *por* + adj. *quanto* [DHLP, 2009]

Voltando a atenção para os dicionários infantis por um breve momento, podemos ampliar essa flexibilização, especialmente porque esse tipo de dicionário tem por objetivo ser uma obra intermediária, entre o dicionário e o livro, nem tão recortada textualmente quanto o dicionário, mas nem tão costurada quanto o livro comum. Por exemplo, dicionários infantis podem trazer uma adaptação dessa forma contendo entrada, separação silábica, classe, mas, após isso, diluir o enunciado segmentado e substitutivo por um completo, na ordem direta, muitas vezes, incorporando a linguagem oral ao texto, recurso de aplicação mais difícil nos dicionários gerais para o público adulto, especialmente porque as definições demandam mais espaço, como veremos na seção seguinte deste capítulo, sobre as definições. Sobre isso, observemos o seguinte verbete do *Meu primeiro dicionário Houaiss*, de 2005.

**palpite**

(pal.pi.te : substantivo)

1. Dar **palpite** é dar uma opinião sobre um assunto que você às vezes não conhece bem. *Não gosto quando Paula dá **palpite** no meu trabalho.*
2. Quando você tem um **palpite**, você acha que sabe o que vai acontecer. *Qual é o seu **palpite** para o jogo de amanhã?*

Há segmentação da prosa, pois uma oração se interrompe e outra assume uma nova formatação, o início da primeira linha não traz palavra com maiúscula e a acepção 1 na verdade define “dar palpite” e não a palavra *palpite* em si, a acepção 2 exemplifica o uso, função que se sobrepõe à da definição e é retomada pelo exemplo em si, em itálico. Todas essas decisões de flexibilização vão aos poucos adaptando à forma marcante do verbete a criança que aprende a ler e fará uso de dicionários no decorrer de sua vida escolar e pessoal. É dessa forma que os falantes solidificam as regras do contrato de comunicação entre consulente e lexicógrafo e a familiarização com a estrutura de um gênero cujas características formais são mais marcadas.

Por ter forma bem característica, que possibilita inclusive desvinculá-lo do suporte convencional, o verbete seria, *grosso modo*, uma versão formal reduzida – exatamente a microestrutura – da organização do dicionário como um todo. Essa visão do macro para o micro respalda-se mesmo pelo uso que fazemos do dicionário, do *scanning* ao *skimming*, da localização da palavra na lista de entradas à localização da acepção na lista de unidades que compõem o verbete. Essa autonomia também favorece a remissão e a interligação cada vez maior entre as unidades componentes do dicionário, cuja natureza sempre foi a do hipertexto, trânsito materializado pela tecnologia, que pode vir a esvaziar a função da ordenação alfabética da macroestrutura.

Mesmo entre as acepções ocorrem remissões, às vezes de uma para outra acepção e existem elos de coesão que remetem ao fluxo textual e atuam como referência anafórica,

como é o caso de *por extensão*, *por metonímia*, *por metáfora*, *figurado*, marcas formais que nos levam a entender a acepção marcada como derivada da anterior ou de uma anterior sinalizada na remissão. As acepções são outro foco ainda menor da microestrutura e, num capítulo sobre o verbete como gênero textual, entendemos que é importante focar ainda mais o olhar na microestrutura e explorar como devem ser as definições dos dicionários gerais de língua e algumas questões que elas trazem consigo tanto na sua construção quanto na sua recepção.

### 3.2 Como devem ser as definições?

Se o dicionário geral de língua a maioria das vezes é usado para elucidar dúvidas referentes ao significado das palavras, “as paráfrases definidoras cumprem a função mais importante na microestrutura desse tipo de obra”. (Farias, 2009, p. 73). Por isso, tendo em mente as regras do contrato de comunicação, o dicionarista busca redigir definições que atendam às necessidades dos consulentes. Entretanto, como já vimos, o dicionário tem falhas e nem sempre o consulente vai se ver refletido no que lê, como é o caso de Mafalda na tirinha que abre este capítulo. Às vezes, também como é o caso ilustrado na tirinha, a impossibilidade de se ver na obra ocorre por dificuldades do próprio leitor, como ideias preconcebidas com relação a palavras, definições e uso ou falta de habilidade para consultar da obra.

O que, então, é uma boa definição? Na mente do leitor, aquela que atenda ao seu objetivo, na mente do lexicógrafo, como bem definiu Landau (1989), aquela que atenda bem ao leitor, uma vez que os “lexicógrafos estão preocupados em explicar algo que seus leitores vão entender.”<sup>19</sup>

São muitos os objetivos dos consulentes, e muito diverso é o público que consulta o dicionário. Nos dicionários semasiológicos gerais, espera-se que uma definição seja precisa o suficiente para distinguir um referente e clara o suficiente para ser acessível ao maior número possível de consulentes. Em sua gramática, Castilho (2010, p. 112) cita os quatro tipos de definição metalinguística identificados por Copi: definições estipulativas, teóricas, persuasivas e lexicográficas. As estipulativas estabelecem “um sentido a uma palavra, ocorrendo em textos, visando facilitar o trabalho do leitor/ouvinte” e “aparecem na literatura científica”. As teóricas “são menos convencionais que as definições estipulativas, partindo de uma teoria que se aceita” e, portanto, já estão estabelecidas. As persuasivas “são formuladas não tanto para informar, mas para evocar emoções e influenciar atitudes”, visto que induzem

---

<sup>19</sup> Tradução minha, a partir do original: “[...] lexicographers are concerned with explaining something their readers will understand.”

o outro a um caminho previamente estabelecido que revela uma tomada de posição do locutor, como é o caso das definições por negação, que conduzem o outro a ir contra o que se define.

As lexicográficas

informam sobre o sentido das palavras comumente estabelecido, apanhando a média das posições das pessoas a respeito dessa palavra. Ela não pode ser teórica, pois o leitor do dicionário não é necessariamente um cientista, nem persuasiva, pois quem comprou um dicionário não quer ser doutrinado. (CASTILHO, 2010, p. 112)

Essa perspectiva de definição lexicográfica nos interessa em particular por ser ancorada em bases discursivas, uma vez que considera o leitor prototípico do dicionário (nem um cientista, nem um sectário) e a condição do dicionário como o registro de um uso. Guardadas as variações que decorrem da tipologia dicionarística, deduzimos que a definição lexicográfica a que Copi se referia se baseia no uso de uma palavra – e parte, com isso, do uso para a descrição – e em uma linguagem adequada à norma padrão, neutra – pois não visa persuadir – e não especializada.

A tarefa de definir traz em sua essência lidar com dois fatores: a intensão (conjunto de propriedades semânticas inerentes das palavras) e a extensão (conjunto de indivíduos denotados através das propriedades lexicais das palavras), que combinam a semântica da língua e a referência ao mundo. Entretanto, como bem afirma Castilho (2010, p. 112), essas propriedades

não contornam a dificuldade original das definições de palavra, que é tratar uma palavra valendo-se de outras palavras. Com isso, podemos encontrar num verbete as mesmas dificuldades que nos levam a abrir o dicionário e tentar nos esclarecer sobre uma dificuldade inicial. Coisas da vida.

Isso significa que, apesar de seguir regras, toda definição será, por sua própria natureza, deficiente, no sentido de que sempre contará com outras palavras e seus conceitos para definir um vocábulo e, em algum momento, os conceitos e as definições podem levar a uma circularidade de descrição, que mais confunde do que esclarece. Assim, *enganar é lograr*, que é *burlar*, que é *enganar*. Esse problema é mais comum quando se usa a sinonimização, embora não seja essa a forma ideal de definição, uma vez que vai remeter o consulente a vários outros verbetes, que também não esclarecerão sua dúvida sobre o significado da palavra como o faria uma paráfrase. Porém, nada em lexicografia é tão simples e, em alguns casos, especialmente de uma definição extensa para uma palavra simples, a sinonimização pode ajudar mais do que atrapalhar o leitor. Novamente, muitos são os casos em que se usa o dicionário e muitos são os consulentes.

Um dos métodos usados para construir a definição tem sua base em Aristóteles e caracteriza-se por usar um termo geral e determinantes específicos que possam distinguir o lexema definido na classe em que está incluído (LANDAU, 1989, p. 124), ou seja, esse

tipo de paráfrase é composta por um termo descritor, que é um hiperônimo da unidade definida (*genus proximum*), e um ou mais especificadores que cumprem a função de caracterizar a unidade definida, diferenciando-a dos seus co-hipônimos (*differentiae specifica*). (FARIAS, 2009, p. 76)

É um exemplo desse tipo de definição o que se fez no DHLP em *cão*, verbete no qual *mamífero* é o hiperônimo e *carnívoro da família dos canídeos* são os especificadores

**cão** *s.m.* (1152) **1** MASTZOO mamífero carnívoro da fam. dos canídeos (*Canis familiaris*), provavelmente originado a partir de populações selvagens do lobo eurasiático (*Canis lupus*), encontrado no mundo todo como animal doméstico; cachorro, perro [Na Austrália e Nova Guiné, é encontrado tb. em estado feral].

Esse tipo de definição, comum em dicionários semasiológicos monolíngues, atende ao princípio da substituição da perífrase num enunciado, mas encontrar um hiperônimo que se especifique nem sempre é possível e qualquer modelo ainda mais rígido de definição pode dificultar outro objetivo: a inteligibilidade.

Outra forma de definição apresentada por Farias (2009) é a contextual (*whole-sentence definition*) em que se apresenta primeiro a palavra num contexto e, depois, a definição propriamente dita, como ocorre, por exemplo, no *Collins Cobuild Compact English Learner's Dictionary* e no *Meu primeiro dicionário Houaiss*, como vimos no verbete *palpite*, já destacado anteriormente. As definições contextuais, excelentes para a exploração das relações sintagmáticas nas quais se encaixa o lexema, são menos abstratas e mais completas “porque não somente definem a palavra-entrada, mas mostram para o consulente o efeito de sentido provocado pelo uso do lexema definido.” (FARIAS, 2009, p. 77), porém servem melhor a adjetivos, advérbios e verbos, sendo menos eficazes com substantivos.

É um fato que as técnicas de redação possuem limitações, surpreendidas pelas nuances da língua e por especificidades de classes de palavras ou mesmo de algumas entradas. Então que caminhos devemos seguir para entender o que deve conter uma definição lexicográfica?

Beneduzi (2004, p. 189) afirma que a definição no dicionário “deve preocupar-se primeiramente em explicar o que a palavra em questão significa (‘metalinguagem de conteúdo’) e não o que é, como e para que se emprega (‘metalinguagem de signo’).” Gil (2009, p. 18) também esclarece que

em lexicografia, nomeadamente na tradição francesa, mantém-se ainda a distinção entre “*définition de mot*” e “*définition de chose*” (distinção de longa data, amplamente debatida ao longo dos sécs. XVII e XVIII): o dicionário informará sobre as unidades lexicais — e não sobre os referentes dessas unidades. [...] A “*définition de mot*” poderá reconhecer-se pelo uso do verbo *significar* (*x significa y*), enquanto na “*définition de chose*” se liga definido e definição pelo verbo *ser* (*x é um y que...*).

Nem sempre essa equivalência é observada e há casos em que as duas perífrases são válidas e casos em que as duas não são, por não ser possível encaixar o verbo implícito entre a definição e o lexema. As conjunções, por exemplo, não costumam se encaixar em nenhuma das duas fórmulas, salvo em casos menos frequentes de sinonimização, como no DALP, em que “porém [significa] contudo”<sup>20</sup>. Assim, embora façam metalinguagem de signo, informando como é usado, para que serve, não se encaixam nas duas fórmulas, porque costumam ser descritas por sua função discursiva, como neste exemplo do DHLP:

**porém** *conj.coord.* (sXIII) **1** *conj.advrs.* introduz ou finaliza uma oração ou um período cujo conteúdo faz oposição ou restrição ao que foi dito na oração anterior; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante <ele disse que viria; p., até agora não chegou> <divirta-se bastante, fazendo, p., os deveres de casa> [...] DHLP

Também há casos em que a definição pode ser aplicada às duas fórmulas, como é o caso de *capitalismo* que tanto *significa* quanto *é um* “sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro” (DHLP), como nos esclarece Gil (2009, p. 18), que vai além ao explicar outras diferenças entre os dois tipos de definição:

As “*définitions de mots*”, designadas também como definições nominais ou definições de nomes, definiriam palavras ou conceitos desconhecidos através de palavras ou conceitos conhecidos [...]. As “*définitions de choses*” consistiriam em referir as qualidades e atributos de uma “coisa” de modo a clarificar a sua natureza.

Nesse ponto, entendemos que, se a definição é feita para que o leitor possa compreendê-la, é precisa o suficiente para se referir apenas à palavra que está sendo definida e não a outra, cumpriu seu principal papel, informando o que significa e também o que é. Acreditamos que o critério da informatividade deve ser relevante na construção da definição, uma vez que o uso excessivo de termos técnicos em uma definição, mesmo rubricada, pode codificar demais o texto para o leitor comum, como são, por exemplo, os verbetes de botânica nas obras estudadas. De qualquer forma, como todo dicionário é um recorte do léxico e é feito tendo em mente um consulente prototípico, também é uma questão de escolha usar termos técnicos e ser mais preciso ou usar definição mais genérica e menos precisa.

Como vimos, a fórmula “significa” ou “é um” deixa muitas lacunas. Além disso, necessitando da precisão para garantir que a definição descreva apenas aquele referente, as definições contêm informações enciclopédicas para delimitar a acepção. No DHLP e no DALP, em alguns verbetes as informações notadamente enciclopédicas vêm ao fim da

<sup>20</sup> **porém** [Do lat. *proinde*, ‘por conseguinte’, pelo arc. *porende*, ‘por isso’, com apócope.] Conjunção. 1. Contudo; mas; todavia. [...] DALP

definição, entre colchetes; tal marca formal, contudo, não garante a uniformidade de uso desse recurso.

Como muitas vezes não é possível delimitar as fronteiras entre língua e mundo, entre o que *significa* e o que *é*, as características de uma boa definição passam por outros critérios, como os de Martinez de Souza, citados por Beneduzi (2004, p. 188):

Para esse autor, a definição deve ser concisa (apresentar as informações essenciais em um único período), abrangente (corresponder rigorosamente à unidade léxica que define) e circular (substituir o termo definido sem alterar sua significação).

As regras de Martinez seguem as mesmas indicações de Landau, especialmente as três principais: evitar um circuito (geralmente por ter a definição apenas cognatos ou sinônimos), definir cada palavra usada na própria definição e ter a certeza de que a definição informa exatamente o que a palavra significa (LANDAU, 1989, p. 132)<sup>21</sup>. Ainda segundo Landau (1989, p. 132-138), a definição deve

- ser direta e, para isso, redigida e revisada à exaustão;
- poder substituir o lexema em vários contextos – o que não é possível, por exemplo, com as definições detalhadas de muitos termos técnicos;
- refletir as características gramaticais do lexema, ou seja, a perífrase deve atuar como se fosse um adjetivo, um substantivo, um verbo ou ser iniciada pela mesma classe da entrada;
- ser o mais simples, direta, sucinta e clara possível;
- evitar a ambiguidade, para garantir a precisão e a clareza da definição.

Todos esses critérios podem ser considerados no momento de redação e espelham a expectativa do consulente, que busca elucidar suas dúvidas e não ampliá-las. Entretanto, como também reconhece Landau, as condições de produção de uma obra pouco possibilitam em termos de revisão fundamental das definições, o que confirmamos no seguinte trecho, retirado de uma resenha sobre o livro *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*,

Em suma, o autor salienta que, na realidade, nenhum dicionário é totalmente novo e que, atualmente, os lexicógrafos modernos parecem ter muito cuidado com cada uma das tarefas que se propõem a executar. Porém, eles não têm tempo para refazer, muito menos para analisar os significados de todas as entradas lexicais das obras já existentes. Fica praticamente inviável analisar, por exemplo, as oitenta páginas do *Oxford English Dictionary* que definem o sentido de *self*. Esse é um trabalho árduo e que precisaria de muito tempo além daquele permitido pelas exigências frenéticas do mercado econômico. (CAMPOS e ROSSI, 2003, p. 244)

<sup>21</sup> “[...] there are three principles of defining: avoid circularity, define every word in a definition, and make sure that every word's definition says what the words means.” (LANDAU, 1989, p. 132)

Além disso, os dicionários usam-se e citam-se desde a Idade Média, o que perpetua certos vícios de definição e propaga erros, uma vez que nunca há tempo viável para rever e depurar aceção por aceção em busca da definição mais precisa, clara e simples. Isso significa que, por mais que uma equipe de lexicógrafos esteja empenhada em fazer de sua obra a mais pura expressão de um trabalho cuidado e fiel à língua, existem limitações financeiras, operacionais, físicas, cronológicas para cumprir a contento a tarefa de rever e reavaliar todas as definições de todas os verbetes da obra.

Além dos critérios de Landau referentes estritamente ao fazer lexicográfico, existe outra questão com que o redator se depara: o que descrever? O significado ou o mundo? Mais ainda: O que é descrição do significado e o que é descrição do mundo? Retornamos aqui a um problema já sinalizado no capítulo 2, quando colocamos em paralelo as noções de dicionário e enciclopédia e, para lidar com essas questões, buscamos algumas teorias que exploram diferentes formas de observar a linguagem e sua relação com o mundo.

Porém, temos em mente que, às vezes, é impossível traçar essas fronteiras e que o esgotamento da questão não nos cabe neste momento, em termos práticos e para os objetivos desta pesquisa. Para ecoar nossas dúvidas, resgatamos as palavras de Gil (2009, p. 19):

De resto, poderá perguntar-se até que ponto é possível uma demarcação nítida entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico: na prática, verifica-se na grande maioria dos casos a sobreposição entre um e outro – o que tem vindo a ser confirmado por trabalhos como os de Putnam, Rosch e Lakoff, que põem a tónica no modo como a mente humana apreende e ‘traduz’ linguisticamente o mundo.

### 3.3 Como se relacionam as palavras e as coisas do mundo?

Se as palavras representam as coisas do mundo, quais são as fronteiras entre o que é definição linguística e o que é definição enciclopédica? Buscando uma visão simplista, se levarmos em conta que o dicionário se preocupa com a informação de dados sistêmicos da língua, como pronúncia, flexão, classe, e a enciclopédia não, porque seu foco é o extralinguístico, as limitações são mais claras, pois na enciclopédia geralmente não se encontram as descrições de características sistêmicas de língua ou mesmo de uso. Porém a distinção não se encerra na oposição *dicionário* x *enciclopédia*, porque as duas formas de definição não são polarizadas assim como nem sempre são nítidas as fronteiras entre mundo e língua.

Buscar a forma como as palavras se relacionam às coisas é uma questão que instiga os filósofos desde a Antiguidade, uma vez que

“[...] as questões relativas ao conhecimento da essência da natureza humana e do comportamento humano encontram-se no centro das investigações dos filósofos, e, estes, ao pensá-las, invariavelmente se vêem ante a necessidade de resolver obstáculos da linguagem” (CARNEIRO, 1999, p. 135)



Os filósofos, mergulhados em questionamentos metafísicos, muitas vezes esbarravam em problemas de uma linguagem deficiente para representar as ideias e as coisas. O quadro de hermetismo teórico decorrente dessas investigações foi combatido por duas correntes filosóficas, reunidas sob o rótulo de *filosofia analítica*. Os novos filósofos da linguagem, sobretudo Bertrand Russel e Ludwig Wittgenstein, criticavam a linguagem obscura que cerceava o acesso às teorias filosóficas e instauravam a importância da dimensão pragmática no estudo da linguagem. (CARNEIRO, 1999, p. 127-9) A questão central desses filósofos era explorar como acontecia a relação entre a realidade e a linguagem:

Na prática da linguagem com finalidade comunicativa, a fixação e transmissão de informações, o intercâmbio de mensagens, que são decodificadas a partir dos sinais transmutados em signos plenos de significação, são necessidades provenientes das *formas de vida* que o homem tem desenvolvido ao longo de sua história. Essas *formas de vida* se constituem, também, em razão da natureza social e simbólica do homem. (CARNEIRO, 1999, p. 129)

Dessa forma, por meio da linguagem, era possível atingir o cerne de questões filosóficas em vez de ser a linguagem meio de entrave para entender o mundo e a representação simbólica que o homem faz dele. Concebe-se o homem, então, como um ser social e real que se constrói na linguagem e por meio dela, mas ainda está presente a questão de como ele se relaciona com a realidade, por meio da linguagem.

Gottlob Frege acreditava que essa relação entre realidade e linguagem estabelecia o significado de uma palavra como seu referente, noção que Rudolf Carnap desmontou “ao considerar, na análise do sentido, os níveis sintático, semântico e pragmático” (CARNEIRO, 1999, p. 145), contribuição que abriu as portas para os estudos de Wittgenstein, Austin e Searle.

Como a *filosofia da análise ordinária*, Wittgenstein muda o foco do estudo da linguagem como expressão de teorias e de esquemas mentais, isolados do contexto e do uso, e passa a observar a língua como produto dos usos feitos nos jogos de linguagem, “recortes das possibilidades de uso de uma palavra no espaço e no tempo” (CARNEIRO, 1999, p. 151), nos quais uma palavra terá tantos sentidos quantos forem seus usos. Para citar exemplos dos jogos de linguagem, Carneiro (1999, p. 151) busca as palavras de Wittgenstein:

Dar ordens e agir de acordo com elas. Descrever um objeto a partir do seu aspecto ou das suas medidas. Construir um objeto a partir de uma descrição (desenho). Relatar um acontecimento. Resolver adivinhas. Fazer uma piada: contá-la.

A dimensão pragmática da linguagem é, pois, o centro da conceituação dos jogos de linguagem e, por meio dela, chegamos à semântica dos enunciados, atingindo algo além do que a proposição a eles inerente. É no curso da observação dos atos enunciativos como ações de caráter social que John Austin explora a ideia de que *dizer é fazer*. Sua principal contribuição, dessa forma, reside na noção de que a língua deve ser observada como forma de ação e não apenas representação da realidade.

Na esteira das ideias de Wittgenstein e Frege, Austin entendia que a linguagem não é apenas ferramenta para descrever o mundo mas uma forma de atuar sobre ele, o que leva à primeira distinção de sua teoria. Os enunciados podem ser constativos – e, por sua condição, podem ser verdadeiros ou falsos, de acordo com a verificabilidade de sua referência – ou performativos – pois expressam uma intenção de o falante agir sobre o mundo ou sobre o interlocutor. Observada a natureza do nosso *corpus*, é natural classificar todos os enunciados nele constantes como constativos, dado que, referenciando o mundo, é possível avaliar sua verdade e verificar a consonância entre enunciado e referente.

Porém, essa distinção foi abandonada por Austin posteriormente, por conta de uma série de questionamentos acerca dessa classificação. O filósofo entende que “todos os enunciados são performativos (porque, no momento em que são enunciados, realizam algum tipo de ação)[,] e retomam três atos simultâneos que se realizam em cada enunciado: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário.” (SILVA, 2007, p. 77)

O ato locucionário diz respeito ao material linguístico do enunciado, abriga a sintaxe e as referências, o ato ilocucionário refere-se à intenção do enunciador ao construir uma proposição e o ato perlocucionário refere-se aos efeitos desse enunciado sobre o outro e sobre o mundo.

Nos casos das definições dos dicionários<sup>22</sup>, entendemos que o ato locucionário é o mais evidente, uma vez que tem como objetivo descrever um referente, o ato ilocucionário é aquele que buscamos nas outras vozes que se levantam para além da proposição, mostrando a intenção do enunciador em se comprometer ou não com o enunciado e, assim, influenciar o consulente, concretizando um ato perlocucionário. Este, por sua vez, para ser bem sucedido, deve atender ao que Austin denominou condições de felicidade, ou seja, deve atender a condições ideais para que seja plenamente realizado.

---

<sup>22</sup> Cabe uma ressalva sobre o uso desta teoria neste *corpus*. Os atos de fala de Austin e Searle se apoiaram na linguagem comum, cotidiana, ordinária, falada. O nosso *corpus* é constituído de textos escritos, presos a regras formais rígidas. Entendemos que, guardadas as características particulares como a instantaneidade e espontaneidade da linguagem cotidiana falada e a artificialidade do texto escrito e do gênero estudado, é possível associar os atos de fala a um *corpus* escrito na medida em que consideramos o texto, mesmo escrito, essencialmente dialógico, ainda que o interlocutor sobreviva muitas vezes na projeção que o dicionarista faz dele.

John Searle, outro filósofo de Oxford e discípulo de Austin, retoma os conceitos da teoria do mestre, que permanecia inacabada com sua morte, e apresenta reformulações. Uma delas é o duplo caráter do enunciado: o proposicional – “que corresponde à referência e à predicação, isto é, ao conteúdo comunicado” – e o ilocucional – ato “que corresponde ao que se realiza na linguagem” (SILVA, 2007, p. 77), os quais não são correspondentes, pois uma pergunta em sua proposição pode ser uma ordem em sua força ilocucional. Searle também sistematiza os atos de linguagem, em cinco grandes categorias, definidas a partir da força ilocucionária do ato.

1. os representativos (mostram a crença do locutor quanto à verdade de uma proposição: afirmar, asseverar, dizer);
  2. os diretivos (tentam levar o alocutário a fazer algo: ordenar, pedir, mandar);
  3. os comissivos (comprometem o locutor com uma ação futura: prometer, garantir);
  4. os expressivos (expressam sentimentos: desculpar, agradecer, dar boas vindas);
  5. e os declarativos (produzem uma situação externa nova: batizar, demitir, condenar).
- (SILVA, 2007, p. 76-7)

Com relação aos *corpora* desta pesquisa, os atos 2 a 5 não são prováveis, por conta das limitações formais que o gênero dicionário impõe tanto na micro quanto na macroestrutura, entre as quais se destacam a isenção do locutor e a prosa interrompida dos enunciados. Apenas o ato representativo seria detectável, mas não pelos verbos que o exemplificam e sim pelos modalizadores epistêmicos.

A teoria dos atos de fala nos ajuda na medida em que “trouxe para o foco de atenção dos estudos linguísticos os elementos do contexto (quem fala, com quem se fala, para que se fala, onde se fala, o que se fala, etc.), os quais fornecem importantes pistas para a compreensão dos enunciados.” (SILVA, 2007, p. 78). É nesse caminho que temos seguido, buscando, pelo estabelecimento das características do gênero, entender como funciona o dicionário, para que serve, o que o define formalmente. Nesse momento, vamos avançar para a exploração de outros aspectos importantes: quem fala e para quem se fala no dicionário.

## 4. AS REGRAS DO CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E O *ETHOS* DO DICIONARISTA

*Lutam com as palavras os escritores [...] lutam igualmente os dicionaristas, redefinindo-as, acrescentando-lhes significados, ou introduzindo-as no léxico, após enfrentar a tarefa, tantas vezes penosa, de captar-lhes a essência, desentranhar-lhes o sentido, infundir alma no corpo.*  
Aurélio Buarque de Holanda

### 4.1. *Ethos* e polifonia

Os estudos da linguagem podem ser agrupados historicamente em três eixos, organizados pela concepção de língua que os orienta: ela pode ser vista como representação do mundo e do pensamento, como instrumento de comunicação ou como forma de ação ou interação (Koch, 2002, p. 7). Entendendo que cada opção teórica conduz a formas diferentes de olhar o mesmo objeto, é possível que optar por uma dessas perspectivas resulte na desatenção às contribuições das demais para o estudo da língua. Por outro lado, pensar segundo um dos eixos é eficiente para orientar um estudo.

Temos afirmado, nesta tese, que o texto é um processo dialógico e que o dicionário, apesar de ter o recorte do sistema linguístico como característica inerente à sua essência, traz em si diferentes vozes e é atravessado por outras tantas. Dessa forma, nossa principal opção teórica considera a língua uma forma de ação e interação. Com relação ao gênero que é foco deste estudo, por sua estrutura formal mais rígida que alguns outros, como romance, por exemplo, sua forma de interação vê-se principalmente em partes dirigidas ao leitor, como apresentação e prefácio, mas também no *ethos* que constitui não apenas o lexicógrafo mas também o leitor prototípico que norteia a composição da obra.

Para observar o dialogismo e a polifonia que povoam esse gênero, recorreremos especialmente aos estudos dos enunciadores múltiplos de Ducrot, que quebram a unicidade do sujeito falante segundo a qual a cada enunciado se atribui um autor, que assumiria soberanamente o papel do enunciator. Segundo Ducrot (1987), ao sujeito se costumam atribuir três propriedades: a produção física do enunciado, ou seja, “toda atividade psico-fisiológica necessária à produção do enunciado” (DUCROT, 1987, p. 178), a autoria dos atos ilocutórios e a sua designação, no discurso, pelas marcas de primeira pessoa.

Como ocorre na estruturação do romance, o narrador, como ser literário, pode assumir uma identidade diferente da do autor, fixando-se como um ser independente dele no âmbito da narrativa. Assim, o autor do romance se responsabiliza pela produção material da obra e o narrador se responsabiliza pelo que é narrado, podendo ou não ser um dos personagens evocados na construção da história. Da mesma forma relacionam-se autor e locutor: ao

primeiro – ser pertencente ao mundo real – cabe prover com recursos materiais (físicos) a produção do discurso e ao segundo – ser do discurso – responsabilizar-se pelos enunciados. Destacamos, por fim, as palavras de Ducrot (1987, p. 195), para reforçar esses conceitos:

A existência empírica, predicado necessário do autor, pode ser recusada ao narrador. Na medida em que este é um ser fictício, interior à obra, seu papel se aproxima do que atribui ao locutor – que para mim é um ser do discurso, pertencente ao sentido do enunciado, e resultante desta descrição que o enunciado dá de sua enunciação.

Assim, na perspectiva do discurso polifônico, não é necessário que autor e locutor sejam representados pela mesma pessoa, embora isso não signifique que a coincidência dos dois papéis seja impossível. Em grande parte das nossas enunciações, somos ao mesmo tempo autores e locutores, pois provemos o material para composição do discurso e nos responsabilizamos pelos enunciados. Todavia, essa coincidência de autoria e locução não nos faz seres idênticos em cada enunciação, pois, de acordo com a nossa situação de comunicação, nos expressamos como diferentes enunciadoreis.

O papel do enunciador é, assim, mais fluido, mais flexível, e, por vezes, menos palpável, não há marcas muito fixas que o definam, como a primeira pessoa para o locutor e a existência empírica para o autor. Os enunciadores podem aparecer citados ou podem representar um ponto de vista diluído entre outros tantos também não explicitados por palavras. Na negação, por exemplo, é sempre evocado um contrário correspondente, atribuído a um outro enunciador, para que se concretize uma espécie de enunciado de dupla face.

O locutor pode, portanto, povoar – e ter povoado – seu discurso por tantos outros enunciadores, mostrados ou não explicitamente nas palavras do texto. No caso do nosso *corpus*, há especialmente enunciadores especialistas delimitados pelas rubricas ou citados explicitamente como referência, em estruturas delimitadoras como observamos a seguir nos trechos destacados nas acepções, que vinculam a definição a uma teoria ou a uma pessoa específica:

**racionalidade** [Do lat. tard. *rationalitate*.] Substantivo feminino. 1. Qualidade de racionável ou de racional. 2. V. raciocínio (3).3. Filos. numa perspectiva dialética, a qualidade, socialmente construída, da atividade humana que é adequada às finalidades visadas. [Sin. ger.: racionabilidade.]

**agressividade** s.f. 1 qualidade, caráter ou condição de agressivo 2 disposição para agredir e/ou para provocar 3 espírito empreendedor; energia, atividade, combatividade 4 PSICN segundo Sigmund Freud (1856-1939), conjunto de tendências presente em todos os indivíduos, que se manifesta em comportamentos reais ou fantasiosos que objetivam prejudicar, destruir ou humilhar o outro 5 PSICN na teoria da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960), força que promove uma radical desorganização e fragmentação da psique 6 PSICOP forma de desequilíbrio que se caracteriza por uma constante hostilidade diante de outrem ETIM *agressivo* + *-i-* + *-dade* [DHLP]

Em outros casos, essa outra voz é mais sutil e emana da modalização, quando o locutor evoca um enunciador outro e se distancia do enunciado por não afiançá-lo.

**óvni** [Acrôn. de objeto voador não identificado.] Substantivo masculino. 1. Designação geral de objetos voadores não identificados, empregada habitualmente para **hipotéticos** engenhos voadores de origem extraterrestre; ufo. [DALP]

**óvni** *s.m.* (1978) disco voador; ufo ETIM acrônimo de objeto voador não identificado; adp. de ufo, ver [DHLP]

No primeiro exemplo, as palavras destacada mostra que o locutor (o dicionarista) não se compromete com a informação, afastando-se do enunciado ao questionar a existência real da informação pela marca de uma outra voz, a de um enunciador do qual ele se afasta, como se houvesse dois enunciados: um neutro do enunciador crente, filiado à ideia de que “óvnis são objetos voadores não identificados, engenhos voadores de origem extraterrestre” e um outro, modalizado, ao qual o locutor se filia: “os objetos voadores são fruto de suposição e hipótese, é uma designação geral e empregada habitualmente, mas não necessariamente com referentes reais.”

No segundo exemplo, porque o locutor não assume uma posição de enunciador que marca distância, podemos afirmar que não está em xeque a realidade ou não dessas ocorrências, simplesmente o locutor se abstém e marca pela ausência um discurso impessoal, na medida em que não se mostra confirmando ou questionando o enunciado em questão. Porém, ao examinarmos *disco voador* no DHLP, a mesma impessoalidade não se manifesta e o recurso da modalização que evoca um enunciador para o locutor se afastar aparece nitidamente no uso do *hipoteticamente* – que enquadra a existência do disco voador no mundo das ideias – e do futuro do pretérito em *seria*, que é usado para marcar incerteza, dúvida.

<sup>1</sup>**disco** *s.m.* (sXVI) **1 • d. voador** objeto voador não identificado, discoide, e que hipoteticamente seria uma nave de outro planeta; óvni

Na maioria das situações de comunicação, é o locutor, responsável pelos enunciados, que se fixa como principal enunciador de um dado discurso – o que não implica a impossibilidade de resgatar outros enunciadores com os quais forma as vozes presentes desse discurso. Em muitos discursos, especialmente como é o do gênero estudado, um texto-colônia, potencialmente mais propenso à convergência de vozes, os enunciadores são vários, alguns mais evidentes, outros nem tanto.

Por considerarmos o texto escrito como um ato comunicativo, vimos falando não só de dicionaristas e consulentes e sim de enunciadores e interlocutores, agentes de um processo de

enunciação que se estabelece mesmo no texto escrito. Dessa forma, como nenhum texto é apenas um conjunto de palavras, ele se faz também das projeções dos interlocutores, no contexto de produção e recepção, das outras vozes evocadas, dos papéis que ambos assumem, das regras dos contratos de comunicação, inerentes a qualquer enunciação.

Assim, o texto escrito não é uma produção acabada, mas um ato comunicativo dinâmico, que se concretiza na leitura. Isso acontece porque, apesar da distância entre os interlocutores, o texto é escrito para ser lido por alguém, que só materializará as relações de significado traçadas pelo autor no resgate das suas próprias vivências e das sugestões do interlocutor, validando ou não os enunciados. Dessa forma, o enunciador do dicionário e do verbete estabelece uma série de elementos na sua enunciação que configuram sua personalidade. “Com efeito, o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá autoridade ao que é dito.” [grifo do autor] (Maingueneau, 2004, p. 98). E é na busca desse tom que percorreremos obras, verbetes e seus apêndices, como o prefácio e a apresentação, à busca de elementos que nos deem pistas das regras do contrato de comunicação e do *ethos* tanto do dicionarista quanto dos consulentes. Entretanto, antes é preciso organizar os elementos que estão em jogo no estabelecimento de um *ethos* discursivo, fenômeno em que, “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2004, p. 97).

O uso desse termo remete à retórica da Antiguidade Clássica. Na argumentação grega, o *logos* consistia da razão, usada na seleção das ideias, na lógica da argumentação, o *pathos* consistia da emoção, expressa pelo orador ou despertada na plateia, e o *ethos* era a imagem criada pelo orador para conferir autoridade e coerência ao seu discurso, era a roupa, a personagem discursiva evocada para argumentar.

Na Análise do Discurso, o *ethos*, segundo Maingueneau, é um fenômeno discursivo por meio do qual um enunciador constitui uma imagem, geralmente de autoridade perante o que diz, não apenas pelas ideias que veicula na mensagem, “na realidade, essas ideias se apresentam por meio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*, à participação imaginária numa experiência vivida.” (*idem*, p. 99) [grifos do autor]

Esse enunciador, legitimado também pela maneira de ser e de dizer, configura-se na enunciação como *fiador*, constituído de caráter (jeito de ser, personalidade) e corporalidade (maneira de portar-se, vestir-se, falar, movimentar-se no espaço social) no jogo enunciativo. Para essa legitimação ser eficaz, o *ethos* deve agir em consonância com as regras do gênero textual e outras determinadas pelo contrato de comunicação em determinado contexto, de

modo que o interlocutor possa incorporar esse *ethos* quando no ato comunicativo. Nas palavras de Maingueneau (2004, p. 99),

“a qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse ‘fiador’ que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que deverá construir em seu enunciado.”

#### 4.2 Quem é o enunciador por trás do dicionário?

Segundo Castilho (2010, p. 111), “quando precisamos aumentar nosso vocabulário, eliminar ambiguidades, estudar o conjunto dos sentidos vinculados de uma palavra, consultamos o dicionário, que nos fornecerá definição metalinguística da palavra. Esta é a atividade dos lexicógrafos.”. Ainda segundo Castilho (2010, p. 112), os lexicógrafos fornecem habitualmente as seguintes informações em seus verbetes:

1. “Forma padrão da palavra: como grafá-la, como pronunciá-la.
2. Classificação gramatical da palavra (Biderman, 1978).
3. Etimologia e primeira datação em que a palavra aparece atestada.
4. Definição: intensão (via análise componencial), extensão.
5. Outras informações semânticas: sinônimos, antônimos, hipônimos, hiperônimos; a ramificação dos sentidos; homônimos, polissemia.
6. Informações morfológicas: flexão, composição, derivação (identificação do radical e afixos).
7. Informações sintáticas: estruturas organizadas por essa palavra ou aquelas em que ela aparece.
8. Remissão a outros verbetes, associados analogicamente.
9. Exemplificação, buscando-se a abonação nos “bons autores” .”

Com relação ao *ethos* constituído pelos enunciadores no *corpus* estudado (dois dicionários semasiológicos monolíngues do português editados no Brasil), podemos observar alguns aspectos comuns, que exploraremos a seguir. Essas características estão diretamente ligadas à noção do gênero textual e aos domínios discursivos, pois é nessas cenas que o texto é produzido. Para explicar melhor esse conceito, valemo-nos das palavras de Maingueneau (2005, p. 72):

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma “instituição discursiva”: o editorial, o sermão... Quanto à cenografia, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, etc.

Desse modo, se a cena englobante corresponde ao tipo de discurso, o dicionário é um discurso lexicográfico e, se a cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma “instituição discursiva”, a cena genérica é o dicionário em si, considerado como o conjunto de seus componentes (a macroestrutura, a microestrutura e os textos anexos, como o prefácio). A



partir dessas informações, tentaremos observar a *cenografia*, elaborada no próprio texto, pois não é o *ethos* uma entidade determinada apenas pelas exigências institucionais do gênero e as determinações dos contratos de comunicação; ele se estabelece no texto e dali dialoga com as formações discursivas acionadas na enunciação. em uma espécie de retroalimentação, os dois canais, extra e intratextual, unem – e medem – forças para a configuração do *ethos*.

É inegável que as ideias veiculadas definem a personalidade e a corporalidade do locutor que, na posição de fiador, assume um determinado discurso. A partir disso, podemos afirmar que a caracterização do gênero já nos informa ao menos parte da composição dessa roupa discursiva. Para compô-la, aqui, observaremos a partir de textos metalexiconográficos quais são as funções, os objetivos e as expectativas que cercam a produção e a recepção do dicionário e posteriormente passearemos pelas obras para corroborar ou refutar esse *ethos* aqui definido.

Considerando que os “dicionários são objetos culturais, espelhos onde membros de uma comunidade se reconhecem como nativos e como participantes de uma cultura” (DUBOIS, J. *apud* CANO, 1998, p. 205), podemos buscar que elementos emanam do dicionário e o influenciam diretamente para projetar as imagens nesse espelho. Com sua função didática, nem descritivo nem normativo, o dicionário “registra a norma social [de uma] época, com seus valores, as suas interdições, as suas marcas de uso, à qual os falantes vão se submeter.” (CANO, 1998, p. 206). Buscando esses elementos que emanam da obra e tendo em mente o dicionarista como uma figura discursiva que tem sob sua gestão os enunciados, organizamos em primeira pessoa algumas premissas que norteiam a redação de um dicionário geral de língua. Reafirmamos que, dadas as condições de produção coletiva do dicionário, não buscamos os redatores de cada verbete e sim a construção de um locutor, ser do discurso, aqui denominado dicionarista ou lexicógrafo.

### 1. *Sou o responsável por registrar o patrimônio cultural coletivo.*

O dicionário deve conter o léxico de uma língua com a maior abrangência possível (considerados os limites de publicação, o recorte sincrônico ou diacrônico, o *corpus* etc.) e com a devida precisão, para que estejam nele escolhas relevantes para representar esse patrimônio. Essa representação passa por privilegiar certas áreas reconhecidamente importantes para a sociedade, como são a Medicina, a Tecnologia e Biologia hoje e como foi a Literatura dos grandes escritores no passado.

2. *Sou o porta-voz e representante da linguagem aceita e valorizada na comunidade. Portanto, sou indiretamente professor de uma conduta linguística que reflete a norma social, observada em parte pela forma como estruturo meus enunciados, pautada pela variante padrão.*

O dicionarista deve fazer uso da variante padrão no seu discurso, abrindo mão dela apenas em situações especiais, como os exemplos (os quais normalmente não estão em palavras chulas), abonações (porque o enunciado é de outro), no registro das entradas de calão e informais, na sinonímia (porque a descrição pode ser formal, mas os sinônimos mais expressivos para uma palavra às vezes são os de mesmo registro). Como o dicionário é um repositório da cultura do povo e, por isso, fonte de referência, espera-se que o dicionarista domine e use com propriedade a variante de prestígio social. Ajudar o consulente a manejar a língua em todas as suas nuances é uma das funções pedagógicas que o dicionarista exerce.

3. *Registro os usos de menos prestígio, sinalizando ao leitor, porque, apesar de privilegiar e usar a norma padrão nas descrições, o dicionário deve registrar palavras de todas as variantes.*

Apesar de fazer uso da variante padrão socialmente prestigiada, o lexicógrafo representa uma coletividade e sua diversidade, por isso deve inserir usos menos conceituados e sinalizar isso ao leitor, para que fique marcado apenas como registro e não como parte do seu discurso.

4. *Registro também palavras antigas, parte de um acervo que muitos não dominam mais.*

A diversidade dos registros lexicográficos atravessa as estratificações sociais e as fronteiras do tempo, porque a língua avança e se modifica também segundo esses critérios. O registro de palavras mais antigas é mais comum nos tesouros, entendidos como as obras cuja função é preservar o patrimônio linguístico, mas ocorre também no dicionário geral de língua, pois o consulente deve encontrar nessa obra referências a termos antigos com os quais possa entrar em contato.

5. *Sou um observador atento da cultura, da sociedade e da linguagem.*

A seleção de entradas da macroestrutura, a redação de exemplos, a seleção de abonações, as marcas de uso, as referências de registro seguem alguns critérios definidos pela sensibilidade do dicionarista e algumas decisões levam a registros que têm por objetivo manter a coerência da obra, como ocorre, por exemplo, com a delimitação das fronteiras entre

polissemia e homonímia. Apesar de poder buscar outras obras e contar com *corpus* e estatísticas, a percepção linguística, o estudo e a experiência do dicionarista são decisivos para a obra.

**6.** *Oriento o leitor a usar os meios de expressão semânticos e pragmáticos mas também fonéticos, fonológicos, sintáticos e morfológicos.*

Embora seja função do dicionário o registro do léxico e seja função da gramática o registro das regras, os dicionários costumam fornecer informações sobre o sistema linguístico, especialmente as que costumam gerar dúvida, como ortoépia, divisão silábica, flexão verbal e nominal, regência verbal e nominal. A diferença é que o dicionário costuma fazer isso caso a caso e não em regras sistêmicas, o que não se aplica, por exemplo, aos padrões de conjugação verbal.

**7.** *O dicionário guarda conhecimentos técnicos preciosos, por isso uso a descrição científica do referente.*

Detentor do saber cultural coletivo, o dicionário armazena no léxico comum da língua palavras e termos técnicos, como *ecossistema, biodiversidade, camada de ozônio, radiação ultravioleta, DNA, HIV* (CANO, 1998, p. 208), *empiriocriticismo, megaelétron-volt, méson, antiquark*. Para definir essas palavras, o dicionarista deve recorrer à descrição científica do referente, para manter a propriedade e a precisão da definição sem esquecer, no entanto, que a obra se destina a toda a comunidade linguística. Nesse momento, o dicionarista pode optar por dois caminhos: a precisão dos termos técnicos e a flexibilidade de termos gerais que podem descaracterizar a referência.

**8.** *Para redigir verbetes ou incluir palavras e informações, baseio-me em ocorrências e na necessidade de designar uma determinada realidade e isso definirá o tipo de dicionário a ser elaborado.*

Para selecionar algumas entradas entre as muitas ocorrências que emergem das mais variadas situações de comunicação, o dicionarista precisa ter em mente que realidade precisa retratar: mais técnica, mais popular, mais arcaica, mais voltada ao uso. Com isso, são privilegiadas certas áreas do saber, porque a sociedade as valoriza e o dicionarista deve corresponder a essa necessidade de registro. Aliado a essa orientação, pode haver um *corpus* com indicação da frequência das ocorrências, critério que pode nortear ou definir a macroestrutura, especialmente em dicionários de usos.

9. *Não tenho a liberdade do enciclopedista, devo limitar-me à definição e estou em uma estrutura formal mais rígida.*

O enciclopedista pode construir um texto de sequência enunciativa sintaticamente completa, narrando, descrevendo ou dissertando. O dicionarista tem a incumbência de definir o termo atrelado a uma estrutura enunciativa quebrada de mesma classe e a dados linguísticos e referenciais, ao passo que a enciclopédia se dedica apenas à referenciação.

10. *Minha produção resulta em uma fonte confiável de informação.*

Estar no dicionário é algo que confere a uma palavra um *status* diferente de outros vocábulos, por isso o dicionarista é também um repositório de informação e referência de credibilidade, ao qual as pessoas recorrem como um orientador de usos.

11. *É natural basear-me no trabalho de outros dicionaristas e seguir suas pesquisas. Usar corpus é também uma forma de observar a língua e registrar seus usos.*

Se o dicionarista é voz de autoridade para decisões linguísticas e registro do léxico, é natural que os mais tradicionais sejam seguidos em alguns registros pelos posteriores, uma vez que é o dicionário também um repositório da tradição linguística. É importante, ainda, ter acesso ao *corpus* porque, apesar de normativo, o dicionário também é forjado pelo uso da língua num recorte qualquer, por exemplo, cronológico.

#### 4.3 Quem é o leitor?

Seguindo textos metalexográficos – especialmente Cano (1998), Biderman (1984, 1998), Welker (2004, 2006), Landau (1989), Hartman (2001), Xatara (2001) – elaboramos, em enunciados de primeira pessoa, algumas orientações sobre o perfil dos consulentes de dicionários. Nesse percurso, levamos em consideração a figura do leitor modelo não apenas como o que supomos ser a projeção do locutor, mas “como parte integrante da definição de um gênero de discurso ou de um posicionamento”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 298)

1. *Eu quero encontrar no dicionário aquilo que fui procurar.*

Satisfazer a esse critério básico do leitor é a busca virtual de todo dicionarista, apesar de ser impraticável, tantas são as expectativas dos consulentes. Ao fazer uma pesquisa de satisfação com usuários de dicionários, Xatara (2011, p. 163-170) registrou como queixa básica obras que não respondem às dúvidas, seja de significado, de regência, de sinonímia, de marcas de uso.

2. *Procuro aval para empregar uma palavra ou dirimir uma dúvida sobre o domínio a que pertence.*

O avanço tecnológico, a facilidade de acesso à informação, a dinamicidade dos meios de comunicação, o avanço nas pesquisas científicas, a redefinição das relações sociais, entre outros fatores, mudam o comportamento das pessoas e as expõem a contato com diversas realidades, diversas culturas, diversas pessoas. Essa riqueza de experiências, cada vez mais ágeis, influencia o léxico e a circulação do saber e das diferentes experiências em meios leigos. Nesse contexto, o dicionário pode auxiliar na apropriação desse acervo novo e regular o uso adequado dos termos técnicos ou neologismos. Além desse caso específico, o leitor busca o dicionário como uma fonte de autoridade para respaldar o uso que deseja fazer, mas para o qual se sente inseguro, seja por conta do significado, de algum outro aspecto linguístico, de um uso formal ou informal do termo.

3. *Eu volto periodicamente ao dicionário e ajudo a sociedade a consolidar os vocábulos e seus usos na memória.*

A língua muda, sempre, e o dicionário cristaliza usos ou expande inovações, que o falante traz e também reproduz a partir do registro na obra. Como a língua é um sistema vivo, em mutação constante e irrefreável, o dicionário pode funcionar tanto como um elemento normativo, conservador da tradição, quanto avançado, voz da inovação. Qualquer que seja o caso, a busca no dicionário e a reprodução do que nele está se faz em parte pela colaboração da comunidade em passar adiante e efetivamente fazer uso do material de consulta. Além disso, é possível fazer contribuições diretas, como aquelas a que Aurélio agradece no prefácio da primeira edição e as que são feitas no Aulete Digital e avaliadas pela equipe de redatores.

4. *Eu me reconheço como membro de uma comunidade, como falante, como parte de uma cultura.*

Embora o dicionário respalde o uso de uma determinada variante e seja porta-voz desse segmento, não se exime de registrar o uso comum e todas quantas forem as variantes para, apesar de seu caráter estático, tentar abranger a dinamicidade e os usos da língua. Dessa forma, o leitor, ao consultar uma obra, deve se ver nela. Essa necessidade está verbalizada nas palavras da usuária Carolina dos Santos Carboni: “Acredito que os dicionários devem ser um espelho do *uso* da língua” (XATARA, 2011, p. 163)

5. *Pela norma descrita, posso analisar socialmente o comportamento do outro, alguns usos são aceitos, outros são condenados e descartados.*

Apesar de se ver nessa norma padrão, como a obra expõe essa variante, por meio do caráter normativo do dicionário, o leitor pode observar os usos que escapam a esse padrão ou estão adequados a ele e, assim, medir os outros segundo esse padrão, acatando ou rejeitando os usos que observa.

6. *Geralmente dou mais importância ao número de entradas do que aos critérios de sua seleção, mas também é importante o dicionário ser prático, coerente e ter boa diagramação.*

Como o léxico é um conjunto de palavras de extensão inesgotável, fica ao leitor a impressão de que, quanto mais palavras registrar, melhor será a obra<sup>23</sup>. Esse aspecto é facilmente observável nas inúmeras campanhas de divulgação das obras que trazem na capa os números e resgatam a máxima de que “os números são argumentos irrefutáveis”. Se, em alguns casos, está registrado um cognato, por exemplo o verbo, não é seguro para o falante comum formar o adjetivo em *-vel*, sob pena de cunhar um neologismo quando pode haver termo mais próprio já registrado na obra. Por isso, reduzir a macroestrutura a certos cognatos é uma decisão econômica para os lexicógrafos, mas que pode não se mostrar eficaz para o consulente.

Os outros aspectos que entram em jogo na definição do que é um bom dicionário envolvem um leitor atento à coerência interna da obra, em consonância com seus propósitos, e à praticidade para a consulta pontual rápida, por meio da diagramação acessível e definições claras e concisas.

7. *Eu ajudo a definir a extensão da obra, os critérios para registro e a função do dicionário.*

O item anterior influencia diretamente esse item. Pensando num leitor prototípico (técnico, leigo, letrado, pouco escolarizado), o dicionarista norteia suas decisões. Por exemplo, se o leitor é despreparado, tem dificuldade para encontrar formas flexionadas muito diferentes formalmente das canônicas, isso pode influenciar na entrada de uma remissão. No caso dos dicionários de língua, nosso foco neste trabalho, esse espectro se amplia porque o

---

<sup>23</sup> Essa valorização da quantidade de entradas já se observava no século XIX, conforme afirma Verdelho (2007, p. 40) sobre o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido Figueiredo, em 1889: “Publicado justamente no fim do século, completa o ciclo dos dicionários de acumulação, que se caracterizam pela excessiva valorização da quantidade de nomenclatura.”

leitor se define por traços menos específicos, como veremos ao abordar os prefácios e apresentações dos dicionários.

#### 4.4 Passeio pelos prefácios

Temos trabalhado nesta pesquisa com os dados das obras em sua versão eletrônica, como forma de aproveitar as potencialidades do suporte e a facilidade da leitura por hipertexto. Pelo mesmo motivo, entendendo que as duas fontes são apenas suportes diferentes para o mesmo texto e que prefácios e textos de abertura são característicos da leitura linear e da obra impressa, usaremos os prefácios e apresentações das versões em papel.

Nesse panorama dos prefácios e apresentações, contaremos com o tom laudatório às obras e aos seus autores, especialmente nas marcas de sua produção intelectual e, de forma poética, no seu amor às letras e ao idioma. É no prefácio também que se anunciam critérios de registro e inclusão de palavras e a noção de língua que norteia a obra.

##### 4.4.1 Dicionário Aurélio da língua portuguesa

Em edição comemorativa do centenário de Aurélio Buarque de Holanda, edição com a qual optamos por trabalhar, o DALP traz um prefácio à quinta edição mais conciso que o da primeira, que é o mais extenso entre as edições. Observando basicamente a edição com a qual trabalhamos, mas recorrendo também aos prefácios anteriores, especialmente os escritos pelo autor (1ª e 2ª edições), vemos algumas das características acima citadas.

Especialmente por ser uma edição comemorativa do centenário do nascimento de Aurélio Buarque de Holanda, é mais do que legítimo o prefácio à quinta edição aludir ao passado do professor que dá nome à obra, aliás, “professor, lexicógrafo, filólogo, contista, tradutor, revisor”, funções que coexistem com as de “amigo, marido, avô” (DALP, 2010, p. XI). Mas Aurélio era, antes de tudo, “brasileiro, alagoano, lusófono” (*idem*). Caracterizar o dicionarista nessas três esferas (humana, profissional e familiar) é marcante para dimensionar sua expressividade, não apenas pela autoridade de quem, profissionalmente, domina as técnicas de dicionarística, mas principalmente pela autoridade de quem é cidadão deste país e apaixonado pela sua língua.

É, pois, desse lugar que a obra parte, do lugar apaixonado do homem comum e altamente especializado que, por sua riqueza pessoal e intransferível, é a pessoa certa para estampar o dicionário e, como ele, suas escolhas, seus usos, seus registros, sua concepção de língua e cultura. Entretanto, essa imagem de homem grandioso não deixa de estar atrelada a

uma necessidade de humanização que se opõe à grandeza da figura impoluta do sábio, que tinha “pensamento claro e redação fácil” (DALP, 2010, p. XI):

[...] o *Aurélio dicionarista* venceu o tempo e, por meio das palavras com quais sempre ‘lutou’ e que sempre amou, realizou o sonho do menino que cedo começou a trabalhar, para ajudar a família e, também, para poder comprar as brochuras que tanto apreciava ler. Este era o Aurélio incansável, persistente, determinado a vencer a fadiga, a posição à mesa, por mais uma palavra, mais um pouco, dizia, por amor à sua obra. (DALP, 2010, p. XI)

[...] Na infância humilde, no interior de Alagoas, frequentou escolas sem muitos recursos, mas já demonstrava grande inteligência e esforço, que resultavam em progresso. (DALP, 2010, p. IX)

É interessante observar como, no prefácio à primeira edição, o dicionarista não fala desse lugar pomposo, e sim de um lugar de modéstia, autointitulando-se “aprendiz de lexicografia” (DALP, 2010, p. XV). No início do prefácio, inclusive, há uma desmistificação parcial da figura do lexicógrafo, cujo “esforço sobre-humano [...] pode terminar com as mais indesejáveis conseqüências físicas, compensação intelectual bem pouco aliciante e resultados financeiros não demasiado expressivos”. (DALP, 2010, p. XVI). Há, também, entrelaçado nessa descrição, o caso triste e nada glorioso dos que não levaram a termo o dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, motivo de deboche citado, inclusive, em nota. A história envolve a morte decorrente do ofício de um e a cegueira de outros dois, que tiveram como paga o esquecimento e um mero exemplar, mas, neste prefácio, foram alçados a mártires. Porém, não há apenas a desconstrução desse lugar solene, uma vez que, apesar de humanizar o dicionarista ao descrever suas mazelas, o autor o idealiza pelo empenho super-humano e pelo heroísmo do mártir.

Despido em parte da pompa que se esperaria do lexicógrafo, Aurélio fala diretamente ao leitor que isso é uma estratégia para conseguir a atenção para a leitura de um texto notadamente “não muito apetecido” (DALP, 2010, p. XIV) e, com isso, expõe seu conhecimento de orador na arte de seduzir a plateia. Quebrado o paradigma e angariada a simpatia do leitor pela penosa tarefa que lhe coube como o mentor da obra, Aurélio pede paciência e se mune de informações “sem divagações” (*idem*), o que aponta para a construção de um *ethos* do lexicógrafo em geral como um profissional que trabalha arduamente, nem sempre é reconhecido, mas segue heroicamente na persecução de seus objetivos.

Já na edição comemorativa, agregado ao inegável reconhecimento do homem que batiza a obra, a apresentação e o prefácio lembram a larga aceitação deste dicionário – 1 em cada 6 brasileiros possui um exemplar do Aurélio em uma de suas versões (DALP, 2010, p. IX) – ao longo do lastro entre a primeira e a quinta edição: “Trinta e cinco anos de adoção em escolas, cursos, universidades, empresas, escritórios e lares [...]” (DALP, 2010, p. XI).



Retoma-se aqui uma característica do público que não estava clara na metalexiconografia em que nos apoiamos: o leitor prototípico é letrado, frequenta o ambiente escolar e tem como hábito consultar a obra em ambiente profissional e doméstico, cuja grande força materializa-se na palavra *lar*, a qual remete diretamente à instituição familiar, em detrimento de *casa*, que remete ao espaço físico de habitação.

Esse aspecto do *ethos* do leitor estudioso da língua está também na apresentação feita por Oriovisto Guimarães (DALP, 2010, p. IX), que reconhece o alcance do dicionário em áreas institucionalmente responsáveis pela divulgação do saber, como bibliotecas:

A palavra **mestre** também se aplica a inúmeras outras pessoas, que dedicam suas vidas à educação, que fazem o mesmo que um professor fez ao menino Aurélio, ao aluno dedicado: mostram o futuro, a possibilidade de alcançar o amanhã. [...] Muitas dessas pessoas, que se dedicam à educação, utilizam o dicionário para ensinar. E para aprender.

No prefácio à primeira edição, esse preparo esperado do leitor não está literalmente traduzido como na quinta, a não ser na utilidade declarada na consulta aos elementos gregos e latinos, subgrupo de verbetes ainda mais especializado. Contudo, ao passear pelas mais diferentes esferas do conhecimento linguístico (semântica, sintaxe, fonologia, morfologia), o dicionarista de certa forma pressupõe que isso faça sentido para o leitor, ao mesmo tempo em que demonstra dominar os fenômenos linguísticos. Em outras palavras, ao delimitar os critérios do dicionário, como registro de homonímia e atenção à regência verbal, o dicionarista não apenas mostra que sabe como também espera que isso seja entendido pelo leitor, ao menos para o que lê o prefácio.

Confirmamos, com esse fenômeno, outra característica do *ethos* do dicionarista, marcada pelo próprio Aurélio: o domínio dos fenômenos linguísticos, que o investe de autoridade suficiente para corrigir “os cochilos do Vocabulário Ortográfico de 1943” (DALP: 2010, p. XV), ocupando o espaço da Academia de Letras para legislar sobre a ortografia da língua, e as lacunas de obras anteriores, que, copiando umas às outras, deixaram passar

um mundo de vocábulos e, sobretudo, de significados, vivos, de um século, de séculos, e esquecidos dos lexicógrafos, que, ao longo do tempo (com exceções, é claro), foram fazendo pouco mais do que se copiarem (o que às vezes é inevitável) [...] (DALP, 2010, p. XV)

Também por meio da concepção da obra e da língua, ainda nas palavras do próprio Aurélio, é possível observar características do *ethos* desse dicionarista, que entende a língua em suas múltiplas variantes, observando-as nos mais diferentes meios, desde os escritores (clássicos ou modernos) até a língua “dos jornais, revistas, do teatro, do rádio e televisão, ao falar do povo, aos linguajares diversos – regionais, jocosos, depreciativos, profissionais,

griescos...” (DALP, 2010, p. XIV), e vê na obra lexicográfica um lugar onde cabem todas essas nuances, onde podem se reconhecer todos os falantes, aspecto do *ethos* do leitor também observado nas leituras metalexigráficas.

Essa pluralidade de descrição já anunciada na primeira edição, como vimos acima, se repete na quinta, que busca refletir o conceito de língua como organismo vivo em movimento, embora o movimento registrado seja limitado (aquelas palavras que ‘vieram para ficar’), e retratar, ainda, uma cultura múltipla, por meio de palavras de diversas áreas de conhecimento (“informática, biologia, genética, botânica, ecologia, economia, educação, pedagogia, astronomia, física, física quântica, engenharia, química, medicina, culinária, etc.” – DALP, 2010, p. XI). Essa multiplicidade também inclui diferentes registros e empréstimos, “por não haver como fugir da influência de outros idiomas” (DALP, 2010, p. XI). Isso significa que língua e dicionário seguem na mesma mão da via evolutiva, pois

uma das principais funções do dicionário, se não a principal, é acompanhar a evolução da língua, numa dada época, e registrar-lhe a renovação por meio das palavras e locuções (lexias) ou das formas adotadas pelo uso. (DALP, 2010, p. XI)

Concebido por um homem ao mesmo tempo inteligente e sensível, cujo legado se seguiu após sua morte, em 1989, o dicionário Aurélio busca ser uma obra contínua, já que uma língua viva precisa seguir seu curso e assim deve ser com o dicionário que a retrata. Buscando captar essas mudanças, sincrônica e diacronicamente, *grosso modo*, a obra busca acompanhar a evolução da língua,

ao registrar aquilo que, de caráter recente ou menos recente ‘veio para ficar’: o que já está assimilado, absorvido pelos diferentes falares, em diferentes níveis e usos, de uma mesma língua, seja na variante brasileira, lusa ou africana. (DALP, 2010, p. XI)

Neste ponto, observamos a relação da obra com a língua apenas em seu caráter descritivo, para, em seguida entender que, por questões metodológicas, a descrição pode vir aliada à prescrição: “o modo como essas palavras e locuções são consignadas, algumas vezes, sofre alteração, especialmente quando se decide uniformizar-lhes a grafia.” (DALP, 2010, p. XI).

Porém, na apresentação da edição comemorativa, o que fica mais claro é o papel pedagógico do dicionário, pois o lexicógrafo é caracterizado sobretudo como um educador:

Esta é a 5ª edição do dicionário elaborado por um professor. Sim, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira sempre foi um professor, um educador. [...] Quando não ensinava em sala de aula, dedicava-se ao saber e à transmissão do conhecimento por outra via: a lexicografia. [...] Indiretamente, por meio de verbetes, definições, exemplos, abonações, achegas, o professor continuava ensinando. Ensinava o significado das palavras e, mais, ensinava como as usar e, até mesmo, como não usá-las. (DALP, 2010, p. IX)

Especialmente no DALP, a caracterização pedagógica do dicionarista e da obra entra em consonância com o Grupo Positivo, “maior grupo educacional do Brasil” (DALP, 2010, p. IX), e sua preocupação social de disseminar o saber e desenvolver o país. Esse aspecto confiável é decisivo para o sucesso da obra e é esperado do leitor prototípico que confie nas informações ali presentes, como está expresso claramente na apresentação (DALP, 2010, p. IX):

“É a obra em que o povo brasileiro confia, que deixa entrar em seu lar e participar do seu cotidiano. Conhecendo a trajetória da obra e de seu autor, essa confiança tende a aumentar, aliada, obviamente, à sua incomparável qualidade.”

E é na dinâmica da interação do leitor com a obra, por meio dos questionamentos, da aprendizagem e do ensinamento que o dicionário ganha espaço na vida e no discurso do consulente: “a obra de Aurélio vive e renasce a cada consulta, a cada pergunta feita, a cada resposta dada.” (DALP, 2010, p. XI), o que caracteriza a obra, mesmo escrita, como enunciação. Esse contato entre leitor e autor é patente também no prefácio à segunda edição, quando o autor agradece “aos leitores que [...] enviaram achegas, quer por escrito, quer de viva voz” (DALP, 2010, p. XVI), representando o constante e rico processo de retroalimentação da obra para o público e deste para a obra.

#### 4.4.2 Dicionário Houaiss da língua portuguesa

Diferentemente do DALP, o DHLP não dilui a biografia de seu autor no prefácio e na apresentação. Na apresentação consta uma biografia, com as características formais do gênero, especialmente pelas datas de nascimento e morte, foto e realizações pessoais detalhadas. Essa opção traz a premissa de que expor a biografia de Antônio Houaiss basta para conferir credibilidade ao conteúdo da obra.

Nesse percurso prevalece a grandiosidade do homem, que “transcenderia o anonimato ainda aos 16 anos” e durante sua “vida inteira marcaria sua presença com reconhecido brilho” (DHLP, 2010, p. V), não apenas por sua vasta produção, detalhada no texto, como também pelas mais diversas funções de destaque exercidas por ele – diplomata de carreira, ministro, presidente da Academia Brasileira de Letras, enciclopedista, tradutor, crítico literário (DHLP, 2010, p. V) – e pelos projetos que empreendeu ao longo da vida, por exemplo, como delegado e porta-voz brasileiro do acordo ortográfico hoje em vigor. Nesse panorama, ao contrário da apresentação do DALP, o dicionarista não é homem comum, é retratado pela grandeza de suas conquistas e, por isso, merece ser fonte confiável de informação e batizar a obra.

Essa estrutura biográfica, que vemos aqui como o cartão de visitas da obra, pois é a primeira página escrita, constitui o mesmo recurso usado na edição de 2001, de mesmo nome, mas de maior extensão. Na verdade, o que chamamos aqui de apresentação é a biografia do autor, pois, na edição maior, havia um prefácio e uma apresentação, a qual foi abolida na edição de menor porte, de 2009. No prefácio desta edição, assim como houve com o DALP, a tradição é usada como um elo de confiança entre autor e público, mas, neste caso, entra a experiência não cronológica mas sim criativa e diversificada que abrange obras de diferentes naturezas. Partindo da confiança já conquistada, o dicionarista faz um convite direto ao leitor para avaliar todas as medidas desse “novo esforço” que orientaram a produção da obra: “O fruto desse novo esforço será agora julgado por você, leitor, de quem esperamos ganhar mais uma vez a aprovação e confiança”. (DHLP, 2010, p. V)

Nesse processo, citam-se as obras da família Houaiss, que, produzidas na esteira da primeira obra, em 2001, são “material de base para o aperfeiçoamento [dos] dicionários” (DHLP, 2009, p. V). Também entram como parte da valorização da obra os números, neste caso de verbetes, entradas e locuções. Em contrapartida a essa citação de números, o dicionário recorta outro nicho, preenchendo “um hiato na família dessas obras” (DHLP, 2009, p. V), um dicionário que não fosse “ecumenicamente lusofônico”, “uma obra ágil e prática, mas com um número de informações maior sobre a língua do que se costuma encontrar em dicionário desta extensão.” (DHLP, 2009, p. V). Contando, ainda, com “modernos recursos editoriais lexicográficos e uma proficiente engenharia de sistema computacional” (DHLP, 2009, p. V), o dicionarista inscreve sua obra num enquadre contemporâneo e moderno, trazendo para o seu fazer a tecnologia que transborda no mundo globalizado.

Observando as diferentes alusões à estrutura do dicionário editado em 2001, de maior porte, por ser a do DHLP mais concisa, é produtivo recorrer à apresentação do ainda chamado *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, em 2001, neste trabalho designado pela sigla GHLP.

A apresentação foca o processo de produção da obra, que naquele momento se apresentava ao público, esclarecendo seus três eixos norteadores (a macroestrutura ampla, a datação e o detalhamento dos elementos mórficos) e suas duas fases de produção. Como nos demais prefácios e apresentações vistos, os números são de novo um argumento eficaz para concretizar a magnitude e a seriedade da obra para o leitor. No entanto, como é obra desconhecida do público, além dos números de entradas, estão citados o tempo de redação (15 anos) e a quantidade de redatores (34) e colaboradores (43).

Em consonância com a amplitude dos números, encerra-se uma proposta de dicionário amplo, com abrangência da língua em todos os territórios onde ela é falada. Em oposição a essa amplitude está o cuidado extremo em “definir efetivamente os conceitos das palavras analisadas, em lugar de lançar mão da prática da simples sinonimização” (GHLP, 2001, p. XV).

Dessa opção pela perífrase e não pela sinonimização, ainda que imprecisa por conta da polissemia dos vocábulos, emerge a necessidade de um leitor prototípico dotado de uma “competência linguística” suficiente para fazer essa “decodificação semântica” e para lidar com definições extensas, além de uma série de outras “informações úteis”, como

rubricas temáticas, dados sobre regionalismo, nível de uso, estatística de emprego e registro diacrônico das acepções, sinônimos, antônimos, coletivos, notas de gramática e uso das palavras, informes onomasiológicos etc. (GHLP, 2001, p. XV)

Na contrapartida do papel do leitor de decodificar enunciados mais extensos, está a incumbência do dicionarista de “evitar a armadilha da sinonimização e procurar definir os reais sentidos das palavras” (GHLP, 2001, p. XV). Isso demanda um grau de especialização que pode levar a dificuldades para leitores não especializados na “terminologia de alguns temas, especialmente de ordem científica e tecnológica” (GHLP, 2001, p. XV). Dessa forma, o dicionário busca um leitor mais preparado para as descrições que produz, mas reconhece que “não há quem domine todas as temáticas nele registradas e que o problema resolve-se com uma ida a outro verbete” (GHLP, 2001, p. XV).

O leitor prototípico, além de ser competente no uso do código e das informações, é também múltiplo, por conta da abrangência geográfica e cronológica que a obra pretende alcançar, pois “resultou em uma obra com cerca 228.500 unidades léxicas que não privilegia determinada faixa cronológica ou geográfica da língua” – reproduzindo a representação de universalidade de que falamos antes –, uma vez que organiza as acepções por datação e registra “vocábulos da língua antiga e arcaica”, além de contar com colaboradores de “Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, e Moçambique” (GHLP, 2001, p. XV)

É grande também a abrangência de fontes consideradas no registro de acepções e entradas: “obras literárias, técnicas e didáticas, além de periódicos de informação geral e de entretenimento” (GHLP, 2001, p. XV). Essas pesquisas citadas no GHLP incluíram o confronto com as obras de outros lexicógrafos, característica do *ethos* que levantamos neste capítulo, e revelaram uma tendência tanto descritiva, como a dos exemplos, quanto normativa, embora esta só apareça com mais força no DHL, quanto à padronização da ortografia:

Quanto à ortografia, [...] este *Dicionário Houaiss* procurou louvar-se nas soluções dadas pela A.B.L. ao seu novo Vocabulário. Muito poucas ressalvas, mas de ordem afim, ocorreram nesse processo, como é o caso das palavras compostas que perderam seu hífen, às quais consideramos locuções substantivas enquanto o Vocabulário as classifica como substantivos tão somente.

Avançando na magnitude que o dicionário pretende alcançar, sua pretensão extrapola a função de referência para dúvidas de consulentes, pois busca ser referência dentro do próprio cenário da lexicografia mundial, como se observa no seguinte trecho:

Foi a importância da nossa língua no concerto das de maior curso de utilização que plasmou a necessidade de projetar um dicionário abrangente para ombrear como que há de mais moderno no gênero pelo mundo. [para a construção do que] Antônio Houaiss sonhou para este dicionário: um espaço de conscientização ecumênica da língua, que possibilitasse também a conquista de um novo patamar no desenvolvimento de nossa lexicografia. (GHLP, 2001:XV)

## 5. POLIFONIA E MODALIZAÇÃO

*O modus fornece as pistas para que se vá além do dictum.*

Lúcia Deborah Salles da Cunha

### 5.1 As vozes que atravessam o discurso dicionarístico

No capítulo anterior, entre as muitas características do dicionarista prototípico, estava uma autoridade que lhe foi atribuída para veicular e produzir o saber. Tal condição traz consigo a necessidade de criar um ambiente discursivo imparcial porque cabe ao dicionarista registrar as palavras e coisas do mundo e seus usos e não opinar sobre eles. É notório, ainda, que nenhum discurso é totalmente isento porque, entre as vozes que circulam nesse ambiente, está também a de um julgamento, materialmente mais visível em certos gêneros, como o artigo de opinião, e mais velada em outros, como o dicionário.

Imbuído dessa aura de imparcialidade, aquilo que o dicionário veicula tem um peso de verdade absoluta, quando, na verdade, também envolve opções, ideias e juízos de valor de uma parcela da sociedade, uma vez que é também memória viva do que se considera o bom uso da língua e da tradição cultural. No dicionário transparecem ainda os preconceitos e as visões ideológicas do locutor e da sociedade, por exemplo, na redação dos verbetes e dos exemplos, na seleção da macroestrutura, na opção por uma abonação (CORREIA, 2009, p. 107).

De outra forma não poderia ser, dado que discurso isento não é viável e o dicionário, mesmo revestido da imparcialidade que lhe foi conferida, é feito por pessoas que, como tal, imprimem um pouco de si e de sua ideologia no discurso. O que acontece no caso desse gênero é uma tentativa de apagamento dessas marcas ou sua máxima neutralização por meio de uma unificação do discurso da equipe e de regras de redação, acompanhadas de perto por uma coordenação que busca manter ao máximo a unidade da obra.

Entretanto, se é parte do contrato de comunicação que envolve a produção do dicionário apagar essas vozes, de que forma elas emergem? Na tentativa de responder a essa questão, buscamos o fato de que há estruturas linguísticas mais propícias para marcar os julgamentos e a voz do enunciador, da mesma forma que existem outras mais produtivas para estabelecer a impessoalização. De posse de um estudo dessas estruturas, usamos a natureza de hipertexto imanente ao dicionário, que dificilmente levará à leitura linear do texto, uma vez

que o consulente cruza a obra, passeia por ela transversalmente, verticalmente, saltando de verbete em verbete, acompanhando remissões, tecendo associações semânticas.

Essa potencialidade, existente no papel, materializou-se nas versões eletrônicas. Fazendo uso disso, contamos com as ferramentas de busca das próprias obras<sup>24</sup>, que nos possibilitam atravessar os verbetes e fazer a pesquisa não pela macroestrutura, mas sim pelo próprio texto do verbete. Assim, usando a pesquisa reversa, tentamos encontrar nas redações dos verbetes estruturas que marcassem um enunciador que adere ou não ao discurso, que opina, que se manifesta, condena ou aplaude determinada proposição. Para chegar a esse elenco de estruturas a pesquisar, pensamos, primeiramente, sobre as diferentes formas de enunciar as informações.

#### 5.1.1 O locutor, o enunciador e as informações

O dicionário é um repositório de conhecimento, uma forma de compilar as informações do mundo em uma fonte de referência que supera a memória limitada dos falantes, uma fonte para aqueles dispostos a tirar dúvidas ou buscar respaldo para uma opção lexical, um uso. Conforme vimos no capítulo anterior, o dicionário é uma obra de autoridade e o consulente busca as mais diferentes informações: significado, grafia, regência, exemplos, usos. Observamos também que o dicionarista regula suas opções pelo protótipo de consulente que prevê ao compor sua obra e, pelo mesmo processo, o consulente tem uma imagem discursiva do dicionarista ao decidir recorrer à sua obra.

Dessa forma, tanto um como o outro ajudam a definir as regras do contrato de comunicação e, nesse processo, assumem também o papel de enunciadores múltiplos, diversos e atendendo aos mais diversos fins discursivos. No entanto, como locutor que produz e gerencia o discurso, o lexicógrafo pode expor sua relação com a informação de forma clara nos enunciados. É por esse princípio que, num verbete técnico, podemos encontrar a referência a uma obra ou autor que vem respaldar a informação fornecida pelo dicionarista e conceder ao consulente mais um reforço dessa informação. Podemos, ainda, encontrar um adjetivo, um advérbio, um verbo que mostra a informação como algo em que se pode confiar plenamente (*naturalmente, óbvio, certamente*) ou com ressalvas (*talvez, supõe-se, considera-se*). Enfim, muitas são as formas como o enunciador pode lidar com a informação.

Para esclarecer como isso se processa, buscamos as orientações de Azeredo (2010, p. 89), que mostrou que as relações do produtor do enunciado com a informação ocorrem de três

---

<sup>24</sup> Cabe lembrar que há breve apresentação das ferramentas das duas obras no capítulo de metodologia.



maneiras: por referenciação, por predicação e por balizamento. É por meio da referenciação que o enunciador objetiva tornar seu texto inteligível quanto mais for possível para o outro, se for essa a sua intenção. Pensando na obra dicionarística, entendemos que sua consulta é pontual e, portanto, sempre feita no intervalo de uma outra leitura e na construção de outro texto. Assim, tendo em mente as orientações de Landau (1989), somos levados à condição natural de um enunciado que seja o mais facilmente apreendido pelo leitor, o que envolve a precisão e a clareza da definição, dos exemplos e de qualquer informação ali registrada. As estratégias de descrição – mais profunda, mais técnica, mais leiga – determinadas pelas imagens prototípicas de leitor e de lexicógrafo, influem diretamente nas escolhas lexicais e nas formas de compor as referências do discurso dicionarístico.

Por meio da predicação, os enunciadores criam proposições, unem os elementos da língua em cadeias sintagmáticas e compõem estruturalmente os enunciados. Por meio da seleção dos elementos em paradigmas, o produtor do enunciado pode optar por realçar determinado elemento no sintagma, pode decidir simplesmente omiti-lo, para evitar a repetição desnecessária que sobrecarrega a cadeia enunciativa, ou, ao contrário, pode escolher, por ênfase, justamente marcar a repetição de um item. Nos dicionários, a predicação costuma ocorrer de forma diferente, ao menos dentro dos verbetes, pois é definida pela quebra da estrutura comum nos enunciados da língua. Por exemplo, um adjetivo é definido por um adjetivo, um substantivo por um substantivo e um verbo por um verbo a partir do princípio da substituição, como ocorre nos verbetes a seguir, retirados do DALP:

**adoração** [Do lat. *adoratione*.] Substantivo feminino. 1. Ato de adorar. 2. Culto a uma divindade. 3. P. ext. Culto, reverência, veneração. 4. Amor excessivo; idolatria. 5. Gosto imoderado de alguma coisa. 6. Quadro que representa a veneração dos Reis Magos ao Menino Jesus.

**adorar** [Do lat. *adorare*.] Verbo transitivo direto. 1. Render culto a (divindade): “Um cerra as asas débeis e a divindade adora, / O outro adora a Deus e as asas níveas solta.” (Fagundes Varela, *Poesias Completas*, I, p. 238.) 2. Reverenciar, venerar: “devotíssimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem diferença de lugar ou tempo.” (Jacinto Freire de Andrada, *Vida de D. João de Castro*, p. 340.) 3. Amar extremosamente; idolatrar: Adorava os pais; “Amo-te muito; adoro-te, confesso” (Humberto de Campos, *Poesias Completas*, p. 54.) 4. Fam. Gostar muitíssimo de; ter grande predileção a: “Eu adorava meu avô Cesário Pereira, e ele adorava crianças.” (Afonso Arinos Filho, *Primo Canto*, p. 27.) Verbo transobjetivo. 5. Cultuar, reverenciar, venerar: *Os antigos egípcios adoravam o Sol por divindade*. Verbo intransitivo. 6. Prestar culto de adoração. Verbo pronominal. 7. Amar extremamente, venerar (a si mesmo). 8. Amar-se mutuamente ao extremo: “Quando se conheceram, Romeu e Julieta estavam em plena adolescência. Adoraram-se, com a ternura ainda inconsciente de si mesma” (Múcio Leão, *Emoção e Harmonia*, p. 68).

**adorável** [Do lat. *adorabile*.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Digno de adoração. 2. Fascinante; encantador, admirável: *uma garota adorável*.

Essa predicação específica decorre das próprias necessidades do gênero e raramente segue o padrão da ordem direta, com sujeito, verbo e objeto, pois o que sempre norteia a

redação da acepção é a classe de palavra da entrada. A construção prosaica regular tem espaço nos comentários enciclopédicos, de campos específicos e nos textos como prefácio e apresentação.

Não apenas a referência – quase sempre por meio da seleção lexical – mas também a predicação – por exemplo, pela ordenação dos elementos – nos dão indicações acerca das intenções do enunciador. Mas é por meio do balizamento, cuja função “é explicitar no texto as pistas indicativas do efeito de sentido pretendido pelo enunciador” (AZEREDO, 2010, p. 90), que podemos determinar mais especificamente e em termos globais que recursos linguísticos são acionados na produção dos enunciados, pois ele usa duas estratégias principais:

a **modalização**, por meio da qual o enunciador expressa atitudes e opiniões relativamente ao conteúdo proposicional; e a **hierarquização**, responsável pelo *status* ou relevância das parcelas de informação contidas no texto. (AZEREDO, 2010, p. 90)

A hierarquização das ideias nos possibilitam analisar, caso a caso, quais informações são privilegiadas e quais estão em segundo plano, o que nos pode ser útil na determinação do que o dicionarista considera mais efetivo em termos de descrição e que postura de adesão ou distanciamento desse enunciado ele postula, especialmente por meio da seleção lexical. Para ilustrar isso, recorreremos às palavras de Correia (2009, p. 107):

[...] de acordo com a 6ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora, um *comunista* é um ‘sequaz do comunismo’, um *marxista* é uma ‘pessoa sequaz do marxismo’, enquanto um *socialista* é ‘pessoa partidária do socialismo’ e um *social-democrata* é ‘aquele que perfilha a doutrina da social-democracia’. [grifos da autora]

No entanto, é por meio da modalização que podemos elencar, por recursos linguísticos mais localizados, quais são as relações do enunciador com as proposições. Como obra para ser consultada e não lida por inteiro, dada sua proposta e natureza, é possível usar leituras hipertextuais e os recursos da informática disponíveis para, elencando formas e ocorrências, perceber, a partir da visão interna do dicionário (a microestrutura), que decisões discursivas são comuns aos verbetes e que vozes atravessam essas definições. Pretendemos, pela modalização, observar como o locutor se posiciona e acessar os enunciadores que se mostram mais simpáticos ou mais distantes de alguns conceitos, estruturas, informações, áreas de conhecimento constantes num dicionário, relação que também nos foi apontada em nota por Marques (2006, p. 159), ao afirmar que a modalidade

Recorta aspectos de polifonia: na adesão, ou não, do locutor à voz que põe em cena. São pontos de vista que o locutor põe em cena. Considera-se que as modalidades são marcar polifónicas da enunciação. Modalizar é mostrar dúvida. Pressupõe duas vozes. As modalidades epistêmicas assinalam o grau de adesão do locutor ao seu enunciado.

Chegamos, assim, num momento decisivo da pesquisa, pois estabelecemos os recursos de modalização como estratégias discursivas para a avaliação das vozes presentes nas definições, especialmente a voz do dicionarista. Obviamente, não estamos nos furtando ao direito de avaliar a hierarquização e a predicação como fontes de informação, mas, para efeitos massivos, de metodologia de trabalho com base nessa abordagem que perpassa os verbetes, a modalização nos possibilita fazer a avaliação dos enunciados das definições sem precisar ler todo o dicionário.

Nesse momento, estabelecido o caminho da investigação, é importante mencionar algumas questões relativas ao conceito de modalização, especialmente com relação à opção por esse termo. Durante as leituras específicas para este capítulo, entrei em contato com autores que adotaram diferentes terminologias: usavam *modalidade*, usavam *modalização*, usavam os dois indistintamente, marcavam uma distinção que é feita, mas não seria adotada no estudo. A última opção é a usada nesta pesquisa, em consonância com Castilho e Castilho (2002), e mantendo, sempre que possível, o termo usado pela fonte consultada. Para a distinção entre os dois termos em diferentes correntes, são boas fontes de consulta o artigo de Marques (2006), “Modalização/modalidade: (in)definições da área”, e os verbetes *modalidade* e *modalização* em Maingueneau e Charaudeau (2008, p. 334-7).

Além disso, cabe ressaltar que a opção pela simplificação também acontece porque o foco principal da pesquisa é a polifonia, não a modalização, usada como caminho para chegar a essas vozes nos dicionários. Sobre essa posição, é interessante buscar, ainda, as palavras de Marques (2006, p. 158) sobre as indefinições que cercam esses conceitos:

Estas flutuações tipológicas apontadas justificam que muitos dos trabalhos publicados sobre a matéria façam economia das considerações teóricas e se centrem na análise de determinado(s) modalizador(es). [...] as restrições a modalizadores específicos permitem falar de modalidade/modalização sem entrar nas areias movediças das definições e delimitações.

Considerada por Marques (2006, p. 158) uma “simplificação ilusória”, entendemos que ela nos basta nessa empreitada. A amplitude do fenômeno modalização nos serve aqui ao propósito de observar a polifonia, um terreno movediço mesmo com uma terminologia mais específica.

## **5.2 A modalização e os marcadores modais**

No momento da enunciação, quem fala ou escreve pode ter diferentes maneiras de encarar a proposição que ali toma forma. A relação mental que um falante possui com o enunciado que profere e a que o interlocutor aciona estão plenamente acessíveis apenas nas

suas mentes, mas a atitude que ele assume perante os enunciados acontece mediada pela linguagem, ou seja, é possível observar dados linguísticos que nos possibilitam mapear algumas dessas relações dos enunciadores com os enunciados.

Segundo Neves (2002), resgatando diferentes teorias em seu estudo na *Gramática do Português Falado*, volume VI, a modalidade pode ser o modo pelo qual o significado de uma frase se qualifica para mostrar o julgamento do falante sobre probabilidade de sua proposição ser verdadeira, o processo por meio do qual o enunciador assume o conteúdo proposicional de um seu enunciado relativamente a um evento ou a uma relação intersubjetiva, distinguindo o *dictum* (conteúdo proposicional) do *modus* (atitude do sujeito com relação ao conteúdo proposicional) ou simplesmente a relação entre o sujeito da enunciação e seu enunciado (NEVES, 2002, p. 172).

Nesse panorama nos é especialmente interessante a distinção entre *dictum* e *modus*, uma vez que buscamos, num gênero marcado por alto grau de informatividade, função referencial da linguagem e discurso neutro, o *modus* de um dicionarista que, como entidade discursiva, muitas vezes está sutilmente – outras vezes não – disfarçado em uma estrutura rígida de um gênero formal. É por meio do *modus* que pretendemos atravessar o dicionário e observar diferentes atitudes do locutor perante o enunciado, explicitando as marcas linguísticas desse *modus*.

A modalidade vem, em sua tradição, apoiada em três eixos (cf. Koch, 2002): o da existência (modalidade alética), o da crença (modalidade epistêmica) e o da conduta (modalidade deôntica). As modalidades aléticas guardam relação direta com a lógica aristotélica e, por isso, situam o valor de verdade das proposições em sintonia com a realidade do mundo. As modalidades epistêmicas determinam como o falante qualifica uma proposição dentro dos diferentes níveis da polaridade *certeza absoluta* – *não certeza*. As deônticas regulam-se por normas, por isso a associação à conduta, e apontam o que, para o falante, situa a proposição no campo da obrigação ou da necessidade.

Neves (2002) e Koch (2002) entendem que as modalidades por excelência são as deônticas e as epistêmicas, pois “é muito improvável, afinal, que um conteúdo asseverado num ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante” (NEVES, 2002, p. 180). Assim, constituem um campo fértil para estudos linguísticos nas línguas naturais as modalidades deônticas e epistêmicas, pois nelas residem as atitudes do enunciador, já que uma avaliação alética desloca para dentro da proposição, longe do contexto e da enunciação, as condições que determinam se ela é verdadeira ou falsa representação do mundo.

Muitas vezes não existe mesmo uma correspondência direta entre a intenção comunicativa e a proposição, como ocorre com os enunciados irônicos, e menos ainda pode haver entre a proposição e o mundo. Assim, num contexto de verdades relativas e ideologias que se cruzam, não cabe, como buscava Aristóteles, uma verdade absoluta, que possa balizar todo o pensamento e rotular cada proposição como verdadeira ou falsa.

Nos dicionários gerais de língua, *pari passu* à ideologia do dicionarista sábio, isento e detentor do conhecimento, vê-se um enunciador que se levanta sorratamente brotando, entre outros recursos, por meio dos marcadores modais, que nos possibilitam resgatar, ainda que em parte, outras verdades e outras formas de ver o mundo que muitas vezes podem se chocar com a dominante. Porém, num *corpus* como o nosso, cuja característica formal é bem marcada, um cerceamento da produção dos enunciados pode rarear algumas estruturas ou manifestações de adesão ou rejeição a uma proposição. Para observar isso, é necessário antes definir de que forma a modalização se expressa linguisticamente.

Castilho e Castilho (2002, p. 202) mencionam algumas estruturas linguísticas modais, em uma seleção que ainda conta, em Neves (2002, p. 175), com substantivos como *opinião* e *impressão*, avaliados dentro de seu contexto.

A modalização movimenta diferentes recursos linguísticos: (1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em ‘trabalhei mui::to, mas muito mEsmo’, (2) os modos verbais; (3) os verbos auxiliares como *dever*, *poder*, *querer* e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar*, *crer*, *acreditar* [...]; adjetivos só ou em expressões como ‘*é possível*’, ‘*é claro*’ etc.; (5) advérbios como *possivelmente*, *exatamente*, *obviamente* etc.; (6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como ‘na verdade’, ‘na realidade’, ‘por certo’ etc.

Como se trata de um *corpus* escrito, estão descartados os usos ligados diretamente à produção oral, como os casos de prosódia citados em 1, mas os recursos de 2 a 6 são parte de nossa avaliação, desde que possam conduzir a termos-chave para a pesquisa reversa das obras eletrônicas, visto que, sem elencar estruturas, é impossível obter uma visão panorâmica das obras, já que a leitura transversal não seria viável. Assim, para nos conduzir a diferentes formas de modalização e chegar aos termos-chave de pesquisa (palavras, sintagmas, expressões), buscamos diferentes estudos, entre os quais se destacam os de José Carlos de Azeredo (*Gramática Houaiss da língua portuguesa*), Maria Helena de Moura Neves (*Gramática de usos do português* e *Gramática do Português Falado*), Maria Helena Mira Mateus (*Gramática da língua portuguesa*) e Ataliba Castilho (*Nova gramática do português brasileiro*). Porém, foi o estudo de Ataliba e Célia Castilho sobre o advérbio no volume II da *Gramática do português falado* (2002) que nos forneceu o material necessário para fechar uma lista de busca.

### 5.3 A modalização e o estudo de Castilho e Castilho

#### 5.3.1 Outra dimensão modalizadora

Em seu capítulo sobre o uso do advérbio, Castilho e Castilho (2002) apontam diretamente para a modalização como uma das formas produtivas para detectar as qualificações do enunciador. Com isso, entendemos que também é possível detectar as vozes que, nesses afastamentos ou adesões, podem emergir do enunciado. Como vimos anteriormente, a modalização costuma operar em três eixos, dos quais o epistêmico e o deôntico são terreno fértil para estudos linguísticos e discursivos. Segundo o estudo de Castilho e Castilho, outra dimensão entra em jogo e a modalização também pode ser afetiva.

Os advérbios de modalização epistêmica “compreendem três subclasses: os asseverativos, os quase-asseverativos<sup>25</sup> e os delimitadores.” (2002, p. 206), definidas segundo o grau de adesão do enunciador à proposição. Os asseverativos expressam alto grau de adesão à proposição, positiva (por exemplo, o advérbio *realmente*) ou negativamente (por exemplo, a locução *de jeito nenhum*), donde concluímos que, junto à voz do enunciador dicionarista que referencia um item, está a voz de um enunciador que atesta essa referência como válida, ou, em outras palavras, o *dictum* expressa uma proposição e o *modus* expressa a concordância ou não do locutor.

Os quase-asseverativos (*talvez*) mostram baixa adesão, uma vez que se coloca em xeque a veracidade da proposição e, com ela, o locutor busca um enunciador distante dela. Esse locutor sinaliza ao interlocutor que deve prestar atenção porque ele não afiança o conteúdo da proposição, eximindo-se de qualquer responsabilidade sobre ela. (CASTILHO ;CASTILHO, 2002, p. 207).

Os advérbios delimitadores inscrevem o conteúdo da proposição em barreiras, desse modo o locutor necessita de uma voz que marque as fronteiras da proposição, dentro das quais o enunciado deve ser encarado. Ainda segundo Castilho e Castilho (2002, p. 207),

os delimitadores têm uma força ilocucionária maior que os asseverativos e os quase-asseverativos, pois implicam uma negociação entre os interlocutores, necessária à manutenção

---

<sup>25</sup> Como afirmamos na introdução, optamos por manter a grafia das palavras na citação de acordo com o original, se a obra foi publicada antes da vigência do novo acordo. Como nos apropriamos da nomenclatura desta obra, apenas neste caso, mantivemos o hífen em *quase-asseverativos*. Sobre o uso do hífen em derivados com *quase*, há o seguinte comentário neste verbete do DHLP: “em novembro de 2008, a Academia Brasileira de Letras sugeriu que passassem a se grafar sem hífen as palavras que no português se iniciavam por *quase* empregado como el.comp. (p.ex., *quase-contrato*, *quase-delito*, *quase-domicílio*, *quase-equilíbrio*, *quase-estático*, *quase-posses* e outras mais); por consenso com a ABL, este dicionário passou a registrar as palavras compostas com *quase* como locuções; o Acordo Ortográfico de 1990 não menciona regra para esse uso” No *site* da Academia Brasileira de Letras, em que pesquisamos a grafia no Vocabulário Ortográfico, nenhuma das ocorrências com *quase* possui hífen.

do diálogo. Eles podem ser representados pelo predicador complexo “digamos que, do ponto de vista X, Y”.

Assim, o locutor pode afiançar a proposição com os asseverativos, evadir-se da responsabilidade pelo enunciado com os quase-asseverativos ou marcar as fronteiras da proposição com os delimitadores. São exemplos de modalizadores asseverativos os advérbios *realmente* e *evidentemente* (afirmativos) e as locuções *de jeito nenhum*, *de forma alguma* (negativos). *Talvez* e *possivelmente* são exemplos de quase-asseverativos e *basicamente* e a locução *um tipo de* são exemplos de delimitadores.

A modalização deôntica indica que o locutor “considera o conteúdo de P como um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente” (CASTILHO ; CASTILHO, 2002, p. 208). Assim, uma proposição acompanhada da modalização deôntica hierarquiza as ideias ao inscrever o enunciado num lugar em que não há, do ponto de vista do locutor, qualquer negociação ou outra visão possível a não ser aquela enunciada. A larga ocorrência dos deônticos não era verificada no *corpus* do NURC porque em

entrevistas tematicamente orientadas, em que prevalece a função referencial da linguagem –, não se criam as condições para uma larga ocorrência de deônticos, mais presentes na interação espontânea, quando o falante deseja atuar fortemente sobre o interlocutor (CASTILHO ;CASTILHO, 2002, p. 208).

Essa verificação faremos ao longo da avaliação do *corpus*, também eminentemente referencial, uma vez que também é função do dicionário descrever as coisas do mundo para o consulentes. Por conta da pouca ocorrência, foram levantados apenas dois modalizadores deônticos: *obrigatoriamente*, *necessariamente*. Nessas ocorrências, o calibrador da certeza/não certeza é o conhecimento, que compromete o falante com a verdade das declarações.

Os modalizadores afetivos traçam diferentes relações entre o locutor e o conteúdo proposicional, que não incluem a dúvida, a adesão completa, a delimitação num quadro ideológico (tipos de modalização epistêmica) e a obrigatoriedade (modalização deôntica)<sup>26</sup>. Os modalizadores afetivos podem ser subjetivos – se expressam a predicação dupla: a opinião do falante em face da proposição e a própria proposição – ou intersubjetivos – se expressam uma predicação simples, assumida pelo falante em face do seu interlocutor, a propósito de P. São exemplos de modalizadores afetivos subjetivos *felizmente*, *infelizmente*, uma vez que

---

<sup>26</sup> Os modalizadores afetivos verbalizam as reações emotivas do falante em face do conteúdo proposicional, deixando de lado quaisquer considerações de caráter epistêmico ou deôntico. Eles exemplificam a função emotiva da linguagem e podem ser representados pelo predicador “eu sinto X em face de P”. (CASTILHO e CASTILHO, 2002, p. 209)

exprimem a emoção do falante perante a proposição, em uma equivalência com “eu fico feliz que/estou infeliz por...”. Já *sinceramente* é um exemplo de intersubjetividade, uma vez que exprime a consideração da emoção do falante perante o interlocutor, em uma equivalência com “serei sincero com você”.

A partir do estudo do advérbio, podemos ampliar a lista com alguns adjetivos correspondentes dos quais derivaram os advérbios. O elenco dos termos-chave para as buscas, retirado do estudo de Castilho e Castilho (2002) e levemente modificado, consta na metodologia, capítulo 1 deste trabalho. Abaixo reproduzimos novamente a tabela original dos pesquisadores, que, apesar de constar na metodologia, segue como sistematização de tudo o que vimos aqui.



5.3.2 Tabela com os advérbios modalizadores de Castilho e Castilho**GRUPO A – EPISTÊMICOS**

<b>E P I S T Ê M I C O S</b>	<b>ASSEVERATIVOS</b>	<b>afirmativos</b> – <i>realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, obviamente, reconhecidamente, logicamente, seguramente, verdadeiramente, certamente, absolutamente, forçosamente, fatalmente, incontestavelmente, inegavelmente, indiscutivelmente, indubitavelmente, exato, claro, certo, lógico, pronto, na realidade, sem dúvida, mesmo.</i>
		<b>negativos</b> – <i>de jeito nenhum, de forma alguma.</i>
	<b>QUASE-ASSEVERATIVOS</b>	<i>assim, eventualmente, possivelmente, provavelmente, talvez</i>
	<b>DELIMITADORES</b>	<i>quase, um tipo de, uma espécie de, em geral, em princípio, fundamentalmente, basicamente, praticamente, do ponto de vista de + adj., geograficamente, historicamente, profissionalmente, pessoalmente</i>

**GRUPO B – DEÔNTICOS**

<b>DEÔNTICOS</b>	<i>obrigatoriamente, necessariamente.</i>
------------------	---

**GRUPO C – AFETIVOS**

<b>A F E T I V O S</b>	<b>SUBJETIVOS</b>	<i>felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente</i>
	<b>INTERSUBJETIVOS</b>	<i>sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente</i>

5.3.3 Alterações na tabela de modalizadores de Castilho e Castilho

Todos os estudos que embasaram esta lista trataram da modalização pelo viés do advérbio, a classe discursivamente mais produtiva para tal, dada sua mobilidade e a gama de palavras que abrange como categoria. Entendendo a estreita relação entre os advérbios e os adjetivos, decidimos incluir na pesquisa os adjetivos de que derivam alguns dos advérbios, na

tentativa de ampliar o espectro de análise por meio de um viés semântico comum a essas palavras.

Por isso, propomos as seguintes inclusões nas fórmulas para pesquisa. Entre os epistêmicos asseverativos, incluímos os adjetivos *óbvio*, *evidente*, *natural*, *incontestável*, *inegável*, *indiscutível*, *indubitável*. Entre os epistêmicos quase-asseverativos, porque também mostram baixa adesão e colocam em xeque a veracidade da proposição, incluímos os advérbios *hipoteticamente*, *supostamente* e *pretensamente*, que guardam identidade semântica com outros advérbios como *possivelmente*, e os adjetivos *suposto*, *possível* e *provável*.

Entendendo também que algumas formas de delimitação surgiram por conta do *corpus*, e por isso são muitas localizadas, entre os epistêmicos delimitadores, eliminamos *geograficamente*, *historicamente*, *pessoalmente* e *profissionalmente*, uma vez que não encontramos justificativa para mantê-los, já que em tese não expressam comprometimento ou não do locutor, tanto quanto não indicam, por exemplo, *antropologicamente*, *biologicamente*, *cronologicamente*, análogos aos que excluímos. Ainda nessa classe, incluímos o *geralmente*, pela sinonímia de *em geral*. Entre os deônticos, incluímos *obrigatório* e *necessário*. Entre os afetivos, mesmo crendo que serão poucas as manifestações, fizemos apenas uma alteração: a inclusão de *espantoso*. A seguir, para incorporar as mudanças e sistematizar os termos de pesquisa, mostramos a tabela anterior atualizada com as alterações e organizada com os elementos em ordem alfabética e numerados.

#### GRUPO A – EPISTÊMICOS

E P I S T Ê M I C O S	ASSEVERATIVOS	<b>afirmativos</b> – 1. <i>absolutamente</i> , 2. <i>certamente</i> , 3. <i>certo</i> , 4. <i>claro</i> , 5. <i>efetivamente</i> , 6. <i>evidente</i> , 7. <i>evidentemente</i> , 8. <i>exato</i> , 9. <i>fatalmente</i> , 10. <i>forçosamente</i> , 11. <i>incontestável</i> , 12. <i>incontestavelmente</i> , 13. <i>indiscutível</i> , 14. <i>indiscutivelmente</i> , 15. <i>indubitável</i> , 16. <i>indubitavelmente</i> , 17. <i>inegável</i> , 18. <i>inegavelmente</i> , 19. <i>logicamente</i> , 20. <i>lógico</i> , 21. <i>mesmo</i> , 22. <i>na realidade</i> , 23. <i>natural</i> , 24. <i>naturalmente</i> , 25. <i>obviamente</i> , 26. <i>óbvio</i> , 27. <i>pronto</i> , 28. <i>realmente</i> , 29. <i>reconhecidamente</i> , 30. <i>seguramente</i> , 31. <i>sem dúvida</i> , 32. <i>verdadeiramente</i>
	QUASE-ASSEVERATIVOS	<b>negativos</b> – 33. <i>de forma alguma</i> , 34. <i>de jeito nenhum</i> 35. <i>assim</i> , 36. <i>eventualmente</i> , 37. <i>hipoteticamente</i> , 38. <i>possível</i> , 39. <i>possivelmente</i> , 40. <i>pretensamente</i> , 41. <i>provável</i> , 42. <i>provavelmente</i> , 43. <i>supostamente</i> , 44. <i>suposto</i> , 45. <i>talvez</i>
	DELIMITADORES	46. <i>basicamente</i> , 47. <i>do ponto de vista de + adj.</i> , 48. <i>em geral</i> , 49. <i>em princípio</i> , 50. <i>fundamentalmente</i> , 51. <i>geralmente</i> , 52. <i>praticamente</i> , 53. <i>quase</i> , 54. <i>um tipo de</i> , 55. <i>uma espécie de</i>

**GRUPO B – DEÔNTICOS**

<b>DE ÔNTICOS</b>	<b>56. necessariamente, 57. necessário, 58. obrigatoriamente, 59. obrigatório</b>
-------------------	---

**GRUPO C – AFETIVOS**

<b>A F E T I V O S</b>	<b>SUBJETIVOS</b>	<b>60. curiosamente, 61. espantosamente, 62. espantoso, 63. felizmente, 64. infelizmente, 65. surpreendentemente</b>
	<b>INTERSUBJETIVOS</b>	<b>66. estranhamente, 67. francamente, 68. lamentavelmente, 69. sinceramente</b>

## 6. MERGULHO NAS DEFINIÇÕES

### 6.1 Grupo A – Modalizadores epistêmicos

Os modalizadores epistêmicos constituem a maior parte de itens pesquisa no *corpus* e, em suas formas de asseveração afirmativas, mostram autoridade na voz do dicionarista pela adesão à proposição (*naturalmente* e *claramente* em uma proposição mostram como ela é simples para o locutor), diferentemente da proteção de face promovida pela quase-asseveração (*provavelmente* e *possivelmente* possibilitam ao locutor se afastar e garantir a isenção e a descrição na análise).

Seguimos, neste estudo, as orientações de Castilho e Castilho (2002), mas é interessante trazer as orientações de Neves (2000, p. 247) constantes na *Gramática de Usos do português*, que mostra uma leve diferença na nomenclatura com relação aos quase-asseverativos, mas divide os advérbios modalizadores epistêmicos em categorias com os mesmos critérios de Castilho e Castilho (2002).

Segundo seu estudo, os asseverativos afirmativos são modalizadores de factualidade, por meio deles o conteúdo é apresentado pelo falante como fato, como fora de dúvida. De acordo com o saber do falante, os advérbios podem ser de evidência (*evidentemente*, *reconhecidamente*), de irrefutabilidade (*incontestavelmente*, *indubitavelmente*, *indiscutivelmente*, *realmente*, *na realidade*), de naturalidade dos fatos (*naturalmente*, *obviamente*, *logicamente*) ou de simples crença ou certeza do falante (*efetivamente*, *certamente*, *seguramente*, *com certeza*, *sem dúvida* [alguma], *mesmo*).

Os asseverativos negativos são modalizadores de contrafactualidade (expressa pelas perífrases *eu sei que não*, *é certo que não*), o conteúdo é apresentado pelo falante como não factual, como em *Não deixaria de ir ao cinema aquela noite, de jeito nenhum* e *Não saberia de forma alguma distinguir o que fora feito por minhas próprias mãos ou o que fora repostado por mãos inimigas*.

Os asseverativos relativos são modalizadores de eventualidade (expressa pelas perífrases *eu acho que*, *é possível que*), o conteúdo do que se diz é apresentado como uma eventualidade, como algo que o falante crê ser possível, ou impossível, provável ou improvável. Ele não se compromete com a verdade do que é dito, e com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação (NEVES, 2000, p. 247).

Entendemos, então, que os asseverativos são graduais, porque marcam níveis diferentes de adesão do locutor e proteção de face discursiva, em uma escala em que, quanto

maior o grau de asseveração, maior a adesão e menor a proteção de face e, quanto menor o grau de asseveração, menor a adesão e maior a proteção de face. Segundo Neves (2002, p. 187),

[a] avaliação epistêmica se situa num ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) *certo*, se estende pelos limites e indefinidos graus do *possível*. A língua dispõe de uma série de expressões para relativizar os diversos pontos desse espaço, conforme convenha à intenção comunicativa.

A questão é que determinar os pontos desse espaço – e dos outros espaços da modalização, não apenas nos epistêmicos – nem sempre resulta de uma conta exata, e, mesmo entendendo que existe o nível da proposição e o nível da modalização, determinar o escopo do advérbio e identificar as vozes de um enunciado é uma tarefa que não se baseia num sistema rígido, com fronteiras claras. Castilho e Castilho (2002, p. 213), a partir da analogia com a cebola, explicam que a língua tem diferentes camadas de significação: a *proposicional* (em que ‘falamos de’ e ‘falamos que’), a *modal* (em constam “as avaliações que o falante promove a respeito do que ele fez constar na camada proposicional”) e a *pragmática* (em que as “significações são geradas no espaço [...] do discurso”). O advérbio, segundo os autores, transita por essas três camadas, configurando o que Marques (2006, p. 158) denominou de “polifuncionalidade das unidades linguísticas”:

[...] na camada proposicional, os advérbios participam da construção do conteúdo proposicional através da modificação e da verificação dos constituintes sentenciais; na camada modal, eles expressam a avaliação do falante sobre o conteúdo (= extensão, necessidade, possibilidade) e a forma da proposição; na camada pragmática, finalmente, eles correlacionam o falante e o interlocutor engajados numa conversação com conteúdo das proposições que estão sendo criadas. [...] Esta enorme potencialidade dos advérbios explica a complexidade das significações que eles desencadeiam na sentença. (CASTILHO ; CASTILHO, 2002, p. 214)

Por fim, cabe afirmar que, ao avaliar as ocorrências, lançamos foco sobre a camada modal, entendendo que às vezes a delimitação é difícil porque as três camadas atuam no estabelecimento da significação e os advérbios transitam por todas elas.

### 6.1.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos

#### 6.1.1.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos afirmativos

##### 6.1.1.1.1 *Absolutamente*

O total é de 44 ocorrências nas duas obras (23 no DALP e 21 no DHL), sem modalização. Os verbetes *absolutamente* das duas obras variam apenas nos exemplos e citam

três acepções: duas positivas ('de modo absoluto' e 'certamente que sim', esta lusismo) e uma negativa ('de jeito algum').

**absolutamente** *adv.* (sXV) **1** de modo absoluto, completo; totalmente, inteiramente <é a. impossível atender o seu pedido> **2** B de modo nenhum; de jeito algum <não permito a. que você repita isso> **3** P sem dúvida que sim; certamente que sim <— Desejas passar? — A., minha senhora> USO além de *adv.* de modo, esta palavra é empregada no B como *adv.* de negação e em P como *adv.* de confirmação ETIM *absoluto* + *-mente*

**absolutamente** [Do f. de *absoluto* + *-mente*.] *Advérbio*. **1.** De modo absoluto; totalmente, inteiramente: “Desconhecia absolutamente as artimanhas do bem-falar” (Carlos de Laet, *Obras Seletas*, I, p. 37). **2.** V. *em absoluto* (2)<sup>27</sup>: “— Medo de encrenca, não é? — Absolutamente. O comandante agiu de boa-fé.” (Marques Rebelo, *A Mudança*, p. 378); “Serão os homens assim para o coração de Jorge Amado? Absolutamente não. Ele quer salvá-los, é esta a sua paixão.” (Guilherme Figueiredo, *Cobras & Lagartos*, p. 85). **3.** Lus. Certamente; com toda certeza.

Nenhuma das ocorrências registrou o uso negativo de *absolutamente* (acepção 2) ou marcou a voz do dicionarista pela modalização. *Absolutamente* foi usado em duas situações: relacionado a um adjetivo (27) ou em uma construção de negação (17). Quando usado com adjetivos, estabelecia com eles um grau de intensidade que se sobrepõe ao  *muito*, pois remete à totalidade. Nessas ocorrências, listadas na tabela a seguir, quase todas permutáveis por *totalmente*, chama a atenção o uso combinado com *necessário*, *essencial*, *impreterível* e *preciso* (7 ocorrências), o que já não pode ser dispensado. Nesses casos, *absolutamente* vem reforçar um traço semântico já presente nas palavras. São intensificadores da negação as ocorrências (4) com os adjetivos dotados de prefixo de negação (*incapaz*, *impreterível* e *insignificante*), diferenciando-se das estruturas que de negação porque, nessas estruturas, *absolutamente* não admite a permuta com *totalmente* em nenhum dos casos.

OBRA	VERBETE	OCORRÊNCIA
D A L P	analfabeto	3. <b>Absolutamente</b> ou muito ignorante.
	araliácea	1. Bot. Espécime das araliáceas, família da ordem das apiales constituída por arbustos e árvores, estas raramente trepadeiras, providos de folhas alternas muitas vezes recortadas, sendo as flores <b>absolutamente</b> insignificantes, e os frutos, pequeninos e sem préstimo, bacáceos ou drupáceos. Compreende perto de 700 espécies, que habitam os países quentes, mas são mal representadas no Brasil; as espécies ornamentais, sobretudo as <i>Polyscias</i> , encontram-se, contudo, em jardins brasileiros.
	consectário	3. <b>Absolutamente</b> esquecido.
	deus	Sozinho e Deus. <b>Absolutamente</b> só; sem nenhuma companhia: “Como lhe interessasse acabar o serviço no menor tempo, ele entrava pela noite a trabalhar, <u>sozinho e Deus</u> .” (Povina Cavalcanti, <i>Volta à Infância</i> , p. 18.).
	essencial	3. <b>Absolutamente</b> necessário; indispensável: <i>A respiração é essencial ao homem</i> .
	indispensável	2. Que é <b>absolutamente</b> necessário; essencial: <i>Era-lhe indispensável ter, pelo menos, alguns objetos de primeira</i>

<sup>27</sup> Em absoluto. 1. Completamente, totalmente. 2. De modo nenhum; absolutamente não; absolutamente: *Em absoluto, não fiz tal promessa*.

		<i>necessidade.</i>
	liso	Liso, leso e louco. Bras. N.E. Pop. <b>Absolutamente</b> liso (7); em péssima situação financeira; a nenhum.
	mesmíssimo	1. Que é perfeitamente o mesmo; <b>absolutamente</b> idêntico.
	necessidade	2. Aquilo que é <b>absolutamente</b> necessário; exigência: São <i>mínimas as necessidades do rapaz.</i>
	paralelismo	Paralelismo psicofísico. Filos. Caráter das doutrinas que consideram que as manifestações do corpo e do espírito, embora pareçam diretamente articuladas, até mesmo, por relações de causa e efeito, na verdade, são <b>absolutamente</b> separadas, devendo-se a correspondência à intervenção de alguma entidade superior. [Cf. <i>ocasionalismo</i> e <i>harmonia preestabelecida.</i> ]
	peixe	Mudo como um peixe. Inteiramente mudo; <b>absolutamente</b> calado.
	representação	12. Jur. Posição jurídica do pai ou do tutor que atua em nome dos filhos ou tutelados <b>absolutamente</b> incapazes.
	serva	2. Mulher <b>absolutamente</b> sujeita a outrem; escrava. [Cf. <i>cerva.</i> ]
	unívoco	1. Filos. Diz-se de palavra, conceito ou atributo que se aplica a sujeitos diversos de maneira <b>absolutamente</b> idêntica
D H L P	asseidade	FIL TEOL entre os escolásticos, qualidade fundamental de Deus que O distingue de todos os demais seres do universo, pela qual Ele possui em si mesmo a causa ou o princípio de sua própria existência, sendo portanto incriado, além de <b>absolutamente</b> autônomo, livre e incondicionado
	baluarte	2 <i>p.ext.</i> fortaleza inexpugnável; local <b>absolutamente</b> seguro
	batata	• na b. <i>fig. B infirm.</i> 1 <b>absolutamente</b> certo
	condição	c. <i>sine qua non</i> condição <b>absolutamente</b> necessária, indispensável para que um certo fato se realize
	dogmatismo	2 FIL pressuposto teórico, comum a diversas doutrinas filosóficas, que considera o conhecimento humano apto à obtenção de verdades <b>absolutamente</b> certas e seguras
	engajamento	5 <i>p.ext.</i> FIL no <i>existencialismo</i> , esp. o sartriano, o empenho ético e político na realização das escolhas <b>absolutamente</b> livres e impreteríveis, por meio das quais o ser humano inventa a si mesmo e o seu mundo
	escritinho	<i>infirm.</i> <b>absolutamente</b> igual, idêntico; tal qual <ele é e. a cara do pai>
	impúbere	2 JUR diz-se de ou menor <b>absolutamente</b> incapaz (entre zero e 16 anos), por não responder civilmente por seus atos
	necessário	1 <b>absolutamente</b> preciso; essencial, indispensável <o sono é n. à saúde>
	representação	r. legal JUR a que ocorre por força de disposição legal referente aos casos de pessoas relativamente ou <b>absolutamente</b> incapazes
	série	• s. inteira ANL.MAT série <b>absolutamente</b> convergente para qualquer valor da variável
	sistema	s. temperado MUS sistema empregado na afinação dos instrumentos de sons fixos (piano, órgão etc.) e que consiste em dividir a oitava em 12 semitons <b>absolutamente</b> iguais, de maneira que uma mesma tecla possa produzir mais de uma nota, de som igual mas de nomes diferentes (ex.: dó, si susinado e ré dobrado bemol); temperamento igual
	substância	4 o que é <b>absolutamente</b> essencial para a nutrição, para a vida
vácuo	1 que nada contém; <b>absolutamente</b> vazio, oco	

Tabela 1 de *Absolutamente*

As ocorrências que chamamos de estruturas de negação, na verdade, representam epistêmicos asseverativos negativos e, nesta seção do *corpus*, são *absolutamente não*, *absolutamente nada* e *absolutamente nenhum*, que são, na maioria dos casos, parte da sinonímia.

#### 6.1.1.1.2 *Certamente*

Foram 7 as ocorrências de *certamente* (5 no DALP e 2 no DHLP). Os verbetes das duas obras são bem diferentes: o DALP privilegia a sinonímia e o DHLP, o uso da palavra.

**certamente** [Do f. de *certo* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo indubitável; com certeza, decerto: *Certamente ele cumprirá o prometido*. Interjeição. 2. Sem dúvida; claro:— *Acha que ele virá? Certamente*. [DALP]

**certamente** *adv.* **1** expressa alta probabilidade e baixo grau de dúvida; com certeza, decerto, muito provavelmente <ele c. *estará aqui para a reunião*> **2** indica concordância com o que se acaba de dizer; claro, sim, sem dúvida <Percebes como ela está bonita? C.> **3** us. para responder positivamente a um pedido ou solicitação; sim, claro <Pode ajudar-me com os embrulhos? C.> ETIM *certo* + *-mente* [DHLP]

Todas as ocorrências são demonstrações das acepções 1 dos verbetes e marcam alto grau de adesão do locutor, pois, além de afiançarem a proposição, acontecem quase todas em campos específicos dos verbetes que não a definição. Como *certamente* expressa alto grau de asseveração, marca linguisticamente a autoridade do dicionarista (o que ele diz é seguro, confiável, crível), que se potencializa nos campos de etimologia e notas gramaticais, porque, além de serem campos em que a voz do dicionarista é mais evidente, são momentos em que ele pode demonstrar seu conhecimento técnico e, com isso, passar segurança ao consulente.

DALP (AURÉLIO)	
VERBETE	COMENTÁRIO
1. <b>baralha</b> <sup>1</sup> [De or. incerta, mas <b>certamente</b> relacionada com <i>baralhar</i> <sup>1</sup> (q. v.).] Substantivo feminino.	O uso do <i>certamente</i> contrasta com o adjetivo <i>incerto</i> , afirmando a certeza absoluta da relação, apesar da fonte obscura da origem. O uso do <i>certamente</i> investe o dicionarista do conhecimento etimológico que o permite asseverar a ligação, apesar de desconhecer a etimologia.
2. <b>melgaço</b> [De <i>mel</i> , <b>certamente</b> .] Adjetivo. 1. Bras. N. Louro; melado.	Ao assegurar a ligação de <i>melgaço</i> com <i>mel</i> por meio do <i>certamente</i> , o locutor marca seu conhecimento técnico e se investe da autoridade de quem conhece a língua. Além disso, entendendo que nem toda etimologia é modalizada, apresenta-se mais uma garantia da informação, no caso de haver dúvida por parte do



		consulente, pois é uma informação segura para o dicionarista, embora não comprovada <sup>28</sup> .
3.	<p><b>tiranossauro</b> [Do tax. <i>Tyrannosaurus</i>.] Substantivo masculino. Paleont. 1. Gênero de enormes dinossauros carnívoros, talvez os maiores que já existiram e, <b>certamente</b>, os mais assustadores, que viveram no cretáceo superior da América do Norte, nas regiões de Montana e Wyoming (E.U.A.); mediam cerca de 14m de comprimento e 6m de altura e eram dotados de poderosas mandíbulas, com dentes aguçados, de 18cm, numa cabeça que tinha 1,5m de comprimento. 2. Espécie ou espécime desse gênero.</p>	<p><i>Certamente</i> exprime a modalização junto com <i>talvez</i>, em uma associação de ideias que se traduziria por “não tenho certeza se eram os maiores, mas tenho certeza de que eram os mais assustadores”, como se a dúvida fosse compensada pela certeza. O dicionarista afiança uma proposição com base num adjetivo (<i>assustador</i>) que não faz alusão ao tamanho ou às características físicas do animal, mas à reação que causa nas pessoas. Além disso, a parcialidade da descrição se revela também no uso de <i>enorme</i> sem citar diretamente as medidas, mostradas apenas no período que se segue. Não apenas na modalização mas também no uso dos dois adjetivos entra em cena um enunciador desvinculado da precisão científica e aliado às impressões causadas pelo dinossauro.</p>
4.	<p><b>vós</b> [Do lat. <i>vos</i> (tônico).] Pronome pessoal. 1. (da 2.<sup>a</sup> pess. do pl. de ambos os gêneros) Usa-se quando nos dirigimos a muitas pessoas (ou animais ou coisas personificados), funcionando como sujeito, como predicativo e como regime de preposições: [...] [O tratamento <i>vós</i> não é hoje corrente; persiste, contudo, em certos discursos, e na linguagem familiar, como observa, com razão, Mário Marroquim (<i>A Língua do Nordeste</i>, p. 120), em alguns Estados do Brasil. “Já li” — escreve o Autor — “que, no Brasil, só em S. Paulo restava esse uso. O povo de Alagoas e Pernambuco, porém, emprega também o <i>vós</i> no tratamento cotidiano, conservando o verbo, entretanto, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.” <b>Certamente</b> o uso se estende a todo o N.E.: o próprio Marroquim o abona com versos do cantador cearense Anselmo Vieira, figurantes nos <i>Cantadores</i>, de Leonardo Mota (pp. 206 [e não 207] e 209, 210 [e não somente 210]). Poderia ter dado, ainda, esta abonação (p. 209), mais significativa, por trazer o <i>vós</i> repetido: “— Ela não passa sem <i>vós</i> / E <i>vós</i> não passa sem ela...” Quando o <i>vós</i> rege a prep. <i>com</i>, emprega-se, normalmente, <i>com vós</i>, em vez de <i>convosco</i>, se em seguida ao <i>vós</i> vier <i>mesmo</i>, <i>próprio</i>, <i>todos</i>, etc., ou uma oração relativa. Só conhecemos um exemplo de <i>com vós</i>, em escritor, aliás, muito cuidadoso da correção</p>	<p>Após resgatar outro enunciador (Mário Marroquim), uma fonte de referência citada com todas as letras e aspas, o locutor endossa essas palavras (‘com razão’). Além disso, apropria-se do discurso desse enunciador (‘o próprio Marroquim o abona com versos do cantador cearense Anselmo Vieira’), reformula-o (‘Poderia ter dado, ainda, esta abonação (p. 209), mais significativa, por trazer o <i>vós</i> repetido’) e o amplia pela garantia de que o uso de <i>vós</i> é extensivo a todo o Nordeste.</p>

<sup>28</sup> No DHLP, *melgaço* tem etimologia duvidosa. Entendemos que não segurança, mas não provas, porque, quando elas existem, apenas são expostas. Em outras palavras, se há prova, não é preciso asseverar.

	gramatical, Antero de Figueiredo: “— Penso <u>com vós.</u> ” <i>Leonor Teles</i> , p. 96.)] [Cf. <i>vos, eu, tu, ele, vocês, nós e voz.</i> ]	
5.	<b>zelação</b> [De <i>exalação</i> , ‘ato ou efeito de exalar’, <b>certamente</b> por analogia com <i>zelar</i> .] Substantivo feminino.	Antecipando uma associação que não é óbvia ao consulente, pois merece alusão, o locutor marca adesão total à proposição pelo uso de <i>certamente</i> , que o estabelece também como um enunciador de autoridade.

Tabela 1 de *Certamente*

DHLP (HOUAISS)		
VERBETE	COMENTÁRIO	
1.	<p><b>-abrir</b> <i>term.</i> o verbo <i>abrir</i> e seus derivados são regulares, salvo no part. <i>aberto</i>; <i>desabrido</i> (ver) é, quase <b>certamente</b>, de outro étimo que <i>desabrir</i>, cujo part. é <i>desaberto</i> © USO ver, no verbete <i>terminação</i>, o que se diz em USO</p>	<p>A modalização de plena certeza é aqui delimitada pelo <i>quase</i>, resultando em uma equivalência de <i>provavelmente</i>. O dicionarista é novamente o enunciador de autoridade que fala de um assunto que domina, mas que não pode asseverar plenamente, apenas parcialmente. A decisão pela combinação <i>quase certamente</i> em vez de <i>provavelmente</i> o inscreve mais perto da certeza do que da probabilidade.</p>
2.	<p><b>absolutamente</b> <i>adv.</i> (sXV) <b>3 P</b> sem dúvida que sim; <b>certamente</b> que sim &lt;— <i>Desejas passar? — A., minha senhora</i>&gt; © USO além de <i>adv.</i> de modo, esta palavra é empregada no <i>B</i> como <i>adv.</i> de negação e em <i>P</i> como <i>adv.</i> de confirmação</p>	<p>Neste caso, a ocorrência de <i>certamente</i> compõe a perífrase da definição, não é caso de modalização</p>

Tabela 2 de *Certamente*

### 6.1.1.1.3 Certo

Nos dicionários, *certo* está assim representado.

**certo** [Do lat. *certu*.] Adjetivo. 1. Em que não há erro; exato, correto, verdadeiro: *raciocínio certo*; *cálculo certo*. 2. Exato, preciso: *O relógio está certo*. 3. Que não falha; infalível, seguro: *Para muitos a mudança do tempo é resfriado certo*. 4. Previamente determinado; fixado de antemão: *Os alunos do grêmio reúnem-se em dia certo*. 5. Convencido, persuadido, certificado: *Estamos certos de haver cumprido a promessa*; “estou *certa* que me hás de compreender” (José de Alencar, *Lucíola*, p. 171). [Note-se a elipse da prep. *de*.] 6. Ajustado, combinado: *Está certo, irei jantar com você amanhã*. 7. Certoiro (1).8. Bras. SP Diz-se do cavalo adestrado, que obedece à rédea. Pronome indefinido. 9. Não determinado; um, algum, qualquer: *certo indivíduo*; *Certo dia ele apareceu*; *Seu quadro, olhado de certa distância, é muito bom*; “Euclides da Cunha disse, *certa* vez, que a Bahia era um pouco a sua terra.” (Sílvio Rabelo, *Euclides da Cunha*, p. 9). [*Certo* é pron. indef. quando anteposto a um substantivo, precedido ou não de artigo indefinido. É adjetivo quando posposto ao substantivo com o significado de *exato, verdadeiro, preciso*, etc., ou quando anteposto ao substantivo, mas precedido de palavra que exprima gradação: *Tão certa companheira é Maria quanto Ana*.] Substantivo masculino. 10. Coisa certa: “Ela ajudou-o com movimentos ondulantes aconchegantes, sabia que ele estava fazendo o *certo*.” (José J. Veiga, *A Hora dos Ruminantes*, p. 34.) 11. Quantia fixa da moeda de um país trocada por um valor variável da moeda de outro.

Advérbio. 12. Com certeza; certamente: “Certo, na monotonia da existência, viajar ainda é o único prazer verdadeiro.” (Olavo Bilac, *Crítica e Fantasia*, p. 149.) 13. De maneira exata, correta; com precisão: *O maquinismo desse relógio funciona certo*; “Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo.” (Luís Fernando Veríssimo, *O Popular*, p. 12). Ao certo. Com exatidão; com certeza: “desejo saber ao certo que diabo vem a ser o senhor para D. Ernestina.” (Aluísio Azevedo, *O Coruja*, p. 86). Por certo. Com certeza; decerto, certamente: “Um dia um cisne morrerá, por certo” (Júlio Salusse, em Manuel Bandeira, *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*, p. 275); “Vou ver quem é. Por certo é gente nossa.” (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade embora tarde*, p. 44). [DALP]

**certo** *adj.* (sXIII) **1** em que não há erro; verdadeiro, correto <resposta c.> **2** que não é passível de dúvida; seguro <é c. que o ônibus passará às 5h> **3** tratado por ajuste; combinado, acertado <ficou c. que levariam o carro para a oficina> <tem dias c. para entregar o serviço> **4** conveniente ou conforme com alguma norma ou padrão; correto, adequado <mentir não é c.> **5** que acerta o alvo intencionado; preciso, certeiro <tiro c.> <mão c. para a culinária> **6** convicto, convencido <estar c. de uma coisa> **7** HIP dócil à rédea (diz-se de cavalgadura); adestrado *pron.* **8** *pron.indef.* algum, um, qualquer <em c. momento> <estava procurando um c. remédio para micose> **9** *pron.indef.* de qualidade ou condição distinguível de outros similares; determinado <um c. dia, tudo mudará> <c. quadros são valiosos> *adv.* **10** com certeza; certamente **11** de maneira exata, precisa, correta *s.m.* **12** aquilo que é certo **ao c.** com certeza; exatamente <não sabemos ao c. a que horas o padre chegou> • **por c.** sem dúvida ETIM lat. *certus, a, um* 'id.'

SIN/VAR ver sinonímia de *cabal* e *verdadeiro* e antonímia de *contestável* e *perigoso* ANT *dúbio*, *duvidoso*, *errado*, *errôneo*, *incerto*; eventual; ver tb. antonímia de *verdadeiro* e sinonímia de *contestável* e *perigoso* HOM *certo*(fl.certar); *certa*(f.) / *certa*(s.f.) [DHLP]

Usado na definição como pronome indefinido, contraria a regra de que a acepção tem de ser o mais específica possível para servir a um só referente e geralmente é usada na descrição de jogos, brinquedos, brincadeiras e animais cujos dados de descrição são escassos, em uma fórmula como ‘certo tipo de jogo de cartas’. Esse recurso, apesar de impreciso, é válido no sentido de delimitar alguns traços semânticos da palavra.

Como epistêmico asseverativo, marcando o grau de adesão do locutor, *certo* funciona como adjetivo (*É certo que choverá hoje*), advérbio (*Agiu certo ao reclamar do atendimento*) ou substantivo (*O certo é devolver o dinheiro*), por isso descartamos nesse item de pesquisa todas as ocorrências de *certo* como pronome indefinido. Também desconsideramos ocorrências comuns de *certo* como ‘determinado, estabelecido’, que se associavam comumente a palavras com traço semântico de [+ lugar] (*rumo*, *destino*, *lugar*) e [+ tempo] (*dia*, *época*), e de *certo* como parte de expressões lexicalizadas, como *dar certo*, *bater certo da cabeça*, *certo do juízo*. Desse modo, fizeram parte da seleção todas as ocorrências de *certo* nas acepções destacadas (‘sem erros; exato, preciso; seguro; correto, adequado; convicto’).

As ocorrências de *certo* como adjetivo substantivo ou advérbio totalizaram inicialmente 187 (75 no DALP e 112 no DHLP), num desequilíbrio entre as duas obras, porque uma apresentava quase o dobro da outra. Porém, com as depurações das acepções descritas anteriormente, o número se equilibrou (59 no DALP e 71 no DHLP), uma vez que em muitas havia o uso de *certo* como ‘determinado’ no DHLP.

Nesse grupo de ocorrências, nenhum dos *certos* era modalizador, mas, como o conceito que essa palavra expressa pode ser controverso – o que é certo para uns não é para outros –, alguns recursos de modalização habitavam a periferia das ocorrências, com estruturas passivas, verbos no particípio (especialmente *considerado*) e expressões como *ter por*, *ter como*, *passar por*. Esses casos compõem a tabela a seguir.

OBRA	VERBETE	OCORRÊNCIA
D A L P	aceitar	5. Dar crédito a; ter como bom, como <b>certo</b> , como verdadeiro; acreditar: <i>É-me impossível aceitar esta informação.</i>
	asseverar	2. Dar como <b>certo</b> ; certificar; atestar, provar: <i>Quem assevera que o criminoso seja mesmo ele?</i>
	certificado	2. Tido por <b>certo</b> ; asseverado.
	constar	1. Passar por <b>certo</b> ou verdadeiro; ser dito com visos de verdade: <i>Apesar da aparência modesta, consta que é riquíssimo.</i>
	crer	1. Ter por <b>certo</b> ; dar como verdadeiro; acreditar: <i>Crê apenas aquilo que a razão explica.</i>
	garantir	2. Afirmar como <b>certo</b> ; asseverar, certificar: <i>Garantiu a autenticidade do objeto antigo.</i>
	imperdível	2. Em que se tem a vitória como <b>certo</b> : <i>questão imperdível; eleição imperdível.</i>
	nascituro	3. Jur. O ser humano já concebido, cujo nascimento se espera como fato futuro <b>certo</b> .
	ora veja	1. Us. na loc. <i>ficar no ora veja</i> . Ficar no ora veja. Ser esquecido, deixado à margem; não alcançar o que tinha como <b>certo</b> .
	presumido	3. Jur. Em que há presunção; admitido como <b>certo</b> e verdadeiro por presunção (4).
D H L P	aceitar	5 t.d. ter como legítimo, <b>certo</b> ou verdadeiro < <i>aceita qualquer tolice que lhe digam</i> >
	alógico	1 que não necessita de demonstração para ser tido como <b>certo</b> ou verdadeiro; que é evidente
	aparente	2 quase <b>certo</b> ; provável, verossímil < <i>a acusação tinha indícios a. da participação do réu no crime</i> >
	asseverar	2 t.d. dar como <b>certo</b> ; afirmar, certificar; provar < <i>ninguém pode a. que ela errou</i> >
	certificado	2 tido ou dado como <b>certo</b>
	comperto	1 tido ou reconhecido como <b>certo</b>
	contar	14 t.i. ter como <b>certa</b> a ajuda e/ou apoio de; esperar, confiar < <i>já não pode c. com os pais idosos</i> >
	crença	7 FIL no empirismo moderno, disposição subjetiva a considerar algo <b>certo</b> ou verdadeiro, por força do hábito ou das impressões sensíveis
	dogma	1 TEOL ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como <b>certo</b> e indiscutível < <i>d. da santíssima trindade</i> >
	entender	6 t.d. e t.i. ter como <b>certo</b> ou decidido; acreditar, considerar, julgar

		<entendemos que você vai ficar aqui> <entenderam que seria melhor desistir da tarefa> <o governo entendeu de cancelar o horário de verão>
<b>esperar</b>	2	t.d.,t.i.int. não agir, não tomar decisões, não desistir de algo, até a efetuação de um evento que se tem por <b>certo</b> , ou provável, ou desejável <e. a (ou pela) volta do filho> <só lhe restava e.>
<b>imperdível</b>		que não se pode perder; cujo ganho se tem como <b>certo</b> <uma partida i.> <um processo i.>
<b>incerto</b>	4	que não está fixado, não se sabe ao <b>certo</b> ; indeterminado, impreciso <a hora i. da morte>
<b>nascituro</b>	2	JUR diz-se de ou o ser humano já concebido, cujo nascimento é dado como <b>certo</b>
<b>parado</b>	2	JUR diz-se de ou o ser humano já concebido, cujo nascimento é dado como <b>certo</b>
<b>segurar</b>	3	t.d.bit. dar como <b>certo</b> ; assegurar, garantir <s. uma promessa (a alguém)>

Tabela 1 de *Certo*6.1.1.1.4 *Claro*

A palavra está assim apresentada nas duas obras:

**claro** [Do lat. *claru.*] Adjetivo. 1. Que alumia; luminoso, luzente, brilhante, resplandecente: *luz clara*; *lustre muito claro*. 2. Que recebe claridade; iluminado, alumiado: *sala clara*; *noite clara*. 3. Que reflete bem a luz; luzente, lustroso, polido: *espelho claro*. 4. Transparente, translúcido: *vidro claro*; *lente clara*. 5. Límpido, nítido, puro: “O rio / Cantigas de águas claras soluçando.” (Da Costa e Silva, *Sangue*, p. 41). 6. Bem visível; distinto, discriminável: *silhueta clara*; *contorno claro*. 7. Que tem cor ou tonalidade desmaiada, pouco intensa: *vestido claro*; *olhos claros*. 8. Diz-se da cor ou tonalidade assim caracterizada: *gravata de cor clara*; *olhos de tom claro*. 9. Sem nuvens; sereno: *atmosfera clara*. 10. Diz-se da parte do dia quando o Sol está acima do horizonte: *Ao sairmos, já era dia claro*. 11. Diz-se de indivíduo branco ou quase branco (em oposição a *preto*). 12. Que distingue bem; penetrante, perspicaz (falando-se dos sentidos): *visão clara*; *audição clara*. 13. Bem perceptível à audição, bem audível; alto, vibrante: *som claro*; *voz clara*. 14. Que representa as coisas ao vivo com exatidão: *memória clara*; *imaginação clara*. 15. Que percebe as coisas com clareza; que compreende: *inteligência clara*; *razão clara*. 16. Fácil de entender: *letra clara*; *sentido claro*. 17. Evidente, manifesto, patente: *intenção clara*. 18. Não ambíguo; inequívoco, explícito: *regras claras*. 19. Persuasivo, convincente: *argumento claro*; *demonstração clara*. 20. Poét. Eminente, ilustre, glorioso; célebre, preclaro: *clara estirpe*; “Nem pode o claro Herói sem pena vê-las, / Com tantas provas, que de amor lhe davam” (Santa Rita Durão, *Caramuru*, VI, p. 43). 21. Tip. Diz-se do tipo (ou fio) de traços mais delgados que o normal; magro, fino. [Cf. *meio-claro.*] ~ V. *bordo* —, *câmara* —a e *minuano* —. Substantivo masculino. 22. Lugar ou espaço onde se apresenta rarefeito, ou é inexistente, aquilo que, à volta, se encontra em quantidade mais ou menos grande; lacuna, vão, clareira: *O claro dos cabelos era devido a um ferimento*; “Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta.” (José de Alencar, *Iracema*, p. 51); “Vejo-a, e cuido uma dríada estar vendo, / por entre os claros de uma selva basta, / Aparecendo e desaparecendo...” (Raimundo Correia, *Poesias*, p. 130). 23. P. ext. Incapacidade de raciocinar, ou recorrer à memória; branco: *Na hora do exame sentiu um claro na cabeça*. 24. V. *clareira* (1 e 2). 25. Espaço interrompido, num trecho escrito, por falta de letras ou linhas. 26. Art. Plást. Parte clara ou iluminada de um quadro ou de uma gravura. 27. Tip. Espaço

entre palavras ou linhas. 28. P. ext. Tip. O material branco (q. v.) que produz esse espaço. Advérbio. 29. Com clareza; claramente: *falar claro*; *ver claro*; “Falemos claro, amigo. Viemos à caça do sujeito, e por força que o havemos de levar.” (José de Alencar, *O Gaúcho*, p. 127). Interjeição. 30. Sem dúvida; evidentemente: — *Será que ele vem?* — *Claro!* Claro de abertura. Tip. V. *recolhido* (4). Claro de entrada. Tip. V. *recolhido* (4). Em claro. V. *em branco* (4). No claro. Bras. RS À vista; a dinheiro. Pelo claro. De maneira clara; claramente: “acender as tochas da razão para distinguir bem pelo claro um marido rico e um marido pobre.” (Camilo Castelo Branco, *O Santo da Montanha*, p. 140). [DALP]

**claro** *adj.* (sXIII) **1** que clareia, que alumia; brilhante, luminoso, resplandecente <a luz c. da lua> **2** que recebe ou em que entra a luz do dia; iluminado, aluminado <apartamento c.> **3** que reflete bem a luz; luzente, lustroso, polido **4** transparente, translúcido, límpido <a água c. de uma nascente> **5** sem nuvens; ensolarado <dia c.> <tempo c.> **6** bem visível, distinto ou discriminável à vista; nítido <silhueta c.> **7** em que o sol está acima do horizonte (diz-se de porção do dia) <quando se levantou já era manhã c.> **8** diz-se da noite quando há luar **9** de cor ou tonalidade pouco carregada, desmaiada <tinta c.> **10** diz-se dessa cor ou tonalidade <tecido de cor c.> **11** branco ou quase branco <morena c.> **12** que tem boa percepção, que distingue bem; penetrante, perspicaz (diz-se, p.ex., do sentido da visão, da audição etc.) **13** que se ouve bem; nítido, sonoro, vibrante <instrumento de som c.> **14** que retrata, representa (algo) com fidelidade ou exatidão <tinha uma imagem c. do acidente> **15** fácil de apreender ou entender <linguajar c.> **16** evidente, manifesto, patente <sua intenção era c.> **17** convincente <prova c.> **18** certo, averiguado, comprovado <não ficou c. se foi ele quem praticou o delito> **19** que não apresenta ambiguidade, não oferece dúvidas; explícito, inequívoco <lei c.> <falou-lhe em termos c.> **20** *frm.* célebre, ilustre, notável, distinto <nome c. e glorioso> **21** GRÁF que apresenta traços delicados ou delgados (diz-se de fio, letra ou vinheta); fino, magro *s.m.* **22** espaço ou lugar onde algo rareia ou falta <c. de cabelo> <c. de floresta> **23** *p.ext.* incapacidade, ger. momentânea, de raciocinar ou de lembrar algo; branco <deu-lhe um c. e não conseguiu responder> **24** num trecho escrito, espaço de interrupção por falta de letras, palavras ou linhas **25** ART.PLÁST num quadro, gravura etc., parte clara ou mais iluminada **26** GRÁF em qualquer trabalho impresso, o espaço existente entre palavras, linhas e gravuras, ou nas margens e outras áreas sem impressão *adv.* **27** com clareza, de maneira clara <ele sempre falou c.> *interj.* **28** sem dúvida <ela virá, c. !>

**claros** *s.m.pl.* PINT **29** os pontos em que, num quadro, a luz se mostra mais intensa **30** num quadro, esp. de paisagem, espaços que se divisam entre árvores, rochedos etc., ou certos longes ensolarados **abrir os c.** GRÁF m.q. **dar claros** • **apertar os c.** GRÁF diminuir as áreas vazias de uma composição pela eliminação de entrelinhas e outros materiais brancos • **dar claros** GRÁF em um trabalho gráfico, ampliar o espaço entre os elementos (título, subtítulo, blocos de texto, ilustrações etc.); abrir os claros • **em c. 1** com espaços sem preencher **2** sem haver dormido • **passar em c. 1** não mencionar (falando ou escrevendo) **2** não atentar, não reparar em algo que se está vendo ou lendo ETIM lat. *clarus, a, um* 'id.' SIN/VAR como *adj.*: ver sinonímia de *compreensível*, *pálido* e *transparente* e antonímia de *desordenado* ANT absconso, abstruso, ambíguo, confuso, desalumiado, desordenado, escuro, equívoco, implexo, impreciso, incompreensível, intrincado, intrincado, latente, meândrico, negro, nevoento, obscuro, sombrio, toldado [DHLP]

Como epistêmico asseverativo, *claro* deve funcionar como adjetivo em suas acepções ‘evidente, indiscutível’, ‘sem dúvidas ou equívocos’, ‘certo, comprovado’ e suas extensões semânticas presentes nas acepções destacadas nos verbetes acima. Esse recorte supõe a exclusão dos casos em que *claro* apresenta o traço semântico de [+ cor, transparência, nitidez, brilho], que tratam da referência e não expressam adesão do locutor ao enunciado. *Claro*, como interjeição, também pode atuar como epistêmico asseverativo, mas nenhuma ocorrência foi verificada no *corpus*, por se tratar esta classe de ocorrência quase sempre na interação direta e oral e por conta do cerceamento formal que o gênero dicionário traz consigo. A partir dessas diretrizes, chegamos a um número de 127 ocorrências (47 no DALP e 80 no DHLP), num desequilíbrio entre as duas obras quase na mesma proporção do que ocorreu com *certo* no primeiro nível de avaliação.

Assim como *certo*, a maior parte das ocorrências de *claro* tinha na proposição seu escopo, construindo o sentido no nível do *dictum* e a modalização não se manifestava nem no entorno da construção. Apenas duas ocorrências, do DALP, mostram a voz do dicionarista deslizando *claro* da proposição e inscrevendo-o no *modus*, dentro da estrutura *é claro*, apontada por Castilho e Castilho (2002:202) e Neves (2002:175) como um dos recursos modalizadores. Nessas duas ocorrências, em fenômeno igual ao de *obviamente* e *claramente*, o locutor mostra que a proposição para ele é óbvia, demonstrando não apenas seu domínio sobre o conteúdo e saber de autoridade mas também que essa informação é de fácil dedução a partir da proposição enunciada. Além disso, está presente a demarcação formal do comentário com os colchetes num espaço discursivamente reservado a comentários do dicionarista e informações enciclopédicas.

DALP (Aurélio)	
1.	<b>mão</b> <sup>1</sup> Em segunda mão 2. Já tendo sido divulgado antes; sem prioridade: <i>A notícia saiu naquele jornal em segunda mão.</i> [Tb. se diz (é <b>claro</b> ) em terceira mão, etc.]
2.	<b>virgem</b> Substantivo feminino. 1. Mulher (especialmente mulher jovem) que nunca teve relações sexuais, através da vagina, com homem; donzela. 2. P. ext. Mulher solteira; moça. 3. Restr. A mãe de Jesus Cristo; Virgem Maria. [Nesta acepç., com inicial maiúscula, é <b>claro</b> .]

Tabela 1 de *Claro*

#### 6.1.1.1.5 *Efetivamente*

As ocorrências de *efetivamente* são 34: 14 no DALP e 20 no DHLP. Apenas no DALP é registrado como verbe, mas sua definição padrão com palavra cognata (“De modo efetivo”) pouco esclarece sobre seu uso ou mesmo seu significado. Diante disso, sugerimos a

remodelação para “De modo efetivo, produzindo efeito real, concreto, prático; na realidade, realmente, de fato” e o acréscimo de um exemplo.

Como modalizador, *efetivamente* reforça elos semânticos da proposição já presentes sempre mostrando que o enunciado deve ser considerado como algo que de fato, na prática, se aplica, aconteceu, se realizou. Está implícita, portanto, uma oposição entre o que de fato (*efetivamente*) se dá e que assim deve ser encarado pelo leitor e não como algo teórico, presumido, aparente, estimado, como se pode pressupor ou como é comum acontecer. Em outras palavras, o uso desse asseverativo sinaliza ao leitor que a informação ali constante é “para valer”, trata-se de algo prático, verificável, observado em termos reais. Sua distribuição sintática é quase sempre anteposta (antes de adjetivos e participios), apenas em 4 ocorrências, todas cujo escopo é o verbo, o advérbio está posposto. Isso indica que sua maior força expressiva está na anteposição e que a posposição, apesar de não alterar o significado substancialmente, enfraquece um pouco sua expressividade.

No DALP, 10 das 13 ocorrências tinham rubrica: uma era de Editoração, uma de Química, outra de Filosofia, uma de Estatística e 6 de Economia<sup>29</sup>. Isso surpreendeu porque a Filosofia, uma área em que essa oposição pode integrar alguns dos questionamentos nela apresentados, tem apenas uma ocorrência, ao passo que a Economia, ciência de números e dados integrante do mundo moderno, representa, nesse *corpus*, com mais expressividade, essa oposição.

Seguem duas tabelas com todas as ocorrências.

DALP (Aurélio)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<b>circulação</b> Substantivo feminino. 9. Edit. Quantidade de exemplares de um periódico distribuídos <b>efetivamente</b> em cada edição.	A posposição ao adjetivo retira um pouco da força do modalizador. Reforça que devem ser considerados os periódicos distribuídos realmente, no meu entender, aqueles que chegaram aos consumidores finais.
2.	<b>deságio</b> Substantivo masculino. 1. Econ. Diferença a menor entre o valor nominal de um título, ou o preço tabelado de uma mercadoria, e o valor <b>efetivamente</b> pago; depreciação; desconto.	Reforça a oposição entre o valor aparente (nominal ou tabelado) e o real (pago).
3.	<b>liberdade</b> Substantivo feminino. 11. Filos. Caráter ou condição de um ser que não está impedido de expressar, ou que <b>efetivamente</b> expressa, algum aspecto de sua essência ou natureza. [...]	Não estar impedido de expressar não significa que o ser expresse algum aspecto de sua natureza, por isso, o locutor insere outra informação reforçando que liberdade é uma característica do ser que de fato expressa

<sup>29</sup> Na verdade são apenas 5 com rubrica formal, mas *subfaturar* poderia ter a rubrica, uma vez que a acepção tem identidade semântica com seus outros cognatos, aqui rubricados.



		qualquer aspecto de sua natureza, apesar do impedimento ou de forma totalmente desimpedida.
4.	<b>nominal</b> Adjetivo de dois gêneros. 4. Econ. Diz-se do valor declarado de um título de crédito ou de uma ação (em oposição ao valor pelo qual é <b>efetivamente</b> transacionado). ~ V. <i>cheque —, complemento —, órbita —, resultado —, valor — e voto —.</i>	Reforça a oposição, inclusive com o uso da palavra, entre o valor aparente (declarado) e o real (transacionado).
5.	<b>preço</b> Substantivo masculino. Preço corrente. 1. Econ. O <b>efetivamente</b> observado no mercado; preço de mercado.	O uso do <i>efetivamente</i> na acepção reforça que é fruto da observação no mercado. Na segunda ocorrência, há um contraste marcado verbalmente ( <i>opõe-se</i> ) entre dois conceitos: o de preço corrente (de mercado) e preço constante (para comparação). <sup>30</sup>
6.	<b>preço</b> Substantivo masculino. Preço corrente 2. Estat. numa série temporal de dados econômicos, os preços <b>efetivamente</b> observados, em cada período: <i>O valor da produção em 1990 está expresso em preços correntes.</i> [Opõe-se, nesta acepç., a <i>preço constante.</i> ]	
7.	<b>público</b> [Do lat. <i>publicu.</i> ] substantivo masculino 9. Conjunto de pessoas que assistem <b>efetivamente</b> a um espetáculo, a uma reunião, a uma manifestação; assistência, audiência, auditório: o <i>público das corridas, do congresso médico, de uma sessão de cinema, de um concerto</i>	A posposição ao verbo retira um pouco da força semântica do advérbio, cuja asseveração engloba como público apenas os que assistem e descarta os que trabalham ou, a rigor, os que apenas comparecem, mas não assistem de fato.
8.	<b>realidade</b> Substantivo feminino. 1. Qualidade, caráter ou condição de real <sup>3</sup> . 2. Aquilo que existe <b>efetivamente</b> ; real. [Sin. (p. us.): <i>realiza.</i> ]	Nessa ocorrência <i>efetivamente</i> tem como escopo o verbo <i>existir</i> , ao qual está posposto, e o reforço mostra que se define como realidade apenas o que existe de fato, em oposição ao que é possível, imaginado, pensado.
9.	<b>rendimento</b> Substantivo masculino. 8. Quím. Relação, expressa em percentagem, entre a quantidade de produto <b>efetivamente</b> obtido em uma reação e a quantidade máxima teórica; conversão.	Reforça a oposição entre o que é presumido (quantidade máxima teórica) e o que é realizado (produto obtido em uma reação).
10.	<b>secretário-geral</b> Substantivo masculino 1. Título daquele que, num organismo público ou privado, se encarrega dos assuntos de ordem administrativa e organiza <b>efetivamente</b> o trabalho.	Recaindo sobre <i>organiza</i> , posposto a ele, o advérbio opõe este cargo a outros que têm por função organizar o trabalho, mas o fazem num plano ideal ou têm essa atribuição só na teoria.
11.	<b>subfaturar</b> Verbo transitivo direto. 1. Emitir fatura com preço abaixo do <b>efetivamente</b> cobrado, para burlar o fisco ou, no caso de exportação, as normas de compra e venda de moeda estrangeira, sendo a diferença recebida à parte, sem escrituração.	Reforça a oposição entre o que é aparente (preço de fatura) e o que é real (preço pago).

<sup>30</sup> Preço constante. Estat. numa série temporal de dados econômicos, cada um dos preços relativos a um dado período, mantidos constantes para efeito de comparação: *A preços constantes, a renda per capita brasileira em 1988 foi inferior à de 1987.* [Opõe-se a *preço corrente* (2).]

12.	<b>superfaturar</b> [De <i>super-</i> + <i>faturar.</i> ] Verbo transitivo direto. 1. Econ. Emitir (fatura) com preço acima do <b>efetivamente</b> cobrado, em geral para burlar as normas de compra e venda de moeda estrangeira, sendo o excesso devolvido à parte, sem escrituração.	
13.	<b>suplente</b> Substantivo de dois gêneros. 3. Pessoa que pode ser chamada a exercer certas funções, na falta daquela a quem elas cabiam <b>efetivamente</b>	Reforça a oposição entre o que é planejado (quem executa as funções) e o que é realizado (quem as executa na falta do titular).
14.	<b>tipo</b> Substantivo masculino. 9. Econ. Porcentagem do valor nominal de um empréstimo que é <b>efetivamente</b> transferida ao tomador.	Reforça a oposição entre o que é presumido (valor nominal) e o que é real (valor emprestado).

Tabela 1 de *Efetivamente*

DHLP (HOUAISS)		
VERBETE	COMENTÁRIO	
1.	<b>abertura</b> <i>s.f.</i> (sXIV) • <b>a. efetiva</b> FOT numa objetiva, parte da superfície por onde passam os raios luminosos que <b>efetivamente</b> imprimem a imagem sobre o filme fotográfico	O uso de <i>efetivamente</i> para determinar <i>imprimem</i> evoca um pressuposto de que há raios luminosos que não imprimem a imagem e não são eles que atravessam essa abertura.
2.	<b>abstracionismo</b> <i>s.m.</i> (sXIX) <b>2 p.ext.</b> FIL tendência presente em inúmeros sistemas filosóficos a considerar, de forma ilegítima, as abstrações criadas pela mente (representações, conceitos, categorias etc.) como realidades <b>efetivamente</b> concretas e objetivas [Conceito crítico formulado pelo filósofo e psicólogo norte-americano William James (1842-1910).]	<i>Realidade concreta e realidade existente</i> , em termos leigos, são redundâncias, mas as acepções estão rubricadas como Filosofia, então o uso de <i>efetivamente</i> tem lugar.
3.	<b>acosmismo</b> <i>s.m.</i> (1949) FIL doutrina do filósofo holandês Baruch de Espinosa (1632-1677), que nega a existência do universo finito ou da natureza, considerando que toda a realidade <b>efetivamente</b> existente nada mais é do que a divindade infinita ou Deus [Trata-se de um conceito elaborado por Hegel (1770-1831), com o objetivo de defender o pensamento espinosista da imputação de ateísmo.]	
4.	<b>concreto</b> <i>adj.s.m.</i> (1692) <b>3</b> FIL no pensamento hegeliano, que ou aquilo que é <b>efetivamente</b> real em decorrência de sua universalidade, em oposição ao que é parcial, singular ou individual	Fenômeno semelhante às ocorrências anteriores, o modalizador reforça o caráter real que está embutido como traço semântico em <i>efetivamente</i> .
5.	<b>digerido</b> <i>adj.</i> (sXV) <b>2 p.metf.</b> que <b>efetivamente</b> se integrou ao conjunto de conhecimentos de um indivíduo; assimilado, entendido	Entendendo que <i>integrar</i> é um processo que demanda diferentes graduações, o que <i>efetivamente se integrou</i> é o que de fato está plenamente integrado aos conhecimentos do indivíduo.
6.	<b>estrutura</b> <i>s.f.</i> (1561) • <b>e. superficial</b> GRAM.GENER organização sintática da frase tal como esta <b>efetivamente</b> se apresenta, e resulta das	Reforça a estrutura superficial como a que se manifesta na prática, no nível concreto, em oposição à organização sintática que pode ser presumida, prevista.

	<i>transformações realizadas a partir da estrutura profunda</i>	
7.	<b>éxon</b> \cs\ s.m. (1975-1980) GEN segmento de um gene que <b>efetivamente</b> codifica parte da sequência de aminoácidos de uma proteína	Há outras sequências determinantes e genes que atuam na codificação, mas estes são os que, na prática, determinam e codificam, por isso a necessidade de reforço, para que o consulente saiba que estes são os mais importantes no processo.
8.	<b>gene</b> s.m. (1961) <b>g. de modificação</b> GEN m.q. <b>modificador</b> • <b>g. estrutural</b> GEN aquele que contém a sequência de nucleotídeos <b>efetivamente</b> determinante da sequência de aminoácidos em uma proteína	
9.	<b>militante</b> adj.2g.s.2g. (sXIV) <b>3</b> que ou aquele que exerce <b>efetivamente</b> uma atividade <médico m.> <m. do magistério>	O advérbio reforça o verbo, pospondo-se a ele, trazendo um enunciador que afirma ser este exercício efetivo, concreto, prático, porque há outros tipos de exercício de uma atividade que não mostram tanto comprometimento quanto o do militante.
10.	<b>pastilha</b> s.f. (1561) <b>5</b> MÚS em instrumentos de sopro, a parte da chave que <b>efetivamente</b> tampa o orifício	Existem outras partes da chave, mas a pastilha é que de fato tampa o orifício.
11.	<b>pena-d'água</b> s.f. <b>3</b> taxa fixa que se paga pelo abastecimento de água, não importando a quantidade <b>efetivamente</b> consumida	Reforça a oposição entre o presumido (água cobrada) e o real (água consumida).
12.	<b>preço</b> \ê\ s.m. (sXIII) • <b>p. de mercado</b> ECON preço com que bens, mercadorias, serviços ou títulos financeiros são <b>efetivamente</b> negociados	Reforça a oposição entre o presumido ou estimado e o real (preço negociado).
13.	<b>psicologismo</b> s.m. (1884) <b>4</b> LÓG tendência a considerar a lógica como uma investigação das leis fundamentais (e arbitrárias) do pensamento, uma simples descrição do modo pelo qual os seres humanos <b>efetivamente</b> pensam, e não um conhecimento normativo que arbitra a respeito dos critérios últimos para a determinação da verdade ou falsidade de uma proposição	Com o uso de <i>simples</i> , o enunciador desqualifica a proposição de que a lógica é a descrição do pensamento humano. O advérbio reforça a forma verbal <i>pensam</i> , enfatizando que essa descrição pretende chegar à realidade concreta do pensamento do ser humano.
14.	<b>quinquênio</b> \qü...qü\ s.m. (1789) <b>2</b> B abono pecuniário incorporado ao salário do funcionalismo público por cada cinco anos de serviço <b>efetivamente</b> prestado, ininterruptamente [O regime jurídico único do servidor público, instituído em 1990, extinguiu esse direito.]	Reforça a oposição entre o presumido (exercício interrompido) e o real (exercício ininterrupto).
15.	<b>solipsismo</b> s.m. (1899) <b>1</b> FIL doutrina segundo a qual só existem, <b>efetivamente</b> , o eu e suas sensações, sendo os outros entes (seres humanos e objetos), como partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria [Embora freq. considerado uma possibilidade intelectual (caso limite da filosofia idealista), jamais foi endossado integralmente por algum pensador.]	A modalização vem enfatizar o caráter particular já anunciado com o <i>só</i> , pois nada mais existe de fato, pois o que existe de fato, concretamente, são o eu e as sensações. Essa dupla modalização também marca oposição com o que não existe de fato, apenas nas ideias ou na aparência (os outros entes).
16.	<b>superfaturamento</b> s.m. <b>2</b> emissão de	Reforça a oposição entre o que é aparente (preço

	fatura com preço superior ao <b>efetivamente</b> cobrado	de fatura) e o que é real (preço pago).
17.	<b>umidade</b> s.f. (sXV) • <b>u. relativa</b> FIS MET razão existente entre a pressão de vapor de água <b>efetivamente</b> contido no ar e a pressão de vapor saturado na mesma temperatura	Reforça a oposição entre o que é aparente (vapor saturado) e o que é real (vapor contido no ar).
18.	<b>visibilidade</b> s.f. (1858) 4 fig. condição de ser <b>efetivamente</b> percebido, conhecido <a v. de um movimento 4social>	O advérbio reforça os participios enfatizando que essa acepção designa o que de fato é percebido e notado, provavelmente em contraponto com o que foi descrito, por modalização epistêmica quase-asseverativa na acepção 1 (“caráter, condição, atributo do que é ou <u>pode ser visível</u> , ser percebido pelo sentido da vista <a v. das coisas concretas>”).
19.	<b>visível</b> adj.2g. (sXIV) 2 que <b>efetivamente</b> se vê; aparente, exposto à vista <a lua já está v.>	Em caso semelhante ao anterior, nestas acepções o advérbio reforça, junto com o verbo no presente, o caráter real do que se vê, provavelmente em oposição à acepção anterior (“passível de ser visto; perceptível pela vista <estrelas v.>” e “passível de ser visto; visível”).
20.	<b>visivo</b> adj. (1721) 3 p.us. que <b>efetivamente</b> se vê; visível	

Tabela 2 de *Efetivamente*6.1.1.1.6 *Evidente*

*Evidente* está assim registrado como verbete nos dicionários estudados:

**evidente** [Do lat. *evidente*.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Que não oferece dúvida; que se compreende prontamente, dispensando demonstração; claro, manifesto, patente. [DALP]

**evidente** adj.2g. (sXIV) claro, aceitável, indiscutível pela incontestabilidade; indubitável, patente, irrefutável ETIM lat. *evidens, éntis* 'visível, aparente' SIN/VAR ver sinonímia de *compreensível* e antonímia de *contestável* e *escondido* ANT duvidoso, incerto, inevidente; ver tb. antonímia de *compreensível* e sinonímia de *contestável* e *escondido* [DHLPI]

A modalização prototípica de *evidente*, como nos casos de *claro*, *óbvio* e *natural*, acontece na oração principal de um período composto por subordinação, no modelo “É claro/evidente/natural/óbvio que...”<sup>31</sup>, mas é possível que outras ocorrências desses adjetivos expressem a modalização, por suas próprias potencialidades semânticas, que envolvem conceitos de nuance variada, facilmente divergentes de acordo com a bagagem discursiva do enunciador e as referências acionadas na enunciação. Por exemplo, em *Observe a clara/natural/óbvia distinção entre as duas imagens*, um enunciador pode ter em sua mente a distinção e tentar conduzir o interlocutor a isso mostrando que é visível, acessível, fácil a distinção, o que não necessariamente é verdade para o interlocutor, que nem sempre tem os mesmos dados do enunciador. Esse fenômeno figura na lexicografia como um recurso de autoridade, verificável, por exemplo, em *claramente*, uma vez que nem sempre o que se apresenta claramente para o dicionarista mostra-se dessa mesma forma para o leitor.

<sup>31</sup> Essa construção também foi mostrada como potencialmente modalizadora por Fiorin (2000, p. 181).

Nenhuma das ocorrências de *evidente* cumpre a função de qualificar a proposição, uma vez que todas elas se enquadram nesse nível. Destacamos, a seguir, um subgrupo que chamou a atenção na análise dos dados mesmo no nível da proposição, já que a definição de *evidente* registrada no verbete não parece abranger esse uso, ou o uso não está em consonância com o que registra o dicionário. Essas acepções, com o traço de [+ visibilidade] remetem, na verdade, à etimologia da palavra, o latim *evidens,entis* 'visível, aparente'.

OBRA	VERBETE	OCORRÊNCIA
D A L P	fanerógamo	1. Bot. Diz-se de, ou vegetal cujos órgãos reprodutivos são bem <b>evidentes</b> .
	poliqueta	Zool. 1. Espécime dos poliquetas, classe de animais marinhos, anelídeos, de segmentação distinta, anéis com parápodes e numerosas cerdas, região cefálica <b>evidente</b> , com tentáculos, e sexos, em geral, separados.
	schnauzer	[Al.] Cinol. 1. Cão originário da Alemanha, de porte médio, pelo duro e espesso, sobrancelhas muito <b>evidentes</b> , bigode abundante e barba rígida. [Com cap.]
D H L P	acantocéfalo	HELM 2 filo de vermes com simetria bilateral, de corpo com segmentação pouco <b>evidente</b> , com uma probóscide anterior cilíndrica e com espinhos recurvados; contém cerca de 600 spp., são endoparasitas e dependem de dois ou três hospedeiros, marinhos ou terrestres, para completar o seu desenvolvimento
	agelenídeo	ARAC 3 fam. de aranhas, de distribuição cosmopolita, que se caracteriza por construir teias como um lençol estendido, ger. sobre a grama, contendo um abrigo tubular [Suas teias tornam-se mais <b>evidentes</b> pela manhã, quando ficam cobertas por orvalho.]
	cavalo-marinho	1 ICT B design. comum aos peixes teleósteos gasterosteiformes, do gên. <i>Hippocampus</i> , da fam. dos singnatídeos, com cerca de 25 spp., que possui a cabeça em ângulo reto com o eixo longitudinal do corpo, boca tubular, nadadeira caudal ausente e cauda preênsil [Os machos incubam os ovos em uma <b>evidente</b> bolsa abdominal.]
	corcoroca	1.2 peixe ( <i>H. sciurus</i> ) que ocorre da Flórida ao Rio de Janeiro, com cerca de 45 cm de comprimento, corpo amarelado com <b>evidentes</b> estrias azuis, nadadeiras dorsal e caudal escuras; boca-de-fogo, cambuba, capiúna, corocoroca-boca-de-fogo, corocoroca-mulata, macaca, negra-mina, pirambu, saporuna, uribaco, xira
	galo-da-serra	s.m. ORN B ave passeriforme da fam. dos cotingídeos ( <i>Rupicola rupicola</i> ), que ocorre em regiões montanhosas e florestais do extremo Norte do Brasil e em países limítrofes; de até 28 cm de comprimento, macho com exuberante plumagem alaranjada e uma proeminente crista que cobre o bico, sendo a fêmea marrom-escura com crista menos <b>evidente</b> ; galo-da-rocha, galo-do-pará [Espécie ameaçada por colecionadores de pássaros de gaiolas.] GRAM pl.: <i>galos-da-serra</i>
	inconspícuo	1.1 MORF.BOT que tem dimensões reduzidas e, portanto, não é <b>evidente</b> (diz-se de órgão ou característica vegetal)
	manjuba	1 ICT B design. comum aos peixes teleósteos clupeiformes da fam. dos engraulídeos, esp. os gên. <i>Anchoviella</i> e <i>Anchoa</i> , que possuem boca inferior, ampla e com uma <b>evidente</b> saliência na parte anterior da cabeça, o que os diferencia das sardinhas; aletria, arenque, enchova, petitinga, pipitinga, piquitinga, pititinga, xangó [Possuem grande valor comercial, formam grandes cardumes, realizam migrações periódicas, e certas spp. sobem os rios para desovar.]
	maria-luísa	ICT 1 peixe teleósteo, perciforme, da fam. dos cianídeos

		( <i>Paralonchurus brasiliensis</i> ), do Atlântico ocidental, de até 30 cm de comprimento, amarelado com dorso mais escuro, e cerca de oito faixas escuras no corpo alongado, mancha negra <b>evidente</b> atrás do opérculo e barbilhões curtos na mandíbula; cabeça-de-coco, cabeça-de-ferro, cangoá, coró, coroque, ferreiro, maria-mole, pargo-branco, pescadinha, roncadador, socozinho, tararaca
	<b>mariquita</b>	<b>1</b> ICT <i>B 1</i> peixe teleosteo perciforme da fam. dos serranídeos ( <i>Serranus flaviventris</i> ), que ocorre no Atlântico ocidental, com cerca de 15 cm de comprimento, corpo marrom com faixas escuras transversais e irregulares, abdome com <b>evidente</b> mancha branca e nadadeira caudal com manchas negras arredondadas e simétricas; jacundá, mariquinha, pirucaia
	<b>peixe-cachimbo</b>	ICT <i>B 1</i> design. comum aos peixes teleosteos da fam. dos singnatídeos, esp. do gên. <i>Syngnathus</i> , encontrados em ambientes marinhos e fluviais, de corpo muito alongado, nadadeira dorsal pequena e caudal em forma de leque; agulha-do-mar, cachimbo, peixe-agulha [Os machos incubam os ovos em uma <b>evidente</b> bolsa abdominal.]
	<b>raia-lixia</b>	ICT <i>B 1</i> raia da fam. dos dasiatídeos ( <i>Dasyatis guttata</i> ), encontrada no Atlântico ocidental, de focinho <b>evidente</b> , cauda com o triplo do comprimento do corpo, dorso cinza-escuro e ventre esbranquiçado; arraia-lixia, jabebiretê [Os adultos possuem uma série de acúleos, da região mediana do corpo até o ferrão.]
	<b>raia-prego</b>	<b>2</b> raia da fam. dos dasiatídeos ( <i>Dasyatis centroura</i> ), encontrada no Atlântico, sendo mais comum em águas temperadas; com até 2 m de largura, dorso e cauda com prega dérmica dorsal longa e pouco <b>evidente</b> ; arraia-prego
	<b>robalo</b>	<b>1.1</b> peixe ( <i>Centropomus undecimalis</i> ) encontrado dos E.U.A. até o Sul do Brasil, atingindo baías, estuários, manguezais e rios, com cerca de 1,50 m de comprimento, corpo alongado e prateado com <b>evidente</b> linha lateral negra, nadadeiras dorsais, parte anterior da anal e lobo inferior da caudal enegrecidos; camurim-açu, camuripeba, robalão, robalo-bicudo, robalo-branco, robalo-de-galha, robalo-estoque, robalo-flecha, rolão [Sua carne é de alta qualidade; é muito apreciado em pesca esportiva.]

Nas ocorrências gerais de *evidente*, não há a construção de sintagmas nominais, normalmente a prosa interrompida gera estruturas de verbo + adjetivo (*tornar evidente, ser evidente*). Nos casos de sintagma nominal (substantivo + adjetivo), o padrão das ocorrências é associação a substantivos abstratos e, por sua própria essência, mais sujeitos à variação de referência por parte de enunciadores e interlocutores. As que tiveram mais ocorrência são *mentira* (5), *verdade* (4), *proposição* (4) e *demonstração* (2), mas há ainda *caráter, causa, conclusão, conhecimento, crise, natureza* ('tendência'), *premissa, relações, significado e sinais*.

O que nos chamou a atenção nesse subgrupo da tabela é que o adjetivo é usado junto a substantivos com traço semântico [+ concreto], pois é usado para descrever características formais de seres vivos, destoando do resto do grupo, que geralmente tem no sintagma substantivos com traço semântico [+ abstrato]. De fato *região, bolsa, estria, crista, saliência, mancha* ou *prateado* podem ser mais ou menos evidentes, perceptíveis, mas não algo 'que não

oferece dúvida; que se compreende prontamente, dispensando demonstração’, ainda que sua forma possa gerar confusão com outras estruturas. A questão é que a descrição de seres vivos, especialmente em expressões rubricadas, usa termos concretos e menos avaliativos para sua descrição. Assim, é comum usarem associação a tamanho (em diferentes medidas), localização (perto de uma parte do corpo) e dispensam esse tipo de descrição. Por isso, sugerimos, para abranger as ocorrências desse *corpus*, a redação “que se percebe claramente (diz-se de característica formal); visível, perceptível, destacado”. Fora desse grupo de ocorrências, esse uso deveria ser avaliado num *corpus* mais amplo antes do registro no dicionário de língua.

#### 6.1.1.1.7 Evidentemente

*Evidentemente* está entre os tipos de modalizadores epistêmicos asseverativos que decorre da ordem da evidência, daquilo que o locutor mostra ser patente para ele e pressupõe que o seja para o interlocutor. Como verbete, foi registrado tanto no DALP quanto no DHLP e, nas definições, foram usadas perífrases e sinônimos. O DHLP registra uma segunda acepção em que expressa o uso modalizador de *evidentemente*.

**evidentemente** [De *evidente* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo evidente; claramente, manifestamente. [DALP]

**evidentemente** *adv.* 1 de maneira óbvia, evidente; manifestamente <estava e. constrangido com a situação> 2 us. para indicar que aquele que fala se apoia em fatos ou razões para afirmar o que diz; é claro (que), sem dúvida, naturalmente <ele e. não vai querer prejudicar ninguém> <vocês, e., já foram informados do que devem fazer> ETIM *evidente* + *-mente* [DHLP]

Apenas uma ocorrência que não fosse na sinonímia ou nos exemplos foi encontrada no DALP e nenhuma no DHLP.

DALP (AURÉLIO)	
	COMENTÁRIO
1.	<p><b>híbrido</b> [Do lat. <i>ibrida</i>, <i>hibrida</i> ou <i>hybrida</i>, ‘filho de pais de diferentes países ou de condições diversas’, <b>evidentemente</b> relacionado com o gr. <i>hybris</i>, ‘destempero’, ‘excesso’, poss. pelo fr. <i>hybride</i>.]</p> <p>Em <i>híbrido</i>, a asseveração do latim com esta forma grega específica exige do leitor uma especialização que cabe ao dicionarista. Assim, a obviedade asseverada com relação a essa associação demonstra que o dicionarista domina o conteúdo etimológico, mas isso não significa que o leitor compartilhe disso.</p>

Tabela 1 de *Evidentemente*

6.1.1.1.8 *Exato*

Esse item apresentou 148 ocorrências, distribuídas de forma equilibrada entre as duas obras: 78 no DALP e 70 no DHLP. Como verbete, *exato* está assim registrado.

**exato** (z) [Do lat. *exactu.*] Adjetivo. 1. Perfeitamente fiel às regras ou à verdade; certo, correto: *conta exata; resposta exata*. 2. Preciso, rigoroso: *medida exata*. 3. Perfeito, esmerado: *É exato em tudo o que faz.* ~ V. *algarismo* —, *ciências* —as, *diferencial* —a, *divisão* —a e *equação diferencial* —a. [DALP]

**exato** \z\ *adj.* (1650) **1** que não contém erro; certo, correto <o total da dívida a pagar era e.> **2** que tem grande rigor ou precisão <medida e.> **3** rigorosamente pontual **4** perfeito, irretocável <era um homem e. em tudo o que fazia> **5** que é perfeitamente de acordo com o modelo original **6** preciso na exposição ou transmissão de fatos ETIM lat. *exactus, a, um* 'expulso, lançado fora, rejeitado; concluído, perfeito' SIN/VAR acurado, específico, justo, preciso, rigoroso; ver tb. sinonímia de *conveniente* e *verdadeiro* ANT incorreto, inexacto; ver tb. antonímia de *conveniente* e *verdadeiro* e sinonímia de *vago*

O uso de *exato* como modalizador foi algo que nos gerou alguns questionamentos prévios quanto ao tipo de estrutura em que poderia ocorrer. Partindo das noções levantadas em *evidente*, pensamos em *exato* como um modalizador que ocorreria em contextos específicos, principalmente por suas propriedades semânticas menos abrangentes do que as do grupo *claro/evidente/óbvio/natural* para a marcação do *modus*. Entendemos que o conceito de exatidão que envolve igualdade e pertinência é menos relativizado do que o do grupo citado. Isso não significa que não haja modalização com *exato*, mas nem a ocorrência de modalização na periferia sintática foi observada sistematicamente, apresentando-se, em apenas uma, do DALP, comentada a seguir.

DALP	
VERBETE	COMENTÁRIO
regra de fé Substantivo feminino. 1. Rel. A formulação de uma doutrina, aceita como <b>exata</b> numa igreja.	O uso de <i>aceita como</i> circunscreve a adoção da doutrina como uma responsabilidade da igreja.

Tabela 1 de *Exato*

Além dessa ocorrência nenhuma outra foi marcada pela modalização periférica, todas estão no nível do *dictum*, constando no enunciado como forma de referência e construção da proposição. Um fato que nos chamou a atenção nesse conjunto de ocorrências foi a diferença sintática de distribuição no sintagma nominal: o adjetivo está posposto em 102 e anteposto em 22, das quais na maioria das vezes o adjetivo aparece combinado a substantivos que designam tempo – *momento* (4) e *instante* (6) – e medidas – *quantidade*, *litros*, *metros*, *pés* e *quilos* (1 de cada).



6.1.1.1.9 *Fatalmente*

*Fatalmente* está registrado como verbete somente no DALP, com acepções de perífrase ou sinonimizadas, e a única ocorrência está no DHLP.

**fatalmente** [De *fatal* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo fatal; inevitavelmente. 2. Necessariamente. 3. Certamente, indubitavelmente. 4. De modo desastroso; desastradamente. [DALP]

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
2.	<b>cupinzeiro</b> <i>s.m. B 1</i> ENT aglomerado de terra e outros resíduos, edificado pelos cupins, constituindo o seu ninho [sin.: aterroada, cupim, cupineiro, itacuru, itacurubá, itapecuim, itapicuim, murundu, surujê, tacuri, tacuru, tapecuim, tapicuém, termiteiro, terroada, torroada, tucuri] <b>2</b> <i>p.ext.</i> árvore <b>fatalmente</b> atacada por cupins ('insetos') ☉ ETIM <i>cupim</i> + <i>-z-</i> + <i>-eiro</i> ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>termiteiro</i> ☉ COL cupinzama	O uso de <i>fatalmente</i> marca uma condição irremediável da árvore e faz a ligação direta com a entrada do verbete, uma vez que pode parecer estranha ao consulente a acepção 'árvore' sem a associação comum a <i>-eiro</i> 'pé de'. Embora não seja exemplo de modalização ( <i>fatalmente</i> = <i>mortalmente</i> ), consideramos interessante sinalizar.

Tabela 1 de *Fatalmente*6.1.1.1.10 *Forçosamente*

Não está registrado como verbete em nenhuma das duas obras estudadas, por isso depreendemos que o significado está diretamente ligado ao que se registra no adjetivo, uma vez que a definição-padrão é 'de modo forçoso'. Considerando os registros de *forçoso* nas duas obras, a única acepção em uso do advérbio é decalque da acepção 3, destacada a seguir nos dois verbetes ("Necessário, fatal, inevitável" / "que não se pode evitar; imprescindível, necessário"). Desses dados, depreendemos que algo que ocorre *forçosamente* ocorre "de modo inevitável; certamente, fatalmente".

**forçoso** (ô) [De *força* + *-oso*.] Adjetivo. 1. Que tem força, vigor. 2. Violento, impetuoso. 3. Necessário, fatal, inevitável: *É forçoso lutar*. [DALP]

**forçoso** \ô\ *adj.* (sXV) **1** *ant.* que tem força; forte, forçudo, vigoroso <guerreiros f.> **2** *ant.* com força; forte <um golpe f. de cimitarra> **3** que não se pode evitar; imprescindível, necessário <f. é dizer que seu filho não foi aprovado no concurso> <tinha f. razões para não viajar> ETIM *força* + *-oso* SIN/VAR ver sinonímia de *necessário* ANT desnecessário, facultativo [DHLP]

Das quatro ocorrências do DHLP, três foram cambiáveis pela perífrase depreendida a partir das definições. Entretanto, uma delas foi usada como *necessariamente* em construção negativa, a partir de uma quebra de expectativa da pressuposição (o lugar onde uma pessoa dorme é necessariamente seu domicílio). Entendemos que o *forçosamente* das ocorrências 1, 3

e 4 expressa algo que para o locutor ocorrerá com certeza, mostrando intenso grau de asseveração na polarização certeza – dúvida. Na ocorrência 2, o *forçosamente* é usado como *necessariamente*, inclusive como uma estrutura de negação comum a esse modalizador<sup>32</sup>. Desse fato deduzimos que ou o registro de *forçosamente* está incorreto, o que é uma possibilidade pelo uso de *necessário* como sinônimo nos dois verbetes, ou o seu uso na ocorrência 2 foi inadequado e demanda a substituição por *necessariamente*.

<b>DHLP (HOUAISS)</b>	
1.	<b>coisa</b> s.f. (1352) • <b>c. em si</b> FIL no <i>Iluminismo</i> em geral e esp. no <i>kantismo</i> , o objeto de conhecimento como é em si mesmo, em contraste à imagem <b>forçosamente</b> parcial captada pelos sentidos, ou à cognição necessariamente limitada do intelecto humano; númeno [Por implicar insuperável incognoscibilidade, trata-se de um conceito crítico em relação às recorrentes pretensões absolutistas do conhecimento metafísico.]
2.	<b>domicílio</b> s.m. (1534) <b>1</b> residência habitual de uma pessoa; casa, habitação <b>2</b> p.ext. lugar (cidade, distrito, região etc.) onde se situa essa habitação <b>3</b> JUR local onde se considera estabelecida uma pessoa para os efeitos legais, onde se encontra para cumprir certos atos ou onde centraliza seus negócios, atividades, não <b>forçosamente</b> o lugar onde dorme
3.	<b>princípio</b> s.m. (sXIV) • <b>p. da incerteza de Heisenberg</b> FIS.QUANT princípio segundo o qual a medição precisa de uma quantidade observável produz <b>forçosamente</b> incertezas no conhecimento dos valores de outras quantidades observáveis
4.	<b>vestíbulo</b> s.m. (1659) <b>2</b> p.metf. aquilo que inevitavelmente antecede ou que <b>forçosamente</b> leva a algo <o estado <i>maníaco-depressivo</i> poderá ser o v. da sua loucura>

Tabela 1 de *Forçosamente*

As palavras não são compartimentos precisamente delimitados e os traços semânticos são nuances de um significado que pode ser partilhado e diluído, como a sintonia de um rádio, quando ficamos entre uma e outra estação. Estamos diante de um exemplo prático da dificuldade da metalinguagem – e dos conceitos circulares das palavras – exposta nos capítulos iniciais. Tentaremos, então, apesar das dificuldades de explicar palavras com palavras, entender por que *forçosamente* guarda identidade tanto com os asseverativos quanto com os deônticos.

Em todos os exemplos de *forçosamente* pudemos aplicar o *necessariamente* e em um o *necessariamente* seria mais eficaz. Entendemos que aquilo que *forçosamente* ocorre não podemos controlar, porque sabemos ser inevitável e, por isso, entendemos que isso ocorre como necessidade premente de uma situação a se resolver. Ao identificar que algo ocorre por necessidade, como fruto de uma necessidade e sabendo que uma necessidade é algo urgente, entendemos que essa situação não pode ser evitada, pois, mais cedo ou mais tarde, por motivo de força maior, ela vai se concretizar. É assim como o caráter mortal do homem: todo homem vai morrer, *forçosamente*, *necessariamente*.

<sup>32</sup> Para observar essa avaliação, ver *necessariamente*, número 56.

Para reforçar a associação entre necessidade e asseveração, buscamos as palavras de Castilho e Castilho (2002:218), quando resgatam as ideias de Borillo<sup>33</sup> ao afirmar que “a asseveração decorre da evidência (donde *evidentemente*), da necessidade (*forçosamente*) e da irrefutabilidade (*incontestavelmente*)”. Em outras palavras, entendemos que aquilo que o locutor vê como necessidade, como uma carência a ser preenchida, traz em si a potencialidade da asseveração, por seu caráter inegável e inevitável, inerente a uma necessidade a ser suprida.

6.1.1.1.11 *Incontestável*

6.1.1.1.12 *Incontestavelmente*

6.1.1.1.13 *Indiscutível*

6.1.1.1.14 *Indiscutivelmente*

6.1.1.1.15 *Indubitável*

6.1.1.1.16 *Indubitavelmente*

6.1.1.1.17 *Inegável*

6.1.1.1.18 *Inegavelmente*

Temos, ao longo da análise dos dados, tratado cada modalizador separadamente, porém, considerando as baixas ocorrências e aspectos comuns a esse grupo, trataremos em conjunto os modalizadores de 11 a 18: *incontestável*, *incontestavelmente*, *indiscutível*, *indiscutivelmente*, *indubitável*, *indubitavelmente*, *inegável* e *inegavelmente*.

Como afirmaram Castilho e Castilho (2002:218), “alguns asseverativos afirmativos trazem marca negativa: são os que expressam a dúvida (*sem dúvida*, *indubitavelmente*), o refutável (*incontestavelmente*, *indiscutivelmente*) e o inescapável (*inevitavelmente*).” Assim, por meio de uma negação, o engajamento do locutor torna-se mais contundente, uma vez que nesse grupo o grau de adesão à proposição é alto e a exposição da face discursiva também. Provavelmente por isso as ocorrências de modalização com esse grupo sejam menores, em oposição a outras que protegem mais a face, como *possível* e *provável* e respectivos advérbios derivados.

Como verbetes, nenhum dos advérbios está registrado em nenhuma das obras. Seguem na tabela os adjetivos nas duas obras.

DALP	DHLP
<p><b>incontestável</b> [De <i>in</i>-<sup>2</sup> + <i>contestável</i>.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Que não pode sofrer contestação; não contestável; indiscutível.</p>	<p><b>incontestável</b> <i>adj.2g.</i> (1713) que não pode ser objeto de contestação, que não se pode pôr em dúvida ou em questão ETIM <i>in-</i> + <i>contestável</i> SIN/VAR ver sinonímia de <i>verdadeiro</i> e antonímia de <i>contestável</i> ANT ver antonímia de <i>verdadeiro</i> e sinonímia de <i>contestável</i></p>

<sup>33</sup> BORILLO. A. *Les adverbes et la modalisation de l'assertion*. Langue Française, v.30, p.74-89,1976

<p><b>indiscutível</b> [De <i>in</i><sup>2</sup> + <i>discutível</i>.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Não discutível. 2. Que não admite discussão, por ser evidente, autêntico ou indubitável; incontestável.</p>	<p><b>indiscutível</b> <i>adj.2g.</i> (1877) <b>1</b> que não se discute <b>2</b> que se impõe com tal evidência que exclui qualquer discussão; evidente, indubitável <b>3</b> que não merece discussão ou crítica, devido à sua insignificância ETIM <i>in-</i> + <i>discutível</i> SIN/VAR ver antonímia de <i>contestável</i> ANT ver sinonímia de <i>contestável</i></p>
<p><b>indubitável</b> [Do lat. <i>indubitabile</i>.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Sobre que não pode haver dúvida; incontestável, irrefragável: “É <u>indubitável</u> .... que, aumentados os nossos recursos, criadas novas indústrias, .... as populações rurais ficarão valorizadas e não mais terão necessidade de emigrar.” (Graciliano Ramos, <i>Linhas Tortas</i>, p. 133.)</p>	<p><b>indubitável</b> <i>adj.2g.</i> (1614) que não pode ser objeto de dúvida; certo, incontestável, indiscutível ETIM lat. <i>indubitabilis</i>, e 'id.' SIN/VAR ver sinonímia de <i>compreensível</i>, <i>permanente</i> e antonímia de <i>contestável</i> ANT ver antonímia de <i>compreensível</i>, <i>permanente</i> e sinonímia de <i>contestável</i></p>
<p><b>inegável</b> [De <i>i</i><sup>2</sup> + <i>negável</i>.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Que não se pode negar; incontestável; claro, evidente.</p>	<p><b>inegável</b> <i>adj.2g.</i> (1727) impossível de se negar; claro, incontestável, indiscutível ETIM <i>in-</i> + <i>negável</i> SIN/VAR ver antonímia de <i>contestável</i> ANT ver sinonímia de <i>contestável</i></p>

Tabela 1 de *incontestável* – *inegavelmente*

As acepções se repetem nas duas obras, apenas em *indiscutível* DHLP mostra-se mais detalhado, mas sem gerar discrepância. O que nos chamou a atenção foi o uso não apenas de palavras com *in-*, mas de outros sinônimos como *evidente*, *claro* e *certo*, também estes modalizadores, com mais ocorrências do que os deste grupo, mesmo expressando alto grau de adesão. Pensando em qual seria a força desses adjetivos com prefixos negativos em vista de outros sem essa marca, temos a ideia de que o uso da forma com negação traz uma força que delimita um espaço para o interlocutor: “não adianta negar, não tente duvidar, não tente discutir”.

Vimos que todas as acepções dos adjetivos trazem uma condição de verdade que parece irrevogável e ocupam, como modalizadores, o polo da certeza plena na polarização certeza – dúvida. Para os advérbios, seguiremos o mesmo caminho, a partir das acepções registradas nos adjetivos.

VERBETE	SUGESTÃO DE REDAÇÃO PARA ACEPÇÃO
incontestavelmente	sem possibilidade de ser contestado; <i>inegavelmente</i> , certamente
indiscutivelmente	sem discussão, pela força de sua evidência; <i>inegavelmente</i> , certamente
indubitavelmente	sem dúvida, por forte evidência; <i>indiscutivelmente</i> , certamente
inegavelmente	de modo <i>inegável</i> ; <i>indiscutivelmente</i> , certamente

Tabela 2 de *incontestável* – *inegavelmente*

Como ocorrências, temos os seguintes números nas duas obras.

Modalizador	DALP	DHLP	TOTAL
<i>incontestável</i>	5	3	8
<i>incontestavelmente</i>	0	0	0
<i>indiscutível</i>	6	6	12
<i>indiscutivelmente</i>	0	0	0
<i>indubitável</i>	3	2	5
<i>indubitavelmente</i>	0	0	0
<i>inegável</i>	2	2	4
<i>inegavelmente</i>	0	0	0

Tabela 3 de *incontestável* – *inegavelmente*

Assim como o registro dos advérbios em verbete não consta nem no DALP nem no DHLP, também não constam ocorrências dos advérbios modalizadores em nenhuma das duas obras, dentro das condições estabelecidas para este estudo: não estar na sinonímia nem nos exemplos dos verbetes. As ocorrências dos adjetivos não são muito numerosas: totalizam 29.

As ocorrências de *incontestável* e *indiscutível* estão no campo da proposição, não atuando, portanto, no nível do *modus*. Em duas ocorrências de *incontestável* no DALP e de *indiscutível* do DHLP, recursos modalizadores na periferia demarcam a potencialidade modalizadora dos adjetivos.

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
3.	<b>catolicismo</b> Substantivo masculino. 1. Religião dos cristãos que reconhecem o Papa <sup>†</sup> (1) como autoridade máxima, que se confirma e expande por meio dos sacramentos, que venera a Virgem Maria e os santos, que aceita os dogmas como verdades <b>incontestáveis</b> e fundamentais, e que tem como ato litúrgico mais importante a missa.	O uso de <i>aceitar</i> pressupõe que é uma questão de escolha e enquadra o caráter <i>incontestável</i> como uma opção.
4.	<b>paradoxo</b> 4. Filos. Afirmação que vai de encontro a sistemas ou pressupostos que se impuseram, como <b>incontestáveis</b> ao pensamento. [Cf., nesta acepç., <i>aporia</i> e <i>antinomia</i> .]	O uso de <i>impuseram</i> e da voz passiva mostra uma situação construída na qual se enquadram os pressupostos <i>incontestáveis</i> .

Tabela 4 de *incontestável* – *inegavelmente*

DHLP (HOUAISS)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
5.	<b>dogma</b> s.m. (a1710) 1 TEOL ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e <b>indiscutível</b> <d. da santíssima trindade>	O particípio <i>apresentado</i> inscreve o que é <i>indiscutível</i> no campo da teologia e relativiza seu conceito, que é <i>apresentado</i> dessa forma, estabelecendo o enunciado como uma atitude balizadora (“nesse caso isso é <i>indiscutível</i> ”).
6.	<sup>3</sup> <b>fato</b> s.m. (1548) 2 algo cuja existência pode ser constatada de modo <b>indiscutível</b> ; verdade <o controle da poliomielite é agora um f.>	A constatação da existência é <i>indiscutível</i> , mas o uso de <i>poder</i> e da voz passiva suavizam essa certeza plena.

Tabela 5 de *incontestável* – *inegavelmente*

As 5 ocorrências de *indubitável* também ocupam o nível do *dictum*, mas não há modalização na periferia que explore as potencialidades modalizadoras desse adjetivo. Já as 2 ocorrências de *inegável* são diferentes, porque uma delas (a do DALP) opera no nível do *modus*, em que, por meio do uso da fórmula *é* + adjetivo, o locutor se posiciona ao qualificar a proposição. Nesse caso, a única ocorrência clara de modalização com os elementos levantados neste subgrupo, a voz do dicionarista emana em uma sequência textual propícia para isso, demarcada graficamente pelos colchetes. O dicionarista fala à parte da descrição do fenômeno linguístico qualificando essa proposição com a voz de autoridade que lhe foi conferida para tratar de assuntos relacionados à língua. A marcação da autoridade aqui ocorre em fenômeno semelhante ao *claramente* e ao *naturalmente*, com a diferença de que o dicionarista não mostra que isso é banal para si e sim que essa informação é segura, correta, precisa e que não cabe a ela negação ou contestação.

DALP (AURÉLIO)	
VERBETE	ACEPÇÃO
vendável	1. Que tem boa venda <sup>1</sup> ; que se vende com facilidade. [Este vocábulo vem nos dicionários como sinônimo de <i>vendível</i> em todas as acepções; mas é <b>inegável</b> a tendência para usar <i>vendável</i> apenas no sentido aqui apontado, dando-se a <i>vendível</i> a acepção de 'que pode ser vendido'.]

Tabela 6 de *incontestável* – *inegavelmente*

#### 6.1.1.1.19 *Logicamente*

Como palavra nas definições, *logicamente* totaliza 23 ocorrências (6 no DALP e 17 no DHLP). Como verbete, está registrado apenas no DHLP, que também registra o seu uso modalizador (acepção 3) como expressão da obviedade da proposição para o locutor, resgatando um enunciador que expressa “essa proposição para mim é lógica”, à semelhança do que ocorre com *naturalmente* e *claramente*.

**logicamente** *adv.* **1** segundo os princípios da lógica; de modo lógico <o astrônomo comprovou l. a sua teoria> <hipótese l. aceitável> **2** com bom senso; racionalmente <no calor da hora, não pudemos pensar l.> **3** naturalmente, obviamente <l., escolheremos os melhores profissionais> © ETIM lógico + -mente

Apesar de ter o verbete na macroestrutura e o registro da acepção modal, as ocorrências da microestrutura do DHLP mostraram o uso de *logicamente* apenas nas acepções 1 e 2. Somente uma ocorrência, do DALP, mostrou a voz do dicionarista avaliando a proposição. O advérbio aparece num enunciado isolado por colchetes, criando um espaço

graficamente marcado para o comentário do dicionarista. A outra ocorrência (*logicamente* na acepção) nessa mesma acepção é parte da proposição, encaixando-se na acepção 1 do verbete do DHLP. A associação de *espavorido* ao agente é lógica para o locutor, mas ele teve que marcar sua asseveração para mostrar como é óbvia para ele, cumprindo o que se espera de um dicionarista – que conheça a língua –, mas é relevante o suficiente para merecer o comentário.

**hipálage** [Do gr. hypallagé, pelo lat. hypallage.] Substantivo feminino. 1. E. Ling. Figura pela qual se atribui a certa(s) palavra(s) de uma frase o que convém logicamente a outra(s) da mesma frase, clara(s) ou subentendida(s). Ex.: “No silêncio orvalhado da manhã” (Miguel Torga, Diário, X, p. 169); “em cada olho um grito castanho de ódio.” (Dalton Trevisan, Desastres do Amor, p. 30); “o raspar espavorido de fósforos” (Eça de Queirós, A Correspondência de Fradique Mendes, p. 9); “Era o amigo do chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados.” (Id., Contos, p. 30). [No penúltimo exemplo, espavorido refere-se, **logicamente**, não ao substantivo virtual raspar, mas ao agente da ação de raspar.] [DALP]

Outra ocorrência merece breve comentário, mesmo que não seja com relação ao uso de *logicamente*. Também presente no espaço demarcado pelos colchetes essa ocorrência gerou o comentário pela tomada de posição sobre uma questão de norma: o uso de *aonde* e *onde*.

**aonde** [De *a*<sup>3</sup>+ *onde*.] Advérbio. 1. A que lugar; lugar a que ou ao qual: *Aonde foste?*; “Lá vou! Não sei se saberei *aonde*...” (Campos de Figueiredo, *Imagem da Noite*, p. 13). Interjeição. 2. Bras. Indica descrença ou dúvida ante uma afirmação: — *Morreu agora mesmo. / — Aonde!* [Logicamente não seria lícito confundir *aonde*, ‘a que lugar’, com *onde*, ‘em que lugar’; e pela distinção entre um e outro se bateram, e ainda hoje se batem, muitos gramáticos e estudiosos. O uso dos melhores autores, porém, desde um Azurara, da fase arcaica da língua, até um José Régio ou um Miguel Torga, dos nossos dias, não distingue *onde* de *aonde*. Clássico dos mais reputados, Rebelo da Silva usa *aonde* por *onde* cerca de 40 vezes nos seus *Contos e Lendas*; uma delas (só para exemplificar), na pág. 20: “o cemitério *aonde* dormem os que nos amaram.” Por vezes ocorre o emprego simultâneo de um e outro advérbio com a mesma significação: “Nise? Nise? *onde* estás? *aonde?* *aonde?*” (Cláudio Manuel da Costa, *Obras Poéticas*, I, p. 109); “Mas *aonde* te vais agora, / *Onde* vais, esposo meu?” (Machado de Assis, *Poesias Completas*, p. 207). Note-se, na abonação machadiana, que a métrica não se oporia à repetição do *aonde*. Cf. *onde*

*Logicamente* liga-se à acepção 1 do DHLP, uma vez que ‘pela lógica’ não se deve confundir *aonde* com *onde*; a modalização aparece com o afastamento do locutor pelo uso do futuro do pretérito em *seria*. Assim, se não seria lícito logicamente confundir os dois, o dicionarista informa que, apesar da lógica, essa confusão acontece e sinaliza o papel da gramática e de estudiosos em marcar essa diferença, pelo uso do verbo *bater* em sua forma pronominal, sustentando polêmicas e discussões sobre o caso<sup>34</sup>. Enunciado o posicionamento dos teóricos, o autor cita alguns dos “melhores autores” cujo uso indiscriminado de *onde* e *aonde* entra em choque com os teóricos (oposição marcada também pelo uso de *porém*) e

<sup>34</sup> No verbo *bater*, as acepções pronominais são “46. Lutar, combater, pelear: *Batia-se* não só pela pátria, mas também por um ideal. 47. Sustentar polêmicas ou discussões: *Bate-se* desde jovem pela reforma do ensino. 48. Pôr-se de viagem; mandar-se, botar-se: “Heloísa *bateu-se* de São Paulo, veio passar dois meses comigo” (Laura Oliveira Rodrigo Otávio, *Elos de uma Corrente*, p. 164). [Pres. ind.: *bato*, ... *batemos*, *bateis*, *batem*. Cf. *batéis*, pl. de *batel*.]. Creio que esse uso se associa à acepção 47 porque tratamos aqui de um posicionamento em torno de uma questão polêmica, cuja natureza controversa é destacada no próprio comentário do dicionarista.

ainda sinaliza que não é um problema contemporâneo (desde a fase arcaica) ou mesmo de autores desconhecidos, uma vez que cita um “clássico dos mais reputados”.

Embora apenas enuncie a posição dos teóricos e o uso feito por autores renomados, aparentemente sem se posicionar, o ato de fala marca uma posição, a da autoridade. O dicionarista evidencia que privilegia o uso dos autores em vez da posição dos teóricos, uma vez que dedica grande espaço ao comentário mas não cita nenhum estudioso que defenda a distinção, usa o *porém* para indicar que a maior força está no argumento que se segue a essa conjunção, cita exemplo longo de um clássico reputado (uma ocorrência entre 40, com simultaneidade de uso) e o uso indistinto por Machado de Assis, um dos autores mais representativos da nossa literatura, que não se justificaria por licença poética para manutenção da rima (em outras palavras, o uso não foi intencional).

Nesse caso, fica visível o posicionamento do dicionarista como favorável ao uso, pois o uso sobrepõe-se à norma e o *bater-se* dos teóricos parece inútil perante o uso que se faz da língua que eles querem normatizar. Conclui-se que, nesse momento, o dicionarista valoriza o uso dos bons clássicos e entende a literatura como exemplo do bem escrever.

#### 6.1.1.1.20 *Lógico*

A palavra está assim registrada como verbete nas duas obras.

**lógico** [Do gr. *logikós*, pelo lat. tard. *logica*.] Adjetivo. 1. Relativo a lógica (1 a 3). 2. Conforme às regras, às leis da lógica (1 a 3): *dedução lógica*. [Cf., nessas acepçs., *ilógico* (2) e *alógico*<sup>1</sup> (2).] 3. Conforme à lógica, ao bom senso; coerente, racional: *Seus argumentos, lógicos em extremo, convenceram-me*. 4. Relativo à inteligência, ou baseado nela: *Razões lógicas cederam às sentimentais*. 5. Que raciocina com justeza, exatidão, coerência: *indivíduo lógico; espírito lógico*. 6. Que resulta, natural ou inevitavelmente, de uma dada situação, de um dado, de um fato: *Dirigia bêbedo, e a consequência lógica foi o desastre ocorrido*. 7. Fam. Claro, evidente: — *Vai à festa amanhã?* — *Lógico que vou*. ~ V. *análise* — *a*, *anterioridade* — *a*, *circuito* — *binário*, *constante* — *a*, *divisão* — *a*, *empirismo* —, *função* — *a*, *multiplicação* — *a*, *nível* — *alto*, *nível* — *baixo*, *operações* — *as*, *operador* —, *porta* — *a*, *positivismo* —, *soma* — *a* e *termo* —. Substantivo masculino. 8. Indivíduo versado em lógica. [Cf. *logico*, do v. *logicar*.] [DALP]

**lógico** *adj.* (sXIV) **1** relativo a lógica, de acordo com as regras da lógica (fil) **2** *p.ext.* cujo raciocínio é rigoroso, coerente, acertado <*argumentos l.*> **3** *p.ext.* conforme o bom senso, a razão; justo, racional <*achava l. que na sua idade não quisesse trabalhos muito cansativos*> <*atitude l., comportamento l.*> **4** que decorre ou procede de acordo com uma ordem normal; consequente <*suas doenças são uma consequência l. de toda uma vida de intemperança*> <*a hipótese é o encadeamento l. da experimentação*> *adj.s.m.* **5** FIL diz-se de ou especialista em lógica *adv. infm.* **6** naturalmente, evidentemente, claro <*ele, l., não imaginou que fosse causar tanta confusão*> ETIM gr. *logikós, ê, ón* 'relativo a palavra; que serve à palavra; conveniente ao raciocínio' ANT absurdo, antilógico, ilógico, inconsequente PAR *logico*(fl.*logicar*) [DHLP]

*Lógico* como adjetivo somou 242 ocorrências (114 no DALP e 128 DHLP). Não incluímos os substantivos porque nesse caso dizem respeito a lógica como disciplina, a lógica



como bom senso e coerência e a lógico como versado em lógica. Neves (2002:175) ressaltou que a modalização pode ocorrer também por substantivos, mas preferimos manter o foco no advérbio e nos adjetivos, que são classes mais passíveis de servir à modalização de forma sistemática. A estrutura *é + adjetivo* na oração principal não foi encontrada e todas as ocorrências são pertencentes a sintagmas nominais.

O escopo do adjetivo o enquadra no nível da proposição em todas as acepções, não ocorrendo modalização ou mesmo uso de *lógico* em campos como informação enciclopédica ou gramatical e etimologia. O uso do adjetivo no nível da proposição é confirmado num breve levantamento das rubricas, que marcam mais da metade das ocorrências (140 no total) e indicam a preponderância do uso de *lógico* ligado à Filosofia ('relativo a lógica' e 'de acordo com as regras da lógica'), como mostra a tabela a seguir.

<b>RUBRICAS</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
Antropologia	4	1	5
Biologia	1	0	1
Botânica	0	1	1
Direito Penal	0	1	1
Eletrônica	5	2	7
Enxadrismo	0	1	1
Estudos da Linguagem	4	0	4
Filosofia	19	18	<b>37</b>
História	1	0	1
Informática	15	13	<b>28</b>
Jurídico	1	1	2
Linguística	0	2	2
Literatura	0	3	3
Lógica	25	9	<b>34</b>
Matemática	1	1	2
Música	1	1	2
Patologia	0	1	1
Psicanálise	0	1	1
Psicolinguística	0	1	1
Psiquiatria	2	0	2
Religião	0	1	1
Retórica	0	1	1
Semiologia	0	1	1
Teatro	0	1	1
<b>TOTAIS</b>	79	61	<b>140</b>

Tabela 1 de *lógico*

As rubricas que mais apresentaram ocorrências foram Filosofia, Lógica e Informática. Áreas de conhecimentos afins, Lógica e Filosofia somam metade das acepções totais (71), e

Informática, área de conhecimento mais recente, está ancorada nas mesmas bases das outras duas disciplinas, pois lida com asseverações e pressupostos<sup>35</sup>.

#### 6.1.1.1.21 *Mesmo*

Como verbete, *mesmo* está registrado nas duas obras. Como estamos lidando com advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos, foi nosso foco a acepção de *mesmo* como ‘realmente, na realidade’, que apresentaria modalização, mas nenhuma das 4.743 ocorrências (1.987 no DALP e 2.756 no DHLP) apresentou esse uso. Isso acontece porque o uso de *mesmo* é mais produtivo na interação oral ou em situações de comunicação informais e o gênero dicionário restringe esse tipo de uso. Por causa do uso não modal de *mesmo*, o número total de ocorrências dos modais caiu sensivelmente após a depuração dos dados, representando uma queda de quase 22%.

#### 6.1.1.1.22 *Na realidade*

*Na realidade* não está registrado como locução nos dicionários pesquisados, significa ‘na verdade, de fato, na prática’ e é usado para asseverar o grau de verdade da proposição para o falante, marcando uma oposição entre realidade e aparência, muitas vezes retificando que o mundo real é diferente. Embora não esteja registrada como verbete, aparece na sinonímia de algumas palavras, como vemos na tabela a seguir, o que nos possibilita chegar a uma sinonimização.

	VERBETE	OCORRÊNCIA
D A L P	<sup>1</sup> carne	Em carne e osso. Em pessoa; <b>na realidade</b> : “Já não receava perigo algum em ver <u>em carne e osso</u> aquela encantadora menina” (Bernardo Guimarães, <i>O Seminarista</i> , pp. 80-81).
	dizer	A bem dizer. Falando com precisão; <b>na realidade</b> ; em verdade: Vem aqui todos os dias — a bem dizer, mora aqui.
	<sup>1</sup> fato	De fato. 2. <b>Na realidade</b> ; na verdade; realmente; verdadeiramente; de feito: “O amante ideal de fino tato, / É o que, na mágoa ou no prazer, / Nunca se mostra o que é, <u>de fato</u> , / Mas sim o que de vera ser.” (Martins Fontes, <i>Vulcão</i> , p. 24.)
	<sup>1</sup> realmente	1. De modo real; <b>na realidade</b> , verdadeiramente; sem dúvida.
	verdade	Em verdade. Conforme a verdade; verdadeiramente; <b>na realidade</b> ; de verdade; na verdade: “Quem o visse .... cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta [a enseada de Botafogo]; mas, <u>em verdade</u> , vos digo que pensava em outra cousa.” (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i> , p. 1); “Ser

<sup>35</sup> Esta informação baseia-se nas acepções de Informática em *lógica*: “10. Inform. Forma pela qual as assertivas, pressupostos e instruções são organizadas em um algoritmo para implementação de um programa de computador” [DALP] e “7 INF organização e planejamento das instruções, assertivas etc. em um algoritmo, a fim de viabilizar a implantação de um programa” [DHLP].

		lagarta, <u>em verdade</u> , / É uma coisa bem triste.” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 1.ª série, p. 233).
D H L P	fundo	no f. <u>na realidade</u> <no f., é uma pessoa decente>
	prática	na p. <u>na realidade</u> , no que acontece de fato <na p. tudo é mais simples>
	praticamente	3 <u>na realidade</u> , na prática <p., é ele quem manda aqui>
	<sup>1</sup> realmente	<u>na realidade</u> , com efeito <ele r. conseguiu chegar a tempo>
	ser	em s. 1 <u>na realidade</u> , efetivamente
	verdade	de v. <u>na realidade</u> , realmente

Tabela 1 de *na realidade*.

Observando as ocorrências, vemos que *na realidade* é usado para enquadrar uma ideia como parte integrante de uma realidade, em oposição a uma aparência que se estabelece no contexto. Como modalizador pode corrigir uma informação a partir de uma falsa impressão ou de um equívoco enunciado ou marcar a oposição entre uma situação aparente e a verdade que está por trás dela. Nos dicionários estudados, *na realidade* soma 35 ocorrências (23 no DALP e 12 no DHL), que estão listadas nas tabelas abaixo. Outras ocorrências que não pudessem ser substituídas pelos sinônimos ‘na prática, de fato, realmente’ foram descartadas. O dicionarista marca aqui a voz da verdade, a autoridade de quem mostra a realidade por trás da aparência, em verbetes que demandam essa oposição expressa de forma clara, uma vez que o próprio enunciado já traz em si esse confronto e a maioria das vezes o *na realidade* era dispensável para entender essa oposição.

Na tabela 2, a seguir, estão os casos em que *na realidade* remete à oposição clara entre uma aparência e uma essência, geralmente com outras palavras que, no contexto, determinam essa oposição. Na tabela 3, estão os casos em que *na realidade* é usado para retificar uma informação anterior e, ainda que corresponda à oposição descrita nos casos anteriores, essas ocorrências estão separadas porque o modalizador corrige conceitos expostos nas definições, ou seja, retifica o próprio discurso do dicionarista.

D A L P	<sup>1</sup> <b>conversa</b> Substantivo feminino. Conversa fiada. 1. Propósito ou proposta de pessoa que não tem, <u>na realidade</u> , intenção de cumprir o que diz; conversa mole; papo furado [Cf. <i>conversa-fiada</i> .]
	<b>déjà vu</b> [deÊZa vy] [Fr., da loc. <i>c'est du déjà vu</i> .] 3. Psiq. Sensação, não associada à realidade, de já haver estado em determinado lugar ou em certa situação quando isso, <u>na realidade</u> , não aconteceu.
	<b>dizer</b> Verbo transitivo direto. Não ser lá para que digamos. Não ser <u>na realidade</u> o que se pensa, não prestar muito.
	<b>engana-vista</b> Substantivo masculino. 1. Coisa ou objeto que ilude a vista, que engana, apresentando-se melhor, mais belo, do que é <u>na realidade</u> .
	<b>envelhecido</b> Adjetivo. 3. Que aparenta ser mais velho do que é <u>na realidade</u> : <i>Está muito envelhecido para a idade que tem</i> .
	<b>facilitar</b> Verbo transitivo direto. 2. Apresentar uma coisa como mais fácil do que é <u>na realidade</u> .
	<b>favorecido</b> Adjetivo. 2. Diz-se do retrato em que o modelo aparece mais bonito do que o é <u>na</u>

	<b>realidade.</b>
	<b>fetalização</b> Substantivo feminino. 1. Med. Permanência em adulto de caracteres corporais que numa fase anterior da evolução da espécie eram, <b>na realidade</b> , infantis, e desapareceriam com a maturidade; fetalismo.
	<b>gato</b> Substantivo masculino. 15. Bras. PE Cavalinho de corrida dado como de sangue inferior ao que <b>na realidade</b> tem. [Cf. <i>gato</i> (11).]
	<b>macroestesia</b> Substantivo feminino. 1. Neur. Perturbação da sensibilidade em decorrência da qual os objetos dão a impressão de muito maiores do que são <b>na realidade</b> .
	<b>melancia</b> Substantivo feminino. 4. Bras. Pessoa que, fingindo-se politicamente oposta à esquerda, <b>na realidade</b> a ela pertence ou com ela simpatiza.
	<b>potomania</b> Substantivo feminino. 1. Psiq. Vontade anormal de beber, embora, <b>na realidade</b> , não exista sede.
	<b>renascer</b> Verbo intransitivo. 1. Nascer de novo ( <b>na realidade</b> ou na aparência): <i>A unha extirpada renasceu; Renascem as flores na primavera.</i>
	<b>sofisma</b> Substantivo masculino. 1. Lóg. Argumento aparentemente válido, mas, <b>na realidade</b> , não conclusivo, e que supõe má-fé por parte de quem o apresenta; falácia, silogismo erístico. [Cf. <i>paralogismo</i> .]
	<sup>1</sup> <b>trucar</b> Verbo intransitivo. Trucar de falso. Fazer parada no jogo de truque, dando indícios de que tem bom jogo, quando, <b>na realidade</b> , não tem; blefar.
	<b>par</b> Adjetivo de dois gêneros. Par óptico. Astr. Estrela dupla cuja proximidade dos componentes provém do efeito de perspectiva, sendo a distância à Terra, <b>na realidade</b> , inteiramente diferente. Reconhece-se um par óptico quando o movimento próprio (q. v.) de uma das duas estrelas é mensurável; neste caso o movimento relativo dos dois componentes é uma trajetória retilínea. [Cf. <i>par físico</i> .]
	<b>crime</b> Substantivo masculino. Crime privativo. Dir. Penal O que só existe na imaginação do agente, que acredita estar violando uma norma penal, quando pratica um ato que, <b>na realidade</b> , é impunível.
	<b>enterro dos ossos</b> Substantivo masculino 2. Bras. MS Pop. Antiga brincadeira de Corumbá, no primeiro domingo após o carnaval: grupos de foliões, com roupas de luto, saíam à rua executando marchas fúnebres e conduzindo caixões mortuários, que <b>na realidade</b> estavam repletos de comidas e bebidas, consumidas, entre risos e galhofa, em determinados pontos da cidade.
	<b>pseudodominância</b> Substantivo feminino. 1. Genét. Impressão de que determinada característica está sendo transmitida por padrão de herança dominante, quando <b>na realidade</b> está ocorrendo por recessividade. Pode ocorrer quando a frequência de portadores do gene mutado é muito alta numa população.
D H L P	<b>alucinação</b> s.f. (1712) <b>2</b> PSICOP perturbação mental que se caracteriza pelo aparecimento de sensações (visuais, auditivas etc.) atribuídas a causas objetivas que, <b>na realidade</b> , inexistem; sensação sem objeto
	<b>câmara</b> s.f. (1278) <b>c. rápida 1</b> CINE técnica de filmagem graças à qual uma ação parece estar acontecendo mais depressa do que <b>na realidade</b> , o que é resultado da projeção em ritmo normal de imagens rodadas em velocidade inferior à normal
	<b>charme</b> s.m. (1975) <b>fazer c. B infm.</b> simular falta de interesse por alguém ou por algo que <b>na realidade</b> se deseja; fazer charminho
	<b>cor</b> \ô\ s.f. (a1279) <b>c. local 1</b> PINT a cor própria do objeto representado, sua textura, seu volume, tais como se apresentam <b>na realidade</b>
	<b>deficit</b> \defikit, corrente defisit\ [lat.] s.m.2n. (1820) <b>2</b> ECON diferença entre o que foi previsto para atender a certa demanda e o que existe <b>na realidade</b> <d. de recursos para a agricultura>
	<b>facilitar</b> v. (1539) <b>4 t.d.</b> apresentar ou representar (algo) como fácil (ou como mais fácil do que é <b>na realidade</b> ) <facilita a exposição da matéria, para despertar o interesse dos alunos>
	<b>macroestesia</b> s.f. (sXX) NEUR perturbação da sensibilidade que causa a impressão de serem os objetos percebidos muito maiores do que o são <b>na realidade</b>
	<b>nacionalidade</b> s.f. (1825) <b>6</b> povo que tem em comum a origem, a tradição e a língua e que é capaz de constituir, ou já constitui <b>na realidade</b> , um Estado nacional
	<b>pretensioso</b> \ô\ adj.s.m. (1877) <b>2</b> que ou aquele que pretende ser mais do que é <b>na realidade</b> ; presumido, vaidoso <ator medíocre e p.>
	<b>sofisma</b> s.m. (sXIV) <b>1</b> LÓG argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, <b>na realidade</b> , uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa

**verificar** v. (sXV) **3** pron. acontecer **na realidade**; cumprir-se, realizar-se, efetuar-se, ocorrer, suceder <as profecias verificaram-se no século seguinte>

Tabela 2 de *na realidade*

	VERBETE	COMENTÁRIO
D A L P	<b>campilídio</b> Substantivo masculino. 1. Bot. Suposta frutificação secundária de certos líquens. [ <b>Na realidade</b> é a frutificação de fungo parasitário.]	A voz do dicionarista aparece delimitada pelos colchetes para estabelecer que a realidade é ser campilídio uma frutificação de um fungo, informação que corrige a definição ('frutificação de líquens') já distante do locutor pelo uso do <i>suposta</i> .
	<b>glomérulo</b> Substantivo masculino. 2. Bot. Inflorescência curta e globosa, que é, <b>na realidade</b> , uma cimeira fortemente contraída.	A aparência é de uma inflorescência, a realidade é a de uma cimeira contraída.
	<b>pneuma</b> Substantivo masculino. 1. Hist. Med. Na Antiguidade, essência espiritual invisível e intangível, de conceituação difícil. <i>Admitia-se</i> que se formasse com base no ar, ou com auxílio deste. [Era considerado pelos pneumatistas (v. <i>pneumatista</i> ) como espírito vital, atribuindo-se-lhe a natureza de calor inato, funções respiratórias, circulatórias e nutricionais. O conceito <i>pneuma</i> era, <b>na realidade</b> , uma mistura de noções religiosas, filosóficas e científicas.]	A voz passiva ( <i>admitia-se, era considerado atribuindo-se</i> ) e o uso de <i>considerar</i> criam atmosfera de aparência. Com o conceito controverso estabelecido, o dicionarista ocupa o espaço discursivo estabelecido pelos colchetes especialmente para sua voz e dialoga com essa aparência revelando a essência do conceito.
	<b>soro</b> Substantivo masculino. Soro da verdade. Med. Leg. Impr. Substância como, p. ex., um barbitúrico, us. para obter o relaxamento do autodomínio de um indivíduo que se recusa a confessar ou a depor em processo criminal. [ <b>Na realidade</b> , nem a substância é um soro, nem há certeza de que produza bom resultado.] [Cf. <i>narcoanálise</i> .]	O dicionarista ocupa o lugar discursivo do comentário para retificar a definição e a própria referenciação, já marcada como <i>imprópria</i> , mostrando que seu conceito é impreciso e seu resultado <i>na realidade</i> questionável.
D H L P	<b>etimologia</b> s.f. (sXIV) LING <b>falsa e</b> . LING etimologia construída em bases falsas, sem fundamento linguístico, a partir da semelhança formal superficial entre duas palavras (p.ex., relacionar etimologicamente o português <i>forró</i> à locução inglesa <i>for all</i> 'para todos', quando a palavra é, <b>na realidade</b> , um derivado regressivo do português <i>forrobodó</i> , 'baile popular', 'confusão')	A definição anuncia a distância entre realidade e aparência pelo uso de <i>falsa e sem fundamento linguístico</i> . No exemplo, <i>na realidade</i> reforça a relação de fato existente em oposição à enganosa já estabelecida.

Tabela 3 de *na realidade*

### 6.1.1.1.23 *Natural*

Como verbete, *natural* está registrado nas duas obras. As acepções que foram arroladas como propensas à modalização estão em destaque ('da ordem normal' e 'esperado, normal, previsível'). A construção mais comum é, como a maioria dos adjetivos, na oração principal de um período subordinado com oração substantiva, no modelo *é natural*.

**natural** [Do lat. *naturale*.] Adjetivo de dois gêneros. 1. De, ou referente à natureza: *belezas naturais*. 2. Produzido pela natureza: *O ouro é uma riqueza natural*. 3. Em que não há trabalho ou intervenção do homem: *o crescimento natural das plantas silvestres*. 4. Que segue a ordem regular das coisas; lógico: *Não raro o crime é fruto natural da miséria*. 5. Inato, ingênito, congênito: *As letras constituem-lhe paixão natural*. 6. Próprio do instinto; instintivo: *Os reflexos são reações naturais*. 7. Próprio, peculiar: *O riso é natural do homem*. 8. Não estudado ou calculado; sem artifício; desafetado, espontâneo: *peessoa simples, de maneiras naturais*. 9. Provável, presumível: *Tendo saído cedo, a estas horas é natural que já estejam bem longe*. 10. Nascido; originário, procedente, oriundo: *É natural do Maranhão*. 11. Mús. Diz-se da trompa e da trombeta sem pistons. 12. Bras. Diz-se de alimento preparado sem adição de ingredientes tóxicos, de fruta, legume, cereal, etc., que não foi tratado com agrotóxico, etc.; orgânico. ~ [...] <sup>36</sup> Substantivo masculino. 13. V. *nativo* (8). 14. Aquele que pertence a uma certa localidade. 15. Aquilo que é conforme a natureza. 16. Tendência natural; índole, caráter: “Segundo as tradições mais correntes .... o Cabeleira trouxe do seio materno um natural brando e um coração benévolo.” (Franklin Távora, *O Cabeleira*, p. 69.) 17. A realidade; o original. 18. Sorte, destino. 19. Mat. Número natural. 20. Bras. N.E. Pop. Terra do nascimento; terra natal. Ao natural. Diz-se de alimento que se serve como foi colhido, sem qualquer alteração ou preparo: *A sobremesa foi mamão ao natural*; *Comeu ostras ao natural*. [DALP]

<sup>1</sup>**natural** *adj.* 2g. (sXIII) **1** que pertence ou se refere à natureza <riquezas n.> <paisagens n.> **2** regido pelas leis da natureza; provocado pela natureza <fenômenos n.> <catástrofes n.> **3** em que não ocorre trabalho nem intervenção humana <fronteiras n.> <açude n.> **4** que decorre normalmente da ordem regular das coisas <a riqueza é consequência n. do trabalho duro> **5** que nasce com o indivíduo; que não se adquire; inato <ela tem um charme n.> **6** inerente, intrínseco, próprio <a razão é n. do homem> **7** que é feito de maneira espontânea, não planejado ou estudado <sorriso n.> **8** normal; plausível <é n. que estejas ansioso por encontrá-la novamente> **9** nascido, oriundo, originário <a moça era n. de Minas Gerais> **10** MÚS que não é afetado por acidente (uma escala, um acorde, uma tonalidade etc.) **11** preparado sem adição de conservantes, agrotóxicos etc. (diz-se de alimento) *s.m.* **12** aquele que nasceu num país, numa região etc.; nativo <n. do Paraná> **13** o que se apresenta ou ocorre segundo as leis da natureza **14** índole, caráter, gênio **15** B N.E. *infrm.* terra em que se nasceu; terra natal ETIM lat. *naturális*, e 'feito ou dado pela natureza' SIN/VAR ver sinonímia de *comum* e *próprio* e antonímia de *ádvena* ANT artificial, desnatural, factício; ver tb. antonímia de *comum* e sinonímia de *ádvena* [DHLP]

Esse é um dos subgrupos que mais gerou ocorrências na pesquisa, mas teve também muitas delas descartadas, pois desconsideramos *natural* como ‘proveniente, nascido em’ e ‘relativo a natureza’. As ocorrências ligadas às acepções destacadas totalizam 34 (15 no DALP e 19 no DHLP) num universo inicial de mais de 6 mil ocorrências, que resultaram em cerca de 1.300 sem o *natural* ‘proveniente’ e chegaram a esse número final após o filtro das duas acepções destacadas, cujas ocorrências estão listadas nas tabelas a seguir.

As ocorrências foram agrupadas de acordo com o tipo de fenômeno que *natural* imprimia ao contexto. Na primeira tabela estão os casos de modalização, nos quais o dicionarista fala como autoridade linguística, ocupando um lugar discursivo marcado para isso, em dois verbetes do DALP. Os verbetes em questão são sufixos, metalinguagem em que o dicionarista pode produzir enunciados de asseveração ao qualificar proposições de um assunto que é esperado ele dominar. Na ocorrência de *-(i)dade*, o espaço discursivo é ainda

<sup>36</sup> Foi extraído deste verbete um trecho extenso de remissões: “V. *abrigo* —, *abundância* —, *água* —, *astrologia* —, *bem* —, *betume* —, *canal* —, *ciências naturais*, *classificação* —, *coordenadas naturais*, *desintegração* —, *direito* —, *filho* —, *filosofia* —, *frequência* —, *gás* —, *gás* — *veicular*, *história* —, *iluminação* —, *lei* —, *língua* —, *linguagem* —, *logaritmo* —, *luz* —, *monopólio* —, *morte* —, *mumificação* —, *número* —, *pessoa* —, *povos naturais*, *produto* —, *radioatividade* —, *realismo* —, *recursos naturais*, *região* —, *reserva* —, *satélite* —, *seleção* —, *sistema* — e *som* —.”

mais delimitado por conta dos colchetes. Tanto neste quanto em <sup>1</sup>-inho, o dicionarista qualifica como naturais para si duas proposições: nos adjetivos com -vel ser o sufixo a reconstituição latina da forma -bil- e a afetividade ser inerente aos diminutivos.

<b>DALP (AURÉLIO)</b>	
1.	<p><b>-(i)dade</b> Sufixo. 1. formador de substantivos a partir de adjetivos = ‘qualidade’; ‘caráter’, ‘atributo’; ‘o que é próprio de’, ‘modo de ser’; ‘estado’; ‘admiração’, ‘apreço’, ‘amor’: <i>pluralidade</i> (&lt; lat.), <i>latinidade</i> (&lt; lat.), <i>normalidade</i>, <i>orfandade</i> (&lt; lat.), <i>crueldade</i> (&lt; lat.), <i>imparcialidade</i>, <i>americanidade</i>, <i>germanidade</i>. [Nos adjetivos em -vel (q. v.), quando acrescidos do suf. -(i)dade, ocorre a reconstituição <b>natural</b> da forma latina -bil- (lat. <i>amabi?lis</i>, ‘amável’, + lat. -(i?)<i>tas</i>, a-<i>tis</i>&gt; <i>amabili?tas</i>, <i>atis</i>, ‘amabilidade’), gerando, portanto, no padrão erudito, termos em -bilidade, tais como: <i>incompatibilidade</i> (<i>incompatível</i> + -(i)dade), <i>inflexibilidade</i>, <i>plausibilidade</i>, <i>negociabilidade</i>, <i>solubilidade</i>.] [Equiv.: -idade (q. v.) e -eidade (q. v.). As formas em -ndade advêm de formas latinas em que se verifica a síncope da vogal posterior à consoante nasal (<i>bondade</i>, <i>orfandade</i>, <i>virgindade</i>), resultando na nasalização da vogal anterior, ou de formas vernáculas analógicas (<i>leviandade</i>).]</p>
2.	<p><sup>1</sup><b>-inho</b> Sufixo nominal. 1. formador de diminutivos (ex.: <i>barquinho</i>, <i>cãozinho</i>, etc.), que, além da <b>natural</b> afetividade inerente aos diminutivos, ou do seu traço eufêmico ou, por vezes, irônico, pode expressar, dentre outras, as noções de: ‘que é muito ou totalmente (algo)’ (<i>velhinho</i>); ‘(algo) em menor escala, ou de menor intensidade, ou força’ (<i>pilequinho</i>); ‘que é semelhante a (algo)’ (<i>robalinho</i>, <i>socozinho</i>, <i>urubuzinho</i>); ‘tipo ou variedade de (algo)’ (<i>cravinho</i><sup>2</sup>, <i>ensopadinho</i>, <i>machadinho</i>, <i>paninho</i>, <i>terninho</i>). [Embora essencialmente nominal, o suf. -inho<sup>1</sup> pode formar vocábulos adverbiais (às vezes com valor de superlativo: <i>pertinho</i>, <i>agorinha</i>), com noções de: ‘de modo’ (<i>mansinho</i>); ‘de modo exato, total’, ‘totalmente (algo)’ (<i>assinzinho</i>, <i>direitinho</i>, <i>escritinho</i>); ‘intensidade’, ‘muito’ (<i>baixinho</i>, <i>levezinho</i>, <i>longinho</i>); ‘iteração’ (<i>seguidinho</i>). Equiv. formadores de subst. e adjetivos: -im, -ino<sup>2</sup>, -zinho (este, tb. de adv.): <i>espadim</i>; <i>pequenino</i>, <i>boizinho</i>. Fem.: -ina<sup>2</sup>, -inha, (este, tb. adv.: <i>agorinha</i>), -zinha: <i>cravina</i>; <i>casinha</i>; <i>florzinha</i>]</p>

Tabela 1 de *natural*

Na tabela a seguir estão as ocorrências de *natural* que não expressam modalização, mas que estão acompanhadas de modalização na periferia.

<b>DHLP (HOUAISS)</b>		
1.	<p><b>episódio</b> s.m. (1644) <b>2</b> TEAT ação acessória que se prende de forma relativamente <b>natural</b> à principal</p>	<p>O <i>relativamente</i> suaviza a intensidade de <i>natural</i>.</p>
2.	<p><b>estranhar</b> v. (sXIII) <b>1</b> t.d. admirar-se, surpreender-se em função de desconhecimento, por não achar <b>natural</b>, por perceber (alguém ou algo) diferente do que se conhece ou do que seria de esperar &lt;<i>estranharam aquele seu modo de vida</i>&gt; &lt;<i>estranhou que não o convidassem</i>&gt; &lt;<i>estranharam a explicação dada pelo médico</i>&gt;</p>	<p>O uso do verbo <i>achar</i> enquadra <i>natural</i> no campo do pensamento e da opinião.</p>
3.	<p><b>senso</b> s.m. (sXIV) <b>s. comum</b> FIL <b>2</b> conjunto de opiniões, ideias e concepções que, prevalecendo em um determinado contexto social, se impõem como <b>naturais</b> e necessárias; consenso</p>	<p><i>Impor-se como</i> não é <i>ser natural</i>, assim <i>natural</i> estabelece uma situação por meio da prevalência desse conjunto de opiniões, ideias e concepções.</p>
4.	<p><b>inverso</b> <b>1</b> que, com relação a uma ordem considerada <b>natural</b>, está colocado de forma invertida; voltado para o lado</p>	<p><i>Considerada</i> relativiza a concepção do que é a ordem natural.</p>

oposto, em sentido contrário ao de determinada direção ou ordem; invertido	
--	--

Tabela 2 de *natural*

Nas tabelas seguintes estão listados os casos restantes, de *natural* como parte da proposição, em duas tabelas separadas pelas acepções a que associamos as ocorrências.

1 Que segue a ordem regular das coisas; lógico: <i>Não raro o crime é fruto natural da miséria</i>		
4 que decorre normalmente da ordem regular das coisas < <i>a riqueza é consequência n. do trabalho duro</i> >		
	OCORRÊNCIA	
D A L P	<b>VERBETE</b>	<b>OCORRÊNCIA</b>
	<b>anástrofe</b>	1. E. Ling. Inversão, mais ou menos forte, da ordem <b>natural</b> das palavras ou das orações; inversão. Ex.: “Se morre, descansa / Dos seus na lembrança” (Gonçalves Dias, <i>Obras Poéticas</i> , II, p. 43), <i>i. e.</i> , ‘na lembrança dos seus’; “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas / De um povo heroico o brado retumbante” (Osório Duque-Estrada, em <i>Hino Nacional Brasileiro</i> ), <i>i. e.</i> , ‘As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico’. [Cf. <i>hipérbato</i> e <i>sínquise</i> .]
	<b>deixar</b>	20. Transmitir como legado <sup>1</sup> (1), ou (caso não haja testamento) como <b>natural</b> consequência da morte, automaticamente: <i>Morreu, deixando uma fortuna</i> .
	<b>encadear</b>	6. Ligar-se ou prender-se a outros; seguir-se conforme a ordem <b>natural</b> : As montanhas encadeavam-se a começar dali; Suas ideias já não se encadeiam. [Conjug.: v. frear. Cf. encadear.]
	<b>intersversão</b>	1. Ato de interverter; alteração da ordem <b>natural</b> ou habitual.
	<b>inverso</b>	1. Que segue sentido, ordem, etc., contrário ao sentido ou ordem <b>natural</b> ; invertido
	<b>menopausa</b>	1. Med. Síndrome em que cessa a menstruação, seja esta como fenômeno <b>natural</b> (normal), seja como resultado de medidas artificiais (intervenção cirúrgica, irradiação), seja como decorrente de incapacidade ovulatória (menopausa precoce).
<b>sínquise</b>	1. E. Ling. Inversão da ordem <b>natural</b> das palavras, de que resulta tornar-se obscura a frase; hipérbato exagerado. Ex.: “A grita se alevanta ao Céu, da gente” (Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i> , II, p. 91), por <i>A grita da gente se alevanta ao Céu</i> ; “entre vinhedo e sebe / Corre uma linfa, e ele no seu de faia / De ao pé do Alfeu tarro escultado bebe.” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 2. <sup>a</sup> série, p. 111), em que, a começar da segunda oração, se entende: <i>e ele bebe no seu tarro escultado, de faia de ao pé do Alfeu</i> , (da margem do rio Alfeu). [Cf. <i>hipérbato</i> e <i>anástrofe</i> .]	
D H L P	<b>agregar</b>	1 <i>t.d.</i> reunir em uma só todas as partes que não têm entre si ligação <b>natural</b> < <i>agregou num só volume vários ensaios</i> >
	<b>anástrofe</b>	GRAM RET inversão da ordem <b>natural</b> entre duas palavras dentro de um mesmo constituinte ou sintagma (p.ex., <i>seu olhar de ira cheio por seu olhar cheio de ira</i> )
	<b>arbitrarismo</b>	1 princípio segundo o qual a relação entre seres, coisas, ações, designações etc. tende a não ser <b>natural</b> , previsível, lógica
	<b>barco</b>	deixar o b. correr <i>fraseol.</i> permitir que os fatos prossigam no seu curso <b>natural</b> ; não intervir
	<b>corolário</b>	3 <i>p.ext.</i> verdade que decorre de outra, que é sua consequência necessária ou continuação <b>natural</b> < <i>o c. dessa política econômica foi a recessão</i> >
	<b>doxa /cs/</b>	FIL sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência <b>natural</b> , mas que para a filosofia não passa de crença ingênua, a ser superada para a obtenção do verdadeiro conhecimento
	<b>hipérbato</b>	GRAM RET transposição ou inversão da ordem <b>natural</b> das palavras de uma oração, para efeito estilístico, da qual resulta a separação entre elementos que constituem um sintagma, pela intercalação com outros



	elementos pertencentes a outro sintagma (p.ex.: <i>aquela</i> que me arruinou <i>mulher</i> por <i>aquela mulher que me arruinou</i> )
<b>inverter</b>	<b>1</b> <i>t.d.</i> e <i>pron.</i> voltar(-se), virar(-se) em sentido oposto ao que é <b>natural</b> ; pôr(-se) às avessas < <i>inverte tudo o que se lhe diz</i> > < <i>i. uma corrente elétrica</i> > < <i>que frio! Até parece que as estações se inverteram</i> >
<b>invertido</b>	<b>1</b> virado em sentido contrário, oposto ao que é <b>natural</b> ou ao que se encontrava anteriormente
<b>ligação</b>	<b>5</b> o que faz que se estabeleça uma relação <b>natural</b> ou encadeamento entre as coisas; conexão < <i>l. de ideias</i> >
<b>resultar</b>	<b>1</b> <i>t.i.</i> ser a consequência, o efeito <b>natural</b> , a conclusão lógica de < <i>sua doença resulta da má alimentação</i> >
<b>hipálage</b>	RET figura sintática e semântica da transposição das relações <b>naturais</b> de dois elementos em uma proposição (a conexão que logicamente se faria com uma das palavras presentes é feita com outra: <i>o sapateiro meteu o sapato na fôrma</i> , em vez de <i>o sapateiro meteu a fôrma no sapato</i> ; <i>poeira já morta de moscas antigas</i> , por <i>poeira antiga de moscas já mortas</i> )

Tabela 3 de *natural*

<b>9</b> Provável, presumível: <i>Tendo saído cedo, a estas horas é natural que já estejam bem longe</i>		
<b>8</b> normal; plausível < <i>é n. que estejas ansioso por encontrá-la novamente</i> >		
	<b>VERBETE</b>	<b>OCORRÊNCIA</b>
<b>D A L P</b>	<b><sup>1</sup>caro</b>	<b>7.</b> Mais do que seria <b>natural</b> ou razoável (quanto ao preço material ou ao moral): <i>Cobra caro pela consulta.</i> ~ <i>V. custar</i> —.
	<b>estranhar</b>	<b>2.</b> Achar diferente do que seria <b>natural</b> esperar-se: <i>Estranhou as maneiras do amigo.</i>
	<b>exagerado</b>	<b>3.</b> Cujas dimensões ou formas ultrapassam o <b>natural</b> ou o ordinário; extraordinário; excessivo: “estava enorme, gingando por efeito das ancas exageradas.” (Ribeiro Couto, <i>Cabocla</i> , p. 39).
	<b>exceder</b>	<b>4.</b> Ir além do que é <b>natural</b> , justo, conveniente
	<b>indício</b>	<b>3.</b> Semiol. Tipo de signo não convencional que, em oposição simultânea ao ícone e ao símbolo, apresenta uma relação <b>natural</b> causal, ou de contiguidade física, com o referente (p. ex.: uma nuvem negra no céu, indicando chuva; uma pegada, indicando a passagem de alguém).
	<b>signo</b>	Substantivo masculino. Signo motivado. Semiol. Aquele em que a razão pela qual um significante corresponde a um determinado significado é evidente, <b>natural</b> ou causal, a exemplo do que ocorre nos ícones e nos índices.
<b>D H L P</b>	<b>contratempo</b>	<b>7</b> TV o intervalo <b>natural</b> entre as falas de dois atores que contracenam
	<b>demasiado</b>	<b>1</b> que ultrapassa o <b>natural</b> ou o ordinário; excessivo, exagerado < <i>ele demonstrava um apego d. ao seu cão</i> >
	<b>demasiar</b>	ultrapassar as medidas <b>naturais</b> ou ordinárias; exceder(-se) < <i>demasiou a dedicação ao trabalho</i> > < <i>demasiou-se na busca de riquezas</i> >

Tabela 4 de *natural*6.1.1.1.24 *Naturalmente*

As ocorrências de *naturalmente* somam 80 (30 no DALP e 50 no DHLP), das quais 8 (todas do DALP) mostram o dicionarista marcando sua asseveração (acepções 5 e 6 do verbete *naturalmente* do DHLP) e convocando um enunciador que, de modo subjacente ao enunciado, passa o seguinte recado: “Essas relações são naturais e claras para mim, leitor.”

Esse enunciador convocado é expressão da voz de autoridade do dicionarista, mostra que ele assume sua condição de detentor do conhecimento e autor da obra, o locutor que se responsabiliza pelos enunciados. Desse recado, podemos ter como desdobramento a expectativa de que sejam claras essas relações também para o consulente ou a tentativa de marcar a obviedade como forma de sinalizar que o conteúdo é por ele dominado. Assim como em *certamente*, o dicionarista marca sua segurança com relação à proposição e sua autoridade como conhecedor de um assunto, especialmente nas ocorrências em que se registram questões técnicas de domínio do idioma e da gramática. O ato de fala que se realiza na escritura do verbete traduz uma autoridade já estabelecida, como vimos no capítulo sobre o *ethos* do dicionarista, mas, em ocorrências como as de *naturalmente* e *claramente*, essa autoridade aflora de forma ainda mais contundente, materializada pela modalização.

As ocorrências restantes têm no escopo da própria definição a delimitação do significado e podem ser divididas, semanticamente, em três blocos: “por sua natureza, sem artifícios” (acepção 2 do DHLP), “de modo natural, como norma” (acepção 1 do DHLP) e “com naturalidade, sem afetação ou estranhamento” (acepção 1 do DALP e 3 do DHLP).

Nas obras, o verbete *naturalmente* está assim registrado:

**naturalmente** [De *natural* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo natural; com naturalidade. 2. Provavelmente; evidentemente. Interjeição. 3. Está claro; certamente. [DALP]

**naturalmente** *adv.* (sXIII) 1 do modo que decorre da ordem regular das coisas <a *Virgem ama n. os que sentem caridade*> 2 por meios naturais; sem trabalho nem intervenção humana <*nasceu n. ou por cesariana?*> 3 com naturalidade; de maneira espontânea, não artificial <*sorria n.*> 4 de modo inato, congênito <*um homem n. fraco e indeciso*> 5 sem dúvida; claro, obviamente <*mas n. que ela quer ficar!*> 6 indica hipótese muito provável; certamente <*n., você não aguentará calado essas acusações*> ETIM <sup>1</sup>*natural* + *-mente* [DHLP]

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
7.	<b>coreografia</b> 2. A arte da dança ou do bailado (2). [A f. <i>coreografia</i> (bem como, <b>naturalmente</b> , <i>coreográfico</i> e <i>corógrafo</i> ) parece menos boa e não tem uso.]	A extensão do comentário aos cognatos é óbvia para o dicionarista, provavelmente como forma de marcar a proficiência nos assuntos morfológicos.
8.	<b>crescer</b> 12. Aumentar; desenvolver(-se): <i>Cresceu em sabedoria, e em beleza.</i> [Muda o <i>c</i> em <i>ç</i> , <b>naturalmente</b> , antes de <i>a</i> e <i>o</i> . Apresenta as seguintes particularidades nas f. rizotônicas: a) no pres. ind. a 1. <sup>a</sup> pess. sing. tem o <i>e</i> fechado: <i>creço</i> (ê), e a 2. <sup>a</sup> do sing. ( <i>e</i> , consequentemente, a mesma do imperat.), a 3. <sup>a</sup> do sing. e a 3. <sup>a</sup> do pl. têm o <i>e</i> aberto: <i>creces</i> (é), <i>crece</i> (é), <i>crecem</i> (é); b) no pres. do subj. o <i>e</i> é sempre fechado: <i>creça</i> (ê), <i>creças</i> (ê), etc. Pres. ind.: <i>creço</i> (ê), <i>creces</i> , <i>crece</i> , .... <i>crecem</i> . Cf. <i>resse</i> (ê), <i>resses</i> (ê),	O acréscimo do cedilha antes de <i>a</i> e <i>e</i> é também óbvio para o dicionarista, que – espera-se – deve dominar plenamente as regras da norma padrão. A medida de marcar a asseveração, então, compõe a figura de um dicionarista que cumpre seu dever de informar as suscetibilidades da língua, afirmando seu pleno domínio da norma.

	<i>cressem</i> (ê), do v. <i>crer</i> .]	
9.	<b>estímulo</b> Estímulo condicionado. Psicol. O que tem a capacidade de provocar uma resposta particular, ligando-a, respectivamente, a outro estímulo que, <b>naturalmente</b> , é capaz de provocar a mencionada resposta.	O uso das vírgulas destaca o <i>naturalmente</i> como sendo patente a conclusão de que só vai ser ligado a um estímulo capaz de responder.
10.	<b>grotesco</b> Teatr. Diz-se do drama (2 [segundo Victor Hugo (v. <i>hugoano</i> )] que, no romantismo, passa, <b>naturalmente</b> , da tragédia à comédia, do sublime ao grotesco	Pelo uso das vírgulas e pelo pressuposto de que a passagem de um polo a outro não é suave, entendemos que o dicionarista quer explicitar como óbvia uma associação sua, mas que não necessariamente é a do leitor.
11.	<b>lamúria</b> [Do lat. <i>lemuria</i> , ‘festas em honra dos lêmures’, nas quais <b>naturalmente</b> havia lamentações.] Substantivo feminino.	A distância semântica entre <i>lêmures</i> e <i>lamentações</i> e a ausência de explicações para essa associação inusitada carregam o <i>naturalmente</i> de uma asseveração ainda maior. O dicionarista mostra ao leitor que essa associação é óbvia por conta do significado atual de <i>lamúria</i> . Não é, como em <i>crescer</i> , um caso de demarcar a proficiência na norma padrão, é o caso de marcar domínio do saber lexical e etimológico.
12.	<b>polo</b> Ant. Preposição. 4. Aglut. da prep. <i>por</i> e do pron. dem. neutro, arc., <i>lo</i> ( <b>o</b> ): “por esmolos que tiraram pola terra e polo que também deram de suas casas, ajuntaram duzentos pardaus” (Fernão Mendes Pinto, <i>Peregrinação</i> , I, p. 25). [Cf. <i>polo</i> (ô) e <i>polo</i> (ó). Sendo <i>polo</i> e, <b>naturalmente</b> , as flex. <i>pola</i> , <i>polos</i> , <i>polas</i> , indicadas nas acepçs. anteriores, dissílabos átonos; o o da sílaba inicial não é aberto nem fechado, mas reduzido, pronunciando-se, aproximadamente, como <i>u</i> .]	A extensão da informação para as flexões é decorrente de características do sistema da língua, associação que o dicionarista marca como óbvia.
13.	<b>suspensório</b> 3. Urol. Dispositivo feito de material firme e flexível, e que serve para dar sustentação à bolsa escrotal e, <b>naturalmente</b> , ao conteúdo dela	Associar <i>bolsa</i> e <i>conteúdo escrotal</i> mostra conhecimento das informações e delinea para o leitor mais uma competência do dicionarista.
14.	<b>vida Que não é vida</b> . Bras. Fam. Pop. Em grande quantidade ou intensidade; muito: <i>Ganha dinheiro que não é vida; Trabalha que não é vida</i> . [A expr. pode aparecer, <b>naturalmente</b> , com o verbo no imperf. ou no perf. ind. ( <i>que não era vida, que não foi vida</i> ), etc., se o verbo da oração principal está num desses tempos.]	O uso de flexão nas expressões não é claro em todos os casos, há cristalizações e a própria necessidade de manter a informação sinaliza para isso. Dessa forma, a obviedade da associação não se confirma observando outros casos de expressões.

Tabela 1 de *naturalmente*6.1.1.1.25 *obviamente*

Como verbete está registrado apenas no DALP, com a acepção padrão (“De modo óbvio; com obviedade”) calcada diretamente no adjetivo e, nesse caso, também do

substantivo. Na microestrutura, totaliza 3 ocorrências, todas no DALP. Como modalizador, assemelha-se a *claramente* e *naturalmente* como expressão da voz de autoridade do dicionarista, especialmente no domínio da língua, e do caráter previsível dessas proposições para o locutor. São estas as ocorrências de *obviamente*.

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<b>autoengano</b> Substantivo masculino. 1. Crença no que é <b>obviamente</b> falso, que só se explica pela interferência de elementos superficiais ou subjetivos como o desejo, a paixão, o temor, etc.: “O <b>autoengano</b> tem uma característica que o diferencia do engano interpessoal. ... É a mente do sujeito ludibriando a si mesma.” (José Maria Mayrinck, em <i>Jornal do Brasil</i> , 04.01.1998.)	O advérbio faz parte da proposição, o escopo de <i>obviamente</i> é o adjetivo <i>falso</i> .
2.	<b>emergir</b> Verbo transitivo direto. 4. Fazer sair de onde estava mergulhado: <i>Utilizam-se bolsas de ar para <b>emergir</b> navios afundados.</i> [Defect.: faltam-lhe as f. em que ao radical (com o g transformado, <b>obviamente</b> , em j) se seguiria o ou a. Part.: <i>emergido</i> e <i>emerso</i> . Antôn.: <i>imersir</i> .]	Nessas duas ocorrências, o dicionarista assume a responsabilidade pelos enunciados e evoca, dentro do espaço graficamente marcado pelos colchetes, sua autoridade sobre assuntos da língua (a transformação gráfica de g para j e a elipse de <i>coisa</i> ), mostrando ao leitor que esses dois fatos linguísticos são para ele previsíveis e, por isso, óbvios, mas ainda assim precisam ser sinalizados ao leitor.
3.	<b>uma</b> 2. Fato ou acontecimento estranho, interessante ou desagradável: <i>Aconteceu-me <b>uma</b> dos diabos;</i> “Como a vida ficou prosaica, Everardo!   Você tem cada <b>uma</b> ...” (Ciro dos Anjos, <i>Montanha</i> , p. 356). [Nesta acepç. há <b>obviamente</b> elipse da palavra <i>coisa</i> .]	

Tabela 1 de *obviamente*

#### 6.1.1.1.26 *óbvio*

Como verbete, *óbvio* está assim registrado nas duas obras:

**óbvio** [Do lat. *obviu.*] Adjetivo. 1. Que está diante dos olhos; que salta à vista; manifesto, claro, patente: “Como é **óbvio**, o hoteleiro é um auxiliar imprescindível do viajante comercial.” (João Alphonsus, *Pesca da Baleia*, p. 65.) 2. Axiomático, evidente, incontestável: *conclusão óbvia*. 3. Que se compreende ou percebe por intuição; intuitivo; evidente: *Por motivos óbvios, deixou de manifestar-se.* [Cf. *óbvio*, do v. *obviar*.] [DALP]

**óbvio** *adj.* (1836) **1** fácil de descobrir, de ver, de entender; que salta à vista; manifesto, claro, patente <era ó. que alguma coisa estava errada na receita> **2** que não se pode pôr em dúvida; axiomático, evidente, incontestável **3** que pode ser apreendido, captado ou pressentido por intuição; intuitivo, evidente <que esta seria a sua reação à demissão era ó.> *s.m.* **4** aquilo que é evidente <por vezes, é difícil enxergar o ó.> ETIM lat. *obvius, a, um* 'que vai ao encontro de, que se apresenta' SIN/VAR ver sinonímia de *comum* ANT ver antonímia de *comum*

PAR *obvio*(fl.obviar); *óbvia*(f.), *óbvias*(f.pl.) / *obvia*, *obvias*(fl.obviar)  
[DHLP]

Qualquer das acepções mostra em diferentes níveis de intensidade o engajamento do locutor com a proposição: seja para designar o que está visível, para todos ou apenas para os que intuem, seja para designar que é uma verdade indiscutível. É nesse contexto que se encaixa a modalização, a partir do momento em que as referências do que é explícito ou indiscutível podem variar, e muito.

Na microestrutura, *óbvio* totaliza 19 ocorrências (6 no DALP e 13 no DHLP) que não estejam nem na sinonímia nem nos exemplos, todas transcritas nas tabelas a seguir. As ocorrências apresentaram, como em outros itens de pesquisa, comportamentos semelhantes que conduziram a agrupamentos. O primeiro agrupamento é dos casos de modalização com expressão da voz do dicionarista; o segundo é de casos de modalização na periferia da ocorrência, o que, de certa forma, nos conduz a levantar pressupostos; o terceiro é de ocorrências no campo da proposição, apenas para composição da perífrase definitória.

VOZ DO DICIONARISTA		VERBETE	COMENTÁRIO
D A L P	1.	<b>invocação</b> Substantivo feminino. 4. Arte Poét. Uma das partes da epopeia, aquela em que o poeta invoca a proteção de uma divindade ou das musas; invitatório. [As outras partes chamam-se: <i>proposição</i> (cf. <i>proposição</i> [5]), aquela em que o poeta declara o que se propõe cantar, celebrar no seu poema, e <i>narração</i> (cf. <i>narração</i> [2]), de sentido <b>óbvio</b> .]	O sentido <i>óbvio</i> a que o dicionarista se refere nessas duas ocorrências o é para ele, que, como locutor, assume a responsabilidade pelo enunciado e mostra alto grau de adesão a ele. No espaço discursivo delimitado graficamente pelos colchetes, o dicionarista estabelece sua voz de autoridade sobre um assunto linguístico (o sentido de <i>narração</i> e de <i>curta e longa metragem</i> ).
	2.	<b>metragem</b> Substantivo feminino. Bras. 3. Cin. Comprimento de um filme, proporcional à sua duração. [A palavra <i>metragem</i> , desus. isoladamente no Brasil, é de uso corrente, no entanto, nas loc. <i>de curta metragem</i> e <i>de longa metragem</i> (filme, projeção, etc.), de sentidos <b>óbvios</b> . Cf. <i>curta-metragem</i> , <i>longa-metragem</i> e <i>tempo de projeção</i> .]	
	3.	<b>todo-poderoso</b> (ô) Adjetivo. 3. Deus. [Nesta acepç., escreve-se, é <b>óbvio</b> , com iniciais maiúsculas.]	A oração <i>é óbvio</i> reproduz a modalização padrão para adjetivos e, intercalada, inscreve a autoridade do dicionarista na avaliação da proposição ( <i>escreve-se com letras maiúsculas nesta acepção</i> ), de caráter linguístico.
D H L P	4.	<b>-alho</b> <i>term.</i> de diversas form., não raro do lat. <i>-aculu-</i> ou <i>-aliu-</i> , ocorre com caráter sufixal: <b>1</b> ) em vocábulos de etim. ainda obscura ou não <b>óbvia</b> : <i>almalho</i> , <i>assoalho/soalho</i> , <i>bugalho</i> , <i>carvalho</i> , <i>frangalho</i> , <i>orvalho</i> , <i>paspalho</i> , <i>pirralho</i> ; <b>2</b> )	O verbete, que é terminação, traz informações eminentemente linguísticas, campo fértil, portanto, para que o dicionarista, como locutor, posicione-se a respeito de questões da língua. No caso de

	em que o caráter sufixal é evidente, em função da evidência tb. do rad. de base, quando conota diminutivos ou aumentativos (p.ex., <i>ramalho</i> ), ou ainda conexão com o derivante de tipo comparativo mas com indicação de outro referencial: <i>bandalho</i> , <i>barbalho</i> , <i>borralho</i> ( <i>soborralho</i> ), <i>cabeçalho</i> , <i>cascalho</i> (cruzamento), <i>chocalho</i> , <i>esfregalho/esfregão</i> (troca de sufixos), <i>espantalho</i> ; <b>3</b> ) como suf. eufêmico para evitar pal. tabu: <i>dialho</i>	<i>óbvio</i> , pela negação da evidência, o locutor mostra que os vocábulos do item <b>1</b> ) não possuem entre os estudiosos caminhos claros para o estudo da origem. Estão como parte desse julgamento a etimologia <i>ainda obscura</i> e o <i>caráter sufixal evidente</i> .
--	---	---

Tabela 1 de *óbvio*

MODALIZAÇÃO NA PERIFERIA		
	VERBETE	COMENTÁRIO
D H L P	1. <b>doxa</b> \cs\ s.f. (1991) FIL sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade <b>óbvia</b> ou evidência natural, mas que para a filosofia não passa de crença ingênua, a ser superada para a obtenção do verdadeiro conhecimento	A modalização na periferia ( <i>supondo tratar-se</i> ) da ocorrência mostra que o conceito de <i>óbvio</i> é relativo.
	<b>telegrafar</b> v. (1874) <b>4 t.d.</b> FUTB <i>B infm.</i> preparar (passe, jogada) de maneira tão <b>óbvia</b> que até o adversário percebe	A modalização na periferia ( <i>tão... que e até</i> ) indica que é ruim um passe ser <i>óbvio</i> – o que implica o pressuposto de que o adversário não deve perceber a preparação de um passe – e algo ser muito evidente – o que implica o pressuposto de que o que é evidente não deve ser mencionado.
	3. <b>truísmo</b> s.m. (sXX) <b>1.1</b> coisa tão <b>óbvia</b> que não precisa ser mencionada; banalidade, obviedade	

Tabela 2 de *óbvio*

NÍVEL DA PROPOSIÇÃO		
D A L P	1. <b>obviamente</b>	1. De modo <b>óbvio</b> ; com obviedade.
	2. <b>obviedade</b>	1. Qualidade de <b>óbvio</b>
	3. <b>obviedade</b>	2. Coisa <b>óbvia</b> : “Estou repisando <i>obviedades</i> que toda gente sabe” (Carlos Drummond de Andrade, em <i>Jornal do Brasil</i> , 09.07.1983).
D H L P	4. <sup>1</sup> <b>cara</b>	<b>estar na c. B infm.</b> ser <b>óbvio</b> ; estar patente
	5. <b>chavão</b>	8 ideia muito <b>óbvia</b> , estereotipada
	6. <b>evidentemente</b>	1 de maneira <b>óbvia</b> , evidente; manifestamente < <i>estava e. constrangido com a situação</i> >
	7. <b>mentira</b>	<b>m. deslavada</b> mentira exagerada e <b>óbvia</b>
	8. <b>obviedade</b>	<b>1</b> qualidade do que é <b>óbvio</b>
	9. <b>obviedade</b>	<b>2</b> fato ou dito <b>óbvio</b>
	10. <b>pólvora</b>	<b>descobrir a p. fig.</b> descobrir o já conhecido, o <b>óbvio</b>
	11. <b>pseudofilosofia</b>	<b>3</b> pensamento baseado no senso comum, em chavões e máximas <b>óbvias</b> , banais, em juízos estereotipados e freq. preconceituosos; filosofia barata
	12. <b>ululante</b>	<b>3 B infm.</b> hiperb. de caráter <i>óbvio</i> < <i>verdades u.</i> >

Tabela 3 de *óbvio*

Da tabela 3, merece comentário a ocorrência de *pseudofilosofia*, pois o elemento de composição *pseudo-* instaura na entrada a expectativa pelo que é falso, por isso o uso na

definição de palavras carregadas de conotação pejorativa, como *banais*, *estereotipado* e *preconceituosos*.

#### 6.1.1.1.27 Pronto

Observando a lista de pesquisas, foi difícil entender como funcionaria *pronto* como modalizador, para asseverar uma proposição. No estudo sobre o advérbio que embasou nossa análise, encontramos uma pista.

São altamente frequentes os “asseverativos-marcadores-conversacionais” constituídos sob uma base adjetiva, com o *exato*, *claro*, *certo*, *lógico*, *pronto*. Basílio (1992<sup>37</sup>) estuda o estatuto gramatical dessas classes, indubitavelmente adverbiais. Eles asseveram a fala do outro (frequentemente uma correção) e a interação para manter o diálogo [...] (CASTILHO ; CASTILHO, 2002, p.226)

Dessa forma, *pronto*, como modalizador, é adverbial e fruto da enunciação instantânea e eminentemente oral, que possibilita a intervenção imediata no turno de fala do outro e a alternância constante de papéis discursivos. Apesar desse indicativo, procedemos à leitura das ocorrências, como fizemos com os demais itens de busca, porque nem sempre a manifestação clássica é encontrada nas ocorrências, e fomos pelos caminhos a que o *corpus* nos conduziu.

Como verbete, *pronto* está assim registrado nas duas obras:

**pronto** [Do lat. *promptu*, ‘disponível’.] Adjetivo. 1. Que não tarda; ligeiro, breve, rápido. 2. Eficaz: *Este xarope é um pronto remédio contra a tosse*. 3. Ativo, diligente, ágil. 4. Imediato, instantâneo: *Dava resposta pronta a qualquer insulto*. 5. Que age ou opera com rapidez; vivo, ágil: *É dotado de inteligência pronta*. 6. Concluído, terminado, acabado: *A casa já está pronta*. 7. Disposto, apto, preparado: *Estou pronto a agir*. 8. Desimpedido, livre. 9. Bras. Pop. Diz-se da mulher grávida. 10. Bras. Gír. Diz-se do indivíduo sem dinheiro, ou pobre; areado, duro, estourado, fino, frito, limpo, liso, miqueado, quebrado, tesó. 11. Bras. CE Pop. Bem-vestido. Substantivo masculino. 12. Bras. Gír. Indivíduo pronto (10); duro, frito, limpo, liso, tesó, (lus.) afanado. Advérbio. 13. Com prontidão; prontamente. A pronto. Imediatamente; em dinheiro: “O Porto de conta corrente que o senhor Agostinho acrescentou ao meu, pagava os seus débitos a pronto e em moeda forte.” (Miguel Torga, *Portugal*, p. 57.) De pronto. Prontamente, imediatamente; num instante; num pronto: “Árquias, endoideceste? Então que desvario / É o teu? Larga de pronto essa gentil criança!” (Eugênio de Castro, *Obras Poéticas*, VI, p. 61.) Num pronto. De pronto: “Num pronto arrancou precipitadamente a própria camisa; ateou-lhe fogo com um fósforo trêmulo e apressado” (Amadeu de Queirós, *Os Casos do Carimbamba*, p. 53). [DALP]

**pronto** *adj.* (sXV) **1** inteiramente feito ou construído; terminado <a casa está p.> <o almoço está p.> **2** com energia e vontade para (algo); disposto <está sempre p. para ajudar> **3** que não tarda; imediato <esse remédio tem um efeito p.> **4** que sabe tudo; preparado <p. para prestar um concurso> **5** em condições mentais e psicológicas adequadas para (algo) <está p. para casar> **6** vestido e arrumado para sair <já estão p.?.> **7** que percebe com facilidade e rapidez <espírito p. e lúcido> *adj.s.m. B infm.* **8** que ou o que é pobre ou está sem dinheiro (diz-se de indivíduo) *adv.* **9** logo, em breve <p. ele chegará> **de p.** de imediato; imediatamente, logo <acudiu a menina de p.> ETIM lat. *promptus*, a, um 'preparado' SIN/VAR ver sinonímia de *elegante*, *iminente* e *teso* e antonímia de *malandro* e *vagaroso* ANT lento, vagaroso; ver tb. antonímia de *elegante* e sinonímia de *malandro* e *vagaroso*

<sup>37</sup> O artigo de Basílio citado aqui é uma referência interna da obra *Gramática do português falado* – volume II. A data está diferente porque a edição usada como fonte de consulta nesta pesquisa é outra.

Diferentemente dos demais adjetivos, não identificamos prontamente entre as acepções alguma que pudesse ser o foco da nossa busca pela modalização ou mesmo tínhamos uma estrutura sintática que nos possibilitasse refinar a busca e mudar o foco. Lendo as ocorrências, observamos que todas se encontram no nível da proposição, o número de rubricas não é expressivo (17 no DALP e 27 no DHLP) e não apresenta um padrão, pois os campos de conhecimento em que enquadram a proposição são muito variados, de Informática a Filosofia e com poucas ocorrências em cada um deles.

#### 6.1.1.1.28 *Realmente*

Como verbete, *realmente* está registrado nas duas obras, com duas entradas: uma derivada de *real* ‘verdadeiro’ e outra derivada de *real* ‘relativo a rei’. O verbete que nos interessa nesta pesquisa é a primeira entrada, derivada de *real* ‘verdadeiro’. Nas duas obras a redação da acepção está centrada nos sinônimos, criando uma cadeia de remissões que não define nenhuma das entradas.

**realmente**<sup>1</sup> [De *real*<sup>3</sup> + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo real; na realidade, verdadeiramente; sem dúvida [DALP]

<sup>1</sup>**realmente** *adv.* (sXIV) na realidade, com efeito <*ele r. conseguiu chegar a tempo*>  
ETIM <sup>4</sup>*real* + *-mente* [DHLP]

*Realmente* expressa alto grau de adesão do locutor à proposição, assim como outros modalizadores semanticamente correlatos, como *verdadeiramente* e *mesmo*, e as locuções *na realidade* e *sem dúvida*. Nas ocorrências de *na realidade*, observamos uma oposição, ainda que implícita, entre realidade e aparência, criando enunciados nos quais *na realidade* – ou *realmente* – reforça uma relação semântica já construída, como bem nos lembram Castilho e Castilho (2002:218-9), ao afirmar que a asseveração “já está presente nas sentenças, produzida pelos outros recursos de modalização [...]. Os advérbios reforçam a asseveração, de que resultam sentenças mais enfáticas quanto a esse particular.”

Nas 44 ocorrências de *realmente* (19 no DALP e 25 no DHLP), identificamos dois eixos semânticos de modalização, sem considerar como modalizadores as palavras que, na entrada, remetem à noção de realidade, como *efetivo*, *fato*, *real*, *realização* e *verdadeiro*. No primeiro eixo semântico *realmente* aparece em oposição a *aparentemente* e como sinônimo de *na realidade*, *de fato* e no contexto geralmente possui palavras que denunciam uma aparência, como *parecer*, *aparente* e cognatos, e outras modalizações, como os verbos *poder* e *presumir*. Nessas ocorrências o modalizador possui mobilidade sintática sem alteração de significado.



No segundo grupo, as ocorrências de *realmente* reforçam uma ideia que não tem relação direta com a essência ou a aparência, é sinônimo de *mesmo*.<sup>38</sup>

EIXO 1 – REALMENTE ‘na realidade, de fato’			
		VERBETE	OCORRÊNCIA
D A L P	1.	ar	No ar. 2. Na iminência ( <b>realmente</b> ou aparentemente) de acontecer, sendo objeto de comentários, mais ou menos sem fundamento preciso: <i>A reforma do Ministério está no ar; Andam no ar muitas novidades.</i>
	2.	compacidade	2. Relação entre o volume <b>realmente</b> ocupado pelas partículas de um solo e o volume aparente deste, a qual varia conforme as dimensões dos poros existentes entre aquelas partículas
	3.	docetismo	1. Rel. Doutrina gnóstica do séc. II, segundo a qual o corpo de Cristo não era real, porém só aparente, ou que negava tivesse ele <b>realmente</b> nascido de Maria.
	4.	gata	<b>Não aguentar uma gata pelo rabo.</b> 2. Irôn. Diz-se de alguém que se presume mais forte, mais saudável, ou mais poderoso, etc., do que <b>realmente</b> é: <i>Não aguentava uma gata pelo rabo, no entanto almejava a diretoria-geral da empresa.</i>
	5.	gênero	10. Mat. Diferença entre o número máximo de pontos duplos que uma curva unicursal pode ter e o número dos que ela <b>realmente</b> possui; deficiência.
	6.	latim	<b>Latim vulgar.</b> Gloss. A língua <b>realmente</b> falada pelo povo romano e que, evoluindo de modo divergente nas diversas províncias do império, foi aquela que propriamente deu origem às chamadas línguas românicas ou neolatinas.
	7.	meningismo	1. Neur. Conjunto de sinais e de sintomas de irritação meníngea, com manifestações febris agudas ou desidratação, sem que haja, <b>realmente</b> , infecção.
	8.	micropsia	1. Oftalm. Alteração da visão que faz os objetos parecerem menores do que <b>realmente</b> são.
	9.	oscilação	<b>Oscilação forçada do polo.</b> Astr. Variação polar (q. v.) que tem um período de um ano e, <b>realmente</b> , pode ser considerada como uma nutação forçada imposta por fenômenos meteorológicos de caráter sazonal; nutação forçada.
	10.	pedante	1. Que se expressa exibindo conhecimentos que <b>realmente</b> não possui; parlapatão, impostor, vaidoso, pretensioso.
	11.	substância	6. O que não é aparente ou superficial; o que <b>realmente</b> importa ao espírito; fundo, conteúdo: <i>O romance é bem escrito, mas falta-lhe substância.</i>
	12.	turbinar	3. Bras. Fazer (os algarismos do taxímetro) correrem mais rápido, o que faz a corrida (5) ter um preço mais alto que o <b>realmente</b> devido.
D H L P	13.	book	1 LUD em jogos de cartas (p.ex., no <i>bridge</i> ), o montante de vazas que um jogador ou uma parceria precisa ganhar, antes das que <b>realmente</b> contam pontos
	14.	cabotino	3 relativo a ou indivíduo presunçoso, vaidoso, que se comporta afetadamente ou tenta atrair sobre si as atenções, e alardeia as qualidades que pretensa ou <b>realmente</b> possui
	15.	duplicidade	2 <i>p.metf.</i> característica de quem se apresenta de maneira diferente do que <b>realmente</b> é; dissimulação, falsidade, fingimento
	16.	enfestar.	4 <i>int. B infirm.</i> trapacear no jogo, marcando número de pontos superior ao <b>realmente</b> obtido

<sup>38</sup> Tentamos manter o critério da forma mais coerente possível para essa categorização, mas entendemos que ela pode ter exemplos interpolados, até mesmo porque os dois eixos mostram adesão do locutor e enfatizam uma ideia, mas principalmente porque todo recorte semântico encontra um ponto diluído entre as fronteiras estabelecidas, especialmente nas que são tão contíguas como estas.

17.	<b>exagerar</b>	<b>2 t.d.</b> atribuir a (alguém, algo) proporções ou qualidades maiores das que <b>realmente</b> possui < <i>exagerava a importância do cinema na vida cultural</i> >
18.	<b><sup>1</sup>gato</b>	<b>vender g. por lebre</b> <i>infrm.</i> enganar o comprador, fazendo-o levar mercadoria inferior àquela por que <b>realmente</b> pagou
19.	<b>restituição</b>	<b>1</b> devolução de algo a quem <b>realmente</b> pertence
20.	<b>senhoraço</b>	<b>3</b> homem que procura parecer importante quando <b>realmente</b> não o é
21.	<b>subfaturar</b>	emitir fatura de (mercadoria, serviço etc.) com preço menor do que o <b>realmente</b> cobrado, recebendo-se à parte a diferença, que não entra na escrituração dos participantes dessa transação, com o objetivo de burlar o fisco ou, no caso de exportação, as normas de compra e venda de moeda estrangeira < <i>s. uma venda</i> >
22.	<b>superfaturar</b>	<b>2 t.d.</b> ECON expedir fatura de venda com preço acima do <b>realmente</b> cobrado, ger. para burlar as normas de compra e venda de moeda estrangeira e para a transferência ilegal de divisas entre matriz e subsidiária de empresa multinacional < <i>s. uma transação</i> >
23.	<b>valentão</b>	<b>3 pej. iron.</b> que ou quem é dado a bravatas, vive alardeando ser mais valente do que <b>realmente</b> é; fanfarrão

Tabela 1 de *realmente*

<b>EIXO 2 – REALMENTE ‘mesmo’</b>			
		<b>VERBETE</b>	<b>OCORRÊNCIA</b>
<b>D A L P</b>	1.	<b>câmara</b>	<b>câmara de reflexão.</b> Maç. Lugar, assemelhado a um subterrâneo, onde são expostos símbolos que levem os candidatos a maçom a meditar acerca das coisas materiais do mundo, da vida e da morte, antes de decidirem se <b>realmente</b> desejam entrar para a ordem
	2.	<b>espelho</b>	10. Turfe Linha de chegada das corridas de cavalos, assim chamada porque nela <b>realmente</b> existe um espelho, através do qual se pode observar na fotografia a chegada pelos dois lados e dirimir possíveis dúvidas quanto ao vencedor ou às colocações posteriores; disco final.
	3.	<b>macutena</b>	[Cf. <i>macotena</i> e <i>macuteno</i> . Se <i>macotena</i> vem, <b>realmente</b> , de <i>macota</i> (5) (= <i>lepra</i> ), não nos parece razoável a distinção gráfica entre o vocábulo que significa o doente e o referente à doença.]
	4.	<b>par</b>	<b>Par físico.</b> Astr. Estrela dupla cujos componentes são <b>realmente</b> próximos no espaço, e que se reconhece pelo fato de seu movimento relativo ser orbital; dupla física. [Cf. <i>par óptico</i> .]
<b>D H L P</b>	5.	<b>eficácia</b>	<b>7</b> ADM qualidade ou característica de quem ou do que, num nível de chefia, de planejamento, chega <b>realmente</b> à consecução de um objetivo < <i>há eficiência na ação do seu gerente, mas não e.</i> >
	6.	<b>incontornável</b>	<b>2 fig.</b> de que não se pode escapar; que se tem <b>realmente</b> de enfrentar < <i>dificuldades i.</i> >
	7.	<b>limitação</b>	<b>I. de responsabilidade JUR</b> atenuação ou discriminação de certas obrigações ou fixação de valores inferiores aos que <b>realmente</b> comporiam a reparação do dano
	8.	<b>morcego</b>	<b>1</b> MASTZOO design. comum aos mamíferos da ordem dos quirópteros, noturnos, com asas formadas por um patágio, que é sustentado pelos dedos da mão e ligado ao tronco, às pernas traseiras e à cauda; andirá, guandira, orehudo [São os únicos mamíferos <b>realmente</b> voadores.]
	9.	<b>posto-chave</b>	<i>s.m.</i> cargo ou posição em que se tomam as decisões <b>realmente</b> importantes para o andamento de alguma atividade

Tabela 2 de *realmente*

REALMENTE LIGADO À ENTRADA			
D A L P	1.	efetivo	4. O que existe <b>realmente</b> .
	2.	fato <sup>1</sup> .	2. Aquilo que <b>realmente</b> existe, que é real.
D H L P	3.	efetivo	<b>3 realmente</b> disponível <uma locomotiva com uma força e. de 3.600 cv>
	4.	efetivo	<b>4</b> que <b>realmente</b> se exerce, se cumpriu ou produziu <são estes que detêm a administração e. da firma> <união e.>
	5.	efetivo	<b>6</b> o que <b>realmente</b> existe ou funciona; o real, a realidade <entre o possível e o e., fico com os dois>
	6.	<sup>4</sup> real	<b>1</b> que existe <b>realmente</b> ; verdadeiro
	7.	<sup>4</sup> real	<b>5</b> o que as coisas <b>realmente</b> são; realidade <cair na r.>
	8.	realidade	<b>2</b> o que <b>realmente</b> existe; fato real; verdade <seus sonhos tornaram-se r.>
	9.	realização	• r. do capital jur pagamento em dinheiro ou em outros bens, com o objetivo de que o capital social fixado para uma empresa <b>realmente</b> exista
	10.	ser	<b>15</b> o que existe <b>realmente</b> ; aquilo que é
	11.	verdadeiro	<b>4</b> que é <b>realmente</b> o que parece, que não é fraudado ou simulado; autêntico, real, genuíno <um v. vinho francês> <um Monet v.>

Tabela 3 de *realmente*

Sobre a tabela 2 cabem comentários específicos em duas ocorrências: de *morcego* e de *macutena*. Nas duas, o dicionarista fala de seu espaço discursivo graficamente marcado pelos colchetes, mas em *macutena* o espaço é duplamente reservado ao dicionarista porque está no campo de etimologia. Em *morcego*, o uso do *realmente* dialoga com o pressuposto de que outros mamíferos voam, o que não é verdade, porque a verdade é que só o voo do morcego pode ser considerado voo. Em *macutena*, o uso de *realmente* para ligar a cognação de *macota* a *macotena* expressa a voz de um enunciador acoplado à do locutor, que duvida disso. Como, no campo discursivo apropriado, o dicionarista questiona essa realidade, o leitor pode desconfiar dessa cognação, inserida em uma hipótese (pela conjunção *se*), que conduz a uma situação que “não parece razoável”.

#### 6.1.1.1.29 Reconhecidamente

Não está registrado como verbete em nenhuma das duas obras e, nas definições, soma 5 ocorrências, das quais apenas uma no DHLP. Pressupomos, então, a definição “de modo facilmente reconhecido; notoriamente”. *Reconhecidamente* joga o foco da confirmação no

senso comum, assim, o que é reconhecidamente válido não é apenas para o locutor, é para uma coletividade. A força ilocutória desse advérbio está em validar a proposição com um grau de abrangência de aceitação que extrapola o simples reconhecimento pessoal do locutor, assim a adesão se intensifica na medida em que valida a proposição com essa abrangência.

		VERBETE	COMENTÁRIO
D A L P	1	<b>basônimo</b> Substantivo masculino. 1. Biol. O primeiro nome específico <b>reconhecidamente</b> conferido a um taxônimo, sendo, em nomenclatura binominal ou trinominal, o epíteto específico ou subespecífico que permanece, quando o taxônimo é reclassificado. [No uso técnico, é sempre acompanhado do nome do autor original.]	Outros nomes foram conferidos, mas o enunciador expressa que este tem mais peso porque foi reconhecido como tal.
	2	<b>desenturmado</b> Adjetivo. 3. Turfe Diz-se do cavalo inscrito num páreo em que a média dos concorrentes tem, <b>reconhecidamente</b> , maior capacidade locomotora do que ele.	O reconhecimento é importante para validar a condição superior do cavalo. A asseveração já está expressa, mas o advérbio a enfatiza na medida em que chancela pelo senso comum essa superioridade expressa na proposição.
	3	<b>eutanásia</b> Substantivo feminino. 2. Prática, sem amparo legal, pela qual se busca abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente <b>reconhecidamente</b> incurável. [Antôn.: <i>distanásia</i> , <i>distanasia</i> .] [Embora o étimo gr. postule <i>eutanasia</i> , o uso consagrou <i>eutanásia</i> no português do Brasil.]	A eutanásia não é usada em um doente <i>supostamente</i> incurável, e sim no <i>reconhecidamente</i> incurável. Se, por meio da quase-asseveração, o locutor se distancia da proposição por meio de uma outra voz, no caso de <i>reconhecidamente</i> , essa outra voz se levanta para reforçar a proposição.
	4	<b>imunoglobulina</b> Substantivo feminino. 1. Immun. Grupo de proteínas de origem animal, que são gamaglobulinas, de que há várias classes, e que são produzidas por linfócitos e por plasmócitos, e capazes, <b>reconhecidamente</b> , de agir como anticorpos específicos, e sendo responsáveis pela imunidade humoral. [São chamadas de <i>imunoglobulinas</i> aquelas que têm atividade de anticorpos e outras que com elas têm relação antigênica. Há cinco classes de imunoglobulina com função de anticorpo: IgA, IgD, IgE, IgG e IgM.]	<i>Reconhecidamente</i> reforça a informação sobre a capacidade de ação dos anticorpos específicos, aproximando o locutor da proposição.
D H L P	5	<b>bem-afamado</b> <i>adj.</i> que goza de boa fama, de reputação <b>reconhecidamente</b> boa, de bom nome; bem-conceituado	O advérbio reforça a relação semântica entre o substantivo e o adjetivo. A reputação é algo que, por si só, já está ligada à aceitação do outro <sup>39</sup> , o uso de <i>reconhecidamente</i> endossa isso.

Tabela 1 de *reconhecidamente*

### 6.1.1.1.30 *Seguramente*

<sup>39</sup> **reputação** *s.f.* (sXV) ato ou efeito de reputar **1** conceito de que alguém ou algo goza num grupo humano <*sua r. era a pior possível*> **2** renome, estima, fama <*era um homem de r.*> ETIM lat. *reputatio, ónis* 'cálculo, conta' SIN/VAR ver sinonímia de *fama* [DHLP]

Foram registradas apenas 4 ocorrências de *seguramente* dentro dos parâmetros estabelecidos na metodologia, 3 no DHLP e 1 no DALP, que também registra o advérbio como verbete. A acepção 2 ('muito possivelmente') é nosso foco na busca pela modalização e indica alto grau de certeza e adesão do enunciador à proposição. Diferentemente do *reconhecidamente*, que joga o foco da certeza no saber comum, o *seguramente* diz respeito a uma posição pessoal do enunciador. Todas as ocorrências foram consideradas modalizadoras, assim como *realmente*, como um reforço do enunciador para uma relação semântica já construída (CASTILHO ; CASTILHO, 2002, p.218-9)

**seguramente** *adv.* **1** com toda a segurança, sem erro <afiançou-lhe que s. a encomenda chegaria na segunda-feira> **2** muito possivelmente; decerto <ele tem s. uns 60 anos> ☉ ETIM *seguro* + *-mente*

		VERBETE	COMENTÁRIO
D A L P	1.	<b>Palavra Palavra de rei.</b> Promessa que será <b>seguramente</b> cumprida; afirmação incontestável.	O futuro do indicativo já marca a certeza, reforçada discursivamente pelo advérbio, a partir de uma necessidade do locutor de enfatizar essa asseveração.
	2.	<b>apregoadado</b> <i>adj.</i> <b>1</b> divulgado através de pregão; anunciado em voz alta, publicado, proclamado <b>2</b> <i>p.ext.</i> <b>seguramente</b> conhecido por muitos; notório, evidente <segredo a.>	A ênfase na certeza de ser conhecido por muitos imprime mais intensidade ao significado da entrada. O que é apregoadado não é apenas conhecido, é <i>certamente</i> conhecido por muitos.
	3.	<b>consumado</b> <i>adj.</i> <b>1</b> cujo processo já se completou ou que <b>seguramente</b> se completará <sua eleição é fato c.>	O futuro do indicativo já marca a certeza, reforçada discursivamente pelo advérbio, a partir de uma necessidade do locutor de enfatizar essa asseveração.
	4.	<b>pilotagem</b> <i>s.f.</i> <b>3</b> MAR <i>ant.</i> ciência e arte de conduzir <b>seguramente</b> uma embarcação no mar	Essa definição encaixa-se na acepção 1 do verbete do DHLP e lhe serviria melhor de exemplo do que o usado na redação do verbete.

Tabela 1 de *seguramente*

#### 6.1.1.1.31 Sem dúvida

Na polarização de certeza e dúvida, essa expressão ocupa o lugar de extrema certeza. Por uma estrutura negativa (com o uso da preposição *sem*), o locutor assume a plena certeza do que exprime, em fenômeno análogo ao do grupo *incontestável – inegavelmente*, no qual, porém, a negação se materializava num prefixo.

Foram registradas duas ocorrências de *sem dúvida*, apenas no DALP. Nas duas, o dicionarista aparece falando de seu lugar privilegiado de autoridade sobre questões da língua. Trata-se de dois elementos de composição, o que, como já dissemos, implica verbetes estruturados de forma um pouco diferente dos demais e espaço discursivo propício para a voz do dicionarista emanar. Nos dois casos encontrados, o comentário se refere à mesma questão linguística, o uso da paroxítona como prosódia padrão de casos em que o correto seria a proparoxítona, e se encontra, com vimos em muitos exemplos dos *corpus*, num espaço marcado graficamente para que o dicionarista possa falar. O *sem dúvida* marca nesses dois casos a voz de uma autoridade sobre a língua e sobre o uso.

<b>DALP (AURÉLIO)</b>	
<b>1.</b>	<p><b>-crata</b> [Do gr. <i>-kratBs</i> &lt; gr. <i>krátos, eos-ous</i>, 'força'; 'poder', 'autoridade'; 'soberania'; 'domínio'; 'governo'.] Elemento de composição. 1. = '(o) que tem ou exerce poder ou domínio (específico)'; '(o) que é partidário, adepto, ou sectário de certo modo de governo, ou sistema político'; 'que é próprio ou específico de certa forma de governo ou de poder': <i>plutocrata, teocrata, democrata, aristocrata, fisiocrata, tecnocrata, escravocrata</i>. [A pronúncia correta dos voc. formados com este elemento é a proparoxítona, mas o uso consagrou a acentuação paroxítona (por infl. do fr.). Daí a variação prosódica para algumas formas (em que a f. paroxítona é, <b>sem dúvida</b>, a mais us.), tais como: <i>ácrata / acrata, autócrata / autocrata, fisiócrata / fisiocrata, ginecócrata / ginecocrata, talassócrata / talassocrata, teócrata / teocrata</i>. Há, entretanto, vocábulos (ger. de or. fr.) que só apresentam o registro na f. paroxítona, é o caso, p. ex., de: <i>antiaristocrata, antidemocrata, aristocrata, aristodemocrata, burocrata, canalhocrata, democrata, escravocrata, pedantocrata, plutocrata, tecnocrata e timocrata</i>. Note tb. o valor pejorativo de certos vocábulos: <i>pedantocrata, canalhocrata</i>. V. <i>-cracia</i>.]</p>
<b>2.</b>	<p><b>-odo</b> [Do gr. <i>-odos</i> &lt; gr. <i>hodós</i>, 'caminho' (v. <i>hodo</i>-).] Elemento de composição. 1. = 'caminho', 'rota'; 'jornada', 'elétrodo': <i>eletrodo, dinodo, diodo, pentodo</i>. [A pronúncia correta dos voc. formados com este elemento é a proparoxítona, mas o uso, no Brasil, consagrou a acentuação paroxítona. Daí a variação prosódica para a maioria das formas, como, p. ex., em: <i>cátodo/ catodo, elétrico/eletrodo</i> (em que a f. paroxítona é, <b>sem dúvida</b>, a mais us.). Alguns voc., entretanto, não apresentam a f. proparoxítona, como, p. ex., <i>nonodo</i> e <i>octodo</i>. Há, na língua, a tendência de formar, tb., voc. (de boa formação) acrescidos do suf. <i>-io</i><sup>3</sup> (<i>catódio, eletródio, pentódio</i>, etc.), para evitar a proparoxítona.]</p>

Tabela 1 de *sem dúvida*

#### 6.1.1.1.32 *Verdadeiramente*

Como verbe, *verdadeiramente* está registrado apenas no DALP, com acepções sinonimizadas, e, na microestrutura, totalizou 6 ocorrências (2 no DALP e 4 no DHLP).

**verdadeiramente** [Do fem. de *verdadeiro* + *-mente*.] **Advérbio**. 1. **De fato (2); realmente:** *Estava verdadeiramente triste*. 2. **Sinceramente:** *Ficou verdadeiramente arrependido de tê-lo constrangido*. [DALP]

Assim como na *realidade* e *realmente*, *verdadeiramente* traz à tona a correção de um equívoco, desfaz um pressuposto ilusório ou contrapõe aparência e essência e, assim como *realmente*, reforça uma relação semântica já construída. As ocorrências estão comentadas na tabela a seguir.

		VERBETE	COMENTÁRIO
D A L P	1.	<b>metafísica</b> Substantivo feminino. 1. Filos. Parte da filosofia, que com ela muitas vezes se confunde, e que, em perspectivas e com finalidades diversas, apresenta as seguintes características gerais, ou algumas delas: é um corpo de conhecimentos racionais (e não de conhecimentos revelados ou empíricos) em que se procura determinar as regras fundamentais do pensamento (aquelas de que devem decorrer o conjunto de princípios de qualquer outra ciência, e a certeza e evidência que neles reconhecemos), e que nos dá a chave do conhecimento do real, tal como este <b>verdadeiramente</b> é (em oposição à aparência). [Cf. <i>ontologia</i> .]	Essa ocorrência está enquadrada na oposição aparência e realidade, expressa verbalmente pelo conteúdo entre parênteses.
	2.	<b>tonelagem</b> Substantivo feminino. Tonelagem de arqueação. Mar. Merc. Volume de todos os espaços internos de uma embarcação mercante, expresso em toneladas de arqueação. [Tb. se diz apenas <i>tonelagem</i> . É comum a confusão entre <i>tonelagem</i> e <i>deslocamento</i> . <b>Verdadeiramente</b> , uma significa capacidade interna da embarcação, e o outro, peso da embarcação, não coincidindo, pois, as respectivas expressões numéricas. No caso de navios mercantes, interessa conhecê-los mais a capacidade do que o peso; no caso de navios de guerra, não interessando a sua capacidade volumétrica, usa-se o deslocamento, <i>i. e.</i> , o peso, com o fim de caracterizar-lhes o tamanho. Cf. <i>deslocamento</i> (5) e <i>porte</i> (8).]	Essa ocorrência marca a voz do dicionarista, que corrige a confusão entre tonelagem e deslocamento, num espaço discursivamente marcado para o comentário e graficamente delimitado pelos colchetes. É mais comum, nesses casos, o uso de <i>na realidade</i> em vez de <i>verdadeiramente</i> .
D H L P	3.	<b>esquerda</b> \ê\ s.f. (1826) • <b>e. festiva</b> POL <i>pej.</i> certo setor de militantes e simpatizantes esquerdistas, caracterizado pela falta de seriedade e mais propenso a confraternizar-se e a alardear suas posições do que a lutar <b>verdadeiramente</b> para impor suas convicções	A marca <i>pej.</i> mostra que se espera de um grupo político que defender suas convicções esteja acima de confraternizar. A verdade que deveria prevalecer é essa.
	4.	<b>renascer</b> v. (sXIII) <b>1 int.</b> nascer de novo ( <b>verdadeiramente</b> ou na aparência) <depois de aplicado o tônico, seus cabelos renasceram> <renascia ao entrar no mar>	O <i>verdadeiramente</i> marca a oposição entre o acontece de verdade ou na aparência.
	5.	<b>representatividade</b> s.f. <b>2</b> qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se <b>verdadeiramente</b> em seu nome	Um se expressa pela coletividade de modo autêntico porque tem o seu respeito, donde se conclui o pressuposto de que outros falam em nome da coletividade sem a representarem de fato.
	6.	<b>utopia</b> s.f. (1671) <b>2</b> qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas <b>verdadeiramente</b> comprometidas com o bem-estar da coletividade	Há instituições político-econômicas que estão aparentemente comprometidas com a verdade, a utopia está plenamente comprometida.

Tabela 1 de *verdadeiramente*

## 6.1.1.2 Modalizadores epistêmicos asseverativos negativos

#### 6.1.1.2.1 *De forma alguma*

#### 6.1.1.2.2 *De jeito nenhum*

Na polarização entre dúvida e certeza que gradua os epistêmicos asseverativos e quase-asseverativos, *de jeito nenhum* e *de forma alguma* ocupam o lugar de certeza plena na negação, em oposição a *indiscutivelmente* e outros modalizadores de afirmação. Mais do que negar, essas duas locuções modalizadoras rejeitam qualquer oposição em contrário, não dão lugar à flexibilização e, por conta disso, comprometem o locutor com o enunciado em um grau elevado. Se uma pessoa diz que *de jeito nenhum/de forma alguma* fará uma tarefa, está plenamente convicta de sua decisão e não cabe relativização de alguma forma ou jeito para que isso aconteça.

Ao estabelecermos o dicionário como gênero, uma das características arroladas é não usar definições negativas, deve-se descrever uma entrada pelo que ela *é* e não pelo que ela *não é*. Esse é um dos entraves para o uso dessas duas locuções, mas poderíamos indicar outro: qualquer negação peremptória pode apresentar intransigência, o que não combina com a figura discursiva do dicionarista. Essa relativização vemos nas largas ocorrências de *geralmente* e *em geral* (mais de 6 mil), em oposição às que mostram plena adesão, como *certamente* e *naturalmente* (que não totalizam 100).

Assim, é melhor dar uma informação de caráter geral, mas não perdê-la, a registrar uma descrição com caráter definitivo e depois haver a descoberta de um referente que não se encaixa naquela definição. Por isso, são menores as ocorrências dos asseverativos da plena certeza, negativa ou afirmativa, porque são poucas as proposições com as quais o dicionarista pode se comprometer plenamente. Isso explica que não haja nenhuma ocorrência<sup>40</sup> de nenhuma das duas locuções em nenhuma das duas obras.

### 6.1.2 Modalizadores epistêmicos quase-asseverativos

#### 6.1.2.1 *Assim*

Este item da tabela gerou estranhamento, pois não é tipicamente modalizador. De que forma *assim* pode indicar a qualificação do enunciador perante a proposição? em uma leitura

---

<sup>40</sup> Dentro dos moldes estabelecidos na metodologia, não há ocorrências válidas, porque as únicas de *de jeito nenhum* (1 no DALP e 4 no DHLPL) são todas na sinonímia.



superficial das ocorrências, *assim* era usado como elemento coesivo, ou como advérbio, em sintagmas, ou como conjunção, isoladas por vírgulas. Recorremos aos verbetes *assim* nas duas obras e tampouco ajudaram nessa empreitada. Permanecia a questão de como *assim* seria uma quase-asseveração e, na polarização entre a certeza e a dúvida, penderia mais para este lado.

O uso de *assim* puramente dêitico e que, por isso, emerge na interação direta entre falantes, está registrado, inclusive com informação de uso<sup>41</sup>, bem como as acepções mais usadas na escrita como elementos coesivos, as quais já especificamos. Não encontramos, entre as acepções de *assim*, nenhuma que nos levasse ao seu uso modalizador, como também não encontramos pistas na leitura dos dados.

O artigo de Castilho e Castilho (2002) solucionou a questão com exemplos em que *assim* “modaliza o conteúdo a sua direita, prevenindo o interlocutor de que não há compromisso de uma afirmação peremptória.” (2002:229). Comum na interação oral, em um exemplo como “A sala estava assim... meio desarrumada.”, *assim* funciona como um gerenciador do discurso, uma forma de enunciar algo enquanto processamos e selecionamos o que virá a seguir, ou como forma de atenuar um enunciado incômodo ou agressivo. Desse modo, num gênero de formas bem marcadas, não há espaço para *assim* como arranizador discursivo ou como um modalizador não previsto para situações de comunicação feitas por vias escritas.

#### 6.1.2.2 *Eventualmente*

Como verbete consta apenas no DHLP, com uma acepção que descreve o uso modalizador apenas e não o significado padrão dos advérbios em *-mente* (‘de modo eventual’), que representou muitas das ocorrências.

**eventualmente** *adv.* expressa uma possibilidade, uma hipótese; porventura, talvez, possivelmente <*tenho uns livros que e. podem interessar-lhe*> ©  
ETIM *eventual* + *-mente*

Foram encontradas 150 ocorrências de *eventualmente* no texto dos verbetes (70 no DALP e 80 no DHLP), com uso predominante da acepção “por vezes, às vezes”, que acrescenta uma condição especial, um dado extra, uma informação dispensável à definição e

<sup>41</sup> **assim** *adv.* [...] **3** em (ou com) grande quantidade <*a praça está a. de gente*> ver uso a seguir **4** deste tamanho, desta altura etc. <*a criança já está a.*> ver uso a seguir [...] USO **1**) na acp. 3, é acompanhado de movimento repetido dos dedos, em que a ponta do polegar toca as pontas dos demais dedos, com a palma voltada para cima; **2**) na acp. 4, é acompanhado de gesto com a mão, indicando altura, tamanho etc. ETIM lat. *ad* (prep.) ‘direção, movimento, aproximação etc.’ + *sic* (adv.) ‘assim, deste modo’, através da f. arcaica *assi* [DHLP]

geralmente vem acompanhada de outras estruturas modalizadoras como o advérbio *geralmente* e o verbo *poder*. O uso dessa modalização expõe condições particulares de pouca frequência que agregam significado à definição, mas não são característicos, embora sejam possíveis, o que traz à tona um enunciador que se prende a detalhes não específicos e por vezes agrega informação muito particular à definição.

Um fato que chamou nossa atenção é que apenas 43 das 150 ocorrências não são rubricadas (9 no DALP e 34 no DHLP). Cremos que isso acontece por uma das duas razões: ou a definição rubricada fica no meio do caminho entre a precisão técnica e a acessibilidade ao leigo, uma vez que tratamos aqui de dicionários gerais de língua e não de dicionários técnicos especializados, ou o *eventualmente* busca justamente garantir a precisão, já que a informação técnica não deve desprezar nenhum aspecto da descrição correta do referente nem asseverar como totalidade aquilo de que não se tem certeza. Qualquer que seja a causa, o uso do *eventualmente* evidencia uma proteção de face e ativa um enunciador cauteloso no registro das informações, quase sempre técnicas, seja para manter a precisão e descrever à exaustão, seja para dar acessibilidade ao leigo.

Consideramos todos os casos de *eventualmente* como modais, a seguir comentamos os casos em que aconteceu mais de um tipo de modalização ou de dois modalizadores do mesmo tipo.

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<b>abobadilha</b> [De <i>abóbada</i> + <i>-ilha</i> .] Substantivo feminino. 1. Arquit. Pequena abóbada semicircular, ger. de tijolos, us. <b>eventualmente</b> na construção de sobrados.	Dois modalizadores contrastam, compensando um ao outro. O <i>geralmente</i> informa o material mais comum e o <i>eventualmente</i> um uso mais específico do material.
2.	<b>acromatose</b> [De <i>acromat(o)-</i> + <i>-ose</i> <sup>1</sup> .] Substantivo feminino. 2. Med. Pigmentação tecidual insuficiente, como pode ocorrer, <b>eventualmente</b> na pele.	Dupla modalização de quase-asseveração, pois existe a possibilidade de uma ocorrência ocasional. É o caso de uma informação específica usada para exemplificação.
3.	<b>aculturação</b> [Do ingl. <i>acculturation</i> .] Substantivo feminino. 1. Antrop. Processo decorrente do contato mais ou menos direto e contínuo entre dois ou mais grupos sociais, pelo qual cada um desses grupos assimila, adota ou rejeita elementos da cultura do outro, seja de modo recíproco ou unilateral, e podendo implicar, <b>eventualmente</b> , subordinação política.	Dupla modalização de quase-asseveração, pois existe a possibilidade de uma ocorrência ocasional. É o caso de uma informação específica usada para exemplificação.
4.	<b>anafilaxia</b> (cs) [De <i>an(a)-</i> + <i>-filax-</i> + <i>-ia</i> <sup>1</sup> .] Substantivo feminino. 1. Immun. Reação imunológica que ocorre em indivíduo sensibilizado por exposição a antígeno	A delimitação do <i>clanicamente</i> , que se refere a <i>resultar</i> , soma-se a uma condição que é frequente mas nem sempre letal.

	específico, e que resulta, clinicamente, em urticária, prurido, angioedema, colapso vascular, estado de choque e disfunção respiratória frequente e, <b>eventualmente</b> , letal.	
5.	<b>antraz</b> [Do gr. <i>ánthrax</i> 'carvão', pelo lat. <i>anthrace</i> .] Substantivo masculino. Med. 1. Doença infecciosa que incide em animais e, <b>eventualmente</b> , no homem, devida, ger., ao <i>Bacillus anthracis</i> ou a seus esporos, e originada em pastagens infectadas, ocorrendo, diretamente, em herbívoros, ou indiretamente, em carnívoros, pela ingestão de carcaças contaminadas. Pode transmitir-se ao homem por contato ou com animais infectados, ou por produtos deles provenientes, podendo a contaminação ocorrer pelas vias cutânea, digestória, e respiratória. [Sin.: <i>carbúnculo</i> .]	Acumulam-se três modalidades que relativizam as informações: 1. a doença ocorre <i>às vezes</i> no homem; 2. a transmissão também não é determinada (é possível que o homem contraia por contato com animais ou produtos deles derivados) e 3. o bacilo mais comum é este, mas não é o único. A doença é definida por generalização (o caso do bacilo) e por especialização (casos em homens e transmissão).
6.	<b>autoimunização</b> [De <i>aut(o)</i> <sup>-1</sup> + <i>imunização</i> .] Substantivo feminino. 1. Imun. Produção, num indivíduo, de reação imunológica a tecido(s) dele próprio, e que, <b>eventualmente</b> , pode levar a doença; autossensibilização.	Há dupla modalização, o que deixa a possibilidade de conversão em doença ainda menor, por ser uma possibilidade que nem sempre se confirma.
7.	<b>chato</b> [Do gr. <i>platys</i> , 'largo', pelo lat. vulg. <i>*plattu</i> .] Adjetivo. 5. Zool. Inseto anopluro, pediculídeo ( <i>Phthirus pubis</i> ), cosmopolita, que vive normalmente na região pubiana e <b>eventualmente</b> nas sobrançelas, axilas e outras partes do corpo. Comprimento: até 1,5mm. Ovos postos sob forma de lêndeas, na base dos pelos pubianos. Vive cerca de três semanas, incuba os ovos durante sete dias e as ninfas com 15 dias estão aptas para reprodução. [Sin., nesta acepç.: <i>carango</i> , <i>ladro</i> , <i>piolho-das-virilhas</i> , <i>piolho-do-púbis</i> , <i>piolho-ladro</i> .]	Dois modalizadores contrastam, compensando um ao outro. O <i>normalmente</i> informa a região mais comum e o <i>eventualmente</i> as menos comuns.
8.	<b>decreto-lei</b> Substantivo masculino. 1. Decreto que o chefe do poder executivo expede, com força de lei, por estar absorvendo, anormalmente, as funções próprias do legislativo, <b>eventualmente</b> supresso. [Cf. <i>lei</i> (2). Pl.: <i>decretos-leis</i> e <i>decretos-lei</i> .]	O <i>anormalmente</i> marca a condição especial das funções do executivo, quadro no qual o legislativo possivelmente fica supresso. Esta é uma ocorrência que corrobora o uso registrado no verbete <i>eventualmente</i> do DHLP.
9.	<b>dispositivo</b> [Do lat. <i>dispositus</i> (v. <i>disposto</i> ) + <i>-ivo</i> .] Substantivo masculino. Dispositivo de indicação. Inform. Dispositivo periférico (q. v.) de entrada de dados, essencial em interfaces gráficas, com o qual se podem indicar, e <b>eventualmente</b> ativar ou manipular, objetos de interface na tela do computador; dispositivo de apontamento. [O ex. mais comum é o <i>mouse</i> .]	<i>Indicar</i> , <i>ativar</i> ou <i>manipular</i> são marcados com frequências diferentes de uso. O uso de <i>podem</i> refere-se diretamente a <i>indicar</i> e, por elipse, também a <i>ativar</i> e <i>manipular</i> , mas nestes a modalização é mais forte pela associação a <i>eventualmente</i> e a separação por vírgulas. em uma perífrase, "é possível indicar, às vezes também é possível ativar e manipular objetos".
10.	<b>editoração</b> [De <i>editar</i> + <i>-ção</i> .] Substantivo feminino. 3. Conjunto organizado de atividades para edição de impressos, excluídas, <b>eventualmente</b> , no todo ou em parte, aquelas relativas à	Na primeira da acepção 3, a exclusão pode ser ocasional e, ocorrendo, total ou parcial.

	produção gráfica. [...]	
11.	<b>editoração</b> [...] <b>Editoração eletrônica.</b> Inform. Edit. Eletrôn. Conjunto de atividades ou processos de editoração (esp. a montagem gráfica, e podendo incluir, <b>eventualmente</b> , a impressão final da publicação) realizados exclusivamente por meio de programas e equipamentos computacionais.	Na ocorrência da locução, ocorre a dupla modalização, pois a montagem gráfica tem a possibilidade, ainda que eventual, de incluir a impressão final da publicação.
12.	<b>escanear</b> [Aport. do v. ingl. <i>to scan</i> , 'examinar, correndo os olhos'; 'percorrer a superfície de'; v. <i>-ear</i> <sup>2</sup> .] Verbo transitivo direto. 1. Inform. Digitalizar <sup>1</sup> (documento impresso, desenho, fotografia, código de barras, etc.) através de aparelho de leitura óptica (v. <i>scanner</i> ). [O termo <i>escanear</i> pode, <b>eventualmente</b> , abranger tb. o processamento da imagem digitalizada por um programa de interpretação ou decodificação, como no caso do reconhecimento de caracteres (q. v.) ou da leitura de código de barras (q. v.).]	Nesta ocorrência, o dicionarista toma a palavra para comentar a ampliação semântica da definição fornecida, com base no uso possível, ainda que eventual, de <i>escanear</i> associado a outros complementos.
13.	<b>febre</b> <sup>1</sup> [Do lat. <i>febre</i> .] Substantivo feminino. Febre tifoide. Med. Doença infecciosa causada pela <i>Salmonella typhose</i> , e que se prolonga por várias semanas e inclui em seu quadro clínico cefaleia, febre contínua, apatia, esplenomegalia, erupção cutânea maculopapular, podendo, <b>eventualmente</b> , ocorrer perfuração intestinal.	Há dupla modalização ( <i>poder</i> e <i>eventualmente</i> ), o que deixa a possibilidade da perfuração intestinal ainda mais pontual, pois é uma possibilidade que nem sempre ocorre.
14.	<b>gibbsita</b> [Do antr. ( <i>George</i> ) <i>Gibbs</i> (1776-1833), mineralogista norte-americano, + <i>-ita</i> <sup>3</sup> .] Substantivo feminino. 1. Min. Mineral monoclinico, hidróxido de alumínio, que <b>eventualmente</b> pode ser um minério de alumínio, sendo grande a sua concentração; hidrargilita.	Dupla modalização ( <i>poder</i> e <i>eventualmente</i> ) marca a possibilidade do minério de alumínio como fator localizado.
15.	<b>histerotraumatismo</b> (is) [De <i>hister(o)</i> - <sup>1</sup> + <i>traumatismo</i> .] Substantivo masculino. 1. Psiq. Med. Leg. Sintoma característico do transtorno conversivo (q. v.) ou do transtorno dissociativo (q. v.), consecutivo a traumatismo, e que pode ter importante implicação médico-legal; <b>eventualmente</b> , a diferenciação com lesão orgânica se torna difícil.	A definição contém duas informações modalizadas: a implicação médico-legal e a difícil diferenciação de outra condição clínica. O <i>eventualmente</i> marca a segunda e o <i>poder</i> marca a primeira. De fato, são informações que não definem o sintoma, mas mostram um enunciador preocupado com detalhes.
16.	<b>monema</b> [De <i>mon(o)</i> - + <i>-ema</i> .] Substantivo masculino. 1. E. Ling. Unidade mínima de significação, que pode ser um radical primário, um sufixo, uma desinência, etc., e que <b>eventualmente</b> pode coincidir com a palavra.	A definição "unidade mínima de significado" é muito abrangente, carecendo de exemplos, modalizados pelo <i>pode</i> , e de uma dupla modalização ( <i>poder</i> e <i>eventualmente</i> ) para que não se confunda com o conceito de <i>palavra</i> .
17.	<b>pistola</b> [Do tcheco <i>pistal</i> , pelo al. <i>Pistole</i> e pelo fr. <i>pistole</i> .] substantivo feminino. Pistola automática. Pistola (1) que realiza automaticamente as operações de ejeção e realimentação. Seu funcionamento automático baseia-se no aproveitamento da expansão dos gases formados com a	Dois modalizadores contrastam, compensando um ao outro. O <i>em geral</i> informa característica mais comum e o <i>eventualmente</i> , menos comum.

	<p>combustão de carga de projeção dos projetis. Em geral, dispõe de culatra móvel e, <b>eventualmente</b>, de mecanismo que permite o fogo automático intermitente ou contínuo; seu depósito de projetis é removível, e tem o nome vulgar de <i>pente</i>. [Tb. se diz apenas <i>automática</i>.] Pistola fogo-central. Bras. Fogo-central</p>	
--	--	--

Tabela 1 de *Eventualmente*

DHLP (HOUAISS)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<p><b>aeródromo</b> <i>s.m.</i> (1913) AER 2 <i>p.ext.</i> qualquer superfície que possa <b>eventualmente</b> servir para pouso e decolagem de aeronaves</p>	<p>A dupla modalização (<i>poder</i> e <i>eventualmente</i>) marca uma condição muito especial da superfície, em ocasiões pontuais, o que acontece também por ser esta extensão da acepção 1 (“espaço delimitado, ger. em terra, provido de relativa infraestrutura para o pouso e decolagem de aeronaves destinadas ao transporte de passageiros ou de cargas diversas”).</p>
2.	<p><b>benzedeiro</b> <i>adj.s.m.</i> (c1543) 1 que ou quem pretensamente afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, <b>eventualmente</b> predizendo tb. o futuro; benzedor</p>	<p>A modalização com <i>pretensamente</i> traz um enunciador que questiona o afastamento do mal por feitiços e a cura de doenças por benzeduras e localiza ainda mais distante a predição de futuro, que, além de pretensa, é eventual.</p>
3.	<p><b>biscate</b> <i>s.m.</i> (1899) <b>fazer b.</b> <i>infrm.</i> 1 trabalhar em tarefa pouco rendosa, seja complementar, seja subsidiária a outra(s), ou não 2 <i>RJ SP euf.</i> prostituir-se (como profissão ou <b>eventualmente</b>); batalhar</p>	<p>O uso de <i>como profissão</i> e <i>eventualmente</i> opõe a constância de quem se profissionaliza e o caráter errático, antecipando duas situações em que poderiam dar margem a questionamentos com relação ao significado de <i>fazer biscate</i>.</p>
4.	<p><b>condão</b> <i>s.m.</i> (1662) 1 atributo ou qualidade especial que supostamente induz uma influência, positiva ou negativa, <b>eventualmente</b> mágica, sobrenatural</p>	<p>O <i>supostamente</i> funciona como o <i>pretensamente</i> anterior, situando num plano de adesão ainda mais distante a influência mágica e sobrenatural, que, além de suposta, é eventual.</p>
5.	<p><b>epignatia</b> <i>s.f.</i> TERAT existência de tumor fetal que se origina no palato duro ou mole, ocupando toda a cavidade bucal e estendendo-se para fora da boca [Por apresentar, <b>eventualmente</b>, certo grau de organização, vem sendo considerado, por vezes, um feto parasita.] ETIM <i>ep(i)- + -gnatia</i></p>	<p>O uso de <i>eventualmente</i> na informação enciclopédica mostra um campo em que a voz do dicionarista emerge. Nesse caso, um verbete técnico, o locutor qualifica-se como um enunciador que afirma a existência de feto parasita com um distanciamento discursivo marcado pelos seguintes recursos linguísticos: <i>eventualmente</i> (marca o caráter ocasional e pontual da apresentação de organização), <i>vem sendo considerado</i> (o aspecto verbal marca como isso é recente e o uso de <i>considerar</i> marca que não é esse enunciador que considera, o que se confirma também pela voz passiva) e <i>por vezes</i> (que reforça o caráter ocasional de <i>eventualmente</i>).</p>
6.	<p><b>essência</b> <i>s.f.</i> (sXV) 6 <i>p.ext.</i> FIL no <i>aristotelismo</i>, o conjunto de qualidades, propriedades e atributos universais que caracterizam a natureza própria de um indivíduo concreto, em oposição às alterações circunstanciais ou</p>	<p><i>Poder</i> e <i>eventualmente</i> marcam duplamente o acometimento de características que já são excepcionais e alterações que já são circunstanciais.</p>

	características excepcionais que possam <b>eventualmente</b> acometê-lo	
7.	<b>mamão-macho</b> s.m. 3 AGR espécime de mamoeiro ( <i>Carica papaya</i> ) que em geral produz flores masculinas, mas <b>eventualmente</b> produz flores hermafroditas, funcionais, e que dão origem a um fruto comprido, feio e ger. sem sabor; mamoeiro-macho	Dois modalizadores contrastam, compensando um ao outro. O <i>em geral</i> informa característica mais comum e o <i>eventualmente</i> , menos comum. Isso equivaleria a uma perífrase como “produz os dois tipos de flores, mas na maioria das vezes serão masculinas”.
8.	<b>mormo</b> \ô\ s.m. (1673) INFECT VET doença debilitante dos equinos e de alguns felinos, causada pelo <i>Actinobacillus mallei</i> , produz nos cavalos rinite e grande secreção de muco, além de dilatação e endurecimento das glândulas da mandíbula inferior, podendo <b>eventualmente</b> ser transmitida ao homem	A dupla modalização ( <i>poder</i> e <i>eventualmente</i> ) marca a transmissão ao homem como uma situação difícil de ocorrer.

Tabela 2 de *Eventualmente*

### 6.1.2.3 Hipoteticamente

O advérbio não é registrado como verbete em nenhuma das duas obras e possui poucas ocorrências. Propomos uma redação simples para a definição ‘como hipótese; em tese, teoricamente’. Abaixo estão listadas as 9 ocorrências, 2 do DALP e 7 do DHLP.

D A L P	1.	<b>energia</b> substantivo feminino. Energia de ligação. Quím. A energia necessária para que se dê, real ou <b>hipoteticamente</b> , a homólise de uma ligação, sem que outros efeitos sejam imediatamente produzidos.
	2.	<b>pôr</b> verbo 68. Colocar-se <b>hipoteticamente</b> ; imaginar-se, supor-se: <i>Pondo-se no meu lugar, que faria você?</i>
D H L P	3.	<b>disco</b> 1 • d. voador objeto voador não identificado, discoide, e que <b>hipoteticamente</b> seria uma nave de outro planeta; óvni • <b>virar</b> ou <b>mudar</b> o d. <i>infrm.</i> mudar de assunto
	4.	<b>futurar</b> v. (a1881) 1 t.d. admitir <b>hipoteticamente</b> ; conjecturar, supor <de onde futurava tais hipóteses?>
	5.	<b>linha</b> s.f. 7 GEOM traço contínuo, alongado, real ou imaginário, representativo de uma extensão que se considera <b>hipoteticamente</b> como não tendo largura nem altura, apenas comprimento
	6.	<b>paleogeografia</b> s.f. (1881) GEOL ramo da geologia histórica que estuda os continentes em diversos períodos geológicos pretéritos, reconstituindo-os <b>hipoteticamente</b>
	7.	<b>supor</b> v. (sXV) 1 t.d. admitir <b>hipoteticamente</b> <suponhamos que seja verdade o que ele afirma>
	8.	<b>suposto</b> \ô\ adj. (sXV) 1 admitido por hipótese; dado ou apresentado <b>hipoteticamente</b> ; conjecturado <julgado por s. delitos>
	9.	<b>trabalho</b> • t. virtual FIS trabalho que seria efetuado se um sistema físico, <b>hipoteticamente</b> , sofresse deslocamentos infinitesimais

Tabela 1 de *Hipoteticamente*

No verbete *disco*, já comentado em capítulo anterior, está a única modalização de *hipoteticamente* pela qual o dicionarista se afasta do enunciado, passando, por meio de um

enunciador subjacente, o seguinte recado para o leitor: “Essa informação é fruto de uma suposição, considere-a no campo das ideias, não no campo da realidade, porque a procedência da nave não é comprovada”. Para cunhar linguisticamente esse recado, entram em jogo duas formas de modalização: o advérbio *hipoteticamente* e o futuro do pretérito em *seria*.

Já na última ocorrência, apesar da existência de advérbio e do tempo verbal modalizador, a hipótese é a condição para que o trabalho aconteça, e o trabalho já está enquadrado, pelo tempo verbal e pela intensão de *virtual*, como uma hipótese que se firma, então, no nível da proposição.

#### 6.1.2.4 *Possível*

Como verbete, *possível* está assim registrado nas duas obras.

**possível** [Do lat. *possibile*.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Que pode ser, acontecer ou praticar-se. Substantivo masculino. 2. Aquilo que é possível: *O médico fez o possível para salvá-lo*. 3. Filos. Do ponto de vista lógico, o que não implica contradição. 4. Filos. Do ponto de vista físico, quer o que satisfaz às condições gerais da experiência, quer o que não está em contradição com nenhum fato ou lei empiricamente estabelecida, quer o que é mais ou menos provável. 5. Filos. Do ponto de vista moral, o que não contraria nenhuma norma moral. [Cf., nas acepções 3, 4 e 5: *impossível* (8 e 9).] [DALP]

**possível** *adj.2g.* (sXIV) **1** que preenche as condições necessárias para ser, existir ou realizar-se **2** que pode ser verdadeiro; que talvez exista ou vá existir; admissível, concebível <uma gama de p. soluções para o problema> *s.m.* **3** aquilo que está ao alcance de ser feito <fez o p. para salvar o casamento> ETIM lat. *possibilis*, e 'possível, praticável, factível' ANT impossível [DHLP]

Para observar *possível* como modalizador, tivemos foco nas acepções adjetivas que estão destacadas (em especial o modelo *é* + adjetivo na oração principal), embora também seja potencial seu uso substantivo para modalização. Nesse grupo de ocorrências, foram usadas 204 rubricas (82 no DALP e 122 no DHLP), num total de 403 ocorrências (179 no DALP e 224 no DHLP), o que representa um número expressivo, praticamente metade.

A variedade de rubricas foi maior no DHLP (62) que no DALP (42), o que vem se mostrando comum, porque muitas rubricas são especializadas, porém, diferente de outros casos, não foi de Botânica e Zoologia o maior número de ocorrências. Nesse recorte do *corpus*, o maior número de ocorrências foi de Filosofia e Física (47 no total), tanto no DALP quanto no DHLP, como mostram as tabelas a seguir. Diante disso, podemos arriscar que a semântica do *possível* une duas ciências que têm por objeto o mundo e a apreensão da

realidade, embora de ângulos diferentes.<sup>42</sup> Em outras palavras, tanto a Física quanto a Filosofia estudam o mundo não apenas pelo que é, mas também pelo que pode ser. Nas tabelas a seguir listamos as ocorrências de rubricas e campos de conhecimento mais expressivas após agrupamento das rubricas por proximidade semântica, especialmente reunindo hipônimos sob o mesmo hiperônimo.

DALP (AURÉLIO) – RUBRICAS / AGRUPAMENTOS			
RUBRICA	Ocorrências	Agrupamento / Rubrica	Total
Filosofia	8	Filosofia	11
Ética	2		
Lógica	1		
Física	4	Física	7
Física de Partículas	1		
Física Nuclear	1		
Óptica	1		
		Química	7
Medicina	4	Medicina	6
Obstetrícia	2		
		Estudos da Linguagem	5
		Informática	5
		Astronomia	4
		Estatística	4
Marinha	2	Marinha	4
Marinha de Guerra	2		

Tabela 1 de possível

DHLP (HOUAISS) – RUBRICAS / AGRUPAMENTOS			
RUBRICA	Ocorrências	Agrupamento / Rubrica	total
Física	9	Física	15
Física de Partículas	2		
Física Estatística	1		
Física Nuclear	1		
Física Quântica	1		
Física Térmica	1		
Filosofia	10	Filosofia	14
Lógica	3		
Ética	1		
		Linguística	9
Matemática (1)	1	Matemática	7
Álgebra (3)	3		
Aritmética (1)	1		

<sup>42</sup> Nossa afirmação se deve em parte ao observado superficialmente nas seguintes definições de *física* (DHLP) “ciência que investiga as leis do universo no que diz respeito à matéria e à energia, que são seus constituintes, e suas interações” e de *filosofia* (DALP) “Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora ‘realidade suprema’, ora ‘causa primeira’, ora ‘fim último’, ora ‘absoluto’, ‘espírito’, ‘matéria’, etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão? o conhecimento? a consciência? a reflexão? que é explicar? provar? que é uma causa? um fundamento? uma lei? um princípio? etc.), tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo atribua a qualquer daqueles temas, o pensamento filosófico vem-se cristalizando em sistemas, cada um deles uma nova definição da filosofia.”



Geometria (2)	2		
		Gramática	5
		Termo de Marinha	4

Tabela 2 de *Possível*

Outro fato interessante observado ainda em uma leitura panorâmica do *corpus* foi o uso potencial de *possível* como parte da definição de adjetivos terminados em *-vel*, um recurso altamente produtivo no DHLP e pouco usado no DALP, como mostra a tabela abaixo, na qual constam as entradas que trazem *possível* em uma definição. Em destaque, o único verbete que consta nas duas obras assim.

Uso de <i>possível</i> na definição de adjetivos em <i>-vel</i>		
DALP	DHLP	
inarredável	acumulável	insaponificável
inutilizável <sup>1</sup>	comível	insuperável
futurível	criável	insuportável
	declanchável	irreversível
	descritível	irrigável
	desejável	isolável
	discernível	manifestável
	disponível	medicável
	dissociável	melhorável
	distinguível	obstável
	findável	patível
	futurível	presumível
	iludível	provável
	imedicável	resolvível
	inarredável	

Tabela 3 de *possível*

Até esse momento, vimos tratando a semântica de *possível* a partir de curiosidades que se mostraram na leitura geral das acepções, pois dois campos do conhecimento se mostraram mais férteis para o uso da intensão de *possível* e uma obra usou mais essa palavra na definição de suas entradas. Observando as ocorrências mais a fundo, localizamos a modalização com a consequente voz do dicionarista em um pequeno número de casos, que estão presentes na tabela a seguir e comentados posteriormente.

D A L P	1.	<sup>1</sup> <b>pernetear</b> [De <i>perna</i> , com <b>possível</b> infl. de <i>perнета</i> .]
	2.	<b>rêmora</b> [Dev. de um <b>possível</b> * <i>remorar</i> .]
	3.	<b>ruibarbo</b> [Do lat. <i>rheu barbaru</i> , com <b>possível</b> infl. do antr. <i>Rui</i> na 1. <sup>a</sup> sílaba.]
	4.	<b>sapituca</b> [De <b>possível</b> or. indígena.]
	5.	<b>trapizonga</b> [Talvez do top. <i>Trebizonda</i> (Turquia), com <b>possível</b> infl. de <i>trapa</i> <sup>1</sup> .]
	6.	<b>síndrome</b> Substantivo feminino. <b>Síndrome do Golfo</b> . Med. Doença (2) que surgiu entre soldados, principalmente norte-americanos, que estiveram na Guerra do

		Golfo Pérsico (1990-1991), e que seria uma forma de sensibilidade química múltipla (q. v.); o quadro clínico, de composição ainda maldefinida, inclui artralgias, erupções cutâneas, dor torácica, dispneia, insônia, surtos de diarreia, perda de cabelo, fadiga, hemorragias gengivais, distúrbios psicológicos, etc. [Como não foi observada entre habitantes da área em que ocorreu o conflito, é <b>possível</b> que se deva à ministração aos soldados de substância destinada a protegê-los da guerra química.]
<b>D H L P</b>	7.	<b>ingratidão</b> s.f. (sXIV) 3 DIR.CIV falta de gratidão por um benefício recebido de outrem, o que serve de justificativa para a revogação de doação nos casos previstos por lei [É <b>possível</b> alegá-la em alguns casos de revogação de adoção.]
	8.	<b>macaco-da-noite</b> s.m. MASTZOO B 1 primata noturno e florestal, da fam. dos cebídeos ( <i>Aotus</i> sp.), encontrado do Panamá ao Nordeste da Argentina, com cerca de 30 cm de comprimento, cauda longa, partes superiores cinzentas, cara branca com três faixas negras na parte superior e olhos grandes; carai, cara-raiada, ciá, duruculi, eiã, macaco-adufeiro, miriquiná [É <b>possível</b> que não se trate de uma única espécie.]

Tabela 3 de *possível*

Nas ocorrências de 1 a 5, o dicionarista marca sua autoridade num espaço discursivo reservado para isso: o campo de etimologia. O uso de *possível* indica que a informação não é tão confiável quanto seria com *provável*, mas é aceitável e indica um caminho que pode ser o correto no registro da informação. De qualquer modo, isso não prejudica a credibilidade do dicionarista, na medida em que mostra precaução no registro da informação e protege sua face discursiva em etimologias polêmicas ou não comprovadas.

Nas ocorrências de *síndrome* (DALP), *ingratidão* e *macaco-da-noite* (ambas do DHLP), o dicionarista de novo fala do lugar marcado discursivamente, também delimitado pelos colchetes. A informação que segue no fim da acepção é de caráter especulativo, por isso também o uso de outros modalizadores, como *dever* (em *síndrome*) e *alegar* (em *ingratidão*). Nas demais ocorrências, o campo da etimologia é de novo o lugar de excelência para o dicionarista falar.

*Possível*, assim como *possivelmente*, difere de *provável* e *provavelmente* pelo grau menor de adesão ao enunciado e de comprometimento com a informação e de *suposto* e *supostamente*, que colocam em dúvida o que se enuncia. O uso da possibilidade é válido no sentido de proteger a face discursiva do locutor, tornando possível o registro de uma informação que não é precisa ou plenamente confiável.

#### 6.1.2.5 *Possivelmente*

Como verbete, *possivelmente* existe apenas no DHLP, com acepção única que busca registrar o uso.

**possivelmente** adv. indica possibilidade com incerteza; quiçá, talvez <p. *ele virá*> ETIM *possível* + *-mente*

Como modalizador, é importante na construção de uma brecha em determinadas circunstâncias, é uma forma de o locutor passar a informação sem ter certeza e, por conta dessa dúvida, precisar descartá-la. Isso na lexicografia é muito importante, porque a informação possível pode ajudar na caracterização e cobrir especificidades que a generalização não cobre. O *possivelmente* marca uma adesão do enunciador mais intensa do que o *supostamente* e menos do que o *provavelmente*, quando, apesar da dúvida, a crença do enunciador conduz à grande chance de comprovação ou concretização de algo em suspenso.

Sendo o dicionário uma obra de autoridade, o uso do *possivelmente* indica que não há comprovação da informação ou se trata de um caso polêmico, questionável. Dessa maneira, ao marcar a incerteza, distancia-se da afirmação categórica que poderia induzir ao erro e assume a postura de um enunciador cauteloso e, por isso mesmo, confiável. Isso se comprova também porque apenas 4 das 24 ocorrências encontradas (13 no DALP e 11 no DHLP) não são de acepções rubricadas. Encontramos aqui fenômeno semelhante ao observado em *eventualmente*, quando a modalização afasta o locutor do enunciado por meio da dúvida, mas não impossibilita o registro da informação. As acepções rubricadas referem-se a usos específicos que o locutor provavelmente não domina e, por sua natureza técnica, devem estar ainda mais guardadas do erro de descrição.

Nas 3 ocorrências a seguir, o dicionarista tece comentários no campo da etimologia, marcando informações sobre a origem das palavras que parecem fazer sentido, pois são plausíveis, ainda que incertas. Difere-se dos casos de *naturalmente* (epistêmico asseverativo afirmativo) e *curiosamente* (afetivo subjetivo), comentados nas suas seções específicas, quando o próprio locutor afiança a proposição, marcando adesão.

DALP (AURÉLIO)		
D A L P	1.	<b>tungue</b> <sup>2</sup> [Do turco-tártaro <i>tonguz</i> , 'porco', 'suíno' ( <b>possivelmente</b> por se dedicarem os tungues à criação de porcos), pelo russo e pelo ingl. <i>tungus</i> .] Substantivo de dois gêneros.
	2.	<b>carismático</b> [De carisma + -ático.] [ <b>Possivelmente</b> porque, outrora, quando um condenado à morte sofria um ataque epiléptico, recebia o perdão, por acreditar-se ter sido visitado pela graça divina.]
D H L P	3.	<b>-usco</b> <i>suf.</i> formador de pal. origin. adjetivas, <b>possivelmente</b> conexo com <i>-asco</i> , <i>-esco</i> e <i>-isco</i> : <i>negrusco</i> , <i>velhusco</i>

Tabela 1 de *Possivelmente*

As ocorrências seguintes não estão rubricadas e mostram comentários específicos na coluna ao lado.

DHLP (HOUAISS)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<b>língua</b> <i>s.f.</i> (1152) • <b>estar com a l. coçando</b> <i>fig. infm.</i> ter vontade de contar algo que <b>possivelmente</b> não é para ser dito ou que se sabe ser indevido	O registro informal nem sempre possibilita precisão, por isso a modalização com <i>possivelmente</i> e <i>se sabe</i> marca baixo grau de adesão do locutor.
2.	<b>quicá</b> <i>adv.</i> (sXIII) <b>possivelmente</b> , mas não com certeza; talvez, porventura ETIM esp. <i>quizá</i> 'id.'	Estão no plano da proposição, do <i>dictum</i> , para compor a definição do referente. É importante mencionar a redundância de “mas não com certeza” na acepção de <i>quicá</i> que se mostra desnecessária especialmente pelo uso do <i>mas</i> , uma vez que <i>possivelmente</i> e <i>não com certeza</i> são semanticamente muito próximos.
3.	<b>seguramente</b> <i>adv.</i> 1 com toda a segurança, sem erro < <i>afiançou-lhe que s. a encomenda chegaria na segunda-feira</i> > 2 muito <b>possivelmente</b> ; decerto < <i>ele tem s. uns 60 anos</i> >	

Tabela 2 de *Possivelmente*

As ocorrências a seguir são todas de verbetes rubricados, casos nos quais entendemos a marcação da incerteza como um recurso para assegurar ao consulente que a informação ali é válida, ainda que sem comprovação.

D A L P	1.	<b>alfabeto</b> [Do gr. <i>alphábetos</i> , pelo lat. tard. <i>alphabetu</i> .] Substantivo masculino. Alfabeto rúnico. Graf. Alfabeto usado no N.O. da Europa, especialmente na Escandinávia e nas Ilhas Britânicas, entre os séculos III-XVII d.C., e composto de 24 letras, as <i>runas</i> , <b>possivelmente</b> derivadas do alfabeto latino.
	2.	<b>anequim</b> Substantivo masculino. Zool. 1. Tubarão lamnídeo ( <i>Isurus oxyrinchus</i> ) de corpo delgado, com o dorso azul e o abdômen branco, que tem ger. entre 1,80 a 2,5m, mas pode atingir até 4m. Ocorre em águas tropicais e temperadas de todos os oceanos. [É <b>possivelmente</b> o mais rápido dos tubarões.][Sin.: <i>tubarão-sombreiro, sombreiro, maco</i> .]
	3.	<b>betume</b> [Var. de <i>bitume</i> .] Substantivo masculino. Betume da Judeia. Quím. Substância sólida, negra, com fratura concoidal, originada <b>possivelmente</b> de transformação do petróleo, e usada na indústria de tintas e vernizes.
	4.	<b>buraco de ozônio</b> Substantivo masculino. 1. Região da camada de ozônio (q. v.) sobre o polo sul, onde, anualmente, ocorre uma redução pronunciada dessa camada, <b>possivelmente</b> devido à poluição atmosférica. [Pl.: <i>buracos de ozônio</i> .]
	5.	<b>dálmata</b> [Do lat. <i>dalmata</i> .] Substantivo masculino. 4. Cinol. Cão <b>possivelmente</b> originário da Dalmácia, com altura entre 0,55m e 0,60m, de forte musculatura, focinho vigoroso, orelhas finas e pendentes, e pelagem branca com manchas negras.
	6.	<b>dimorfodonte</b> [Do tax. <i>Dimorphodon</i> (v. <i>di</i> <sup>-1</sup> , <i>morf(o)</i> - e <i>-odonte</i> .)] Substantivo masculino. Paleont. 1. Gênero de pterossáurios de cabeça grande, cauda longa, e corpo curto e leve; voavam e eram <b>possivelmente</b> planadores.
	7.	<b>grupo</b> Substantivo masculino. Grupo 10. Quím. Aquele formado pelos elementos da décima coluna da Tabela periódica: o níquel, o paládio, a platina e, <b>possivelmente</b> , o ununílio. [V. <i>grupo VIII B</i> e <i>grupo (3)</i> .]
	8.	<b>grupo</b> Grupo 11. Quím. Aquele formado pelos elementos da décima primeira coluna da Tabela periódica: o cobre, a prata, o ouro, e, <b>possivelmente</b> , o ununúnio; grupo IB. [V. <i>grupo (3)</i> .] Grupo 12. Quím. Aquele formado pelos elementos da décima segunda coluna da Tabela periódica: o zinco, o cádmio, o mercúrio e, <b>possivelmente</b> , o unúmbio; grupo IIB. [V. <i>grupo (3)</i> .]
	9.	<b>grupo</b> Grupo 12. Quím. Aquele formado pelos elementos da décima segunda coluna da Tabela periódica: o zinco, o cádmio, o mercúrio e, <b>possivelmente</b> , o unúmbio; grupo IIB. [V. <i>grupo (3)</i> .]
	10.	<b>miastenia</b> [De <i>mi</i> <sup>-1</sup> + <i>-asten(o)</i> - + <i>-ia</i> <sup>1</sup> .] Substantivo feminino. 1. Med. Fraqueza muscular. Miastenia grave. Med. Distúrbio neuromuscular que se deve, <b>possivelmente</b> , à presença de anticorpos contra a ação de receptores de acetilcolina que exercem funções neuromusculares; o doente apresenta fadiga e

	exaustão do sistema muscular, de intensidade variável, não se observando, no entanto, atrofia muscular ou distúrbio sensorial	
11.	<b>tarantismo</b> [Do it. <i>tarantismo</i> .] Substantivo masculino. 1. Psiq. Distúrbio (3) caracterizado pela vontade incontrolável de dançar; tarantulismo. [O tarantismo atingia, outrora, massas populares consideráveis, e supunha-se que era produzido por picadura de tarântula, aranha comum na Apúlia (Itália), onde se originou o termo. Tratava-se, <b>possivelmente</b> , de uma forma de histeria coletiva.]	
12.	<b>tricloroetano</b> [De <i>tricolor(o)</i> - + <i>etano</i> .] Substantivo masculino. 1. Quím. Substância líquida, não inflamável, de odor agradável, <b>possivelmente</b> cancerígena, us. como solvente [fórm.: C <sub>2</sub> H <sub>3</sub> Cl <sub>3</sub> ].	
13.	<b>tricloroetileno</b> [De <i>tricolor(o)</i> - + <i>etileno</i> .] Substantivo masculino. 1. Quím. Substância líquida, não inflamável, <b>possivelmente</b> cancerígena, us. como solvente e em lavagem de roupas a seco [fórm.: C <sub>2</sub> HCl <sub>3</sub> ].	
D H L P	14.	<b>acromatina</b> <i>s.f.</i> (1899) BLOQ substância que não fixa corantes, presente no núcleo celular; linina [É <b>possivelmente</b> composta de proteínas.] ETIM <i>acromat(o)</i> - + <i>-ina</i>
	15.	<b>cachorro-do-mato-vinagre</b> <i>s.m.</i> (sXX) MASTZOO B mamífero carnívoro, diurno e florestal, da fam. dos canídeos ( <i>Speothos venaticus</i> ), encontrado do Panamá à Argentina; com até 75 cm de comprimento, corpo atarracado de coloração marrom escura, patas, focinho e cauda curtos [Espécie rara, <b>possivelmente</b> ameaçada de extinção.] GRAM pl.: <i>cachorros-do-mato-vinagre</i> SIN/VAR aracambé, cachorro-do-mato, jaguacininga, jaguaracambé, janauí, janauira, januaíra
	16.	<b>cariapemba</b> <i>s.m.</i> ETN B 1 entre os escravos africanos, entidade maléfica <b>possivelmente</b> de origem banta
	17.	<sup>2</sup> <b>couto</b> <i>s.m.</i> METR <i>ant.</i> medida antiga, <b>possivelmente</b> equivalente a côvado
	18.	<b>fino-volgaico</b> <i>adj.s.m.</i> LING diz-se de ou sub-ramo do ramo fino-permiano das línguas fino-úgricas, que compreende as línguas balto-fínicas (do Báltico) e as volgaicas (do Volga) e inclui <b>possivelmente</b> tb. o lapão GRAM pl.: <i>fino-volgaicos</i>
	19.	<b>percevejo</b> <i>s.m.</i> (c1537-1583) 1.3 ENT percevejo ( <i>Blissus leucopterus</i> ) da fam. dos ligeídeos, de coloração negra com asas brancas; percevejo-das-gramíneas [Praga séria nos E.U.A., é <b>possivelmente</b> o inseto mais nocivo desta fam.; foi constatado no Brasil apenas na década de 1970.]
20.	<b>verbo</b> <i>s.m.</i> (1279) • <b>v. de opinião</b> LING verbo que exprime uma asserção cujo conteúdo é assumido pelo locutor como <b>possivelmente</b> verdadeiro (p.ex.: <i>crer</i> , <i>pensar</i> )	

Tabela 3 de *Possivelmente*

#### 6.1.2.6 Pretensamente

*Pretensamente* não está registrado com verbete em nenhuma das duas obras, porque seu significado pode ser depreendido diretamente no adjetivo. Por conta disso, a definição padrão é “de modo pretenso”, que, cunhada diretamente do que está registrado nos adjetivos, seria mais neutra do que seu uso comprova, podendo mesmo ter como sinônimo *supostamente* e *hipoteticamente*. Todavia, o uso de *pretensamente* está mais ligado à acepção 1 de *pretenso* no DHLP, que remete diretamente a *pretensioso*, tendo, portanto, grande propensão a marcar a modalização, com um distanciamento imbuído de pejoratividade.

**pretenso** [Do lat. *praetensu*.] Adjetivo. 1. Que pretende ou supõe (qualquer coisa). 2. Suposto, fictício.

**pretenso** *adj.* (1642) **1** que (se) pretende ou (se) supõe ser (alguma coisa); imaginado <o p. autor do romance> <é um p. moralista> **2** criado na

imaginação; fictício, alegado, pretextado <fez-me acreditar na sua p. doença> **3** admitido, apresentado por suposição; suposto, conjeturado <os p. culpados do crime> ETIM lat. *praeténsus, a,um*, var. de *praeténtus, a,um*, part.pas. de *praetendère* 'estender para diante, alongar etc.'

D A L P	1.	<b>desafio</b> <i>substantivo masculino</i> 5. Bras. Liter. Pop. Composição poética escrita por um cantador e que <b>pretensamente</b> reproduz uma cantoria travada por ele mesmo com outro cantador, ou entre dois outros; peleja: "Foi ainda Jacó Passarinho que me recitou este longo <b>desafio</b> composto por Leandro Gomes de Barros e atribuído a Manuel Serrador e Josué Romano" (Leonardo Mota, <i>Cantadores</i> , p. 61)
	2.	<b>pseudoclassicista</b> Adjetivo de dois gêneros. 1. <b>Pretensamente</b> classicista; de falso classicismo: "A feição <b>pseudoclassicista</b> , pseudo-humanista da oposição escandinava manifestou-se com maior clareza na Dinamarca" (Oto Maria Carpeaux, <i>História da Literatura Ocidental</i> , IV, p. 1818).
	3.	<b>pseudoesteticista</b> Adjetivo de dois gêneros. 1. <b>Pretensamente</b> esteticista; de falso esteticismo: "É evidente que o 'ocultismo' do séc. XVIII e o <i>gothic romance</i> também podem ser interpretados como movimento esteticista ou <b>pseudoesteticista</b> " (Oto Maria Carpeaux, <i>História da Literatura Ocidental</i> , III, p. 1.455).
	4.	<b>pseudo-heroico</b> Adjetivo. 1. <b>Pretensamente</b> ou falsamente heroico. [Pl.: <i>pseudo-heroicos</i> .]
	5.	<b>pseudo-humanista</b> Adjetivo de dois gêneros. 1. <b>Pretensamente</b> humanista; que professa um falso humanismo: "A feição <b>pseudoclassicista</b> , <b>pseudo-humanista</b> da oposição escandinava manifestou-se com maior clareza na Dinamarca" (Oto Maria Carpeaux, <i>História da Literatura Ocidental</i> , IV, p. 1818). [Pl.: <i>pseudo-humanistas</i>
	6.	<b>pseudotrabalhar</b> Verbo intransitivo. 1. Não trabalhar de fato; ocupar-se <b>pretensamente</b> de trabalho: "Vim para a Baixa às 11 horas, para o escritório do Mayer, onde estive <b>pseudotrabalhando</b> até às 13." (Fernando Pessoa, <i>Páginas Íntimas e de Autointerpretação</i> , p. 43.)
D H L P	7.	<b>acaba-novenas</b> <i>s.2g.2n. CE 1 infm.</i> indivíduo valentão ou <b>pretensamente</b> valente
	8.	<b>adivinhão</b> <i>s.m. (1871) infm.</i> 1 pessoa que <b>pretensamente</b> faz adivinhações; adivinho
	9.	<b>alexandrinismo</b> <i>s.m. (1871) 1.1</i> FIL conjunto de textos e discursos filosóficos formulados em Alexandria nos sl-II da era cristã que, no ponto de vista de alguns comentadores, caracterizava-se por uma extrema virtuosidade literária associada à falta de profundidade e originalidade em seu conteúdo teórico [...] <b>2 p.ext. (da acp. 1.1)</b> período ou ambiente cultural caracterizado pelo virtuosismo estéril e elaboração <b>pretensamente</b> requintada, que na verdade escondem decadência artística e intelectual
	10.	<b>benzedeiro</b> <i>adj.s.m. (c1543) 1</i> que ou quem <b>pretensamente</b> afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo tb. o futuro; benzedor
	11.	<b>cientificismo</b> <b>3 pej.</b> tendência a valorizar excessivamente as noções científicas, ou <b>pretensamente</b> científicas, em qualquer campo da vida prática, intelectual ou moral <as distorções do c.>
	12.	<b>cupido</b> <i>s.m. 4 p.metf.</i> homem <b>pretensamente</b> bonito e dado ao galanteio, à sedução
	13.	<b>demagogo</b> <i>s.m. 2</i> POL líder de um grupo político representativo ou <b>pretensamente</b> representativo dos interesses populares
	14.	<b>evictor</b> <i>adj.s.m. \d\ adj.s.m. (a1881) JUR</i> que ou aquele que retoma a coisa <b>pretensamente</b> transmitida
	15.	<b>fajuto</b> <i>adj.s.m. 2</i> <b>pretensamente</b> verdadeiro; falso, falsificado <uísque f.> <uma carteira de identidade f.>
	16.	<b>filosofante</b> <i>adj.s.m. 2 iron.</i> que ou aquele que discorre de maneira <b>pretensamente</b> erudita
	17.	<b>petição</b> <sup>1</sup> <b>p. de princípio</b> LÓG segundo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), falha lógica que consiste em considerar, involuntária ou artificialmente, como o ponto de partida de uma demonstração, o mesmo argumento que será provado, de forma <b>pretensamente</b> dedutiva, no final deste processo argumentativo
	18.	<b>portunhol</b> <i>s.m. infm. joc.</i> português mesclado com palavras e elementos fonéticos do espanhol ou <b>pretensamente</b> do espanhol, us. por falantes de português na sua comunicação com hispanófonos, ou vice-versa: espanhol com elementos de português,

	us. por falantes nativos de espanhol, ao se comunicarem com lusófonos [Não constitui uma modalidade estável e homogênea nem do português, nem do espanhol, pois pode ter muitas variedades, dependendo do grau de conhecimento que cada um tem da outra língua.]
--	--

Na primeira ocorrência do DALP, de *desafio*, *pretensamente* parece ser sinônimo de *hipoteticamente*, filiando-se à acepção 2 do DALP (“criado na imaginação; fictício, alegado, pretextado <fez-me acreditar na sua p. doença>”) e, portanto, não tem a pejoratividade marcada. O que mais se destaca nas ocorrências do DALP é a quase totalidade de uso de *pretensamente* em entradas iniciadas em *pseudo-*, o que, apesar de não configurar modalização, confirma a carga pejorativa do advérbio, reforçada em *pseudo-heróico* por *falsamente*.

As ocorrências do DHP apresentam mais nuances. Em todas as ocorrências *pretensamente* está anteposto e baliza o elemento à sua direita dentro de padrões que não são os do locutor. Em outras palavras, em *cupido*, o homem é bonito em sua própria pretensão; em *fajuto*, o que é falso é pretensamente verdadeiro para os outros; em *evictor*, o que é transmitido na verdade não o foi, porque a transação é fraudulenta; em *filosofante*, a maneira é erudita para quem discorre assim e em *petição de princípio* a dedução é construída como tal apenas para quem usa essa falha lógica.

O uso de 4 ocorrências (*acaba-novenas*, *cientificismo*, *demagogo* e *portunhol*) com *ou* que revê conceito do adjetivo anterior e o modaliza com *pretensamente* mostra que o locutor relativizou essa característica, marcando o distanciamento do enunciado e uma nova faceta da definição. Em *adivinhão*, *alexandrismo* e *benzedeiro*, vemos o mesmo fenômeno de *supostamente* relatado mais à frente, em que o locutor põe em xeque a informação, questionando seu conteúdo e por isso não aderindo ao enunciado. Em *alexandrismo* especialmente, o uso de outras palavras pejorativas (*estéril* e *decadência*) e a modalização com *na verdade* ressaltam a oposição entre essa imagem pretensa e a real.

#### 6.1.2.7 Provável

*Provável*, como verbete, está registrado nas duas obras e transcrito a seguir, com destaque para as acepções em que cabe a modalização.

**provável** [Do lat. *probabile*.] Adjetivo de dois gêneros. 1. **Que se pode provar.** 2. **Que apresenta probabilidades de acontecer:** *É provável que jante comigo hoje.* 3. **Que tem aparências de verdadeiro; verossímil:** “Vive [a pedra]? É possível. Morre? É provável.” (Hermes-Fontes, *Gênese*,

p. 34). [Superl. abs. sint.: *probabilíssimo.*] ~ V. *afastamento* — e *valor mais* —. [DALP]

**provável** *adj.2g.* (sXV) **1** que se pode provar; comprovável <um fato perfeitamente p. por haver dele testemunhas oculares> <uma hipótese que não é facilmente p.> **2** que pode ser seguido e praticado sem ofensa da lei, embora não seja bom nem seguro <doutrina p.> **3** possível por sua inaceitabilidade não ter sido cabalmente estabelecida <teriam dado às costas do Piauí, em priscas eras, p. viajantes fenícios> **4** que, segundo indícios, pode ocorrer ou ser <é p. que chova> <anunciou um p. aumento de salário> <ele é um p. candidato à presidência> <o p. assassino do empresário> **5** quase certo, com grande chance de ocorrer <preparar-se para uma p. carreira de médico> <o p. vencedor do concurso> GRAM sup.abs.sint: *probabilíssimo* ETIM lat. *probabilis*, e 'provável, verossímil, que pode ser provado, recomendável, estimável, apreciável' SIN/VAR ver antonímia de *inesperado* ANT improvável; ver tb. sinonímia de *inesperado* [DHLP]

Como modalizador, na graduação entre dúvida e certeza marcada pelos quase-asseverativos, *provável* ocupa uma posição mais próxima da certeza, diferente de *possível*, que se situa no meio do caminho, afastando mais o locutor da adesão do que o *provável*. Entendemos que esse grau maior de asseveração acontece principalmente por um alargamento semântico da acepção 'que se pode provar'. Assim, "a provável origem de uma palavra" é a que, embora não possamos provar, tem as maiores chances de ser a correta, ou seja, lançamos nossas fichas nisso porque cremos que isso realmente ocorreu, mas não temos todas as provas, apenas os indícios para respaldar essa posição.

Retirando as ocorrências que são parte de sinonímia ou exemplo, *provável* soma 102 (46 no DALP e 56 no DHLP). Desse contingente 41 são rubricadas, e Lógica e Filosofia somam a maior quantidade de ocorrências (10), se consideradas num só grupo, em fenômeno semelhante ao que ocorreu em *possível*. Seguem as tabelas com as rubricas até duas ocorrências e as rubricas que aparecem nas duas obras.

DALP		DHLP	
RUBRICAS	OC.	RUBRICAS	OC.
Estudos da Linguagem	3	Lógica	4
Filosofia	3	Estatística	3
Estatística	2	Dança	2
Turfe	2	Filosofia	2
Zoologia	2	Física	2
		Turfe	2

Tabela 1 de *provável*

RUBRICA	DALP	DHLP
Estatística	2	3
Filosofia	3	2
Lógica	1	4
Medicina	1	1
Turfe	2	2

Tabela 2 de *provável*



Como modalizadores que marcam a voz do dicionarista e sua avaliação sobre o conteúdo há ocorrências nas duas obras. No DALP, muitas delas são com relação a etimologias quase certas, mas sem comprovação cabal. As ocorrências de modalização na definição, tanto no DHLP quanto no DALP, qualificam dados quase confirmados referentes a datas e procedência, modalizados para garantir o registro e proteger a face discursiva do dicionarista, especialmente porque todos esses casos são de acepções rubricadas, e a rubrica é o espaço discursivo especializado que, mesmo sendo ser gerido pelo dicionarista, é marcadamente bebido em outras fontes discursivas.

D A L P	1.	<b>bauru</b> [Do top. <i>Bauru</i> , terra natal de Casemiro Pinto Neto, o <b>provável</b> criador desse sanduíche.]
	2.	<b>campainha</b> (a-i) [Dim. de * <i>campã</i> , <b>provável</b> f. arc. de <i>campa</i> (v. <i>-inha</i> ).]
	3.	<b>carnívoro</b> <sup>2</sup> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos carnívoros, ordem de mamíferos da superordem das feras, caracterizados principalmente pela dentição, com caninos grandes e pontudos, e incisivos fortes e cortantes. São <b>prováveis</b> descendentes de mamíferos insetívoros que, a partir do cretáceo, se adaptaram ao regime carnívoro. Modernamente, dividem-se em caniformes e feliformes, embora ainda seja bastante usual dividi-los em fissípedes e pinípedes.
	4.	<b>carpa</b> <sup>1</sup> [Do lat. tard. <i>carpa</i> , de <b>provável</b> or. germânica.]
	5.	<b>condromalacia</b> Substantivo feminino. 1. Med. Processo degenerativo, de <b>provável</b> origem traumática, que determina amolecimento de cartilagem hialina de revestimento, e que é de ocorrência frequente em superfície articular de patela.
	6.	<b>-ete</b> (ê) [Do lat. <i>-ittum</i> , com <b>provável</b> infl. do fr. <i>-et</i> .]
	7.	<b>eto</b> <sup>1</sup> [Do lat. <i>-ittum</i> , com <b>provável</b> infl. do it. <i>-etto</i> .]
	8.	<b>geogênio</b> Substantivo masculino. 1. Geol. Rocha, ou fragmento de rocha de <b>provável</b> origem meteorítica, composto por uma liga magnética de ferro e níquel.
	9.	<b>icanga</b> [De <b>provável</b> or. tupi.]
	10.	<b>ictiostegídeo</b> Paleont. Substantivo masculino. 1. Espécime dos ictiostegídeos, família de anfíbios fósseis, labirintodontes, com características semelhantes às dos peixes crossopterígio. Viveram no devoniano da Groenlândia e são ancestrais <b>prováveis</b> dos vertebrados terrestres.
	11.	<b>macaca</b> <sup>2</sup> Substantivo feminino. Zool. 1. Gênero de primatas antropóides cercopithecídeos das regiões tropicais do Velho Mundo, de porte médio, membros curtos, e robustos; constituem <b>prováveis</b> formas de transição para os cinocéfalos. Habitam a Ásia tropical e equatorial, com cerca de 20 espécies.
	12.	<b>mexilhão</b> <sup>2</sup> [De <i>mexer</i> , com <b>provável</b> infl. de <i>mexilhão</i> <sup>1</sup> .]
	13.	<b>microssáurio</b> Paleont. Substantivo masculino. 1. Espécime dos microssáurios, ordem de pequenos anfíbios da era paleozoica, principalmente do carbonífero e do permiano. São os <b>prováveis</b> ancestrais dos anfíbios ápodos, como os cecilídeos atuais.
	14.	<b>sefardim</b> [Do hebr. tard. <i>sephAradhC</i> , naturais de <i>Sepharadh</i> , <b>provável</b> região da Ásia Menor que posteriormente os emigrantes asiáticos identificaram com a Península Ibérica.]
	15.	<b>tapete</b> (ê) [De <b>provável</b> or. iraniana, pelo gr. <i>tápes</i> , <i>etos</i> , e pelo lat. <i>tapete</i> .]
	16.	<b>trapo</b> [De <b>provável</b> or. céltica, pelo lat. tard. <i>drappu</i> .]
	17.	<b>virar</b> [De um <b>provável</b> hibridismo celta-latino * <i>virare</i> galês <i>gwyro</i> , 'inclinarse para um lado'.]
D H L P	18.	<b>brami</b> s.m. LING escrita indiana, <b>provável</b> adaptação do alfabeto aramaico feita no sVII a.C., e que originou a maioria dos alfabetos indianos subsequentes
	19.	<b>broca-do-café</b> s.f. (1924) ENT <i>B</i> besouro ( <i>Hypothenemus hampei</i> ) da fam. dos curculionídeos, pantropical, de <b>provável</b> origem africana, que foi disseminado pela

		região cafeeira brasileira no início do sXX; a larva, que completa o seu desenvolvimento em cerca de 20 dias, destrói a semente verde do cafeeiro; broca-da-cereja-do-café, broca-paulista, caruncho-da-cereja-do-café, caruncho-do-café, escólito-do-café
20.		<sup>1</sup> <b>cabula</b> s.f. (sXX) REL B 1 seita afro-brasileira cujo advento se registra nos últimos anos do sXIX, na Bahia, sincretizadora de elementos malês, bantos e espíritas [Uma das <b>prováveis</b> origens da umbanda, dela há sobrevivências no Estado do Espírito Santo e, no passado, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.]
21.		<b>camita</b> adj.2g.s.2g. (1899) 2 ETN relativo a ou indivíduo de qualquer dos vários povos da África setentrional (Sudão, Egito, Líbia, Tchad, Norte do Saara, ilhas Canárias) considerados como <b>prováveis</b> descendentes de Cam ou das antigas tribos e povos a ele relacionados
22.		<b>chacota</b> s.f. (1452) 1 DNÇ P dança de <b>provável</b> origem trovadoresca, de forte caráter chistoso, popular no sXVI, e que era acompanhada por música de guitarras
23.		<b>poodle</b> \ˈpuːdl̩ [ing.] s.m. CINOL 1 raça de cães de <b>provável</b> origem alemã, com três variedades quanto ao tamanho e pelagem longa, espessa, encaracolada ou frisada.
24.		<b>rancheira</b> s.f. (sXX) B S. 1 DNÇ dança popular, de compasso ternário, de <b>provável</b> origem árabe, estilizada na Argentina e difundida no Rio Grande do Sul

Tabela 3 de *Provável*

O fato de que a procedência é a informação da qual o dicionarista mais se resguarda com o uso do *provável* se comprova pela combinação produtiva do substantivo *origem* com esse adjetivo (9)<sup>43</sup>, como mostra a tabela a seguir, que contém os substantivos a que se relaciona *provável*, estando ou não no mesmo sintagma nominal, e que não tiveram apenas uma ocorrência, no grupo total de ocorrências, antes de avaliarmos as modalizadoras e as não modalizadoras.

substantivos a que <i>provável</i> se relaciona			
DALP		DHLP	
origem	4	origem	5
influência	3	algo / o	5
valor	3	valor	4
ancestrais	2	premissa	3
conclusão	2		
vencedor	2		

Tabela 4 de *provável*

Por fim, notamos ainda um comportamento sintático que aponta para uso mais produtivo de *provável* anteposto no sintagma nominal, apesar de a distribuição ser equilibrada: 30 ocorrências são de anteposição de *provável* (17 no DALP e 13 no DHLP) e 26 são de posposição (13 em ambas as obras).

#### 6.1.2.8 *Provavelmente*

<sup>43</sup> Junto com *influência*, *origem* constitui até uma expressão cristalizada que traduz o estilo do dicionarista do DALP.

Como verbete, está registrado nas duas obras, mas com alguns problemas. Essa fusão com *possivelmente* (DALP e DHLP) e com *seguramente* mostra um equívoco no registro desse modalizador, o que o DALP ameniza com a informação do uso entre colchetes. Em ordem de comprometimento do locutor com a proposição estão *possivelmente* (“existe uma chance de...”), *provavelmente* (“existe uma grande chance de...”) e *seguramente* (“existe a certeza de...”), em uma graduação crescente de intensidade dessa certeza.

**provavelmente** [De *provável* + *-mente*.] Advérbio. 1. Com probabilidade (mas não certeza) de vir a acontecer: *Sairão, provavelmente, às sete para ir à cerimônia.* 2. Sendo provável ou possível (algo): *Provavelmente, a arma disparou ao cair no chão.* [Us. para indicar a quase certeza de que algo tenha ou venha a acontecer.] [DALP]

**provavelmente** *adv.* 1 com probabilidade de vir a ocorrer; seguramente, certamente, com certeza <*fumando assim, p. morrerá cedo*> 2 indica incerteza, dúvida; talvez, possivelmente <*ele p. virá no fim do mês*> ETIM *provável* + *-mente* [DHLP]

Como modalizador, *provavelmente* é importante para mostrar um locutor cauteloso com o registro, como é ao usar *possivelmente*. Contudo também é importante o dicionarista ser seguro e se filiar ao que enuncia (o que *provavelmente* proporciona em maior grau do que *possivelmente*), como prova de comprometimento não apenas com a informação mas também com seu papel de autoridade. Nas pesquisas das obras, *provavelmente* resultou em um contingente de 122 ocorrências (37 no DALP e 85 no DHLP), das quais apenas uma não é modalizadora<sup>44</sup>. Todas as ocorrências restantes evidenciam esse locutor cauteloso no registro, à semelhança do que ocorre com *provável*, em acepções rubricadas, que, por seu caráter técnico, mostram uma seara que não é a do dicionarista, apesar de caber a ele a gestão dos enunciados.

Trabalhando os dados, foi possível observar que a rubrica, qualquer que seja, ao delimitar o espaço discursivo no âmbito do especialista, não do generalista, por si só gera a cautela do locutor e a necessidade de precisão das informações. Por isso, existe grande quantidade de acepções rubricadas (95, 24 no DALP e 71 no DHLP), em especial as de Botânica e Zoologia, se considerarmos as duas obras juntas, como se pode observar nas tabelas a seguir, que tiveram, como em outros casos, as rubricas de subáreas agrupadas nessas duas maiores. Se observarmos apenas o DALP, o maior número de ocorrências é de

<sup>44</sup> **certamente** *adv.* 1 expressa alta probabilidade e baixo grau de dúvida; com certeza, decerto, muito provavelmente <*ele c. estará aqui para a reunião*> [DHLP]

etnônimos<sup>45</sup>, nomenclatura que, tratando de povos, nem sempre pode provar a origem deles, o que comprova fenômeno semelhante ao visto em *provável*, quando grande parte das ocorrências tinha traço semântico [+ origem].

<b>RUBRICAS EM PROVAVELMENTE – DALP</b>			
organizadas por ordem alfabética		organizadas por número de ocorrências	
Artes Gráficas	4	Etnônimo	6
Astronomia	1	Zoologia	5
Bioquímica	1	Artes Gráficas	4
Botânica	1	Música	2
Etnônimo	6	Paleontologia	2
Geologia	1	Astronomia	1
Mineralogia	1	Bioquímica	1
Música	2	Botânica	1
Paleontologia	2	Geologia	1
Zoologia	5	Mineralogia	1

Tabela 1 de *Provavelmente*

<b>RUBRICAS EM PROVAVELMENTE – DHLP</b>				
organizadas por ordem alfabética		organizadas por número de ocorrências		
Agricultura	2	Angiosperma (40)	Botânica	
Angiosperma	40	Botânica (1)		
Astronomia	2	Liquenologia (1)		
Botânica	1	Herpetologia (1)	Zoologia	
Construção	2	Mastozoologia (1)		
Dança	2	Morfologia Zoológica (1)		
Etnografia	1	Ornitologia (2)		
Geologia	1	Paleozoologia (2)		
Geomorfologia	1		Música	4
Herpetologia	1		Agricultura	2
História	1		Astronomia	2
Linguística	2		Construção	2
Liquenologia	1		Dança	2
Mastozoologia	1		Linguística	2
Morfologia Zoológica	1		Religião	2
Música	4		Etnografia	1
Ornitologia	2		Geologia	1
Paleozoologia	2		Geomorfologia	1
Patologia	1		História	1
Religião	2		Patologia	1
Teatro	1		Teatro	1

Tabela 2 de *provavelmente*

Observando as ocorrências pelo viés semântico, notamos identidade entre algumas ocorrências a partir das palavras que ocupavam a periferia do advérbio. Listamos, então, algumas categorias que nos guiaram para o agrupamento temático dos tipos de uso de *provavelmente*.

<sup>45</sup> **etnônimo** [De *etn(o)-* + *-ônimo*.] Substantivo masculino. 1. Nome de povos, de tribos, de castas, e, p. ext., de comunidades políticas ou religiosas, quando a designação destas últimas possa ser tomada em sentido étnico. [...] [DALP]

Estabelecemos em **caracterização** qualquer referência a um atributo, seja medida, forma, composição, seja ela descrita ou fruto de associação no enunciado a algo semelhante.

<b>CARACTERIZAÇÃO</b>	
<b>D A L P</b>	<b>onicóforo</b> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos onicóforos, classe de artrópodes de corpo alongado, extremidade anterior sem cabeça diferenciada, com duas antenas e papilas orais. Locomovem-se por meio de 15 a 43 pares de patas curtas, não articuladas, afiladas para o ápice, com duas minúsculas unhas apicais; são de sexos separados, terrestres, e vivem debaixo de pedras ou de troncos de árvores em decomposição. Combinam características de anelídeos e artrópodes, sendo <b>provavelmente</b> um elo entre eles.
	<b>anfioxo</b> (cs) Substantivo masculino. 1. Zool. Nome comum a animais cefalocordados, do gênero Branchiostoma, semelhantes à enguia, com cerca de 6cm, corpo translúcido, notocórdio permanente, destituídos de olhos e cérebro; vivem, ger., em regiões litorâneas, enterrados em sedimentos e são, <b>provavelmente</b> , os mais primitivos dos cordados exstantes. [Sin.: <i>peixe-lanceta</i> .]
	<b>água-tofana</b> Substantivo feminino. 1. Veneno ( <b>provavelmente</b> com base no anidrido arsenioso) célebre na Itália nos sécs. XVI e XVII. [Pl.: <i>águas-tofanas</i> .]
	<b>barinel</b> Substantivo masculino. 1. Ant. Embarcação de vela e remo, <b>provavelmente</b> de pano redondo, anterior à caravela. [Pl.: <i>barinéis</i> .]
	<b>ciclópico</b> adjetivo 3. Diz-se de certos monumentos antigos construídos com enormes blocos de pedra irregulares, <b>provavelmente</b> pelágicos. [Sin. ger.: <i>ciclópeo</i> .] ~ V. <i>concreto</i> —.
	<b>manto</b> substantivo masculino Manto terrestre. Geol. Camada do globo terrestre situada entre a descontinuidade de Mohorovicic e a de Gutemberg, e que se costuma subdividir em <i>manto superior</i> , constituído <b>provavelmente</b> de silicatos compactos, como a olivina, e <i>manto inferior</i> , formado, presumivelmente, de sulfetos e óxidos. [Tb. se diz apenas <i>manto</i> .]
	<b>hidrogenada</b> Substantivo feminino. 1. Parte da atmosfera situada entre 80 e, <b>provavelmente</b> , 200km de altura, e caracterizada pelo predomínio do hidrogênio.
<b>D H L P</b>	<b>aferroar</b> v. 5 t.d. CONSTR desfazer (o reboco de uma parede, muro etc.) com uma espécie de picadeira ( <b>prov.</b> de ferro) para formar nova base de revestimento
	<b>anel</b> s.m. • <b>anéis de Saturno</b> ASTR formação anular situada no plano equatorial de Saturno e constituída de numerosas partículas ( <b>prov.</b> de poeira) que gravitam ao redor do planeta; os três principais, dentre os visíveis ao telescópio são: <i>anel A</i> (o mais externo), <i>anel B</i> (o intermediário) e <i>anel C</i> ou <i>de crepe</i> (o mais interno)
	<b>astrapotério</b> <i>astrapotérios</i> s.m.pl. PALEOZ 3 ordem de ungulados sul-americanos, extintos, que viveram durante grande parte do período terciário, de caninos bem desenvolvidos em forma de presa, e <b>prov.</b> com uma tromba semelhante à dos elefantes
	<b>capim 1</b> s.m.4 MG <i>infrm.</i> uma doença venérea, <b>prov.</b> o condiloma
	<b>cicuta</b> s.f. (sXIV) 1 ANGIOS design. comum às ervas do gên. <i>Cicuta</i> , da fam. das umbelíferas, com oito spp., nativas de regiões temperadas do hemisfério norte, e <b>prov.</b> as plantas mais venenosas, quando ingeridas, de todo o hemisfério
	<b>gavião-carrapateiro</b> s.m. ORN B ave falconiforme, da fam. dos falconídeos ( <i>Milvago chimachima</i> ), que ocorre da América Central ao norte do Uruguai e da Argentina e em todo o Brasil, onde, <b>provavelmente</b> , é o gavião mais conhecido; com cerca de 40 cm de comprimento, dorso marrom-escuro, cabeça, pescoço e partes inferiores branco-amareladas, face nua e alaranjada, asas longas, com nítida mancha branca, e cauda longa [Espécie associada à pecuária, alimentando-se de carrapatos e bernes, além de lagartas, cupins e outros itens alimentares.]
	<b>hidrogenada</b> s.f. parte da atmosfera situada numa faixa de 80 e, <b>provavelmente</b> , 200 km de altura, em que predomina o hidrogênio
	<b>macroencefalia</b> s.f. (sXX) PAT volume do encéfalo maior que o dos indivíduos da mesma idade e sexo, de causa <b>prov.</b> hereditária
	<b>manto</b> s.m. • <b>m. inferior</b> GEOL porção do manto da terra situada numa profundidade abaixo de 1.000 km, constituída <b>prov.</b> de sulfetos e óxidos
	<b>nablo</b> s.m. (1772) MÚS antigo instrumento bíblico <b>prov.</b> semelhante ao saltério grego, vertical, de 10 ou 12 cordas tangidas com os dedos das mãos ETIM lat. <i>nablum</i> , i' id.' < gr. <i>nábla</i> , as, de orig. semítica (afim do heb. <i>nével</i> ) SIN/VAR <i>nabla</i>
	<b>papoula-comum</b> s.f. ANGIOS erva ( <i>Papaver rhoeas</i> ) da fam. das papaveráceas, de folhas amplexicaules, flores brancas ou vermelhas e frutos capsulares; borboleta, dormideira-

<p>silvestre, papoila-ordinária, papoula, papoula-das-searas, papoula-dos-cereais, papoula-ordinária, papoula-vermelha, papoula-vermelha-dos-campos [Nativa do leste do Mediterrâneo, há séculos está disseminada por quase toda a Europa, Ásia e América do Norte; é <b>prov.</b> a flor a que se refere Isaías em "olhai os lírios do campo"; pode ser venenosa, por seus vários alcaloides, com efeitos narcóticos; tb. é cultivada como medicinal e pela tintura rubra extraída das pétalas e us. em vinhos e medicamentos.]</p>
<p><b>úsnea</b> s.f. (1601) LIQ design. comum aos líquens do gên. <i>Usnea</i>, da fam. das usneáceas, com ampla distribuição geográfica, <b>prov.</b> os mais comuns dos líquens de talo ramificado, como, p.ex., a barba-de-velho</p>

Tabela 3 de *Provavelmente*

O que estabelecemos como **categorização** diz respeito ao enquadramento parcial em uma categoria ou à semelhança entre o que está descrito como *provavelmente x* e outro elemento.

CATEGORIZAÇÃO	
D A L P	<p><b>hadrossaurídeo</b> Paleont. Substantivo masculino. 1. Espécime dos hadrossaurídeos, família de dinossauros ornitíscios, arcossauros de até 9m de comprimento, desprovidos de couraças, e com os dedos dos membros anteriores interligados por membrana. Herbívoros, tinham um grande bico semelhante ao dos patos, e dentes especiais para triturar alimentos. Habitaram o cretáceo superior e eram, <b>provavelmente</b>, anfíbios.</p>
	<p><b>salmista</b> substantivo de dois gêneros 2. Designação comum aos autores dos salmos bíblicos, entre os quais, <b>provavelmente</b>, o rei Davi.</p>
	<p><b>xitau</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Peixe actinoptério, caraciforme, caracídeo, <b>provavelmente</b> uma das espécies de piranhas, cujo nome científico ainda não está bem correlacionado com o popular. [Var. ortograf.: <i>chitau</i>.]</p>
	<p><b>estauricossauro</b> Substantivo masculino. Paleont. 1. Gênero de dinossauros <b>provavelmente</b> carnívoros do triássico médio da América do Sul, que mediam 2m de comprimento e tinham corpo ágil, deslocando-se sobre as duas patas traseiras, que eram longas, sendo as duas patas dianteiras curtas, todas elas dotadas de cinco dedos.</p>
D H L P	<p><b>alcachofra</b> \ô\ s.f. (1609) 1 ANGIOS erva de até 1 m (<i>Cynara scolymus</i>), da fam. das compostas, de caules estriados, folhas penatífidas e grandes capítulos florais; alcachofra-hortense [Trata-se <b>prov.</b> de uma forma da alcachofra-brava, sem espinhos e com capítulos maiores, cultivada como ornamental, por propriedades medicinais, para extração de tintura amarela e esp. pelos capítulos florais comestíveis.]</p>
	<p><b>almirante</b> s.m. 4 ANGIOS erva (<i>Papaver paeonifolium</i>) da fam. das papaveráceas, tida como nativa do Brasil, onde é muito cultivada como ornamental, <b>prov.</b> uma variedade da papoula (<i>Papaver somniferum</i>)</p>
	<p><b>antracoterídeo</b> <b>antracoterídeos</b> s.m.pl. PALEOZ 3 fam. de mamíferos artiodátilos fósseis, de grande porte e aparência semelhante à de um porco, <b>provavelmente</b> de hábitos anfíbios, que viveram durante o Terciário, na Europa, Ásia, América do Norte e África [São ancestrais dos hipopótamos.]</p>
	<p><b>celtibero</b> s.m. 2 indivíduo natural ou habitante da Celtibéria; celtibérico 3 LING língua indo-europeia extinta, falada na Antiguidade na Celtibéria, talvez um dialeto céltico arcaico <b>prov.</b> misturado com línguas já existentes no local</p>
	<p><b>lecitidale</b> s.f. <b>lecitidales</b> s.f.pl. ANGIOS 2 ordem da classe das dicotiledôneas (a ser incluída <b>provavelmente</b> na ordem das teales), que compreende apenas a fam. das lecitidáceas</p>
	<p><b>pteridófita</b> <b>pteridófitas</b> s.f.pl. BOT 2 divisão do reino vegetal, que reúne as classes das psilotópsidas, licópsidas, equisetópsidas e filicópsidas, com milhares de spp. vasculares e com esporos [<b>Prov.</b> um grupo de plantas não relacionadas entre si, mas que atingiram um nível de adaptação à vida terrestre sem produzir sementes, e das quais devem proceder as espermatófitas.]</p>
	<p><b>rábano</b> s.m. (1858) 1 ANGIOS design. comum às plantas do gên. <i>Raphanus</i>, da fam. das crucíferas, esp. às variedades e cultivares de <i>Raphanus sativus</i>, de folhas irregularmente denteadas, flores freq. arroxeadas, e síliquas indeiscentes, ger. com raízes (e, por vezes, tb. as folhas e/ou os frutos) comestíveis; nabo-japonês, rábão [Trata-se <b>prov.</b> de um cultivar de</p>

	uma subespécie ( <i>Raphanus raphanistrum</i> subespécie <i>landra</i> ) da nabiça, que tem, por sua vez, inúmeras variedades, com raízes brancas, vermelhas ou pretas, desde as do tamanho de uma cereja a algumas pivotantes de mais de 50 kg.]
	<b>ranunculale</b> <b>ranunculales</b> <i>s.f.pl.</i> ANGIOS 2 ordem da classe das dicotiledôneas, que reúne a fam. das lardizabaláceas, berberidáceas, menispermáceas, ranunculáceas, circeasteráceas, pteridofiláceas, papaveráceas, fumariáceas e a das sabiáceas (esta <b>prov.</b> a ser movida para outra ordem)
	<b>rim-de-boi</b> <i>s.m.</i> ANGIOS arbusto ( <i>Gossypium brasiliense</i> ) da fam. das malváceas, de cápsulas ovoides, com fibras longas e de sete a nove sementes soldadas em forma semelhante à de um rim [Subespontâneo no Brasil, é <b>prov.</b> uma variedade de <i>G. barbadense</i> , o algodoeiro mais cultivado nas Américas.]

Tabela 4 de *Provavelmente*

A categoria **espaço-tempo** diz respeito às informações imprecisas, mas quase certas, referentes a tempo e espaço, quando e onde ocorreu ou se manifestou algo.

ESPAÇO-TEMPO	
D A L P	<b>alfabeto</b> <i>s.m.</i> Alfabeto etrusco. Graf. Sistema de escrita que resultou da adaptação do alfabeto grego à língua dos etruscos, surgido <b>provavelmente</b> por volta do século VIII a.C. e utilizado até cerca de 1000 d.C. [Era constituído, a princípio, por 26 letras e, por volta do século V a.C., tomou a forma clássica, com 20 letras.]
	<b>alfabeto</b> <i>s.m.</i> Alfabeto grego. Graf. Sistema de escrita que resultou da adaptação do alfabeto fenício, feita <b>provavelmente</b> por volta do século IX ou X a.C. [Apresentava diferenciações regionais até que, em 403 a.C., o alfabeto jônico de Mileto foi introduzido oficialmente em Atenas e transformou-se na escrita grega clássica, com 24 letras.]
	<b>tribo</b> Substantivo feminino. 1. Cada uma das partes em que se dividiam algumas nações ou povos antigos, ger. com um território e algum tipo de chefia, e com atribuição de um ancestral comum. 2. Restr. Cada uma das doze subdivisões do povo hebreu, descendentes, segundo os relatos bíblicos, dos doze filhos do patriarca Jacó (Israel) e que ocuparam Canaã (atual região da Palestina), <b>provavelmente</b> na segunda metade do 2.º milênio a. C.
D H L P	<b>brancagem</b> <i>s.f. ant.</i> imposto sobre o pão vendido nos mercados e <b>prov.</b> à porta dos açougues; em outros forais, imposto sobre as carnes de açougue
	<b>choro</b> <i>s.m.</i> 7 MÚS gênero de música popular urbana originário do Rio de Janeiro RJ, <b>prov.</b> na década de 1870, cuja formação hoje compreende um bandolim, um ou dois violões de seis cordas e outro de sete cordas, um cavaquinho, um pandeiro e, eventualmente, um ou mais instrumentos de sopro [É forma de música passível de ser executada em diversos ritmos, como a polca, a valsa, o xote etc.]
	<b>eslavo</b> <b>eslavos</b> <i>s.m.pl.</i> 5 povo indo-europeu que habita a Europa central e oriental, <b>prov.</b> há uns cinco mil anos, e cujos descendentes atuais são: russos, bielo-russos, ucranianos (ramo oriental), búlgaros, sérvios, croatas, macedônios, eslovenos (grupo meridional), tchecos, eslovacos, poloneses e lusácios (grupo ocidental)
	<b>ioga</b> <i>ló ou ò</i> <i>s.f.</i> (1890) 1 REL conjunto assistemático de práticas psicofísicas e ritualísticas que acompanha inúmeras crenças religiosas indianas, <b>prov.</b> desde a época anterior aos Vedas (antes do sXX a.C.)
	<b>moa</b> 2 <i>lô</i> <i>s.m.</i> ORN design. comum às grandes aves ápteras, da fam. dos dinornitídeos, de aspecto semelhante ao dos emus e uma altura de até 3 m, encontradas na Nova Zelândia até <b>prov.</b> o início do sXIX, quando se tornaram extintas

Tabela 5 de *Provavelmente*

A categoria **função** responde imprecisamente, mas quase asseverando, a questões como *para que serve? como funciona? por que é assim? qual é a função? qual é o propósito?*

<b>FUNÇÃO</b>	
<b>D A L P</b>	<b>heterocisto</b> Substantivo masculino. 1. Bot. Em algumas algas azuis, células especiais de membrana espessa, de conteúdo mais claro, e que servem, <b>provavelmente</b> , para sobrevivência em condições desfavoráveis.
	<b>mirmequito</b> Substantivo feminino. 1. Min. Intercrescimento íntimo de quartzo e feldspato, <b>provavelmente</b> devido à solidificação simultânea de ambos, em uma rocha magmática.
	<b>ofrioscolecídeo</b> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos ofrioscolecídeos, grande família de ciliados que vivem no estômago de ruminantes, onde decompõem o amido e, <b>provavelmente</b> , a celulose.
	<b>osmetério</b> Substantivo masculino. 1. Zool. Órgão protrátil, bifido, do dorso do primeiro segmento torácico das larvas de muitas borboletas papilionáceas, que emite odor desagradável e que é, <b>provavelmente</b> , um órgão de defesa
	<b>telomerase</b> Substantivo feminino. 1. Bioquím. Qualquer de certas enzimas, constituídas por ARN e proteínas associadas, que catalisa a replicação dos telômeros, e que, normalmente, não se encontram (ou estão inativas) nas células sadias de organismos superiores, estando sua presença associada, <b>provavelmente</b> , à reprodução descontrolada de células cancerosas.
<b>D H L P</b>	<b>airglow</b> \E«rglow\ [ing.] s.m. ASTR. tênue luminescência da atmosfera causada <b>prov.</b> pela dissociação de moléculas do ar com a radiação solar e sua subsequente recombinação; emissão atmosférica
	<b>árvore-da-goma-elástica</b> s.f. ANGIOS. árvore de até 30 m ( <i>Ficus elastica</i> ) da fam. das moráceas, nativa da Índia e Sudeste da Ásia, de folhas coriáceas e infrutescências geminadas; árvore-da-borracha, goma-elástica [ <b>Provavelmente</b> extinta em estado selvagem, é cultivada como ornamental e pela madeira, us. em marcenaria, e o látex já foi importante para a produção de borracha, embora de qualidade inferior.]
	<b>caičaca</b> s.f. HERP. B. serpente da fam. dos viperídeos ( <i>Bothrops atrox</i> ), do Norte da América do Sul, com até 1 m de comprimento, corpo de coloração variável entre o marrom e o oliva, com manchas escuras de bordas claras [Espécie comum na Amazônia, onde é, <b>provavelmente</b> , a responsável pelo maior número de acidentes envolvendo as populações rurais.]
	<b>folha</b> s.f. • <b>f. nasal</b> MORF.ZOO. excrescência carnosa, semelhante a uma folha, presente na região anterior do focinho de muitos morcegos, <b>prov.</b> com funções sensitivas
	<b>-issar</b> term. os v. da língua com essa term. são regulares: <i>alunissar</i> , <i>amerissar</i> , <i>aterrissar</i> , <i>encomissar</i> , <i>enremissar</i> , <i>inspissar</i> , <i>missar</i> , <i>plissar</i> , <i>trissar</i> , os três primeiros se inspiram em <i>aterrissar</i> , gal. afeiçãoado segundo o padrão do fr. <i>atterrissage</i> 'atterrissagem, ação de entrar em contato com o solo' (em aeronáutica e astronáutica), doc. desde 1922 em fr. e, em port., ainda na década de 1920; em Rebelo Gonçalves (1966), reflete-se bem a resistência purista erguida contra o v.: registra ele <sup>1</sup> <i>aterrar</i> 'causar terror', <sup>2</sup> <i>aterrar</i> 'cobrir com terra' e <sup>3</sup> <i>aterrar</i> 'pousar (o avião) em terra', a que acrescenta "Forma que pretere <i>aterrissar</i> (gal.)", a que junta ainda <i>aterro</i> \ê\ em conexão com os três sentidos verbais; o fato é que, enfeitado, o v. (e seus cog.) vem prevalecendo e dando, como se viu, o padrão aeronáutico e astronáutico, que gerará, <b>prov.</b> , <i>amartissagem</i> , <i>ajupiterissagem</i> (ou <i>ajovissagem</i> ) etc.; a f. <i>amerissagem</i> ( <i>amerissar</i> ) alterna com <i>amarissagem</i> ( <i>amarissar</i> ) e, em Portugal, registram-se <i>amarar</i> (e <i>amaragem</i> ), bem como <i>alunar</i> (e <i>alunagem</i> ); no Brasil existe, ademais, <i>aterrizar</i> e <i>aterrizagem</i> , <i>alunizar</i> e <i>alunizagem</i>
	<b>osmetério</b> s.m. ANAT.ZOO. órgão protrátil, furcado, vivamente colorido, encontrado nas larvas de diversas borboletas da fam. dos papilionídeos, que funciona <b>provavelmente</b> como órgão de defesa e emite odor característico
	<b>tararaca</b> s.f. (1734) 1 ETN. B. instrumento indígena antigo, <b>prov.</b> de percussão

Tabela 6 de *Provavelmente*

A categoria **origem** indica não apenas de onde veio, mas de que povo é procedente, genealogia e influências de qualquer tipo.

<b>ORIGEM</b>	
<b>D A</b>	<b>arucuiana</b> Substantivo de dois gêneros. 1. Etnôn. Indivíduo dos arucuianas [ou (Etnôn. bras.) *Arukuiana], povo indígena, <b>provavelmente</b> da família linguística caraíba, que habita a zona limítrofe do Brasil com a Guiana.



L P	<b>caneco</b> 2 [De <i>cã</i> <sup>2</sup> (com infl. de <i>cão</i> <sup>1</sup> , 'pessoa má'), ou mais <b>provavelmente</b> , do port. arc. <i>can</i> (v. <i>cão</i> <sup>1</sup> , 'diabo') + <i>-eco</i> .] substantivo masculino
	<b>cigano</b> substantivo masculino 1. Indivíduo de um povo nômade, <b>provavelmente</b> originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo esse que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. [Designam-se a si próprios <i>rom</i> , quando originários dos Bálcãs, e <i>manuche</i> , quando da Europa central.] [Sin.: <i>boêmio</i> , <i>gitano</i> ; <i>calom</i> (bras.); <i>judeu</i> (MG); <i>quico</i> (MG e SP).]
	<b>cistre</b> Substantivo masculino. Mús. 1. Instrumento musical de fins da Idade Média e Renascimento, <b>provavelmente</b> desenvolvido a partir da cítola, com número variável de cordas estabilizando-se no final do século XVI em seis ordens de cordas duplas, munido de braço e caixa de ressonância em formato piriforme; antecessor comum de vários instrumentos do século XVIII, como a cítara ibérica, guitarra inglesa e guitarra portuguesa.
	<b>coroá</b> 3 Bras. Substantivo de dois gêneros. 1. Etnôn. Indivíduo dos coroás, povo indígena extinto, <b>provavelmente</b> do grupo caiapó, da família linguística jê, tronco macro-jê, que habitava Goiás.
	<b>cuataterê</b> Bras. Substantivo de dois gêneros. 1. Etnôn. Indivíduo dos cuatateres, povo indígena <b>provavelmente</b> da família linguística ianomâmi, que habita nas margens do igarapé Coatu, afluente do alto rio Uraricoera (RR).
	<b>escrita</b> Substantivo masculino Escrita cuneiforme. Graf. Sistema de escrita <b>provavelmente</b> inventado pelos sumérios e depois adotado por babilônios e assírios, constituído de sinais em forma de cunha, produzidos pela impressão sobre argila.
	<b>fado</b> substantivo masculino 2. Mús. Canção popular portuguesa, de caráter triste e fatalista, linha melódica simples, ao som da guitarra ou do acordeão, e que <b>provavelmente</b> se origina do lundu do Brasil colônia, introduzido em Lisboa após o regresso de D. João VI (1821).
	<b>fofa</b> Substantivo feminino. 1. Dança portuguesa, sensual e desenvolta, também conhecida no Brasil no séc. XVIII, e <b>provavelmente</b> antecessora do lundu, ao qual se assemelhava. 2. Desus. Tipo de veste de criança. [Pl.: <i>fofas</i> (ô). Cf. <i>fofa</i> e <i>fofas</i> , do v. <i>fofar</i> .]
	<b>giga</b> <sup>2</sup> Substantivo feminino. 2. Antiga dança, em andamento vivo e compasso binário, <b>provavelmente</b> originária da Inglaterra, onde era muito popular na época elisabetana; <i>jiga</i> .
	<b>guiana</b> Substantivo de dois gêneros. 1. Etnôn. Indivíduo dos guianás, povo indígena extinto que habitava a região do rio Iguazu, entre o Paraná e o Uruguai, e dominava parte da capitania de São Vicente; são <b>provavelmente</b> antepassados dos caingangues atuais.
	<b>monjolo</b> <sup>1</sup> Substantivo masculino. 1. Antiga designação de certo povo, <b>provavelmente</b> banto, trazido como escravo para o Brasil
	<b>nebulosa</b> Nebulosa de Caranguejo. Astr. Nuvem de gás, nas proximidades da estrela zeta do Touro, descoberta no século XVIII, e que <b>provavelmente</b> se originou da explosão de uma estrela nova.
	<b>pavana</b> Substantivo feminino. 1. No começo do séc. XVI, dança de corte, <b>provavelmente</b> de origem italiana, em compasso binário ou quaternário, andamento lento e majestoso: "Dança a <i>pavana</i> a corte" (Júlio Dantas, <i>Sonetos</i> , p. 9).
	<b>teutóideo</b> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos teutóideos, ordem de moluscos cefalópodes que apresentam uma concha interna alongada, oito braços e dois tentáculos maiores. São as lulas, que <b>provavelmente</b> evoluíram dos belemnites.
<b>tua</b> Substantivo de dois gêneros. 1. Etnôn. Indivíduo dos tuás, povo nômade da África central, <b>provavelmente</b> originário da região correspondente à atual República Democrática do Congo (antigo Zaire), e que se constitui num dos grupos étnicos de Burundi e de Ruanda (África).	
<b>tungue</b> <sup>2</sup> Substantivo de dois gêneros. 1. Indivíduo dos tungues, povo mongol <b>provavelmente</b> relacionado com os manchus, que se irradiou largamente pela Sibéria ocidental, e inclui muitos grupos ainda nômades.	
<b>xiba</b> Substantivo feminino e masculino. 1. Espécie de dança rural cantada, popular, <b>provavelmente</b> de origem portuguesa, mas cujo ritmo sofreu alterações por influência negra: "Findas as primeiras quadrilhas, .... o elemento nacional e dominante — o <i>xiba</i> — campeava absoluto, lânguido, peneirado, buliçoso" (Melo Moraes Filho, <i>Festas e Tradições Populares do Brasil</i> , p. 13). [Sin.: <i>samba</i> (N.), <i>cateretê</i> (MG e SP), <i>fandango</i> (S.).]	
D H	<b>alface</b> s.f. (1526) ANGIOS erva ( <i>Lactuca sativa</i> ) da fam. das compostas, de folhas grandes, ger. obovadas e em rosetas, verde-claras ou violáceas, sinuosas ou denteadas, de flores amarelas e aquênios com sementes pequeninas [ <b>Prov.</b> originária do Leste do Mediterrâneo, tem

<b>L P</b>	propriedades medicinais, encerra lactucina e é mundialmente cultivada, esp. para consumo em saladas, com inúmeras variedades, de folhas em diferentes cores, formas, tamanhos e texturas.]
	<b>alho</b> <i>s.m.</i> (1254) <b>1</b> ANGIOS design. comum a várias spp. do gên. <i>Allium</i> , da fam. das aliáceas
	<b>1.1</b> ANGIOS erva de até 60 cm ( <i>Allium sativum</i> ), com folhas lineares, flores brancas ou avermelhadas e cápsulas loculicidas; alho-ordinário [ <b>Provavelmente</b> derivada de <i>A. longicuspis</i> , nativa da Ásia central, é us. como condimento e possui propriedades medicinais, esp. como analgésico e antisséptico.]
	- <b>ama</b> <i>suf.</i> de étimo obsc. mas <b>prov.</b> românico-lusitano; ocorre em substantivos fem. sing. com noção coletiva: <i>boiama</i> , <i>piolhama</i> ; cumpre cotejar com o <i>suf.</i> <b>-ame</b>
	<b>analogia</b> <i>s.f.</i> <b>7</b> LING processo de mudança linguística que consiste na alteração de uma forma, para adaptá-la a um modelo preexistente (p.ex.: o neol. <i>aidético</i> foi criado <b>prov.</b> por analogia com <i>diabético</i> , <i>morfético</i> )
	<b>aneto</b> <i>s.m.</i> (1788) ANGIOS <b>1</b> design. comum às plantas do gên. <i>Anethum</i> , da fam. das umbelíferas, que compreende uma única espécie <b>1.1</b> erva anual ( <i>Anethum graveolens</i> ), com odor forte, folhas penatissectas, flores amarelas e aquênios ovoides ou elipsoides; endrão, endro, endro-maior, funcho-bastardo, luzendro [ <b>Provavelmente</b> nativa do Sudoeste da Ásia, é amplamente cultivada pelas sementes aromatizantes e condimentares, us. em peixes, sopas, conservas e licores, e por suas propriedades carminativas e resolutivas.]
	<b>ariano</b> <b>2</b> <i>adj.s.m.</i> (1866) <b>1</b> diz-se de ou indivíduo dos arianos (tb. chamados árias), subgrupo dos indo-europeus, que penetraram no subcontinente indiano a partir do norte, espalhando-se pela Índia, Pérsia e regiões vizinhas <b>2</b> <i>p.ext.</i> diz-se de ou cada um dos integrantes dos povos <b>prov.</b> originários das estepes da Ásia central (tb. chamados de indo-europeus), que a partir do final do Neolítico se expandiram para a Europa, Pérsia e península da Índia
	<b>arroz</b> \ô\ <i>s.m.</i> (sXV) ANGIOS <b>1</b> erva ereta de até 1 m ( <i>Oryza sativa</i> ) da fam. das gramíneas, com flores em espiguetas e cariopses coriáceas, <b>prov.</b> de origem asiática e cultivada há mais de 5.000 anos, com inúmeras variedades, pelos grãos, que constituem a dieta básica de grande parte da população mundial, esp. da Ásia
	<b>barba-de-barata</b> <i>s.f.</i> (a1958) ANGIOS arbusto ou pequena árvore ( <i>Caesalpinia pulcherrima</i> ) da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, <b>prov.</b> nativa da Ásia tropical, e atualmente pantropical, de grandes folhas bipenadas, flores grandes, ger. vermelhas, amarelas ou alaranjadas, e vagens lenhosas, achatadas; asa-de-barata, chagas, chagueira [Amplamente cultivada como ornamental, as raízes são tônicas, febrífugas e venenosas; as folhas e flores encerram os ácidos tânico e gálico e são purgativas, e a madeira, reduzida a pó, fornece tinta.]
	<b>bétele</b> <i>s.m.</i> (1500) <b>1</b> ANGIOS erva arbustiva ( <i>Piper betle</i> ) da fam. das piperáceas, <b>prov.</b> nativa da Índia e do Sudeste da Ásia, cultivada desde a Pré-história, esp. pelas folhas, us. no preparo do bétele ('mastigatório'), e pelas raízes, que contêm óleos essenciais antissépticos
	<b>bloco</b> <i>s.m.</i> • <b>b. errático</b> GEOMORF fragmento de rocha isolado que pode chegar a diversas toneladas, <b>prov.</b> transportado pelo gelo, continental ou de montanha, a partir de um ponto distante de onde se encontra
	<b>cajano</b> <i>s.m.</i> (1899) ANGIOS <b>1.1</b> erva ereta ( <i>Cajanus cajan</i> ), <b>provavelmente</b> derivada de spp. asiáticas, muito cultivada, esp. pelas sementes comestíveis e tb. como forragem, para o fabrico de laca, como alimento de larvas produtoras de seda e pela madeira us. como lenha
	<b>calêndula</b> <i>s.f.</i> (1726) ANGIOS <b>1</b> design. comum às plantas do gên. <i>Calendula</i> , da fam. das compostas, que reúne cerca de 12 spp., nativas da Macaronésia e do Mediterrâneo ao Irã <b>1.1</b> erva anual ( <i>Calendula officinalis</i> ), de folhas oblongas, grandes capítulos solitários e aquênios curvos; bonina, malmequer, maravilhas, maravilha-dos-jardins [ <b>Prov.</b> nativa da Europa, é muito cultivada como ornamental, com inúmeras variedades, cujos capítulos florais vão desde o amarelo-claro ao alaranjado e têm vários usos.] <b>2</b> a flor dessa planta, us. contra febres, frieiras, verrugas etc., como aromatizante e no fabrico de cosméticos
	<b>cão</b> <b>1</b> <i>s.m.</i> (1152) <b>1</b> MASTZOO mamífero carnívoro da fam. dos canídeos ( <i>Canis familiaris</i> ), <b>provavelmente</b> originado a partir de populações selvagens do lobo eurasiático ( <i>Canis lupus</i> ), encontrado no mundo todo como animal doméstico; cachorro, perro [Na Austrália e Nova Guiné, é encontrado tb. em estado feral.]
	<b>capim-gordura</b> <i>s.m.</i> ANGIOS erva de até 1 m ( <i>Melinis minutiflora</i> ) da fam. das gramíneas, de folhas lineares, lanceoladas, e flores em panículas compostas, roxo-avermelhadas ou violáceas, <b>prov.</b> nativa da África e muito cultivada no Brasil, como uma das mais importantes forrageiras e tb. por propriedades insetífugas, diuréticas e antidisentéricas; capim-catingueiro, capim-melado, catingueiro
	<b>caruru-azedo</b> <i>s.m.</i> ANGIOS arbusto de até 3 m ( <i>Hibiscus sabdariffa</i> ) da fam. das malváceas,

<p><b>prov.</b> nativo da África e naturalizado em todas as áreas tropicais do mundo, com propriedades antipiréticas, caule avermelhado de que se extraem fibras us. em cordoaria, folhas de sabor azedo, consumidas com arroz, e flores amarelas, róseas ou purpúreas, com cálices vermelhos e carnosos us. na confecção de bebidas, xaropes, doces e geleias; azedinha, quiabo-azedo, quiabo-róseo, quiabo-roxo, rosélia, vinagreira</p>
<p><b>cebola</b> \ô\ s.f. (1188) <b>1</b> ANGIOS erva anual (<i>Allium cepa</i>) da fam. das aliáceas, com bulbos tunicados, folhas cilíndricas, ocas, muito compridas, e flores esbranquiçadas, em umbelas; cepa [<b>Provavelmente</b> nativa da Ásia, é cultivada desde o Neolítico, esp. pelo bulbo, e tem inúmeros cultivares, divididos em três grupos, <i>Cepa</i>, <i>Aggregatum</i> e <i>Proliferum</i>.]</p>
<p><b>-cento</b> suf. com o valor intensificador, <b>prov.</b> oriundo de <b>-ento</b>, em palavras como <i>aguacento</i>, <i>lamacento</i></p>
<p><b>chegadinha</b> s.f. (1892) <b>2</b> ANGIOS erva aromática (<i>Aeolanthus suavis</i>) da fam. das labiadas, <b>prov.</b> nativa da África, encontrada em vários estados brasileiros, de ramos pubescentes, folhas denteadas, e flores lilacíneas em espigas, apresenta propriedades medicinais e dela extrai-se óleo essencial us. em perfumaria ETIM <i>chegada</i> + <i>-inha</i></p>
<p><b>clematite</b> s.f. ANGIOS <b>1.2</b> trepadeira de até 1,5 m (<i>C. lanuginosa</i>), de folhas arredondadas e flores azul-lilacíneas, com inúmeras variedades hortícolas, <b>provavelmente</b> nativa da China e desconhecida em estado selvagem</p>
<p><b>colza</b> s.f. (1836) ANGIOS planta anual ou bianual de até 1 m (<i>Brassica napus</i>), da fam. das crucíferas, <b>prov.</b> resultante do cruzamento da couve (<i>Brassica oleracea</i>) e do nabo (<i>B. rapa</i>), de flores amareladas, melíferas; túnepo-amarelo [Os inúmeros cultivares são divididos em dois grupos: o grupo <i>Napobrassica</i>, das rutabagas, de caule ('raiz') comestível, e o grupo <i>Pabularia</i>, com cultivares de folhas azuladas, crespas, us. como alimento no inverno, e cultivares de verão, de cujas sementes é extraído o óleo de canola e o óleo de colza.]</p>
<p><b>coqueiro 1</b> s.m. (1624) ANGIOS <b>1</b> palmeira de até 30 m (<i>Cocos nucifera</i>), <b>prov.</b> originária das ilhas do Pacífico, de estipe cilíndrico, mais largo na base e curvado, que ocorre e é cultivada em diversas regiões tropicais, esp. as litorâneas, por sua madeira, folhas (us. como cobertura, em cestaria etc.) e esp. pelos frutos, cujas fibras são empr. em cordoaria e como material acústico, de isolamento e de estofamento; sua semente é comestível e encerra albume líquido, a <i>água de coco</i>, que se torna sólido, carnoso, leitoso, dele obtendo-se a <i>copra</i>; coco, coco-da-baía, coqueiro-da-baía, injá-guaçu [É a palmeira de maior importância econômica e de mais ampla distribuição geográfica.]</p>
<p><b>craveiro 1</b> s.m. (sXV) <b>1</b> ANGIOS erva vivaz (<i>Dianthus caryophyllus</i>) da fam. das cariofiláceas, de folhas lineares, flores vermelhas, brancas ou variegadas e frutos capsulares; cravo, [<b>Provavelmente</b> nativa do Mediterrâneo, tem inúmeros híbridos, esp. com a cravina (<i>D. plumarius</i>), e variedades, muito cultivadas como ornamentais, tb. para o comércio de flores e para extração do óleo essencial das pétalas, us. em perfumaria.]</p>
<p><b>crispim</b> s.m. <b>1</b> TEAT personagem que representa um criado esperto e fanfarrão, adulator e relapso, <b>provavelmente</b> originário da <i>commedia dell'arte</i> (Crispino), de onde passou para a antiga comédia francesa do sXVI (Crispin), ger. trajado de preto, de espadim e botas</p>
<p><b>-douro</b> suf. <b>prov.</b> de adjetivos lat. em <i>-orius, a, um</i> (ver <b>-ório</b>) e de nomes do part. fut. latino (tipo <i>nascitúrus, a, um</i> 'o que irá nascer'); com a fusão das duas noções, as pal. em port. indicam: <b>1</b>) local em que se passa a noção expressa pelo v.: <i>embarcadouro</i>;</p>
<p><b>favas-de-cavalo</b> s.f. ANGIOS variedade (<i>Vicia faba</i> var. <i>equina</i>) de fava, <b>prov.</b> domesticada na Ásia central e cultivada por propriedades medicinais, como forrageira, esp. para cavalos que apreciam as ramas e as pequenas sementes, tb. us. para alimentar porcos, pombos de corrida e para produção de farinha branca; feijão-de-porco</p>
<p><b>feijão-da-china</b> s.m. ANGIOS <b>1</b> planta anual de até 65 cm (<i>Vigna radiata</i>), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, <b>provavelmente</b> nativa da Indonésia e muito cultivada no Sudeste da Ásia, na Índia, África, América do Norte e Brasil, de flores verde-amareladas e vagens lineares, amareladas, comestíveis, com sementes ovoides, pequenas, verde-amareladas, de grande valor alimentício e com propriedades medicinais; feijão-rajado</p>
<p><b>grão-de-bico</b> s.m. <b>1</b> ANGIOS planta anual de até 60 cm (<i>Cicer arietinum</i>), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, nativa <b>provavelmente</b> da Ásia, de caule anguloso e sulcado, folíolos alternos, flores avermelhadas, azuladas ou brancas e vagens pêndulas ou eretas, cilíndricas, contendo uma semente globosa; chícharo, chícharo-miúdo, ervanço, grão-de-cavalo, gravanceira, gravanço [Cultivada mundialmente por suas sementes alimentícias, apresenta propriedades medicinais e constitui ótima forragem e adubo verde.]</p>
<p><b>guando</b> s.m. <b>1</b> ANGIOS subarbusto ereto de até 3 m (<i>Cajanus cajan</i>), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, <b>provavelmente</b> nativo da África e cultivado em várias</p>

regiões, pelas vagens lineares, forrageiras, esp. pelas sementes, us. como alimento básico por diversos povos, e por inúmeros usos medicinais; anduzeiro, guandeiro
<b>indo-europeu</b> <i>adj.s.m.</i> (d1816) <b>1</b> diz-se de ou indivíduo dos indo-europeus, povos <b>prov.</b> originários das estepes da Ásia central ou dos planaltos iranianos (tb. chamados arianos) que, a partir do final do Neolítico, se expandiram para a Europa, Pérsia e península da Índia
<b>jero</b> <i>s.m.</i> (1899) <b>ANGIOS 1</b> erva anual ( <i>Vicia ervilia</i> ) da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, <b>prov.</b> originária do Sudoeste da Ásia, de folhas compostas, flores rosadas com nervuras violáceas, dispostas em cachos; ervilha-de-pombo, órobo [Ocorre da Macaronésia e do Mediterrâneo até o Afeganistão, encerra alcaloides e é cultivada como forrageira, adubo verde e pelas sementes comestíveis.]
<b>lable</b> \b-l\ <i>s.m.</i> <b>ANGIOS 1</b> design. comum às plantas do gên. <i>Lablab</i> , da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, que compreende uma única espécie, <b>prov.</b> nativa da África tropical [As demais spp. desse gên. foram incluídas no gên. <i>Dolichos</i> .]
<b>laranja-baía</b> <i>s.f.</i> <b>AGR 1</b> variedade de laranjeira de grande porte, copa arredondada, folhagem abundante, <b>prov.</b> derivada de <i>Citrus sinensis</i> , de frutos grandes e esféricos, com uma protuberância no ápice, dita <i>umbigo</i> , casca ligeiramente rugosa, de cor laranja forte, assim como a polpa sucosa e doce; embiguda, umbigueira
<b>laranjeira</b> <i>s.f.</i> (1258) <b>ANGIOS 1.1</b> árvore de até 9 m ( <i>Citrus aurantium</i> ), nativa do Sudeste da Ásia, <b>prov.</b> da Cochinchina, de copa densa e arredondada, caule armado de espinhos finos e longos, folhas elípticas com pecíolo alado, flores brancas aromáticas, em cimeiras axilares, e frutos esféricos de superfície áspera, coloração alaranjada ou avermelhada quando bem maduros, casca muito aromática e amarga, polpa ácida e âmago oco; bigarade, laranja-amarga, laranja-azedada, laranja-da-terra, laranja-de-sevilha, laranjeira-amarga, laranjeira-azedada, laranjeira-da-terra [Tem empregos medicinais e é us. no fabrico de doces e compotas.]
<b>limão-cravo</b> <i>s.m.</i> <b>AGR</b> variedade de planta cítrica, <b>prov.</b> derivada de <i>Citrus aurantium</i> , de frutos azedos, de âmago oco, muito resistente a doenças e cujo óleo essencial tem odor distinto
<b>limoeiro-galego</b> <i>s.m.</i> <b>AGR</b> variedade de planta cítrica, <b>prov.</b> derivada de <i>Citrus medica</i> , cujo fruto tem a casca e a polpa de coloração alaranjada e o suco ácido; limão-galego
<b>mamoeiro</b> <i>s.m.</i> (1789) <b>1</b> <b>ANGIOS</b> árvore ( <i>Carica papaya</i> ) da fam. das caricáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, <b>prov.</b> do México, de tronco grosso e oco, folhas com longos pecíolos, tb. ocos, palmatilobadas e com lóbulos ger. triangulares, flores alvas ou cor de creme e bagas ger. grandes, esféricas ou oblongas, amarelo-alaranjadas, com polpa comestível, doce e laxante, rica em vitamina A e pepsina, e muitas sementes globosas e pretas, com propriedades vermífugas; ababaia, bepaia, mamão, papaeira, papaieira, pinoguaçu
<b>maxixe</b> <sup>1</sup> <i>s.m.</i> (1730) <b>ANGIOS 1</b> planta anual ( <i>Cucumis anguria</i> ) da fam. das cucurbitáceas, nativa da América Central, de caule rasteiro, folhas com cinco lobos, flores pequenas, bagas ovóides, amarelo-claras quando maduras, com numerosos apêndices, semelhantes a espinhos flexíveis, e pequenas sementes brancas; maxixeiro [É cultivada desde a Antiguidade pelos frutos comestíveis, ainda verdes, crus, em saladas, ou refogados, com um cultivar <b>prov.</b> derivado da subespécie <i>longipes</i> , nativa da África.]
<b>melão</b> <i>s.m.</i> (sXIV) <b>ANGIOS 1</b> erva anual e rasteira ( <i>Cucumis melo</i> ), da fam. das cucurbitáceas, com folhas suborbiculares, flores amarelas e grandes pepônios, ger. amarelos, com polpa comestível, adocicada, carnosa e sucosa, esverdeada, amarelada ou rosada; meloeiro [Nativa <b>prov.</b> do Oeste da África, tb. é muito cultivada em outras regiões tropicais, com duas subespécies e inúmeras variedades.]
<b>muarta</b> <i>s.f.</i> (sXV) <b>ANGIOS 1.1</b> arbusto ou árvore pequena ( <i>Myrtus communis</i> ), com raízes e casca us. para extração de tanino, madeira de qualidade, folhas ricas em óleo us. em perfumes, assim como as flores brancas, aromáticas, e as bagas carnosas; mirta, mirto, murta-cheirosa, murta-cultivada, murta-das-noivas, murta-do-jardim, murta-verdadeira, murtinheira, murtinheiro, murto [De origem incerta, <b>prov.</b> mediterrânea, cultivada como ornamental e por usos medicinais, há milênios está associada a rituais e cerimônias.
<b>painço</b> \a-in\ <i>s.m.</i> (1180) <b>ANGIOS 1</b> planta anual de até 1 m ( <i>Panicum miliaceum</i> ), da fam. das gramíneas, com a bainha das folhas cobertas por pelos longos, e espiguetas oblongas, em panículas alongadas, <b>prov.</b> domesticada no centro da Ásia, e já cultivada na Europa e no Mediterrâneo, há 5.000 anos, esp. como forrageira e para produção de farinha e bebidas alcoólicas
<b>rato-preto</b> <i>s.m.</i> <b>MASTZOO</b> roedor da fam. dos murídeos ( <i>Rattus rattus</i> ), <b>provavelmente</b> nativo da Malásia e atualmente distribuído por todo o mundo em comensalismo com o homem; com até 20 cm de comprimento do corpo, pelagem dorsal negra, cinzenta ou marrom e partes inferiores brancas, amareladas ou cinzentas [Vive ger. em lugares secos, de preferência no interior de

	habitações humanas.]
	<b>salgueiro-chorão</b> <i>s.m.</i> ANGIOS árvore ( <i>Salix babylonica</i> ) da fam. das salicáceas, com galhos elásticos, folhas lineares, flores pálidas e frutos capsulares; choradeira, chorão, chorão-salgueiro, perrexil, salgueiro, salgueiro-da-babilônia [ <b>Prov.</b> originária da China, é muito cultivada, com muitos híbridos e variedades, pela madeira, como ornamental, e pelos galhos, tidos como o melhor dos vimes.]
	<b>tamarindo</b> <i>s.m.</i> (1333) ANGIOS 1 design. comum às árvores do gên. <i>Tamarindus</i> , da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinoídea, que compreende uma única espécie 1.1 árvore ( <i>Tamarindus indica</i> ) <b>prov.</b> originária da África tropical, largamente cultivada como ornamental e pelos frutos de polpa comestível, de folhas penadas, flores amarelas, vagens oblongas e indeiscentes, madeira difícil de trabalhar e cujas folhas e frutos apresentam propriedades medicinais; tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro
	<b>terecô</b> <i>s.m.</i> REL rito afro-brasileiro do interior do Maranhão (esp. Codó e Mearim), <b>prov.</b> influenciado pelos bantos; tambor da mata
	<b>terra • t. preta B 1</b> terreno onde se encontram vestígios de cerâmica indígena, <b>provavelmente</b> por aí ter existido algum aldeamento silvícola
	<b>teutão</b> <i>s.m.</i> (1881) <b>teutões</b> <i>s.m.pl.</i> HIST 4 povo de origem <b>prov.</b> germânica que falava essa língua; têtunes, teutônicos
	<b>toranja</b> <i>s.f.</i> (1651) ANGIOS 1 árvore ( <i>Citrus maxima</i> ) da fam. das rutáceas, <b>prov.</b> nativa do Oeste da Malásia, cujo fruto é o maior entre os cítricos, pesando até 8 kg, arredondado, com casca grossa, amarela, de polpa muito ácida, ger. branca, e us. na formação de vários híbridos
	<b>videira</b> <i>s.f.</i> 1.1 ANGIOS liana ( <i>Vitis vinifera</i> ) da fam. das vitáceas, <b>prov.</b> derivada de uma subespécie silvestre nativa do Mediterrâneo, de folhas alternas, munida de gavinhas, flores aromáticas esverdeadas e frutos bacáceos comestíveis, ricos em açúcar, que fermentados dão o vinho; apresenta inúmeras variedades e é amplamente cultivada
	<b>xampanã</b> <i>s.m.</i> (sXX) REL B designação tabu de um orixá, <b>prov.</b> de origem maí, cuja epifania são as doenças contagiosas, esp. a varíola; no Brasil, é conhecido pelos nomes de <i>Omolu</i> , forma em que é velho e trôpego, e <i>Abaluaiê</i> ou <i>Obaluaiê</i> , moço e vibrante
	<b>xarda</b> <i>s.f.</i> DNÇ MÚS 1 dança popular húngara, <b>prov.</b> de origem cigana, com abertura lenta e melancólica e um ápice vigoroso e veloz em sua parte principal 2 <i>p.met.</i> composição musical com as características desta dança f. geral não pref.: <i>czarda</i>
	<b>xote</b> <i>s.m.</i> DNÇ MÚS 1 dança de salão <b>prov.</b> de origem alemã, com passos semelhantes aos da polca, difundida na Europa e no Brasil (esp. no Nordeste), onde é executada ao som de sanfonas nos bailes populares

Tabela 7 de *Provavelmente*

### 6.1.2.9 *Supostamente*

Como já dissemos antes, *supostamente* evoca um outro enunciador e marca pelo dicionarista (o locutor, enunciador 1) um distanciamento e um questionamento da proposição que estabelecem um baixo grau de adesão. Nesse mesmo papel, estão outros advérbios (como *pretensamente*) e verbos como *acredita-se*, *supõe-se* e *considera-se*, como observamos nos exemplos a seguir:

**mau-olhado** *s.m.* 1 olhar a que se atribuem poderes de causar malefícios, infortúnios; afito, jetatura, olhado < pôr m. em alguém > 2 o suposto efeito de tal olhar; olhado < um m. fez a planta definhar > GRAM pl.: *maus-olhados* SIN/VAR ver sinonímia de *olhado*

**ovnionauta** *s.2g.* (sXX) suposto tripulante de óvni; ufonauta ETIM *óvni* + -o- + -nauta

**astral** *adj.2g.* (1836) 1 relativo a ou próprio dos astros; sideral *adj.2g.s.m.* ASTRL OCT 2 relativo a ou suposto plano intermediário entre o mundo físico e o espiritual *s.m.* 3 *B infm.* estado de espírito, disposição, humor, que se acredita sejam influenciados pelos astros < trata-se de pessoa de muito bom a. > 4 *B infm.* fase, circunstância ou situação, cujas características crê-se que estejam influenciadas, favorável ou desfavoravelmente, pelos astros < anda num a. de má sorte > 5 *B infm.* conjunto de características e fatores existentes

em um lugar, que **parecem** afetar pessoas ou animais <o a. *desta festa não está bom*>  
 ETIM lat. *astrális*, è 'relativo aos astros, às constelações' SIN/VAR como adj.: ástreo, sideral, sidéreo, sidérico PAR *austral*(adj.2g.)

Os trechos sublinhados mostram um discurso subjacente ao que descreve as potencialidades semânticas das palavras e que busca se distanciar dessas noções, o discurso de um enunciador descrente do conteúdo veiculado e que, por isso, precisa marcar uma posição distante (materializada em *atribuem-se*, *crê-se*, *parecem*, *suposto*). Entrelaçado no discurso específico de um domínio (o ocultismo, a astrologia, como marcado na rubrica da acepção 2 de *astral*) está o discurso do locutor que se afasta da mensagem, uma voz que vem atrelada a essa dominante e a ela se opõe. Nesse contexto, os verbetes são textos, que recuperam diferentes discursos e cujas acepções podem inserir-se em diferentes domínios discursivos, quase sempre marcados formalmente pelas rubricas.

Como verbete, *supostamente* consta apenas no DALP, com uma definição (“De maneira suposta; com suposição.”) que não revela o uso discursivo desse advérbio. Como ocorrências em verbetes, contabilizamos um número expressivo: 111 (39 DALP e 71 DHLP). Essas acepções modalizadas com baixa adesão do locutor (enunciador 1) resgatam um enunciador (o que supõe) a quem é creditada a responsabilidade pelo enunciado, da qual o locutor abre mão ao modalizar dessa forma. Esse recurso é muito corrente na imprensa, que, cada vez mais cautelosa ao emitir uma informação temendo a imprecisão da descrição, tem na modalização um forte aliado para dar a notícia e proteger a face discursiva.

Outros modalizadores indicam afastamento pela quase-asseveração, como *possivelmente* e *provavelmente*, que indicam graus diferentes de adesão, uma vez que o que é provável tem maior chance de se concretizar do que aquilo que é possível. Por meio do *supostamente*, o locutor enquadra a proposição no mundo das relativizações, das suspeitas e planta a dúvida para o consulente, um alerta sobre a informação ali expressa. Mesmo efeito gera *hipoteticamente*, que, assim como *supostamente*, restringe a proposição ao mundo das ideias, pois só ali existem as hipóteses e suposições.

Esse enunciador que emerge da suposição pode ser quem acredita no que está ali expresso, a sociedade como um todo, ou parte dela, um grupo específico às vezes indicado pela presença da rubrica. Nessa seção do *corpus*, constatamos grande quantidade de acepções rubricadas, o que aconteceu com *eventualmente*. No entanto, o fenômeno aqui observado é de natureza diferente porque há muitas ocorrências de modalização em verbetes ligados a áreas de conhecimento específicas, como veremos a seguir.

Apesar de algumas definições estarem sem a marca formal que as enquadra, foi possível, pela seleção lexical, inseri-lo em uma das categorias propostas. Entendendo que ocultismo engloba o que não está explicado pelas leis naturais e, por isso, lida com o sobrenatural<sup>46</sup>, classificamos assim toda acepção que mencionava feitiços, magias, espíritos e outros elementos sobrenaturais. As outras classificações foram

- **saber popular**, quando se trata de situações do cotidiano.
- **descrença**, quando *supostamente* está relacionado a teorias antigas ou desprestigiadas.

## a. Classificação das acepções não rubricadas

### a1. Saber popular

<b>D A L P</b>	1.	<b>antojo</b> <sup>1</sup> (ô) [Do esp. <i>antojo</i> .] Substantivo masculino. 3. Desejo extravagante que, <b>supostamente</b> , acomete as mulheres grávidas.
	2.	<b>aperitivo</b> [Do lat. <i>aperitivu</i> .] Substantivo masculino. 3. Aquilo que faz abrir o apetite. 4. P. ext. Bebida espirituosa (vermute, uísque, gim, etc.) ou coquetel ingerido antes das refeições, <b>supostamente</b> como aperitivo (3), e que se faz, em geral, acompanhar de tira-gosto.
	3.	<b>catuaba</b> [Do tupi = 'capaz', 'idôneo'.] Substantivo feminino. Bras. 4. Garrafada feita de catuaba (1 e 3), <b>supostamente</b> afrodisíaca.
	4.	<b>tônico</b> [Do gr. <i>tonikós</i> , 'relativo ao tom', 'marcador de tensão'.] Substantivo masculino. 4. Medicamento <b>supostamente</b> revigorante.

Tabela 1 de *Supostamente*

### a2. Descrença

<b>D A L P</b>	1.	<b>ariano</b> <sup>3</sup> [De <i>ária</i> <sup>2</sup> + <i>-ano</i> <sup>1</sup> .] Adjetivo. 3. Entre os teóricos do racismo alemão, dizia-se dos europeus de raça <b>supostamente</b> pura, descendentes dos árias.
	2.	<b>índio</b> <sup>2</sup> [Do top. <i>Índia</i> .] Adjetivo. 4. Indivíduo pertencente a qualquer um dos povos aborígenes das Américas: "Em 1500 estima-se que havia entre 5 milhões e 6 milhões de <b>índios</b> no Brasil. Atualmente a Funai calcula que a população indígena seja de 325,6 mil" ( <i>Folha de S.Paulo</i> , 18.04.1999). [Historicamente, designação genérica dada às populações que habitavam a América quando da chegada dos conquistadores europeus; atualmente, aplica-se a qualquer indivíduo que pertence a grupo étnico descendente ou <b>supostamente</b> descendente daquelas populações.]
	3.	<b>camita</b> [Do antr. <i>Cã</i> + <i>-ita</i> <sup>2</sup> .] Substantivo de dois gêneros. 1. Etnôn. Indivíduo dos camitas, populações do N. da África (etíopes, líbios, egípcios) <b>supostamente</b> descendentes de Cã, filho de Noé.
	4.	<b>justiceiro</b> [De <i>justiça</i> + <i>-eiro</i> .] Adjetivo. 4. Restr. Indivíduo que, por sua própria iniciativa ou por solicitação de outrem, e independentemente da lei ou dos poderes constituídos, <b>supostamente</b> repara um mal, esp. por meio de vingança.

<sup>46</sup> **ocultismo** *s.m.* (1899) **1** crença na ação ou influência dos poderes sobrenaturais ou supranormais **2** o estudo desses fenômenos; o conjunto das artes ou ciências ocultas, como a magia, o espiritismo, a astrologia etc. ETIM *oculto* + *-ismo* SIN/VAR ver sinonímia de *magia* (DHLP)

**ocultismo** [De *oculto* + *-ismo*.] Substantivo masculino. 1. Estudo e/ou prática de supostas artes divinatórias e de fenômenos que parecem não poder ser explicados pelas leis naturais, como, p. ex., a astrologia, a quiromancia, a magia, a telepatia e a levitação; ciências ocultas. 2. P. ext. As artes divinatórias ou ciências ocultas. [Cf. *esoterismo* e *hermetismo*.] (DALP)

	5.	<b>realismo</b> <sup>1</sup> [De <i>real</i> <sup>3</sup> + <i>-ismo</i> .] Substantivo masculino. Realismo socialista. Doutrina ou corrente, adotada oficialmente pelo Partido Comunista que governou a antiga União Soviética (v. <i>soviético</i> ), segundo a qual as artes devem participar na consolidação do regime comunista, retratando de modo <b>supostamente</b> realista as conquistas deste, e sem seguir tendências experimentais das artes modernas, consideradas burguesas e decadentes.
D H L P	6.	<b>atrabiliário</b> <i>adj.</i> (a1650) <i>adj.s.m.</i> 2 diz-se de ou indivíduo em que <b>supostamente</b> predomina a <i>atrabilis</i> ; melancólico
	7.	<b>cara-pálida</b> <i>s.2g.</i> (1981) 1 pessoa de pele branca, <b>supostamente</b> na designação dos índios norte-americanos [Designação popularizada nos livros e filmes de faroeste.]
	8.	<b>emergente</b> <i>adj.2g.</i> (sXV) ■ <i>adj.2g.s.2g.</i> 3 que ou o que se encontra <b>supostamente</b> no rumo do desenvolvimento < <i>países e.</i> >
	9.	<b>guerreiro</b> <i>adj.</i> (sXIII) ■ <i>s.m.</i> 8 RS cavalo sem dono reconhecido, que surge nas estâncias, <b>supostamente</b> desgarrado de forças em combate
	10.	<b>integralismo</b> <i>s.m.</i> (1933) ◆ <b>i. lusitano</b> movimento político português que visava criar uma mentalidade <b>supostamente</b> nova, católica, nacionalista, antiliberal e monárquica
	11.	<b>modernoso</b> \ò\ <i>adj.</i> (1984) <i>pej.</i> 1 <b>supostamente</b> moderno, porém de gosto duvidoso < <i>móveis m.</i> > < <i>decoração m.</i> > < <i>roupas m.</i> >

Tabela 2 de *Supostamente*

## a3. Ocultismo

D A L P	1.	<b>corpo</b> (ô) [Do lat. <i>corpus, oris</i> (neutro) > <i>corpos</i> > <i>corpo</i> .] Substantivo masculino. Fechar o corpo. Bras. 1. Torná-lo, <b>supostamente</b> , invulnerável a facadas, tiros e mordidas de cobra, mediante orações e feitiçarias: “Muitas são as benzedadeiras que tiram feitiços e fazem orações para <b>fechar o corpo</b> .” (Regina Lacerda, <i>Papa-Ceia</i> , p. 17.) 2. Ingerir bebida alcoólica a pretexto de isentar o corpo de qualquer doença.
	2.	<b>cruzar</b> [De <i>cruz</i> + <i>-ar</i> <sup>2</sup> .] Verbo transitivo direto. 9. Bras. Transmitir <b>supostamente</b> a (pessoa, objeto) forças mágico-espirituais de proteção e ajuda.
	3.	<b>curado</b> [Part. de <i>curar</i> .] Adjetivo. 4. Bras. <b>Supostamente</b> preservado do veneno das cobras, de facadas, tiros e outros males por meio de mezinhas ou sortilégios. ~ <i>V. sal</i> —.
	4.	<b>curador</b> <sup>2</sup> (ô) [De <i>curar</i> (10) + <i>-dor</i> .] Substantivo masculino. 1. Bras. Feiticeiro ou rezador que, <b>supostamente</b> , cura pessoas mordidas por ofídios venenosos, ou que, com sua arte, as torna respeitadas por esses animais.
	5.	<b>ectoplasma</b> [De <i>ecto-</i> + <i>-plasma</i> .] Substantivo masculino. 2. Na parapsicologia, substância <b>supostamente</b> visível que emana do corpo de certos médiuns.
	6.	<b>energia</b> [Do gr. <i>enérgeia</i> , pelo lat. <i>energia</i> .] Substantivo feminino. Energia vital. Força, ou poder, <b>supostamente</b> presente nos organismos vivos, esp. no ser humano.
	7.	<b>esoterismo</b> [Do fr. <i>ésotérisme</i> .] Substantivo masculino. 2. Designação que abrange um complexo conjunto de doutrinas práticas e ensinamentos de teor religioso e espiritualista, em que se confundem influências de religiões orientais e ciências ocultas, associadas a técnicas terapêuticas, e que, <b>supostamente</b> , mobilizam energias não integrantes da ciência e que visam a iniciar o indivíduo nos caminhos do autoconhecimento, da paz espiritual, da sabedoria, da saúde, da imortalidade, etc.
	8.	<b>figa</b> [Do lat. tard. <i>*fica</i> , ‘vulva’.] Substantivo feminino. 1. Amuleto em forma de mão fechada, com o polegar entre o indicador e o dedo médio, e us. <b>supostamente</b> como preservativo de malefícios, doenças, etc.: “Se uma moça da sociedade se recusa a colocar um raminho de arruda por detrás da orelha, para afugentar a má sorte, como faz uma rapariga do povo, porá com prazer uma <b>figa</b> na pulseira.” (Renato Almeida, <i>Inteligência do Folclore</i> , p. 43.)
	9.	<b>nação</b> Substantivo feminino. 7. Nas religiões afro-brasileiras, o conjunto daqueles que cultuam as divindades <b>suposta</b> ou originalmente associadas a determinada etnia africana, e que se definem como continuadores das práticas e tradições dessa



		etnia: <i>nação nagô; nação jeje.</i>
	10.	<b>possessão</b> [Do lat. <i>possessione.</i> ] Substantivo feminino. 2. Estado ou condição em que o corpo e/ou a mente de um indivíduo são <b>supostamente</b> possuídos ou dominados por uma entidade (um ser, força, ou divindade) que lhes é externa, ou que não se manifesta habitualmente nas atividades da vida diária. [A <b>possessão</b> , considerada como experiência de natureza psicológica e social, pode ser verificada individual ou coletivamente, e ter caráter inesperado, ou estar submetida a algum tipo de controle ritual; em diversas sociedades e culturas, figura como episódio ou experiência central da vida religiosa.] [Cf. <i>transe</i> (7).]
	11.	<b>sentido</b> [Part. de <i>sentir.</i> ] Adjetivo. Sexto sentido. Sentido ideal, <b>supostamente</b> capaz de perceber o que aos outros escapa; intuição: “O <u>sexto sentido</u> do romancista é o invento da surpresa.” (Camilo Castelo Branco, <i>O Que Fazem Mulheres</i> , p. 146.)
	12.	<b>transe</b> (ze) [Do fr. <i>transe</i> , ou dev. de <i>transir</i> , poss.] Substantivo masculino. 6. Psiq. Estado de alteração acentuada da consciência, da percepção e de outras faculdades mentais, ger. acompanhado de mudança de comportamento, sinais de inconsciência ou semi-inconsciência, perda ou modificação das sensações físicas, etc., e que pode ser causado ou induzido por diversos meios ou fatores, como drogas, traumas, estímulos psicológicos ou sensoriais, etc. 7. Restr. Episódio em que um indivíduo se encontra nesse estado, no qual <b>supostamente</b> entra em contato com forças ou entidades a ele exteriores, e que pode ou não ser atribuído à ação destas. [Cf., nesta acepç., <i>possessão</i> (2).] [Encontra-se tb. a f. <i>trance.</i> ]
D H L P	13.	<b>alto-astral</b> <i>adj.2g.s.2g.</i> (sXX) <i>B infrm. 1</i> que ou quem é simpático, agradável, interessante, estimulante ( <b>supostamente</b> por influência positiva astral) <é bom ter um amigo a.> <o novo professor é o maior a.> ■ <i>s.m. infrm. 2</i> acontecimento ou ocasião benfazeja ( <b>supostamente</b> por influência positiva astral); sucesso <o festival foi um a. completo>
	14.	<b>astroso</b> <i>l\ adj.</i> (sXIII) ant. 1 <b>supostamente</b> nascido sob má influência de um astro
	15.	<b>bola</b> <i>s.f.</i> (1305 • <b>b. de cristal 1</b> esfera de cristal ou vidro, us. <b>supostamente</b> para prever o futuro <b>2 p.metf.</b> capacidade de intuir o que vai suceder <esse tem b. de cristal>
	16.	<b>carranca</b> <i>s.f.</i> (1526) <b>4.1 MAR BA</b> cabeça de madeira esculpida na proa de embarcações do rio São Francisco, representando animal feroz, <b>supostamente</b> para afastar maus espíritos; cabeça de proa
	17.	<b>cigana</b> <i>s.f.</i> (1899) <b>2 p.ext.</b> mulher vestida com trajes ciganos ou semelhantes e que <b>supostamente</b> lê a sorte das pessoas
	18.	<b>condão</b> <i>s.m.</i> (1662) <b>1</b> atributo ou qualidade especial que <b>supostamente</b> induz uma influência, positiva ou negativa, eventualmente mágica, sobrenatural
	19.	<b>curado</b> <i>adj.</i> (sXIV) <b>7 B</b> <b>supostamente</b> imunizado a veneno, doença, facadas, tiros e outros males, graças a determinadas práticas realizadas por curandeiro, feiticeiro
	20.	<b>divinatório</b> <i>adj.</i> (1642) <b>2</b> que <b>supostamente</b> tem capacidade de adivinhar
	21.	<b>encantatório</b> <i>adj.</i> (c1960) <b>2</b> que tem virtudes <b>supostamente</b> mágicas ou ligadas a encantamentos <a vara de condão é o atributo e. das fadas e bruxas>
	22.	<b>encanto</b> <i>s.m.</i> (1713) <b>3</b> palavra, frase ou qualquer outro recurso que <b>supostamente</b> possui poderes mágicos de enfeitiçar; encantamento <lançar um e. sobre uma aldeia>
	23.	<b>estrela</b> <i>lê\ s.f.</i> (sXIII) <b>3 fig.</b> influência (positiva ou negativa) que <b>supostamente</b> um corpo celeste pode ter sobre o destino de alguém; sorte, destino <nascer sob uma boa ou má e.>
	24.	<b>faquirismo</b> <i>s.m.</i> <b>2</b> o conjunto dos fenômenos <b>supostamente</b> sobrenaturais que são atribuídos ao poder de um faquir
	25.	<b>magia</b> <i>s.f.</i> (1692) <b>1</b> arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio oculto <b>supostamente</b> presente na natureza, seja por meio de fórmulas rituais ou de ações simbólicas
	26.	<b>médium</b> <i>s.2g.</i> (1881) <b>2 p.ext.</b> pessoa detentora de dons que <b>supostamente</b> lhe permitem conhecer coisas, dados, ocorrências etc. por meios sobrenaturais
27.	<b>moira</b> <i>s.f.</i> personalização da fatalidade a que <b>supostamente</b> estão sujeitas todas	

		as pessoas e todas as coisas do mundo <sup>☞</sup> inicial por vezes maiúsc.
28.		<b>pitonisa</b> s.f. (1858) <b>1</b> na Grécia antiga, sacerdotisa do deus Apolo <b>2</b> na Antiguidade, mulher que possuía o dom da profecia <b>2.1</b> <i>fig.</i> mulher que <b>supostamente</b> consegue prever o futuro; profetisa
29.		<b>profeta</b> s.m. (sXIII) <b>2</b> pessoa que, <b>supostamente</b> , prediz o futuro; vidente, adivinho <na Antiguidade, muitos exerciam o ofício de p.>
30.		<b>sentido</b> adj. (sXIII) • <b>sexto s.</b> sentido ideal, <b>supostamente</b> apto a perceber o que não é evidente e que aos outros escapa; intuição
31.		<b>sina</b> s.f. (sXIII) <b>2</b> <i>infrm.</i> fatalidade a que <b>supostamente</b> tudo no mundo está sujeito; destino, sorte, fado
32.		<b>súcubo</b> adj. (1690) ■ <i>adj.s.m.</i> <b>3</b> diz-se de ou demônio que <b>supostamente</b> toma a forma de mulher e vem perturbar o sono dos homens mantendo com eles conjugação carnal
33.		<sup>2</sup> <b>tabu</b> s.m. (sXX) <b>1</b> instituição religiosa que, atribuindo carácter sagrado a determinados seres, objetos ou lugares, proíbe qualquer contato com eles [A violação desse interdito acarreta, <b>supostamente</b> , castigo divino, que pode recair sobre o culpado ou sobre seu grupo.]
34.		<b>tanglomanglo</b> s.m. (1881) <i>B</i> <b>1</b> doença que <b>supostamente</b> se origina de feitiço, coisa-feita, trama, magia
35.		<b>trasgo</b> s.m. (1696-1707) <b>1</b> demônio caseiro que <b>supostamente</b> derruba objetos, móveis, louças, vidros, faz ruídos e outras diabruras; duende, fradinho da mão furada

Tabela 3 de *Supostamente*

## b Agrupamento dos verbetes pela rubrica

Seguiremos aqui a fielmente a classificação dos verbetes, sem avaliar se a rubrica é ou não apropriada.

### b1 Ciências humanas, exatas e médicas

#### b1.1 Antropologia

<b>D A L P</b>	1.	<b>raça</b> <sup>1</sup> [Do it. <i>razza</i> .] Substantivo feminino. 2. Restr. Antrop. Cada uma das grandes subdivisões da espécie humana, e que <b>supostamente</b> constitui uma unidade relativamente separada e distinta, com características biológicas e organização genética próprias. [Diversos autores, seguindo critérios distintos de classificação, propuseram diferentes classificações da humanidade em termos raciais. A mais básica e difundida é a das três grandes subdivisões: caucasoide (raça “branca”), negroide (raça “negra”) e mongoloide (raça “amarela”). Como conceito antropológico, sofreu numerosas e fortes críticas, pois a diversidade genética da humanidade parece apresentar-se num contínuo, e não com uma distribuição em grupos isoláveis, e as explicações que recorrem à noção de raça não respondem satisfatoriamente às questões colocadas pelas variações culturais.]
	2.	<b>primitivo</b> [Do lat. <i>primitivu</i> .] Adjetivo. 7. Antrop. Obsol. Relativo aos povos não letrados, que vivem em sociedades ger. caracterizadas como de escala menor, organização social menos complexa e nível tecnológico menos desenvolvido do que as sociedades ditas civilizadas, e vistos pelo evolucionismo social (q. v.) como representantes de um estado social e mental <b>supostamente</b> mais próximo da condição original, natural, da humanidade, ou dela sobreviventes.
	3.	<b>natureza</b> (ê) [De <i>natura</i> + <i>-eza</i> .] Substantivo feminino. Natureza humana. 1. Antrop. O conjunto das características físicas e orgânicas, mentais, psicológicas, afetivas, etc., que, nos seres humanos, são <b>supostamente</b> comuns a toda a espécie e invariáveis, isto é, independentes da influência das sociedades ou culturas específicas em que os

		indivíduos nascem e se desenvolvem. 2. Filos. O conjunto das qualidades percebidas como idênticas, imutáveis e comuns a todos os seres humanos, e que seria suficiente para caracterizá-los como tais.
	4.	<b>fratria</b> [Do gr. <i>phratría</i> , 'confraria'.] Substantivo feminino. 2. Antrop. Conglomerado de grupos de descendência (v. <i>grupo de descendência</i> ) de tipo unilinear, <b>supostamente</b> ligados por um antepassado comum (ger. invocado mítica ou cerimonialmente).

Tabela 4 de *Supostamente*

### b1.2 Astronomia

<b>D H L P</b>	1.	<b>paralaxe</b> \cs\ s.f. (1676) • <b>p. trigonométrica</b> ASTR paralaxe anual fixada por comparação astrométrica, num pequeno campo estelar, das posições sucessivas de astros <b>supostamente</b> situados a distâncias muito maiores
----------------------------	----	--

Tabela 5 de *Supostamente*

### b1.3 Cosmologia

<b>D A L P</b>	1.	<b>teoria</b> [Do gr. <i>theoría</i> , 'ação de contemplar, examinar'; 'estudo'; 'deputação solene que as cidades gregas mandavam às festas dos deuses'; 'festa solene', 'pompa', 'procissão', pelo lat. tard. <i>theoria</i> , mas conforme a prosódia grega.] Substantivo feminino. Teoria de acumulação. Cosm. Teoria segundo a qual os planetesimais <b>supostamente</b> colidem entre si, unem-se e, eventualmente, arrebatam matéria suficiente para formarem os planetas.
<b>D H L P</b>	2.	<b>teoria</b> s.f. (1789) ♦ <b>t. da acumulação</b> COSM teoria segundo a qual os planetesimais <b>supostamente</b> colidem entre si, unindo-se e arrebatando eventualmente matéria bastante para formar os planetas

Tabela 6 de *Supostamente*

### b1.4 Etnografia

<b>D A L P</b>	1.	<b>encantado</b> [Part. de <i>encantar</i> .] Adjetivo. 5. Bras. Etnogr. Qualquer dos seres <b>supostamente</b> animados de poderes sobrenaturais que, na crença de indígenas e caboclos [v. <i>caboclo</i> <sup>1</sup> (1)] brasileiros, habitam a Terra ou o céu.
<b>D H L P</b>	2.	<b>beberagem</b> s.f. (1377) 3 ETN B preparação caseira, ou elaborada por um curandeiro, <b>supostamente</b> medicinal; garrafada
	3.	<b>bradador</b> \ô\ adj.s.m. (sXIII) 2 ETN SP SC diz-se de ou ser imaginário que <b>supostamente</b> solta gritos aterrorizantes à noite; barulheiro, berrador, bicho-barulhento
	4.	<b>caamanha</b> s.f. ETN B ser imaginário da mitologia ameríndia, de características obscuras, que <b>supostamente</b> vive na mata e de que se diz ser o curupira
	5.	<b>caruara</b> s.f. (1587) ❖ s.2g. ETN AMAZ 6 ente sobrenatural, invisível, que <b>supostamente</b> ataca mulheres menstruadas a flechadas, provocando uma espécie de reumatismo nas vítimas
	6.	<b>cavalo-d'água</b> s.m. ETN B ente fantástico que vive <b>supostamente</b> no rio São Francisco, perseguindo embarcações; cavalo do rio
	7.	<b>gritador</b> \ô\ adj.s.m. (1562) 3 ETN BA diz-se de ou ser mítico, espécie de assombração que, <b>supostamente</b> , grita no meio do mato, ger. à noite, e que seria a alma de um vaqueiro que saiu a campear na Sexta-Feira da Paixão

	8.	<b>minhocão</b> <i>s.m.</i> <b>3</b> ETN <i>B N.E. MG</i> ser fantástico que <b>supostamente</b> vive no rio São Francisco, com a forma de serpente gigantesca, ou, às vezes, de peixe, ou de metade peixe, metade serpente, ou ainda de um enorme pássaro branco com pescoço muito comprido, que assusta os pescadores e navegantes, virando os barcos; pode tb. mover-se por baixo da terra, como uma minhoca, e fazer desmoronar os barrancos, casas e roças; minhocaçu, minhocuçu
	9.	<b>signo</b> <i>s.m.</i> (1260) • <b>s. de salomão 1</b> REL m.q. <i>ESTRELA DE DAVI 2</i> <i>p.ext.</i> ETN amuleto em forma dessa estrela de cinco pontas, feito ger. de osso ou metal, us. para proteger <b>supostamente</b> das forças do Mal ou da magia [sin.: samão, sanselimão, signo-saimão, signo-salmão, signo-salomão, sino-saimão, sino-salmão, sino-salomão]

Tabela 7 de *Supostamente*

### b1.5 Filosofia

D H L P	1.	<b>certeza</b> <i>s.f.</i> (sXV) <b>6</b> FIL convicção intelectual que, considerando superada a dúvida característica do questionamento filosófico, sustenta uma verdade <b>supostamente</b> irrefutável e evidente (como ocorre, p.ex., no <i>cogito</i> cartesiano)
	2.	<b>chacra</b> <i>s.m.</i> FIL REL em certas formas de <i>hinduísmo</i> e no <i>budismo</i> , cada um dos centros de acumulação de energia espiritual distribuídos pelo corpo; xacra [Os chacras principais, situados ao longo do eixo vertical que perpassa o centro do corpo, são em número de sete para a <i>ioga</i> e o <i>tantrismo</i> , e quatro para o <i>budismo</i> ; são <b>supostamente</b> ativados através de meditação, <i>ássanas</i> , recitação de <i>mantras</i> etc.]

Tabela 8 de *Supostamente*

### b1.6 Folclore

D A L P	1.	<b>carranca</b> [De <i>cara</i> , poss.] Substantivo feminino. 5. Folcl. Busto, emblema ou florão que se colocava na proa de navios à vela, por baixo do gurupés, para ornamentação e, <b>supostamente</b> , para afastar os maus espíritos; cara de pau, figura de proa, leão de barca.
------------------	----	--

Tabela 9 de *Supostamente*

### b1.7 Geofísica

D A L P	1.	<b>nife</b> [De <i>ní(quel)</i> + <i>fe(rro)</i> .] Substantivo masculino. 1. Geofís. Núcleo central da Terra, <b>supostamente</b> constituído de ferro e níquel; núcleo central, barisfera, centrosfera. [Cf. <i>metalosfera</i> .]
------------------	----	--

Tabela 10 de *Supostamente*

### b1.8 História da Medicina

D A L P	1.	<b>pó</b> <sup>1</sup> [Do lat. <i>pulvis</i> > lat. vulg. <i>*pulvus</i> > lat. vulg. <i>*pulu</i> > <i>poo</i> .] Substantivo masculino. Pó de múmia. Hist. Med. Pó <b>supostamente</b> resultante de moagem de múmia, e tido como dotado de propriedades terapêuticas, encontrado principalmente nas boticas da Idade Média.
D H L P	2.	<b>desopilar</b> <i>v.</i> (1563) <b>1</b> <i>t.d.</i> HIST.MED desobstruir (esp. o fígado, para deixar fluir o excesso de bile negra, que <b>supostamente</b> causava mau humor e doenças como a melancolia)
	3.	<b>fleuma</b> <i>s.f.</i> (sXV) <b>1</b> HIST.MED na medicina antiga, humor corporal <b>supostamente</b> causador de indolência e apatia
	4.	<b>histeria</b> <i>s.f.</i> (1840) <b>1</b> HIST.MED doença nervosa que, <b>supostamente</b> , se originava no útero, caracterizada por convulsões
	5.	<b>mitridato</b> <i>s.m.</i> (a1716) HIST.MED mistura, muito us. na Antiguidade, composta por

		54 ingredientes, entre vinho e drogas, que <b>supostamente</b> prevenia e curava diversas doenças, além de proteger contra envenenamentos
--	--	---

Tabela 11 de *Supostamente*

### b1.9 Literatura, Estudos da Linguagem

D H L P	1.	<b>heroíde</b> \óí\ s.f. (1836) LIT carta elegíaca escrita como se do punho de um herói ou de personagem notável; heroídia [Figuram entre as primeiras obras do poeta Ovídio (43 a.C.-18 d.C.) as <i>Heriodes</i> , cartas constituídas por versos amorosos <b>supostamente</b> escritos por heroínas a seus amantes ou maridos.]
D A L P	2.	<b>plural</b> [Do lat. <i>plurale</i> .] Adjetivo de dois gêneros. Plural de modéstia. E. Ling. Emprego do pron. pess. <i>nós</i> , em lugar do <i>eu</i> , com o qual alguém, modestamente, procura diminuir a sua participação em ato ou obra dignos, ou <b>supostamente</b> dignos, de louvor; plural majestático.

Tabela 12 de *supostamente*

### b1.10 Medicina

D A L P	1.	<b>toque</b> <sup>1</sup> [Dev. de <i>tocar</i> .] Toque de Asuero. Med. Excitação de gânglio nervoso existente na parte posterior de cada uma das cavidades nasais, visando a despertar reflexos que <b>supostamente</b> curariam diversas enfermidades; asueroterapia.
D H L P	2.	<b>asueroterapia</b> \ss\ s.f. (c1930) MED processo terapêutico que consiste na cauterização do gânglio esfenopalatino combinada com a sugestão, método que ( <b>supostamente</b> ) curaria diversos males (nevralgias, asma, psicose, afecções com sintomas dolorosos etc.); toque de Asuero
	3.	<b>causalgia</b> s.f. (a1958) MED dor forte com sensação de queimadura nas mãos ou pés, causada por ferimento em um nervo periférico ou <b>supostamente</b> de origem psíquica ☉ ETIM rad. <i>caus-</i> (do gr. <i>kaûsis, eós</i> 'ação de queimar, queimadura') + <i>-algia</i>

Tabela 13 de *Supostamente*

### b1.11 Microbiologia

D A L P	1.	<b>príon</b> [Do ingl. <i>prion</i> , comb. das iniciais de <i>pro(teinaceous) in(fectious particle)</i> , t. cunhado em 1982 por Stanley B. Pruziner, cientista norte-americano.] Substantivo masculino. 1. Microbiol. Agente infeccioso não vivo, formado por uma molécula proteica autorreplicável e, <b>supostamente</b> , sem ácido nucleico, e que se presume seja forma modificada da proteína pr-P. [Poder-se-ia transmitir, p. ex., mediante transplante de órgão, como, p. ex., córnea, e pela ingestão de carne animal contaminada (gado bovino, ovino, etc.), difundindo-se pelos neurônios e forçando proteínas normais a assumirem a forma dele. Originariam algumas doenças tidas como causadas por vírus de ação lenta (q. v.), como, p. ex., encefalopatias espongiiformes (v. <i>encefalopatia espongiiforme</i> ).]
------------------	----	--

Tabela 14 de *Supostamente*

### b1.12 Mineralogia

D H L P	1.	<b>aetita</b> s.f. MINER nódulo de óxido de ferro, <b>supostamente</b> encontrado em ninhos de água e dotado de propriedades mágicas e medicinais; pedra de água, pedrachocalheira
------------------	----	--

Tabela 15 de *Supostamente*

### b1.13 Mitologia

D H L	1.	<b>fênix</b> s.f.2n. (sXIV) 1 MIT ave fabulosa, única da espécie, que, após viver 300 anos, <b>supostamente</b> , se deixava arder em um braseiro para, em seguida, renascer das
-------------	----	--

<b>P</b>		próprias cinzas
----------	--	-----------------

Tabela 16 de *Supostamente***b1.14 Patologia**

<b>D A L P</b>	1.	<b>carcinoidose</b> [De <i>carcinoide</i> + <i>-ose</i> <sup>1</sup> .] Substantivo feminino. 1. Patol. Complexo de sintomas paroxísticos (vasodilatação cutânea, asma brônquica), ou permanentes (diarreia, lesões de válvulas cardíacas, acne rosáceo), que se devem, <b>supostamente</b> , a grande secreção, por carcinoide e suas metástases, de serotonina e de calcitreína.
----------------------------	----	--

Tabela 17 de *Supostamente***b1.15 Psicologia**

<b>D H L P</b>	1.	<b>ato</b> s.m. (sXIV) • a. falho ou falhado PSIC aparecimento, na linguagem falada ou escrita, de termos inapropriados que <b>supostamente</b> remetem para conteúdos ou desejos recalcados referentes ao objeto, à pessoa ou ao fato em questão
----------------------------	----	---

Tabela 18 de *Supostamente***b1.16 Química**

<b>D H L P</b>	1.	<b>nebulium</b> \nebulium\ [lat.] s.m. QUÍM elemento químico <b>supostamente</b> considerado existente nas nebulosas [Em fase posterior, já baseada em observações espectroscópicas, foi identificado como o oxigênio duplamente ionizado.]
----------------------------	----	---

Tabela 19 de *Supostamente***b1.17 Sociologia**

<b>D H L P</b>	1.	<b>carisma</b> s.m. (sXV) 2 SOC autoridade, fascinação irresistível exercida sobre um grupo de pessoas, <b>supostamente</b> proveniente de poderes sobrenaturais
----------------------------	----	--

Tabela 20 de *Supostamente***b2 Religião e ocultismo****b2.1 Espiritismo**

<b>D A L P</b>	1.	<b>encarnar</b> [Do lat. <i>incarnare</i> .] Verbo transitivo indireto. 7. Espir. <b>Supostamente</b> , incorporar-se uma entidade (4), seu psiquismo, sua gestualidade, seu espírito, etc. em (indivíduo em transe mediúnico); encarnar-se.
----------------------------	----	--

Tabela 21 de *Supostamente***b2.2 Ocultismo**

<b>D A L P</b>	1.	<b>elementais</b> [Do fr. <i>élémentals</i> ou <i>élémentaux</i> .] Substantivo masculino plural. 1. Ocult. Espíritos que <b>supostamente</b> habitam os quatro elementos (q. v.), e que podem exercer influência (boa ou má) sobre os seres vivos. ~ V. <i>elemental</i> .
	2.	<b>adivinhadeiro</b> s.m. (sXV) OCT pessoa que <b>supostamente</b> tem poder de fazer adivinhações; adivinho, profeta
	3.	<b>adivinhador</b> \d\ <i>adj.s.m.</i> (sXIV) OCT que ou o que <b>supostamente</b> tem poderes adivinatórios; adivinhante
<b>D</b>	4.	<b>adivinho</b> <i>adj.s.m.</i> (sXIII) OCT 1 que ou quem <b>supostamente</b> tem faculdades

H L P		divinatórias, desvendando o que está oculto ou predizendo o futuro; adivinhador
	5.	<b>apotropismo</b> <i>s.m.</i> <b>1</b> OCT ritual mágico ou fórmula encantatória com que <b>supostamente</b> se previne ou afasta o mal, as más influências etc.
	6.	<b>buena-dicha</b> <i>s.f.</i> (1778) OCT sorte fausta ou infausta de um indivíduo, <b>supostamente</b> inferida por algum meio ocultista (p.ex., pelas linhas da mão); sina, fortuna
	7.	<b>ciência</b> <i>s.f.</i> (1370) • <b>c. ocultas</b> OCT conhecimentos relativos a fatos que escapam a explicações objetivas e cuja prática é confiada a pessoas <b>supostamente</b> iniciadas (alquimia, magia, quiromancia etc.); ocultismo
	8.	<b>cruzar</b> <i>v.</i> (sXIII) <b>9</b> <i>t.d.</i> OCT <i>B</i> transmitir a (alguém ou algo) forças de proteção e ajuda <b>supostamente</b> mágicas ou espirituais < <i>c. um amuleto</i> >
	9.	<b>hariolo</b> <i>s.m.</i> (1836) OCT pessoa que <b>supostamente</b> tem o dom de adivinhar (o que estaria por acontecer)
	10.	<b>tarô</b> <i>s.m.</i> OCT <b>1</b> conjunto de 78 cartas de baralho (tb. ditas <i>lâminas</i> ) ilustradas por figuras simbólicas e us. para <b>supostamente</b> predizer o futuro e conhecer o que, no passado ou no presente, se encontra velado [O baralho é constituído de 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores.]

Tabela 22 de *Supostamente*

### b2.3 Parapsicologia

D H L P	1.	<b>telecinesia</b> <i>s.f.</i> PARAP movimento de objetos a distância, sem intervenção direta ou contato físico de alguém e <b>supostamente</b> devido a poder paranormal
------------------	----	---

Tabela 23 de *Supostamente*

### b2.4 Religião

D A L P	1.	<b>limbo</b> [Do lat. <i>limbu</i> , 'orla'.] Substantivo masculino. 6. Rel. Desus. Na Igreja Católica, lugar para onde <b>supostamente</b> ia a alma de uma criança que morria sem ser batizada.
D H L P	2.	<b>caboclo</b> \d\ <i>s.m.</i> (1645) <i>B 10</i> REL nas religiões ou seitas afro-brasileiras, design. genérica dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros que <b>supostamente</b> surgem nas cerimônias rituais e que foram idealizados, já no sXX, segundo os modelos de orixás da teogonia jeje-nagô e do Indianismo literário da fase romântica
	3.	<b>cambiá</b> <i>s.m.</i> (1980) <i>B 1</i> REL na cabula, panela us. para feitiços; <b>cambá 2</b> ETN REL amuleto que se usa enterrar junto a uma entrada ou esconder atrás de uma porta, para <b>supostamente</b> proteger a casa e os seus moradores e usuários; <b>cambá</b>
	4.	<b>corpo</b> \d\ <i>s.m.</i> (1082) • <b>c. fechado</b> REL <i>B</i> corpo <b>supostamente</b> invulnerável a perigos ou males (físicos ou espirituais)
	5.	<b>egum</b> <i>s.m.</i> REL <i>B 1</i> qualquer das almas de mortos que <b>supostamente</b> aparecem no candomblé de Egungum, a eles votado, na ilha de Itaparica BA
	6.	<b>fundamento</b> <i>s.m.</i> (sXIII) ☐ <b>fundamentos</b> <i>s.m.pl.</i> REL <i>B 3</i> grupo de objetos sobre os quais a força divina dos orixás e de outras divindades do panteão afro-brasileiro é <b>supostamente</b> assentada, e que ficam enterrados no centro ou em outro lugar especial do local de culto, constituindo suas fundações místicas
	7.	<b>macumba</b> <i>s.f.</i> (sXX) <b>5</b> <i>freq.</i> REL <i>B</i> designação leiga desses cultos quando <b>supostamente</b> praticam a magia negra

	8.	<b>orucó</b> <i>s.m.</i> REL B 1 nome com que <b>supostamente</b> o orixá de cada iaô se autodenomina [A iaô grita esse nome em transe, ao sair da camarinha para dançar em público, numa cerimônia que faz parte do rito de iniciação do candomblé e de outras seitas afins.]
--	----	--

Tabela 24 de *Supostamente*

### b3 Outras áreas de conhecimento

#### b3.1 Editoração

D A L P	1.	<b>edição</b> [Do lat. <i>editione</i> .] Substantivo feminino. Edição abreviada. Edit. Aquela cujo texto foi parcialmente suprimido, ou resumido em trechos ou passagens <b>supostamente</b> não essenciais à sua compreensão.
------------------	----	---

Tabela 25 de *Supostamente*

#### b3.1 Futebol

D H L P	1.	<b>triangulação</b> <i>s.f.</i> (1881) 4 FUTB lance em que os jogadores se movimentam formando linhas <b>supostamente</b> triangulares
------------------	----	--

Tabela 26 de *Supostamente*

#### b3.1 Higiene

D A L P	1.	<b>miasma</b> [Do gr. <i>miasma</i> .] Substantivo masculino. 1. Hig. Obsol. Emissão mefítica do solo, <b>supostamente</b> nociva, tida como causa de várias doenças endêmicas, como, p. ex., em certos locais, a malária, até que se viesse a conhecer a verdadeira etiologia destas.
------------------	----	--

Tabela 27 de *Supostamente*

#### b3.1 Propaganda

D A L P	1.	<b>testemunhal</b> [Do lat. tard. <i>testimoniale</i> .] Adjetivo de dois gêneros. 3. Prop. Diz-se de campanha ou anúncio que utiliza depoimento favorável de alguém que, <b>supostamente</b> , conhece e/ou experimentou produto ou serviço anunciado.
------------------	----	---

Tabela 28 de *Supostamente*

Diante dos dados e do agrupamento temático, é possível observar que há ocorrências pontuais em várias áreas, que não chegam, por isso, a estabelecer um padrão, como aconteceu com todas estas, de apenas 1 ocorrência: Astronomia, Editoração, Folclore, Futebol, Geofísica, Higiene, Microbiologia, Literatura, Estudos da Linguagem, Medicina, Microbiologia, Mitologia, Parapsicologia, Patologia, Propaganda, Psicologia, Química e Sociologia. Também apresentaram poucas ocorrências Cosmologia (2), Filosofia (2), História da Medicina (5), Medicina (3).

Destacaram-se Religião (9) e Ocultismo (10). Das ocorrências de religião apenas uma – *limbo* – refere-se à religião católica, as outras referem-se a religiões pagãs, a maioria de origem africana. Nesse momento, é importante observarmos o lugar que o cristianismo ocupa,



arriscando que ser cristão é uma característica que compõe o *ethos* do dicionarista. Para observar pontualmente como isso se manifesta com relação à religião católica, destacamos nas duas obras outros três verbetes que se opõem paradigmaticamente a *limbo*: *céu*, *inferno* e *purgatório*, distribuídos a seguir em pares.

**céu** [Do lat. *caelu.*] Substantivo masculino. **1.** Espaço ilimitado e indefinido onde se movem os astros. **2.** O espaço acima de nossas cabeças, limitado pelo horizonte; firmamento. **3.** V. *atmosfera* (3). **4.** A parte superior de uma armação; dossel, sobrecéu. **5.** Região para onde, segundo as crenças religiosas, vão as almas dos justos. **6.** Qualquer lugar onde se possa ser feliz; paraíso. **7.** Fig. A Providência; Deus. [Ger. com cap., acepçs. 5 e 7.] [...] [DALP]

**céu** *s.m.* (sXIII) **1** espaço onde se localizam e se movem os astros **2** parte desse espaço, visível pelo homem e limitada pelo horizonte; firmamento, abóbada celeste **3** m.q. *atmosfera* ('tempo') **4** parte superior e côncava de armação; dossel, sobrecéu **5** REL local onde habitam Deus, os anjos, os bem-aventurados e as almas dos justos **6** *p.ext.* local ou situação em que reina a felicidade, a harmonia, o completo bem-estar; paraíso **7** providência divina; deuses, Deus (tb. us. no pl.) <que os c. nos protejam> [...] [DHLP]

**inferno** [Do lat. cristão *infernu.*] Substantivo masculino. **1.** Mit. Lugar subterrâneo, onde estão as almas dos mortos. **2.** Rel. Segundo o cristianismo, lugar ou situação pessoal em que se encontram os que morreram em estado de pecado, expressão simbólica de reprovação divina e privação definitiva da comunhão com Deus: "Eis o estertor da morte, / Eis o martírio eterno, / Eis o ranger de dentes, / Eis o penar do inferno!" (Junqueira Freire, *Obras Póstumas*, II, p. 80.) [Ger. com cap., nessas acepçs.] **3.** Bibliol. Parte de uma biblioteca onde se segregam os livros licenciosos. **4.** Fig. Tormento, martírio: *Sua vida é um inferno; Aquilo é um inferno: mal se pode respirar, de tanto calor.* **5.** Grande desordem; confusão, balbúrdia, inferneira. **6.** Vazadouro de água que passa pelo monjolo. [...] [DALP]

**inferno** *s.m.* (sXIII) **1** MIT local subterrâneo habitado pelos mortos (tb. us. no pl.) **2** REL para os cristãos, lugar em que as almas pecadoras se encontram após a morte, submetidas a penas eternas **3** *fig.* extremo sofrimento infligido por certas circunstâncias, sentimentos ou pessoa(s); martírio, tormento <*sua casa tornou-se um i.*> **4** *fig.* grande confusão; completa desordem; balbúrdia, inferneira **5** BIBL local de acesso restrito em biblioteca, onde estão encerradas obras de caráter licencioso **6** local onde caem resíduos líquidos de fabricação ou água que moveu alguma instalação; vazadouro [...] [DHLP]

**purgatório** [Do lat. *purgatoriu.*] Adjetivo. **1.** V. *purgante* (1) **2.** V. *purificatório* (2). Substantivo masculino. **3.** Teol. Lugar de purificação das almas dos justos antes de admitidas na bem-aventurança. **4.** P. ext. Qualquer lugar onde se sofre por algum tempo. **5.** Expição, padecimento, sofrimento. [DALP]

**purgatório** [...] *s.m.* **2** TEOL lugar onde as almas dos que cometeram pecados leves acabam de purgar suas faltas, antes de ir para o paraíso **3** *fig.* qualquer lugar onde se sofre **4** *p.ext.* sofrimento para purificação de crimes ou faltas cometidas; expiação [...] [DHLP]

A modalização que ocorre nesse grupo de verbetes é de delimitação, por meio de fórmulas como “segundo as crenças religiosas”, “segundo o cristianismo” e “para os cristãos”, usadas nos verbetes *inferno* (DHLP e DALP) e *céu* (só no DALP). Diferentemente do *supostamente*, que recobre de dúvida a proposição, a delimitação num domínio discursivo, que pode ser feita também pelas rubricas (apenas *céu* no DALP não tem), tem dupla função discursiva: delimitação da proposição no domínio discursivo religioso e afastamento do locutor, pois restringe a crença a essa esfera e não a incorpora ao seu discurso. No verbe *purgatório* das duas obras não há modalização, nem de delimitação no enunciado, apenas na

rubrica, o que mostra, ainda que não seja compromisso com o enunciado, pelo menos a inutilidade de questionar sua veracidade ou se afastar dela formalmente. Em outras palavras, se em *egum* (DHLP), questiona-se, pelo *supostamente*, se as almas dos mortos aparecem no candomblé, em nenhuma das duas obras o locutor questiona se as almas dos pecadores ou dos justos realmente habitam o inferno e o céu.

Retornando às ocorrências de *supostamente*, notamos que o que muitas vezes está rubricado como Ocultismo faz interseção com algumas palavras rubricadas como religião, especialmente pela seleção lexical que inclui *feitiço*, *magia*, *alma*. Se agregarmos as acepções sem rubricas (35) às marcadas, teremos um total de 45 modalizações com *supostamente*, um número representativo num grupo de 112 ocorrências. Se agregarmos os de religião, somarão 54, quase 50%. Com isso identificamos que verbetes relacionados aos cultos de origem africana e ao ocultismo integram uma área de conhecimento para a qual a proteção de face é maior, dada a menor adesão – ou mesmo o questionamento – do dicionarista.

#### 6.1.2.10 *Suposto*

*Suposto*, como verbete, está registrado nas duas obras. Em destaque estão as acepções potencialmente modalizadoras, que têm algo em comum: admitir como hipótese ou como falsidade implica transferir para o mundo das ideias e retirar da esfera do real qualquer termo a que *suposto* se refira.

**suposto** (ô) [Do lat. *suppostu.*] Adjetivo. 1. Hipotético, fictício. 2. Supositício (1)<sup>47</sup>. 3. Bras. N.E. Diz-se do dente postiço: “enquanto chorava o abandono, o riso morto na boca de dentes supostos, os olhos constantemente vermelhos, .... os cabelos sem pente permaneciam numa rebeldia feroz” (Milton Dias, *As Cunhãs*, pp. 54-55). Substantivo masculino. 4. Aquilo que subsiste por si; substância. 5. Coisa suposta. Advérbio. 6. Ainda que; embora; suposto que: “a dureza de certo o não vira, suposto voltasse para ele muitas vezes, .... a face” (*Livro Negro de Padre Dinis*, p. 215). Suposto que. 1. Na suposição ou hipótese de que; dado o caso que; dado que; admitido que. 2. Suposto (6). [DALP]

**suposto** \ô\ *adj.* (sXV) 1 admitido por hipótese; dado ou apresentado hipoteticamente; conjecturado <juizado por s. delitos> 2 falsamente atribuído a (alguém); supositício 3 fictício, falso <um s. testamento> 4 B N.E. postiço (diz-se de dente) s.m. 5 FIL o que subsiste por si; substância 6 a coisa suposta ou conjecturada; hipótese, suposição *conj.concs. ant.* 7 m.q. **suposto que** ('ainda que') s. **que** 1 na suposição ou hipótese de que; admitido que; dado o caso que 2 ainda que, posto que, embora, apesar de, mesmo que GRAM pl.: *supostos* \ó\ ETIM lat. *suppositus,a,um* 'posto

<sup>47</sup> **supositício** [Do lat. *suppositiciu.*] Adjetivo. 1. Atribuído falsamente a alguém; suposto. 2. Fingido, falso. [Sin. ger.: *supositivo.*] [DALP]

debaixo, que está abaixo' SIN/VAR como s.m.: ver sinonímia de *conjectura* ANT real, verdadeiro [DHLP]

O número de ocorrências (155) não é equilibrado entre as obras, o DHLP (96) possui quase 50% a mais de ocorrências que o DALP (59). Desse total 74 (18 no DALP e 56 no DHLP) têm rubricas, distribuídas conforme as tabelas a seguir. Não detectamos nenhum padrão significativo no subgrupo do DALP, há várias rubricas com baixo uso, a maioria delas apenas com uma ocorrência. Já no DHLP, o uso massivo de *suposto* em verbetes da área de Ocultismo manifesta o mesmo fenômeno observado em *supostamente*, no qual o dicionarista usa a modalização para afastamento porque não quer se responsabilizar pelo enunciado e lança a dúvida para o leitor. Se acrescentarmos a esse número de Ocultismo as 4 ocorrências de Religião (da quais 3 são referentes a umbanda e candomblé), a de Astrologia (que divide uma acepção com Ocultismo) e a de Parapsicologia, destacados na tabela, sobe para 45 o número de rubricas usadas para se referir a fenômenos sobrenaturais ou religiosos ligados aos cultos de origem africana, em oposição a uma série de rubricas com uso localizado.

<b>RUBRICAS no DALP</b>			
<i>por ordem alfabética</i>		<i>por número de ocorrências</i>	
Antropologia	3	Antropologia	3
Astronomia	1	Biologia	3
Biologia	3	Astronomia	1
Botânica	1	Botânica	1
Cosmologia	1	Cosmologia	1
Estudos da Linguagem	1	Estudos da Linguagem	1
Farmácia	1	Farmácia	1
Metalurgia	1	Metalurgia	1
Oftalmologia	1	Oftalmologia	1
Psicanálise / Psicologia	1	Psicanálise / Psicologia	1
Psiquiatria	1	Psiquiatria	1
Religião	1	Religião	1
Zoologia	1	Zoologia	1
Zoologia	1	Zoologia	1

Tabela 1 de *Suposto*

<b>RUBRICAS no DHLP</b>			
<i>por ordem alfabética</i>		<i>por número de ocorrências</i>	
Alquimia	1	Ocultismo	40
Astrologia	1	Religião	4
Cosmologia	1	Medicina	2
Etnografia	1	Alquimia	1
História da Medicina	1	Astrologia	1
Infectologia	1	Cosmologia	1
Mastozoologia	1	Etnografia	1
Medicina	2	História da Medicina	1
Ocultismo	40	Infectologia	1
Parapsicologia	1	Mastozoologia	1

Religião	4	Parapsicologia	1
Teatro	1	Teatro	1
Termo Jurídico	1	Termo Jurídico	1

TABELA 2 de *Suposto*

Observando o comportamento sintático-semântico de *suposto*, constatou-se que a anteposição é a distribuição mais produtiva para esse adjetivo. Além disso, pelo entorno do sintagma podemos confirmar o que as rubricas já nos indicam, pelo menos no DHLP, com relação a Ocultismo, Ovnis e certas religiões, por meio da seleção das palavras que compõem os sintagmas nominais com o adjetivo. O que nos chamou a atenção, no DHLP, foram as muitas ocorrências com *adivinhação* (8) e o sintagma *arte divinatória / de predizer, de adivinhar, de interpretar*), que somou, em todas as suas variações, 35 combinações com *suposto*. A seguir, transcreveremos as ocorrências em que houve modalização e avaliação com distanciamento por parte do dicionarista, que passa o seguinte recado, por meio de um enunciador acoplado: “Esta informação é uma suposição, está, por isso, posta com hipótese e habita o mundo das ideias.”

Agrupamos as ocorrências por critérios temáticos em três categorias, nomeadas e definidas antes de cada tabela: elementos não humanos, teoria e ocultismo. A categoria **elementos não humanos** engloba seres de outro planeta e qualquer ser que não seja humano, ainda que não seja extraterrestre.

ELEMENTOS NÃO HUMANOS	
D A L P	<b>licantropia</b> Substantivo feminino. 2. <b>Suposta</b> metamorfose do homem em lobo: “Essa transformação de uma criatura humana num lobo chama-se ‘licantropia’” (Olavo Bilac, <i>Conferências Literárias</i> , p. 159).
	<b>marciano</b> Substantivo masculino. 2. <b>Suposto</b> habitante desse planeta.
	<b>ovnionauta</b> Substantivo de dois gêneros. 1. <b>Suposto</b> tripulante de um óvni; ufonauta.
	<b>selenita</b> Substantivo de dois gêneros. 2. <b>Suposto</b> habitante da Lua; lunícola.
	<b>terráqueo</b> Substantivo masculino. 2. O habitante da Terra (por oposição aos <b>supostos</b> habitantes de outros planetas).
	<b>ciborgue</b> Substantivo masculino. 1. <b>Suposto</b> ser humano ao qual se adaptam dispositivos mecânicos que comandam suas funções fisiológicas vitais.
D H L P	<b>ovnionauta</b> s.2g. (sXX) <b>suposto</b> tripulante de óvni; ufonauta
	<b>ufonauta</b> s.2g. (sXX) <b>suposto</b> tripulante de <i>ufo</i> ; ovnionauta

Tabela 3 de *Suposto*

Sob o rótulo **teoria** estão as acepções que elaboram ou mencionam teorias, não necessariamente científicas ou de uma área de conhecimento, que não são prestigiadas, caíram em desuso ou não são comprovadas. Estão entre as ocorrências desse grupo as acepções rubricadas de algumas ciências, como Antropologia, Biologia, Botânica, Medicina, Psicologia e Zoologia.

<b>TEORIA</b>	
	<b>abiogênese</b> Substantivo feminino. 1. Biol. <b>Suposta</b> formação de organismo vivo com base em matéria não viva; geração espontânea, autogênese.
	<b>alisso</b> [Do tax. <i>Alyssum</i> (do gr. <i>álysson</i> , ou, 'planta de <b>suposta</b> ação antirrábica').]
	<b>branquidade</b> Substantivo feminino. Bras. 2. Preocupação de dizer-se branco, de ostentar <b>suposta</b> pureza de sangue, ou fidalguia.
	<b>campilídio</b> Substantivo masculino. 1. Bot. <b>Suposta</b> frutificação secundária de certos liquens. [Na realidade é a frutificação de fungo parasitário.]
	<b>derivação</b> Substantivo feminino. Derivação regressiva. E. Ling. Formação de palavras pelo apagamento de um sufixo ou <b>suposto</b> sufixo: <i>arrochar</i> > <i>arrocho</i> ; <i>pescar</i> > <i>pesca</i> .
	<b>dizer</b> Verbo transitivo direto. Como diz o outro. Segundo a maneira de ver de uma <b>suposta</b> pessoa: "Eram da primeira grandeza os fidalgos; mas, a cavalo, ficavam maiores, e sentiam-se eletrizados pelo fluido da admiração de todas aquelas Europas e Didos, <u>como dizia o outro</u> ." (Camilo Castelo Branco, <i>Perfil do Marquês de Pombal</i> , pp. 34-35.)
	<b>facopiose</b> Substantivo feminino. 1. Oftalm. Catarata branca, <b>suposta</b> supuração do cristalino (6).
	<b>ferro</b> Substantivo masculino. Ferro beta. Metal. Denominação de uma <b>suposta</b> variedade do ferro, estável entre 770 e 900°C, mas que é simplesmente ferro alfa paramagnético, pois 770°C é a temperatura Curie do ferro.
	<b>hiperespaço</b> Substantivo masculino. 1. Astron. <b>Suposto</b> domínio espacial, além do espaço-tempo do mundo físico.
	<b>homogeneidade</b> 2. Cosm. <b>Suposta</b> propriedade do Universo segundo a qual, em um determinado instante, o cosmo, considerado como um todo, apareceria semelhante para todos os observadores, independentemente do lugar que venham ocupar.
<b>D A L P</b>	<b>localização</b> Substantivo feminino. 2. Psic. <b>Suposta</b> relação entre as faculdades psíquicas e determinadas partes do cérebro.
	<b>mitoma</b> Substantivo masculino. 1. Biol. <b>Suposto</b> retículo fibrilar do protoplasma.
	<b>otocisto</b> Substantivo masculino. Zool. 1. Cada um dos <b>supostos</b> órgãos auditivos dos invertebrados, que contêm um fluido e otólitos.
	<b>poligenismo</b> Substantivo masculino. 2. Antrop. Hipótese ou teoria segundo a qual a humanidade não tem uma origem comum, e que sustenta que os diversos grupos humanos pré-históricos, ou as <b>supostas</b> raças da humanidade atual descendem de espécies distintas. [O poligenismo, corrente principalmente no século XIX, tornou-se obsoleto com a aceitação da teoria darwiniana da evolução.]
	<b>pontada</b> Substantivo feminino. <b>Pontada no vazio</b> . Pop. <b>Suposta</b> dor na região anterolateral e inferior do abdome.
	<b>querulomania</b> Substantivo feminino. 1. Psiq. Manifestação patológica em que o indivíduo se queixa de <b>supostas</b> injustiças. <sup>48</sup>
	<b>telegonia</b> Substantivo feminino. 1. Biol. Desus. <b>Suposto</b> fenômeno segundo o qual, na descendência de um macho com uma fêmea, poderá ocorrer o aparecimento de características derivadas de outro macho com que, anteriormente, a mesma fêmea tivera descendência.
	<b>telurismo</b> Substantivo masculino. 2. Med. <b>Suposta</b> produção de doenças por emanções provenientes do solo.
	<b>tribo</b> Substantivo feminino. 4. Qualquer povo, ger. não letrado, unido quanto ao território, língua, cultura e instituições sociais: <i>tribos indígenas</i> ; <i>terras e tribos exóticas</i> . [Este emprego não antropológico do termo é muitas vezes criticado, por trazer conotação pejorativa, que reflete concepções que associam o povo designado por <i>tribo</i> a um <b>suposto</b> estágio "primitivo" ou de "barbárie".]
	<sup>1</sup> <b>arcano</b> <i>adj.s.m.</i> (sXV) <i>s.m.</i> 4 ALQ um dos <b>supostos</b> grandes segredos da natureza, que os alquimistas procuravam desvendar
	<sup>2</sup> <b>ariano</b> <i>adj.s.m.</i> (1866) 4 <i>impr.</i> diz-se de ou <b>suposta</b> raça que abrangeria todos os indivíduos que compartilhavam as línguas indo-europeias no passado e seus descendentes (não miscigenados) na atualidade [Sua existência foi defendida por autores europeus do sXIX e posteriormente retomada pelos formuladores do racismo nazista.]
	<b>andirá</b> <i>s.m.</i> (1587) MASTZOO B N. <b>andirás</b> <i>s.m.pl.</i> ETNOL 5 denominação atribuída a um grupo indígena pertencente a <b>supostos</b> maués que habitavam o rio Andirá AM, no

<sup>48</sup> Se a manifestação é patológica, a injustiça é suposta para nós, mas não para quem é portador da patologia.

sXVIII	
	<b>atrabilis</b> <i>s.f.</i> (1642) <b>1</b> <b>suposto</b> <i>humor</i> (a bÍlis negra) a que os antigos atribuÍam o temperamento melancÓlico, a irascibilidade, a hipocondria etc.; atrabile [Supunha-se que a bÍlis negra fosse secretada pelas glândulas suprarrenais ou pelo baço.]
	<b>camita</b> <i>adj.2g.s.2g.</i> (1899) <b>1</b> diz-se de ou descendente, ou <b>suposto</b> descendente, de Cam, segundo filho de Noé, de acordo com o episódio narrado no livro do Gênesis, no Antigo Testamento
	<b>caos</b> <i>s.m.</i> (1572) <b>c. primordial</b> COSM <b>suposto</b> estado de mistura e irregularidade dos elementos no espaço, antes de se separarem e ordenarem para formar o Universo
	<b>erepsina</b> <i>s.f.</i> (sXX) BIO <b>suposta</b> enzima capaz de completar a digestão das proteínas [Tal função, na verdade, é exercida por um conjunto de peptidases.]
	<b>facopiose</b> <i>s.f.</i> (1926) OFT catarata branca; <b>suposta</b> supuração do cristalino
	<b>influenza</b> \influ'Entsa\ [it.] <i>s.f.</i> (1890) INFECT doença infecciosa aguda de origem viral que acomete o trato respiratório, ocorrendo em epidemias ou pandemias e freq. se complicando pela associação com outras infecções bacterianas [O nome da doença, bastante antigo, deriva da <b>suposta</b> influência planetária sobre a saúde.]
	<b>jafético</b> <i>adj.</i> (1877) <i>adj.s.m.</i> <b>2</b> ariano, indo-europeu ( <b>supostos</b> descendentes de Jafet)
	<b>light</b> \lajt\ [ing.] <i>adj.2g.2n.</i> (c1970) ALIM <b>2</b> cuja composição é <b>suposta</b> ou alegadamente menos nociva, em comparação com outra(s) <cigarros l.> <margarina l.>
	<b>paracelsismo</b> <i>s.m.</i> (1899) HIST.MED sistema terapêutico criado por Paracelso (Theophrastus Bombastus Hohenheim, dito), médico e alquimista suÍço (1493-1541), que se baseava numa <b>suposta</b> correspondência entre o mundo exterior e o organismo humano
	<b>promÍscuo</b> <i>adj.</i> (1671) <b>3</b> em que há mistura mal aceita ou <b>suposta</b> degradação moral <ambiente p.>
	<b>távola-redonda</b> <i>s.f.</i> <b>1</b> <b>suposta</b> mesa redonda onde sentavam o lendário rei Artur e seus heróicos cavaleiros, em relação de igualdade e sem distinção de lugares inicial maiúsc.
	<b>telurismo</b> <i>s.m.</i> (1874) <b>3</b> MED <b>suposta</b> influência do solo na gênese de certas doenças
	<b>teurgia</b> <i>s.f.</i> (1836) <b>4</b> MED cura das doenças por <b>suposta</b> intervenção sobrenatural, doutrina que dominou a medicina por muitos séculos e de que ainda existem vestÍgios na medicina popular

Tabela 4 de *Suposto*

Seguindo a mesma postura adotada em *supostamente*, a categoria **ocultismo** englobará o que não está explicado pelas leis naturais e, por isso, lida com o sobrenatural<sup>49</sup>, critério que abrange acepções que mencionem feitiços, magias, espÍritos e outros elementos sobrenaturais.

OCULTISMO	
	<b>alto-astral</b> Substantivo masculino. 2. Situação ou circunstância favorável, atribuída a <b>suposta</b> influência positiva dos astros.
	<b>astroso</b> Adjetivo. Ant. 1. Que nasceu sob a <b>suposta</b> influência de mau astro.
	<b>aura</b> Substantivo feminino. 3. Restr. Em certas religiões, como, p. ex., o espiritismo, <b>suposto</b> halo luminoso que só os iniciados veem.
D A L P	<b>baixo-astral</b> Substantivo masculino. 2. Situação ou circunstância adversa, atribuída a <b>suposta</b> má influência dos astros: <i>Coitado, está num baixo-astral incrível.</i>
	<b>balé</b> <sup>2</sup> Substantivo masculino. Bras. Rel. 2. <b>Suposto</b> plano onde ficam as almas. [Nesta acepç., ger. com cap.]
	<b>bruxaria</b> Substantivo feminino. 1. <b>Suposto</b> exercício de poderes sobrenaturais.
	<b>calundu</b> Substantivo masculino. 2. Angol. EspÍrito dum antepassado remoto, <b>suposto</b> ente sobrenatural que dirige o destino da pessoa em quem se incorpora; ilundu: “deu palmada de acalmar <b>calundu</b> nas costas de mana Chica” (Jorge Macedo, <i>Gente de Meu Bairro</i> , p. 89).
	<b>canelinha</b> <sup>2</sup> Substantivo de dois gêneros. 1. Cabo-verd. <b>Suposta</b> entidade fantástica,

<sup>49</sup> **ocultismo** *s.m.* (1899) **1** crença na ação ou influência dos poderes sobrenaturais ou supranormais **2** o estudo desses fenômenos; o conjunto das artes ou ciências ocultas, como a magia, o espiritismo, a astrologia etc. ETIM *oculto* + *-ismo* SIN/VAR ver sinonímia de *magia* (DHLP)

**ocultismo** [De *oculto* + *-ismo*.] Substantivo masculino. 1. Estudo e/ou prática de supostas artes divinatórias e de fenômenos que parecem não poder ser explicados pelas leis naturais, como, p. ex., a astrologia, a quiromancia, a magia, a telepatia e a levitação; ciências ocultas. 2. P. ext. As artes divinatórias ou ciências ocultas. [Cf. *esoterismo* e *hermetismo*.] (DALP)

	extremamente magra e de pernas compridas (por vezes representada com apenas uma perna), que corre em linha reta, perseguindo os viajantes noturnos: “Era preciso correr aos zigue-zagues; o <u>canelinha</u> , ao chegar a cada ângulo, caía, por falta de outro pé; assim, o <u>perseguido</u> podia escapar.” (Teobaldo Virgínio, <i>Distância</i> , p. 11.)
	<b>espírito</b> Substantivo masculino. 2. <b>Suposta</b> entidade superior que transcende a matéria: o <u>espírito criador do Universo</u> .
	<b>espírito</b> Substantivo masculino. 3. <b>Suposta</b> entidade imaterial que pertence a uma ordem sobrenatural: <u>espíritos angélicos</u> ; <u>espíritos malignos</u> ; os <u>espíritos da floresta</u> .
	<b>fantasma</b> Substantivo masculino. 3. <b>Suposto</b> reaparecimento de defunto ou de alma penada, em geral sob forma indefinida e evanescente, quer no seu antigo aspecto, quer usando atributos próprios, como sudário, cadeias, etc.; alma do outro mundo, abantesma, avantesma ou aventesma, aparição, armada, assombração, assombramento, assombro, avejão, espectro ou espetro, mal-assombrado, mal-assombramento, mal-assombro, marmota, papa-gente, pirlampagem, simulacro, sombra, visagem, visão, visonha: “Cresce ... o medo de ficarmos presos, aqui passarmos a noite junto aos <u>fantasmas</u> dos mortos de bexiga.” (Osmã Lins, <i>Nove, Novena</i> , p. 65.)
	<b>fluidos</b> Substantivo masculino plural. 1. No ocultismo, <b>suposta</b> influência ou força misteriosa que emanaria dos astros, dos seres e das coisas, e que explicaria formas de energia aparentemente inexplicáveis. ~ V. <i>fluido</i> .
	<b>hagioterapia</b> Substantivo feminino. 1. <b>Suposta</b> cura de doentes por intervenção de santos, ou pela ocorrência de milagres.
	<b>hipniatria</b> Substantivo feminino. 1. O <b>suposto</b> método de cura prescrito por hipniatro <sup>50</sup> .
	<b>ocultismo</b> Substantivo masculino. 1. Estudo e/ou prática de <b>supostas</b> artes divinatórias e de fenômenos que parecem não poder ser explicados pelas leis naturais, como, p. ex., a astrologia, a quiromancia, a magia, a telepatia e a levitação; ciências ocultas.
	<b>pajé</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Antrop. Designação dada ao especialista ritual que, nas comunidades indígenas brasileiras, tem a atribuição ou o <b>suposto</b> poder de comunicar-se com as diversas potências e seres não humanos (espírito de animais, de pessoas mortas, etc.); xamã: “O tuxaua e o <u>pajé</u> ... guardam segredos invioláveis, só transmitidos aos substitutos na hora da morte.” (Raimundo Morais, <i>País das Pedras Verdes</i> , p. 290.)
	<b>sideração</b> Substantivo feminino. 1. <b>Suposta</b> influência de um astro na vida ou saúde de alguém.
	<b>sorte</b> Substantivo feminino. 1. Força que determina ou regula tudo quanto ocorre, e cuja causa se atribui ao acaso das circunstâncias ou a uma <b>suposta</b> predestinação: São <u>imprevisíveis os caprichos da sorte</u> .
	<b>talismânico</b> Adjetivo. 2. Que tem suas <b>supostas</b> virtudes <sup>51</sup> .
	<b>teomancia</b> Substantivo feminino. 1. Adivinhação por <b>suposta</b> inspiração divina.
D H L P	<b>adivinhação</b> s.f. (sXV) 3 OCT <b>suposta</b> arte de predizer o futuro e conhecer o que, no passado ou no presente, se encontra velado, encoberto
	<b>adivinhar</b> v. (sXIII) 1 t.d. OCT descobrir ou desvendar por <b>supostos</b> meios sobrenaturais, supranormais ou por engenhosos artificios (algo que não é naturalmente cognoscível) <a. <u>um sonho</u> > <a. <u>um acontecimento futuro</u> >
	<b>aeromancia</b> s.f. (a1697) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar o futuro através da observação do ar e dos fenômenos que nele se manifestam
	<b>agromancia</b> s.f. (1652) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar pelo aspecto dos campos
	<b>amniomancia</b> s.f. (1858) OCT <b>suposta</b> adivinhação da personalidade e/ou do futuro de uma criança que acabou de nascer por meio do exame do saco membranoso que às vezes envolve a cabeça do recém-nascido; adivinhação pelo âmnio
	<b>agromancia</b> s.f. (1652) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar pelo aspecto dos campos

<sup>50</sup> Em *hipniatro* (“Indivíduo que em estado hipnótico prescreve tratamento para a cura de doenças.”) não há qualquer modalização, o que parece incoerente, porque o método prescrito ou o indivíduo que o prescreve habitam a mesma realidade discursiva. Se o dicionarista não tivesse inserido *prescrito* na definição (*suposto método de cura do hipniatro*) seria possível separar os dois verbetes, modalizando um e outro não, pois haveria a premissa de que o indivíduo é real, sua cura não, porém, ao acrescentar *prescrito* na definição, o dicionarista já determinara que a hipniatria era o método de cura prescrito e não realizado pelo indivíduo.

<sup>51</sup> A modalização se revela também em *talismã*, no uso do verbo e da voz passiva em *atribuir*: **talismã** [Do gr. *télesma*, ‘cerimônia religiosa’, pelo persa *tilismat*, pl. de *tilism*, e pelo fr. *talisman*.] Substantivo masculino. 1. Objeto de formas e dimensões variadas, ao qual se atribuem poderes extraordinários de magia ativa, possibilitando a realização de aspirações ou desejos. [Cf. *amuleto* e *fetiche* (1).] 2. Fig. Encantamento, encanto. [DALP]

<b>aritmomancia</b> <i>s.f.</i> (1871) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar por meio de ou com base em números; aritmancia
<b>astral</b> <i>adj.2g.</i> (1836) <i>adj.2g.s.m.</i> ASTRL OCT <b>2</b> relativo a ou <b>suposto</b> plano intermediário entre o mundo físico e o espiritual
<b>astromancia</b> <i>s.f.</i> <b>suposta</b> arte de fazer adivinhações através dos astros
<b>aura</b> <i>s.f.</i> (1572) <b>4</b> PARAP <b>suposto</b> campo de energia que irradia dos seres vivos
<b>bibliomancia</b> <i>s.f.</i> (1871) OCT <b>suposta</b> adivinhação do futuro por meio da interpretação de uma passagem de um livro, aberto ao acaso
<b>bruxa</b> <i>s.f.</i> (1559) <b>1</b> OCT mulher que tem fama de se utilizar de <b>supostas</b> forças sobrenaturais para causar malefícios, perscrutar o futuro e fazer sortilégios; feiticeira
<b>bruxo</b> <i>s.m.</i> (1616) <b>1</b> OCT homem que, como as bruxas, se utiliza de <b>supostas</b> forças sobrenaturais para causar malefícios, prever o futuro e fazer sortilégios
<b>cajila</b> <i>s.f.</i> AM <b>1</b> amuleto ou procedimento de <b>suposto</b> caráter ou efeito mágico, us. ou preparado para dar proteção ou boa sorte em determinadas atividades ou no amor etc.
<b>capnomancia</b> <i>s.f.</i> (1836) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar pela observação da fumaça desprendida do altar onde se incineravam as vítimas de sacrifícios
<b>cartomancia</b> <i>s.f.</i> (1836) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar pela interpretação e leitura de cartas de jogar
<b>cartomante</b> <i>adj.2g.s.2g.</i> (1836) OCT relativo a cartomancia ou pessoa que pratica essa <b>suposta</b> arte divinatória
<b>castrolomancia</b> <i>s.f.</i> (1899) OCT antiga e <b>suposta</b> arte de adivinhar com auxílio de garrafa ou redoma cheia de água
<b>catoptromancia</b> <i>s.f.</i> (1727) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar com a utilização de espelhos
<b>cleromancia</b> <i>s.f.</i> (1873) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar por meio de dados ou outros tipos de sortes
<b>clidomancia</b> <i>s.f.</i> (a1958) <b>suposta</b> arte de adivinhar por meio de chaves
<b>cometomancia</b> <i>s.f.</i> (sXX) <b>suposta</b> arte de adivinhar baseada na observação dos cometas
<b>cubomancia</b> <i>s.f.</i> (sXX) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar mediante a utilização de cubos ou dados
<b>datilomancia</b> <i>s.f.</i> (a1958) OCT <b>suposta</b> arte ou processo divinatório por intermédio do exame dos dedos
<b>descarrego</b> <i>s.m.</i> (1499) <b>2</b> <i>infrm.</i> ato ou processo de livrar-se de um mal (má sorte, perseguições, doença etc.) por supostos meios mágicos <banho de d.>
<b>encantamento</b> <i>s.m.</i> (sXIII) <b>2</b> palavra, frase ou qualquer outro recurso a que se atribui o poder mágico de enfeitiçar; encanto, embruxamento <lançar um e. sobre alguém> <b>3</b> o <b>suposto</b> efeito dessa ação <um e. havia paralisado os habitantes daquela aldeia>
<b>enomancia</b> <i>s.f.</i> (1844) OCT <b>suposta</b> arte divinatória baseada na cor e na textura do vinho
<b>enomante</b> <i>adj.2g.s.2g.</i> OCT relativo a enomancia ou pessoa que pratica essa <b>suposta</b> arte divinatória
<b>erefuê</b> <i>s.m.</i> (sXX) REL <i>B</i> na umbanda, <b>suposto</b> fluido negativo que emanaria dos espíritos sem luz
<b>espectro</b> <i>s.m.</i> (a1566) <b>1</b> <b>suposta</b> aparição de um defunto, incorpórea, mas com sua aparência; fantasma
<b>fascinação</b> <i>s.f.</i> (1563) <b>3</b> olhar a que se atribui o poder de causar malefícios, encantamento <b>4</b> o <b>suposto</b> efeito desse olhar
<b>glossolalia</b> <i>s.f.</i> <b>1</b> REL <b>suposta</b> capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do dia de Pentecostes)
<b>halomancia</b> <i>s.f.</i> (1899) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar por meio de sal
<b>hariolomancia</b> <i>s.f.</i> (sXX) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar por meio de ídolos; adivinhação, ariolomancia
<b>hipniatria</b> <i>s.f.</i> (1899) <b>suposto</b> método de tratamento efetuado pelo hipniatro
<b>jira</b> <i>s.f.</i> (sXX) REL <i>B</i> <b>2</b> <b>suposta</b> corrente espiritual criada com essa roda
<b>lacomancia</b> <i>s.f.</i> (1899) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar através de dados
<b>mau-olhado</b> <i>s.m.</i> <b>1</b> olhar a que se atribuem poderes de causar malefícios, infortúnios; afito, jetatura, olhado <pôr m. em alguém> <b>2</b> o <b>suposto</b> efeito de tal olhar; olhado <um m. fez a planta definhar>
<b>meteoromancia</b> <i>s.f.</i> (1877) OCT <b>suposta</b> adivinhação por meio da observação de meteoros
<b>mocô</b> <i>s.m.</i> ETN AL <b>1</b> ação maléfica ou ocorrida por <b>suposta</b> intercessão de forças sobrenaturais



<b>necromancia</b> s.f. (sXIV) OCT 1 <b>suposta</b> arte de adivinhar o futuro por meio de contato com os mortos;
<b>nefelomancia</b> s.f. (a1958) OCT <b>suposta</b> arte de predizer o futuro pela observação de nuvens
<b>nomancia</b> s.f. (1873) OCT <b>suposta</b> arte da adivinhação do futuro pelas letras dos nomes próprios
<b>obsessão</b> s.f. (1720) 1 <i>ant.</i> <b>suposta</b> apresentação repetida do demônio ao espírito
<b>onfalomancia</b> s.f. (1899) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar o número de filhos que terá uma mulher, por meio de verificação do número de nós que o cordão umbilical do primogênito apresenta
<b>onicomancia</b> s.f. (1899) OCT 1.1 <b>suposta</b> arte de adivinhar o futuro, mediante a observação e interpretação dos desenhos que se formam nas unhas da criança, que são untadas de azeite ou cera e fuligem
<b>oniromancia</b> s.f. (1899) OCT <b>suposta</b> arte de predizer o futuro por meio da interpretação de sonhos
<b>onomatomancia</b> s.f. (1899) OCT <b>suposta</b> arte divinatória que se baseia no nome do consulente e nas letras que o compõem
<b>oomancia</b> s.f. (1899) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar por meio do exame de ovos
<b>ornitomancia</b> s.f. (1836) OCT <b>suposta</b> arte de interpretar o voo ou canto das aves, relacionando com o destino a que se sujeitam pessoas ou coisas do mundo; arte dos agoureiros; ornitoscopia
<b>ornitomante</b> <i>adj.2g.s.2g.</i> (sXX) relativo a oritomancia ou pessoa que pratica essa <b>suposta</b> arte divinatória
<sup>2</sup> <b>oró</b> s.m. (sXX) <b>suposta</b> aparição de pessoa morta ou de sua alma; visão sobrenatural
<b>partenomancia</b> s.f. 1 <b>suposta</b> arte de adivinhar se uma mulher é ou não virgem
<b>partenomancia</b> s.f. 2 <b>suposta</b> adivinhação pela observação das virgens
<b>pegomancia</b> s.f. (1836) OCT <b>suposta</b> adivinhação através da observação do movimento da água das fontes
<b>pelomancia</b> s.f. OCT <b>suposta</b> adivinhação por meio da observação do lodo
<b>piromancia</b> s.f. (1552) <b>suposta</b> arte da adivinhação por meio do fogo
<b>quebranto</b> s.m. (sXIII) 1 OCT <b>suposta</b> influência maléfica de feitiço, por encantamento a distância; dada
<b>quimbanda</b> s.m. (1899) s.f. REL B 2 segmentação da umbanda que utiliza esp. exus em suas práticas, nas quais se incluem <b>supostos</b> malefícios endereçados a pessoas, animais etc. [A denominação é-lhe atribuída pelos adeptos da <i>umbanda de linha branca</i> ; em linguagem leiga, seus centros e atividades são chamados de <i>macumba</i> .]
<b>quiromancia</b> s.f. (sXVII) OCT <b>suposta</b> arte divinatória de predizer o futuro segundo as linhas e os sinais da mão; quiroscopia
<b>quiromante</b> <i>adj.2g.s.2g.</i> (a1687) OCT relativo a quiromancia ou pessoa que pratica essa <b>suposta</b> arte divinatória
<b>rapsodomancia</b> s.f. (1874) OCT <b>suposta</b> adivinhação por meio de passagens tiradas aleatoriamente das obras de um poeta
<b>salimancia</b> s.f. (sXX) OCT <b>suposta</b> arte de adivinhar que consiste em espalhar sal sobre uma mesa e interpretar a forma e direção das figuras formadas
<b>simulacro</b> s.m. (sXIV) 6 <b>suposto</b> reaparecimento de pessoa morta; espectro, sombra, fantasma
<b>talismânico</b> <i>adj.</i> (1858) 2 com os <b>supostos</b> poderes de um talismã <seu olhar exercia sobre a moça um efeito t.> <sup>52</sup>
<b>teopsia</b> s.f. (1899) <b>suposta</b> aparição súbita de uma divindade
<b>teratoscopia</b> s.f. (1899) <i>ant.</i> 1 <b>suposta</b> adivinhação que se baseava na observação de fenômenos tidos como sobrenaturais ou milagrosos
<b>teratoscopia</b> s.f. (1899) <i>ant.</i> 2 <b>suposta</b> adivinhação pelas monstruosidades físicas humanas ou animais
<b>xamã</b> s.m. (1889) ETN 1 em povos da Ásia setentrional e central, esp. os siberianos e uraloaltaicos, indivíduo que, por meio de estados extáticos e invocações ritualísticas, manifesta <b>supostas</b> faculdades mágicas, curativas ou divinatórias

<sup>52</sup> **talismã** [Do gr. *télesma*, ‘cerimônia religiosa’, pelo persa *tilismat*, pl. de *tilism*, e pelo fr. *talisman*.] Substantivo masculino. 1. Objeto de formas e dimensões variadas, ao qual se atribuem poderes extraordinários de magia ativa, possibilitando a realização de aspirações ou desejos. [Cf. *amuleto* e *fetiche* (1).] [DALP]

Tabela 5 de *Suposto*6.1.2.11 *Talvez*

*Talvez* como verbete está registrado nas duas obras, com indicações sobre seu uso, seja na própria acepção, por meio de uma definição que não é parafrástica, no modelo das conjunções, seja em uma observação em campo específico, no caso do DALP, o espaço graficamente marcado pelos colchetes, no DHLP pelos parênteses. A definição modalizadora é a primeira de cada verbete, ficando as restantes registradas como casos especiais (pouco usada no DALP e formal no DHLP).

**talvez** (ê) [De *tal* + *vez*. Antes de ter a acepção dubitativa, significou ‘alguma vez’; vejam-se, adiante, exemplos.] Advérbio. **1.** Indica possibilidade ou dúvida; acaso, porventura, quiçá: *Talvez chova hoje*; “*Talvez* um dia meu amor se extinga” (Machado de Assis, *Poesias Completas*, p. 44); “O oficial era moço, *talvez* não tinha trinta anos” (Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, p. 185); “Olhos cerrados, boca entrecerrada, / Parecia dormir. *Talvez* dormia.” (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 2.<sup>a</sup> série, p. 318). [Note-se: nos dois primeiros exemplos o *talvez*, anteposto ao verbo, leva-o, como de praxe, ao modo subjuntivo (*chova*, *extinga*), enquanto nos dois últimos o verbo vai para o modo indicativo (*tinha*, *dormia*), fato que se observa bem menos frequentemente, mas não demasiado raro, quando o *talvez* sugere uma dúvida fraca, vizinha da certeza. Nas acepções seguintes (q. v.) só se pode usar o indicativo.] **2.** P. us. **Às vezes; por vezes:** “*Talvez* o lenhador quando acomete / O tronco d’alto cedro corpulento, / Vem-lhe tingido o fio da segure / De puro mel, que abelhas fabricaram” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, pp. 248-249). **3.** numa ou noutra ocasião; alguma vez: “A nave, que não toca / No porto a salvamento, / *Talvez* os rotos mastros / Atira à beira- ar.” (Id., *ib.*, II, p. 147); “*Talvez* a rica of’renda aplaca os Deuses, / E saudável conselho a noite inspira!” (Id., *ib.*, II, p. 299). **Talvez... talvez.** P. us. Ora... ora; umas vezes... outras vezes: “Sussurro profundo! Marulho gigante! / *Talvez* um — silêncio!... *talvez* uma — orquestra...” (Castro Alves, *Obra Completa*, p. 357.) [DALP]

**talvez** \ê\ adv. (1789) **1** indica possibilidade, mas não certeza (empr. freq. com o verbo no subjuntivo e, raras as vezes, com o verbo no indicativo); acaso, quiçá, porventura <um dia t. venhamos a saber da verdade> <estes são, t., os únicos exemplares da espécie que sobreviveram> **2** frm. ocasionalmente, eventualmente; alguma vez <plantas não aguadas t. medram nesse terreno turfoso> **3** frm. às vezes; por vezes <t. ele, num bom repasto, começa a beber demais> **t. (...)** t. p.us. ora... ora; umas vezes... outras vezes <t. chora, t. ri> ETIM *tal* + *vez* [DHLP]

Como modalizador, *talvez* marca uma dúvida no meio do caminho entre ela e a certeza, embora penda mais para esta. Na graduação da polarização, *talvez* está próximo de *possivelmente*, comprometendo, portanto, o locutor em menor intensidade que *provavelmente*

e *seguramente*. Em consonância com *possivelmente*, a possibilidade expressa por *talvez* permite o registro da informação com o distanciamento necessário para proteção de face do dicionarista. Entre as ocorrências, há uma discrepância no uso de *talvez*: num total de 71 ocorrências, 56 são do DALP e 15 do DHLP. No DALP, apesar do número bem mais expressivo de ocorrências, as acepções rubricadas são apenas 6; já no DHLP, o número de rubricas é maior, chega a 10 num universo de 15. A distribuição está registrada nas tabelas a seguir.

<b>RUBRICAS no DALP</b>			
<i>por ordem alfabética</i>		<i>por ocorrências</i>	
Física	1	Religião	2
Música	1	Física	1
Paleontologia	1	Música	1
Religião	2	Paleontologia	1

Tabela 1 de *Talvez*

<b>RUBRICAS no DHLP</b>			
<i>por ordem alfabética</i>		<i>Por ocorrências</i>	
Angiospermas	3	Angiospermas	3
Etnografia	1	Linguística	2
História	1	Etnografia	1
História da Política	1	História	1
Imunologia	1	História da Política	1
Linguística	2	Imunologia	1
Mineralogia	1	Mineralogia	1

Tabela 2 de *Talvez*

A maioria das ocorrências de *talvez* acontece como prova da cautela do dicionarista num espaço discursivo de gestão mais livre – a etimologia –, em uma espécie de estrutura cristalizada (“talvez por influência de”) que é marcadamente integrante do discurso do dicionarista do DALP. Nesse momento, para explorar as ocorrências, vamos retomar a categorização de viés semântico que observamos em *provavelmente* e algumas das categorias decorrentes disso, como está organizado no quadro a seguir. Posteriormente, duas tabelas trazem as ocorrências de cada obra com os agrupamentos.

<b>CATEGORIA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>caracterização</b>	Referência a um atributo, seja medida, forma, composição, seja ela descrita ou fruto de associação no enunciado a algo semelhante
<b>categorização</b>	Enquadramento parcial em uma categoria ou semelhança entre o que está descrito como <i>talvez x</i> e outro elemento.
<b>origem</b>	Indicação da procedência geográfica e influências de qualquer tipo, inclusive linguísticas.
<b>teoria linguística</b>	Qualquer referência a norma, fenômeno ou uso linguístico que não seja etimologia, já enquadrada em <i>origem</i> .

Tabela 3 de *Talvez*

AGRUPAMENTO DE ACEPÇÕES – DALP		
c a r a c t e r i z a ç ã o	1.	<b>campo</b> Substantivo masculino. 18. Fís. Conjunto de valores de uma grandeza física que, numa região do espaço, dependem só das coordenadas dos pontos pertencentes a essa região e, <b>talvez</b> , do tempo.
	2.	<b>peracarídeo</b> Substantivo masculino. Zool. 1. Espécime dos peracarídeos, divisão de crustáceos malacostráceos, <b>talvez</b> a maior de todas. Habitam águas salgadas, doces e salobras.
	3.	<b>rababe</b> Substantivo masculino. Mús. 1. Instrumento musical oriental de uma ou duas cordas friccionáveis com arco muito curto, e tampo de pele, e que <b>talvez</b> seja o mais antigo dos instrumentos de arco. [Var.: <i>rebabe</i> . Cf. <i>arrabil</i> .]
	4.	<b>tiranossauro</b> Substantivo masculino. Paleont. 1. Gênero de enormes dinossauros carnívoros, <b>talvez</b> os maiores que já existiram e, certamente, os mais assustadores, que viveram no cretáceo superior da América do Norte, nas regiões de Montana e Wyoming (E.U.A.); mediam cerca de 14m de comprimento e 6m de altura e eram dotados de poderosas mandíbulas, com dentes aguçados, de 18cm, numa cabeça que tinha 1,5m de comprimento.
	5.	<b>uaiua</b> Elemento substantivo feminino. Estar de uaiua. Bras. Amaz. Vir (o peixe), de beicho inchado, respirar à tona da água, <b>talvez</b> por se achar corrompida a água dos rios, e não raro morrendo; estar de uaiô.
cate gori zação	6.	<b>couto</b> <sup>2</sup> Substantivo masculino. 1. Medida antiga, <b>talvez</b> o mesmo que côvado.
o r i g e m	7.	<b>alvedrio</b> [Dev., <b>talvez</b> , do ant. * <i>alvidriar</i> , do qual veio <i>alvidrar</i> .]
	8.	<b>-bata</b> <sup>1</sup> Elemento de composição. 1. = 'que anda', 'que caminha', 'que se move': <i>acrobata</i> (< fr. < gr.), <i>aerobata</i> , <i>nefelibata</i> . [A pronúncia correta dos voc. formados com este elemento é a proparoxítone, mas o uso consagrou a acentuação paroxítone ( <b>talvez</b> por infl. do fr.), donde a variação prosódica: <i>cremnóbata/cremnobata</i> (< gr.), <i>dendróbata/dendrobata</i> , <i>nictóbata/nictobata</i> . Cf. <i>-bata</i> <sup>2</sup> .]
	9.	<b>bombordo</b> [Do neerl. <i>bak boord</i> , 'bordo das costas, do dorso' (do timoneiro, quando o governo da embarcação se fazia com um comprido remo colocado a estibordo), pelo fr. <i>babord</i> , <b>talvez</b> com infl. de <i>bom</i> .]
	10.	<b>de omni re scibili et quibusdam aliis</b> 1. A primeira parte da expressão é do famoso polímata Pico della Mirandola, que pretendia responder a qualquer pergunta; a segunda, de algum trocista, Voltaire (v. <i>voltairiano</i> ) <b>talvez</b> , que achava um tanto exagerada essa pretensão. Usa-se a propósito de pessoas que pretendem saber tudo.
	11.	<b>descordo</b> Substantivo masculino. 2. Dança ou canção medieval trovadoresca, <b>talvez</b> de origem provençal; desacordo.
	12.	<b>jirigote</b> [De or. obscura, <b>talvez</b> express.]
	13.	<b>lança</b> [De uma língua pré-romana, <b>talvez</b> o celtibero, pelo lat. <i>lancea</i> .]
	14.	<b>maronita</b> Substantivo de dois gêneros. 1. Rel. Indivíduo de uma comunidade árabe cristã, unida à Igreja Católica desde o século XII e regida por um patriarcado autônomo, sediado no Líbano. [O principal grupo maronita é o do Líbano, onde a comunidade se originou, <b>talvez</b> , no século IV. Há grupos menores em diversos países. O rito é celebrado em siríaco.]
	15.	<b>palhacarga</b> [De <i>palha</i> , <b>talvez</b> .]
	16.	<b>pinguel</b> [De <i>pinguela</i> , <b>talvez</b> .]
	17.	<b>pitigaia</b> [Do tupi; <b>talvez</b> de <i>pitinga</i> (3), com desnasalação.]
	18.	<b>queiro</b> [ <b>Talvez</b> de <i>queixeiro</i> , com síncope.]
	19.	<b>ratânia</b> [De or. americana, <b>talvez</b> quíchua.]
	20.	<b>rezingar</b> [Voc. onom., <b>talvez</b> com base em <i>rezar</i> (7).]
	21.	<b>sangangu</b> [Prende-se, <b>talvez</b> , a <i>angu</i> (2 a 4).]
	22.	<b>sável</b> [De or. pré-romana, poss.; céltica, <b>talvez</b> .]
	23.	<b>sítio</b> <sup>1</sup> [Da mesma or. incerta que o esp. <i>sítio</i> ; poss. alter. do lat. <i>situs</i> , 'posição'; a term. <i>-io talvez</i> se deva à infl. de <i>assédio</i> (lat. <i>obsidio</i> ) ou do v. <i>sitiar</i> .]
	24.	<b>sucuru</b> [De or. indígena, onom. <b>talvez</b> .]
	25.	<b>talabarte</b> [Do provenç. ant. <i>talabart</i> , <b>talvez</b> pelo esp. <i>talabarte</i> .]
	26.	<b>titeri</b> [Voc. onom., <b>talvez</b> .]
	27.	<b>tramo</b> [De or. obsc., <b>talvez</b> do esp. <i>tramo</i> .]
	28.	<b>trampolina</b> [De <i>trampa</i> <sup>2</sup> , <b>talvez</b> com infl. do it. <i>trampolino</i> .]

	29.	<b>trapizonga</b> [ <b>Talvez</b> do top. <i>Trebizonda</i> (Turquia), com possível infl. de <i>trapa</i> <sup>1</sup> .]
	30.	<b>tridi</b> [Voc. onom., <b>talvez</b> .]
	31.	<b>tubarana</b> [Var. assimilada de <i>tabarana</i> (q. v.), <b>talvez</b> por anal. com <i>tubarão</i> .]
	32.	<b>turcomano</b> Adjetivo. 5. Gloss. Restr. Língua falada na Síria pelos turcomanos, <b>talvez</b> uma forma arcaica do turcomano (4).
	33.	<b>tutear</b> [De <i>tu</i> , <b>talvez</b> com infl. do esp. <i>tutear</i> e do fr. <i>tutoyer</i> .]
t e o r i a  l i n g u í s t i c a	34.	<b>umbanda</b> Substantivo feminino. 1. Bras. Rel. Sincretismo nascido no Rio de Janeiro na virada do século XX e <b>talvez</b> derivado da cabula (q. v.), que já no fim do século XIX registra elementos bantos, espíritas e palavras do jargão umbandista atual; hoje, a umbanda apresenta-se fracionada em dezenas de grupos que englobam influências esotéricas, cabalísticas, orientais, católicas, etc.
	35.	<b>xote</b> Substantivo masculino. 1. Antiga dança de salão, <b>talvez</b> proveniente da Europa, em compasso binário ou quaternário, e cujos passos se aproximam dos da polca.
	36.	<b>bola</b> Substantivo feminino. Trocar as bolas. Dizer ou fazer alguma coisa em lugar de outra (à maneira do jogador de bilhar que, por engano, joga com a bola do parceiro); cair em erro; enganar-se. [Tb. se usa, jocosamente, neste sentido, e <b>talvez</b> mais, <i>bolar as trocas</i> .]
	37.	<b>caloiro</b> [Do gr. bizantino <i>kalógeros</i> (lit. 'bom velho'), nome dado aos monges da ordem de São Basílio, com o <i>ge</i> pronunciado como <i>ie</i> , tal qual em gr. moderno; "a translação de sentido ('monge' > 'estudante')", supõe A. G. Cunha, " <b>talvez</b> se deva ao fato de os estudantes internos viverem em congregações, como os monges".] <sup>53</sup>
	38.	<b>fôrma</b> Substantivo feminino. 10. Fig. Aquilo que impõe normas a uma personalidade, a uma obra, eliminando-lhes as características individuais: <i>Aquele colégio é uma verdadeira fôrma: suas alunas pensam todas de maneira igual</i> . [Pl.: <i>fôrmas</i> . Cf. <i>forma</i> e <i>formas</i> , do v. <i>formar</i> , e <i>forma</i> , s. f., e pl. <i>formas</i> . Parece-nos inaceitável (não só nesta palavra, mas, <b>talvez</b> , sobretudo nela) a abolição do acento diferencial, decorrente da Lei n.º 5.765, de 18.12.1971, que estabelece alterações no sistema ortográfico de 1943. Considerem-se estes versos de Manuel Bandeira: "Vai por cinquenta anos / Que lhes dei a norma: / Reduzi sem danos / A <i>fôrmas</i> a forma." ( <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p. 51.) Seria inteiramente impossível perceber o sentido da estrofe se não fora o acento diferencial. O mesmo se dirá disto de Martins Fontes: "Pela penugem, primeiro, / E, depois, segundo a norma, / Pelo gosto, pelo cheiro, / Pela <i>fôrma</i> , ou pela forma, / Certas frutas europeias, / Como o pêssego — oh! prazer! — / Por vezes nos dão ideias / Que me acanho de dizer." ( <i>Sol das Almas</i> , p. 40.) Veja-se, ainda, Emanuel de Morais, <i>Manuel Bandeira</i> , pp. 29, 43 (três vezes), 44. A nota anterior data da primeira edição da presente obra e foi manifesto consciente de seu autor, razão pela qual a mantivemos até hoje na íntegra. Devemos ressaltar, porém, que doravante (2009), a partir do firmado pelo AOLP, a forma <i>fôrma</i> passa a ser considerada facultativa na língua.]
	39.	<b>fuzarca</b> Substantivo feminino. 2. Desordem, bagunça, confusão. [A boa grafia seria, <b>talvez</b> , <i>fusarca</i> , pois a palavra parece prender-se a <i>confuso</i> . V. (além dos derivados <i>fuzarquear</i> e <i>fuzarquero</i> ) <i>fuzo</i> e <i>fuzuê</i> .]
	40.	<b>horizonte</b> Substantivo masculino. 3. Fig. Perspectiva ou probabilidade de desenvolvimento, de progresso, de melhoria: <i>Cidade morta, sem horizontes; Leva, naquele ambiente estreito, uma vida sem horizonte; Novos horizontes se abriram à ciência com os antibióticos</i> . [Nesta acepç., é <b>talvez</b> m. us. no pl.]
	41.	<b>irideca</b> [F. errônea, <b>talvez</b> , por <i>iriceca</i> .]
	42.	<b>monólito</b> Substantivo masculino. 2. Obra ou monumento feito de um só bloco de pedra; estela. [A grafia <i>monolito</i> , que se vê na abonação, corresponde à pronúncia <b>talvez</b> de maior uso.]
	43.	<b>mundonga</b> Substantivo feminino. 1. Fem. de mundongo (2). [ <b>Talvez</b> fosse preferível a grafia <i>mondonga</i> .]
	44.	<b>mundongo</b> Substantivo masculino. 3. Bras. Amaz. Pântano ou várzea lamacenta, coberta de várias plantas palustres, especialmente aningas. [ <b>Talvez</b> melhor a grafia <i>mondongo</i> .]

<sup>53</sup> Aqui o dicionarista busca a voz de outra autoridade, já falecida, Antonio Geraldo da Cunha, membro da Academia Brasileira de Filologia, renomado pesquisador, autor de gramáticas e dicionários.

45.	<b>mundongudo</b> Adjetivo. 1. Bras. RS Deprec. Diz-se do cavalo ruim para a carreira. [Seria preferível, <b>talvez</b> , a escrita <i>mondongudo</i> .]
46.	<b>no</b> <sup>3</sup> 1. Forma que o pron. <i>lo</i> ( <i>o</i> ) assume, por via de regra, em posição enclítica, em presença de f. verbais terminadas em ditongos nasais, como <i>ão</i> , <i>am</i> (= <i>ão</i> ), <i>õe</i> , <i>em</i> (= <i>ei</i> ): <i>Estão-no vendo</i> ; “As casas chamadas nobres eram-no antes pelas dimensões .... que pela estética” (Xavier Marques, <i>As Voltas da Estrada</i> , p. 13); “e o comendador .... põe-no a pontapés no olho da rua.” (Artur Azevedo, <i>Contos Efêmeros</i> , p. 152); <i>Indispõem-no contra os amigos</i> . [É menos regular o emprego, neste caso, de <i>o</i> ( <i>e</i> , pois, de <i>a</i> , <i>os</i> , <i>as</i> ) em vez de <i>no</i> ( <i>e</i> , portanto, <i>na</i> , <i>nos</i> , <i>nas</i> ), porém dele não faltam exemplos — em Camilo Castelo Branco ( <b>talvez</b> sobretudo), Alexandre Herculano, Rebelo da Silva, Ramalho Ortigão, Fernando Pessoa, França Júnior, e outros. Citemos alguns, apenas. De Camilo: “mandaram-o”, “acharam-o” ( <i>A Brasileira de Prazins</i> , pp. 273 e 291), e “mandaram-a”, “receberam-a” ( <i>Perfil do Marquês de Pombal</i> , p. 16). De Herculano: “tinham-o” ( <i>Os Opúsculos</i> , I, p. 198). De Ramalho Ortigão: “calcaram-a ....., enlamearam-a, sujaram-a, moeram-a, desfibraram-a” ( <i>As Farpas</i> , IV, p. 93).]
47.	<b>pequeno</b> Adjetivo. 7. Limitado, acanhado, mesquinho: <i>pequeno de sentimentos</i> . [Dim.: <i>pequenino</i> , <i>pequenito</i> , <i>pequenote</i> , <i>pequerrucho</i> , <i>pequetito</i> . Comparativo de inferioridade: <i>menor</i> e <i>mais pequeno</i> . Superl. abs. sint.: <i>pequeníssimo</i> , <i>mínimo</i> . O comparativo <i>mais pequeno</i> , além de corretíssimo, é, decerto, m. us. em Portugal, na linguagem escrita e mais ainda, <b>talvez</b> , na falada, do que <i>menor</i> . Daremos dele, aqui, quatro exemplos, aos quais se poderiam acrescentar muitas dezenas, de autores portugueses e brasileiros antigos e modernos: “Este orbe que primeiro vai cercando / Os outros <u>mais pequenos</u> ” (Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i> , X, p. 81); “lá no <u>mais pequeno</u> recinto .... há paz íntima, há o Céu” (Alexandre Herculano, <i>Eurico, o Presbítero</i> , p. 92); “quando era <u>mais pequeno</u> , metia a cara no vidro, e via o cocheiro .... escanchado na mula da esquerda” (Machado de Assis, <i>Dom Casmurro</i> , p. 249); “Amo-te até nas coisas <u>mais pequenas</u> .” (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p. 449.)]
48.	<b>plo</b> 1. F. sincopada de <i>pelo</i> , us. em poesia (muito pouco no Brasil) e para reproduzir a linguagem oral ( <b>talvez</b> em Portugal somente): “ <u>Plas</u> costas, torrentes de ouro, / <u>Plo</u> rosto, rios de prata...” (Eugênio de Castro, <i>Obras Poéticas</i> , III, p. 134); <i><u>Plo</u> que vejo, não queres ir</i> . [Flex.: <i>pla</i> , <i>plos</i> , <i>plas</i> .]
49.	<b>quindim</b> Substantivo masculino. 2. Suavidade, encanto, meiguice. [Nessas acepçs., é <b>talvez</b> m. us. no pl.]
50.	<b>ressumar</b> Verbo intransitivo. 4. Fig. Deixar-se transparecer; mostrar-se, patentear-se. [ <b>Talvez</b> var.: <i>ressumbrar</i> .]
51.	<b>rodado</b> Adjetivo. 3. Diz-se do cavalo que tem pelo branco e preto, formando esta cor malhas redondas: “Iam no caminho do fio pervagando, os três montados, no baio, no rosilho e no queimado <u>rodado</u> .” (José Sarney, <i>Norte das Águas</i> , p. 19.) [Esta acepç., muito corrente no N.E. do Brasil, é antiquada em Portugal, e em tal sentido a palavra é pronunciada, <b>talvez</b> no Brasil inteiro, com o <i>o</i> reduzido, ou seja, com o <i>som</i> , muito aproximadamente, de <i>rudado</i> .]
52.	<b>seu</b> <sup>1</sup> Substantivo masculino. 2. Com a mesma equivalência (podendo envolver desdém, desprezo, ou, ao contrário, simpatia, camaradagem, ou, ainda, malícia), usa-se seguido de algum substantivo, ou em fim de frase ou período, tendo, neste último caso, um matiz interjetivo: “Ele sorriu maliciosamente, e disse-me: — <u>Seu</u> maganão! Recordações do passado, hem?” (Machado de Assis, <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> , p. 326); “Dormiu bem, <u>seu</u> preguiçoso?” (Lúcia Benedetti, <i>Maria Isabel</i> , p. 205); “— Mas parece que o moço tinha razão de matar a moça. Qual tinha razão nada, <u>seu!</u> Bandido!” (Antônio de Alcântara Machado, <i>Novelas Paulistanas</i> , p. 75). [F. paral.: só (q. v.), comum em Portugal na 1. <sup>a</sup> acepç., e no Brasil us. só, <b>talvez</b> , na segunda. O fem. de <i>seu</i> , na 1. <sup>a</sup> acepç., é, no Brasil, <i>sinhá</i> , <i>sinha</i> , <i>siá</i> , <i>sia</i> , <i>senha</i> . A heroína do romance <i>Vidas Secas</i> , de Graciliano Ramos, é Sinha Vitória (v. <i>sinha</i> ). Na 2. <sup>a</sup> acepç. só há no Brasil, parece, o fem. <i>sua</i> (v. <i>sua</i> <sup>1</sup> ), <i>senha</i> <sup>2</sup> e <i>sinha</i> .]
53.	<b>sezão</b> Substantivo feminino. 2. V. <i>malária</i> . [Pl.: <i>sezões</i> , f. <b>talvez</b> mais us. Cf. <i>sazão</i> .]
54.	<b>-sofia</b> Elemento de composição. 1. = ‘sabedoria’; ‘saber’; ‘ciência’: <i>bibliotecosofia</i> , <i>filosofia</i> , (< gr.), <i>logosofia</i> , <i>pansofia</i> . [Observe-se a ocorrência, <b>talvez</b> por ultracorreção, de variantes prosódicas: <i>acrosafia/acrossafia</i> , <i>antroposofia/antropossafia</i> , <i>misosofia/misossafia</i> . V. <i>sof(o)</i> - e <i>-ia</i> <sup>1</sup> .]

55.	<p><b>você</b> Pronome de tratamento. 4. Tratamento dado, hoje em dia, geralmente no singular, em anúncios de jornais, e por locutores de rádio e televisão, artistas de teatro, etc., a leitores, ouvintes e espectadores. [A palavra <i>você</i> apresenta numerosas var. e f. paralelas, na maioria brasileiras: <i>vassuncê, vossemecê, vosmecê, vancê, voncê, vacê, ancê, acê, ocê, cê, cecê</i>. Chegam <b>talvez</b> a 30 as f. derivadas de <i>Vossa Mercê</i>. Cf. <i>vocês, seu<sup>1</sup>, tu.</i>]</p>
56.	<p><b>vosso</b> Pronome possessivo. 12. Lus. De, ou pertencente ou relativo a vocês; seu: “Torga, — aqui, firme, declaro: / aquele vinho raro / que Você / e Andrée / soltaram em minha honra neste dia / — víamos o Mondego da <i>vossa</i> janela — / é a própria Poesia / ou mais do que ela.” (Alberto de Serpa, <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>, p. 20); “Tudo em vocês nos revolta — .... <i>vosso</i> jogo, <i>vossas</i> fraquezas, a forma como passam a vida a enganar-se uns aos outros...” (Luís Forjaz Trigueiros, <i>O Carro de Feno</i>, p. 264); “para vocês e outros como vocês .... jogarem os <i>vossos</i> jogos” (Urbano Tavares Rodrigues, <i>As Torres Milenárias</i>, p. 69). [É frequente — e <b>talvez</b> exclusivo — este uso. Um português pergunta, normalmente, a um amigo: — <i>Esta casa é sua?</i>; mas, se a pergunta é dirigida ao casal, o <i>sua</i> converte-se em <i>vossa</i>. Flex.: <i>vossa, vossos, vossas</i>. Cf. <i>vocês, meu, teu, seu<sup>2</sup>, nosso</i>. Paralelamente ao uso do pronome pessoal <i>vós</i> por <i>tu</i> como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo, aparece o do pronome possessivo <i>vosso(a)</i> por <i>teu (tua)</i>: “Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o <i>vosso</i> nome” (do padre-nosso).]</p>

Tabela 4 de *talvez*

AGRUPAMENTO DE ACEPÇÕES – DHLP		
c a r a c t e r i z a ç ã o	1.	<b>ácopo</b> s.m. (1858) arql.vb. 2 MINER espécie de pedra, <b>talvez</b> quartzo cristalino ou espató, à qual os antigos atribuíam a propriedade de afastar o cansaço
	2.	<b>bananeira</b> s.f. (1593) ANGIOS 1.2 erva de porte baixo ( <i>M. acuminata</i> ), com folhas oblongas e espátas pardo-avermelhadas, <b>talvez</b> a mais cultivada mundialmente pelos frutos esp. grandes, doces e comestíveis ao natural [sin.: banana-anã, banana-caturra, banana-d'água, banana-nanica, bananeira-anã, bananeira-chinesa, bananeira-da-china, bananeira-d'água, bananeira-de-italiano, bananeira-nanica, bananeira-petiça]
	3.	<b>catacumba</b> s.f. (1561) 3 HIST conjunto de galerias e salas escavadas no subsolo para sepultamentos, esp. as construídas pelos cristãos, em Roma, do sI ao sIV, <b>talvez</b> tb. us. como lugar de culto, catequese e refúgio às perseguições
	4.	<b>eufórbia</b> s.f. ANGIOS design. comum às plantas do gên. <i>Euphorbia</i> , da fam. das euforbiáceas, <b>talvez</b> o maior gên. de angiospermas, com cerca de 2.000 spp., ger. herbáceas e suculentas, tb. arbóreas ou arbustivas, com ramos freq. armados, folhas ger. dispostas em espiral, flores usualmente reduzidas, cercadas por brácteas petaloídes, e frutos explosivos [Ocorrem em quase todo o mundo, principalmente em regiões subtropicais, e inúmeras são cultivadas, esp. para usos medicinais ou como ornamentais, como o bico-de-papagaio e a coroa-de-cristo.]
	5.	<b>macu</b> s.2g. s.m. LING 3 língua isolada, <b>talvez</b> sem mais nenhum falante, originária de Roraima
	6.	<b>tribo</b> s.f. (sXIV) 1 HIST.POL na Antiguidade greco-romana, divisão territorial das cidades, <b>talvez</b> por esta se basear, originariamente, em vínculos de parentesco <as quatro t. de Atenas>
cate gori zação	7.	<b>garo</b> s.m. (sXVII) 1 um dos peixes utilizados pelos antigos romanos no preparo do garo, <b>talvez</b> um tipo de anchova
o r i g e m	8.	<b>atrepsia</b> s.f. (1913) 1 IMUN estado de imunidade à inoculação tumoral, <b>talvez</b> em razão, segundo o bacteriologista alemão Paul Ehrlich (1854-1915), da inexistência do material nutritivo necessário ao seu crescimento
	9.	<b>caipora</b> s.2g. (1855) ETN B 1 entidade fantástica da mitologia tupi, muito difundida na crença popular, <b>talvez</b> derivada da crença no curupira, do qual seria uma variante, e que é associada às matas e florestas e aos animais de caça, dele se dizendo que aterroriza as pessoas e é capaz de trazer má sorte e mesmo causar a morte; caipora
	10.	<b>celtibero</b> \bé\ adj. (sXIV) s.m. 3 LING língua indo-europeia extinta, falada na Antiguidade na Celtibéria, <b>talvez</b> um dialeto céltico arcaico prov. misturado com línguas já existentes no local
	11.	<b>des-</b> pref. de form. vern., <b>talvez</b> do lat. <i>dis-</i> (ver <sup>1</sup> <i>dis-</i> ), [...]

12.	<b>des-</b> <i>pref.</i> [...] <b>talvez</b> de <i>de ex</i> ; exprime sobretudo: <b>1)</b> oposição, negação ou falta: <i>desabrido, desleal</i> ; <b>2)</b> separação: <i>descascar</i> ; <b>3)</b> reforço, intensidade: <i>desinfeliz</i> ; ver o que é dito em <b>de-</b> , sem conexão com este <i>des-</i>
13.	<b>férula</b> <i>s.f.</i> (1563) <b>1</b> ANGIOS design. comum às plantas do gên. <i>Ferula</i> , da fam. das umbelíferas, que reúne 172 spp. de ervas perenes, altas e robustas, ger. com rizomas glaucos, numerosas folhas bipenadas e flores pequeninas, amarelas ou cor de laranja, em umbelas; canafrecha, funcho-gigante [Nativas do Mediterrâneo à Ásia central, são cultivadas como ornamentais e várias, ger. conhecidas como assa-fétida, pelas raízes de que se extrai resina; o nome do gên. <b>talvez</b> seja derivado do uso do caule como vara de açoite.]
14.	<b>sáfio</b> <i>adj.</i> (1587) <i>ant.</i> [...] ETIM prov. confusão entre duas palavras árabes <i>saffh</i> 'nécio, ignorante' e <i>sáfi</i> 'puro, franco', <b>talvez</b> por infl. do esp. <i>zafio</i> 'id.', e <i>sáfi</i> 'puro, franco', talvez por infl. do esp. <i>zafio</i> 'id.'
15.	<b>sota- ou soto-</b> <i>pref.</i> culto, do adv. lat. <i>subtus</i> 'debaixo' (a f. <i>sota-</i> provém, <b>talvez</b> , de <i>*sùbta</i> ); ocorre no vern. com a ideia de 'subordinação, inferioridade, subposição': <i>sota-ministro/soto-ministro, soto-pôr</i>

Tabela 5 de *Talvez*

### 6.1.3 Modalizadores epistêmicos delimitadores

A delimitação funciona como pistas para o leitor da forma como o enunciado deve ser lido. Fazendo uso da delimitação, o locutor aciona outro enunciador, que orienta o enunciatário como deve ser encarado o enunciado. Em outras palavras, os delimitadores enquadram a proposição em balizas discursivas, especialmente como forma de marcar o distanciamento do locutor da proposição. *Grosso modo*, é como se o dicionarista dissesse “essa informação é geral, isso é só a base, observe apenas desse ponto de vista” e, com isso, marcasse a proposição com um alerta para ser entendida apenas por esses parâmetros.

Os delimitadores possuem menos itens de pesquisa, mas, em volume de ocorrência, são os mais expressivos, especialmente quando enquadram a proposição em termos gerais. O uso da generalização caracteriza-se como uma forma de dar a informação sem perder a precisão e sem negligenciar casos específicos, o que funciona bem para proteger a face e atender a critérios rigorosos de descrição.

#### 6.1.3.1 *Basicamente*

Como verbete, *basicamente* está registrado apenas no DHLP, com acepção única, sinônimo de *fundamentalmente*.

**basicamente** \bà\ *adv.* naquilo que é essencial, básico; na essência, fundamentalmente <o salário garantia-lhe b. moradia e alimentação> <o debate tratava b. do controle das taxas de câmbio> ETIM *básico* + *-mente*

Seguindo essa definição, entendemos que, ao usar *basicamente* na perífrase, o enunciado deve ser lido levando em consideração que aquela informação representa a base do que se enuncia, o que não descarta qualquer outra informação, mas fornece aquela que é o



fundamento da informação oferecida. Assim, um movimento inspirado *basicamente* no cubismo<sup>54</sup> não é inspirado só por ele, mas tem nele seus alicerces. Como recurso modalizador, é importante para o dicionarista na medida em que fornece a informação sem totalitarismo, tornando possível dar uma informação que não exclui outras, embora auxilie na delimitação de uma definição que caiba apenas para um referente.

Como parte da definição foram encontradas 111 ocorrências (41 no DALP e 70 no DHLP). A maioria delas (81) é rubricada, com predominância de Culinária (7) e Música (7), contando as duas obras juntas. No DHLP, a rubrica MASTZOO (Mastozoologia) foi também muito expressiva (9), e, unindo esses casos à rubrica Zoologia do DALP, contabilizamos 12 ocorrências nesse campo nas duas obras.

Como a maior parte das acepções é rubricada, entendemos que a delimitação é importante do ponto de vista da precisão da informação, uma vez que a modalização não configura uma proposição categórica que, por conta de novas descobertas, pode ser facilmente questionada. Ao delimitar com *basicamente*, o dicionarista fornece a informação basilar ao mesmo tempo em que não exclui outras que, embora não sejam tão expressivas para a caracterização, podem atuar da mesma forma que essas basilares, mas sem ser determinantes.

Tal dedução explica por que tantas acepções são rubricadas, uma vez que nesses campos o dicionarista não é técnico e, como leigo, agregando várias áreas de conhecimento e seus termos específicos, sua definição deve ser precisa, mas não equivocada, o que é benéfico e não maléfico para a definição. Por isso, o uso de *basicamente* é um aliado importante nas acepções rubricadas, ainda mais nas de culinária, quando a receita de um prato, muitas vezes sem registro formal, abrange variações de uma mesma base. Com relação ao grande uso em Zoologia, supomos que se deva à variação de características que podem apresentar, por exemplo, animais da mesma espécie reunidos sob uma só definição.

Seu comportamento sintático, ou melhor, o comportamento sintático periférico, nos conduz a mais pistas semânticas. *Basicamente* está anteposto de participios em 28 ocorrências e tem no seu escopo um participio posposto. Desses 29, dois eixos se destacam: o *composto/formado* (7 e 1 ocorrências, respectivamente) e *constituído/feito* (6 e 4, respectivamente). Além dessas ocorrências, outras 9 têm o verbo *consistir* na periferia. Desses dados concluímos que *basicamente* é usado como recurso produtivo (38 ocorrências) para balizar a composição do referente.

---

<sup>54</sup> *art déco* locução substantiva masculina. 1. Movimento nas artes decorativas que surgiu na década de 1920 e dominou a década de 1930, e que, inspirado basicamente no cubismo e nos preceitos da nova arquitetura, buscava o equilíbrio dos volumes, certa singeleza linear e uma fácil adaptação à produção industrial. [DALP]

### 6.1.3.2 Do ponto de vista de + adjetivo

Entendemos essa locução de duas maneiras: *do ponto de vista de* + substantivo e *do ponto de vista* + adjetivo. Foram excluídas as ocorrências de sinonímia ou de sinonimização, o que descartou alguns advérbios em *–mente*, no padrão ‘do ponto de vista + adjetivo’. Descartamos também *ponto de vista* sem determinantes à direita, sem preposições à esquerda ou com outras preposições, mas mantivemos as 6 ocorrências em que é antecedido pelo artigo indefinido.

Como verbete não está registrado, mas compõe o verbete *ponto* nas duas obras como locução, cujas acepções modalizadoras estão destacadas a seguir.

**ponto**<sup>1</sup> Ponto de vista. 1. Ponto escolhido por um pintor ou por um desenhista para melhor observação de um objeto, sobretudo para colocá-lo em perspectiva. 2. Lugar alto donde se descortina amplo horizonte. 3. Fig. Maneira de considerar ou de entender um assunto ou uma questão; ótica, perspectiva. 4. Liter. Recurso literário que visa a situar o narrador no âmbito da obra literária. [DALP]

<sup>1</sup>**ponto • p. de vista** 1 ponto eleito por um artista plástico para melhor observar o objeto que deseja reproduzir artisticamente, esp. quanto a questões de perspectiva 2 o ângulo do qual algo ou alguém é observado ou considerado; perspectiva 3 lugar alto de onde se avista, de uma só mirada, uma vasta paisagem 4 LIT recurso literário que tem a finalidade de situar o narrador no âmbito da obra [DHLP]

Como parte da acepção, a locução apresenta 92 ocorrências (35 no DALP e 57 no DHLP), das quais 39 são compostas por *de* + substantivo no fim e 66 são terminadas por adjetivo. Qualquer que seja a delimitação, *do ponto de vista de* funciona para situar a proposição como uma rubrica para a acepção, muitas vezes em conjunto com ela, mas restringindo ainda mais o contexto no qual o leitor deve ler o enunciado. A delimitação, desse modo, é definida pelo adjetivo ou pela locução adjetiva e possui amplo leque semântico. Observadas as 92 ocorrências, em muitos casos a delimitação foi usada apenas uma vez, as mais usadas não chegaram individualmente a 10% do total: *moral* foi a delimitação mais usada (6), seguida de *estético/a* (4).

### 6.1.3.3 Em geral

Em vista da sinonímia aproximada com *geralmente* e do grande número de ocorrências de ambos os casos, eles serão analisados em conjunto, na seção de *geralmente*.

### 6.1.3.4 Em princípio

Essa locução modalizadora delimita a proposição em termos gerais, o que está definido por *em princípio* deve ser considerado de forma geral, sem observar casos

específicos. Desse modo, desconsideramos entre as ocorrências qualquer uma que não tivesse essa locução, embora apresentasse na sequência sintagmática as duas palavras.<sup>55</sup>

**princípio** Substantivo masculino **Em princípio.** Antes de qualquer consideração; antes de tudo; antes de mais nada. [DALP]

**princípio** *s.m.* • **em p.** sem entrar em casos concretos e particulares, antes de qualquer consideração; de maneira geral, de forma geral <em p., não temos nada contra a proposta> [DHLP]

Os dois registros são semelhantes, com a diferença de que o DHLP usa uma perífrase maior. Como parte da definição, *em princípio* soma 20 ocorrências (11 no DALP e 9 no DHLP). Em mais da metade (14), está isolado por pontuação (duas vírgulas, em um caso, parênteses e em outro, vírgula no termo inicial), reforçando formalmente seu caráter discursivo, embora haja ocorrências semelhantes com as duas formas de pontuação. Em quase metade das ocorrências (9), as acepções são rubricadas, com uma ocorrência de cada, o que não configurou, diferentemente de outros modalizadores, um fenômeno expressivo nesse grupo de ocorrências. Seguem as ocorrências de *em princípio*, nas quais o recado que o locutor dá, por meio de outro enunciador, é “Atenção! Essa é uma informação de caráter geral, não abrange especificidades”.

EIXO 1 – isolado por pontuação			
VERBETE			OCORRÊNCIA
DALP	1.	<b>art nouveau</b>	1. Estilo decorativo que floresceu aproximadamente entre 1895 e 1914, surgido como reação ao historicismo imitativo do séc. XIX, e que se caracteriza, <b>em princípio</b> , pela assimetria das linhas sinuosas, pelas formas orgânicas (longos cabelos, folhas, flores, etc.) e pela originalidade da imaginação. [Tb. us. positivamente.]
	2.	<b>cursilho</b>	Rel. 1. Movimento da Igreja surgido na Espanha em 1948, e que consiste, <b>em princípio</b> , num encontro destinado a orientar os católicos adultos leigos no sentido da reflexão acerca dos fatos fundamentais da fé cristã e das conseqüências práticas que dela decorrem para o comportamento do indivíduo e suas relações com a comunidade.
	3.	<b>direita</b>	4. Grupo parlamentar que, <b>em princípio</b> , senta-se ao lado direito do presidente da respectiva assembleia, e tradicionalmente constituído por elementos pertencentes aos partidos conservadores
	4.	<b>grupo</b>	Grupo prostético. Bioquím. Aquele que é formado por certas substâncias que são parte integrante de algumas enzimas e essenciais à sua ação, mas que, apesar de fortemente ligadas a estas, podem, <b>em princípio</b> , ser separadas.
	5.	<b>impressionismo</b>	2. Art. Plást. Escola de pintura surgida na França por volta de 1870, que visava a captar, <b>em princípio</b> , a impressão visual produzida por cenas e formas derivadas da natureza, e as variações nelas ocasionadas pela incidência da luz, e que se baseava especialmente

<sup>55</sup> Um exemplo disso é o verbete *de jure* do DALP: *de jure* 1. Jur. De direito. [Aplica-se, esp., na expressão *juris et de jure*, para significar, p. ex., presunção que se funda **em princípio** absoluto de direito, em sentido oposto à expressão *juris tantum* (q. v.).]

		no emprego das cores e de suas relações e contrastes, a fim de obter efeitos plasticamente dinâmicos e objetivos. [Esta escola, por suas inovações, influenciou marcadamente a pintura do séc. XX.]
	6.	<b>molécula</b> Quím. 1. A menor partícula de uma substância que ainda é capaz ( <b>em princípio</b> ) de participar das reações químicas características desta substância.
	7.	<b>ordem</b> Ordem pública. Conjunto de instituições e preceitos coagentes destinados a manter o bom funcionamento dos serviços públicos, a segurança e a moralidade das relações entre particulares, e cuja aplicação não pode, <b>em princípio</b> , ser objeto de acordo ou convenção.
	8.	<b>sonda</b> 1. Náut. Instrumento destinado a medir a profundidade das águas, ou a reconhecer-lhes a natureza do fundo, e que consta, <b>em princípio</b> , de uma peça de chumbo presa a uma linha: <i>Com o auxílio da sonda as caravelas ancoraram em Porto Seguro.</i>
	9.	<b>passacale</b> 3. Mús. Forma instrumental de origem espanhola, primeiramente em compasso binário, e depois em ternário, em andamento lento: <i>A grande passacale em dó menor de J. S. Bach (1685-1750) é um monumento da música.</i> [Semelhante à chacona, seu tema simples, curto e obrigatoriamente cadencial, pode, contudo, ser transportado do baixo às vozes intermediárias ou à voz mais aguda, quando na chacona ele permanece, <b>em princípio</b> , no baixo contínuo.]
D H L P	10.	<b>conservador</b> <b>3</b> que ou o que, <b>em princípio</b> , é contrário a mudanças ou adaptações de caráter moral, social, político, religioso etc.
	11.	<b>-eber</b> os v. com esta term. são, <b>em princípio</b> , regulares, tendo nas f. rízetônicas fechado o -e- na 1ªp.s. do pres.ind. ( <i>percebo</i> ) e nas conexas do pres.subj. ( <i>perceba, percebas, perceba, percebam</i> ) e aberto nas restantes f. rízetônicas ( <i>percebes, percebe, percebem</i> ); há variações, mesmo cultas, regionais em que estas últimas f. abertas se preservam fechadas: nas f. arrízetônicas, o -e- de base tende à harmonização vocálica com a vogal tônica, constituindo, assim, uma vogal variável: <i>percebia/percibia</i> , mas <i>percebemos</i> (em Portugal faz-se -e- reduzido)
	12.	<b>-emar</b> os v. da língua com esta term. são, <b>em princípio</b> , regulares, mas o timbre do -e-, por ser antenasal, é aberto ou fechado (segundo as regiões) nas f. rízetônicas
	13.	<b>narrador</b> <b>3</b> LIT entidade fictícia que, numa narrativa, possui a função de enunciar o discurso, sendo o protagonista da comunicação narrativa [ <b>Em princípio</b> , um narrador pode assumir tb. o lugar de uma personagem, narrando os fatos em primeira pessoa, ou manter-se fora do enunciado, narrando os acontecimentos em terceira pessoa.]
	14.	<b>-oer.</b> term. de verbos da 2ª conj., como <i>condoer, corroer, doer, esmoer, moer, remoer, roer e soer</i> , sem contar com <i>poer</i> , como fóssil de <i>pôr</i> ; o modelo de <i>moer</i> serve, <b>em princípio</b> , de paradigma: <i>moo, móis, mói, moemos, moeis, moem; moía</i> etc.; <i>moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram; moerei</i> etc.; <i>moeria</i> etc.; <i>moa, moas, moa, moamos, moais, moam; moesse</i> etc.; <i>moer</i> etc.; <i>moendo; moído; soer</i> vem sendo considerado defectivo na 1ªp.s. do pres.ind. e, decorrentemente, no pres.subj

Tabela 1 de *em Princípio*

EIXO 2 – não isolado por pontuação		
VERBETE		OCORRÊNCIA
D A L P	1.	<b>este</b> Pronome demonstrativo. 10. Sugerindo <b>em princípio</b> a noção de proximidade em relação à pessoa que fala, também se usa, na linguagem animada (como observa Said Ali), para dar a impressão de que alguma pessoa, coisa, lugar, embora afastados, nos interessam de

		perto: “Mainéis rendados, peças dos fustes, capitéis góticos, laçarias de bandeiras, ... aí estavam tombados sobre grossas zorras ou ainda no chão, endurecidos pelo contínuo perpassar de trabalhadores, oficiais e mais obreiros <u>desta</u> maravilhosa fábrica.” (Alexandre Herculano, <i>Lendas e Narrativas</i> , I, p. 232.) [O normal seria essa ou <i>aquela</i> , pois a ‘fábrica’ (= ‘construção de edifício’ — no caso uma abóbada) é coisa afastada de quem fala, como se vê do advérbio <i>aí</i> , anteriormente empregado, e como se vê, também pelo demonstrativo <i>aquela</i> , usado imediatamente após o trecho transcrito: “Quem de longe olhasse para aquele extenso campo .... julgara ver o assento de uma cidade antiquíssima.”]	
	2.	<b>monopólio</b>	Econ. Monopólio natural. Setor produtivo onde a existência de mais de um ofertante seria <b>em princípio</b> ineficiente (como a distribuição de eletricidade ou de água, numa cidade), e que é em geral objeto de regulamentação governamental, quando entregue a empresa privada.
D H L P	3.	<b>-ecer</b>	<i>term.</i> de v. latinos em <i>-escère</i> (ver <b>-escer</b> ); sua fecundidade como incoativo ficou cedo manifesta em port. nos v. da 2ª conj., fecundidade que perdurou na língua por largo lapso de tempo, originando grande número de tais v. com radicais vulg. e vern.: enquanto os v. em <i>-escer</i> somam cerca de 53, os v. em <i>-ecer</i> montam a cerca de 220; são <b>em princípio</b> regulares, tendo, nas f. rízetônicas, fechado o <i>-e-</i> na 1ª p.s. do pres.ind. ( <i>aborreço</i> , e nas conexas do pres.subj. <i>aborreça</i> , <i>aborreças</i> , <i>aborreça</i> , <i>aborreçam</i> ) e aberto nas demais ( <i>aborreces</i> , <i>aborrece</i> , <i>aborrecem</i> ); o <i>-c-</i> muda-se em <i>-ç-</i> antes do <i>-a-</i> desinencial, como se vê acima; há variações, mesmo cultas, regionais em que estas últimas f. (abertas) se preservam fechadas
	4.	<b>-eder</b>	<i>term.</i> os poucos v. da língua com esta <i>term.</i> são <b>em princípio</b> regulares, com o <i>-e-</i> fechado na 1ª p.s. do pres.ind. ( <i>cedo</i> , e nas f. conexas do pres.subj. <i>ceda</i> , <i>cedas</i> , <i>ceda</i> , <i>cedam</i> ) e aberto nas restantes f. rízetônicas ( <i>cedes</i> , <i>cede</i> , <i>cedem</i> )
	5.	<b>-eger</b>	<i>term.</i> os poucos v. da língua com esta <i>term.</i> são <b>em princípio</b> regulares, com o <i>-e-</i> fechado na 1ª p.s. do pres.ind. ( <i>rejo</i> , e nas conexas do pres.subj. <i>reja</i> , <i>rejas</i> , <i>reja</i> , <i>rejam</i> ) e aberto nas restantes f. rízetônicas ( <i>reges</i> , <i>rege</i> , <i>regem</i> ); o <i>-g-</i> muda-se em <i>-j-</i> antes de <i>-o-</i> ou <i>-a-</i> desinenciais
	6.	<b>xógum</b>	HIST chefe militar supremo no Japão a partir do sVIII, <b>em princípio</b> subordinado à autoridade do imperador, posteriormente exercendo o poder de fato, em um período que vai do sXII ao fim do sXIX

Tabela 2 de *em Princípio*

### 6.1.3.5 *Fundamentalmente*

É registrado como verbete apenas no DALP com a aceção padrão ligada ao adjetivo. Como modalizador, enquadra a proposição na mesma situação de *basicamente*, mas apresenta número muito inferior de ocorrências. O locutor, ao fazer uso desse modalizador, convoca um outro enunciador que indica ao consulente como ler a proposição, com o seguinte recado: “As informações aqui constituem a base do que definimos, não excluem outras situações, mas estão no fundamento do que se define, é possível até ter outras informações, mas esta não pode ser excluída.”

**fundamentalmente** [De *fundamental* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo fundamental; basicamente, essencialmente: “O estudo científico de uma

língua é fundamentalmente o estudo da cultura de que ela é a forma e o produto.” (Celso Cunha, *Língua, Nação, Alienação*, p. 13.) [DALP]

Observando as ocorrências, não vemos o mesmo comportamento sintático massivo da periferia de *basicamente*, até mesmo porque não temos o mesmo número expressivo de ocorrências. Das 21 ocorrências (15 no DALP e 6 no DHLP) encontradas, 3 estão próximas a um particípio, anteposto (*determinada, constituída*) ou posposto (*orientados*), e 2 estão pospostas ao verbo *consistir*. A maioria das acepções é rubricada (13), mesmo fenômeno observado com outros modalizadores. Acreditamos que isso acontece porque a definição deve oferecer o maior número de informações possíveis para que possa corresponder a apenas um referente e, por meio de informações fundamentais, essa distinção é mais fácil. Além disso, a modalização garante a precisão da informação, sem a definição ser categórica.

#### 6.1.3.6 *Geralmente*

O advérbio e a locução, que analisaremos em conjunto, estão assim representados como entrada e subentrada. No DHLP, *geralmente* aparece mais detalhado e, por isso, consideramos mais esclarecedor que a definição única do DALP. Já na definição de *em geral*, DALP dispensa atenção maior ao uso, na fórmula ‘indica que’, comum nas conjunções, enquanto o DHLP lança mão da sinonimização.

**geralmente** [De *geral* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo geral; na generalidade; em geral; no geral. [DALP]

**geralmente** *adv.* (sXIII) **1** de modo genérico, totalizante <falo g., não caso a caso> **1.1** pela maioria das pessoas <seus livros eram g. bem aceitos> **2** na maior parte das vezes; em geral <g. não saímos à noite> ETIM *geral* + *-mente* [DHLP]

-----  
**geral** Adjetivo de dois gêneros. **Em geral**. 1. Indica relação ou referência a todos, ou à maioria, de um grupo ou conjunto. 2. Indica que aquilo que se diz é um fato regular, habitual, comum. 3. Na maioria das vezes. No geral. V. *geralmente*. [DALP]

**geral** *adj.2g.* • **em g.** **1** como hábito; na maior parte; geralmente, usualmente, no geral <em g. vai ao sítio duas vezes ao mês> **2** sem particularizar, de forma genérica; no geral <falava em g.> [DHLP]

Como modalizadores, tanto *em geral* quanto *geralmente* mostraram-se muito produtivos, o que resulta, inclusive, na abreviação *ger.* para *geralmente* nas duas obras, não apenas para poupar espaço na edição mas também por causa do seu amplo uso. Em termos editoriais, a economia de espaço é significativa, se contarmos que *geralmente* foi usado, nas duas obras, 6.317 vezes (2.073 no DALP e 4.244 no DHLP) com uma economia de 6 caracteres por vez. É claro que, por conta de revisão e redação, mesmo quando não eram

sinonímia, algumas ocorrências saíram por extenso, um total de 135 (125 no DALP e 10 no DHLP), o que é pouco representativo num universo de mais de 6 mil ocorrências, o que representa cerca de um terço do total de ocorrências de modalizadores em termos absolutos, que gira em torno dos 18 mil. Comparando os valores totais, podemos entender que, estilisticamente, o DHLP privilegia o *geralmente* enquanto DALP privilegia o *em geral*, embora os dois façam mais uso do advérbio. Para melhor visualização, segue a tabela com as ocorrências de *em geral* e *geralmente*.

Ocorrências de <i>geralmente</i> e <i>em geral</i>		
	DALP	DHLP
<i>geralmente</i>	2073	4244
<i>em geral</i>	1093	355
	3166	4599

Tabela 1 de *Em geral – geralmente*

Apesar de os epistêmicos asseverativos apresentarem mais variedade de modalizadores, os epistêmicos delimitadores são os mais expressivos em números gerais de ocorrências, especialmente por conta de *em geral* e *geralmente* (maior contingente de ocorrências). Desse modo, tanto um quanto outro mostram-se recursos produtivos para a redação lexicográfica. Disso deduzimos que, para esse *corpus*, é mais comum delimitar a proposição no campo da generalização do que asseverar, qualquer que seja o grau de comprometimento do locutor com a proposição. Já vimos, como em outros grupos de ocorrências, que a generalização tira o caráter determinista de uma definição e possibilita registrar a informação, com a dupla vantagem de tornar possível o registro sem eliminar casos específicos e proteger, com isso, a face discursiva do dicionarista, que, num ato de fala de autoridade, veste a roupa discursiva da cautela.

Essa necessidade de generalização fica ainda maior em acepções rubricadas que, como mostra a tabela a seguir, tomam quase metade das ocorrências totais. Isso ocorre porque, como o dicionarista é um locutor cauteloso e rigoroso no registro da informação, quando se trata de informação técnica, como é o caso da acepção rubricada, a necessidade de modalização é expressiva, ocupando de 40% a 60% de cada subgrupo em cada obra.

Acepções rubricadas em <i>geralmente</i> e <i>em geral</i>				
	DALP		DHLP	
<i>geralmente</i>	1.196 (em 2.073)	57%	1.949 (em 4244)	61%
<i>em geral</i>	438 (em 1.093)	40%	219 (em 355)	45% <sup>56</sup>

Tabela 2 de *Em geral – geralmente*

<sup>56</sup> Porcentagens aproximadas.

Observando os tipos de rubrica, vemos que certas áreas de conhecimento são mais produtivas para seu uso, como em outros grupos de modalizadores, destacando-se Botânica e Zoologia. Para apreciarmos se esse fenômeno se repete sem o viés da modalização, seria necessário saber quantas são as acepções rubricadas e, embora fosse interessante esse contraponto, as ferramentas que usamos não nos possibilitam esse tipo de busca. A seguir estão as tabelas com as ocorrências de *geralmente* rubricas que registraram até 10 casos e o reagrupamento de algumas subáreas em outras mais amplas. A lista do DALP para *geralmente* é bem menor não apenas porque estão em menos quantidade as ocorrências de *geralmente* com rubrica mas também porque a variedade de rubricas é menor (121 no DALP e 222 no DHLP), uma vez que as do DHLP são mais especializadas. O mesmo acontece com *em geral*, que avaliaremos mais à frente, pois o DHLP, apesar de ter exatamente a metade do número de ocorrências do DALP, usa 89 rubricas diferentes, enquanto o DALP usa 92.

<b>Geralmente com rubricas – DALP</b>		
	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
	Botânica	213
	Zoologia	112
	Química	94
	Cardiologia (1) Medicina (21) Dermatologia (3) Oftalmologia (6) Ortopedia (1) Patologia (11) Pneumologia (2) Psiquiatria (16)	61
	Informática	60
	Culinária	56
	Música	38
	Economia	30
	Antropologia	26
	Arquitetura	23
	Biologia	20
	Estudos da Linguagem	20
	Religião	20
	Vestuário	20
	Televisão	19
	Cinema	14
	Teatro	13
	Esporte	12
	Tecnologia Têxtil	12
	Bioquímica	11
	Eletrônica	11
	Física	11
	Jornalismo	11
	Construção	10
	Editoração	10



	Ecologia	10
	Metalurgia	10

Tabela 3 de *Em geral – geralmente*

<b><i>Geralmente com rubricas – DHLP</i></b>		
DESCRIÇÃO		OCORRÊNCIAS
Algologia (15) Anatomia Botânica (25) Angiosperma (692) Briologia (5) Liquenologia (2) Pteridófitas (16) Botânica (14) Gimnospermas (16) Morfologia Botânica (85)	Botânica	870
Anatomia zoológica (27) Aracnologia (12) Carcinologia (13) Cinologia <sup>57</sup> (3) Entomologia (147) Helmintologia (18) Herpetologia (29) Ictiologia (90) Malacologia (30) Mastozoologia (69) Ornitologia (92) Paleozoologia (11) Zoologia (39) Zootecnia (3) Celenterologia (1) Hipologia <sup>58</sup> (1) Zoogeografia (1)	Zoologia	372
Anestesiologia (2) Angiologia (4) Cardiologia (6) Cirurgia (9) Clínica Médica (2) Dermatologia (11) Gastrenterologia (6) Genética (8) Geriatrics (1) Ginecologia (1) Hematologia (1) Imunologia (4) Infectologia (31) Medicina (50) Neurologia (6) Oftalmologia (9) Oncologia (5) Ortopedia (5) Otorrinolaringologia (4) Patologia (28)	Medicina	211

<sup>57</sup> Não está definido como parte da Zoologia, mas fiz livre associação.

<sup>58</sup> Não é definido como *termo da zoologia*.

Pediatria (2) Pneumologia (5) Psicanálise (2) Psiquiatria (3) Reumatologia (6) Urologia (3)		
	Vestuário	76
	Música	75
	Artes Gráficas	53
	Arquitetura	52
Bacteriologia (4) Citologia (3) Micologia (5) Protistologia, protistas (8) Biologia (17) Bioquímica (9)	Biologia	46
	Literatura	34
	Televisão	32
	Linguística	31
	Economia	28
	Teatro	27
	Mineralogia	25
	Marinha (Termo de)	24
	Construção	23
	Informática	23
	Agricultura	22
	Culinária	22
	Gramática	22
	Indústria Têxtil	21
	Religião	21
	Cinema	20
	Geologia	20
	Etnografia	18
	Jurídico (Termo)	18
	Anatomia Geral	17
	Ludologia	17
	Editoração	16
	Esportes	16
	Mobiliário	16
	Publicidade	16
	Termo Militar	15
	Alimentação	14
	Dança	14
	Química	14
	Versificação	14
	Bibliologia	12
	Física	12
	Psicopatologia	11
	Eleticidade	10
	Fonética	10
	Futebol	10
	História	10
	Petrologia	10
	Radiofonia	10

Tabela 4 de *Em geral – geralmente*

Por meio desses dados de *geralmente*, observamos que grande parte da modalização generalizante acontece com termos das ciências naturais (Botânica e Zoologia, mas poderíamos incluir Geologia, Biologia, por exemplo, que também tiveram várias ocorrências rubricadas) e da Medicina. Botânica e Zoologia são áreas do conhecimento científico de grande destaque que tradicionalmente constam em dicionários. Em nome da precisão da descrição, a modalização que delimita a proposição em termos gerais é bem vinda para manter a integridade da informação e imprimir cautela ao locutor.

*Em geral* apresenta comportamento ligeiramente diferente, pois não notamos essa prevalência de Botânica e Zoologia no DHLP, embora ela esteja presente nas rubricas do DALP. Nos surpreenderam também as expressivas ocorrências de Música, nas duas obras, de Culinária no DALP e de Física como a primeira no DHLP. Também essa locução difere do advérbio porque é usada no fim do enunciado, com significado generalizante mas sem sinonímia com *geralmente*, como na definição de *agulha de marinho*: “agulha com que os marinhos cosem lona, brim e panos grossos em geral.” [DALP], em vez de delimitar o que está à sua direita, como é tendência de *geralmente*. A seguir estão as tabelas com até 4 ocorrências, em cada uma das duas obras.

<b><i>Em geral com rubricas – DALP</i></b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
Zoologia	56
Botânica	37
Culinária	27
Música	24
Química	21
Economia	19
Tecnologia Têxtil	12
Arquitetura	11
Estudos da Linguagem	11
Física	11
Geologia	9
Teatro	9
Construção Naval	8
Indústria Papeleira	8
Astronomia	7
Patologia	7
Petrografia	7
Tipografia	7
Turfe	7
Artes Gráficas	6
Construção	5
Eletrônica	5

Medicina	5
Artes Plásticas	4
Jurídico	4
Mineralogia	4
Óptica	4
Televisão	4
Vestuário	4

Tabela 5 de *em geral – geralmente*

<b>Em geral com rubricas – DHLP</b>		
DESCRIÇÃO		OCORRÊNCIAS
Física (20)	Física	29
Física Atômica (2)		
Física Nuclear (7)		
	Artes Gráficas	10
	Música	10
Aracnologia (2)	Zoologia	10
Entomologia (1)		
Helminologia (1)		
Herpetologia (1)		
Mastozoologia (2)		
Ornitologia (2)		
Zoologia (1)		
	Filosofia	9
	Linguística	8
	Óptica	7
	Vestuário	6
	Anatomia Geral	5
Angiospermas (4)	Botânica	5
Morfologia Botânica (1)		
	Gramática	5
	Química	5
	Teatro	5
	Culinária	4
	Eletricidade	4
	Literatura	4
	Medicina	4
	Meteorologia	4

Tabela 6 de *Em geral – geralmente*

### 6.1.3.7 *Praticamente*

Como epistêmico delimitador, são do nosso interesse as ocorrências com as acepções destacadas abaixo, que delimitam a proposição em uma esfera semântica e discursiva semelhante à do *quase*, mas indicando proximidade maior, beirando a totalidade. Acreditamos que *praticamente* apresente um nível maior de proximidade e intensidade com o enunciado ou

termo que é seu escopo também por conta da aceção número 3 do DHLP, a que se acrescenta o traço semântico de [+ na realidade] e, por isso, chega mais próximo do nível categórico do que *quase*. O verbete está assim registrado nas duas obras.

**praticamente** [Do f. de *prático* + *-mente*.] Advérbio. 1. De modo prático. 2. Quase, aproximadamente: *Comeu praticamente tudo sozinho*. 3. Faltado pouco para; por um pouco: *Estão praticamente casados; Ele praticamente foi expulso da casa dos sogros*. [DALP]

**praticamente** \prà\ adv. (sXV) 1 de modo ou maneira prática <resolver p. um problema> 2 perto de, aproximadamente <está p. na adolescência> 3 na realidade, na prática <p., é ele quem manda aqui> 4 pouco menos de; quase <juntou p. 500 ensaios sobre o assunto> 5 quase; por um triz; por pouco <p. enlouqueceu com aquelas crianças> ETIM *prático* + *-mente* [DHLP]

*Praticamente* totaliza 54 ocorrências (33 no DALP e 21 no DHLP), todas modalizadoras, das quais 43 são rubricadas, com mais ocorrências de Zoologia (12, considerando também as 6 de Mastozoologia do DHLP), Física (4) e Astronomia (4). Observando a estrutura sintática que se constrói com *praticamente*, notamos que é seguido de adjetivo na maioria das ocorrências (29, considerando também os participios – 4 – e as locuções – 2) e que é comum também a anteposição a *todos* (6 ocorrências).

Desses dados e das ocorrências entendemos que *praticamente* é mais produtivo com adjetivos porque sua graduação não é mensurável; por exemplo, “uma aspereza praticamente imperceptível”<sup>59</sup> pode ser mais perceptível para uns do que para outros. Também deduzimos que, por ser muito usada em rubricas, segue o mesmo padrão de *geralmente*, delimitar a proposição num espaço discursivo mais confortável para o dicionarista, porque não é categórico, o que explica o advérbio também relacionado a *todos*, porque a totalidade é um conceito muito radical e, como o dicionário é feito para abranger grande número de referentes e atingir grande número de pessoas, essa modalização resguarda imprevistos de definição que poderiam desqualificar a obra.

Desse modo, é importante usar o *praticamente*, assim como o *quase*, porque suaviza a proposição, além de possibilitar registrar a informação e enquadrar na mesma aceção diferentes graus de percepção de uma realidade e traços que não são comuns a todos os casos, mas o são a quase todos. Esse uso também torna possível registrar, por meio do adjetivo, uma característica que seria inquestionável não fosse a leve presença de um traço que impede essa totalização. Assim, o enunciado *película muito fina praticamente sem resistência* não anula a

<sup>59</sup> **granido** Substantivo masculino. 2. Art. Gráf. Aspereza **praticamente** imperceptível, transmitida à pedra litográfica e às placas metalográficas, com o granidor, para que mais facilmente recebam a molhagem durante a impressão. [DALP]

resistência como característica da película, apenas a deixa bem menos intensa, ou *fazer o trabalho de um grupo praticamente sozinho* indica que houve ajuda, mas não a que era esperada ou necessária<sup>60</sup>.

#### 6.1.3.8 *Quase*

*Quase* é um advérbio semelhante a *praticamente*, mas menos contundente na proximidade que expressa semanticamente e, talvez por isso, mais produtivo, tendo número de ocorrências superior àquele, num total de 1.098 (595 no DALP e 503 no DHLP). Consideramos para modalização todas as acepções, menos a de Cabo Verde no DALP, entendendo que são variações de um mesmo traço semântico [+proximidade], ora observada no espaço, ora na intensidade, ora em uma graduação. Como verbete, está assim registrado nas duas obras:

**quase** [Do lat. *quasi*, 'como se'.] Advérbio. 1. Perto, aproximadamente: *Está quase em idade escolar*. 2. Pouco menos: *Tem quase 1.500 livros*. 3. Por pouco, não; por um triz, não: *Quase enlouqueceu*. 4. Cabo-verd. Talvez; porventura: "Quero dizer: foi o que eles me contaram. Se é verdade... Mas quase não é." (Antônio Aurélio Gonçalves, *Noite de Vento*, p. 169.) [DALP]

**quase** *adv.* (1460) **1** a pouca distância; próximo, perto <*falou-lhe q. encostado ao ouvido*> **2** com ligeira diferença para menos <*a produção agrícola q. ultrapassou a do ano anterior*> **3** pouco mais ou menos; quando muito; aproximadamente <*tem q. 90 anos*> **4** um tanto <*a capelinha antiga está q. arruinada*> **5** por um triz, por pouco que não <*ao vê-lo ensanguentado, q. desmaiou*> **q. que** por assim dizer; verdadeiramente <*comprou uma terra com uma vista q. que perfeita*> GRAM/USO em novembro de 2008, a Academia Brasileira de Letras sugeriu que passassem a se grafar sem hífen as palavras que no português se iniciavam por *quase* empregado como el.comp. (p.ex., *quase-contrato, quase-delito, quase-domicílio, quase-equilíbrio, quase-estático, quase-posse* e outras mais); por consenso com a ABL, este dicionário passou a registrar as palavras compostas com *quase* como locuções; o Acordo Ortográfico de 1990 não menciona regra para esse uso ETIM lat. *quasi* 'do mesmo modo que; como; pouco mais ou menos; como se, aparentemente' [DHLP]

Por formar um contingente bem maior de ocorrências em comparação com *praticamente*, mais expressivos prometiam ser os arranjos sintáticos de *quase* e também a

<sup>60</sup> Ambos os verbetes que originaram esses comentários são do DALP: "costas Substantivo feminino plural. Carregar nas costas. Bras. numa tarefa que exija esforço de um grupo, fazer **praticamente** sozinho o trabalho de (todos); carregar" e "nata Substantivo feminino. 4. Constr. Película muito fina, **praticamente** sem resistência, que às vezes se forma na superfície de um concreto após o seu lançamento, e é reconhecível pelo aspecto brilhante."

diversidade de rubricas nas acepções. Das 1.098 ocorrências, mais da metade (654) é rubricada (359 no DALP e 295 no DHLP). Foram usadas mais de 115 rubricas diferentes (48 no DALP e no 67 DHLP), várias com apenas uma ocorrência. A predominância é de rubricas de Botânica e Zoologia, nas duas obras, como vemos na tabela a seguir, porém no DHLP elas são mais especializadas, o que ajuda a explicar a diferença no número de rubricas usadas em uma obra e outra.

<b>RUBRICAS no DALP</b>		
<b>RUBRICA</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>TOTAL</b>
Botânica	140	248
Zoologia	108	

Tabela 1 de *Quase*

<b>RUBRICAS BOTÂNICA E ZOOLOGIA no DHLP</b>				
<b>RUBRICA</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>		<b>PARCIAL</b>	<b>TOTAL</b>
Algologia (algas)	3	Botânica	125	254
Anatomia Botânica	2			
Angiosperma	96			
Botânica	1			
Fitografia	1			
Malacologia	1			
Morfologia Botânica	19			
Pteridófita	2			
Aracnologia	1	Zoologia	129	
Carcinologia	4			
Entomologia	12			
Herpetologia	6			
Ictiologia	9			
Mastozoologia	25			
Ornitologia	69			
Zoologia	3			

Tabela 2 de *Quase*

Depois desses dois grandes grupos, que totalizam mais da metade das ocorrências rubricadas, Astronomia foi a rubrica mais usada (20 ocorrências, sendo 15 delas no DALP). Listamos a seguir as ocorrências mais usadas até 5 no DALP e no DHLP.

<b>RUBRICA</b>	<b>DALP</b>	<b>RUBRICA</b>	<b>DHLP</b>
Astronomia	15	Arquitetura	6
Anatomia	7	Mineralogia	6
Medicina	7	Astronomia	5
Estudos da Linguagem	6	Música	5

Música	6
Física	5
Física Nuclear	5

Tabela 3 de *Quase*

Desse panorama, entendemos que Botânica e Zoologia são duas áreas específicas de conhecimento que nas duas obras demandam o uso dessa modalização delimitadora para preservar a face discursiva do dicionarista. Em outras palavras, ao enunciar com *quase*, o locutor está passando o seguinte recado ao leitor: “Tratamos aqui de casos aproximados, o enunciado não é categórico, mas chega muito próximo do real.” Um enunciador é, então, acionado cada vez que se enuncia um *quase*, especialmente por circunstância da própria descrição técnica (*vide* grande número de rubricas), que exige uma delimitação para preservar a informação e evitar o equívoco de não abarcar um caso específico, constituindo a modalização do *quase* praticamente uma circunstância do ofício do dicionarista. Excetua-se desse caso, por exemplo, as ocorrências em que *quase* é parte integrante do nível da proposição, que, nesse recorte do *corpus*, são os casos dos verbetes em *semi-* (24 no DALP e 15 no DHLP) e *sub-* (17 no DALP e 25 no DHLP), todos definidos por *quase*, que totalizam nas duas obras 81 entradas (39 de *semi-* e 42 de *sub-*).

Outro aspecto interessante que surgiu do conjunto de ocorrências de *quase* é o tipo de combinatória sintagmática em que ele aparece. A primeira expectativa, ao entrar em contato com essa parte do *corpus*, era encontrar mais ocorrências com numerais do que 17 (9 no DHLP e 8 no DALP). Porém, assim como em *praticamente*, quase a metade das ocorrências combina *quase* e adjetivos (482, se incluirmos as 21 locuções), os advérbios vêm em seguida, com 79 ocorrências nas duas obras.

CLASSE	DALP	DHLP	TOTAL
Adjetivo	236	225	461
Locução adjetiva	17	4	21
Advérbio	45	34	79
Locução adverbial	16	11	27
Numeral	8	9	17
Substantivo	9	9	18
Verbo	9	14	23

Tabela 4 de *Quase*

Notamos, ainda, que *quase* forma com *sempre* uma locução equivalente a *frequentemente* e, por isso, não computamos essas 157 ocorrências (101 no DALP e 56 no DHLP) no grupo dos advérbio, entendendo que *quase sempre*, assim como *não necessariamente*, forja outro tipo de delimitação, indicando não proximidade mas constância,



regularidade. Feitos os descontos desses casos especiais, chegamos a um total de 860 acepções com modalização (453 no DALP e 407 no DHLP).

Também por trabalhar com o conceito de proximidade que muitas vezes se aproxima da totalidade, foram expressivas as ocorrências do arranjo com *todo* e flexões, que somaram 164 ocorrências (78 no DALP e 86 no DHLP). Também nos interessou a quantidade de ocorrências com negativas, sob a forma do prefixo *in-*, *im-* (24 no DALP e 25 no DHLP), do *não* (15 no DALP e 5 no DHLP) e de orações e locuções com a preposição *sem* (15 no DALP e 5 no DHLP), totalizando 90 ocorrências.

6.1.3.9 *Uma espécie de*6.1.3.10 *Um tipo de*

*Um tipo de* e *uma espécie de* serão analisados em conjunto, por mostrarem comportamento semelhante tanto sintático quanto semântico, apesar da diferença na quantidade de ocorrências – *um tipo de* possui 67 (31 no DALP e 36 no DHLP) e *uma espécie de* 215 (101 no DALP e 114 no DHLP) – e da produtividade na modalização (o uso de *uma espécie de* foi bem mais largo do que o de *um tipo de* como modalizador). Descartamos como modalização as ocorrências que designam um referente específico em casos como “faixa destinada exclusivamente a um tipo de veículo” e “designação popular de uma espécie de formiga”<sup>61</sup>, ou seja, não poderiam ser considerados casos que remetessem à *espécie* ou *tipo* como categorias, especialmente na classificação de seres vivos.

Como modalizadores, as duas locuções têm caráter genérico e significam “algo como”, em enunciados como “o folião saiu com um tipo de fantasia improvisada” e “o amontoado de farinha formava uma espécie de parede”<sup>62</sup>. Em *espécie* no DALP, esse uso genérico é registrado em uma acepção, que transcrevemos aqui, porém no DHLP e em *tipo* nas duas obras não há menção a esse uso.

**espécie** [Do lat. *specie*.] Substantivo feminino. [...] 4. Aquilo que, não podendo definir precisamente, comparamos com outra coisa, por aproximação: *uma espécie de seda*. [...] [DALP]

Essa falta de precisão na descrição do referente é fruto de uma associação metafórica, que compara dois elementos por traços característicos semelhantes. Assim, o termo que está posposto guarda com o elemento descrito traços semânticos consonantes o suficiente para possibilitar a associação, mas dissonantes o suficiente para requerer a modalização. O uso dessas expressões de aproximação de conceitos em termos gerais protege a face do dicionarista para enunciar algo que não está plenamente preciso, mas é possível – e produtivo – inclusive para resgatar ao leitor conceitos que lhe são familiares.

<sup>61</sup> Os verbetes que guiaram esses exemplos são ambos do DALP: “**corredor** Substantivo masculino. 8. Faixa de avenida, rua, etc., destinada, exclusivamente, a **um tipo de** veículo: *Os corredores de ônibus ajudam a desafogar o trânsito.*” e “**traçanga** Substantivo feminino. 1. Bras. CE Zool. Designação popular de **uma espécie de** formiga cujo nome comum ainda não está correlacionado com o científico. Sabe-se que produz picada dolorosa.”

<sup>62</sup> Os verbetes que originaram esses exemplos são: “**sujo** Adjetivo. 14. Bras. Folião que sai à rua pobremente fantasiado, ou com **um tipo de** fantasia improvisada ou conseguida, a bem dizer, sem despesas” [DALP] e “**cambal** *s.m.* (1727) proteção que se coloca ao redor da mó, ger. feita de tábuas, panos ou um simples amontoado de farinha formando **uma espécie de** parede, para impedir que a farinha recém-moída se espalhe” [DHLP]

Em alguns casos, como os descritos aqui, o estabelecimento do que não é modalização é mais visível – citar uma espécie em oposição a outra, delimitar o elemento posposto<sup>63</sup>, um tipo específico de referente tradicionalmente categorizado, como memórias de computador<sup>64</sup> – e também do que é modalização, inclusive determinado pelo contexto, como a sobreposição de recursos modalizadores. Em outros casos, a delimitação depende de acionar outros conceitos, como a definição da palavra posposta à locução modalizadora para depreender se é categorizável ou não.

<b>UM TIPO DE (ocorrências modalizadoras)</b>	
<b>D A L P</b>	1. <b>imbé</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Bot. Designação comum às plantas trepadeiras aráceas pertencentes ao gênero <i>Philodendron</i> , de folhas enormes, flores mínimas agrupadas em espigas bracteadas, e cujo caule tem raízes aéreas que fornecem fibras para <b>um tipo de</b> barbante ou corda; imbezeiro.
	2. <b>sujo</b> Adjetivo. 14. Bras. Folião que sai à rua pobremente fantasiado, ou com <b>um tipo de</b> fantasia improvisada ou conseguida, a bem dizer, sem despesas.
<b>D H L P</b>	3. <b>cenóbio</b> s.m. (1712) <b>2</b> BIO colônia de organismos unicelulares (algas ou bactérias) com número definido de indivíduos em um arranjo específico, constituindo um único organismo funcional; freq. as células se mantêm unidas por <b>um tipo de</b> gel secretado por todos os indivíduos da colônia
	4. <b>estigmônimo</b> s.m. (1899) sinal convencional (ger. três pontos, ou reticências, ou uma pequena sequência de xx ou equivalentes) que, no lugar do nome do autor, caracteriza <b>um tipo de</b> pseudônimo ou criptônimo; estigmatônimo
	5. <b>moura-encantada</b> s.f. MIT <b>2</b> entidade lendária portuguesa de influência benfazeja, <b>um tipo de</b> mulher morena, vestida de vermelho, que vivia nos rios e nas fontes a pentear seus longos e negros cabelos
	6. <b>surpresa</b> s.f. (c1780) <b>4</b> B chegada inesperada de pessoas para ajudar, num <b>tipo de</b> mutirão que pode ser seguido de música e dança

Tabela 1 De um tipo de – uma espécie de

<b>UMA ESPÉCIE DE (ocorrências modalizadoras) DALP (AURÉLIO)</b>	
1.	<b>agulha</b> Substantivo feminino. Agulha de tricô. Haste longa, de metal, plástico, etc., que tem uma extremidade pontuda, para retirar as malhas da outra agulha, e a extremidade oposta terminada numa <b>espécie de</b> botão para impedir que as malhas se escapem.
2.	<b>amboré</b> Substantivo masculino. 1. Zool. Peixe gobiídeo ( <i>Bathygobius soporator</i> ), do Atlântico e Pacífico. Nadadeira ventral numa só peça, dotada de <b>uma espécie de</b> ventosa central, com que se prende às pedras. Pequeno, sem valor econômico, tem sobre o corpo uma mucilagem, o que lhe valeu, em certas regiões, o nome popular de babosa. Vive em águas rasas entre rochas, corais, etc. ou em estuários, e alimenta-se de invertebrados marinhos, zooplâncton, etc.
3.	<b>antimaculador</b> Adjetivo. Substantivo masculino. 1. Art. Gráf. Diz-se de, ou pó, às vezes suspenso em líquido, que por meio de vaporizador se esparge nas folhas que vão sendo impressas, nelas formando <b>uma espécie de</b> poeira isolante, destinada a evitar repintes.
4.	<b>arquibanco</b> Substantivo masculino. 1. Banco grande, geralmente usado em sacristia e casas antigas, dotado de espaldar, e cujo assento é a tampa de <b>uma espécie de</b> arca.

<sup>63</sup> Exemplo para este caso: “**carbóloy** Substantivo masculino. Metal. 1. Material de grande dureza e resistência à abrasão, que é **um tipo de** carboneto cementado composto de tungstênio, carbono e cobalto, e que pode ser fundido nos formatos desejados, e usinado, recebendo, em seguida, um tratamento térmico.” [DALP]

<sup>64</sup> RAM 1. Sigla que designa **um tipo de** memória em que se podem ler informações já gravadas ou gravar novas informações, constituído por unidades (ou células) individuais, cada qual com uma localização própria (ou endereço) e que podem ser acessadas independentemente e com a mesma rapidez, sem ordem predeterminada. [A RAM é ger. uma memória do tipo volátil (5), us. como memória principal para armazenamento temporário de programas e dados.] [Cf. ROM.] [DALP]

5.	<b>arreganhado</b> Adjetivo. 2. Bras. S. Diz-se do cavalo que em tempo de calor intenso, depois de marchas imoderadas, havendo bebido pouco, é acometido de <b>uma espécie de</b> espasmo, caracterizado pela contração dos maxilares e das narinas.
6.	<b>bergère</b> Substantivo feminino. 1. Poltrona cujo encosto, alto, se prolonga para os lados numa <b>espécie de</b> orelha.
7.	<b>blocausse</b> Substantivo masculino. 1. Primitivamente, fortaleza improvisada com troncos de árvores esquadriados, barras de ferro, etc., formando <b>uma espécie de</b> cabana protegida de paliçada.
8.	<b>bomba</b> Substantivo feminino. 24. Bras. S. Canudo de metal ou de madeira para se tomar o chimarrão, e em cuja extremidade inferior há <b>uma espécie de</b> ralo, destinado a evitar a passagem do pó da erva; bombilha.
9.	<b>cadilhos</b> Substantivo masculino plural. 1. Os primeiros e os últimos fios do urdume, sem trama, e que formam <b>uma espécie de</b> franja.
10.	<b>carda</b> Substantivo feminino. 2. Instrumento constituído de um banco ao qual se apoia <b>uma espécie de</b> grande pente com dentes de madeira, compridos e bastante próximos, e que serve para desembaraçar o cânhamo, o linho, a lã, etc.
11.	<b>cavalhadas</b> Substantivo feminino plural. 1. Folcl. Folguedo popular que consta de <b>uma espécie de</b> justa ou torneio. ~ V. cavahada.
12.	<b>chuca-chuca</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Pequena mecha de cabelo de bebê, ou de criança de pouca idade, penteada de modo que fique voltada para cima, formando <b>uma espécie de</b> caracol: “Maria Mercedes dormindo quietinha, com os olhos fechados, os punhozinhos cerrados, o chuca-chuca desfeito, o rostinho gorducho e macio” (Malu de Ouro Preto, Siri na Noite sem Lua, p. 127).
13.	<b>covanca</b> Substantivo feminino. 1. Bras. S. Terreno pouco extenso, cercado de morros, com entrada natural apenas de um lado, formando <b>uma espécie de</b> bacia, e que é, de ordinário, o extremo de um vale ou de uma várzea.
14.	<b>crinoide</b> Substantivo masculino. Zool 1. Espécime dos crinoides, classe de animais equinodermos, marinhos, de corpo formado por <b>uma espécie de</b> cálice revestido de numerosas placas, do qual saem cinco braços ramificados. São fixos por um pedúnculo ligado à face aboral, e vivem no mar até a 4.000m de profundidade.
15.	<b>crivo</b> Substantivo masculino. 7. Bras. Bord. Bordado de bastidor para o qual se prepara o pano tirando-lhe alguns fios interpolados, tanto na largura como no comprimento, até formarem <b>uma espécie de</b> grade: “Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordado.” (Machado de Assis, Páginas Recolhidas, p. 5.)
16.	<b>dança dos velhos</b> Substantivo feminino. 1. Bras. BA Folcl. Dança de influência ibérica, na região do São Francisco, em que as mulheres e os homens desenvolvem <b>uma espécie de</b> sapateado.
17.	<b>dendróbio</b> Substantivo masculino. Bot. 1. Gênero de orquidáceas epífitas das regiões tropicais e subtropicais da Ásia, ilhas do Pacífico e Austrália, de flores solitárias ou grupadas em racemos ou espigas; as sépalas laterais são fundidas na base, formando <b>uma espécie de</b> saco.
18.	<b>destacado</b> <sup>2</sup> Substantivo masculino. 1. Mús. Na técnica dos instrumentos musicais, sinal de intensidade representado por um pontinho ou <b>uma espécie de</b> acento agudo sobre as notas ou sob elas, e que indica que o som deve ser interrompido mediante um toque seco e breve; estacado <sup>2</sup> .
19.	<b>diabolô</b> Substantivo masculino. 1. Brinquedo que consiste em aparar num cordel estirado, atado pelas pontas a duas varas, <b>uma espécie de</b> carretel com o centro mais fino que o resto, que se atira no ar.
20.	<b>dou</b> Substantivo masculino. 1. Bras. BA Rel. Irmão, ou companheiro, ou guardião do orixá duplo Ibêji (q. v.). [É representado numa <b>espécie de</b> trindade, entre as imagens de São Cosme e São Damião, dentro das casas de culto afro-brasileiras e fora delas.]
21.	<b>elefante-marinho</b> Substantivo masculino. [...] os membros anteriores, apesar de robustos, não proporcionam bom rendimento em terra; os posteriores, muito fortes, com cinco dedos e fendidos ao meio, formam <b>uma espécie de</b> remo cada um.
22.	<b>elefante-marinho</b> Substantivo masculino. 1. Zool. Mamífero carnívoro pinípede, focídeo, perfeitamente adaptado à vida aquática, com duas espécies: a austral ( <i>Mirounga leonina</i> ), do oceano Antártico, S. do Pacífico e Atlântico, e a ártica ( <i>Mirounga angustirostris</i> ), do Pacífico, nas costas da Califórnia, México e Guadalupe. São grandes mamíferos: a fêmea atinge 3,50m e o macho até 6,5m, pesando até 3 toneladas. Cabeça grande, olhos grandes e salientes, arcadas superciliares com pelos rígidos; nos machos, o nariz alonga-

	se numa <b>espécie de</b> tromba [...]
23.	<b>encamisada</b> Substantivo feminino. 3. Bras. Diversão popular em que os homens saíam com <b>uma espécie de</b> albornoz.
24.	<b>epipterado</b> Adjetivo. 1. Bot. Diz-se do fruto ou do grão provido de <b>uma espécie de</b> asa no ápice.
25.	<b>esmaltar</b> Verbo transitivo direto. 6. Fotograv. Aquecer (placa de metal) para transformar em <b>uma espécie de</b> esmalte acidorresistente a camada de cola de peixe ou de goma-laca que reveste as partes correspondentes à imagem, no processo de fotogravura em relevo.
26.	<b>estaleiro</b> Substantivo masculino. 2. Bras. N.E. Leito de paus sobre altas forquilhas, que é <b>uma espécie de</b> jirau onde se põe a secar milho, carne, etc.
27.	<sup>2</sup> <b>falconídeo</b> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos falconídeos, família de aves falconiformes, de vértebras dorsais fixas, ramos de mandíbula com escavação, superfície ventral da maxila superior com <b>uma espécie de</b> crista longitudinal na linha média. São os caracará, ximangos, caranchos, caurés e outros.
28.	<b>fotoscultura</b> Substantivo feminino. 1. Processo fotográfico pelo qual, reunindo-se os perfis de uma pessoa, se obtém <b>uma espécie de</b> estatueta.
29.	<b>fumo-bravo-do-amazonas</b> Substantivo masculino. 1. Bras. AM a BA Bot. Erva poligonácea ( <i>Polygonum hispidum</i> ) cespitosa, de flores vermelhas e alvas, dispostas em espigas cilíndricas densifloras e geminadas, cujo fruto é aquênio, e cujas folhas são us. como tabaco e produzem <b>uma espécie de</b> embriaguez; tabacarana.
30.	<b>glossinídeo</b> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos glossinídeos, família de moscas ciclórrafas, de tamanho médio, caracterizadas pela probóscide acicular, protegida em <b>uma espécie de</b> estojo quando não está em uso, e por prosterno membranoso, nos indivíduos adultos. São importantes vetores dos tripanossomos, agentes etiológicos de diversas doenças do homem e de animais.
31.	<b>gobiídeo</b> Zool. Substantivo masculino. 1. Espécime dos gobiídeos, grande família de peixes osteictes, actinoptérgios, perciformes, cosmopolitas, que habitam águas costeiras tropicais e temperadas. Em muitas espécies as nadadeiras pélvicas fusionam-se formando um disco, <b>uma espécie de</b> ventosa, que permite a sua fixação no fundo do mar e nas rochas. O gênero-tipo é <i>Gobius</i> e reúne centenas de espécies marinhas e fluviais, de corpo pequeno e alongado, e cabeça robusta. Ex.: o amoré.
32.	<b>ibiri</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Rel. Insígnia do orixá Nanã, feito de um feixe de nervuras de palmeira, cuja extremidade superior é presa para formar <b>uma espécie de</b> alça.
33.	<b>incorporação</b> Substantivo feminino. 3. E. Ling. Processo de formação vocabular em que uma palavra, geralmente um verbo, forma <b>uma espécie de</b> composto com seu objeto, ou com um advérbio. [Ex.: papa-hóstias.]
34.	<b>jogo</b> Substantivo masculino. Jogo da vermelhinha. Certo jogo de azar em que há só três cartas, duas de naipe preto e uma de naipe vermelho, com as quais o banqueiro faz <b>uma espécie de</b> prestidigitação, deixando-as voltadas para baixo. O parceiro ganha se acerta qual delas é a vermelha
35.	<sup>2</sup> <b>jota</b> Substantivo feminino. 1. Mús. Canção e dança popular espanhola, em andamento rápido e compasso ternário, que é <b>uma espécie de</b> valsa, porém mais livre, dançada por pares que se defrontam e ocasionalmente se dispõem em círculos, e acompanhada de guitarra, bandurras, castanholas, pandeiro, címbalos, triângulo, etc.: "Somem-se os últimos ecos / Duma jota aragonesa." (Antônio Boto, As Canções, p. 94.)
36.	<b>lambaz</b> Substantivo masculino. 3. Marinh. Molho de fios de carreta, formando <b>uma espécie de</b> vassoura, que se empregava a bordo para enxugar os conveses, as anteparas, etc.: "Marinheiros vassouravam o convés, enquanto outros iam passando o lambaz onde já não havia água." (Adolfo Caminha, Bom-Crioulo, p. 47.)
37.	<b>laringóstomo</b> Adjetivo. 1. Zool. Diz-se de animal articulado cuja boca é <b>uma espécie de</b> tromba, formada pelo esôfago.
38.	<b>lista</b> Substantivo feminino. Lista de discussão. Inform. 2. Inform. As mensagens trocadas por um grupo assim constituído, e consideradas como <b>uma espécie de</b> publicação ou foro virtual.
39.	<b>macambira</b> Substantivo feminino. 1. Bras. N.E. Bot. Planta bromeliácea ( <i>Bromelia laciniosa</i> ) de folhas rígidas e espinhosas, muito dispersa nas regiões secas nordestinas, onde o povo, premido pela fome resultante da seca, prepara, com as folhas dela, <b>uma espécie de</b> pão sem qualquer valor nutritivo; estas folhas são, tb., us. como forragem.
40.	<b>mangue</b> Substantivo masculino. 1. Fitogeogr. Comunidade dominada por árvores ditas

	mangues [v. mangue (2)], dos gêneros <i>Rhizophora</i> , <i>Laguncularia</i> e <i>Avicennia</i> , que se localiza, nos trópicos, em áreas justamarítimas sujeitas às marés. O solo é <b>uma espécie de</b> lama escura e mole.
41.	<b>martelo</b> Substantivo masculino. 8. Atlet. Esfera de bronze ou de ferro presa a um cabo de aço, o qual tem, na extremidade oposta, <b>uma espécie de</b> argola que o atleta empunha para o lançamento.
42.	<b>mirabanda</b> Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Moscardo que vive em sociedade numa <b>espécie de</b> ninho.
43.	<b>ola</b> Substantivo feminino. 3. Bibliol. Cada uma das tiras de folhas de palmeira que, preparadas, perfuradas e metidas entre capas de madeira, formam, entre povos indianos, <b>uma espécie de</b> livro, sobre o qual se escreve com estilete de metal, cujos sulcos são preenchidos com mistura de carvão e óleo.
44.	<b>pelota</b> Substantivo feminino. Pelota basca. Jogo no qual participam dois ou quatro jogadores munidos de <b>uma espécie de</b> pá com a qual arremessam a bola contra uma parede frontal, num local especialmente preparado.
45.	<b>peru</b> Substantivo masculino. Peru de roda. Peru (1) que forma com a cauda <b>uma espécie de</b> leque: “Ela nunca viu homem, e por isso anda aqui feito galinho de terreiro, ou peru de roda” (Franklin Távora, O Cabeleira, p. 42).
46.	<b>presilha</b> Substantivo feminino. 1. Tira de pano, couro, plástico, etc., ou cordão, que tem na extremidade <b>uma espécie de</b> aselha ou casa, na qual se enfia um botão, para apertar, prender, etc.: presilha de suspensório; presilha de sapatos.
47.	<b>quilotar</b> [Do fr. culotter, ‘revestir o forninho de (o cachimbo), pelo hábito de fumá-lo, de <b>uma espécie de</b> crosta negra’, poss.] Verbo transitivo direto. Bras.
48.	<b>ralador</b> Substantivo masculino. 3. Tal utensílio constituído de uma lâmina metálica crivada de orifícios de rebordos arrebitados, ou por <b>uma espécie de</b> colher com bordas dentadas; ralo.
49.	<b>rapa</b> Substantivo masculino. 1. Jogo que consiste em lançar <b>uma espécie de</b> dado em cada face do qual há uma das letras: R (rapa), T (tira), D (deixa), P (põe); pirinola: “Recordava-se duma rapariguinha de olhos grandes, com quem jogava o rapa no Natal” (Júlio Brandão, Contos Escolhidos, p. 44).
50.	<b>rede</b> Substantivo feminino. 1. Tec. Têx. Entrelaçamento de fios (de algodão, linho, fibras artificiais ou sintéticas), cordas, arames, etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas [v. malha <sup>1</sup> (1)], formando <b>uma espécie de</b> tecido.
51.	<b>regador</b> Substantivo masculino. 3. Recipiente, em geral cilíndrico, munido de um bico no qual se encaixa <b>uma espécie de</b> ralo, e que serve sobretudo para regar plantas.
52.	<b>remanso</b> Substantivo masculino. 4. Bras. Amaz. Contracorrente junto às margens de um rio, causada por pontas de terra, fins de praias, enseadas, onde o ângulo morto produz <b>uma espécie de</b> refluxo fluvial.
53.	<b>roda</b> Substantivo feminino. 20. Suplício que consistia em amarrar alguém numa <b>espécie de</b> cruz em forma de X, quebrar-lhe os membros com uma maça e, em seguida, atar-lhe o corpo a uma roda, que se fazia girar; suplício da roda.
54.	<b>sagui-imperador</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. Pequeno macaco, calitriquídeo ( <i>Marikina imperator</i> ), da região do rio Purus, no AC, que tem pelos brancos, muito longos, alguns com 6cm de comprimento, ou seja, uma quarta parte da extensão do corpo, em redor da boca, formando <b>uma espécie de</b> bigode, característico da espécie. A cabeça é parcialmente preta.
55.	<b>serigrafia</b> Substantivo feminino. Art. Gráf. 1. Processo de reprodução de imagens e letreiros sobre superfícies planas ou curvas, de papel, pano, vidro, metal, etc., com o emprego de um caixilho com tela de seda, náilon, aço inoxidável, etc., formando <b>uma espécie de</b> estêncil (máscara) no qual as partes impermeabilizadas representam os claros do desenho ou as áreas reservadas a outras cores, e a tinta passa através das partes permeáveis premida pelo rodo ou puxador. [A tiragem faz-se manualmente, ou em prensas de que há modelos inteiramente automáticos, nos quais o rodo é fixo, e móvel o caixilho.]
56.	<b>sisão</b> Substantivo masculino. 1. Lus. Zool. Ave pardacenta muito semelhante ao adam, que apresenta <b>uma espécie de</b> colar de penas negras no pescoço.
57.	<b>teia</b> Substantivo feminino. Teia de aranha. Tela (1) de fios finíssimos que formam <b>uma espécie de</b> rede elástica e que é produzida pelas aranhas a fim de captar os insetos de que necessitam para sua alimentação.
58.	<b>tinteiro</b> Substantivo masculino. 5. Art. Gráf. Recipiente da tinta, nas várias espécies de

	prensas, constituído, em geral, por <b>uma espécie de</b> calha com tampa (caixa do tinteiro), onde gira um cilindro de aço, ao qual se apoia uma lâmina graduável (telha ou faca), reguladora da saída.
59.	<b>tipiti</b> Substantivo masculino. 1. Utensílio que consiste numa <b>espécie de</b> cesto cilíndrico extensível, feito de palha, com uma abertura na parte superior e duas alças, us. entre os povos indígenas brasileiros para extrair, por pressão, o ácido hidrocianico da mandioca brava.
60.	<b>torneira</b> Substantivo feminino. 1. Tubo com <b>uma espécie de</b> chave, usado para reter ou deixar sair um fluido contido em vaso, barrica, etc.; bica

Tabela 2 de *Um tipo de – uma espécie de*

<b>UMA ESPÉCIE DE (ocorrências modalizadoras) DHLP (HOUAISS)</b>	
1.	<b>aferroar</b> v. (1877) <b>5 t.d.</b> CONSTR desfazer (o reboco de uma parede, muro etc.) com <b>uma espécie de</b> picadeira (prov. de ferro) para formar nova base de revestimento
2.	<sup>1</sup> <b>agulha</b> s.f. (1012) ♦ <b>a. de tricô</b> COST haste longa de metal, plástico ou outro material, na qual uma extremidade pontuda serve para retirar as malhas de outra agulha, enquanto a extremidade oposta é rematada por <b>uma espécie de</b> botão, que impede que as malhas se escapem
3.	<b>alto-estrato</b> s.m. (sXIX) MET nuvem cujo formato lembra <b>uma espécie de</b> véu espesso e acinzentado e que se situa a uma altitude que varia entre 2.000m e 6.000m
4.	<b>antimaculador</b> \ô\ adj.s.m. GRÁF diz-se de ou pó, por vezes suspenso em líquido, que é espargido nas folhas, à medida que são impressas, cobrindo-as com <b>uma espécie de</b> poeira isolante, cuja finalidade é evitar repintes
5.	<b>aqualouco</b> adj.s.m. B que ou aquele que, como <b>uma espécie de</b> acrobata, veste roupa de banho à antiga e faz demonstrações cômicas a partir do trampolim de uma piscina, de onde dá saltos desajeitados e ridículos
6.	<b>argonauta</b> s.m. (1538) <b>2 MALAC</b> design. comum aos polvos do gên. <i>Argonauta</i> , da fam. dos argonautídeos, cujas fêmeas secretam <b>uma espécie de</b> concha calcária, us. para a deposição dos ovos e como refúgio
7.	<b>automático</b> adj. (1836) ■ s.m. ENG.MEC <b>6</b> aparelho que apresenta, numa parte envidraçada ou de plástico transparente, certo artigo que se pode adquirir colocando-se, numa ranhura, uma moeda, cuja introdução provoca a sua descida para <b>uma espécie de</b> gaveta ou abertura
8.	<b>axabó</b> s.m. REL B forma feminina de Xangô que dança no barracão com um pano da costa e <b>uma espécie de</b> lira nas mãos, e por quem se sacrificam cabras ☞ inicial maiúsc.
9.	<b>badminton</b> \bædmˌntn\ [ing.] s.m. (d1874) DESP jogo de quadra em que dois adversários ou duas duplas, munidos de raquetes e separados por uma rede, voleiam alternadamente <b>uma espécie de</b> peteca
10.	<b>barrigueira</b> s.f. (1889) <b>1 B</b> peça de arreio que prende a sela ao cavalo, que consiste numa <b>espécie de</b> cinta que envolve a barriga do animal; cilha
11.	<b>bemba</b> s.2g. ETNOL ☐ <b>bembas</b> s.m.pl. ETNOL <b>4</b> população agrícola que ocupa o N.E. de Zâmbia, com uma sociedade fundamentada no sistema de clãs e unida por <b>uma espécie de</b> realeza
12.	<sup>2</sup> <b>bento</b> s.m. (1691) MOB peça antiga de mobiliário oriental, que consiste em <b>uma espécie de</b> armário de gavetinhas; contador
13.	<b>bétele</b> s.m. (1500) <b>2 p.met.</b> mastigatório tônico, adstringente e sialagogo, feito da noz-de-areca, após descasque, cozimento, trituração e secagem, misturada a leite de cal, por vezes a tabaco, cardamomo ou outra planta aromatizante, e enrolado na folha do bétele ('erva'); atambor [É intensa e extensamente us. pelas populações do Sudeste asiático; provoca <b>uma espécie de</b> embriaguez, deixa a boca temporariamente tingida de um tom acastanhado e os dentes escurecidos, embora não os pareça prejudicar.]
14.	<b>cabeção</b> s.m. (sXIII) <b>4 VEST</b> em peças de roupa que se vestem acima da cintura (como capas, casacos, vestidos, camisas), a parte superior, que forma <b>uma espécie de</b> gola ger. larga e pendente
15.	<b>cambal</b> s.m. (1727) proteção que se coloca ao redor da mó, ger. feita de tábuas, panos ou um simples amontoado de farinha formando <b>uma espécie de</b> parede, para impedir que a farinha recém-moída se espalhe
16.	<b>camboa</b> \ô\ s.f. (c1508) <b>2 PSC</b> cova aberta na beira do mar para que a água nela

	penetre e forme <b>uma espécie de</b> piscina que possa conter peixes miúdos
17.	<b>cancelado</b> <i>adj.</i> (1302) <b>6</b> MORF.BOT em que a ausência de parênquima e a presença de nervuras anastomosadas formam <b>uma espécie de</b> rede (diz-se de folha)
18.	<b>caneiro</b> <i>s.m.</i> (1348) <b>2</b> estacada ou caniçada que, em um rio, forma <b>uma espécie de</b> corredor e se destina à pescaria
19.	<b>cangapé</b> <i>s.m.</i> (1889) <b>2</b> MA a AL pontapé aplicado dentro da água, em <b>uma espécie de</b> jogo de capoeira
20.	<b>capistrana</b> <i>s.f.</i> CONSTR MG ( <i>Diamantina</i> ) <i>infrm.</i> pavimentação com grandes lajes, no centro da rua, formando <b>uma espécie de</b> calçada
21.	<b>caruara</b> <i>s.f.</i> (1587) ❖ <i>s.2g.</i> ETN AMAZ <b>6</b> ente sobrenatural, invisível, que supostamente ataca mulheres menstruadas a flechadas, provocando <b>uma espécie de</b> reumatismo nas vítimas
22.	<b>cepo</b> \ê\ <i>s.m.</i> (sXIII) <b>11</b> CARP peça de madeira que funciona como <b>uma espécie de</b> cabo, em que se fixa o ferro da plaina ou de instrumento semelhante
23.	<b>chocho</b> \ô\ <i>adj.</i> (1727) ■ <i>s.m. infrm.</i> <b>9</b> beijinho dado com <b>uma espécie de</b> estalido; beijoca
24.	<b>códice</b> <i>s.m.</i> (1548) <b>2</b> BIBL HIST conjunto dessas placas, articulado por dobradiças, constituindo <b>uma espécie de</b> livro
25.	<b>códice</b> <i>s.m.</i> (1548) <b>3</b> <i>p.ext.</i> BIBL HIST grupo de folhas de pergaminho manuscritas, unidas, numa <b>espécie de</b> livro, por cadarços e/ou cosedura e encadernação
26.	<b>coluna</b> <i>s.f.</i> (sXIII) ♦ <b>c. vertebral</b> ANAT conjunto das vértebras que se sobrepõem umas às outras na parte dorsal do tronco, formando <b>uma espécie de</b> coluna que vai do crânio ao cóccix; coluna dorsal, coluna espinhal, espinha dorsal, raque
27.	<sup>1</sup> <b>coto</b> \ól\ <i>s.m.</i> MÚS instrumento de cordas japonês, <b>uma espécie de</b> cítara com uma caixa de ressonância pousada no chão, sobre a qual se esticam 13 cordas de seda, cada uma munida de um cavalete
28.	<b>coxilha</b> <i>s.f.</i> (1899) FISGR B S. extensão de terra com pequenas e grandes elevações, constituindo <b>uma espécie de</b> ondulação, e na qual se desenvolve a atividade pastoril
29.	<b>crack</b> \kræk\ [ing.] <i>s.m.</i> (1905) QUÍM droga de alta concentração e toxicidade, mistura de cocaína, bicarbonato de sódio etc., ger. apresentada em forma de cristais para ser fumada numa <b>espécie de</b> cachimbo [Narcótico de uso ilegal.]
30.	<sup>2</sup> <b>cremona</b> <i>s.f.</i> (1938) SERLH ferragem utilizada para trancar portas e janelas, com duas hastes engrenadas em <b>uma espécie de</b> cremalheira que se faz girar com maçaneta; carmona
31.	<b>cristalizado</b> <i>adj.</i> (1740) <b>2</b> revestido de camada de açúcar (diz-se de fruta ou doce que, seco e solidificado, adquire <b>uma espécie de</b> casca vítrea e agradável de se trincar)
32.	<b>crivo</b> <i>s.m.</i> (sXIV) <b>2</b> <i>p.ana.</i> lâmina com orifícios aplicada à porta de certas casas, <b>uma espécie de</b> visor cuja função é resguardar quem olha de dentro para fora
33.	<b>cúmulo-nimbo</b> <i>s.m.</i> MET nuvem ger. escura e carregada, que prenuncia o trovão, a tempestade, e que, por causa dos cristais de gelo, toma uma forma que lembra a de torreões superpondo-se uns aos outros sob <b>uma espécie de</b> véu de aparência fibrosa; nimbo-cúmulo
34.	<b>cunauaru</b> <i>s.m.</i> (sXX) B <b>1</b> HERP anfíbio anuro da fam. dos hilídeos ( <i>Phrynohyas venulosa</i> ), encontrado do México ao Norte da Argentina, cujo ninho é construído com <b>uma espécie de</b> resina, que, quando queimada, produz uma fumaça aromática; sapo-cunauaru
35.	<b>debate</b> <i>s.m.</i> (sXV) <b>5</b> LIT na Idade Média, composição poética não cantada, que consiste em <b>uma espécie de</b> discussão entre dois contendores, com versos irregulares e rimas toantes, ger. de temas satíricos e alegóricos
36.	<b>décima</b> <i>s.f.</i> (1654) <b>7</b> MÚS VRS B N.E. estrofe composta por uma quadra e uma sextilha em redondilha maior (versos de sete sílabas), separadas por uma pausa e obedecendo ger. ao esquema de rima ABBA.ACDDDC, em que a quadra constitui <b>uma espécie de</b> mote, e a sextilha, a glosa, freq. us. pelos cantadores nordestinos
37.	<b>diabolô</b> <i>s.m.</i> (sXX) LUD brinquedo que consiste em aparar, num cordel atado pelas extremidades a duas varas que servem de cabo, <b>uma espécie de</b> carretel (formado por dois troncos de cone unidos pelas bases mais finas) que se atira ao ar
38.	<sup>2</sup> <b>ensaíar</b> <i>v.</i> <b>1</b> <i>int. e pron.</i> BEI suspender e prender saia comprida na cintura, formando <b>uma espécie de</b> grande prega ou bolso e diminuindo o comprimento <ensaíou(-se) para atravessar o ribeirão>



39.	<b>escada</b> <i>s.f.</i> (sXIII) ♦ <b>e. rolante</b> aquela em que os degraus sobem e descem continuamente, movidos por um mecanismo próprio que a transforma numa <b>espécie de</b> elevador
40.	<b>estratego</b> \é\ <i>s.m.</i> (1873) <b>2</b> HIST JUR <i>arql.vb.</i> cada um dos dez magistrados da antiga Grécia, eleitos diretamente pelo povo e que compunham <b>uma espécie de</b> poder executivo, para cuidar esp. das medidas de natureza militar
41.	<b>farpão</b> <i>s.m.</i> (1545) <b>2</b> antiga arma de guerra constituída por <b>uma espécie de</b> grande dardo com ferro farpado; arpão
42.	<b>filó</b> <i>s.m.</i> (1827) <b>1</b> TÊXT tule de seda, algodão ou outro material, ger. engomado, e cuja urdidura forma <b>uma espécie de</b> rede vazada dando-lhe uma aparência leve e própria para ser us. em véus, cortinados etc.
43.	<b>flutuador</b> \ô\ <i>adj.s.m.</i> (1913) <b>2</b> CEL diz-se de indivíduo medusoide modificado, das caravelas (gên. <i>Physalia</i> ) e de alguns outros sifonóforos, que forma <b>uma espécie de</b> saco, cheio de gás, responsável por manter a colônia em flutuação; pneumatóforo
44.	<sup>1</sup> <b>gamela</b> <i>s.f.</i> (sXIII) ❖ <i>s.2g.</i> ETNOL <b>5</b> denominação dada pelos portugueses a indígenas de grupos que usavam <b>uma espécie de</b> pequena gamela (acp. 1) enfeitando o lábio inferior; eram assim chamados os <i>acroás</i> e os <i>gueguês</i> do Piauí, e alguns grupos do Maranhão
45.	<sup>1</sup> <b>garrote</b> <i>s.m.</i> (c1596) <b>3</b> <i>p.met.</i> instrumento com que se executava esse suplício [Ger. um assento preso a <b>uma espécie de</b> estaca na qual, em altura adequada, se prendia a corda destinada ao estrangulamento.]
46.	<b>jet ski</b> ® \dzet ski\ [ing., marca registrada] <i>loc.subst.</i> (1988) DESP <b>1</b> veículo aquático, concebido como <b>uma espécie de</b> motocicleta, que se desloca sobre esquis, us. em competições esportivas e como lazer
47.	<b>kendo</b> \keɔndo:\ [jap.] <i>s.m.</i> DESP arte marcial japonesa, <b>uma espécie de</b> esgrima em que os adversários usam espadas de bambu e estão protegidos por uma armadura composta de capacete (semelhante ao da esgrima) e peitilho rígido ☞ <i>f.aport.:</i> <i>quendô</i>
48.	<b>letrilha</b> <i>s.f.</i> (1913) LIT <i>p.us.</i> pequena composição poética, ger. em versos de sete sílabas, e em cujos finais se repete <b>uma espécie de</b> refrão que não aparece no início da composição
49.	<b>língua</b> <i>s.f.</i> (1152) ♦ <b>I. de sogra</b> <i>B</i> apito a que se acopla um tubo de papel enroscado, e que, ao ser soprado, se desenrola emitindo som e exibindo <b>uma espécie de</b> língua comprida; língua de sola
50.	<b>lota</b> <i>s.f.</i> (a1789) <b>4</b> <i>p.met.</i> a maneira de vender o pescado, que parece <b>uma espécie de</b> leilão
51.	<b>martelo</b> <i>s.m.</i> (sXIV) <b>2</b> peça de certos relógios de pé ou parede que bate numa <b>espécie de</b> gongo para fazer soar as horas
52.	<b>mesário</b> <i>s.m.</i> (1858) <b>3</b> <i>ant.</i> título de cinco oficiais que tinham, nos mercados, <b>uma espécie de</b> tribunal para defesa dos credores contra os seus devedores e que, em tempos difíceis, emprestavam dinheiro mediante garantias
53.	<b>mirabanda</b> <i>s.f.</i> (1873) ENT <i>obsl.</i> moscardo brasileiro que vive em sociedade em <b>uma espécie de</b> ninho
54.	<b>monstro</b> <i>s.m.</i> (sXV) ♦ <b>m. sagrado</b> <b>2</b> <i>p.ext. iron.</i> indivíduo renomado e que, por ser bastante conhecido e louvado, se torna <b>uma espécie de</b> mito intocável e isento de críticas
55.	<b>montanha-russa</b> <i>s.f.</i> <b>1</b> LUD brinquedo, encontrado em parques de diversões, que se constitui de uma múltipla rede de trilhos, armados em aclives e declives sucessivos, e através dos quais circula, com relativa velocidade, <b>uma espécie de</b> trem, composto de pequenos compartimentos abertos com barras de ferro e bancos nos quais as pessoas se sentam
56.	<b>montanha-russa</b> <i>s.f.</i> <b>2</b> CUL RS guloseima composta de várias camadas de creme, formando <b>uma espécie de</b> cone, em cujo cume se coloca uma porção de merengue e, por vezes, uma ameixa
57.	<sup>1</sup> <b>mosaico</b> <i>s.m.</i> (sXV) ♦ <b>m. fluido</b> CIT formulação hipotética segundo a qual a parte lipídica da membrana plasmática é fluida e as proteínas espalhadas formam <b>uma espécie de</b> mosaico
58.	<sup>1</sup> <b>naja</b> <i>s.f.</i> (1713) HERP design. comum às serpentes, altamente peçonhentas, do gên. <i>Naja</i> , da fam. dos elapídeos, encontradas na Ásia e África, que quando excitadas dilatam o pescoço, formando <b>uma espécie de</b> capuz, razão do nome comum cobra-de-

	capelo
59.	<b>nimbo-cúmulo</b> <i>s.m.</i> MET nuvem ger. escura e carregada, que prenuncia o trovão, a tempestade, e que, por causa dos cristais de gelo, toma uma forma que lembra a de torreões superpondo-se uns aos outros sob <b>uma espécie de</b> véu de aparência fibrosa; cúmulo-nimbo
60.	<b>novela</b> <i>s.f.</i> (1375) 1 LIT narrativa breve, maior do que um conto e menor do que um romance, e que se caracteriza por apresentar <b>uma espécie de</b> concentração temática em torno de um número restrito de personagens
61.	<b>onfuá</b> <i>s.m.</i> ETN MÚS <i>B</i> instrumento musical indígena que se constituiu em uma trombeta tubular de madeira terminada por <b>uma espécie de</b> campana, semelhante à da clarineta
62.	<b>ornis</b> <i>s.m.</i> (1899) TÊXT tecido leve e transparente, <b>uma espécie de</b> musselina indiana
63.	<b>palanquim</b> <i>s.m.</i> (1535) 1 veículo, ger. para uma pessoa, us. em países orientais (como China e Índia) e que consiste numa <b>espécie de</b> liteira fechada ou de leito ou assento coberto, preso a um varal que é levado no ombro por dois, quatro ou seis homens ou, por vezes, no dorso de elefantes ou camelos
64.	<b>parauacu</b> <i>s.m.</i> (1785) MASTZOO design. comum aos macacos amazônicos do gên. <i>Pithecia</i> , da fam. dos cebídeos, com até 70 cm de comprimento, corpo e cauda cobertos por pelagem longa, densa e crespa, que, na cabeça, forma <b>uma espécie de</b> capuz; cabeludo, cuxiú, macaco-cabeludo, paraguaçu, parauaçu, pirocolu [Vivem solitários ou em pequenos grupos, no dossel da floresta.]
65.	<b>pelicossauro</b> <i>adj.</i> (d1909) ▣ <b>pelicossauros</b> <i>s.m.pl.</i> PALEOZ 3 ordem extinta de répteis sinapsidas, com fósseis do Carbonífero Superior ao Permiano Inferior do hemisfério norte, com muitas spp. dotadas de longas projeções vertebrais, que, unidas por uma membrana dérmica, formam <b>uma espécie de</b> vela dorsal
66.	<sup>1</sup> <b>pelota</b> <i>s.f.</i> (sXIII) ♦ <b>p. basca</b> DESP jogo com dois ou quatro participantes munidos de <b>uma espécie de</b> pá, que consiste em lançar a bola alternadamente numa parede frontal, chamada frontão
67.	<b>peristilo</b> <i>s.m.</i> (1720) 2 conjunto de colunas que formam <b>uma espécie de</b> galeria em torno ou diante de um edifício
68.	<b>pinhé-pinhé</b> <i>s.m.</i> LUD brincadeira infantil em que cada participante segura as costas da mão de um parceiro com um beliscão, formando <b>uma espécie de</b> escada que se desfaz quando alguém grita: 'Pinhé!'
69.	<b>pneumatismo</b> <i>s.m.</i> HIST MED doutrina do começo da era cristã que atribuía a causa da vida à ação de <b>uma espécie de</b> espírito etéreo, o pneuma, que desempenhava diversas funções orgânicas
70.	<b>podocarmo</b> <i>s.m.</i> (1873) GIMN design. comum às árvores do gên. <i>Podocarpus</i> , que reúne 94 spp., com folhas ger. estreitas e achatadas e sementes semelhantes a drupas, em <b>uma espécie de</b> receptáculo vermelho ou purpúreo [Nativas do Japão, das Antilhas, de regiões tropicais de altitude e esp. de áreas temperadas do hemisfério sul, várias são cultivadas pelas madeiras ou como ornamentais, como, p.ex., o pinheirinho.]
71.	<b>preguiça-de-coleira</b> <i>s.f.</i> MASTZOO <i>B</i> preguiça-de-três-dedos ( <i>Bradypus torquatus</i> ), endêmica do Leste do Brasil (BA, ES e RJ), onde é encontrada nas formações de Mata Atlântica; com cerca de 50 cm de comprimento, pelagem castanha e nuca com longos pelos negros, formando <b>uma espécie de</b> crina; aí-igapó, aipixuna, aí-pixuna, preguiça-preta [Espécie ameaçada de extinção.]
72.	<b>pugilato</b> <i>s.m.</i> (1817-1819) 1 na Grécia antiga, luta a socos com os punhos cobertos com <b>uma espécie de</b> luvas de couro (ditas <i>cestos</i> \é\ não almofadadas e por vezes reforçadas com placa de metal, tiras rígidas ou saliências pontiagudas [Fazia parte dos desportos olímpicos pesados e por vezes levava à morte o(s) combatente(s).]
73.	<sup>1</sup> <b>puíta</b> <i>s.f.</i> (a1899) 1 MÚS instrumento musical africano, <b>uma espécie de</b> tambor curto aberto numa extremidade e fechado na outra por couro
74.	<b>quaderna</b> <i>s.f.</i> (1712) 1 HER conjunto de quatro quadrados em forma de crescentes apontados e iguais, simetricamente dispostos e afrontados, formando <b>uma espécie de</b> rosa ou cruz; caderna, lunel
75.	<b>queijo-cavalo</b> <i>s.m.</i> <i>B</i> queijo, originalmente italiano, de leite de vaca (ou búfala) semidesnatado, de pasta comprimida, reduzida a fios, freq. defumada, de cor amarelo-palha, com característica forma de cabaça, tendo na parte superior <b>uma espécie de</b> intumescência arredondada, de tamanho menor
76.	<b>quitanda</b> <i>s.f.</i> (1681) ♦ <b>q. das iaôs</b> REL <i>B</i> parte do ritual iniciático do <sup>3</sup> panã, em que as

	iaôs, numa <b>espécie de</b> feira, vendem, freq. possuídas por <sup>1</sup> erês, os objetos e as comidas que fizeram ou receberam de presente quando reclusas na camarinha, a fim de compensar os gastos praticados por motivo de sua iniciação
77.	<b>rapado</b> <i>adj.</i> (1258) que se rapou; raspado <b>4</b> diz-se de <b>uma espécie de</b> trigo mole
78.	<b>remanso</b> <i>s.m.</i> (1552) <b>1</b> porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma <b>uma espécie de</b> pequena enseada tranquila
79.	<b>ripal</b> <i>adj.2g.</i> (1831) MATER próprio para pregar, fixar ripas (diz-se de <b>uma espécie de</b> prego); ripar
80.	<b>ritornelo</b> <i>s.m.</i> (sXVIII) <b>5</b> VRS repetição mais ou menos regular de um verso no fim ou no início (como <i>antecanto</i> ) de diversas estrofes, ou ainda no corpo da mesma estrofe, criando <b>uma espécie de</b> rima ou base rítmica para o poema
81.	<b>roda</b> <i>s.f.</i> (1134) <b>15</b> HIST suplício medieval que consistia em amarrar a vítima numa <b>espécie de</b> cruz em forma de X, quebrar-lhe os membros e depois deixá-la morrer presa a uma roda que se fazia girar; suplício da roda
82.	<b>sagui-imperador</b> <i>s.m.</i> MASTZOO <i>B</i> sagui do Oeste amazônico ( <i>Saguinus imperator</i> ), de dorso acinzentado, cauda laranja e boca rodeada por longos pelos brancos, que formam <b>uma espécie de</b> bigode; sagui-de-bigode
83.	<b>sintônico</b> <i>adj.</i> <b>3</b> dizia-se entre os antigos gregos de <b>uma espécie de</b> gênero diatônico que resulta da divisão do tetracorde num semitom e dois tons iguais
84.	<b>sovela</b> <i>s.f.</i> (sXIV) <b>2</b> instrumento formado por <b>uma espécie de</b> agulha reta ou curva, com cabo, com que os sapateiros e correeiros furam o couro para o costurar
85.	<b>tabardo</b> <i>s.m.</i> (1253) VEST <b>2</b> no sXV, casaco folgado, com grande capuz e mangas, que os homens usavam sobre <b>uma espécie de</b> colete ( <sup>1</sup> <i>pelote</i> ) e as mulheres, sobre um corpete (tb. dito <sup>4</sup> <i>cota</i> )
86.	<b>taipa</b> <i>s.f.</i> (sXIII) <b>1</b> CONSTR processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por <b>uma espécie de</b> gradeamento, ger. de paus, varas, bambus, caules de arbustos etc.
87.	<b>taipal</b> <i>s.m.</i> (1188-1230) <b>3.1</b> cada um dos anteparos de madeira colocados no carro de bois e que formam <b>uma espécie de</b> carroceria
88.	<b>tamanduá-mirim</b> <i>s.m.</i> MASTZOO mamífero xenartro da fam. dos mirmecofagídeos ( <i>Tamandua tetradactyla</i> ), encontrado da Venezuela ao Sul do Brasil; com cabeça, pernas e parte anterior do dorso de coloração amarelada, restante do corpo negro, formando <b>uma espécie de</b> colete, cauda longa e preênsil e patas anteriores com quatro grandes garras
89.	<b>toldar</b> <i>v.</i> (sXV) <b>2</b> <i>t.d.</i> cobrir, fazer <b>uma espécie de</b> toldo ou dossel sobre <naquele ponto algumas árvores toldavam o rio>
90.	<b>tornada</b> <i>s.f.</i> (sXIII) <b>2</b> VRS estrofe, composta ger. de metade dos versos das estrofes anteriores, com que em geral terminam as sextinas e que contém <b>uma espécie de</b> resumo do conteúdo do poema; remate
91.	<b>torneira</b> <i>s.f.</i> (a1666) <b>1</b> peça dotada de <b>uma espécie de</b> chave, ger. adaptada a um cano, tubo, recipiente etc., e que é usada para reter ou deixar sair o líquido ou gás neles contido; bica
92.	<b>tuco-tuco</b> <i>s.m.</i> MASTZOO design. comum aos roedores, fossoriais, da fam. dos ctenomídeos, com um único gên. ( <i>Ctenomys</i> ) e cerca de 44 spp., do Centro e Sul da América do Sul; de corpo robusto e cilíndrico, cabeça grande, pescoço, pernas e cauda curtos, pés com cinco dedos, portadores de unhas fortes e curvas e cerdas rígidas, que formam <b>uma espécie de</b> pente e auxiliam na limpeza do pelo; curu-curu, cururu, rato-de-pentes [Vivem em galerias e emitem sons graves e fortes, razão do nome popular.]
93.	<b>unhão</b> <i>s.m.</i> (1881) MAR <b>1</b> emenda de dois cabos pelos chicotes, formando <b>uma espécie de</b> pinha
94.	<b>urutu</b> <i>s.2g.</i> (1871) HERP <b>1</b> serpente venenosa da fam. dos viperídeos ( <i>Bothrops alternatus</i> ), encontrada no Brasil (S.E., S. e C.-O), Paraguai, Uruguai e Argentina; com até 2 m de comprimento aprox., corpo marrom com manchas pretas em forma de ferradura, alto da cabeça marrom-escuro com estrias claras, formando <b>uma espécie de</b> cruz e lado ventral branco com manchas pretas [sin.: coatiara, cotiara, cruzeira, cruzeiro, jararaca-de-agosto, jararaca-de-rabo-de-porco, urutu-cruzeiro]
95.	<b>utrículo</b> <i>s.m.</i> (1788) <b>3</b> MORF.BOT fruto sincárpico, unisseminado, seco e indeiscente, envolvido pelos perfis concrecentes que formam <b>uma espécie de</b> vesícula, presente

	nas plantas do gên. <i>Carex</i> , da fam. das ciperáceas
96.	<b>velador</b> \ô\ <i>adj.s.m.</i> (sXIII) ■ <i>s.m.</i> <b>3</b> utensílio formado de uma haste de madeira apoiada numa base, tendo na parte superior <u>uma espécie de disco onde se coloca um candeeiro ou uma vela</u>

Tabela 3 de *Um tipo de – uma espécie de*

Confrontando as duas tabelas, vemos que a quantidade de ocorrências modalizadas no DHLP é superior à do DALP, que teve quase a metade das 101 ocorrências descartadas nessa leitura, e que é grande a incidência de rubricas nas acepções, tanto no DALP (28) quanto DHLP (71), com ocorrência mais expressiva das rubricas na área de Botânica e Zoologia. Isso indica que os termos técnicos, assim como em outros casos de modalização, mostram-se férteis não apenas para a proteção de face do dicionarista, mas também para uso de uma descrição que, embora não traga a precisão do termo técnico, ao menos nesse subgrupo, atinge o leitor por meio do uso de um termo genérico que resgata noções comuns ao leitor. Nas tabelas a seguir, estão marcadas todas as rubricas com 4 ocorrências e a interseção entre essas duas tabelas. O que nos chamou a atenção foram as ocorrências de Artes Gráficas e Música, nem tão expressivas numericamente quanto a de Zoologia, mas na mesma medida que Botânica.

RUBRICAS no DHLP	OCORRÊNCIAS
Anatomia	1
Artes Gráficas	4
Bibliologia	2
Biologia (Citologia)	1
Bot (Gimnospermas)	1
Carpintaria	1
Construção	2
Costura	1
Culinária	1
Desportos	4
Engenharia Mecânica	1
Etnologia	3
Geografia Física	1
Heráldica	1
História	4
História da Medicina	1
Indústria Têxtil	2
Literatura	3
Ludologia	3
Materiais	1
Meteorologia	3
Mobiliário	1
Morfologia Botânica	2
Música	4
Pesca	1
Química	1

Religião	1
Serralheria	1
Termo de Marinha	1
Termo jurídico	1
Versificação	3
Vestuário	2
Zoo (Entomologia)	1
Zoo (Herpetologia)	4
Zoo (Malacologia)	1
Zoo (Mastozoologia)	5
Zoo (Paleozoologia)	1

Tabela 4 de *Um tipo de – uma espécie de*

<b>RUBRICAS no DALP</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
Artes Gráficas	3
Atletismo	1
Bibliologia	1
Bordado	1
Botânica	4
Estudos da Linguagem	1
Folclore	1
Fotogravura	1
Marinha	1
Música	2
Religião	2
Tecnologia têxtil	1
Zoologia	9

Tabela 5 de *Um tipo de – uma espécie de*

<b>INTERSEÇÃO ENTRE AS TABELAS</b>			
<b>RUBRICA</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
Zoologia	9	Entomologia (1)	17
		Herpetologia (4)	
		Malacologia (1)	
		Mastozoologia (1)	
		Paleozoologia (1)	
Botânica	4	Gimnospermas (1) Morfologia Botânica (2)	7
Artes Gráficas	4	3	7
Música	4	2	6
Religião	1	2	3
Bibliologia	2	1	3
Marinha	1	1	2

Tabela 6 de *Um tipo de – uma espécie de*

## 6.2 Grupo B – Modalizadores deônticos

Os modalizadores deônticos qualificam as relações sintaticamente estabelecidas entre os termos de uma forma contundente, marcando uma vinculação patente mas que urgia ser reforçada. Assim, quando *necessariamente* é usado, por exemplo, na definição de *parque nacional* (“área de extensão considerável, necessariamente demarcada e protegida pelo poder público [...]”) no DHLP, a relação entre *área* e *demarcada e protegida* não é, sem modalizadores, questionável ou posta em dúvida, porém, com a inclusão de *necessariamente*, reforça-se o vínculo de dependência de modo que uma das características marcantes e essenciais do parque nacional é ser demarcado e protegido pelo poder público, o que fecha o círculo semântico com o adjetivo *nacional*. Assim, tanto *necessariamente* quanto *obrigatoriamente* marcam um traço distintivo, particular, sempre presente.

### 6.2.1 *Necessariamente*

*Necessariamente* não está registrado como verbete em nenhuma das duas obras estudadas, o que nos conduz à definição “por questão de necessidade, em caráter de necessidade; como pressuposição”. No texto dos verbetes, foram encontradas 62 ocorrências: 20 no DALP e 42 no DHLP, o que mostra um desequilíbrio entre as duas obras no uso dessa forma de modalização, que, assim como *realmente*, reforça uma relação semântica já construída, que se expõe ao leitor como obrigatória ou necessária do ponto de vista do enunciador.

Um fator que nos chamou a atenção nesse grupo de ocorrências é a grande incidência de *necessariamente* combinado com uma negativa (com *não* e *sem*), o que não se verificou com *obrigatoriamente*. A associação de um deôntico a uma negação, estabelecendo uma vinculação que não é essencial, é usada para quebrar um pressuposto subjacente à proposição e tido como obrigatório. O *não necessariamente* funciona como uma forma de dizer ao consulente que a proposição é esta, mas a vinculação deôntica que um enunciado subjacente traz não é verdadeira. Nesse panorama, estão em jogo dois enunciadores, o da proposição e da pressuposição, um propondo uma associação *necessariamente* vinculada e outro a desmentindo. Isso não quer dizer que não possa ser como pressupõe o enunciado subjacente, o que o enunciador marca é que nem sempre será desse jeito, que essa proposição não constitui uma característica incontestável e essencial.

O *não necessariamente* revoga uma vinculação, sem excluir outras situações possíveis, mas, apesar de se aproximar de *geralmente*, exerce papel diferente porque o *geralmente* marca a abrangência de uma proposição (“uma rua transversal geralmente é oblíqua”), quando o *não necessariamente* quebra uma ideia formada, que pode não corresponder à maior parte dos casos (“uma rua transversal não necessariamente é oblíqua”<sup>65</sup>). A seguir reproduzimos as ocorrências de *necessariamente*, comentando em especial as negativas e os pressupostos negados.

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<b>agnosiologia</b> [Do gr. <i>agnosía</i> , ‘ignorância’, + -o- + -logia.] Substantivo feminino. 1. Filos. Discurso sobre o que <b>necessariamente</b> ignoramos.	<i>Necessariamente</i> reforça semanticamente o vínculo estabelecido pela sintaxe entre <i>que</i> e <i>ignoramos</i> (forma verbal e complemento).
2.	<b>alma</b> [Do lat. <i>anima</i> .] Substantivo feminino. 2. Filos. Entidade a que se atribuem, por necessidade de um princípio de unificação, as características essenciais à vida (do nível orgânico às manifestações mais diferenciadas da sensibilidade) e ao pensamento, e que se define em oposição a corpo (embora não <b>necessariamente</b> a matéria) e, às vezes, a espírito, estando associadas à consideração da ideia de alma as questões da imortalidade, da personalidade, da individualidade, da consciência, etc., com todas as implicações morais, religiosas e metafísicas que elas suscitam [v. <i>corpo</i> (6), <i>espírito</i> (1) e <i>matéria</i> (10)] .	O locutor define alma em oposição ao corpo e um enunciador 2 traz o pressuposto de que corpo é igual à matéria, associação que o locutor relativiza.
3.	<b>aparente</b> [Do lat. <i>apparente</i> .] Adjetivo de dois gêneros. 2. Que parece real ou verdadeiro, mas não existe, <b>necessariamente</b> , na realidade.	O locutor define <i>aparente</i> como o que parece real ou verdadeiro, indicando pelo <i>parece</i> que se trata de aparência, o enunciador 2 refuta o pressuposto relativizando que parecer verdadeiro ou real nem sempre pressupõe existir na realidade.
4.	<b>atitude</b> Substantivo feminino 8. Orientação de uma aeronave determinada pela relação de seus eixos com uma linha de referência ou um plano de referência, mas não <b>necessariamente</b> horizontal.	O locutor contesta o pressuposto do enunciador 2 de que o plano de referência para a orientação de uma aeronave pressupõe o eixo horizontal.
5.	<b>casus belli</b> 1. Incidente que deve provocar <b>necessariamente</b> uma guerra.	Entram em choque <i>deve</i> e <i>necessariamente</i> , porque <i>dever</i> não garante a obrigatoriedade marcada por <i>necessariamente</i> .
6.	<b>conexão</b> (cs) Substantivo feminino 8. Lóg. Relação entre as partes de um todo, que se pertencem, <b>necessariamente</b> , umas às outras. [Cf., nesta acepç., <i>agregação</i> (4) e	<i>Necessariamente</i> vem reforçar o vínculo semântico estabelecido pela sintaxe entre <i>se pertencem</i> e <i>umas às outras</i> (forma verbal e sujeito).

<sup>65</sup> Estes são exemplos inspirados no verbete *transversal*, do DHL, listado na tabela a seguir.

	<i>forma (19).]</i>	
7.	<b>contradição</b> Substantivo feminino 5. Lóg. Oposição entre a proposição universal afirmativa e a proposição particular negativa, ou entre a proposição universal negativa e a proposição particular afirmativa, pela qual se excluem recíproca e <b>necessariamente</b> os seus valores de verdade (a verdade de uma implica a falsidade da outra). [Cf., nesta acepç., <i>alternativa (4)</i> , <i>antítese (4)</i> e <i>incompatibilidade (2)</i> .]	<i>Necessariamente</i> reforça o laço semântico entre <i>se excluem</i> e <i>seus valores de verdade</i> (forma verbal e sujeito).
8.	<b>curva</b> Substantivo feminino Curva espacial. Geom. A que está situada num espaço de três dimensões, e que não é <b>necessariamente</b> uma curva reversa, podendo ser plana.	O locutor contesta o pressuposto do 2 de que toda curva espacial é reversa e há a chance ( <i>poder</i> ) de ela ser plana.
9.	<b>deterrente</b> [Do lat. <i>deterrente</i> , part. pres. do lat. <i>deterrere</i> (v. <i>deterrência</i> ).] Adjetivo de dois gêneros. Substantivo masculino. 2. Ecol. Diz-se de, ou composto produzido por organismo, e que impede a sua predação sem ser, <b>necessariamente</b> , venenoso para o predador: “Atividade <i>deterrente</i> de tefrosina e rotenona contra alguns lepidópteros.” (P. C. Vieira e C. C. Andrei, <i>Produtos Naturais no Controle de Insetos</i> , p. 136.).	Pelo <i>necessariamente</i> , o locutor marca a contestação do pressuposto do enunciador 2, estabelecendo que nem todo organismo que impede a predação é venenoso para o predador.
10.	<b>disjunção</b> Substantivo feminino Disjunção inclusiva. Lóg. Disjunção em que pelo menos uma das proposições é verdadeira e, portanto, não exclui <b>necessariamente</b> as outras; alternativa inclusiva, adição lógica, soma lógica. [Cf. <i>subcontrariedade</i> .]	O <i>necessariamente</i> marca a contestação do pressuposto de que uma proposição verdadeira é sempre única, excluindo as demais.
11.	<b>eixo</b> Substantivo masculino Eixo geomagnético. Geofís. Eixo que passa pelo centro da Terra e é perpendicular ao plano médio dos pontos do equador magnético (q. v.). [Como os polos magnéticos não são diametralmente opostos, o eixo geomagnético não os contém <b>necessariamente</b> .]	Contesta o pressuposto de que o eixo sempre contém os polos, uma vez que estes não estão diametralmente opostos. O <i>não</i> ficaria mais bem colocado, junto com <i>necessariamente</i> , antes do advérbio: <i>não necessariamente os contém</i> .
12.	<b>ético</b> <sup>2</sup> Adjetivo. 1. Antrop. Diz-se de categorias e valores utilizados na descrição e análise realizadas pelo observador, e que não correspondem, <b>necessariamente</b> , àqueles que vigoram na sociedade ou cultura em estudo. [O termo passou a ser empregado, na antropologia, por analogia com seu uso original na linguística.]	Por essa redação, entendo que a descrição e análise não correspondem aos valores que vigoram na sociedade, mas me parece que o correto é “ <i>não necessariamente correspondem aos que vigoram na sociedade</i> ”.
13.	<b>ideia</b> Substantivo feminino Ideia transcendental. Hist. Filos. Segundo Kant (v. <i>kantismo</i> ), ideia que não deriva nem dos sentidos nem do entendimento, mas que é	O uso do <i>mas</i> junto a <i>necessariamente</i> contesta o pressuposto de que, não sendo a ideia transcendental derivada dos sentidos ou do entendimento, não seria relacionada à razão.



	<b>necessariamente</b> concebida pela razão. Distinguem-se a ideia da alma (correspondente à unidade absoluta do sujeito pensante), a ideia de mundo (correspondente à sistematização completa dos fenômenos) e a ideia de Deus (correspondente à unidade de todas as existências).	
14.	<b>materialismo</b> Substantivo masculino Materialismo dialético. Doutrina fundamental do marxismo, cuja ideia central é que o mundo não pode ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas de processos, onde as coisas e os reflexos delas na consciência, <i>i. e.</i> , os conceitos, estão em incessante movimento, gerado pelas mudanças qualitativas que decorrem <b>necessariamente</b> do aumento de complicação quantitativa.	<i>Necessariamente</i> reforça o laço semântico entre forma verbal ( <i>decorrem</i> ) e complemento ( <i>do aumento de complicação quantitativa</i> ).
15.	<b>piranha</b> Substantivo feminino 4. Bras. Gír. Mulher que, sem ser <b>necessariamente</b> meretriz, leva vida licenciosa; piranhuda, pistoleira, bocetinha.	O locutor contesta o pressuposto do enunciador 2 de que toda piranha é meretriz.
16.	<b>poder</b> Substantivo masculino 29. Filos. Segundo algumas correntes filosóficas atuais, potência exercida de modo difuso, e não <b>necessariamente</b> explícito, pelo conjunto das relações sociais sobre os indivíduos, e que lhes impõe determinações que regulam seus modos de ser: comportamentos, interesses, ideologias, etc. [Pl.: <i>poderes</i> . Cf. <i>puderes</i> , do v. <i>poder</i> .] ~ V. <i>poderes</i> .	O locutor contesta o pressuposto do enunciador 2 de que a potência é exercida de modo difuso e explícito.
17.	<b>superfície</b> Substantivo feminino Superfície mínima. Mat. Superfície cuja curvatura média é identicamente nula. [Não é <b>necessariamente</b> a superfície de área mínima que passa por uma curva reversa fechada.]	O locutor contesta o pressuposto de que a superfície mínima tem uma curvatura média identicamente nula. O pressuposto é que essa superfície de área mínima passa por uma curva reversa fechada.
18.	<b>tempo</b> Substantivo masculino Tempo relativo. E. Ling. Tempo (9) que localiza uma situação em relação a um ponto de referência estabelecido no discurso, e que não é, <b>necessariamente</b> , o presente da enunciação. [Em <i>quando você chegar, eu já terei saído</i> , o verbo <i>sair</i> tem como ponto de referência algum ponto no futuro, e <i>chegar</i> situa-se temporalmente em relação a <i>sair</i> .]	O locutor refuta o pressuposto de que o ponto de referência no discurso é apenas o presente da enunciação.
19.	<b>torneio</b> <sup>2</sup> [Dev. do provenç. <i>torneiar</i> , 'fazer evoluções girando de um lado para outro'.] <b>Substantivo masculino</b> . 2. Competição ger. esportiva, em que não há, <b>necessariamente</b> , numa fase inicial, disputa direta entre todos os participantes. [Cf. <i>campeonato</i> (1).]	A modalização com <i>geralmente</i> enquadra o torneio na modalidade esportiva, ainda que seja generalizando. O enunciador 1 refuta a premissa de que na fase inicial de todo torneio há disputa direta entre todos os participantes.
20.	<b>voo</b> Substantivo masculino Voo livre.	O <i>necessariamente</i> reafirma o laço semântico

	Esport. Arte de voar que imita o voo dos pássaros (sem motor ou outro auxílio, sequer um leme), e cujo instrumento é a asa-delta (q. v.); esta parte, <b>necessariamente</b> , de um ponto elevado, sobe graças às correntes de ar quente e desce por gravidade. [Cf. <i>voo planado</i> .]	estabelecido entre forma verbal e complemento ( <i>parte e de um ponto elevado</i> ).
--	---	---

Tabela 1 de *Necessariamente*

DHLP (HOUAISS)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1.	<b>acidental</b> <i>adj.2g.</i> (sXV) <b>2</b> que não é essencial, que não pertence <b>necessariamente</b> a alguma coisa; acessório, adicional, suplementar <a <i>prosa é a. na obra do poeta</i> >	O advérbio pertence à delimitação do significado da entrada.
2.	<b>adjunto</b> <i>adj.</i> (1660) <i>adj.s.m.</i> ) <b>7</b> GRAM palavra ou locução que serve para modificar ou restringir o sentido de outra palavra, sem ser exigido <b>necessariamente</b> por esta cf. <i>complemento</i>	O locutor contraria a pressuposição de que, para modificar ou restringir o sentido de uma palavra, o adjunto é exigido por ela.
3.	<b>aloerotismo</b> \o-e\ <i>s.m.</i> (sXX) <b>1</b> PSIC relação erótica, não <b>necessariamente</b> sexual e genital, entre pessoas do mesmo sexo; homoerotismo	O <i>não necessariamente</i> refuta o pressuposto do enunciador 2 de que toda relação erótica é sexual e genital.
4.	<b>amontoar</b> <i>v.</i> (sXIV) <b>2</b> <i>t.d. fig.</i> aduzir (razões, argumentos) em grande quantidade, não <b>necessariamente</b> com método ou nexos < <i>amontoara muitas ideias para a sua defesa</i> >	Refuta-se a pressuposição de que a exposição de grande quantidade de razões e argumentos pressupõe método ou nexos.
5.	<b>aplausos</b> <i>s.m.</i> (1596) <b>2</b> <i>p.ext.</i> manifestação de apoio por meio de gestos (não <b>necessariamente</b> com uso das mãos), assobios e/ou palavras; louvor, elogio, apoio	O locutor refuta a pressuposição do enunciador 2 de que aplausos são sempre com as mãos.
6.	<b>aportar</b> <i>v.</i> (sXIII) <b>3</b> <i>t.i. p.ext.</i> chegar a algum lugar, sem <b>necessariamente</b> ser por via marítima ou fluvial < <i>por fim, aportou naquele vale</i> >	<i>Aportar</i> , por extensão da acepção ‘chegar ao porto’, não compreende, como evoca o enunciador 2, que seja por via aquática a chegada.
7.	<b>automático</b> <i>adj.</i> (1836) <b>5</b> <i>fig.</i> que <b>necessariamente</b> se realiza, sem intervenção de novas causas < <i>o preenchimento das vagas foi a.</i> >	Reforça o vínculo semântico entre <i>que</i> (sujeito) e <i>se realiza</i> (forma verbal).
8.	<b>axioma</b> \cs ou ss\ <i>s.m.</i> (1612) <b>1</b> FIL premissa considerada <b>necessariamente</b> evidente e verdadeira, fundamento de uma demonstração, porém ela mesma indemonstrável, originada, segundo a tradição racionalista, de princípios inatos da consciência ou, segundo os empiristas, de generalizações da observação empírica [O princípio aristotélico da contradição ("nada pode ser e não ser simultaneamente") foi considerado desde a Antiguidade um axioma fundamental da filosofia.]	Reforça o vínculo semântico entre <i>considerada</i> (particípio) e <i>evidente e verdadeira</i> (predicativos).
9.	<b>bocetinha</b> <i>s.f.</i> <b>2</b> <i>PE a BA pej.</i> mulher	O locutor contesta o pressuposto do enunciador

	que, sem ser <b>necessariamente</b> prostituta, leva uma vida considerada licenciosa pelo grupo em que vive	2 de que a mulher de vida licenciosa é prostituta.
10.	<b>bistrô</b> s.m. (d1960) <b>1</b> restaurante pequeno e despretenso, onde se servem tb. bebidas, típico da França <b>2</b> p.ext. estabelecimento semelhante, localizado fora da França e eventualmente não ao estilo francês © USO no Brasil, emprega-se freq. esta palavra no sentido de 'restaurante de comida francesa' (não <b>necessariamente</b> despretenso) © ETIM fr. <i>bistrot</i> de orig.obsc.	O comentário entre parênteses feito no campo de uso mostra o locutor refutando um pressuposto expresso na definição da acepção 1 (o bistrô é despretenso), embora não estivesse ali marcada a obrigatoriedade do vínculo semântico, assegurado pelas relações sintáticas (adjetivo determinando um substantivo).
11.	<b>cantar</b> v. (sXIII) <b>1</b> t.d.int. expressar-se vocalmente por meio de (frases melódicas); entoar <c. <i>uma ária</i> > <ela canta muito bem> <b>2</b> int. emitir (a ave) som audível, não <b>necessariamente</b> musical	Nesses dois exemplos, o locutor refuta o pressuposto de que o som emitido pela ave é sempre musical.
12.	<b>2 canto</b> s.m. (sXIII) <b>4</b> ORN som, não <b>necessariamente</b> musical, emitido pelas aves, esp. no início da época do acasalamento, e para estabelecer e manter territórios	
13.	<b>clínica</b> s.f. (1836) <b>4</b> local onde se realizam tratamentos especializados não <b>necessariamente</b> médicos <c. <i>de estética</i> >	O enunciador 2 traz à tona a pressuposição de que os tratamentos realizados na clínica são sempre médicos.
14.	<b>cogito ergo sum</b> \kogito ergo sum\ [lat., lit. 'penso] fraseol. FIL verdade e proposição fundamental do <i>cartesianismo</i> , desenlace de uma cadeia argumentativa cujo ponto de partida é o absolutismo cético em relação a qualquer crença ou convicção, de onde se constata que o procedimento dubitativo implica <b>necessariamente</b> a atividade do pensamento, o que conduz à irrefutável certeza do sujeito pensante a respeito de sua própria existência	Reforça os laços semânticos entre a forma verbal <i>implica</i> e o complemento <i>a atividade do pensamento</i> .
15.	<b>coisa</b> s.f. (1352) • <b>c. em si</b> FIL no <i>luminismo</i> em geral e esp. no <i>kantismo</i> , o objeto de conhecimento como é em si mesmo, em contraste à imagem forçosamente parcial captada pelos sentidos, ou à cognição <b>necessariamente</b> limitada do intelecto humano; númeno [Por implicar insuperável incognoscibilidade, trata-se de um conceito crítico em relação às recorrentes pretensões absolutistas do conhecimento metafísico.]	Reforça os laços semânticos entre o substantivo <i>cognição</i> e o adjetivo <i>limitada</i> , que o determina.
16.	<sup>1</sup> <b>complexo</b> \cs\ <i>adj.s.m.</i> (1689) <b>3</b> PSIC sistema de ideias associadas (parcial ou totalmente inconscientes, vinculadas ao terreno da afetividade, contraditórias, não <b>necessariamente</b> reprimidas) capaz de levar o indivíduo a pensar, a sentir e por vezes a agir de acordo com um padrão	O recado do locutor é “Nem todas as ideias associadas vinculadas ao terreno da afetividade são reprimidas”.

	de natureza definida	
17.	<b>condição</b> <i>s.f.</i> (1259) • <b>c. suficiente</b> LÓG condição que garante sempre e <b>necessariamente</b> a existência de uma outra realidade condicionada (p.ex., viver é uma condição suficiente para a existência do processo respiratório)	O reforço da obrigatoriedade vem por meio das palavras <i>sempre</i> e <i>necessariamente</i> , o que exprime grau maior de obrigatoriedade à proposição de que a condição suficiente garante a existência de outra realidade condicionada.
18.	<b>contrastivo</b> <i>adj.</i> (sXX) <b>3</b> LING que reúne as gramáticas descritivas de dois ou mais idiomas, não <b>necessariamente</b> aparentados geneticamente, e que se destina a colocar em correspondência os esquemas de construções possíveis neles, mostrando as semelhanças e diferenças (diz-se de estudo, gramática, curso etc.)	O uso do <i>não necessariamente</i> refuta a proposição de que as gramáticas contrastivas põem em contato apenas idiomas aparentados geneticamente.
19.	<b>criminoso</b> <i>vô\ adj.s.m.</i> (sXIII) <b>2</b> <i>p.ext.</i> que ou quem comete alguma falta, não <b>necessariamente</b> punível, porém condenável por uma ou mais pessoas ou pela sociedade <é um c., sempre lança seu lixo nas águas>	Refuta-se o pressuposto de que toda falta de um criminoso é punível.
20.	<b>determinismo</b> <i>s.m.</i> (1877) <b>FIL 1</b> princípio segundo o qual todos os fenômenos da natureza estão ligados entre si por rígidas relações de causalidade e leis universais que excluem o acaso e a indeterminação, de tal forma que uma inteligência capaz de conhecer o estado presente do universo <b>necessariamente</b> estaria apta tb. a prever o futuro e reconstituir o passado	O enunciador reforça o elo semântico entre o sujeito ( <i>uma inteligência capaz de conhecer o estado presente do universo</i> ) e o bloco forma verbal ( <i>estaria</i> ) e predicativo ( <i>apta</i> ).
21.	<b>dilema</b> <i>s.m.</i> (1679) <b>1</b> <b>FIL</b> raciocínio que parte de premissas contraditórias e mutuamente excludentes, mas que paradoxalmente terminam por fundamentar uma mesma conclusão [Em um dilema, ocorre a necessidade de uma escolha entre alternativas opostas A e B, que resultará em uma conclusão ou consequência C, que deriva <b>necessariamente</b> tanto de A quanto de B.]	Determinando <i>deriva</i> , o advérbio reforça as relações semânticas entre este verbo e seus complementos ( <i>tanto de A quanto de B</i> ).
22.	<b>dividendo</b> <i>adj.</i> (1680) <b>dividendos</b> <i>s.m.pl.</i> <b>5</b> vantagens, lucros etc., não <b>necessariamente</b> financeiros, resultantes de negociações, alianças, situações das quais se tira proveito <o candidato soube tirar d. das infelizes declarações do seu adversário>	O locutor relativiza o pressuposto do enunciador 2 quando enuncia que as vantagens e lucros nem sempre são financeiros.
23.	<b>fado</b> <i>s.m.</i> (sXV) <b>1</b> destino, sorte, estrela; o que <b>necessariamente</b> tem de ser; vaticínio, decreto do destino <seu f. foi cruel> <o f. confirmou-se>	<i>Necessariamente</i> compõe apenas o nível da proposição de <i>fado</i> , reforçando <i>tem de</i> .
24.	<b>fidalgarrão</b> <i>s.m.</i> (1862) <b>1</b> grande fidalgo <b>2</b> <i>pej.</i> indivíduo presumido que ostenta fidalguia, sem <b>necessariamente</b> possuir origens nobres	O locutor refuta o pressuposto de que toda fidalguia é de origem nobre.
25.	<b>heteroerotismo</b> <i>s.m.</i> <b>1</b> <b>PSIC</b> relação erótica, não <b>necessariamente</b> sexual ou	Nessas duas ocorrências, o <i>não necessariamente</i>

	genital, entre pessoas de sexo oposto	refuta o pressuposto do enunciador 2 de que toda relação erótica é sexual e genital.
26.	<b>homoerotismo</b> <i>s.m.</i> 1 PSIC relação erótica, sem ser <b>necessariamente</b> sexual e genital, entre pessoas do mesmo sexo	
27.	<b>homonímia</b> <i>s.f.</i> 1 característica do que é homônimo 2 identidade de nome entre pessoas sem que haja <b>necessariamente</b> laço de parentesco entre elas	Refuta-se o pressuposto de que a identidade de nome implica laço de parentesco entre as pessoas.
28.	<b>improviso</b> <i>adj.</i> (sXV) 3 MÚS composição não muito extensa, em geral para piano, de forma livre, mas não <b>necessariamente</b> improvisada	A forma livre ser improvisada é um pressuposto refutado pelo enunciador 1 ao usar <i>não necessariamente</i> .
29.	<b>kilt</b> \k"lt [ing.] <i>s.m.</i> (sXX) VEST 1 saioite pregueado, liso na frente e trespassado dos lados, em tecido de lã com desenho de xadrez, com comprimento da cintura aos joelhos, que é parte do traje tradicional escocês do sexo masculino 2 <i>p.ext.</i> na moda feminina, saia com as características do saioite escocês, de comprimento variável, não <b>necessariamente</b> de lã	O locutor refuta na acepção 2 um pressuposto expresso na definição da acepção 1 (o <i>kilt</i> é de lã), aspecto que se relativizou ( <i>não necessariamente de lã</i> ) porque a acepção 2 é uma extensão de 1 e nessa nova acepção o tipo de tecido não é determinante na caracterização da roupa.
30.	<b>lógica</b> <i>s.f.</i> (sXIV) 5 <i>p.ext.</i> maneira por que <b>necessariamente</b> se encadeiam os acontecimentos, as coisas ou os elementos de natureza efetiva <a l. das paixões>	Ressalta a ligação implícita entre o <i>que</i> (adjunto adverbial) e a forma verbal ( <i>se encadeiam</i> ).
31.	<b>método</b> <i>s.m.</i> (1679) <b>m. axiomático</b> LÓG aquele que parte de premissa considerada <b>necessariamente</b> evidente e verdadeira, fundamento de uma demonstração, método dedutivo	Reforça o vínculo semântico entre <i>considerada</i> (particípio) e <i>evidente e verdadeira</i> (predicativos).
32.	<b>modo</b> <i>s.m.</i> (sXIV) 10 LÓG aspecto ou característica que, embora determine uma substância, não lhe pertence <b>necessariamente</b> , não sendo, portanto, incluída em sua definição	Refuta-se que o aspecto ou característica que determina uma substância pertença a ela e seja incluída na sua definição.
33.	<b>nato</b> <i>adj.</i> (1836) 3 que está <b>necessariamente</b> ligado à natureza ou às funções do próprio cargo <todo advogado tem de ser um defensor n. dos direitos humanos>	Reforço dos elos semânticos entre <i>está</i> e <i>ligado</i> , verbos da mesma locução.
34.	<b>númeno</b> <i>s.m.</i> FIL no <i>kantismo</i> , a realidade tal como existe em si mesma, de forma independente da perspectiva <b>necessariamente</b> parcial em que se dá todo o conhecimento humano; coisa em si, nômene, noúmeno [Embora possa ser meramente pensado, por definição é um objeto incognoscível.]	Todo conhecimento humano se dá por uma perspectiva parcial, o uso de <i>naturalmente</i> marca a obrigatoriedade de um vínculo semântico já estabelecido sintaticamente entre <i>perspectiva</i> (substantivo) e <i>parcial</i> (adjetivo).
35.	<b>parque</b> <i>s.m.</i> (1521-1558) • <b>p. nacional</b> área de extensão considerável, <b>necessariamente</b> demarcada e protegida pelo poder público, rica em espécies, sítios de interesse geomorfológico ou <i>habitat</i> de interesse científico, educacional ou recreativo	Para ser um parque nacional, a área tem de ser demarcada e protegida pelo poder público, vínculo semântico que é reforçado entre o substantivo <i>área</i> e os adjetivos <i>demarcada</i> e <i>protegida</i> .
36.	<b>pasticho</b> <i>s.m.</i> 1 imitação servil de obra literária ou artística 2 MÚS no sXVIII, ópera composta de fragmentos de outras,	Quebra-se o pressuposto de que os trechos de outras obras naturalmente seriam todos do mesmo autor.

	não <b>necessariamente</b> do mesmo autor	
37.	<b>perspectivismo</b> s.m. 1 FIL qualquer teoria ou doutrina que afirma ser o conhecimento inevitavelmente parcial (mas nem por isso <b>necessariamente</b> falso), limitado e determinado pela perspectiva particular segundo a qual cada sujeito vê o mundo; a parcialidade e limitação do conhecimento, segundo esse tipo de teoria	Quebra-se a premissa de que tudo que é parcial é falso.
38.	<b>princípio</b> s.m. (sXIV) • <b>p. do terceiro excluído</b> LÓG princípio que postula a inexistência de qualquer meio-termo entre enunciados contraditórios, de tal forma que, <b>necessariamente</b> , uma proposição seja verdadeira e a outra falsa	O <i>necessariamente</i> marca a fatalidade da existência de uma proposição falsa e outra verdadeira quando se trata da inexistência de meio-termo entre enunciados contraditórios.
39.	<b>quadrisessemana</b> s.f. B 1 período constituído por quatro semanas (28 dias fixos) 2 ECON esse período considerado para apuração de índices econômicos, não <b>necessariamente</b> coincidindo com o mês completo e terminando em uma semana predeterminada <a inflação foi medida na segunda q. do mês de agosto>	O locutor contesta a proposição do enunciador 2 de que o período de quatro semanas coincide com o mês completo, especialmente porque se trata de uma acepção rubricada.
40.	<b>recíproco</b> adj. (1572) 3 LÓG diz-se de duas afirmativas quando uma implica <b>necessariamente</b> a outra	O <i>necessariamente</i> reforça o vínculo semântico estabelecido sintaticamente entre o verbo <i>implicar</i> e seu complemento <i>a outra</i> .
41.	<b>rimar</b> v. (sXIII) 3 int. compor versos, não <b>necessariamente</b> rimados; versejar, poetar <sonhador, passava os dias rimando em seu quarto>	O locutor refuta o enunciado “todo verso é rimado”.
42.	<b>transversal</b> adj.2g. (1563) 2 B infm. que cruza, atravessa, passa por determinado referente, não <b>necessariamente</b> na oblíqua <rua t.>	O locutor refuta o enunciado “transversal é a rua que corta apenas na oblíqua”.

Tabela 2 de *Necessariamente*

### 6.2.2 *Necessário*

O adjetivo está assim registrado como verbete nos dicionários estudados:

**necessário** [Do lat. *necessariu.*] Adjetivo. 1. Que não se pode dispensar; que se impõe; essencial, indispensável: *A água é necessária à vida.* 2. Que não pode deixar de ser; forçoso, inevitável, fatal: *A doença foi a consequência necessária de seu desregramento.* 3. Que deve ser feito, cumprido; que se requer; preciso: *É necessário premiar-lhe os esforços.* 4. Lóg. Diz-se de proposição que sendo verdadeira não poderia ser falsa, e sendo falsa não poderia ser verdadeira. 5. Filos. Diz-se do que se põe por si mesmo e imediatamente, quer no domínio do pensamento, quer no domínio do ser. [Opõe-se, nesta acepç., a *contingente* (3).] 6. Filos. Diz-se daquilo que, dados determinados antecedentes, não pode ser, ou só pode ser, tal como é. ~ V. *benfeitorias* —as, *caução* —a, *condição* —a, *domicílio* — e *herdeiro* —. Substantivo masculino. 7. Aquilo que é necessário, preciso, indispensável: *Para alimentar o filho, priva-se até do necessário.*

**necessário** adj. (1256) 1 absolutamente preciso; essencial, indispensável <o sono é n. à saúde> 2 que se não pode evitar; imprescindível, inevitável,

forçoso <*mudar de casa foi a solução n.*> **3** que deve ser cumprido; preciso <*foi n. afastar-se do local de explosão*> **4** FIL em lógica, diz-se do que não pode deixar de se seguir a uma hipótese, condição ou proposição <*no silogismo, a conclusão das premissas é n.*> **5** FIL para os estoicos, diz-se de proposição que, sendo verdadeira, não é capaz de ser falsa ou que circunstâncias exteriores impedem de ser falsa **6** LING diz-se do caráter do signo que vincula implicitamente a coisa ao nome, o significante ao significado e se impõe aos falantes, não podendo estes modificar a escolha arbitrária feita na origem GRAM sup.abs.sint.: *necessariíssimo* ETIM lat. *necessarius, a, um* 'necessário, inevitável, urgente' SIN/VAR básico, essencial, forçoso, fundamental, imperioso, imprescindível, inevitável, indeclinável, indispensável, obrigatório, preciso, urgente, útil, vital ANT acessório, contingente, desnecessário, dispensável, excedente, excessivo, fortuito, inecessário, inútil, ocioso, prescindível, redundante, secundário, supérfluo, vão [DHLP]

Como modalizadoras são nosso alvo de pesquisa as acepções de *necessário* como adjetivo destacadas nos verbetes, especialmente as ocorrências que seguem o padrão *é* + adjetivo em uma oração principal, embora também possam ocorrer casos de modalização no sintagma nominal. Como nome, *necessário* também pode aparecer na função de substantivo, ancorado semanticamente nas acepções adjetivas. É interessante observar que seu uso potencial não é descrito no DHLP, mas também não é muito significativo no DALP porque se limita a reproduzir até mesmo a entrada na definição.

As ocorrências de *necessário* totalizam 689 (320 no DALP e 369 no DHLP), nenhuma modalizadora. A maior parte era de sintagmas nominais, algumas guardando um elo semântico com a entrada, seja pela cognação (como em *necessidade* e *necessitado*), seja pela manutenção de um traço semântico de [+ imprescindível, indispensável], em acepções como 'prover do necessário', em verbos como *abastecer*, *munir* e semanticamente correlatos. Entendemos, observando esse último grupo, que *necessário* foi a palavra dominante para permear as definições, talvez porque seja mesmo a mais expressiva. em uma busca rápida, sem depurar os dados, *preciso* rendeu 142 ocorrências no DALP e 60 no DHLP, entre as quais estão *preciso* significando 'exato' e as sinonímias.

As ocorrências mostraram outro comportamento interessante, no nível sintático, com marcante implicação semântica. Das 689 ocorrências, 404 são regidas pela preposição *a* (175) ou *para* (229), muitas vezes com expressões que inscrevem a proposição em uma determinada esfera do tempo (*Idade Média*), do conhecimento (*escolástica*), de um autor (*Aristóteles*), enquadramento muitas vezes reforçado pela rubrica, a qual está presente em 312 das 689 ocorrências. Essa regência nominal com preposições que indicam direção nos conduz à conclusão de que a necessidade é um conceito relativo. Assim, o que é necessário para uma

tarefa pode ser dispensável para outra, e a regência materializa essa potencialidade semântica do adjetivo.

Das 285 definições que não apresentaram a preposição a maioria trazia implícita a regência, resgatável pelo contexto. Em casos pontuais (31), a ocorrência estava em estruturas fixas – “se necessário” (9) e “quando necessário” (16). Outro caso interessante é o de definições como ‘Prover do necessário’, que satisfaz a demanda do conceito, uma vez que *abastecer* e correlatos têm como complemento não apenas o conteúdo da provisão (*abastecer de munição*) mas também quem será beneficiado com ela (*abastecer uma tropa*).

### 6.2.3 Obrigatoriamente

Assim como *necessariamente*, *obrigatoriamente* não é verbete em nenhuma das duas obras, o que nos conduz à definição “em caráter de obrigação, como obrigação”. O texto dos verbetes soma 31 ocorrências nas duas obras (21 no DALP e 10 no DHLP), todas de valor modal. Assim como *realmente* e *necessariamente*, *obrigatoriamente* é usado muitas vezes para reforçar uma relação semântica já construída, que se expõe ao leitor como obrigatória do ponto de vista do enunciador.

Apesar de serem deônticos e guardarem semelhanças semânticas, entendo que *necessariamente*, ao remeter a *necessidade*, investe-se de uma urgência quase visceral, ao passo que *obrigatoriamente*, ligado a *obrigação*, reveste-se do caráter artificial do que é algo imposto, que não deriva de uma condição essencial. Em outras palavras, a necessidade não pode ser negociada ou ignorada, o que é possível fazer com a obrigação, mesmo que essa negociação ou esse descaso resultem em consequências desagradáveis. A seguir estão listadas as ocorrências de *obrigatoriamente*.

DALP (AURÉLIO)	
VERBETE	COMENTÁRIO
1. <b>abadágio</b> Substantivo masculino. 1. Refeição que os paroquianos davam <b>obrigatoriamente</b> ao abade.	O advérbio insere um dado novo, pois exclui a comida dada voluntariamente ou a comida fornecida a ocupante de outro cargo da igreja, o que descartamos por conta da cognação que une a entrada e o cargo descrito.
2. <b>aggravante</b> Adjetivo de dois gêneros. 3. Dir. Proc. Diz-se de circunstância acidental do crime, legalmente prevista, reveladora de sua maior gravidade, e que acarreta, <b>obrigatoriamente</b> , aumento da pena, a critério do juiz, respeitado porém o limite máximo da cominação.	Carrega de mais sentido os elos semânticos entre a forma verbal <i>acarreta</i> e o complemento <i>aumento da pena</i> .



3.	<b>baiana</b> <sup>1</sup> Substantivo feminino. 3. Figura tradicional dos desfiles de escolas de samba (q. v.) que usa <b>obrigatoriamente</b> essa fantasia: <i>a ala das baianas</i> .	Intensifica os elos semânticos entre a forma verbal <i>usa</i> e o complemento <i>essa fantasia</i> .
4.	<b>coabitar</b> Verbo transitivo direto. 3. Viver como marido e mulher (embora não <b>obrigatoriamente</b> casados).	Refuta-se a condição do casamento para que duas pessoas vivam como marido e mulher.
5.	<b>conhecimento</b> Conhecimento de depósito. 1. Recibo de depósito de mercadorias. 2. Com. Recibo que os armazéns gerais, trapiches ou estabelecimentos similares dão aos depositantes de mercadorias, para certificar o depósito, emitido conjuntamente com o <i>warrant</i> (q. v.), mas dele separável, e que contém <b>obrigatoriamente</b> a cláusula “à ordem”, sendo, pois (independentemente do <i>warrant</i> ), transferível por meio de endosso.	O uso de <i>obrigatoriamente</i> reforça os elos entre verbo e seu complemento e marca a cláusula como característica distintiva marcante do recibo.
6.	<b>dez de queixo caído</b> Substantivo masculino de dois números. 1. Bras. N.E. Liter. Pop. Décima (5) que finda <b>obrigatoriamente</b> com o refrão “Nos dez de queixo caído”.	Além de reforçar os laços semânticos entre o verbo e seu complemento, marca-se o refrão como característica distintiva do verso.
7.	<b>dez pés de quadrão</b> Substantivo masculino de dois números. 1. Bras. Liter. Pop. Décima (5) dialogada verso a verso pelos dois participantes da cantoria, e, <b>obrigatoriamente</b> , com o refrão final “lá vai dez pés em quadrão” ou “nas dez linhas do quadrão”.	Marca-se o refrão como característica distintiva do verso.
8.	<b>galope</b> Galope à beira-mar. Bras. Liter. Pop. Estrofe de 10 versos hendecassílabos, com o mesmo esquema rimático da décima clássica, e que finda <b>obrigatoriamente</b> com o refrão “correndo e cantando na beira-mar”, ou “cantando galope na beira do mar”. Às vezes, porém, o primeiro, o segundo, o quinto e o sexto versos da estrofe são heptassílabos, e o refrão é “meu galope à beira-mar”.	Nesses três verbetes (8, 9 e 10), além de reforçar os laços semânticos entre o verbo e seu complemento, marca-se o refrão como característica distintiva do verso.
9.	<b>martelo</b> Martelo alagoano. Bras. Liter. Pop. Estrofe semelhante à do martelo agalopado, mas terminado <b>obrigatoriamente</b> com o refrão: “Nos dez pés de martelo alagoano”. Martelo miudinho. Bras. Liter. Pop. Estrofe semelhante à do martelo agalopado, mas terminando <b>obrigatoriamente</b> com o refrão: “Nos dez pés de martelo miudinho”.	
10.	<b>mourão 3</b> Mourão voltado. Bras. Liter. Pop. Décima (5), em estilo dialogado, findando <b>obrigatoriamente</b> com o refrão “isso é que é mourão voltado, / isso é que é voltar mourão” (nono e décimo versos). Ao final da estrofe, os cantadores repetem, em uníssono, o último verso improvisado e o refrão.	
11.	<b>nota</b> Substantivo feminino Nota fiscal. Com. Impresso com nome e endereço da firma vendedora e outras informações exigidas pelas leis fiscais, e em que se especificam as mercadorias vendidas, com indicação dos preços unitário e global, e que é <b>obrigatoriamente</b> entregue ao comprador; nota de venda.	Reforça o elo semântico entre os dois verbos da locução, equivalendo a uma outra locução “tem de ser entregue”.

12.	<p><b>oito pés em quadrão</b> Substantivo masculino de dois números 1. Bras. Liter. Pop. Estrofe de oito versos de sete sílabas, com a disposição AAABBCCB, sendo o último verso <b>obrigatoriamente</b> um refrão alusivo ao nome da estrofe. [O refrão mais comumente usado é: <i>nos oito pés do quadrão.</i>] [Sin.: <i>oito pés a quadrão, oitava a quadrão, quadrão de oito.</i>]</p>	<p>Além de reforçar os laços semânticos entre sujeito (<i>o último verso</i>) e seu predicado (<i>um refrão alusivo ao nome da estrofe</i>), marca-se o refrão como característica distintiva do verso.</p>
13.	<p><b>orçamento</b> Substantivo masculino 6. Jur. Fin. Cálculo da receita que se deve arrecadar num exercício financeiro e das despesas que devem ser feitas pela administração pública, organizado <b>obrigatoriamente</b> pelo Executivo e submetido à aprovação das respectivas câmaras legislativas.</p>	<p>Reforça as relações semânticas entre <i>organizado</i> e <i>pelo Executivo</i>.</p>
14.	<p><b>passacale</b> 3. Mús. Forma instrumental de origem espanhola, primeiramente em compasso binário, e depois em ternário, em andamento lento: <i>A grande passacale em dó menor de J. S. Bach (1685-1750) é um monumento da música.</i> [Semelhante à chacona, seu tema simples, curto e <b>obrigatoriamente</b> cadencial, pode, contudo, ser transportado do baixo às vozes intermediárias ou à voz mais aguda, quando na chacona ele permanece, em princípio, no baixo contínuo.]</p>	<p>Não se questiona, pelas relações sintáticas (adjetivos determinando verbos) que o tema seja simples, curto ou mesmo cadencial, mas este é o adjetivo determinado e cuja semântica é reforçada pelo uso de <i>obrigatoriamente</i>.</p>
15.	<p><b>pedal</b> 5. Mús. Em harmonia, um ou mais sons que fazem <b>obrigatoriamente</b> parte de um acorde e se sustentam ou se repetem com persistência por dois, três ou mais compassos, e até por toda uma peça musical. [Geralmente esse som está no registro grave, e quase sempre é a tônica (<i>pedal de tônica</i>), ou a dominante (<i>pedal de dominante</i>) ou de ambas (<i>duplo pedal</i>), e pode conter ornamentos, pulos de oitava, etc.]</p>	<p>Inserido na locução <i>fazer parte de, obrigatoriamente</i> ressalta a condição indispensável de os sons integrarem um acorde.</p>
16.	<p><b>ponto</b> Ponto obrigado. Constr. Local por onde uma estrada deverá <b>obrigatoriamente</b> passar.</p>	<p>Entram em choque <i>deverá</i> e <i>obrigatoriamente</i>, porque <i>dever</i> não garante a imposição irrefutável marcada por <i>obrigatoriamente</i>.</p>
17.	<p><b>questão</b> Questão prejudicial. Bras. Jur. Questão independente da ação penal, ordinariamente de natureza privada, cuja decisão prévia se impõe, e que <b>obrigatoriamente</b> caberá ao juízo cível caso se relacione com o estado civil das pessoas. [Tb. se diz apenas <i>prejudicial</i>.]</p>	<p>Reforça o elo semântico entre o pronome <i>que</i> (sujeito) e a forma verbal <i>caberá</i>.</p>
18.	<p><b>samba</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Dança cantada, de origem africana, compasso binário e acompanhamento <b>obrigatoriamente</b> sincopado.</p>	<p>Reforça o elo semântico entre o substantivo <i>acompanhamento</i> e o adjetivo <i>sincopado</i>, que o determina.</p>
19.	<p><b>saudação</b> Saudação ao berimbau. Bras. Gesto executado quase <b>obrigatoriamente</b> pelos capoeiristas ao pé do berimbau, <i>i. e.</i>, agachados em frente de um dos tocadores de berimbau, antes de iniciarem o jogo e depois de o terminarem. [A forma do gesto varia: ou é o sinal da cruz ou um simples toque no chão com uma das mãos, ou ambas à</p>	<p>O gesto é uma obrigação formal, muito corrente, mas que não constitui regra absoluta, uma vez que <i>obrigatoriamente</i> está delimitado por <i>quase</i>.</p>

	maneira do candomblé, podendo incluir leve toque no próprio berimbau, etc.]	
20.	<b>tense</b> Substantivo feminino. 1. Arte Poét. Gênero poético dos trovadores provençais;	Reforça o elo semântico entre a forma
	diálogo ou controvérsia entre dois trovadores, em que cada um sustentava um tema, conservando <b>obrigatoriamente</b> as rimas propostas pelo rival; tensão	verbal <i>conservando</i> e o complemento <i>as rimas propostas pelo rival</i> .

Tabela 1 de *Obrigatoriamente*

<b>DHLP (HOUAISS)</b>		
1.	<b>clique</b> s.m. (sXX) <b>2</b> FON som oclusivo produzido pela sucção do ar preso entre duas oclusões: a principal, obtida pela aproximação dos lábios ou da parte anterior da língua contra os dentes ou o palato, e outra, <b>obrigatoriamente</b> velar; com o término brusco da oclusão anterior, produz-se um ruído de estalo; estalido, som clicante, som estalante, consoante estalante [Pode ser sonoro ou surdo, nasal ou não, com articulação labial (o ruído de um beijo), dental (o som que traduz impaciência) ou lateral (o som típico para incitar uma cavalgada); é um fonema consonantal em algumas línguas africanas, como o hotentote, o boxímane e certas línguas bantas.]	Reforça o vínculo semântico entre o pronome <i>outra</i> e o adjetivo que o determina ( <i>velar</i> ).
2.	<b>deserção</b> s.f. (1727) <b>4</b> JUR MIL abandono deliberado do militar do corpo ao qual pertence ou do posto em que deveria estar <b>obrigatoriamente</b> , sem permissão ou causa justificada; defecção	<i>Deveria e obrigatoriamente</i> entram em dissonância, mas fica claro que estar no posto é uma obrigação do militar.
3.	<sup>2</sup> <b>mourão</b> s.m. (1962) • <b>m. voltado</b> MÚS B mourão desenvolvido em estrofes de dez versos que <b>obrigatoriamente</b> terminam com o refrão: "isso é que é mourão voltado/isso é que é voltar mourão"	Além de reforçar os laços semânticos entre o verbo e seu complemento, marca-se o refrão como característica distintiva do verso.
4.	<b>Pé • dez pés em quadrão</b> LIT B décima ('estrofe de dez versos de sete sílabas') em forma de diálogo e, <b>obrigatoriamente</b> , finalizada com o refrão "lá vai dez pés em quadrão" ou "nas dez linhas do quadrão" • <b>do pé para a mão 1</b> de modo inesperado, de uma hora para outra <b>2</b> imediatamente, log	Marca-se o refrão como característica distintiva do verso.
5.	<b>queixo</b> s.m. (1114) • <b>dez de q. caído</b> LIT B N.E. décima ('estrofe de dez versos de sete sílabas') que <b>obrigatoriamente</b> termina com o refrão "Nos dez de queixo caído"	Além de reforçar os laços semânticos entre o verbo e seu complemento, marca-se o refrão como característica distintiva do verso.
6.	<b>seguidilha</b> s.f. (1666) <b>2</b> DNÇ MÚS dança popular espanhola em compasso ternário que se apresenta sob várias formas e em diferentes regiões, ger. com acompanhamento vocal e de guitarra, e cujo ritmo é <b>obrigatoriamente</b> marcado pelas castanholas	Dois modalizadores contrastam, compensando um ao outro. O <i>geralmente</i> informa uma característica mais comum, mas não essencial, o que se marca pelo <i>obrigatoriamente</i> .
7.	<b>símile</b> s.m. <b>4</b> ESTL RET figura que estabelece uma comparação entre dois termos de sentidos diferentes ligados pela palavra <i>como</i> ou por um sinônimo desta ( <i>qual, assim como, do mesmo modo que</i> etc.); ambos estão <b>obrigatoriamente</b> presentes na frase e um deles, com sentido real, identifica-se com outro mais expressivo;	Inserido na locução <i>estar presente</i> , <i>obrigatoriamente</i> ressalta a condição indispensável da presença dos dois termos na frase, reforçando o elo semântico já contido na locução.

comparação assimilativa (p.ex.: <i>a linda jovem desabrochava como uma rosa na primavera; investiu qual uma fera contra o assaltante</i> )	
--	--

Tabela 2 de *Obrigatoriamente*

### 6.2.4 Obrigatório

*Obrigatório* está assim registrado como verbete nas duas obras.

**obrigatório** [Do lat. tard. *obligatoriu.*] Adjetivo. 1. Que envolve obrigação; que obriga. 2. Obrigada (1). 3. Forçoso, inevitável: *É obrigatório o uso do hífen nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos.* [DALP]

**obrigatório** *adj.* (sXV) **1** que implica obrigação **2** imposto por lei, pressão moral ou convenção social <*o caráter o. do serviço militar no Brasil*> <*jejum o.*> <*o traje a rigor é o. para o baile*> **3** que se faz necessário, indispensável <*durante a viagem, há uma parada o. num restaurante com chuveiros*> ETIM lat. *obligatorius, a, um*, do rad. de *obligatum*, supn. de *obligare* 'obrigar' ANT desobrigatório, facultativo [DHLP]

Nos verbetes, *obrigatório* soma 64 ocorrências (33 no DALP e 31 no DHLP). Todas as acepções são potencialmente modalizadoras, seja na estrutura *é + adjetivo* na oração principal ou como parte integrante do sintagma. O adjetivo é usado muitas vezes acompanhado de alguma restrição, como outros recursos modalizadores ou regências semelhantes às de *necessário*. Esses casos estão comentados na tabela a seguir.

VERBETE		COMENTÁRIO
D A L P	1. <b>a3</b> Preposição. 1. Exprime inúmeras relações entre palavras, podendo substituir, de modo mais ou menos adequado, várias outras preposições. Eis os seus principais empregos: Introduz complementos ou adjuntos de verbos, substantivos e adjetivos: “Não deixa de aludir igualmente <u>a</u> Sancho e Dulcineia” (Augusto Meyer, <i>A Forma Secreta</i> , p. 94); “Falo <u>a</u> ti — doce virgem dos meus sonhos” (Casimiro de Abreu, <i>Obras</i> , p. 49); <i>Obedece às normas gramaticais</i> ; “o sapê cerrado .... flexuava crepitando como <u>a</u> um fogo latente.” (Coelho Neto, <i>Rei Negro</i> , p. 248); “ <u>a</u> violento / Abalo acorda.” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 2. <sup>a</sup> série, p. 232); “trabalhavam desde crianças <u>a</u> velhos” (José Régio, <i>O Príncipe com Orelhas de Burro</i> , p. 228); <i>sensibilidade ao sofrimento; homem temente a Deus</i> ; “Aroma <u>a</u> pinheiros úmidos, <u>a</u> musgo, <u>a</u> cogumelos.” (Vergílio Ferreira, <i>Alegria Breve</i> , p. 108). Rege expletivamente o objeto direto de verbos, quando este é substantivo próprio, ou quando possa encerrar ambiguidade: <i>amar a Deus</i> [neste caso, pode-se dizer que é <b>obrigatório</b> ]; “Lia Alexandro <u>a</u> Homero de maneira / Que sempre se lhe sabe à cabeceira.”	O dicionarista usa uma modalização que suaviza e protege a face ( <i>pode-se dizer</i> ), para depois assumir a postura de autoridade ( <i>é obrigatório</i> ). Isso indica que a obrigatoriedade é predominante, não taxativa.

	(Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i> , V, 96);	
	2. <b>janela</b> Substantivo feminino. Entrar pela janela. Ingressar em escola, universidade, emprego público, etc., sem a prestação de concurso normalmente <b>obrigatório</b> ou valendo-se de expedientes escusos.	A delimitação com <i>normalmente</i> relativiza a obrigatoriedade, ligando-a à prevalência não à necessidade.
	3. <b>lei</b> Substantivo feminino. 1. Regra de direito ditada pela autoridade estatal e tornada <b>obrigatória</b> para manter, numa comunidade, a ordem e o desenvolvimento.	A modalização que se marcou pelo <i>tornada</i> e o estabelecimento <i>da autoridade estatal</i> relativiza a obrigatoriedade e afasta o locutor dessa marcação deôntica.
	4. <b>plano</b> Plano diretor. Urb. Instrumento básico de planejamento de uma cidade e que dispõe sobre sua política de desenvolvimento, ordenamento territorial e expansão urbana. [Segundo a Constituição Brasileira, o plano diretor, aprovado por Câmara municipal, é <b>obrigatório</b> para cidades com mais de 20.000 habitantes.]	A obrigatoriedade está aqui limitada pela Constituição Brasileira, a voz que emerge para respaldar a proposição gerada num espaço discursivo gerido diretamente pelo dicionarista.
	5. <b>quinguingu</b> Substantivo masculino. 1. Bras. Serviço feito fora das horas normais de trabalho (e que, no tempo da escravatura, era muitas vezes <b>obrigatório</b> ).	A delimitação cronológica ( <i>no tempo da escravatura</i> ) e de frequência ( <i>na maioria das vezes</i> ) enquadram a obrigatoriedade num espaço discursivo específico.
	6. <b>teu</b> Pronome possessivo. 6. Preferido por ti; da tua predileção: Sem sombra de dúvida, Camões é o teu poeta. [ <b>Obrigatório</b> , aqui, o emprego do artigo.]	O dicionarista fala como autoridade (condensando no primeiro caso a fórmula <i>é obrigatório</i> na oração principal), no espaço discursivo reservado para isso e marcado graficamente.
	7. <b>vosso</b> Pronome possessivo. 6. Preferido por vós; da vossa predileção: Sei que a lagosta é o vosso prato; Tolstoi ainda é o vosso romancista. [É <b>obrigatório</b> , neste caso, o artigo.]	
	8. <b>á-bê-cê</b> Substantivo masculino. 5. Bras. Composição poética, ordinariamente de 25 ou 26 sextilhas ou setilhas, que celebra feitos heroicos (mas também, às vezes, satírica), e na qual os cantadores procuram iniciar cada estrofe por uma letra do alfabeto na sua ordem tradicional. Costuma-se incluir nos á-bê-cês, como letras <b>obrigatórias</b> , o <i>k</i> e o <i>til</i> , considerando-se este como letra final do alfabeto e fazendo-se a estrofe referente a ele encerrar a composição.	A modalização na periferia mostra que, apesar de ser autoridade em assuntos linguísticos, nesse caso específico o fenômeno será definido pelo uso. Por isso, o locutor protege sua face discursiva relativizando a obrigatoriedade no consenso, marcado pela modalização com os verbos ( <i>costumar</i> e <i>considerar</i> ) e a voz passiva
D H L P	9. <b>interstício</b> s.m. (1609) 4 ECLES intervalo de tempo que a lei canônica estabelece como <b>obrigatório</b> entre a colação de uma ordem e a da ordem que lhe é imediatamente superior	O dicionarista enquadra a obrigatoriedade nos limites da lei canônica e modaliza a proposição com o <i>estabelece como</i> , protegendo a face discursiva.
	10. <b>objeto</b> s.m. (sXV) <b>o. direto preposicionado ou preposicional</b> gram ling objeto direto que, em certos casos, vem regido de preposição; ocorre para evitar ambiguidade (à cobra matou o lavrador), com os verbos que expressam sentimento (Maria ama a João), quando o verbo é omitido (respeito meu mestre como você a seu confessor), para enfatizar o sentido do verbo (sacar da arma); é <b>obrigatório</b> quando expresso pelos pronomes pessoais oblíquos tônicos e pelo	O dicionarista fala como autoridade, usando a estrutura <i>é obrigatório</i> na oração principal, não no espaço discursivo reservado para ele, mas de um assunto que ele domina.

	pronome relativo quem (chamou a mim e a ti; esta foi a atriz a quem vimos como Medeia)	
--	--	--

Tabela 1 de *Obrigatório*

### 6.3 Grupo C – Modalizadores afetivos

#### 6.3.1 Modalizadores afetivos subjetivos

6.3.1.1 *curiosamente*

6.3.1.2 *espantosamente*

6.3.1.3 *espantoso*

6.3.1.4 *felizmente*

6.3.1.5 *infelizmente*

6.3.1.6 *surpreendentemente*

De todos os modalizadores afetivos subjetivos, o único que registrou ocorrências foi *curiosamente* (2 no DALP). cremos que os afetivos têm pouco espaço porque são os que marcam de modo mais contundente as emoções do locutor (equivalentes à perífrase “eu sinto X em face de P”) num gênero textual que tem como característica marcante a impessoalização.

DALP (AURÉLIO)		
	VERBETE	COMENTÁRIO
1	<p><b>heterônimo</b> (èt) [De <i>heter(o)</i>- + <i>-ônimo</i>.]            Adjetivo. 3. Outro nome, imaginário, que um homem de letras empresta a certas obras suas, atribuindo a esse autor por ele criado qualidades e tendências literárias próprias, individuais, diferentes das do criador: “Cerebral e retraído, inimigo da expansão ingênua, Fernando Pessoa concebeu o projeto de se ocultar na criação voluntária, <i> fingindo</i> indivíduos independentes dele — os <u>heterônimos</u> —, e inculcando-os como produtos dum imperativo alheio à sua vontade” (Jacinto do Prado Coelho, <i>Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa</i>, p. 9). [Na última acepç., a palavra parece haver começado a circular após o surgimento de Fernando Pessoa (1888-1935), grande poeta português, que, além de usar o próprio nome em diversas produções, muitas assinou com os nomes Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, e outros, poetas, cada um destes, de características bem individuais, tanto nos meios expressivos quanto na substância, e até com biografias, <u>curiosamente</u> inventadas por Fernando Pessoa. Nessa diferença de características entre as obras das criaturas e as do criador é que reside a distinção entre o heterônimo e o pseudônimo. Cf. <i>ortônimo</i> e <i>heterônimo</i>.]</p>	<p>Diferentemente da banalização com as informações do <i>naturalmente</i>, aqui o dicionarista mostra-se surpreendido e marca linguisticamente que as proposições (Fernando Pessoa inventava biografias e o português <i>tanque</i> é o étimo primário de nosso <i>tanque</i>) são dignas de nota, são informações que geram curiosidade e surpresa até mesmo em quem domina as artimanhas da etimologia e possui o conhecimento enciclopédico.</p>
2	<p><b>tanque</b><sup>2</sup> [Do ingl. <i>tank</i>, que é, <u>curiosamente</u>, o port. <i>tanque</i><sup>1</sup> de torna-viagem. Na I Guerra</p>	

	Mundial, ao construírem-se os primeiros desses carros, disseram aos operários que eram grandes reservatórios de água para o Egito.] Substantivo masculino. 1. Carro de guerra, blindado, apropriado a percorrer terrenos acidentados; carro de combate.	
--	---	--

### 6.3.2 Modalizadores afetivos intersubjetivos

#### 6.3.2.1 *Estranhamente*

#### 6.3.2.2 *Francamente*

#### 6.3.2.3 *Lamentavelmente*

#### 6.3.2.4 *Sinceramente*

Todos os modalizadores afetivos intersubjetivos serão analisados conjuntamente, pois apenas  *francamente* apresentou ocorrências, 9 no total (4 no DALP e 5 no DHLP), manifestando-se o mesmo fenômeno observado com os afetivos subjetivos. Como verbete, está registrado apenas no DHLP.

**francamente** *adv.* **1** de maneira aberta, honesta; com franqueza; abertamente, diretamente, sinceramente **2** expressa reprovação ou profundo descontentamento; sinceramente Ex.: *Roubando no peso de novo? F.!*

Todas as ocorrências mostram o uso da acepção 1, todas no nível da proposição, como parte integrante apenas da definição da entrada. Apenas uma das ocorrências ('dorso francamente rubro da região escapular à cauda') mostra um uso de  *francamente* não previsto na definição e que entendemos como sinônimo de  *claramente*,  *marcadamente*. Seguem na tabela as ocorrências de  *francamente*.

D A L P	1.	<b>abrir</b> 101. Falar abertamente, <b> francamente</b> : <i>Os tempos mudaram: antes, as crianças não tinham liberdade de <u>abrir-se</u> com os pais.</i>
	2.	<b>aconselhamento</b> Substantivo masculino. <b>Aconselhamento clínico.</b> Educ. Psic. Aconselhamento baseado em amplo e completo diagnóstico do caso, no estudo de várias soluções ou caminhos apresentados ao orientando, e com ele <b> francamente</b> discutidos; aconselhamento diretivo
	3.	<b>ararinha-de-cabeça-encarnada</b> Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. Ave psitacíforme psitacídea ( <i>Pyrrhura picta lucianii</i> ), do O. do AM e Peru. Coloração geral verde; coberteiras das rêmiges primárias, azuis; lados da nuca e orla das penas do vértice, ocre-esbranquiçados; peito verde-oliváceo mais ou menos transfaciado, seguido de uma nódoa vermelha tirante a vinho; dorso <b> francamente</b> rubro da região escapular à cauda; coberteiras auriculares claras; curva da asa verde
	4.	<b>Esquizofrenia</b> [De <i>esquiz(o)-</i> + <i>-fren(o)-</i> + <i>-ia</i> <sup>1</sup> .] Substantivo feminino. 1. Psiq. Termo que engloba várias formas clínicas de manifestações psicóticas e distúrbios mentais próximos a elas (v. distúrbio esquizotípico); sua característica fundamental é a presença de sintomas psicóticos graves (delírios, alucinações, comportamento e discurso <b> francamente</b> perturbados) e a assintonia das funções psíquicas. [Sin. (desus.): <i>demência precoce.</i> ]
D H	5.	<b>carta</b> <i>s.f.</i> (1254) • <b>pôr as c. na mesa</b> <b>2</b> declarar <b> francamente</b> suas intenções; abrir o jogo; mostrar as cartas

<b>L P</b>	6.	<b>hospitalário</b> <i>adj.s.m.</i> (1660) <i>adj. 3</i> que dá boa hospitalidade; que acolhe <b>francamente</b> , agasalha; hospitaleiro
	7.	<b>hospitaleiro</b> <i>adj.s.m.</i> (sXIII) <i>adj. 2</i> que dá boa hospitalidade; que acolhe <b>francamente</b> ; que agasalha <terra h.> <árvore h.> <família h.>
	8.	• <b>abrir o j. 3</b> <i>fig.</i> declarar <b>francamente</b> suas intenções; expor-se, confessar
	9.	<b>Papa 2</b> <i>s.f.</i> (sXIII) <b>não ter papas na língua</b> falar <b>francamente</b> , sem rodeios

Tabela 1 de *Francamente*



## 7. PARA ALÉM DO MERGULHO, ÚLTIMAS PALAVRAS

*Para todas as coisas: dicionário*  
Nando Reis

Após as análises detalhadas de caso a caso, com tabelas, comentários localizados e diferentes abordagens, faz-se necessário um panorama do que vimos ao mergulhar nas definições. Nesse percurso, nosso primeiro olhar se volta para as quantidades de ocorrências modalizadas, após o inventário de todas as ocorrências de modais, caso a caso.

<b>Total de ocorrências modalizadoras, por grupo</b>				
		DALP	DHLP	TOTAL
A. epistêmicos	asseverativos	88	59	147
	quase-asseverativos	304	374	677
	delimitadores	3.816	5.269	9.085
B. deônticos		48	49	97
C. afetivos		2	0	2

Tabela 1 do capítulo 7

<b>Total de ocorrências modalizadoras, por número de ocorrências</b>			
	DALP	DHLP	TOTAL
epistêmicos delimitadores	3.816	5.269	9.085
epistêmicos quase-asseverativos	304	373	677
epistêmicos asseverativos	88	59	147
deônticos	48	49	97
afetivos	2	0	2

Tabela 2 do capítulo 7

Os três tipos de modalizadores do Grupo A somam a quase totalidade (9.899) das 10.011 ocorrências modalizadoras, 8 mil a menos que o número de ocorrências original (18.243). Já tínhamos observado esse aspecto nas análises, o que era mais provável também por conta de serem os epistêmicos o maior grupo, com níveis de graduação entre a certeza plena e a dúvida. O que também sinalizamos ao longo da análise é que os epistêmicos delimitadores apresentariam o maior número de ocorrências, apesar de os asseverativos apresentarem maior variedade de modalizadores. O que não prevíamos foi que justamente o grupo mais sortido de elementos (os asseverativos) fosse apresentar entre os epistêmicos o menor número de ocorrências, e com uma diferença tão grande.

Desse quadro concluímos que é parte do *ethos* do dicionarista apagar as vozes de asseveração em favor das vozes de quase-asseveração e delimitação, com vimos na análise

dos dados, para promover o afastamento ou enquadramento em generalizações. Retornando às tabelas 1 e 2, observamos que as modalizações de engajamento (deônticas, afetivas e epistêmicas asseverativas) não somam juntas (246) nem 3% do total de 10.011. O dicionarista, dessa forma, menos assevera e mais se protege discursivamente, construindo com generalizações e quase-asseverações uma ideologia descomprometida com implicações ideológicas e com afirmações categóricas, que poderiam ser derrubadas não fossem seu caráter genérico.

Por isso epistêmicos delimitadores e quase-asseverativos constituem as modalizações-padrão do dicionarista. Também era nossa expectativa que os epistêmicos delimitadores fossem expressivos apenas pelo grande número de ocorrências de *geralmente* e *em geral*, mas as quantidades expressivas de outros modalizadores do mesmo grupo ajudou a sustentar esse panorama, como veremos nas tabelas a seguir, organizadas no interior de cada grupo pelo número de ocorrências até duas<sup>66</sup>.

<b>Modalizadores epistêmicos asseverativos afirmativos</b>			
<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>na realidade</i>	23	12	35
<i>efetivamente</i>	14	20	34
<i>realmente</i>	13	11	24
<i>naturalmente</i>	8	0	8
<i>certamente</i>	5	2	7
<i>verdadeiramente</i>	2	4	6
<i>reconhecidamente</i>	4	1	5
<i>óbvio</i>	3	1	4
<i>forçosamente</i>	0	3	3
<i>seguramente</i>	1	2	3
<i>claro</i>	2	0	2
<i>natural</i>	2	0	2
<i>obviamente</i>	2	0	2
<i>sem dúvida</i>	2	0	2

Tabela 3 do capítulo 7

Os epistêmicos asseverativos de maior grau de adesão à proposição, como *seguramente*, *claramente*, *obviamente* e *sem dúvida* são pouco representativos, por serem muito categóricos, mesmo fator que zerou as ocorrências de *de jeito nenhum* e *de forma alguma*, que revelam uma intransigência que destoia do dicionarista neutro. Dos asseverativos os que mais se destacaram foram *na realidade*, *efetivamente* e *realmente*, que expressam engajamento por meio de concordância.

<sup>66</sup> Todas as tabelas com os dados gerais estão nos anexos.

<b>Modalizadores epistêmicos quase-asseverativos</b>			
<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>suposto</i>	59	93	152
<i>eventualmente</i>	70	80	150
<i>provavelmente</i>	37	84	121
<i>supostamente</i>	39	72	111
<i>talvez</i>	56	15	71
<i>possivelmente</i>	18	9	27
<i>provável</i>	17	7	24
<i>pretensamente</i>	1	11	12
<i>possível</i>	6	2	8

Tabela 4 do capítulo 7

Todos os epistêmicos quase-asseverativos tiveram ocorrências expressivas, se comparados aos asseverativos, com a surpresa de figurar entre os quatro primeiros um modalizador que se aproxima da certeza (*provavelmente*), ainda que marque o distanciamento do locutor.

<b>Modalizadores epistêmicos delimitadores</b>			
<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>geralmente</i>	2073	4244	6317
<i>em geral</i>	1093	355	1448
<i>quase</i>	453	407	860
<i>uma espécie de</i>	60	96	156
<i>basicamente</i>	41	70	111
<i>do ponto de vista de</i>	35	57	92
<i>praticamente</i>	33	21	54
<i>em princípio</i>	11	9	20
<i>fundamentalmente</i>	12	6	18
<i>um tipo de</i>	2	4	6

Tabela 5 do capítulo 7

<b>Modalizadores deônticos</b>			
<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>necessariamente</i>	20	40	60
<i>obrigatoriamente</i>	20	7	27
<i>obrigatório</i>	8	2	10

Tabela 6 do capítulo 7

Os deônticos mostraram poucas ocorrências com relação ao todo, mas expressivas se comparadas aos afetivos e pouco mais modestas que os epistêmicos asseverativos.

Analisando as ocorrências, identificamos que o dicionarista usa a modalização a seu favor para alguns propósitos básicos: proteger a face discursiva, registrar a informação sem todos os dados seguramente comprovados, marcar cautela na descrição e mostrar

conhecimento sobre um assunto, objetivos alcançados isoladamente ou conjuntamente em algumas modalizações.

Para proteger a face, qualquer um dos quase-asseverativos é válido, mas foram mais usados *suposto*, *eventualmente*, *provavelmente* e *supostamente*. Contudo, no campo de etimologia, foram muito comuns *possível*, *provável* e *talvez*, que disputam esse subgrupo de ocorrências com *certamente* e *naturalmente*, estes em número muito menor. Em níveis diferentes, os quase-asseverativos comprometem mais ou menos o dicionarista com o enunciado, na seguinte ordem, que parte da menor dúvida para a maior certeza, *possível* e *talvez*, *suposto* e *supostamente*, *provável* e *provavelmente*. Quanto maior a dúvida, maior o distanciamento que o dicionarista marca do que está enunciado. Esse fator nos surpreende com relação às ocorrências de etimologia, porque prevíamos um número maior de certezas do que de dúvidas, de aproximações do que distanciamentos.

Indo além dos números, pudemos observar que muitas acepções, modalizadas ou não<sup>67</sup>, eram rubricadas, inscrevendo o discurso, mesmo gerido e gerado pelo dicionarista, em áreas de conhecimento específicas. Foram expressivas as ocorrências com rubricas nos modalizadores *eventualmente*, *geralmente*, *provavelmente*, *quase*, *praticamente* e na locução *uma espécie de*, quase todos com predominância de Botânica e Zoologia. Disso concluímos que são essas duas áreas de grande importância porque maior é a necessidade de proteger a face para evitar um erro. Essa supremacia de acepções rubricadas de Botânica e Zoologia pode ser reflexo no recorte do *corpus* de uma característica do dicionário como um todo, o que poderia ser comprovado ou refutado se conseguíssemos pesquisar todas as acepções pelas rubricas para avaliar se isso se manifesta também na macroestrutura e nas acepções como um todo.

Registrar uma informação sem todos os dados comprovados é o recurso mais produtivo observado no nosso *corpus* e auxilia na proteção de face, uma vez que isenta o dicionarista de um registro categórico que pode ser leviano ao não enquadrar um caso específico. Para esse propósito, o dicionarista utiliza em especial os modalizadores delimitadores *em geral* e *geralmente*, primando por registrar as informações enquadrando-as em balizas generalizantes, com ocorrências que beiram 6 mil, quase um terço das cerca de 18 mil totais, que caem para cerca de 10 mil se considerarmos apenas os casos de modalização. Também são bem expressivas as modalizações com *quase*, que somam pouco mais mil, com a

---

<sup>67</sup> As inúmeras tabelas de rubricas, comentadas em cada seção, referiam-se quase sempre à totalidade das ocorrências, observadas em seus aspectos semânticos antes mesmo de nos voltarmos para a modalização e para as vozes ali presentes.

diferença de que enquadram a proposição em uma proximidade maior da afirmação categórica. Marcam, junto com *praticamente*, os limites de uma proposição muito próximos da totalidade.

O uso desses delimitadores também mostra cautela do dicionarista em registrar categoricamente apenas o que é seguramente comprovado, estabelecendo-o como um gerenciador de informações confiável que se resguarda, respeita áreas do saber nas quais não é especialista (por isso a grande importância de modalizar nas acepções rubricadas) e reconhece as outras vozes que devem povoar essa colônia em uma relação mediada por ele. Passando à produção empírica dos enunciados, a seara do especialista é respeitada pelo redator como um terreno em que não há interferência que não seja a gestão dos enunciados em termos formais e linguísticos. Em termos discursivos, o dicionarista preserva o espaço do especialista ou da obra consultada como fonte para a redação e resguarda seu espaço de mero gestor dessas informações.

Disso concluímos que o dicionarista assevera menos e se distancia mais das proposições, por isso é cauteloso, mesmo em questões linguísticas, que habitam nosso imaginário como o lugar discursivo de segurança do dicionarista, a quem entendemos como um especialista na língua, especialmente a padrão, domesticada e controlável (ORLANDI, 200, p.99).

Vimos, então, na maioria dos casos, um dicionarista da dúvida e não da certeza, embora não apenas de dúvidas e afastamentos viva o dicionarista. Há casos em que ele assevera (por exemplo, com *claramente* e *naturalmente*) e sinaliza o compromisso, que vai desde étimos inusitados (*lêmures* e *lamentações*) até correções ortográficas simples (de *g* para *j* antes de algumas vogais), construindo, por meio das notas etimológicas e linguísticas, a demonstração do seu saber linguístico e um ideal de língua padrão no leitor. Nesse momento, ele usa a modalização para se imbuir do papel de autoridade, marcando sua especialização e domínio do saber linguístico. Para o leitor, essas asseverações podem ter dois resultados: ou ele acompanha facilmente o raciocínio, podendo até mesmo considerá-lo banal ou indigno de nota, ou essa asseveração gera estranhamento, porque não partilha da mesma clareza e da mesma naturalidade do lexicógrafo.

Outro espaço em que o dicionarista modaliza – seja por asseveração, seja por delimitação – é graficamente marcado pelos colchetes, um lugar discursivo em que há tanto informações enciclopédicas quanto adendos sobre questões linguísticas. Interrompida a prosa partida do verbete nesse espaço, entra em cena o ritmo prosaico tradicional, mais livre para modalização, porque despido das restrições formais das perífrases definitórias.

Observando panoramicamente as ocorrências de modalização, com a prevalência da dúvida e do afastamento, não verificamos a consolidação na modalização epistêmica da figura do dicionarista como detentor do saber linguístico e etimológico, que perpetua uma representação de uma “língua (imaginária) homogênea, perfeita, completa, sem falhas” (ORLANDI, 2000, p.102). Pelo contrário, o que vemos é uma língua sombria, repleta de incertezas, e a figura de um dicionarista que, ao modalizar, mais não sabe do que sabe com certeza as questões etimológicas e linguísticas. Isso é fundamental para desmistificar a figura do dicionarista e para estabelecer um novo padrão de língua, de pesquisa e de conhecimento da história linguística, que é muitas vezes fracionado, lacunar e incoerente, com uma etimologia que pode ser *possível*, *provável*, *suposta* e uma associação semântica que *talvez* ou *possivelmente* tenha acontecido da maneira descrita.

É nesse sentido que nos interessa estudar o dicionário, como uma manifestação discursiva do que projetamos sobre ele e daquilo que dele emana e das contradições que podem surgir nas confluências das nossas expectativas e da prática. Por exemplo, classicamente espera-se do dicionarista isenção ideológica total, porque “o dicionário silencia para o fato de que não há palavra, não há sentido sem ideologia” (ORLANDI, 2000, p.101). Nas análises feitas pontualmente, identificamos uma questão ideológica, para nós nítida, que se delineia nas ocorrências de *suposto* e *supostamente*. Nesse subgrupo, as religiões de origem africana e os verbetes de ocultismo são marcados pelo distanciamento, enquanto os de outras religiões não levam essa marca. Para uniformizar essas diferenças, sugerimos a retirada desses adjetivos e advérbios, à maneira do que ocorre com as demais religiões, para consolidar a ideologia neutra que é emblema do dicionário.

Nesse contexto, cabe afirmar que, com relação às modalizações, o que observamos em termos de marca de uma voz preconceituosa ou parcial apresentou-se apenas no caso citado, de *supostamente* e *suposto*. Contudo, a modalização nos mostra a voz de um dicionarista que se posiciona mais do que prevíamos em um dicionário – mesmo que seu posicionamento seja pelo afastamento – para um locutor que se pretende neutro. Talvez seja este o nosso maior ganho ao observar o dicionário discursivamente e entrar em contato com a figura do dicionarista, buscando sua voz e outras vozes que ele aciona ao definir as palavras, porque assim

[...] de um lado, deixamos de reverenciar o dicionário [...] como monumento à língua para vê-lo como instrumento linguístico, produzido na história, em um certo momento; de outro, em nossa perspectiva, ao perder seu caráter monumental para ser objeto tangível de nossa relação com a língua na história, ele se apresenta como vestígio de nossa memória histórico-social. (ORLANDI, 2000, p.98)

Como vimos, nas duas obras, um esforço por não marcar uma ideologia, entendemos que a aura de imparcialidade é algo a ser cultivado e também aceitamos que “como não tem marcas ideológicas, sua ideologia é justamente não se marcar ideologicamente” (ORLANDI, 2000, p.102). Isso significa que o dicionarista, como figura do discurso, e o dicionário, como gênero, ainda se firmam nos pilares da neutralidade para a descrição do mundo e das palavras, o que pode ser mais bem explorado pela avaliação dos exemplos e abonações, o espaço discursivo onde a língua respira mais livre das amarras formais que o gênero impõe. São, por isso, terreno fértil para analisar as ideologias que estão entremeadas no discurso pretensamente não ideológico do dicionarista.

Por fim, é nosso interesse assinalar que não pretendemos desconstruir o dicionário ou a figura do dicionarista, também não pretendemos que nossas indicações promovam uma revolução na forma como se redigem dicionários. Nosso propósito é mais modesto. Quisemos, com esta pesquisa, entender um pouco mais o dicionário para auxiliar na tarefa de “compreender um pouco como a linguagem funciona em nós e como são praticadas as políticas da língua” (ORLANDI, 2000, p.111), ajudar a estabelecer o dicionário como um pilar importante da construção de uma identidade nacional, de uma identidade linguística e de um espaço discursivo onde, pela voz do dicionarista, está cada um de nós.

Sendo assim, nosso trabalho não fecha questões, pelo contrário, abre mais uma porta para ajudar a compreender o dicionário como um fenômeno discursivo importante, que deveria, por isso, ser parte de políticas públicas mais sólidas (além da mera compra de exemplares por meio de editais) de consolidação da língua e de uma ideologia nacional.

## REFERÊNCIAS

\*AMENO<sup>68</sup>, Francisco Luís. *Dicionário exegético que Declara a Genuína e Própria significação dos vocábulos da língua portuguesa, dado a publico por um anonymo*. Lisboa: Ameno, 1781.

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E LINGÜÍSTICA (BRASIL). GRUPO DE TRABALHO. Disponível em: <[www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/inicial.asp](http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/inicial.asp)>.

AULETE<sup>69</sup>, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (parceria com Antônio Maria Pereira). [S.l.]: Livraria Editora, 1881.

AUROUX, Sylvian. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2009.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. (Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso do dicionário. *Alfa*, São Paulo, v.44, p.75-96, 2000. Disponível em : <[seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4200/3796](http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4200/3796)>.

BASILIO, Margarida ; CASTILHO, Ataliba. (Orgs.) *Gramática do português falado . Estudos descritivos*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003. v.IV.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. [Trad. Luiza Hoffnagel]. São Paulo: Cortez, 2005.

BÉJOINT, Henri. *Modern lexicography: an introduction*. Oxford: OUPress, 2000.

BENEDUZI, Renata. Análise das definições em quatro dicionários semasiológicos da língua portuguesa e propostas de emendas. *Ao Pé da Letra*, Recife, 2004, v. 6, n. n.2/2, p. 183-190.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A Ciência da Lexicografia. *Alfa*, São Paulo, 1984, v.28 (supl.), p.1-26.

\_\_\_\_\_. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, 1984. v.28 (supl.). p.27-43.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Lexicologia e Lexicografia*. Alfa, São Paulo, 1984b. v.28 (supl.).

<sup>68</sup> As obras com asterisco antes do nome são as que usam pseudônimos ou não têm a autoria confirmada.

<sup>69</sup> Os dicionários citados no percurso histórico integram as referências, mas apenas Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Dicionário Houaiss da língua portuguesa foram efetivamente consultados para compor o *corpus*. Algumas das indicações bibliográficas dessas obras do percurso histórico foram retiradas do *site* [www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/biblio%20dics%20bras%20lp.htm](http://www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/biblio%20dics%20bras%20lp.htm). Para registro das obras, optamos por usar os nomes dos autores, deixando para usar o nome da obra apenas quando não há autores indicados como coordenadores, organizadores, ainda que sob pseudônimo.



BIDERMAN, Maria Tereza C. O dicionário como norma na contemporaneidade. ENCONTRO DE NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1. Recife, 1998. *Anais...* Recife: [s.n.], 1998<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. (Org.). O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia *Alfa*, São Paulo, 1998b, v.42. Número especial.

\_\_\_\_\_. Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa*, São Paulo, 2000, v.44, p.27-55.

\_\_\_\_\_. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, 2003, v.47, n.1, p.53-69.

\_\_\_\_\_. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o AURÉLIO e o HOUAISS. In: ISQUERDO, A. N; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2004. v. II. p.185-200.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Colégio das Artes, 1712-1713. v.1-4, vol. 5-8, Lisboa, Pascoal da Sylva, 1716-1721, *Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino*, 2 vol., Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1727, Patriarcal Officina da Musica, 1728 (o *Suplemento* inclui um *Vocabulario de Synonimos e Phrases Portuguezas*, vol. 2, 54-424).

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BRAZ, Shirley Lima da Silva. Recepção linguística: o caso dos neologismos lexicais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 8., 2004. *Anais...* [S.l : s.n.], 2004.caderno 13-20. Disponível em: <[www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno\\_13-20.html](http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno_13-20.html)> Acesso em: 31 jul. 2009.

BRITO, Glaucia da Silva ; ROSSI, Albertina.[Resenha de Dictionaries: the art and craft of lexicography]. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, 2003, v. 3, n. 2 (241-255).

CANO, Waldenice Moreira. Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos. In: ENCONTRO DE NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOL, 1., 1998. *Anais...* Recife, [s.n], 1998.

CARMO, Laura do e LIMA; Ivana Stolze (Orgs.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

CARNEIRO, Marísia. Principais correntes da filosofia da linguagem no século XX. In: CARNEIRO, Marísia (Org.). *Pistas e Travessias: base para estudos da linguagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.127-160

CARVALHO, José Mesquita de. *Dicionário Prático da Língua Nacional*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1946.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_; CASTILHO, Célia M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. 4.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.v.II.

CEDIC. Disponível em: <[www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/abertura%20cronologia.htm](http://www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/abertura%20cronologia.htm)> .

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Dicionários Portugueses*. Rio de Janeiro: S.O.M.E.S., 1947.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo Dicionário crítico e etymologico da lingua portuguesa*. Paris: Angelo Francisco Carneiro Junior Tip. de Casimir, 1836.

CORREIA, Margarita. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: JÚNIOR, Manuel Alexandre (Coord.) *Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de estudos Clássicos ; FLUL, 2008, p. 73-85. Disponível em : <[www.iltec.pt/pdf/wpapers /2008-mcorreia-lexicon.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers /2008-mcorreia-lexicon.pdf)>.

\_\_\_\_\_. *Os dicionários portugueses*. Alfragide: Caminho, 2009.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

CUNHA, Lúcia Deborah Araujo de Salles. *O gerúndio como expressão da modalidade em português* . 2004. 113f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DIONISIO, Ângela Paiva. Verbetes: um gênero além do dicionário. Ângela Paiva Dionisio. in \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FARIAS, Virgínia Sita. Whole-sentence definition versus definição pr genus proximum + differentiae specificaе: um contraste entre duas técnicas definitórias.” *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, 2009, v. 17, n. 1, p. 73-100. Disponível em <[relin.letras.ufmg.br/revista/upload/03-Virginia\\_Sita\\_Farias\\_17-1.pdf](http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/03-Virginia_Sita_Farias_17-1.pdf)>. Acesso em: jun. 2011.

FERNANDES Francisco. *Dicionário Brasileiro Contemporâneo Ilustrado*. [Com a colaboração de F. Marques GUIMARÃES]. 2. ed. .5 impr.. São Paulo: Ed. Globo ; Edições Melhoramentos, 1953.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. [coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos]. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. Versão eletrônica.

FERREIRA, Hilma Ribeiro de Mendonça. A polidez linguística nos textos de contratos de planos de saúde: uma estratégia de manipulação do enunciatário. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, 2009, n. 9, ano 8. Disponível em <[www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num9/estudos/palimpsesto9\\_estudos1.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num9/estudos/palimpsesto9_estudos1.pdf)>. Acesso em: abr. 2011.

FIGUEIREDO, António Cândido de. *Nôvo Diccionário da Língua Portuguesa*, 2 vol., Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

FIORIN, José Luiz. Modalização: da língua ao discurso. *Alfa* (São Paulo), 2000, v.44, p.171-192. Disponível em: <[seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4204/3799](http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4204/3799)>.

FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. (Colaboração técnica do Professor J. L. de Campos). Rio de Janeiro: A Noite S.ª Editora, 1939-1944, 5 volumes.

GIL, Isabel Teresa Morais. Reflexões em Torno de “Dicionário” e Léxico(s). *Máthesis* (UCP), Viseu, 2009, n. 18, p. 9-27. Disponível em: <[z3950.crb.pt/Biblioteca/mathesis/Mat18/Mathesis18ind.pdf](http://z3950.crb.pt/Biblioteca/mathesis/Mat18/Mathesis18ind.pdf)>. Acesso em jul. 2011.

HARTMANN, R. K. *Teaching and Researching Lexicography*. Essex: Longman, 2001.

HOUAISS Antônio e VILLAR Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1.ed.. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão eletrônica.

ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado – volume II: níveis de análise linguística*. 4.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDAU, Sidney I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1989.

LIMA, Hildebrando ; BARROSO, Gustavo (Orgs.). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Civilização Brasileira, 1939.

\*LUSITANO, Candido. *Diccionario poetico, para uso os que principião a exercitar-se na poesia portugueza: obra igualmente util ao orador principiante*. 2. ed. correcta Lisboa: Of. Simão Thaddeo Ferreira, 1794.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes : Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000

\_\_\_\_\_; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-31.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008

MARQUES, Maria Aldina. Modalização/modalidade: (in)definições da área. In: MARQUES, Maria Aldina. *et al.* (Orgs.) *Processos discursivos de modalização – Actas do III Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*. Minho: Universidade do Minho, 2006.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

*Meu primeiro dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

*Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MURAKAWA, Clotilde Azevedo. Primeiros dicionários a estabelecerem um padrão linguístico no Brasil. In: ENCONTRO DE NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1. Recife. *Anais ...Recife*: [s.n], 1998.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras – Rio de Janeiro*: Imprensa Nacional, 1967.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP: FAPESP, 1996.v.6. (Desenvolvimentos).

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Guia de Uso do Português*. Confrontando regras e usos. São Paulo: UNESP, 2003.

NUNES, José Horta ; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e constituição do léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas; Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Prefácios de dicionários: as imagens do leitor. Disponível em :<[www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/texto%20jhn%20prefacios%20de%20dics%20as%20imagens%20do%20leitor.htm](http://www.ibilce.unesp.br/~horta/dicionario/texto%20jhn%20prefacios%20de%20dics%20as%20imagens%20do%20leitor.htm)>.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia discursiva. *Alfa*, São Paulo, 2000, v.44, p.97-114. Disponível em :<[seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201/3797](http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201/3797)>.

PEREIRA, Tânia ;GRAY, Adriana. A teoria dos atos de fala da abordagem clássica à abordagem interacionista. In: CARNEIRO, Marísia (Org). *Pistas e Travessias: base para estudos da linguagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.p.161-183.

SEARLE, Jonh R. *Expressão e significado*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (Original publicado em 1979).

SILVA, Adalberto Prado e. *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*. [com a colaboração e assistência de Theodoro Henrique Maurer Jr. E Ary Tupinambá Pereira]. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

\_\_\_\_\_. ; LOURENÇO FILHO, M. B. (Coord.). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 14. ed.. São Paulo: Encyclopaedia Britannica : Companhia Melhoramentos , 1995 .

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa, composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido*. Rio de Janeiro: Entrelivros, 2005.

\_\_\_\_\_. Teoria dos atos de fala. In.: VALENTE, André Crim. (Org.) *Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. p.73-78.

VERDELHO, Telmo ; SILVESTRE, João Paulo (Orgs.). *Dicionarística portuguesa – inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Ed. da Universidade de Aveiro, 2007.

VIEIRA Fr. Domingos. *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874. 5 v.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram, etc..* 2. ed. Lisboa: 1865.

WELKER, Herbert Andréas. *Dicionários: uma Pequena Introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

\_\_\_\_\_. *O uso de dicionários*. Brasília, Thesaurus, 2006.

\_\_\_\_\_. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. Matruga, Rio de Janeiro, 2006b, n. 19, p. 69-84.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina ; HUMBLÉ, Philippe René Marie. *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ANEXO A - Tabelas com os número gerais de ocorrências organizadas por grupos de modalizadores, alfabeticamente.

**GRUPO A – Modalizadores epistêmicos**

**A.1. Modalizadores epistêmicos**

**A.1.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos afirmativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<b>1</b> <i>absolutamente</i>	23	21
<b>2</b> <i>certamente</i>	5	2
<b>3</b> <i>certo</i>	59	71
<b>4</b> <i>claro</i>	47	80
<b>5</b> <i>efetivamente</i>	14	20
<b>6</b> <i>evidente</i>	53	60
<b>7</b> <i>evidentemente</i>	01	0
<b>8</b> <i>exato</i>	78	70
<b>9</b> <i>fatalmente</i>	0	1
<b>10</b> <i>forçosamente</i>	0	6
<b>11</b> <i>incontestável</i>	5	3
<b>12</b> <i>incontestavelmente</i>	0	0
<b>13</b> <i>indiscutível</i>	6	6
<b>14</b> <i>indiscutivelmente</i>	0	0
<b>15</b> <i>indubitável</i>	3	2
<b>16</b> <i>indubitavelmente</i>	0	0
<b>17</b> <i>inegável</i>	2	2
<b>18</b> <i>inegavelmente</i>	0	0
<b>19</b> <i>logicamente</i>	6	17
<b>20</b> <i>lógico</i>	114	128
<b>21</b> <i>mesmo</i>	1987	2756
<b>22</b> <i>na realidade</i>	23	12
<b>23</b> <i>natural</i>	15	19
<b>24</b> <i>naturalmente</i>	30	50
<b>25</b> <i>obviamente</i>	03	0
<b>26</b> <i>óbvio</i>	06	13
<b>27</b> <i>pronto</i>	69	88
<b>28</b> <i>realmente</i>	19	25
<b>29</b> <i>reconhecidamente</i>	07	01
<b>30</b> <i>seguramente</i>	01	03
<b>31</b> <i>sem dúvida</i>	02	01
<b>32</b> <i>verdadeiramente</i>	02	04

**A.1.2 Modalizadores epistêmicos asseverativos negativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<b>33</b> <i>de jeito nenhum</i>	1	4
<b>34</b> <i>de forma alguma</i>	0	0

### A.2 Modalizadores epistêmicos quase-asseverativos

Modalizador	DALP	DHLP
<b>35</b> <i>assim</i>	363	342
<b>36</b> <i>eventualmente</i>	70	80
<b>37</b> <i>hipoteticamente</i>	2	7
<b>38</b> <i>possível</i>	179	224
<b>39</b> <i>possivelmente</i>	15	11
<b>40</b> <i>pretensamente</i>	2	13
<b>41</b> <i>provável</i>	46	56
<b>42</b> <i>provavelmente</i>	37	85
<b>43</b> <i>supostamente</i>	39	72
<b>44</b> <i>suposto</i>	59	93
<b>45</b> <i>talvez</i>	56	15

### A.3 Modalizadores epistêmicos delimitadores

Modalizador	DALP	DHLP
<b>46</b> <i>basicamente</i>	41	70
<b>47</b> <i>do ponto de vista de</i>	35	57
<b>48</b> <i>em geral</i>	1093	355
<b>49</b> <i>em princípio</i>	11	9
<b>50</b> <i>fundamentalmente</i>	15	6
<b>51</b> <i>geralmente</i>	2073	4244
<b>52</b> <i>praticamente</i>	34	21
<b>53</b> <i>quase</i>	595	503
<b>54</b> <i>um tipo de</i>	31	36
<b>55</b> <i>uma espécie de</i>	101	114

### Grupo B – Modalizadores deônticos

Modalizador	DALP	DHLP
<b>56</b> <i>necessariamente</i>	20	42
<b>57</b> <i>necessário</i>	320	396
<b>58</b> <i>obrigatoriamente</i>	21	10
<b>59</b> <i>obrigatório</i>	33	31

### Grupo C – Modalizadores afetivos

#### C.1 Modalizadores afetivos subjetivos

Modalizador	DALP	DHLP
<b>60</b> <i>curiosamente</i>	2	0
<b>61</b> <i>espantosamente</i>	0	0
<b>62</b> <i>espantoso</i>	0	0
<b>63</b> <i>felizmente</i>	0	0
<b>64</b> <i>infelizmente</i>	0	0
<b>65</b> <i>surpreendentemente</i>	0	0

#### C.2 Modalizadores afetivos intersubjetivos

Modalizador	DALP	DHLP
<b>66</b> <i>estranhamente</i>	1	0
<b>67</b> <i>francamente</i>	4	5

<b>68</b> <i>lamentavelmente</i>	0	0
<b>69</b> <i>sinceramente</i>	0	0



## ANEXO B - Tabela com o número geral de ocorrências organizadas alfabeticamente

<b>MODALIZADOR</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>absolutamente</i>	23	21	44
<i>assim</i>	363	342	705
<i>basicamente</i>	41	70	111
<i>certamente</i>	5	2	7
<i>certo</i>	59	71	130
<i>claro</i>	47	80	127
<i>curiosamente</i>	2	0	2
<i>de forma alguma</i>	0	0	0
<i>de jeito nenhum</i>	1	4	5
<i>do ponto de vista de</i>	35	57	92
<i>efetivamente</i>	14	20	34
<i>em geral</i>	1093	355	1448
<i>em princípio</i>	11	9	20
<i>espantosamente</i>	0	0	0
<i>espantoso</i>	0	0	0
<i>estranhamente</i>	1	0	1
<i>eventualmente</i>	70	80	150
<i>evidente</i>	53	60	113
<i>evidentemente</i>	1	0	1
<i>exato</i>	78	70	148
<i>fatalmente</i>	0	1	1
<i>felizmente</i>	0	0	0
<i>forçosamente</i>	0	6	6
<i>francamente</i>	4	5	9
<i>fundamentalmente</i>	16	10	26
<i>geralmente</i>	2073	4244	6317
<i>hipoteticamente</i>	2	7	9
<i>incontestável</i>	5	3	8
<i>incontestavelmente</i>	0	0	0
<i>indiscutível</i>	6	6	12
<i>indiscutivelmente</i>	0	0	0
<i>indubitável</i>	3	2	5
<i>indubitavelmente</i>	0	0	0
<i>inegável</i>	2	2	4
<i>inegavelmente</i>	0	0	0
<i>infelizmente</i>	0	0	0

<i>lamentavelmente</i>	0	0	0
<i>logicamente</i>	6	17	23
<i>lógico</i>	114	128	242
<i>mesmo</i>	1987	2756	4746
<i>na realidade</i>	23	12	35
<i>natural</i>	15	19	34
<i>naturalmente</i>	30	50	80
<i>necessariamente</i>	20	42	62
<i>necessário</i>	320	396	716
<i>obrigatoriamente</i>	21	10	31
<i>obrigatório</i>	33	31	64
<i>obviamente</i>	3	0	3
<i>óbvio</i>	6	13	19
<i>possível</i>	179	224	403
<i>possivelmente</i>	15	11	26
<i>praticamente</i>	33	21	54
<i>pretensamente</i>	2	13	15
<i>pronto</i>	69	88	157
<i>provável</i>	46	56	102
<i>provavelmente</i>	37	85	122
<i>quase</i>	595	502	1097
<i>realmente</i>	19	25	44
<i>reconhecidamente</i>	7	1	8
<i>seguramente</i>	1	3	4
<i>sem dúvida</i>	2	1	3
<i>sinceramente</i>	0	0	0
<i>supostamente</i>	39	72	111
<i>suposto</i>	59	96	155
<i>surpreendentemente</i>	0	0	0
<i>talvez</i>	56	15	71
<i>um tipo de</i>	31	36	67
<i>uma espécie de</i>	101	114	215
<i>verdadeiramente</i>	2	4	6
<b>TOTAL</b>	<b>7.879</b>	<b>10.364</b>	<b>18.243</b>

**ANEXO C** - Tabela geral com o número de ocorrências organizadas pelo número de ocorrências em ordem total decrescente

<b>MODALIZADOR</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>geralmente</i>	2073	4244	6317
<i>mesmo</i>	1987	2756	4743
<i>em geral</i>	1093	355	1448
<i>quase</i>	595	502	1097
<i>necessário</i>	320	396	716
<i>assim</i>	363	342	705
<i>possível</i>	179	224	403
<i>lógico</i>	114	128	242
<i>uma espécie de</i>	101	114	215
<i>pronto</i>	69	88	157
<i>suposto</i>	59	96	155
<i>eventualmente</i>	70	80	150
<i>exato</i>	78	70	148
<i>certo</i>	59	71	130
<i>claro</i>	47	80	127
<i>provavelmente</i>	37	85	122
<i>evidente</i>	53	60	113
<i>basicamente</i>	41	70	111
<i>supostamente</i>	39	72	111
<i>provável</i>	46	56	102
<i>do ponto de vista de</i>	35	57	92
<i>naturalmente</i>	30	50	80
<i>talvez</i>	56	15	71
<i>um tipo de</i>	31	36	67
<i>obrigatório</i>	33	31	64
<i>necessariamente</i>	20	42	62
<i>praticamente</i>	33	21	54
<i>absolutamente</i>	23	21	44
<i>realmente</i>	19	25	44
<i>na realidade</i>	23	12	35
<i>efetivamente</i>	14	20	34
<i>natural</i>	15	19	34
<i>obrigatoriamente</i>	21	10	31
<i>possivelmente</i>	15	11	26
<i>logicamente</i>	6	17	23
<i>fundamentalmente</i>	15	6	21

<i>em princípio</i>	11	9	20
<i>óbvio</i>	6	13	19
<i>pretensamente</i>	2	13	15
<i>indiscutível</i>	6	6	12
<i>francamente</i>	4	5	9
<i>hipoteticamente</i>	2	7	9
<i>incontestável</i>	5	3	8
<i>reconhecidamente</i>	7	1	8
<i>certamente</i>	5	2	7
<i>forçosamente</i>	0	6	6
<i>verdadeiramente</i>	2	4	6
<i>de jeito nenhum</i>	1	4	5
<i>indubitável</i>	3	2	5
<i>inegável</i>	2	2	4
<i>seguramente</i>	1	3	4
<i>obviamente</i>	3	0	3
<i>sem dúvida</i>	2	1	3
<i>curiosamente</i>	2	0	2
<i>estranhamente</i>	1	0	1
<i>evidentemente</i>	1	0	1
<i>fatalmente</i>	0	1	1
<i>de forma alguma</i>	0	0	0
<i>espantosamente</i>	0	0	0
<i>espantoso</i>	0	0	0
<i>felizmente</i>	0	0	0
<i>incontestavelmente</i>	0	0	0
<i>indiscutivelmente</i>	0	0	0
<i>indubitavelmente</i>	0	0	0
<i>inegavelmente</i>	0	0	0
<i>infelizmente</i>	0	0	0
<i>lamentavelmente</i>	0	0	0
<i>sinceramente</i>	0	0	0
<i>surpreendentemente</i>	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>7.879</b>	<b>10.364</b>	<b>18.243</b>

**ANEXO D** - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas por grupo, alfabeticamente

**GRUPO A – Modalizadores epistêmicos**

**A.1. Modalizadores epistêmicos**

**A.1.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos afirmativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>absolutamente</i>	0	0
<i>certamente</i>	5	2
<i>certo</i>	0	0
<i>claro</i>	2	0
<i>efetivamente</i>	14	20
<i>evidente</i>	0	0
<i>evidentemente</i>	1	0
<i>exato</i>	0	0
<i>fatalmente</i>	0	0
<i>forçosamente</i>	0	3
<i>incontestável</i>	0	0
<i>incontestavelmente</i>	0	0
<i>indiscutível</i>	0	0
<i>indiscutivelmente</i>	0	0
<i>indubitável</i>	0	0
<i>indubitavelmente</i>	0	0
<i>inegável</i>	1	0
<i>inegavelmente</i>	0	0
<i>logicamente</i>	1	0
<i>lógico</i>	0	0
<i>mesmo</i>	0	0
<i>na realidade</i>	23	12
<i>natural</i>	2	0
<i>naturalmente</i>	8	0
<i>obviamente</i>	2	0
<i>óbvio</i>	3	1
<i>pronto</i>	0	0
<i>realmente</i>	17	16
<i>reconhecidamente</i>	4	1
<i>seguramente</i>	1	2
<i>sem dúvida</i>	2	0
<i>verdadeiramente</i>	2	4

**A.1.2 Modalizadores epistêmicos asseverativos negativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>de jeito nenhum</i>	0	0
<i>de forma alguma</i>	0	0

**A.2 Modalizadores epistêmicos quase-asseverativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>assim</i>	0	0
<i>eventualmente</i>	70	80

<i>hipoteticamente</i>	1	0
<i>possível</i>	6	2
<i>possivelmente</i>	18	9
<i>pretensamente</i>	1	12
<i>provável</i>	17	7
<i>provavelmente</i>	37	84
<i>supostamente</i>	40	72
<i>suposto</i>	58	93
<i>talvez</i>	56	15

### A.3 Modalizadores epistêmicos delimitadores

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>basicamente</i>	41	70
<i>do ponto de vista de</i>	35	57
<i>em geral</i>	1093	355
<i>em princípio</i>	11	9
<i>fundamentalmente</i>	15	6
<i>geralmente</i>	2073	4244
<i>praticamente</i>	33	21
<i>quase</i>	453	407
<i>um tipo de</i>	2	4
<i>uma espécie de</i>	60	96

### Grupo B – Modalizadores deônticos

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>necessariamente</i>	20	40
<i>necessário</i>	0	0
<i>obrigatoriamente</i>	20	7
<i>obrigatório</i>	8	2

### Grupo C – Modalizadores afetivos

#### C.1 Modalizadores afetivos subjetivos

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>curiosamente</i>	2	0
<i>espantosamente</i>	0	0
<i>espantoso</i>	0	0
<i>felizmente</i>	0	0
<i>infelizmente</i>	0	0
<i>surpreendentemente</i>	0	0

#### C.2 Modalizadores afetivos intersubjetivos

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>
<i>estranhamente</i>	0	0
<i>francamente</i>	0	0
<i>lamentavelmente</i>	0	0
<i>sinceramente</i>	0	0

ANEXO E - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas por grupo, por número de ocorrências

**GRUPO A – Modalizadores epistêmicos**

**A.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos**

**A.1.1 Modalizadores epistêmicos asseverativos afirmativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>na realidade</i>	23	12	35
<i>efetivamente</i>	14	20	34
<i>realmente</i>	17	16	33
<i>naturalmente</i>	8	0	8
<i>certamente</i>	5	2	7
<i>verdadeiramente</i>	2	4	6
<i>reconhecidamente</i>	4	1	5
<i>óbvio</i>	3	1	4
<i>forçosamente</i>	0	3	3
<i>seguramente</i>	1	2	3
<i>claro</i>	2	0	2
<i>natural</i>	2	0	2
<i>obviamente</i>	2	0	2
<i>sem dúvida</i>	2	0	2
<i>evidentemente</i>	1	0	1
<i>inegável</i>	1	0	1
<i>logicamente</i>	1	0	1
<i>absolutamente</i>	0	0	0
<i>certo</i>	0	0	0
<i>evidente</i>	0	0	0
<i>exato</i>	0	0	0
<i>fatalmente</i>	0	0	0
<i>incontestável</i>	0	0	0
<i>incontestavelmente</i>	0	0	0
<i>indiscutível</i>	0	0	0
<i>indiscutivelmente</i>	0	0	0
<i>indubitável</i>	0	0	0
<i>indubitavelmente</i>	0	0	0
<i>inegavelmente</i>	0	0	0
<i>lógico</i>	0	0	0
<i>mesmo</i>	0	0	0
<i>pronto</i>	0	0	0

**A.1.2 Modalizadores epistêmicos asseverativos negativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>de jeito nenhum</i>	0	0	0
<i>de forma alguma</i>	0	0	0

**A.2 Modalizadores epistêmicos quase-asseverativos**

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>suposto</i>	58	93	151
<i>eventualmente</i>	70	80	150
<i>provavelmente</i>	37	84	121
<i>supostamente</i>	40	72	112
<i>talvez</i>	56	15	71

<i>possivelmente</i>	15	9	24
<i>provável</i>	17	7	24
<i>pretensamente</i>	1	12	13
<i>possível</i>	6	2	8
<i>hipoteticamente</i>	1	0	1
<i>assim</i>	0	0	0

### A.3 Modalizadores epistêmicos delimitadores

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>geralmente</i>	2073	4244	6317
<i>em geral</i>	1093	355	1448
<i>quase</i>	453	407	860
<i>uma espécie de</i>	60	96	156
<i>basicamente</i>	41	70	111
<i>do ponto de vista de</i>	35	57	92
<i>praticamente</i>	33	21	54
<i>fundamentalmente</i>	15	6	21
<i>em princípio</i>	11	9	20
<i>um tipo de</i>	2	4	6

### Grupo B – Modalizadores deônticos

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>necessariamente</i>	20	40	60
<i>obrigatoriamente</i>	20	7	27
<i>obrigatório</i>	8	2	10
<i>necessário</i>	0	0	0

### Grupo C – Modalizadores afetivos

#### C.1 Modalizadores afetivos subjetivos

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>curiosamente</i>	2	0	2
<i>espantosamente</i>	0	0	0
<i>espantoso</i>	0	0	0
<i>felizmente</i>	0	0	0
<i>infelizmente</i>	0	0	0
<i>surpreendentemente</i>	0	0	0

#### C.2 Modalizadores afetivos intersubjetivos

<b>Modalizador</b>	<b>DALP</b>	<b>DHLP</b>	<b>TOTAL</b>
<i>estranhamente</i>	0	0	0
<i>francamente</i>	0	0	0
<i>lamentavelmente</i>	0	0	0
<i>sinceramente</i>	0	0	0



**ANEXO F** - Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas em ordem alfabética

<b>Modalizador</b>	<b>Aurélio</b>	<b>Houaiss</b>	<b>Total</b>
<i>absolutamente</i>	0	0	0
<i>assim</i>	0	0	0
<i>basicamente</i>	41	70	111
<i>certamente</i>	5	2	7
<i>certo</i>	0	0	0
<i>claro</i>	2	0	2
<i>curiosamente</i>	2	0	2
<i>de forma alguma</i>	0	0	0
<i>de jeito nenhum</i>	0	0	0
<i>do ponto de vista de</i>	35	57	92
<i>efetivamente</i>	14	20	34
<i>em geral</i>	1093	355	1448
<i>em princípio</i>	11	9	20
<i>espantosamente</i>	0	0	0
<i>espantoso</i>	0	0	0
<i>estranhamente</i>	0	0	0
<i>eventualmente</i>	70	80	150
<i>evidente</i>	0	0	0
<i>evidentemente</i>	1	0	1
<i>exato</i>	0	0	0
<i>fatalmente</i>	0	0	0
<i>felizmente</i>	0	0	0
<i>forçosamente</i>	0	3	3
<i>francamente</i>	0	0	0
<i>fundamentalmente</i>	15	6	21
<i>geralmente</i>	2073	4244	6317
<i>hipoteticamente</i>	1	0	1
<i>incontestável</i>	0	0	0
<i>incontestavelmente</i>	0	0	0
<i>indiscutível</i>	0	0	0
<i>indiscutivelmente</i>	0	0	0
<i>indubitável</i>	0	0	0
<i>indubitavelmente</i>	0	0	0
<i>inegável</i>	1	0	1
<i>inegavelmente</i>	0	0	0
<i>infelizmente</i>	0	0	0

<i>lamentavelmente</i>	0	0	0
<i>logicamente</i>	1	0	1
<i>lógico</i>	0	0	0
<i>mesmo</i>	0	0	0
<i>na realidade</i>	23	12	35
<i>natural</i>	2	0	2
<i>naturalmente</i>	8	0	8
<i>necessariamente</i>	20	40	60
<i>necessário</i>	0	0	0
<i>obrigatoriamente</i>	20	7	27
<i>obrigatório</i>	8	2	10
<i>obviamente</i>	2	0	2
<i>óbvio</i>	3	1	4
<i>possível</i>	6	2	8
<i>possivelmente</i>	15	9	24
<i>praticamente</i>	33	21	54
<i>pretensamente</i>	1	12	13
<i>pronto</i>	0	0	0
<i>provável</i>	17	7	24
<i>provavelmente</i>	37	84	121
<i>quase</i>	453	407	860
<i>realmente</i>	17	16	33
<i>reconhecidamente</i>	4	1	5
<i>seguramente</i>	1	2	3
<i>sem dúvida</i>	2	0	2
<i>sinceramente</i>	0	0	0
<i>supostamente</i>	40	72	112
<i>suposto</i>	58	93	151
<i>surpreendentemente</i>	0	0	0
<i>talvez</i>	56	15	71
<i>um tipo de</i>	2	4	6
<i>uma espécie de</i>	60	96	156
<i>verdadeiramente</i>	2	4	6
	<b>4.258</b>	<b>5.753</b>	<b>10.011</b>

**ANEXO G** -Tabela geral com o número de ocorrências modalizadoras, organizadas pelo número de ocorrências, em ordem decrescente

<b>Modalizador</b>	<b>Aurélio</b>	<b>Houaiss</b>	<b>Total</b>
<i>geralmente</i>	2073	4244	6317
<i>em geral</i>	1093	355	1448
<i>quase</i>	453	407	860
<i>uma espécie de</i>	60	96	156
<i>suposto</i>	58	93	151
<i>eventualmente</i>	70	80	150
<i>provavelmente</i>	37	84	121
<i>supostamente</i>	40	72	112
<i>basicamente</i>	41	70	111
<i>do ponto de vista de</i>	35	57	92
<i>talvez</i>	56	15	71
<i>necessariamente</i>	20	40	60
<i>praticamente</i>	33	21	54
<i>na realidade</i>	23	12	35
<i>efetivamente</i>	14	20	34
<i>realmente</i>	17	16	33
<i>obrigatoriamente</i>	21	7	27
<i>possivelmente</i>	15	9	24
<i>provável</i>	17	7	24
<i>fundamentalmente</i>	15	6	21
<i>em princípio</i>	11	9	20
<i>pretensamente</i>	1	12	13
<i>obrigatório</i>	8	2	10
<i>naturalmente</i>	8	0	8
<i>possível</i>	6	2	8
<i>certamente</i>	5	2	7
<i>um tipo de</i>	2	4	6
<i>verdadeiramente</i>	2	3	6
<i>reconhecidamente</i>	4	1	5
<i>óbvio</i>	3	1	4
<i>forçosamente</i>	0	3	3
<i>seguramente</i>	1	2	3
<i>claro</i>	2	0	2
<i>curiosamente</i>	2	0	2
<i>natural</i>	2	0	2
<i>obviamente</i>	2	0	2

<i>sem dúvida</i>	2	0	2
<i>evidentemente</i>	1	0	1
<i>hipoteticamente</i>	1	0	1
<i>inegável</i>	1	0	1
<i>logicamente</i>	1	0	1
<i>absolutamente</i>	0	0	0
<i>assim</i>	0	0	0
<i>certo</i>	0	0	0
<i>de forma alguma</i>	0	0	0
<i>de jeito nenhum</i>	0	0	0
<i>espantosamente</i>	0	0	0
<i>espantoso</i>	0	0	0
<i>estranhamente</i>	0	0	0
<i>evidente</i>	0	0	0
<i>exato</i>	0	0	0
<i>fatalmente</i>	0	0	0
<i>felizmente</i>	0	0	0
<i>francamente</i>	0	0	0
<i>incontestável</i>	0	0	0
<i>incontestavelmente</i>	0	0	0
<i>indiscutível</i>	0	0	0
<i>indiscutivelmente</i>	0	0	0
<i>indubitável</i>	0	0	0
<i>indubitavelmente</i>	0	0	0
<i>inegavelmente</i>	0	0	0
<i>infelizmente</i>	0	0	0
<i>lamentavelmente</i>	0	0	0
<i>lógico</i>	0	0	0
<i>mesmo</i>	0	0	0
<i>necessário</i>	0	0	0
<i>pronto</i>	0	0	0
<i>sinceramente</i>	0	0	0
<i>surpreendentemente</i>	0	0	0
	<b>4.258</b>	<b>5.753</b>	<b>10.011</b>